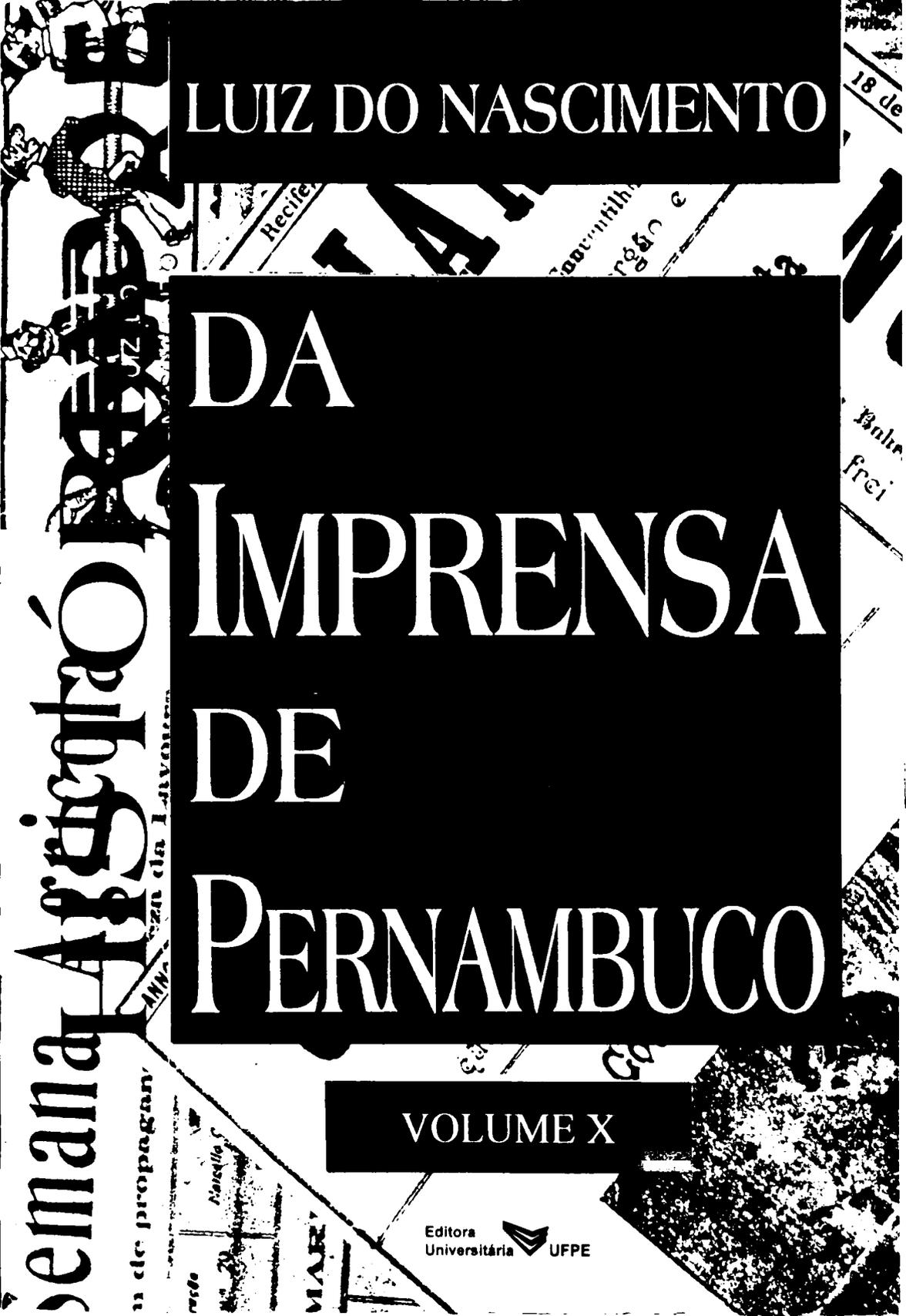


LUIZ DO NASCIMENTO

DA
IMPREENSA
DE
PERNAMBUCO

VOLUME X

Editora
Universitária UFPE



Já se disse, sabiamente, que cultura é tudo aquilo que o homem acrescenta à natureza. Segundo esse conceito, toda e qualquer atividade ou criação humanas, no campo da economia, da política, da arte, da religião, da ciência ou de qualquer outro, estão compreendidas no patrimônio cultural de um povo.

Nesse universo, o significado da imprensa assume proporções muito relevantes, seja porque representa, por si mesma, uma criativa forma de comunicação social, seja porque registra os fatos do cotidiano (que constituem a matéria prima da Sociologia) e os fatos singulares (que são o objeto da História), seja, ainda, porque reflete uma forma de expressão lingüística que interessa aos estudos literários, e seja, finalmente, porque é instrumento político de desenvolvimento da cidadania.

Em virtude disso, ao promover a conclusão da publicação da "História da Imprensa de Pernambuco", a FIAM presta um grande serviço à cultura pernambucana, por trazer a lume o que é, ao mesmo tempo, uma obra literária e um documento indispensável à compreensão do nosso Estado (e evidentemente soa municípios que o integram) sob os ângulos político, histórico, sociológico e literário.

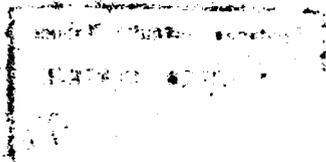
15, 00

LUIZ DO NASCIMENTO

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO
(1821/1924)
Vol. X

PERIÓDICOS DO RECIFE - 1941/1954

1997





UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Reitor: Prof. Mozart Neves Ramos

Vice-Reitor: Prof. Geraldo José Marques Pereira

Diretora da Editora: Prof. Ana Maria de França Bezerra

COMISSÃO EDITORIAL

Presidente: Prof. Celia Maria Medicis Maranhão

Titulares: Ana Maria de França Bezerra, Carlos Teixeira Brandt, Dilosa Carvalho de A. Barbosa, Flávio Henrique A. Brayner, Marcelo de A. Figueira Gomes, Nelly Medeiros de Carvalho, Roberto Gomes Ferreira, Roberto Mauro Cortez Motta, Sylvio Loreto, Valderes Pinto Ferreira.

Suplentes: Angela Maria Barbosa Neves, Benício de Barros Neto, Célia Maria da Silva Salsa, Gilda Maria Lins de Araújo, José Thadeu Pinheiro, Josélia Pacheco de Santana, Maud Fragoso Perruci, Nadja Maria Lins da Silva, Pedro Lincoln C. L. de Matos.

Capa: Sérgio Siqueira
Supervisão Geral: Manoel Cunha
Impressão: Editora Universitária

Nascimento, Luiz do

História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)

/ Luiz do Nascimento; coordenação dessa edição por

Eleny Pinto da Silveira; reconstituição dos originais por Geraldo Cavalcanti.
- Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1997.

562 p.

Co-edição do Centro de Estudos de História Municipal da FIAM, UFPE e Academia Pernambucana de Letras, a partir do volume 9.

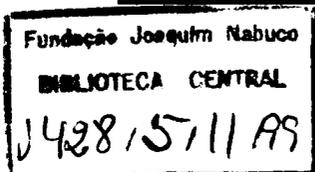
Conteúdo: V.1 Diário de Pernambuco - v.2 Diário do Recife, 1829/1900 - v.3 Diários do Recife, 1901/1954 - v.4 Periódicos do Recife, 1821/1850 - v.5 Periódicos do Recife, 1851/1875 - v.6 Periódicos do Recife, 1876/1900 - v.7 Periódicos do Recife, 1901/1915 - v.8 Periódicos do Recife, 1916/1930 - v.9 Periódicos do Recife, 1931/1940 - v.10 Periódicos do Recife, 1941/1954 - v.11 Municípios das letras A/D - v.12 Municípios das letras E/J - v.13 Municípios das letras L/P - v.14 Municípios das letras Q/V.

1. Imprensa - Pernambuco - História I. Título.

655.11(813.4)
686.20908134

CDU (2.ed.)
CDD (19.ed)

UFPE
BC-94-65



HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO - Vol. X

Luiz do Nascimento

O índice alfabético registra os seguintes títulos, não encontrados, todavia, no corpo da obra; ARTES E LETRAS, A ESCOLA - 1931, O NATURALISTA, NORTE ILUSTRADO, A PALAVRA, REVISTA UNIVERSITÁRIA, O SABER, O SEMEADOR, O VIGOROSO, VOZ DOS VETERANOS.

Quanto ao A ESCOLA, desde que ao seu lado foi colocada a data 1931, trata-se evidentemente de periódico analisado no volume anterior (IX). Também no Vol. IX são encontrados três periódicos com as denominações A PALAVRA, O SABER, O SEMEADOR. Teria havido engano do autor?

No que se diz respeito ao O VIGOROSO existem dois registros com o mesmo nome, sendo que ao lado de um deles a data 1950. O outro, que foi o não encontrado, não registra data. Ora, sabendo-se que o autor coloca a data do ano ao lado do nome do periódico, sempre que existem mais de um com o mesmo nome, é lícito supor-se, possivelmente, um lapso.

Acerca da revista ARTES E LETRAS, constata-se no texto do volume, a existência de uma outra intitulada LETRAS E ARTES, Seria a mesma? E sobre a VOZ DOS VETERANOS, registra o volume a existência de VOZ DOS VETERANOS DE GUERRA. Seria também a mesma, ou não?

Na hipótese de que tenha havido lapso, nos casos acima descritos, restariam apenas três periódicos, de fato extraviados:

O NATURALISTA, NORTE ILUSTRADO, e REVISTA
UNIVERSITÁRIA.

No índice agora organizado foram omitidos os nomes de todos os dez periódicos não encontrados no texto do volume X.

Falta organizar o índice onomástico e efetuar o trabalho de conferência com os originais.

O trabalho gráfico deverá orientar-se pelo último volume publicado (VIII) e, por uma questão de uniformização, ser editado pela Imprensa Universitária.

01/02/1986

HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO (1821/1954)

Publicados:

- Vol. I - Diário de Pernambuco
- “ II - Diários do Recife, 1829/1900
- “ III - Diários do Recife, 1901/1954
- “ IV - Periódicos do Recife, 1821/1850
- “ V - Periódicos do Recife, 1851/1875
- “ VI - Periódicos do Recife, 1876/1900
- “ VII - Periódico do Recife, 1901/1915
- “ VIII - Periódicos do Recife, 1916/1930
- “ IX - Periódicos do Recife, 1931/1940
- “ X - Periódicos do Recife, 1941/1954
- “ XI - Municípios de Letras A/D
- “ XII - Municípios de Letras E/J
- “ XIII - Municípios de Letras L/P
- “ XIV - Municípios de Letras Q/V

PREFÁCIO

Conheci Luiz do Nascimento no início da década de 50 quando passei a freqüentar a Biblioteca Pública do Estado, então na rua do Imperador. Naquele tempo funcionava ela até às 9 horas da noite, e sempre ali o via debruçado sobre volumes encadernados de jornais, de régua e lápis à mão, fazendo suas anotações. Depois comecei a vê-lo com mais freqüência nos lançamentos de livros editados pelo Arquivo Público, instalado naquela época no andar térreo do Palácio do Governo. Foi ali que ocorreu o lançamento do 1º volume da sua monumental HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO - edição do próprio arquivo - em 07 de novembro de 1962. Esse volume seria reeditado pela imprensa Universitária em 1968, após a publicação em 1966 e 1967 do 2º e 3º volumes, seguindo-se em 1969 o 4º, em 1970 o 5º, em 1972 o 6º, em 1975 o 7º e em 1982 o 8º, sendo os dois últimos publicações póstumas.

Até então, limitava-me a olhá-lo à distância, impedindo-me a timidez uma aproximação que, se tivesse acontecido, ter-me-ia sido útil tal a soma de conhecimentos que teria transmitido ao anônimo admirador com a sua experiência de pesquisador incansável em arquivos públicos e particulares por esse Brasil afora.

A única vez que com ele falei foi numa solenidade na Academia Pernambucana de Letras quando procurei informações adicionais sobre a sua HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, tendo sido então bastante atencioso e agradecendo-me o interesse demonstrado pelo seu trabalho. Depois disso nunca mais o vi até que a indesejada das gentes

veio buscá-lo, deixando como sempre acontece nessas ocasiões, aquele vazio que por muito tempo permanece sem ser preenchido.

Continuava o tempo a correr, tragando sucessivamente os anos na sua voracidade e nem mais uma notícia sobre a obra monumental do autor, até que certa ocasião em conversa com o então presidente da APL, Dr. Waldemir Miranda, soube que a Imprensa Universitária havia devolvido os originais do 9º volume por ser impossível a execução do trabalho gráfico ante o estado em que eles se encontravam. Indaguei da possibilidade de examiná-los, o que me foi permitido. E a surpresa foi total ao abrir o pacote. O que havia era um amontoado de papéis de todos os tipos e tamanhos, datilografados, rascunhados e emendados e que a cheia do Capibaribe em 1975 havia atingido. Propus-me então a um trabalho que resultou na armação de um imenso quebra-cabeças, juntando peça por peça, colando-as, decifrando-as muitas vezes com o auxílio de uma lupa e por fim tudo datilografando em duas vias. Ao todo foram seis volumes: dois da imprensa do Recife e quatro da imprensa do interior do Estado, além de um volume sobre jornalistas pernambucanos no qual são estudadas 21 figuras.

No exame meticuloso desses originais constatei que o autor deixara junto a cada volume o respectivo índice. E foi a partir da conferência deste índice com o seu conteúdo que pude detectar a existência de algumas falhas, perdoáveis em trabalho de tal magnitude. Ei-las:

O índice do volume IX, referente ao período 1931-1940, registra três títulos não historiados: ARÍETE, ATLÂNTIDA e O CONTA-PROSAS. Quanto ao ATLÂNTIDA o volume X

referente ao período 1941-1945 registra com esse nome um aparecido em 1941. Teria havido engano no índice do volume IX ou realmente existiu um periódico com esse título no período estudado?

No que diz respeito ao CONTA-PROSAS, existe no levantamento do ano de 1937, em nota de pé de página sobre O BAMBA DE SÃO JOÃO, uma relação das revistas de sortes editadas por Fortunato Sapeca a partir de 1930, onde se encontra o nome de O CONTA-PROSAS, correspondente ao ano de 1935. Seria válido este registro para relacionamento no índice a exemplo do que ocorrera com o intitulado AI QUE ELE É DO MATO!, anotado no rodapé como nota ao SORTES DO NORTE (1932)?

O índice também registra O GINÁSIO (1932) não constante do volume. Lá se encontra O GINASIAL (1932). Possível engano do autor. Também se registra JORNAL DA INDÚSTRIA (1940), quando o analisado foi o JORNAL DA INDÚSTRIA E DA AGRICULTURA (1940).

Por outro lado o índice original omitiu o nome dos seguintes periódicos: O CHICOTE, MEIA-NOITE, A RETRUSE e REVISTA POLICIAL, os quais foram incluídos no índice definitivo e desse sendo excluídos ARÍETE e ATLÂNTIDA.

O índice do volume X, referente ao período 1941-1954, registra os seguintes títulos não historiados: ARTES E LETRAS, A ESCOLA (1931), O NATURALISTA, NORTE ILUSTRADO, A PALAVRA, REVISTA UNIVERSITÁRIA, O

SABER, O SEMEADOR, O VIGOROSO e VOZ DOS VETERANOS.

Quanto ao A ESCOLA, desde que ao seu lado foi colocada a data 1931, trata-se evidentemente de periódico analisado no volume anterior (IX). Também no volume IX são encontrados três periódicos com as denominações A PALAVRA, O SABER e O SEMEADOR. Teria havido engano do autor ao registrá-los novamente no volume X?

Sobre O VIGOROSO existem dois registros com o mesmo nome, sendo que ao lado de um deles a data 1950. O outro, que foi o não encontrado, não registra data. Ora, sabendo-se que o autor coloca a data do ano ao lado do nome do periódico, sempre que existe mais de um com o mesmo nome, é lícito supor, possivelmente, um lapso.

Acerca da revista ARTES E LETRAS, constata-se no texto do volume a existência de uma outra intitulada LETRAS E ARTES. Seria a mesma? E sobre a VOZ DOS VETERANOS, registra o volume a existência de VOZ DOS VETERANOS DE GUERRA. Seria também a mesma, ou não? Na hipótese de que tenha havido lapso, nos casos acima descritos, restariam apenas três periódicos cujas anotações se extraviaram: O NATURALISTA, NORTE ILUSTRADO e REVISTA UNIVERSITÁRIA. No índice revisado foram omitidos os nomes dos dez periódicos não encontrados no texto do volume X.

O volume IX, o primeiro da imprensa do interior do Estado, abrange os municípios das letras A/C, totalizando 395 periódicos, sendo que o índice original indica 396 títulos, não

tendo sido encontrado O PERIQUITO, da cidade do Cabo. O novo índice organizado omitiu esse nome.

O volume XII, correspondente aos municípios das letras E/J e compreendendo 257 periódicos, não apresentou discrepância com o índice original.

O volume XIII abrange os municípios das letras L/P, totalizando 402 periódicos, sendo que o índice original consigna 410, não tendo sido encontrados: de Olinda: O BALNEÁRIO (1942), O BATUTA (1933), O FANFARRÃO (1942), MAJESTOSA (s/d), OLINDA-JORNAL (1942), O PRAIEIRO (s/d) e O TAROL (1942). De Petrolina: O MUNICÍPIO (s/d). No novo índice esses nomes foram omitidos.

O volume XIV inclui os municípios das letras Q/V, totalizando 370 periódicos, sendo que o índice original consigna 371, não tendo sido encontrado A ABELHA, de Quipapá, razão porque seu nome não figura no índice novo.

Com a finalidade de facilitar a procura dos jornais por município tornou-se necessário colocar no cimo de cada página o nome da localidade.

Ao iniciar o trabalho decidi fazê-lo em duas vias: a primeira para a APL, ficando a segunda em meu poder como garantia no caso de desaparecimento da primeira ou dos originais. quando a FIAM manifestou interesse em editar o restante da obra e procurou a APL, a primeira via dos volumes IX e X havia desaparecido do seu Arquivo. E foi graças às cópias existentes que aqueles volumes puderam ser xerografados,

possibilitando assim o reinício do trabalho gráfico paralisado em 1982.

Por fim alegra-me saber que graças à FIAM, a obra maior de Luiz do Nascimento será concluída pela Imprensa Universitária. Ao todo são 14 volumes, tendo sido publicados oito no período 1966/1982. Após um interregno de 12 anos, reinicia-se o trabalho de conclusão de uma obra que no seu gênero pode ser comparada à do velho Pereira da Costa.

Inexiste na historiografia brasileira obra de tal vulto sobre a imprensa. Aqui no Estado há o trabalho pioneiro de Alfredo de carvalho - ANNAES DA IMPRENSA PERIÓDICA PERNAMBUCANA DE 1821-1908, editado pela tipografia do Jornal do Recife. A Biblioteca Nacional editou no volume 85 dos seus Anais um CATÁLOGO DE JORNAIS E REVISTAS DO RIO DE JANEIRO (1808-1889) ali existentes. O Instituto Histórico de São Paulo reeditou no volume 25 da sua revista, em 1927, a obra de affonso A. de Freitas intitulada A IMPRENSA PERIÓDICA DE SÃO PAULO, cuja 1ª edição é de 1915. O Instituto Histórico e Geográfico brasileiro editou na sua Revista em 1908, em dois volumes, o ANNAES DA IMPRENSA PERIÓDICA BRAZILEIRA, abrangendo todos os estados da Federação. São trabalhos, todos eles, sem a dimensão do de Luiz do Nascimento, sendo que dois não passam de meros catálogos.

Ao terminar estas anotações solicitadas por Eleny Silveira, coordenadora do Centro de Estudos de História Municipal da FIAM, também entusiasta da obra de Luiz do Nascimento, quero deixar registrado o meu agradecimento ao Dr. Waldemir Miranda pela confiança em mim depositada ao permitir que os originais dessa monumental HISTÓRIA DA

IMPrensa DE PERNAMBUCO ficassem em minhas mãos por tão longo tempo. A Eleny, o meu testemunho pelo seu interesse e imenso trabalho na busca de recursos para a conclusão desta importante obra sobre a imprensa periódica pernambucana. Sem sua dedicação não se teria concluído essa monumental HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, obra que há de figurar, ao lado dos ANAIS PERNAMBUCANOS, como os dois momentos mais altos da historiografia do nosso Estado.

E para finalizar uma pergunta: quem patrocinará a edição do ROTEIRO DE JOENALISTAS PERNAMBUCANOS? A Fundação de Cultura da Cidade do Recife? A Associação da Imprensa de Pernambuco? A FUNDARPE? Esse trabalho, de um certo modo, complementa o anterior.

José Geraldo Gomes Cavalcanti

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
FONTES PRINCIPAIS DE PESQUISA.....	21
COLECIONADORES PARTICULARES	23
VOZES DE ESTÍMULO	24
PERIÓDICOS DO RECIFE 1941-1954.....	27
INDÍCE ALFABÉTICO	535
BIOGRAFIA DO AUTOR.....	550

INTRODUÇÃO

Chega ao fim, com este décimo volume da HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, a série referente aos periódicos do Recife, que se seguiu à dos diários. Virá após a terceira, correspondente à imprensa do interior.

Nas páginas que se seguem acham-se estudadas publicações, fundadas entre 1941 e 1954, este o derradeiro ano enquadrado nas pesquisas. O mesmo trabalho de paciente procura em bibliotecas públicas e particulares, aqui e ali, por toda a parte com a colaboração de muitos e a indiferença de alguns.

As gazetas desse período apresentaram-se mais desenvoltas, mais atuantes, mais responsáveis nos setores específicos a que se vincularam. Jornais e revistas, de feitios vários e diversa periodicidade, foram cuidadosamente manuseados, revolidos página a página, estudada a matéria de que se compõem, mensurada a sua estampa, verificada a quantidade de páginas, nomeclado o corpo de dirigentes, redatores e colaboradores, ressaltado o conteúdo e a orientação que os comandaram.

Toda uma nova geração de jornalistas, bissextos ou não, comparece a estes verbetos bibliográficos, ao lado de elementos de geração anteriores, porventura acostumados ao batente da imprensa periódica, que redigiam um jornal, uma revista, às vezes um órgão estudantil, às vezes um digesto de natureza jurídica, uma folha literária, religiosa ou humorística. Nem faltam

os redatores mirins de jornaizinhos escolares, escritos a lápis de cor e hectografados.

Posso aquilatar quão difícil é a tarefa do pesquisador honesto, que não registra o que lhe entra, simplesmente, pêlos ouvidos, e sim o que lhe passa pelas mãos e pêlos olhos investigadores, aquilo que lê e depois confere com acuidade, temente da crítica e dos críticos.

Nunca adotei auxiliares, propriamente, na pesquisa. Tive cooperadores, anotadores, que indicavam fontes, emprestavam-me coleções, amigos dedicados, plenos de interesse pelo bom andamento e conclusão da obra imensa que empreendi e já vejo, com orgulho, atingir os lances do fim, que não estará, espero, muito distantes.

Para a escalada de tão alta meta, tive que folhear o total de 3.068 órgãos de imprensa, de todos os tipos, que existiram de 1821 a 1924, no Recife (depois contarei os do interior do Estado), das mais diferentes categorias e periodicidade, 134 dos quais de publicação diária, que foram incluídos nos três primeiros volumes, a começar pela história do Diário de Pernambuco, ao passo que o Vol. IV teve por iniciante a Aurora Pernambucana.

Acha-se, pois, completada a missão do pesquisador, com relação à imprensa da capital pernambucana, devendo a série de gazetas municipais ser inserida nos Vols. XI, XII, XIII, e XIV da obra geral.

.....

Dezesseis anos foram consumidos num trabalho árduo, rigoroso, intensivo, ininterrupto, no meu Estado e noutros centros de pesquisa. Para colher o máximo. Para dar o melhor possível em informação. Para não decepcionar a posterioridade. Foi o que requereu a HISTÓRIA DA IMPRENSA DE PERNAMBUCO, organizada espontaneamente por um só homem, isento de ambições pecuniárias. Trabalho, deixem que o diga, único do mundo.

.....

Minha gratidão a quantos me facilitaram os caminhos percorridos, é extraordinária.

Destaco o nome de minha esposa, Ibrahina Loio Duarte do Nascimento, acompanhante de viagens de pesquisas; datilógrafa, a dois dedos, de textos manuscritos; animadora das horas menos encorajantes, toda ajuda e compreensão.

Jordão Emereciano, o mago do Arquivo Público Estadual, mandou a publicação, através da Imprensa Oficial, o Vol. I.

Luiz Delgado, presidente da Academia Pernambucana de Letras e o mais moderno mecenas, fez-me levar os originais dos Vols. II/III ao Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, professor Murilo Guimarães, e vi-os transformados em letra de fôrma, obedecendo à melhor técnica, pela turma da Imprensa Universitária.

É me, finalmente, proporcionada a felicidade de entregar à leitura dos interessados este último volume da série de sete cuja confecção material esteve a cargo.

FONTES PRINCIPAIS DE PESQUISA

Biblioteca Pública do Estado - Arquivo Público Estadual. Outras bibliotecas e arquivos: Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano - Faculdade de Direito, da Universidade Federal de Pernambuco - Gabinete Português de Leitura - Associação Comercial de Pernambuco - Faculdade de Medicina - Museu do Açúcar - Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, seção do Recife - Liceu de Artes e Ofícios - Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco - Colégio Nóbrega - Federação Espírita Pernambucana - Colégio Salesiano - Ginásio Padre Félix - Secretaria do Arcebispado - Ginásio Pinto Júnior - Colégio Agnes Erskine - Sociedade de Medicina de Pernambuco - Colégio Estadual - Departamento de Extensão Cultural e Artística - Tribunal de Justiça - Seminário Teólogo Batista - Seminário Presbiteriano do Norte - Colégio Marista - Colégio Marista de Apipucos - Departamento de Assistência às Cooperativas - Colégio Americano Batista - Junta Evangélica de Pernambuco - Associação dos Professores Primários - Colégio Vera Cruz - Atlantic Refining Club - Escola de Engenharia - Escola Politécnica, Fichário Central das Obras Sociais de Pernambuco - Instituto de Resseguros do Brasil, seção do Recife - Colégio Leão XIII - Instituto Brasil - Inspetoria Regional de Estatísticas de Pernambuco - Colégio das Damas Cristãs - Escola Industrial Prof. Agamenon Magalhães - Associação dos Ex-Alunos Maristas - Bispo de Pesqueira.

Fora do Estado: Guanabara - Biblioteca Nacional e Real Gabinete Português de Leitura. São Paulo - Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Bahia - Biblioteca Pública Estadual e do gabinete Português de Leitura. Sergipe - Biblioteca Estadual de

Aracaju. Paraíba - Biblioteca Estadual e da Loja Maçônica Branca Dias, em João Pessoa. Ceará - Biblioteca Pública e arquivo particular de Osvaldo Araújo, em Fortaleza. Alagoas - Biblioteca Estadual, Arquivo Público e Instituto Histórico, em Maceió. Outros em Belo Horizonte, Manaus, etc.

COLECIONADORES PARTICULARES

Gentilezas de: Abelardo e Francisco Rodrigues, Fernando Pio, Álvaro Alvim da Anunciação, Valdemar de Oliveira, Moacir Souto Maior, Amaro Quintas, Orlando Parahym, Leopoldo Luiz dos Santos, Assis de Sá Leitão, Isácio Carneiro Ramos, José do Petrocínio Oliveira, Abaeté de Medeiros, Marco Aurélio de Alcântara, Idelfonso Lopes, Fernando Vaz, Agesilau Pinheiro Ramos, Getúlio César, Milton Souto, livreiro Eurico Brandão, Olímpio Costa Júnior, Rui Coutinho, Eduardo Custódio da Silva, Pelópidas Galvão, Beatriz de Paula Santos Alvares, Nelson Barbalho, Franco Leal, Abdênago de Araújo, J. Viegas, Calinício Silveira, professor Mota e Albuquerque Filho, Filemon de Albuquerque, Werner Drechsler, Joaquim Inojosa (Guanabara), professor Aluísio Araújo, Sebastião Pereira, Abraão Allis, Juventino Lopes da Silva (Guanabara), livreiro Melquisedec, Edmundo Celso, livreiro Albertino Santos (João Pessoa, Paraíba), Sanelva de Vasconcelos, Paulo Cavalcanti, Edison Régis de Carvalho, Otávio Cavalcanti, Raul Lins, professora Maria de Lourdes Mousinho, José Cabral da Rocha, Berta Schneider, Roberto Campos, Josafá Rosas, dr. Paulino de Barros (Fortaleza, Ceará), Eraldo Silva Rego, José de Azevedo Machado, Arquimedes de Albuquerque, Sindulfo Correia Josué, Milton Souto, Sócrates P. da Silva, Norberto Krochmalnik, Ari Sodré da Mota, Aristóteles Alves, Germano Schiler, Marta, Marcelino Neto, Hostiniano de Moraes, professora Anita Pimentel...

VOZES DE ESTÍMULO

Dedico um preito de homenagem à memória de quatro grandes da imprensa pernambucana, dos maiores incentivadores do meu trabalho de pesquisador : Anibal Fernandes, Mário Melo, Jorge Abrantes e Guerra de Holanda.

A tantos outros confrates, abaixo citados, que me deram conforto do seu estímulo, através da imprensa, minha melhor gratidão: Luiz Delgado, Nilo Pereira, Tadeu Rocha, Orlando Parahim, Barbosa Lima Sobrinho (Jornal do Brasil, Rio), Paulo do Couto Malta, Jordão Emerenciano, Costa Porto, Paulo Cavalcanti e A. A. (Correio da Manhã, Rio), Cezário de Melo, Joaquim Inojosa, Luiz Beltrão, Nelson Nogueira Saldanha, Otávio Malta (Última Hora, Rio), José Gonsalves de Oliveira, Virgínius da Gama e Melo, Carlyle Martins (O Unitário, O Estado e Correio do Ceará), Valdemar Valente, Isnar de Moura, Carlos Chavier Paes Barreto, Edmundo Lys (O Globo e Querida, Rio), Valdemar Cavalcanti (O Jornal, Rio), Zacarias Maciel, Carlos Moreira, Aderbal Jurema (crônica de rádio), Lopes da Silva (Gazeta de Notícias, Meio Dia, Voz de Portugal e O Mundo Portugues, Rio), Lauro de Oliveira, Manoel Soares, João Roma, Eolo Ramos, Belford de Oliveira (parecer), Oliveiros Litrento, Chagas Ribeiro, Zilde Maranhão, Fernando Segismundo, José Wamberto, Indalécio Mendes (Diário de Notícias, Rio), Rui Diniz Neto (Revista do Globo, Porto Alegre), Otávio Cavalcanti, Nelson Barbalho, Alberto Frederico Lins e Alberto Romero (Correio da Paraíba, João Pessoa), Antônio Vilaça, José Aragão, Ulisses Viana, José Luiz de Moura, Telha de Freitas, Epitácio Soares e José da Nóbrega Simões (Diário da Borborema, Campina Grande), Mauro Mota Medeiro Cavalcanti,

José de Souza Alencar, Valdemar de Oliveira, José do Patrocínio Oliveira, Calinício Silveira, Dorita Cavalcanti Borges Abrantes, Leonel Borba, Elieser Leopoldino dos Santos (Síntese, Aracajú), Luiz Torres, Paulo Matos (crônica de radio), José Caldas Júnior, A. F. de Jesus (A Cruzada, Aracajú), Pereira de Assunção (O Lynce, Juiz de Fora), Carmencita Ramos Cavalcanti, Diana Fischer, Linhares (Indicador dos Profissionais da Imprensa, Rio), Redação da revista Comunicações & Problemas, Almanaque do Recife, Revista da Academia Pernambucana de Letras, Boletim informativo da Associação Brasileira de Imprensa, etc.

.....

Mensagens pelo Correio foram outras formas de aplausos ao autor, que é todo agradecimento a tamanhas expressões de cordialidade, partidas de Luiz da Câmara Cascudo, José Américo de Almeida, Waldemar Lopez, José Antônio Gonsalves de Melo Neto, Oliveira e Silva, Luiz Pandolfi, Manoel Albano Amora, Paulo Guerra, J. A. Barreto Guimarães, Joel Pontes, Manoel Moraes, Felix Lima Júnior, Rodoválvio Neves, Ulisses Lins de Albuquerque, Luiz Pereira de Melo, Manoel de Holanda, Luiz Luna, Paulino de Barros, Miguel S. Ruiz,

L. do N.

PERIÓDICOS DO RECIFE - 1941/1954

1941

O CRUZEIRO - Órgão dos Excursionistas do “D. Pedro II” - O primeiro número circulou (a bordo) no dia 28 de Janeiro de 1941, em formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas.

Destinado a fazer “relatos da viagem, entremeado de humorismo, porém com a dosagem necessária da discrição permitida”, tinha como redator J. Palmares.

Outras edições conhecidas : de 08 a 12 de Fevereiro, todas bem dosadas de verve e noticiário da excursão organizada pelo Touring Club do Brasil.

Não sendo jornal propriamente do Recife, o nº 2 foi, entretanto, publicado quando o navio chegava ao porto local (Bib. Púb. Est.).

SINDICATO DOS OPERÁRIOS EM CONSTRUÇÃO CIVIL E CLASSES ANEXAS DO RECIFE - Circularam quatro edições, entre os meses de janeiro a julho de 1941, de quatro a oito páginas, no formato de 32x23. Divulgava, unicamente, balancetes, relatórios e atos oficiais (Bib. Púb. Est.)

LABOR - Órgão do Grêmio Littero - Profissional Nilo Peçanha (Suplemento d' O Artífice)¹ = Inexistente comprovante da primeira edição, publicou-se o nº 2, ano II, em maio de 1941,

¹ Fundado em 1928. O Artífice, órgão dos alunos da Escola de Aprendizizes Artífices, estendeu sua existência até 1949 (v. Vol. VIII - Periódicos do Recife - 1916/1930)

obedecendo ao formato de 36x22, com quatro páginas de três colunas, ilustrado. Imprimiu-se nas oficinas gráficas da Escola de Aprendizes Artífices.

Abriu a primeira das quatro páginas o editorial intitulado “1º de Maio”, seguindo-se produções assinadas por Edson R. Lima, Inaldo M. Medeiros, Ângelo Iumati, Ozias de Melo Alves e outros; “Carta Enigmática” e notícias ligeiras (Bib. Púb. Est.)

COOPERADOR SALESIANO - O nº 1, ano I, circulou em junho de 1941, no formato de 23x16, com quatro páginas e duas colunas de 12 cíceros. Com aprovação eclesiástica, imprimia-se na Escola Tipográfica Salesiana, à Rua Dom Bosco, 551.

Órgão mensal, começou como suplemento do Boletim Salesiano ⁽¹⁾, tornando-se independente a partir do nº 1-2, correspondente a janeiro/fevereiro de 1942, aumentando para oito quantidade de páginas e, em 1944 para 12, atingindo 16 nas edições especiais.

A publicação conduziu-se ininterruptamente, com dez a doze edições por ano, constituída a sua matéria de comentários, reportagens e noticiários sobre as atividades salesianas e estudantis; artigos doutrinários; conferências; boa messe de fotografias; “Página de Ouro”, “Datas do Mes”, “Episódios Missionários”, extratos de cartas pastorais, “Variedades”, “Graças a ofertas”, coberturas do “Dia do Ex-Aluno”, “Bolsa Pio XII”, transcrição de artigos e condenação ao comunismo e a rara colaboração local assinada.

¹ Aliás, Bolletino Salesiano, de Turim, Itália, que era distribuído, inclusive no Brasil, entre a família salesiana.

Entendeu-se a existência do Cooperador Salesiano até o nº 8 do ano X, correspondente ao mês de agosto de 1950 (Bib. Púb. Est e Bib, Sales.).¹

SEGUE-ME - Órgão mensal da “obra das Vocações salesianas e Norte” - Com aprovação eclesiástica e da Congregação, surgiu no mês de junho de 1941, em formato de 27x28, com dezesseis páginas, inclusive a capa, impressa, respectivamente, em papel acetinado, de primeira e couchê. Assinatura anual - 6\$000, preço elevado no mês de novembro para 10\$000. Diretor Gerente - Padre José Gomercindo Santos, funcionando a redação e administração do Colégio Salesiano, à Rua D. Bosco, 551.

O editorial de apresentação ocupou-se do trabalho de incentivo às vocações sacerdotais iniciado por D. Bosco, “o grande batalhador”. Imitá-lo era objetivo da revista acentuando : “aqui narraremos o que os salesianos vão fazendo pelas Vocações no Norte. Contaremos o que eles desejam e realizam; o que seus amigos e administradores fazem neste campo imenso da seara do Senhor”.

Circulando com a devida regularidade, o bem feito magazine, cuja capa, uniforme, constava de uma estampa simbólica, inseria “Um pouco de ascese”, “Bolsas das vocações pobres”, “Os nossos colégios”, “Conto do mes”, “Os sorrisos de D. Bosco”, “Curiosidades”, “Seção poética”, “Para os futuros missionários” (lições) , “Homenagem” (clichês de prelados) , “Página Social” e mais matéria variada. Até o nº 5 sobre o pseudônimo de Vuitó, continuando com as iniciais V.S., manteve

¹ Coleções incompletas. completadas entre si.

as seções “Ave Maria” e “Carta aberta aos jovens”, da primeira à última edição, além de escrever cantos, bibliografias, versos e novamente, Vuitó, a “Seção satírica” de sonetos. Por sua vez, o padre Gumercindo aparecia com poesias constantes e prosa diversa, e iniciou, já em abril de 1943, a seção “Dicionário Tupi-Latim-Português”. Liam-se outras produções de colaboradores bissextos, tais como, padres Guido/Cojazzi, Delugan, Nestor de Alencar e Belchior d’Ataide, cômego Eustáquio de Queiróz, Argos, Estanislau Batista Fragoço, Izé X. Nada, Manuel Costa e Silva, Clérigo Luiz Santiago, Diácono José Paulo de Carvalho, Aziz Francisco Elihimas, e outros.

Segue-me permaneceu adstrita ao seu programa de divulgação da obra das vocações e da atividade das missões salesianas. Publicou-se, assim, todos os meses, exceto nos de dezembro e janeiro de cada ano, prolongando-se sua existência até o nº 34, de setembro de 1944. Só a partir do nº 16, admitiu uma página de anúncios, algum tempo depois reduzida à metade. No nº 17, elevou para 12,00 o preço da anualidade.

O trabalho gráfico, iniciado nas oficinas do Jornal do Comercio, transferiu-se, no nº 7, para a Escola Tipográfica Salesiana; no nº 29, para as oficinas de Para o Alto e, no nº 32, para a Associação da Boa Imprensa, ou seja, A Tribuna (Bib. Cole Salesiando)¹.

FEDERAÇÃO MARIANA DE PERNAMBUCO - Boletim Circular nº 1 - Saiu a lume em junho de 1941, no formato de

¹ Na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco existem, apenas, três exemplares de Segue-me: os nºs 9, 25 e 26. Na Biblioteca Estadual de Sergipe (Aracaju), encontram-se os nºs 14 a 34.

24x16, com quatro páginas de coluna larga. Redação no Colégio Nóbrega. Aprovação eclesiástica.

Divulgou o decreto de fundação do sodalício religioso referido no título acima, assinado pelo arcebispo Miguel Valverde, completando a edição notas instrutivas a respeito dos Congregados (Colec. Vald. Araújo, Fortaleza, Ceará).

Circulou a 10 de maio de 1942 um número especial comemorativo do primeiro aniversário de Federação da Congregações Marianas de Pernambuco, contendo matéria específica e retratos do Papa e do Arcebispo de Olinda e Recife. Outras edições encontradas: nº 14, de novembro, oito páginas, e nº 15, de dezembro/1942 e janeiro/1943, doze páginas (Bib. Colég. Nóbrega).

ORATÓRIO DE DOM BOSCO - Boletim nº 1 - Circulou no mês de julho de 1941, em formato de 33x23, com quatro páginas de quatro colunas.

Destinado a divulgar as atividades espirituais e materiais do Oratório, abriu com o panegírico de Madame Loiola, “Vigária das Damas da Instrução Cristã”. Seguiu-se matéria interna, inclusive palavras de louvor do Episcopado, nomes de benfeitores, notícias sociais e artigos assinados por M. Trindade e José Bonifácio (Bib. Púb. Est.).

O EVANGELIZADOR - Boletim Informativo da Junta Evagelizadora - Começou a publicar-se em agosto de 1941, com quatro páginas de quatro colunas, no formato de 32x24. Sob o título, o excerto bíblico: “Ide por todo mundo, pregai o

evangelho” (S. Marcos, 16:15). Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

Sem editorial de apresentação, abriu o número de estréia um artigo doutrinário do professor Lívio Lindoso. Inseriu, todavia, em meio às “Novas do Reino”, a nota a seguir: “A Junta Evangelizadora, por motivo superior, resolveu publicar um boletim informativo, O Evangelizador, que o amado leitor tem em suas mãos. Para o interesse de todos, informamos que ao Presidente da Junta, o rev. Hermes Silva, responsável por esta publicação, deve ser enviada toda a correspondência”.

Circulando, a princípio de dois em dois meses, o nº 3 de dezembro, noticiando o acolhimento da folha entre os leitores, adiantou: “O Evangelizador surgiu para atender às necessidades e reais interesses da vida cooperativa entre nós”. Noutro tópico: “A imprensa é ainda uma das mais fiéis e eficientes servidoras de qualquer organização viva e vitalizadora. E foi reconhecendo estes fatos que a Junta Evangelizadora, Num momento de decisão, criou o modesto Boletim, ao qual a Convenção, recentemente reunida, deu caráter definitivo”. Esclareceu, por fim, que não visava a substituir “A Mensagem”, o brilhante e vitorioso órgão oficial da União dos Obreiros do Norte”.

Só no nº 7, publicado em novembro de 1942, apareceu em letra de forma o corpo redacional, assim constituído: Redator-chefe - Rubem Carneiro Leão; secretário - J. Alfredo Meneses; redator-tesoureiro - Antonio Dorta. Depois do nº10, ano II, de abril de 1943, suspendeu-se o jornal, substituindo-o, esporadicamente, uma Carta Circular Noticiosa, (quatro páginas), da qual saíram apenas três edições, até que voltou O Evangelizador em setembro de 1944, sendo Lívio Cavalcanti

Lindoso um dos responsáveis pela publicação. Nova divisa figurou no cabeçalho: “Ide, pois, e fazei discípulos...” (Mat. 28:19).

Circulando irregularmente, a folha veio a adotar, em seu número conjunto 1-2, de novembro/dezembro de 1945, formato duplo com seis páginas e abundante matéria. Outra equipe no cabeçalho: Redator-responsável - Munguba Sobrinho; secretário - J. Bernardo de Oliveira, mantido o tesoureiro, A edição seguinte, todavia, só aparecida em abril de 1946, apresentou diferente formato - 38x27, tornado definitivo. Teve doze páginas, excepcionalmente, para continuar ora com oito, ora com seis. E a confecção gráfica transferiu-se para a “Editanobras”, à rua das Crioulas.

Anos afora, seguiu O Evangelizador sua marcha inalterável de órgão específico, inserindo editoriais doutrinários, vasto noticiário, as seções “Aqui, ali, acolá” e “Novas do Reino” e colaboração de nomes em evidência no setor evangélico. O corpo redacional, substituído de vez em quando, contou, desde de novembro de 1946, com os seguintes nomes: Lívio Lindoso, Paulo Walter da Silva, Samuel Munguba, Eliezer Correia de Oliveira, Antônio M. Dorta, J. F. Rodrigues, Edson Borges, Davin Mein, J. B. Underwood, Benilton Carlos Bezerra e Grayson C. Tennison. Voltou a imprimir-se na tipografia do Diário da Manhã em 1952.

Sem alterações substanciais, o jornal atingiu, normalmente, o mês de dezembro de 1954 ¹ (Bib. da Junta Evang.)².

¹ Continuou em 1955

BOLETIM DA CIDADE E DO PORTO DO RECIFE - Revista mimeografada, o primeiro número saiu a lume em setembro de 1941, com 51 páginas, o reverso em branco. Edição da Diretoria de Estatísticas, Propaganda e Turismo, da Prefeitura do Recife, sob a direção de José César Regueira Costa¹), distribuía-se “entre as pessoas interessadas”.

No artigo de apresentação, o prefeito Antônio de Novais Filho, aludindo ao reatamento da “circulação do Boletim do Porto do Recife, antes editado pela Diretoria de Docas e Obras do Porto” (estudado no volume anterior desta “História”), frisou:

“...o Boletim será fiel ao seu programa, ao programa de amigo da cidade, guardando o seu antigo aspecto e algumas das costumeiras seções. Mário Sette era e é um dos seus redatores”.

Foram colaboradores da primeira edição: José Estelita, Mário Sette, Antonio Bezerra Baltar, Ascenso Ferreira, Everardo da Fonseca Vasconcelos e Mário Mendonça. Vasto noticiário de poucas linhas e estatística municipal.

Até o quarto número (abril/junho de 1942), a revista publicou-se trimestralmente, com regularidade. Passou, então, a

² À coleção manuseada faltam os seis primeiros números. encontrados. todavia, na coleção particular do professor Lívio Lindoso. Na Biblioteca Pública do Estado existem raros comprovantes.

¹ Funcionário da Diretoria de Docas e Obras do Porto. José César fora requisitado pela Municipalidade. para servir como chefe de Propaganda e Turismo. da Diretoria de Estatísticas. Propaganda e Turismo. com a atribuição de organizar o antigo Boletim do Porto do Recife em bases mais amplas.

sair de seis em seis meses, até dezembro de 1943, nº 09/10, com uma tiragem de 1.200 exemplares. Em 1944 circulou o nº 11/14, compreendendo o ano todo. Em 1945 saiu o nº 15/18. Seguiu-se o nº 19/34, correspondente aos anos de 1946/49; depois, o nº 35/42, envolvendo 1950/51; para suspender com o nº 43/62, de 1952/56.

A partir do nº 5/6 (julho/dezembro de 1942), fez-se a impressão mimeográfica em ambos os lados do papel, duplicando o número de páginas, que aumentou sempre, até atingir o total de 140. Formato de 25x21; texto em papel bouffant e capa em cartolina.

O Boletim manteve, desde o início, o programa redacional que se traçara, divulgando trabalhos, em prosa e verso, de escritores em evidência, em torno de assuntos ligados ao título. Logo no nº2, iniciou a série “Depoimentos acerca do Recife”, incluindo “Velhas e novas impressões da cidade, vista pelos olhos de viajantes, marinheiros, repórteres, homens de ciência, literatos e poetas, pintores e músicos, revelando também, ao lado do depoimento, as reservas de simpatia, a receptividade de cada um, a capacidade de sentir as mensagens que a cidade irradia através da sua paisagem e da sua gente”.

Criou-se, igualmente, a seção “Notícias breves”, registro cronológico da vida da cidade, o qual pretendia continuar a “Crônica de Pernambuco”, do famoso Almanach de Júlio Pires.

Do nº 7/8 (janeiro/junho de 1943) por diante, extinta a repartição editora, o Boletim passou à responsabilidade da Diretoria (depois, Departamento) de Documentação e Cultura,

do mesmo modo; dirigida por José Césio, em nada se alterando, intrinsecamente, a publicação.

Além dos nomes referidos, colaboraram nas diversas edições do magazine: João Peretti, Valdemar de Oliveira, Aníbal Fernandes: "O Recife e sua paisagem" - nº 5/6; Odorico Tavares, Manuel Anselmo, Maurício Coutinho, Napoleão de Albuquerque, Willy Lewin, Fagundes de Meneses, Vicente Fittipaldi, Sérgio Higino, Airton da Costa Carvalho: "O Serviço do Patrimônio" - nº 7/8; Leduar de Assis Rocha, Joaquim Cardoso, Odilon Nestor, Jorge Abrantes: "Sentimento do Recife" - nº 11/14; José Antônio Gonsalves de Melo, Mauro Mota, Laurênio Lima, Haydn Goulart, Silvino Lopes: "O Capibaribe e o sena", - nº 19/34; Tomaz Seixas, Roberto C. Smith, Guerra de Holanda, Souza Barros, Adolfo Porto, Aloísio Sérgio Magalhães, Maurílio Bruno, Nilo Pereira, Hermilo Borba Filho, Josué de Castro, Gastão de Holanda, Olivio Montenegro, Luiz Beltrão, Veríssimo de Melo, Isnar de Moura: "Lembranças do Recife na visão de uma menina matuta" - nº 35/42; Fernando Pio dos Santos, Clóvis Melo, Eudes Teixeira de Carvalho, Joel Pontes, Virginius da Gama e Melo: "Pesca urbana no Recife" - nº 43/62; Lucilo Varejão, Carlos Pena Filho e Israel Fonseca.

Habilmente Datilografado para o mimeógrafo, até o nº 5/6, por Bartolomeu Bastos, este foi substituído, então por Vernier de Macedo, cabendo o trabalho dos cinco últimos números a Paulo Geraldo da Rocha Bezerra. Desenhos e vinhetas dos títulos a cargo de Hamilton Fernandes. Outras Ilustrações de Hélio Feijó. A parte não mimeografada, compreendendo

fotografias destacadas em papel couchê, era impressa nas oficinas da Imprensa Oficial ⁴ (Bib. Púb. Est.).

CADERNO ACADÊMICO - Revista do Diretório Acadêmico de Direito - Surgiu no dia 10 de novembro de 1941, em formato 23x16, com 96 páginas de papel bouffant e capa de cartolina, apresentada em caracteres tipográficos. Diretor-responsável - José Neves; redator-geral - Augusto Duque; redator-auxiliar - Adauto Melo; diretor-comercial - Luiz Luna de Almeida. Impressão das oficinas do Jornal do Commercio.

Lia-se no artigo de abertura: “Uma revista de gente como nós, de cabeça cheia e bolso vazio, é uma coisa difícil. Quando realizada é um certificado de trabalho, de esforço, de vontade, não muito frequente em nosso meio. Mas, se esse esforço e esse trabalho obedece aos ritmos, aos imperativos de um ideal, então, a coisa muda. Revista assim é coisa fácil. Porque, quitará todos os trabalhos e canseiras, somente, a emoção, a sagrada emoção do dever cumprido, do dever ideal, do dever moral. A cabeça cheia supera, então, o bolso vazio. Assim fica claro: a nossa revista é como as outras. Está a serviço de um ideal que ‘é a idéia unida a um fim’. Resulta que não estamos inocentes, pois uma idéia move-nos, aqui, como move o mundo lá por fora. Não somos imparciais, porque pretendemos, também, ser parte, atores, no palco do pensamento e da história”.

⁴ A publicação do Boletim da Cidade e do Porto do Recife continuou com o nº 63/70. de 1957/1958. ficando suspensa. Reapareceu dez anos após, modificado o título para Boletim da Cidade do Recife (direção de Milton Melo). com a edição de janeiro/dezembro. correspondente a 1957/1967. dando-se-lhe o nº 63/169, ignorado. assim. o nº 63/70. Tomou novo alento e ainda circula de vez em quando.

Findou dizendo que “sua atividade imediata, sua razão de ser, o seu motor” era “o serviço da pátria, a causa do Brasil”.

Afora algumas notas redacionais, Caderno Acadêmico inseriu artigos sobre os mais diferentes assuntos, discursos e conferências, assinados por Miguel Reale, João Aureliano, Arnóbio Graça, Jordão Emerenciano, professor Mac Dowell, Rafael Mayer, Paulo Amazonas, Creso Teixeira, Luiz Luna de Almeida, Luiz Cristóvão dos Santos, Vicente Licínio Cardoso, Hélio Sodré, Luiz Magalhães Melo, Evandro Gueiros, Augusto Duque, Luiz Beltrão, Antônio Nominando Diniz e Alfredo Pessoa de Lima, colaborando este último, também, com dois poemas. Encerrou a matéria uma proclamação “aos estudantes brasileiros”, a prol do “governo nacional”.

O nº 2 do Caderno , publicado em abril de 1942, com 104 páginas, divulgou, apenas, após uma apresentação de Augusto Duque, dois trabalhos: de Lourival Vilanova e Darci Dubeux, o primeiro deles ocupando 86 páginas.

Foram outras edições: nº 3, de junho - 106 páginas; nº 4; setembro - 140 páginas; nº 5, outubro de 1943 - 126 páginas. Neste último, além do diretor e do redator geral, figurou a seguinte equipe de redatores: Jordão Emerenciano, Fagundes de Meneses, José Lopes de Oliveira, Sérgio Jigino, João Batista Neto, Duclerc Verçosa, Salustiano Coelho, Lucilo Varejão Filho, Regina Gondim e Aducto José de Melo.

Contava, ainda, com a colaboração de Duarte Lima, padre Arruda Camara, professor Andrade Bezerra, Buerguedof Elliot, Estácio Cardoso, Heitor Pinto de Moura, Orlando Cavalcanti, professor Abgar Soriano, Edson Nery da Fonseca, promotor

Fernando Mendonça, José Paulo Cavalcanti, Gilvandro Coelho, Afonso de Noronha, Lopes de Andrade, J. Batista Neto, Luiz de Barros, Fernando Jungman, escritor João Vasconcelos e Gil Maurício (pseudônimo de Gabriel Cavalcanti).

Completavam as edições noticiário e comentários rodacionais a propósito das atividades universitárias, às vezes ilustrados com fotogravuras. A poesia esteve representada por algumas páginas de Fagundes de Meneses, Lucilo Varejão Filho, Deolindo Tavares e Duclera Verçosa.

Ao que tudo indica, não ultrapassou o nº 5 (Bib. Púb. Est.).

1942

ARQUIVOS - Prefeitura Municipal do Recife - Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo - Surgiu em março de 1942, no formato de 23 ½ x 18, com 294 páginas de papel acetinado, outras em couchê, de fotogravuras e capa em cartolina de cor, sendo o trabalho gráfico da Imprensa Oficial. Diretor - Manuel de Souza Barros; secretário - José Césio Regueira Costa.

Seu programa foi expresso no artigo “Palavras de apresentação”, assinado pelo prefeito Novais Filho, que acentuou, após as primeiras considerações: “Revista semestral de cerca de 300 páginas, os Arquivos serão, inicialmente, divididos em quatro capítulos principais: Papéis Antigos - Colaboração e Transcrições - Documentação administrativa - Várias, além de uma galeria de vultos de relevo na história da cidade.

A primeira parte abrangerá velhas atas do Conselho Municipal, relatórios de prefeitos e chefes de serviços, termos, etc. e a transcrição integral de uma monografia ou estudo acerca do Recife, cuja edição esteja esgotada.

Na parte 'Colaboração e transcrições', a revista apresentará colaboração original e trabalhos transcritos, focalizando assuntos relacionados com o Recife, sob o ponto de vista de sua evolução, da sua história; trabalhos acerca dos seus monumentos, estudos sobre a população e o meio.

A parte 'Documentação administrativa' será um repositório da vida da Prefeitura do Recife, apresentando o registro daquelas atividades de interesse geral, emanado dos diversos departamentos, de serviços, bem como a transcrição de documentos cuja divulgação concorra para o conhecimento exato da orientação do governo municipal em seus vários setores, as suas realizações, os seus planos no sentido do desenvolvimento da cidade e da melhoria de vida de seus municípios.

A última parte ficará reservada ao registro de fatos notáveis na vida da cidade: inaugurações, solenidades, exposições, conferências, além da divulgação de comentários, notícias, boletins que mereçam maior conhecimento por parte do público.

Organizando os Arquivos do Município, a D.E.P.T. se esforça em realizar uma obra tanto quanto possível modelar; a sua forma material foi cuidadosamente estudada, de modo a constituir um volume sóbrio e agradável à consulta. Maior

cuidado merecerá a sua colaboração, que será integrada por autores especializados, dentre os de maior projeção no Estado e no próprio país.

A edição incluiu “Uma carta inédita de Frei Jaboatão sobre Olinda”, pelo cônego Xavier Pedrosa; “Resumo histórico da igreja de São Pedro dos Clérigos do Recife”, por Fernando Pio, e importantes transcrições de O. Quelle, Charles Johnson e Beaurepaire Rohan. Capa de Hamilton Fernandes; fotografias de Benício W. Dias., J. O. Melo e Alexandre Berzin; dois mapas e vários desenhos.

O segundo número, nas mesmas condições, com 330 páginas, circulou em novembro, apresentando trabalhos inéditos de Mário Sette, João Peretti, Ascenso Ferreira, Jerônimo Gueiros, Lucilo Varejão e Luiz Delgado. Veio acompanhado de bem confeccionado mapa do porto e cidade do Recife, e mais rico em ilustrações.

Uma só edição englobou os n.ºs. 1 e 2 de 1943, publicada no mês de dezembro, com 372 páginas. A par da matéria programada, vastamente ilustrada e com vários mapas, inseriu alguns trabalhos assinados, a salientar: “O exército pernambucano na guerra holandesa”, por José Antônio Gonsalves de Melo Neto; “Contribuição ao estudo do mobiliário pernambucano”, por José de Almeida Santos; “Presépios e pastoris”, com clichês da melodia dos trechos musicais, por Ascenso Ferreira e “Médicos e Medicina no Brasil Holandês”, por Leduar de Assis Rocha.

Em 1944 houve, igualmente, uma só edição, datada de dezembro, com 347 páginas, incluindo colaboração assinada por

Mário de Andrade, Olívio Montenegro, Ascenso Ferreira, Mário Sette, Mário Melo, Ademar Vital, Otávio de Freitas Júnior e F. A. Pereira da Costa (transcrição). Na “Galeria de Vultos Notáveis” figurou o marechal Dantas Barreto.

Essa edição, aliás, só circulou em julho de 1947, já a cargo da Diretoria de Documentação e Cultura, sucessora, desde 1945, da Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo. Direção de J. Césio Regueira Costa, sendo secretário José Laurênio de Melo.

Nos dois volumes precedentes, os tipos de “Maracatu” e “Bumba-meu-boi”, estudados por Ascenso Ferreira, foram desenhados por Lula (Luiz Cardoso Ayres) e impressos pelo processo fotolito, no Estabelecimento Gráfico Brasileiro, de Drechsler & Cia. A Editora Musical Brasileira, do Rio de Janeiro, imprimiu as melodias de “Bumba-meu-boi”.

Após longa ausência, Arquivos reapareceu com alentada edição de 544 páginas, correspondente aos n.ºs. 7 a 20, de 1945/1951, datada de dezembro desse último ano, mas acabada de imprimir em fevereiro de 1953, ainda na oficina da Imprensa Oficial. Inseriu importante documentário, inclusive “Manuscritos da Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos do Recife” e o trabalho de Robert C. Smith: “Décadas do Rosário dos Pretos”; colaboração de: Mário Sette - “Um balanço que puxa muita coisa velha e talvez nova”; Germain Bazin - “Originalidade da arquitetura barroca em Pernambuco”; José Lins do Rego - “Augusto dos Anjos e o engenho Pau D’arco”; João Peretti - “Ação social do padre Vuillemin”; Everardo Vasconcelos - “Piratas, Corsários e Aventureiros em Pernambuco”; Costa Porto - “Povoamento e ocupação do interior pernambucano na fase colonial” e José de Almeida Santos - “O estilo Beranger”.

Transcrições ¹: F. A. Pereira da Costa - “Origens históricas da indústria açucareira em Pernambuco” e Bianor de Medeiros - “Nossos quadros e nossos pintores”. Finalizou com “Documentação administrativa”, “Várias” e “Ementário de leis e decretos municipais”.

Decorridos mais alguns anos, publicou-se, impresso na Imprensa Universitária, da Universidade Federal de Pernambuco, o nº 21/47, datado de 1952/1965. Organizado por Hermilo Borba Filho, teve a colaboração de Gilberto Ferrez, Joel Pontes, Mauro Mota, Moisés Vellino e outros, além do documentário e matéria noticiosa (Bib. Púb. Est.).

A ESCOLA - Órgão Oficial da Escola Técnico-Profissional Feminina - Circulou a 18 de abril de 1942, em “número especial dedicado ao presidente Getúlio Vargas”. Com quatro páginas em papel tipo ofício, a primeira exibiu retrato do homenagiado, tendo com fundo a bandeira brasileira, em suas cores e por trás dela, dois bustos de crianças. Das três restantes, datilografadas, duas inseriram composições de alunos a respeito do natalício do chefe de governo nacional, dedicando-se a última curiosidade, sob o título “Passa-Tempo” (Bib. Púb. Est.).

PROGRESSO - Órgão do Instituto Pedagógico - Tendo como diretor Cleto Gomes e redatora-chefe Maria Nice Pontes da Cunha, começou a publicar-se a 19 de abril de 1942, acenizando o aniversário natalício do presidente Getúlio Vargas. Foram quatro páginas manuscritas em papel de ofício, copiadas pelo sistema hectográfico, ilustrando a primeira desenhos alusivos à

¹ As transcrições admitidas nos Arquivos constituem trabalhos esgotados, de grande valor histórico.

data. As restantes apresentaram incipiente literatura das alunas do curso, terminando com algumas charadas (Bib. Púb. Est.).

A publicação prosseguiu, achando-se, em 1943 (edições de março a setembro), sob a direção de Leni Soares; redator - Manuel Pinto.

Após onze anos de lacuna, ainda aparecia em 1954, edição do mês de março , nº 1, ano X, sem indicar corpo redacional, mas obedecendo ao ritmo anterior (Dept. Cultural da SEEC).

VIDA ESCOLAR - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Pedro Celso - Quatro páginas manuscritas e hectografadas, em papel tipo ofício. Publicação mensal , saiu o primeiro número a 19 de abril de 1942, em homenagem ao Presidente Getúlio Vargas. Ao atingir o mês de setembro, ocorreram duas edições, uma dedicada à Independência do Brasil e a outra ao Dia da Árvore, no dia 21. Bastante ilustrados todos os números, contendo literatura infantil, noticiário social e variedades. Diretora-secretária-Maria Auxiliadora Silva; redator-chefe- Eraldo Barros; diretora-gerente- Alda Franco (Bib. Púb. Est.).

Continuando em 1943 - nºs. 1 a 9, de março a setembro- teve como diretor Carmelo Campelo, figurando Lúcia Emerenciano como gerente (Dept. Cultural da SEEC).

RECREIO - Órgão do Clube de Literatura D. Bosco, do Grupo Escolar José Bonifácio- Saiu a edição de estreia a 19 de abril de 1942, em homenagem à data do aniversário do Presidente

Getúlio Vargas¹. Obedeceu ao sistema manuscrito hectografado, tendo como diretor José Sinfrônio Santos e redator Ezir Rangel. Desenhos e literatura infantil. O nº6 circulou em setembro (Bib. Púb. Est.).

Publicou-se, igualmente, em 1943, nºs. 9 a 16, correspondentes aos meses de março a outubro, sob a direção e secretaria de Milton de Andrade e Teresinha Jalfim, respectivamente (Dept. Cultural da SEEC).

A CENTELHA- Órgão do Clube de Leitura do Grupo Escolar José Mariano- Circulou mensalmente, a partir de 19 de abril de 1942, saindo o nº5 no mês de agosto. Diretor-presidente - José Beltrão; diretora-tesoureira- Elaine Alves; redatora-chefe - Anunciação Coutinho (Bib. Púb. Est.).

Continuou, passando à direção, no ano seguinte, de Clóvis Ferreira, tendo como “responsável”

¹ Sob o governo estadual de Agamenon Magalhães, ocorreu uma recomendação, de caráter geral, aos Grupos Escolares do Estado, para que fizessem divulgar jornais infantis nos períodos letivos, tendo como objetivo desenvolver a mentalidade da criançada e, principalmente, comemorar, cada ano, a data natalícia do chefe do Executivo nacional. Foram, então, fornecidos hectógrafos aos Grupos, para cópia das edições manuscritas, de circulação interna. São do mesmo feitio, pois, os jornalzinhos escolares que serão aqui mencionados a partir do acima citado.

Aliás, quando se verificou a inovação, já vinham sendo publicados, espontaneamente: A Escola, do Grupo Escolar Amauri de Medeiros, desde 1931; O Saber, do Grupo Escolar Siqueira Campos, desde 1932; O Semeador, da Escola Rural (Modelo) Alberto Torres, desde 1932 (ver 1934) e A Palavra, do Grupo Escolar José Mariano, desde 1935, cujo estudo, dos quatro, consta do Vol. IX, “Periódicos do Recife - 1931/1940”, desta “História da Imprensa de Pernambuco”.

Alice Fay e redatora Elaine, substituída, depois, por Marina Silva. Último exemplar encontrado: o de abril de 1944 (Dept. Cultural da SEEC).

Segundo informe oficial, a publicação estendeu-se até outubro de 1946.

O BEM -TE-VI - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Regueira Costa - Entrou em circulação a 19 de abril de 1942. Diretora - Auta Araújo; redatora-secretária- Maria do Bom Parto Araújo; redatores - Ernani José Mendes, Lindalva C. Pinheiro e Artur Moreira Alves. Havendo a lacuna de uma edição mensal, o nº5 publicou-se em setembro (Bib. Púb. Est.).

O FUTURO - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Maurício de Nassau - Começou com a edição de 19 de abril de 1942, exibindo, na primeira página, retrato, em ponto pequeno, do Presidente Vargas e desenhos das bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos. Corpo redacional - Valdeci de Sousa, Djalma Garcéa, Rui Oto de Barros e Sandoval Cavalcanti. O nº 3 saiu em junho (Bib. Púb. Est.).

Continuou nos anos subsequentes, substituindo-se sempre a equipe dirigente, até, pelo menos, julho de 1946 - nº 2, ano VI, aí aparecendo Geraldina Pascareta na direção, sendo redator Maniton Batista (Dept. Cultural da SEEC).

O CLARIM - Propriedade dos Sócios do Grêmio Luisa Guerra, do Grupo Escolar Maciel Pinheiro - Apareceu a 19 de abril de 1942. Direção de Giulio da Mata; redator-chefe -Luiz Geraldo T. Machado.

Em prosseguimento, atingiu o nº 16 em outubro de 1943. Diretora- Anunciada Brito; redatora-chefe - Maria da Conceição Bastos (Bib. Púb. Est.).

Sem notícia d'O Clarim por longo espaço de tempo, restam, finalmente, dois comprovantes: de agosto de 1953, tendo como diretor-presidente Euclides Campelo e redator Carlos Braga e de março/abril/maio de 1954, quando os substituíram os nomes de Rivaldo de Sousa Moura e Maria Soledade Silva (Dept. Cultural da SEEC).

DEZENOVE DE ABRIL - Órgão do Grêmio Literário Infantil Professor Cândido Duarte (do Grupo Escolar da mesma denominação, situado na Várzea) - Estreou em 1942, na data que lhe serve de título. Diretor - Valfrido Alves; redator-secretário- Moisés da Costa. Divulgou-se em setembro o último número mensal do ano (Bib. Púb. Est.).

Prosseguiu em 1943, sob a direção de Pedro Schuwytter, tendo como redatora-secretária Ivone Costa Gomes. Emendando a numeração o nº 16 circulou a 30 de outubro.

Ainda avistado o nº 1, ano V, de março de 1946. Diretora- Elza X. Ramos; redatora-secretária - Ivete R. de Oliveira. Circulou em agosto de 1947 o último número (Dept. Cultural da SEEC).

O TRANSMISSOR - Órgão de divulgação do Grêmio Literário Júlio Pires (da Escola Experimental) - O primeiro número circulou a 19 de abril de 1942, em homenagem à data aniversário do presidente Getúlio Vargas. Publicação mensal, o nº 6 foi datado de 30 de setembro. Diretora- Rate França Barbosa;

redatora-secretária - Ranúzia Cordeiro de Azevedo (Bib. Púb. Est.).

Outro único comprovante manuseado o nº 4, ano II, de 29 de julho de 1943. Diretora - Edna M. de Sousa; redatora - Aída Ferreira e Silva (Dept. Cultural da SEEC).

O FERNANDES VIEIRA - Órgão do Clube de Letras Júlio Pires (do Grupo Escolar Fernandes Vieira) - Surgiu a 19 de abril de 1942. Redatora-chefe - Carmela Salzano; redator-secretário - Cleto Lira. Publicou-se até setembro, quando saiu o nº 6 (Bib. Púb. Est.).

O SILVA JARDIM - Órgão do Clube Literário Joaquim Nabuco (do Grupo Escolar Silva Jardim) - Apresentou o primeiro número a 19 de abril de 1942. Diretor - Wilson Lins; redator-secretário - Carlos Castelo Branco. A última edição do ano saiu em setembro (Bib. Púb. Est.).

Continuou em 1943, substituída a turma responsável por Fernando Maia Siqueira e Everaldo Lacerda. Atingiu o nº 12 no mês de julho.

Outro comprovante encontrado: edição de abril de 1944 ano III, nº 2. Diretor - José de Vasconcelos; redator- secretário - Luiz Marques (Dept. Cultural da SEEC).

EDUCAÇÃO - Órgão Escolar do Grupo Manuel Borba - Apareceu no dia 19 de abril de 1942. Direção de Ivan Medeiros; secretário - Luiz C. Valença; redatora - Ivetti Giovannetti. O sexto número circulou em setembro (Bib. Púb. Est.).

Proseguiu no ano seguinte, tendo como diretora Maria de Lourdes P. Alves e redator- secretário Roberto de Brito Macedo, nomes que foram substituídos por Leda Maria O. da Silva e Maria de Lourdes Gomes, em 1944, quando circularam sete edições, de março a setembro (Dept. Cultural da SEEC).

O INFANTIL - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Joaquim Távora - Apareceu no dia 19 de abril de 1942. Corpo redacional- Everildo Vasconcelos-diretor; Anésia Neves - redatora-chefe; Wilson de Melo - secretário; Paulo da Silva-gerente. Como de praxe, divulgou seis edições durante o ano, a última das quais em setembro (Bib. Púb. Est.).

No ano II, nº 5, mês de julho, era diretor-secretário Severino C. Barbalho e redator-chefe João Freire Silva.

Continuando, existe comprovante do nº 1 de 1949, sem designar o mês. Diretor- Edson Ferreira; redator-secretário-Elson Xavier.

Ainda se publicava em maio de 1953, ano X, sem mencionar corpo redacional e em setembro de 1954 (Dept. Cultural da SEEC).

O ESCOLAR - Órgão do Clube de Leitura Frei Caneca (Grupo Escolar do mesmo nome) - Circulou a 19 de abril de 1942, ano II. Diretor-gerente - Ivanildo Aroxa; diretora-secretária -Neide Costa e Silva, logo substituída por Teresa Pontes. Atingiu o nº 6 em setembro (Bib. Púb. Est.).

No ano seguinte, saiu o nº 1 em maio e o nº 7 em setembro, sendo novos diretores Manuel Ribeiro e Elias Barbosa.

De 1944, o último avistado foi o nº 6, de agosto, a cargo de Terezinha Melo e Lourival Oliveira.

Após longo interregno, existem exemplares correspondentes aos meses de março a outubro de 1954 (Dept. Cultural da SEEC).

O ESCOLAR - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Martins Júnior - Deu a público sua primeira edição a 19 de abril de 1942. Direção de Gildo Pires Ferreira, sendo redator-secretário Geraldo Barreto. O segundo número saiu a 23 de maio, com retrato de Pio XII, a lápis, ocupando toda a primeira página (Bib. Púb. Est.).

O ESCOLAR - Órgão do Clube de Leitura Oliveira Lima (Grupo Matias de Albuquerque - Vila Popular Casa Amarela) - Viu-se publicado o número de estréia em abril de 1942. Diretor Mário S. da Cunha Júnior; secretário - José Carlos C. de Albuquerque; redator- Paulo César da Silva. O nº 6 é de setembro.

Atingiu o nº 15 de novembro de 1943, tendo Paulo ascendido ao posto de diretor, assessorado pelos redatores Rômulo C. da Silva e Antonio Cabral de Araújo Pereira, o secretário. No ano de 1944, nº 17, mês de março, figuravam: diretor - Cláudio Novais; secretário - Visterlino José Barbosa. A direção transferiu-se, logo mais, a Valdeck Guimarães do Couto e, em outubro do mesmo ano, a Alda Isa de Freitas.

Outro único comprovante encontrado: edição de agosto de 1949, edição especial dedicada ao primeiro centenário de Joaquim Nabuco. Diretora - Djanira de França; redatora - Luzia

T. de Melo; secretária - Marlene Queiroz (Dept. Cultural da SEEC e Bib. Púb. Est.).

LEÃO DO NORTE - Órgão Oficial do Grupo Escolar 24 de Outubro - Deu à luz o primeiro número em abril de 1942. Diretor- gerente -Itaporan Reis; diretor-secretário - Geraldo Gomes Freire; redatora-chefe - Cremilda Lima. O artigo de saudação ao presidente Getúlio Vargas, ao mesmo tempo apresentando o jornal, teve a assinatura da professora Judite Costa. Circulou regularmente, cada mês, até o nº 8, do mês de novembro. Os nºs. 3, 4 e 5, de 1943, foram dados à estampa nos meses de agosto, setembro e outubro, sendo os nomes acima mencionados substituídos por Juarez Johnson, Hélia Vilas-Boas e Elisa Buonafina.

Prosseguindo, restam comprovantes dos nºs. 1 a 4, ano V, de 1946. Novo corpo redacional: diretor Gercino Meneses; vice-diretor - João Graça; secretária Maria Célia Quaresma; redator- Gilvan Oliveira (Bib. Púb. Est. e Dept. Cultural da SEEC).

JOÃO BARBALHO JORNAL - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar João Barbalho - Publicou-se, pela primeira vez, em abril de 1942. Diretor - Idernani Gonçalves Jaques; secretária Susanne da F. Breuel; redatora - Regina C. de A. Maranhão. Três edições somente, a última delas, de nº 3/4, correspondente aos meses de junho e julho (Bib. Púb. Est.).

O nº 1, ano II, de março de 1943, teve o corpo redacional substituído por Arlindo Galvão, Terezinha Vieira e Leovigildo Maranhão (Dept. Cultural da SEEC).

UNIÃO - Órgão do Clube Literário Aires Gama - Com sede no Grupo Escolar do mesmo nome, iniciou sua existência a 19 de abril de 1942, publicando o nº 5 a 7 de setembro. Diretora- Iria Ferreira Lima; redator-secretário - Darnley Araújo, depois, Antonio de Holanda (Bib. Púb. Est.).

Circularam, no ano seguinte, quatro edições, de junho a setembro; e oito em 1944, de abril a outubro, tendo, neste último, como diretor e redatora-secretária, respectivamente, Aroldo José da Silva e Severina Moraes (Dept. Cultural da SEEC).

A INÚBIA - Órgão do Clube Literário Rui Barbosa (Escola de Aplicação) - Saiu a lume em abril de 1942. Direção de Ednéa Albuquerque, sendo gerente João Ibsen. Circulou em setembro o nº 6 (Bib. Púb. Est.).

Prosseguiu em 1943, sendo o nº 12, ano II, do mês de julho, sob a direção de Margarida Maria Matos, secretariada por Heloisa C. Pereira (Dept. Cultural da SEEC).

O TABAJARA - Órgão Literário dos Alunos do Grupo Escolar Anibal Falcão (Sancho) - Começou com a edição de abril de 1942, saindo o nº 6 em setembro. Redatores Wilson Cavalcanti Brayner, Wilson Pereira, Maria do Carmo Moura Dias, Marcílio L. Afonso, Gerson Ferraz e Iolanda Maia (Bib. Púb. Est.).

Circularam sete edições em 1943 e oito em 1944, substituído, cada ano, o corpo redacional que, em 1946, era o seguinte: diretora - Lucila Bela; secretário - Etivaldo Santos; redadoras - Orlande Silva e Almira Ferrer.

Ainda se publicava em 1952, tendo aparecido o nº 1 no mês de junho e, em 1953, a 7 de setembro, terminado em 1954 (Dept. Cultural da SEEC).

SOL - Órgão Literário do Grupo Escolar Xavier de Brito (Casa Amarela) - Sob a direção de Jurandir Amaral, tendo como redatora-secretária Alzira S. Bezerra, publicou-se mensalmente, a partir de abril de 1942, datando de setembro o sexto número, último encontrado (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DAS CRIANÇAS - Órgão do Grêmio Literário Landelino Rocha (do Grupo Escolar do mesmo nome) - Inexistentes, comprovantes das primeiras edições, o nº 3, ano II, circulou a 19 de abril de 1942, tendo como diretor Fernando Cavalcanti e secretário Domingos Wanderley. Atingiu o nº 6 em setembro.

Continuou nos dois anos subsequentes, sendo diretora e secretária, em 1944, Idalina Almeida e Donizete Belo, respectivamente.

Só encontrados, depois, exemplares das edições de março e de abril de 1954, sob a responsabilidade de Bráulio Braga Proa e Maria Helena Soares (Dept. Cultural da SEEC).

BRASIL - Órgão do Grêmio Literário Joaquim Nabuco, do Instituto Brasil - Surgiu a 13 de junho de 1942, no formato de 32 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Alfredo Maurício de Lima Fernandes. Redação na rua Fernandes Vieira, 73. Impressão das oficinas do Diário da Manhã.

Sucinta nota de abertura, assinada por Maria de Pompéia Gonçalves Fernandes, focalizou as dérmaches para a escolha do título do jornalzinho, um título - dizia - que sozinho definisse todo o entusiasmo e a vibração juvenis. Venceu a palavra Brasil.

A edição de estreia, como era do programa, constituiu-se de composições exclusivamente de alunos, a salientar Maria de Lourdes Mousinho de Azevedo (ilustrada com clichê de Pio XII), Lúcia Amélia Leite Gueiros, Lauro Avelar de Oliveira e Marcel Bruére, além de noticiário ligeiro humorismo e charadas.

O nº 2 circulou no dia 8 de dezembro e nº 3 a 13 de junho de 1943, substituído o diretor por José Marcílio Anacleto Porto. A edição seguinte, de 13 de junho de 1944 teve como diretora Nice Maria C. Guimarães, assessorada por um redator-chefe Paulo de Nazaré M. de Almeida. A matéria tornara-se mais variada, incluindo ilustrações a cargo dos alunos.

Decorridos dois anos de suspensão, ressurgiu o Brasil - nº 5, ano V - a 13 de junho de 1946, tendo como diretor Luiz Gonzaga de Albuquerque Brito. Deu oito páginas. Maior ainda foi a paralisação até atingir o nº 6, publicado a 5 de dezembro de 1948, também oito páginas, sob a direção de Tomaz S. de Melo.

No ano subsequente, o interessante órgão saiu a 18 de agosto, tendo como diretor Américo Fernando Silva. Homenageou com fotografura na primeira página e literatura alusiva, o centenário do nascimento de Joaquim Nabuco. Colaboração especial do professor Mário Sette.

Subiu dez páginas a edição - nº 8, de 2 de dezembro de 1950 - quando figurou na direção o nome do quintanista

Guilherme Robalinho. Imprimiu-se em superior papel acetinado e divulgou, a par de artiguinhos assinados, reportagem fotográfica das solenidades de fim de ano do Grêmio do Instituto e do Ano Santo.

Edição extraordinária foi a de nº 9 - ano XI - datada de 3 de dezembro de 1952, que reuniu doze páginas, a primeira das quais, em tricromia, ilustrada com grupo de colegiais em guarda à bandeira do Brasil, tendo por legenda duas estrofes do Hino Nacional. Sob a direção de Mário José Dubeux, foi excepcionalmente confeccionada na tipografia da Folha da Manhã, utilizando papel couchê Matéria copiosa, incluindo a seção “Divirta-se” e clichês da diretoria do Grêmio Literário Joaquim Nabuco e do corpo docente do Instituto Brasil.

Não voltou a publicar-se, pelo menos até dezembro de 1954 (Col. M. L. Mousinho e Bib. Púb. Est.)¹.

A RIBALTA - Órgão Oficial do Serviço de Teatro-Escola - Saiu a lume no dia 15 de junho de 1942, com seis páginas manuscritas e hectografadas em papel ofício, o título bem desenhado além de outras ilustrações. Apresentou-se com editorial de Ademare Renaux Leite, a diretora, sendo secretária Hilda Santos Silveira. Redação à rua Barão de São Borja, 347.

Boa parte da edição foi dedicada ao poeta Ademar Tavares, que foi retratado por Wellington de Sousa. Ocuparam uma página o original musical e a letra da marcha “Glória do pavilhão”, de autoria do intelectual cego Júlio do Carmo.

¹A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada dos dois primeiros números do Brasil.

Circulou no mês de agosto o segundo número, contendo oito páginas e mais duas de Suplemento, no qual foi homenageado o Duque de Caxias. As duas edições estamparam escritos de alunos de diferentes escolas, sendo Maria do Carmo Nascimento a principal ilustradora. Consta da segunda uma carta de agradecimento de Ademar Tavares (Bib. Pú. Est.).

ATLÂNTIDA - Inexistentes comprovantes das edições anteriores, o nº 5, ano II, circulou em agosto de 1942, obedecendo ao formato de 32x23, com 20 páginas de texto (papel acetinado) e capa em couchê. Impressão das oficinas do Jornal do Comércio, funcionando a redação na rua do Imperador, 468. Diretores- Aníbal José Pereira Simões e José Dias Martins do Nascimento. Matéria variada e boa quantidade de anúncios. Preço do exemplar-Cr\$ 0,50.

Seguiu-se a publicação, proporcionando duas a três edições por mês até 1944. Passou a mensário em 1945 e bimensário em 1946, saindo esporadicamente nos três anos seguintes, variada a quantidade de páginas, sempre aumentativa, chegando a atingir 108, além de um número especial de 216.

As capas exibiam, até certo tempo, fotogravuras de altas patentes ou motivos militares. A de novembro de 1944 apareceu verde-amarela, tendo ao centro, em sépia, a efigie do presidente Getúlio Vargas. No ano seguinte, adotou o regime de desenhos alegóricos, ora de Carlos Amorim, ora de Baltazar da Câmara, ora de Renato Botelho, continuando, posteriormente, com estampas cinematográficas.

O preço do exemplar, que se elevava a Cr\$ 3,00 desceu para Cr\$ 2,00 depois para Cr\$ 1,00, mas a edição maior custou Cr\$ 25,00.

Participaram do corpo redacional diferentes nomes, que se iam agregando aos diretores. Foram eles: Luiz de Farias Castro, Horácio Belo de Azevedo Maia, Adolfo Pereira Simões (ao mesmo tempo consultor jurídico), Albino Buarque de Macedo, Elza Leal Lauria, Sebastião Machado, Luiz Rocha, Patrício Saraiva, A. Guedes, Madame Carmem (Página Feminina) e Telha de Freitas, sendo encarregado-chefe de publicidade Murilo S. Arantes e redator comercial Milton Pessoa de Oliveira, depois João Galhardo. A redação e a gerência funcionaram, a partir de dezembro de 1943, na rua Duque de Caxias, 307, 1º andar e, desde junho de 1945, na rua da Palma, 429, 2º andar, transferindo-se, no último ano, para a rua do Hospício,216.

Fora os nomes mencionados, a revista inseria colaboração, em prosa ou verso, de Bob Silva, Sousa Leão Neto, Marijó de Farias, Israel de Castro, Luiz Cisneiros, João Modesto, Abigail Braga, Cláudio Tavares, João Pirro, Gustavo Cintra Paashaus, Nelson Pinto, Dagoberto Fernandes Pires, Nilo Tavares, Amaro Wanderley, Esdras Farias, Armiragi Breckenfeld, L. Afonso, Ernesto Santos Filho, Lício Neves, Homero Rego Barros, Alberto Campelo, Telga de Araújo, Enéas Alves, Sinval Peregrino da Silva e outros. Havia seções de Charadas, Grafologia, Desportos, Rádio, Cinema e Página Social, sempre repleta de clichês.

Entretanto, o forte de Atlântida foram as reportagens comerciais, trazidas, inclusive, de outros Estados, além das de

natureza militar, igualmente pagas, sendo imensa a quantidade de anúncios soltos.

Após a edição de 216 páginas, de setembro/novembro de 1948 - ano IX, nº XXXVII - a revista ficara suspensa, para reaparecer em janeiro de 1951 - ano XII, nº XXXIX - impressa em tipografia diferente, com apenas 24 páginas, média que manteve até o nº XLII, datado de maio/junho do mesmo ano.

Terminou aí, provavelmente, a existência do magazine publicitário (Bib. Púb. Est)

LABOR - Órgão da Escola Técnico-Profissional Feminina - O nº 2, ano I (único encontrado), foi publicado a 7 de setembro de 1942, com quatro páginas tipo papel de ofício, manuscrito e copiado em aparelho hectográfico. Sua matéria constituiu-se de literatura e desenhos infantis e noticiário das atividades escolares (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO DO NORTE DO BRASIL - Publicação ocasional, o nº 1, ano I, circulou no mês de outubro de 1942, em formato de 32x23, com quatro páginas de quatro colunas. Redação à rua Dom Bosco, 1553.

Abriu a edição uma página histórica sobre o Seminário, assinado por John Mein, seguindo-se artigos dos professores Munguba Sobrinho, Lívio Lindoso e W. C. Hasrrison e noticiário.

Apresentou-se o nº 2 em janeiro de 1943, divulgando Relatório, Balancete, artigos, etc.

O nº 3, ano II, saiu a lume em setembro de 1944, acrescentando-se ao título uma palavra:

BOLETIM DO SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO NORTE DO BRASIL. Reduziu-se o formato para 21x14, quatro páginas, constando do cabeçalho: Diretor - John Mein; redator-responsável - José Munguba Sobrinho. A matéria constou de artigos de Lívio Lindoso e “Fatos e notícias”. A edição seguinte publicou-se em dezembro, uma vez declarado o propósito de fazê-lo circular trimestralmente.

Nem sempre obedecendo à periodicidade enunciada, prosseguiu o Boletim, ano afora às vezes saindo com seis páginas.

Ao atingir o nº 26, ano IX, dezembro de 1950, havia voltado ao formato primitivo, adotando o seguinte expediente: diretor-interino - David Mein; colaboradores permanentes - John Mein, Munguba Sobrinho, Lívio Lindoso, Antonio Marques Dorta, Harald Shaly, José Florêncio Rodrigues e Raimundo L. Kolb. Aos lados do título, duas expressões bíblicas : “A tua palavra é a verdade” e “Prega a palavra”. Achava-se a redação - sede do estabelecimento - transferida para a rua Padre Inglês, 243. Começando numeração nova a partir de 1951, sem mais alterações, viram-se publicados, cada ano, dois a três números. O segundo de 1954 saiu em novembro, encerrando o ano XIV ¹ com boas dez páginas de matéria específica (Bib. Púb. Est. e Bib. Semin. Teol.)².

¹ Prosseguiu em 1955.

² Da Biblioteca Pública do Estado são apenas os dois primeiros números. Parte do nº 3 a coleção incompleta da Biblioteca do Seminário Teológico.

BOLETIM DA FESTA DA MOCIDADE - Publicado pela Campanha do Ginasiano Pobre - Surgiu (sem registrar a data) em dezembro de 1942, no formato de 32x23, com quatro páginas de duas colunas largas. Número único, para “circulação interna”.

Sem nota de apresentação, ocupou-se das atividades da C.G.P., divulgando, igualmente, produções literárias de Coreia de Araújo, José Dias da Silva e Luiz Pedreira; quadras soltas e um pouco de humorismo. Dois únicos pequenos anúncios (Bib. Púb. Est.).

CADASTRO COMERCIAL E INDUSTRIAL BRASILEIRO - Economia. Finanças.

Comércio. Indústria - Foi dado à publicidade em 1942, no formato de 31x24, contendo 200 páginas de papel acetinado e capa com alegoria, a cores, de indústria pesada. Impressão das oficinas do Jornal do Comércio. Diretor-proprietário - Aduino Barbalho; diretor-organizador - Gentil de Sousa; secretário - Cláudio Tavares; consultor técnico - Luiz Periquito. Redação e escritório à rua Nova, 282, 2º andar.

Sem editorial de abertura, sua matéria constou de reportagens, anúncios e demais modalidades de propaganda; estudos e serviço fotográfico sobre a vida dos Estados e Municípios, abrangendo Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Outra edição circulou em 1943, reunindo 256 páginas, trazendo, junto ao título, uma vinheta-emblema da Organização

Cacique. Capa alegórica, incluindo medalhão do Presidente Getúlio Vargas. Gentil de Sousa assumiu a direção geral, sendo o secretário substituído por Luiz Gomes do Rego Lima. Matéria idêntica à do número precedente.

Edições semelhantes entraram em circulação nos anos de 1944, 1945 e 1946, com 322, 478 e 638 páginas, respectivamente, estendendo-se a aquisição de matéria paga a todos os Estados brasileiros, do Rio Grande do Sul ao Amazonas e território do Guaporé.

É possível que tenha ocorrido outras edições do grosso Cadastro que, todavia, não restam comprovantes (Bib. Púb. Est).

CULTO AOS HEROIS DOS GUARARAPES - Poliantéia de 1942, foi confeccionada nas oficinas da Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro, sob os auspícios do governo de Pernambuco, compreendendo noticiário, documentado fotograficamente, da trasladação dos restos mortais de João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, chefes da Insurreição Pernambucana contra a dominação holandesa, e as atas de reconhecimento dos respectivos despojos.

Apresentando formato de 18x26, oblongo, impressa em papel couchê, capa em cartolina de fantasia, a publicação estampou 39 fotografias do acontecimento, todas da autoria de Benício W. Dias (Colec. Albertino Santos, João Pessoa, Paraíba).

ACADEMIA - Órgão do Centro de Excursão e Pesquisa da Faculdade de Direito do Recife - Entrou em circulação no mês de fevereiro de 1943, obedecendo ao formato de 23x16, com 66 páginas de duas colunas, fora a capa, de boa cartolina branca, nela inscritos, vivamente, os princípios do programa: Direito - Política - Literatura. Diretor-responsável - Wilson Alves de Oliveira; redator - Estácio Cardoso, funcionando a redação na Faculdade de Direito. Trabalho gráfico das oficinas d'A Tribuna, à rua do Riachuelo. Preço do exemplar : Cr\$ 1,50 Redação à rua do Lima, 321.

Na “Breve Explicação”, servindo de abertura, lia-se: “Ninguém ignora a existência de um Diretório Acadêmico nesse instituto de ensino superior, o qual se encarregava de formar embaixadas. Estas, entretanto, eram um modo de se fazer turismo. Nenhuma outra finalidade tinham”. Daí, a fundação do C. E. P., destinado a “pesquisar as condições de vida do trabalhador e, sobretudo do trabalhador rural”, acentuando: “Academia publicará alguns resultados desse empreendimento”. Facultava colaboração a alunos da Faculdade de Direito, professores, jornalistas, escritores, etc. Tinha também “um sentido panamericanista”. Seria, finalmente, “um traço de união entre o nosso e outros centros universitários”.

Acrescido do tema “Arte”, circulou o segundo número no mês de março, com oitenta páginas de texto.

Tanto numa quanto na outra edição, a matéria dividiu-se por seções, a saber, com os respectivos colaboradores: Direito -

Abgar Soriano, Gilberto Lopes de Moraes, Prudenciano Lemos, Evandro Gueiros Leite, Morse Lira, Estácio Cardoso e Lucila Barbosa. Política - Odilon Nestor e Caio Júlio. Arte - Maurilo Bruno e outros. Literatura - Aníbal Fernandes, Carlos Moreira, Carlos de Barros, Deolindo Tavares, Laurênio Lima, Luiz Beltrão, Luiz Cristóvão dos Santos, Cláudio Tuiuti Tavares, José César Borba e Abgar Soriano. Diversos - Agamenon Malta, Mário Libânio, Olívia Pereira e Laurênio Lima. Anúncios entremeavam a matéria (Bib. Púb. Est.).

SOUTH ATLANTIC NEWS - Published twice a week for service men in Recife - Entrou em circulação, no Recife, a 13 de abril de 1943, em formato de 31x22, com quatro páginas a quatro colunas de composição.

O editorial de abertura, sob o título “USO traveling show due here”, dedicou a edição de estréia ao vice-almirante Jonas H. Ingram, comandante das forças navais dos Estados Unidos na área do Atlântico Sul, ao mesmo tempo esplanando o programa de divulgação do Jornal.

Seguindo o curso normal, a folha, que era redigida, exclusivamente, na língua inglesa, passou a ser impressa, já em seu nº 24, de 20 de agosto, nas oficinas do Jornal do Comercio, quando aumentou o formato para 48x30, de seis colunas, com quatro páginas, substituindo o sub-título pelo seguinte: “All the news we can get”. Outras indicações: “Published every Friday”, “for free distribution to every service man in this Area”; responsabilidade do Headquartera Commander South Atlantic Force. No expediente: “Published by Welfare Divison South Atlantic Force Room 808 Headquarters Building”. Managing Editora - Lts. William S. Ricker e Carl T. Lloyd; Office an

Circulation - H. R. Lindberg, Y 2c; Staff Writer - Ens. R. L. Scherer; Photo Editor-Gabriel Benzur (mais três auxiliares); Art Editor - J. B. Alves, Painter 1c; Cartoonist - Steven Soboloski, S. 1c.

A partir do nº 33, de 22 de outubro, a linha abaixo do título foi substituída pela seguinte: “ Headquarters Commander Fourt Fleet ”. Localizava-se, desde que foi instalado, no edifício dos Bancários, à avenida Guararapes.

Publicou-se ininterruptamente, cada sexta-feira e, no nº 43, de 31 de dezembro, encimou o cabeçalho a saudação “Happy New Year”.

O nº 44 saiu a 8 de janeiro de 1944, seguindo o semanário sua meta de porta-voz das ocorrências da guerra mundial em curso e dos acontecimentos, inclusive de natureza social, verificados na área sob controle da Quarta Força naval estadunidense. Bastante ilustrado de fotogravuras e desenhos humorísticos. Atingiu o fim do ano com o nº 96, de 29 de dezembro, abrindo a edição um quadro em duas colunas, com palavras festivas, sob o título: “We can Make 1945 a Happy New Year!”

Iniciado 1945, diminuiu o formato do South Atlantic News para o primitivo modelo de 31x22, passando a dar edições ora de quatro ora de oito páginas. O pessoal responsável ficou assim constituído: Editor - Leut. W. S. Ricker; Managing Editor-S. C. Quinlan, Cy. Os dizeres do cabeçalho, além da indicação do Comando, foram reduzidos para: “Every friday” e “Free for all hands”. No expediente “We want all the news we can get - all hands invited to contribute. Solant News uses Camp Newspaper

Service material which may not be reproduced without permission of CNS. Do not home Solant News of any part of it”.

Do nº 121 em diante, o sub-título mudou para “Information & Education Section, Headquarters Usafsa”.

Ao terminar sua atuação, o que ocorreu com o nº 135, de 28 de setembro de 1945, o South Atlantic News obedecia à seguinte equipe: Editor - Major de Infantaria Joseph Bower; Editorial Staff - Cpl. Oscar Matasar e Mrs. Ivadel Scarborough; Art Editor - Pfc. Ernest F. D’Angelo (Bib. Púb. Est.)¹.

O PEQUENO ARTÍFICE - Órgão Oficial dos Alunos da Escola Técnica do Recife - Teve seu primeiro número publicado em abril de 1943, em formato de 33x24, com quatro páginas. Imprimiu-se, usando papel superior, nas oficinas gráficas do estabelecimento, localizado à rua da Estância, 609. Constitui-se o cabeçalho de artístico desenho simbólico de Trabalho, entrelaçando-se-lhe as letras do título. Redação a cargo da turma da 3a. série, encabeçada por Eliseu Pereira de Melo e Nilton Coimbra Pinto.

Seguiram-se mais quatro edições, a última das quais datada de agosto, a cargo das diferentes Séries, sob a orientação dos professores da matéria correspondente. Ilustração e gravação dos próprios alunos, quase sempre homenageando

¹ A coleção manuseada inicia-se com o nº 24. Os anteriores, não impressos no Recife, achavam-se arquivados numa repartição de guerra de Washington. Foi possível avistá-los em microfilme de lá enviado ao cônsul dos Estados Unidos em Pernambuco, que teve a gentileza de solicitá-lo para servir ao pesquisador. Recebido o rolo e consultadas as 23 edições do South Atlantic News, transferi-o à Biblioteca Pública do Estado.

personalidades nacionais. Divulgava crônicas e artiguetes, sendo uma página dedicada ao noticiário. Tiragem reduzida, não ultrapassando 230 exemplares (Colec. Albertino Santos, João Pessoa, Paraíba).

REVISTA ACADÊMICA DE MEDICINA, ODONTOLOGIA E FARMÁCIA - Órgão do Diretório Acadêmico de Medicina - O nº 1, ano I, circulou em abril de 1943, obedecendo ao formato de 23x16, com 82 páginas impressas em bom papel, mais a capa, em cartolina de cor, ilustrada com simbólico desenho da autoria de Mazzoni. Diretor - Geraldo da Rosa e Silva; Comissão da Revista - Galdino Loreto, Vamberto Morais, Antonio de Almeida, Samuel Fichman, Antonio Isnar Amorim e Fernando Bezerra. Redação: Faculdade de Medicina, no Derby.

Lia-se na “Apresentação”: “Seu fim é antes de tudo estimular e auxiliar o estudo. Estimulá-lo, facultando aos alunos a publicação de seus pequenos trabalhos, frutos de esforços eficientes e proveitosos, e auxiliá-lo pela divulgação de artigos de professores, onde estes, com a competência de que a função que desempenham é o melhor índice, explanem detalhes dos programas e pontos pouco encontrados nos manuais comuns, divulguem as aquisições mais recentes da ciência ou, enfim, tragam a contribuição inestimável de sua prática profissional”. Serviria, igualmente, “de documentário das atividades sociais, desportivas e científicas do corpo discente da Faculdade, sobretudo de suas associações”.

A edição divulgou produções de caráter científico, assinadas por Vamberto Morais, professor Jorge Lobo, Luiz Inácio, Herodoto Pinheiro Ramos, Luiz S. Carneiro, José Maria Faria, Joaquim Cavalcanti, Pedro Cavalcanti, Rui Batista, José

Brasileiro, Roberto Câmara, Giuseppe Mazzoni e Samuel Fichman, completando a edição quatro páginas de “Notas e Notícias”. Entremeavam-se à matéria geral alguns anúncios.

O nº 2 apareceu datado de outubro/novembro/dezembro, prosseguindo a precedente numeração das páginas, até 162. O diretor foi substituído por Galdino Loreto e da Comissão da Revista só restavam Vamberto Morais e Antonio Almeida, sendo os demais substituídos por Herodoto Pinheiro Ramos, Umberto de Queiroz Meneses, Dagmar de Abreu Vasconcelos, Norberto Scheidegger e Hélio Ferreira Lopes. Colaboraram: professores Álvaro de Figueiredo e F. A. Simões Barbosa, médicos Joaquim Cavalcanti e Netário Braz de Almeida, cirurgião-dentista José Brasileiro Vilanova, acadêmico Luiz Inácio e Hélio Codeceira.

Nada obstante o desejo expresso de que a publicação se regularizasse, só ocorreu o nº 1 do ano II em setembro de 1944, com 78 páginas, feito órgão do Diretório Acadêmico de Medicina e Cursos Anexos de Odontologia e Farmácia. Diretor-Herodoto; Comissão da Revista - Alexandre Médicis Rodrigues da Silveira, José Alberto Maia, Bianor Germano da Hora e Hindenburg Tavares de Lemos. Artigo redacional focalizou o atraso havido, motivado por diversas dificuldades, sobretudo “a falta de editoras”. Pedia, então, mas estreita colaboração, postas de lado as agitações estéreis, reafirmando sua finalidade de trabalhar pelos “interesses da classe”, que eram vários. Entre os colaboradores da edição viam-se dois nomes novos: dr. Ladislau Porto e acadêmico José M. Schuler.

Era mesmo precária a situação da Revista Acadêmica de Medicina, Odontologia e Farmácia, pois desapareceu da cena até janeiro de 1948, quando saiu o nº 1 do ano III. Turma

responsável: diretor-Helena de Meiroz Grilo; Comissão Redacional - Gilmário Mourão Teixeira, Umberto de Queiroz e Silva, Josué Alves Pereira, Francisco Rodrigues e Jarbas Torres Dantas. Reuniu 82 páginas, inserindo produções de Saulo Suassuna, Geraldo da Rosa e Silva, Perseu Castro de Lemos, Metódio Maranhão Neto e outros. Trabalho material da Imprensa Oficial.

Seguiu-se-lhe o nº 1 do ano IV, janeiro/março de 1949, contendo 56 páginas, melhor papel, impresso na oficina de Artes Gráficas da Escola Industrial de Pernambuco. Apenas um nome ostentou-se: diretor - Ângelo Jordão Neto. Colaboradores já conhecidos, mais o acadêmico Leão Santiago.

Circulou no mesmo ano o nº 2, correspondente aos meses de abril a setembro, obedecendo à direção do acadêmico de odontologia Edrizio Barbosa Pinto, assessorado pela seguinte comissão: Reginaldo Régis, Eugênio Carlos de Albuquerque, Tércio Vasconcelos e Felton Castelo Branco Neto. Outras 56 páginas e um gráfico estatístico. Produções dos professores Ernesto Silva, Valdemar de Oliveira e Pinto de Campos, odontolanda Ivete Teixeira de Vasconcelos; Luiz Mário Mamede Pinheiro, Adônis Carvalho e Carlos Silveira Lima.

Não houve mais notícia do magazine acadêmico (Bib. Púb. Est.).

O MÔLHO - Fundado por Valdemir Teles no ano anterior, apenas mimeografado, apareceu impresso tipograficamente - oficinas do Diário da Manhã - no dia 20 de junho de 1943, com quatro páginas, as de frente e fundo a duas cores, no formato de 31x24. Constava do cabeçalho: “Órgão Humorístico e

Informativo - Exclusividade dos funcionários do Banco Comércio e Indústria de Pernambuco”. Redatores : Pimenta e Malagueta , ou seja, Maurício Carneiro e Flósculo Ferreira Lima.

A edição ocupou mais de uma página com o editorial “Como nasceu O MÔLHO” , seguindo-se a inserção de poesias de Jones e Flósculo, para concluir com noticiário sobre a II Olimpíada dos Funcionários do B.C.I. P.

O terceiro número publicou-se a 18 de julho de 1944, feito revista, num volume de 32 páginas, trazendo sob o título a indicação: Edição Especial, dedicada à III Olimpíada. A capa ostentou desenho de Zuleno Pessoa, com motivos desportivos. Diretores-Maurício e Dalvino Santos. Fora a matéria principal e a publicidade do Banco, inseriu “A família Comércio e Indústria”, repleta de clichês, por Euclides M. Gonçalves, também autor de outras crônicas: “Ria se quiser”; “Radiofonia”, a cargo de Dalvino; “Cinema e Teatro”; “Charadas”; “No mundo das Letras”, por Benedito Mota; “Mundanismo”; “Poesias”; “Arte Culinária” e diferentes trabalhos de Maurício Carneiro.

Voltou a ser simples jornal no quarto número publicado, o que ocorreu a 15 de julho de 1945. Apenas oito páginas. Na edição de 1 de setembro de 1946, vinha o esclarecimento: “Edições anuais comemorativas das Olimpíadas dos funcionários do B. C. I. P. - Distribuição Interna”. Assim foi com o nº 6, de 1 de setembro de 1947, elevada para 12 a quantidade de páginas.

Além do que escreviam os diretores, variando Maurício com os pseudônimos de Ricampos e Dr. K. Sête, eram outros colaboradores: José Martins Júnior, o das “Notas e Comentários”, também aparecido com o travesti João do Pina ;

Flósculo Ferreira Lima, o mesmo D'Artagnam ; Rubem Catunda, Hélio Miranda, Guttenberg Barbosa, o Repórter Invisível; Maria Helena Ferreira, Stela Cavalcanti, Fernando Rocha, Roderico Queiroz, inclusive com o pseudônimo Riomar ; Aureo Vital, Ribeiro Lino e outros. Não faltavam, igualmente, notas curiosas, sociais e clichê.

Decorridos seis anos de ausência, circulou O MÔLHO no dia 26 de setembro de 1953, com 12 páginas, ótimo papel, em formato grande - 50x32 -ostentando títulos em enormes caracteres, mais de metade da edição dedicada à propaganda do Banco, que era o editor. Liam-se: "Página da Musa", "Página Desopilante", "Coisas de Hollywood", "Rádio", etc. Colaboradores já mencionados.

Foi a última aparição do órgão exclusivo (Bib. Púb. Est.).

O CAÇULA - Órgão dos Alunos da Escola de Aplicação Pinto Júnior- Manuscrito e copiado em hectógrafo, o nº 2, ano I, circulou em junho e o nº 5 em outubro de 1943, com quatro páginas de papel tipo ofício. Diretora - Cristina Rodrigues; secretária - Expedita Magalhães; redatora - Marti B. Rocha. Matéria constituída de exercícios de literatura infantil, notícias e desenhos escolares a lápis de cor (Dept. Cultural da SEEC).

O GUARANI - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Regueira Costa - Idêntico ao precedente, publicou-se o nº 4, ano I, em julho de 1943. Diretor - Rivaldo Quirino; redatora-chefe - Terezinha Ivo; repórteres - Geraldo Cardoso e Nilton Pimentel ; tesoureira - Célia Carvalho.

Avistado, a seguir, comprovante de 1946 e 1947, quando figuravam como diretor, redatora e repórteres, respectivamente, Miguel Fernando B. de Carvalho, Eunice Marinho, Antonio Cardoso e Eureles Cordeiro.

Passando para 1950, ocorreram os n.ºs. 1 e 2, de agosto e de setembro, sob a responsabilidade de Fernando de Almeida, Alberone Fraga, Selma, Ociana e Wilson. Resta, finalmente, a edição de outubro de 1953, que esteve a cargo de Gilson Paes Barreto, João Virgílio, Inaldo Reis e Edilene Pereira (Bib. Pú. Est. e Dept. Cultural da SEEC).

PRIMAVERA - Órgão do Clube de Leitura D. Sebastião Leme, do Grupo Escolar Martins Júnior - Da mesma família dos manuscritos, existem arquivados exemplares de 1943 dos n.ºs. 1 a 8, ano II, meses de março a outubro, indicando como diretor José Máximo de Oliveira e redator-secretário Elpidio Durant.

Em 1944 ocorreram os n.ºs. 1 a 9, correspondentes aos meses de março a outubro, sob a responsabilidade de Daniel Silva e Paulo Lima.

Último avistado: edição especial, de agosto de 1949, sendo diretor Adilton Barreto de Albuquerque e redatora Joseli Freire da Costa.

Ao que foi possível apurar, a publicação não ultrapassou 1950 (Dept. Cultural da SEEC).

GUARARAPES - Órgão Oficial dos Alunos do Grupo Escolar Vidal de Negreiros - Obedecendo ao ritmo dos precedentes, ocorreu o n.º 5, ano I, em julho de 1943 e o n.º 8 saiu em

outubro. Diretor - José de Brito; redatora - Helena Freitas; secretária - Júnia A. Machado.

Outro comprovante encontrado foi o nº 1, ano IV, de março de 1946, sendo diretora Maria Ester da Cunha; secretária Astréia Ramos de Melo e redatores os alunos.

Resta, finalmente, o nº 1, ano VIII, de junho de 1950, a cargo de Laís Medeiros e Denise Dutra (Bib. Púb. Est. e Dept. Cultural da SEEC).

MAURICÉIA - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar D. Sebastião Leme - Ainda da série dos manuscritos copiados em hectógrafo, publicou-se em 1943, ano I, mês de julho, o nº 5 (não avistados comprovantes anteriores), figurando como diretor Luis Sousa Andrade, secretariado por Wellington Oliveira.

De 1944 constam exemplares dos nºs. 9 a 16, correspondentes aos meses de março a outubro, sendo aqueles dois nomes substituídos por Edvaldo Cavalcanti e Edson G. da Fonseca.

Resta, apenas, de 1945, o nº 4, do mês de maio, cuja primeira página exibiu ilustração, a lápis de cor, de tema sanjuanescos. Diretor - João Wanderley; redator-secretário - Luiz Gonzaga (exemplar pertencente a Hostiniano de Morais).

Encontrados, por último, os nºs. 2 e 3, ano VIII, de maio e de agosto de 1950, quando tinha como responsável João S. Ferreira e Osiris Cipriano da Costa (Dept. Cultural da SEEC).

BOLETIM DA C. G. P. - Órgão da Campanha do Ginasiano Pobre - Publicação avulsa, o nº 1, ano I, circulou em agosto de 1943, obedecendo ao formato de 32x23, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Filipe Gomes; redator - E. Luna, funcionando a redação na rua Velha, 86. Trabalho gráfico das oficinas da Folha da Manhã .

O editorial do diretor, sob o título “Roteiro”, focalizou a campanha mencionada no cabeçalho, dizendo da disposição do grupo de moços que se dispôs “a fundar um ginásio para rapazes reconhecidamente pobres”, fornecendo-lhes aulas e livros gratuitos . Escreveram a propósito da iniciativa: Alcides Rodrigues de Sena, José Rafael de Meneses, E. Luna, José de Sampaio Dias, Hélio Dantas, Carlos Luiz de Andrade e Joel Pontes, que entrevistou o jornalista Aníbal Fernandes.

Apareceu o nº 2 em maio de 1944, sendo o redator substituído por Genivaldo Wanderley. Este, por sua vez, cedeu o lugar, no nº 4, do mês de julho (edição de aniversário, com seis páginas), a Geraldo M. Costa, ao passo que José Irineu Cabral substituiu o diretor.

Mais volumoso foi o nº 5, ano II, que saiu em novembro, reunindo oito páginas, sempre impregnadas de calor e entusiasmo pela Campanha que dera lugar à fundação do Ginásio Castro Alves, nome com o qual foi batizado o educandário, já funcionando desde o mês de agosto.

Além dos nomes mencionados, o Boletim contava com a colaboração de Florêncio Teixeira, Romeu Negromonte, Carlos Abdorilo, Benedito Narciso, Mário de Pontes, Sílvio Vernon,

Lourival Azevedo e Margarida Lucena, secretária feminina da Campanha. Inseria, sobretudo, noticiário alusivo.

O nº 6, ano III, publicou-se sem data. Comemorou, no entanto, o segundo aniversário do Boletim, transcorrido em agosto de 1945. Toda a matéria de suas oito páginas abordou a campanha do ginásio pobre; incluída a colaboração de nomes ainda não aparecidos, tais como: Edgar Ataíde, Manuel Correia de Andrade, Caubi de Oliveira, Maria José da Luz, Simone Salomé Genes e José Lopes.

Ao que tudo indica, terminou aí a publicação (Bib. Púb. Est.).

VITÓRIA - Órgão do Centro de Cultura Olavo Bilac, da Usina Elétrica - Entrou em circulação no mês de setembro de 1943, no formato de 28x23, com seis páginas de papel assetinado, a três colunas, todo manuscrito. Diretor - João M. Guimarães; depois, Arlindo T. de Barros; secretário - Oscar da Mata; redator - Boanerges B. Oliveira; ilustrador - Nivaldo Uchoa Cavalcanti. Sede: Usina Elétrica de Pernambuco Tramways & Power Co. Ltd. Divulgação interna, inclusive nas Sub-Estações e Fábrica de Gás.

O editorial de abertura, na primeira página, tendo ao centro o retrato, a bico de pena, de Olavo Bilac, focalizou a necessidade que havia da criação do Centro, então objetivada, enaltecendo a personalidade literária dos organizadores e redatores do jornalzinho, que aparecia para difundir as suas produções.

Seguiu-se a publicação mensalmente, passando, desde o segundo número, a ser datilografada, ao passo que aumentava a quantidade de páginas, até o máximo de 16, ilustradas a lápis de cor ou com fotografias superpostas.

Divulgava matéria literária, noticiosa e humorística, sendo a página do fim invariavelmente ocupada com as “Troças em Traços”, a cargo de Nivaldo. Afora os escritos dos redatores, aparecia colaboração assinada por Apolinário de Souza, Zé Ramos, Josué de Brito, Aldemaro Silva, Artur Bietz, Luiz Guerra Galvão e outros.

Terminado o primeiro ano com quatro edições, publicou-se em janeiro de 1944 o nº 1, ano II, para atingir outubro com a 10ª edição.

Vitória saiu finalmente, em caracteres tipográficos, no mês de dezembro - 1944 - impressa na “Editanobrás”, à rua Aníbal Falcão, 148, Graças. A edição de 24 páginas, bom papel, formato de 26 x 16, foi dedicada ao Natal. Bastante ilustrada, inseriu colaboração especial, entre outros, de Bruno Mário Verri, Fernando da Cruz Ferreira e Amaro Rodrigues.

Não continuou (Bib. Pub. Est.)

SANTO ANTÔNIO - Órgão da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil - Editado pelo Provincialado do Recife, saiu o 1º número, datado de 1943, no formato de 23 x 16, com 70 páginas, além da capa, em cartolina de cor. Diretor: frei Adriano Hipólito, funcionando a redação no convento de N. S. das Neves, em Olinda. Impressão das oficinas gráficas do Jornal do Commercio.

Segundo o artigo de apresentação, assinado pelo ministro provincial frei Pedro, Santo Antônio seria órgão de intercâmbio, “uma carta de todos para todos, laço de união entre as 27 causas da província, suprimindo distâncias e aproximando corações”. Contaria nas suas páginas “das alegrias e tristezas do irmão distante”. Acentuou : “Têm preferência os artigos de interesse exclusivo para os nossos confrades, seja que eles tenham por fim apresentar sugestões e reflexões práticas e persuasivas sobre a vida religiosa e sacerdotal, seja que eles versem sobre assuntos da história da nossa Província, sobre métodos e trabalhos pastorais, sobre fatos e acontecimentos na cura d’almas que possam doutrinar e edificar”.

A edição inseriu artigos diversos, ilustrados com fotografias de religiosos; copioso noticiário; crônica das províncias; consultório; necrologia e bibliografia.

Seguiu-se a publicação bianualmente, com toda regularidade, figurando como redator, desde o nº 2, frei Martinho Limpe. Quantidade de páginas variadas, chegando a ultrapassar uma centena. Colaboração única dos membros da Ordem, ocupando a página de rosto, quase sempre, fotografura de alta personagem do Clero.

Ao atingir o nº 1, ano X, correspondente ao primeiro semestre de 1952 - nova capa, como desenho simbólico - o redator foi substituído por frei Pancrácio Puetter, do Convento de São Francisco da Bahia, em cuja capital passou a fazer-se o trabalho material, na Editora Mensageiro da Fé Ltda. e a partir de 1953 na Escola Gráfica N. S. do Loreto. A série da revista era, entretanto, em Pernambuco e, desde 1952, no Convento de Santo Antônio à rua do Imperador, no Recife.

O nº 2, ano XII, de 1954, reuniu 112 páginas, apresentando o seguinte sumário: artigos dos frades Adriano Hipólito (o diretor), Bonifácio Mueller e Venâncio Willeke; Documentos; Notícias; Consultas; Fontes Históricas; Crônicas de municípios; Necrológios e Bibliografia ¹ (Bib. Pub. Est.).

1944

OS TRÊS CONSELHEIROS² - Órgão Mensal do Atlantic Refining Club - Entrou em circulação no mês de fevereiro de 1944, formato de 32 x 24, com oito páginas de papel acetinado. Distribuição gratuita e exclusiva aos sócios do Atlantic Refining Club. Diretores - Benedito Teófilo Araújo de Souza e Francisco de Almeida Lima. Trabalho gráfico das oficinas de Renda Priori & Cia. e redação no Edifício IAPETC, à Avenida Guararapes, s/nº, 5º andar.

Lia-se no artigo de abertura: “Tenho nascido na idéia de dar ao Atlantic Refining Club um porta voz, um veículo de propaganda e, mais que tudo isso, algumas páginas de recreio e interesse social coletivo, o nosso jornalzinho é, por sua própria origem, de tendências moralizadoras discretas e seus objetivos são sadios e bem claros. Promovendo a cultura intelectual, espera ser o portador de idéias novas nos domínios das ciências e das letras. Incentivando a cultura física, estará contribuindo para a grandeza e fortalecimento da raça”.

¹ A publicação prosseguiu em 1955.

² O título corresponde ao slogan da propaganda de três produtos da “Atlantic”.

Jornal ilustrado, de lisonjeiro aspecto material, seguiu sua trajetória meses afora, inserindo “Página Literária”; a crônica “Fora do Expediente”, com a assinatura I (como se ocultava Benedito, embora aparecesse com o nome todo em comentários diversos e poesias) ; “Vida Esportiva”, “Cinema”, “Notas Sociais”, “Na Berlinda”, “Humorismo”, etc.

Ao atingir o nº 9, de outubro, foi o segundo dos diretores substituído por Jaime Cavalcanti. Mais algum tempo e a publicação, que já se fazia com atraso, ficou suspensa após o nº 18/19/20, de doze páginas, correspondente aos meses de julho/agosto/setembro de 1945.

Decorrido um semestre, circulou o nº 21 em, março de 1946. Ausentara-se por motivo de saúde, o eficiente diretor Benedito de Souza, sendo substituído por Luis Jasselli, e Alma Lauritzen ocupou a chefia da redação. Entraram mais três redatores: Antônio Gomes de Oliveira, secretário; Josué Bezerra de Paiva e Hilton Barbosa de Araújo, redatores desportivo e social, respectivamente. Jaime Cavalcanti era o diretor-tesoureiro.

Prosseguiu a folha (os nºs. 21 e 22 impressos nas oficinas do Jornal do Comercio) em ritmo mensal, para terminar novamente irregular, variando entre oito e doze páginas, impressas em bom papel. Atingiu o nº 36 em novembro de 1947.

Apareceu, então, feito revista, com o nº 37, ano V, datado de janeiro/fevereiro de 1948, em formato de 23 X 16, com 16 páginas, assumindo a direção Hilton Barbosa Araújo. Trabalho material da Tipografia Pitanguí, na praça Artur Oscar, 322. E

continuou com indeterminada quantidade de páginas, que chegou a atingir 50, variou, igualmente, de papel, entre acetinado de primeira e couchê. Cresceu dois centímetros no formato logo na 3ª edição.

Sua matéria constava de noticiário das atividades do Club; as seções “Pingos de humor”; “Ondas Sonoras”, por Herotides de Abreu, também autor das “Biografias de compositores célebres”; “Perfis”, a cargo de Alma Lauritzen, autora, ainda, de crônicas, poesias e reportagens, desde a fundação ; “Galeria dos Veteranos”, por Luis J. Barbosa; “Nem todos sabem que...”, notas coligidas por Hilton Barbosa; páginas de Cinema, Desportos, Sociais e colaboração original, em prosa e verso, de Antônio Gomes de Oliveira, o mesmo Silva Mateus; Luis Jasselli, Francisco de Almeida Lima, Milton Farias de Matos, Abelardo da Cunha Pinto, Oleno Vieira Ramos, Leonardo Neto, Margarida Maria de Araújo Granjeiro, Sousa Vasconcelos, Isnar Siqueira, M. L. V. , A Gil (Hilton B. de Araújo), Almeida Rocha, Richard J. Riecken, Mário Carlos de Souza, Marole Maciel, Adalgisa Lopes, com a seção “Responda se puder...”; Nelson G. M. Mallmann, Lígia de Almeida, autora das “Miscelâneas”; José Lippo, Selene de Medeiros, Madalena Cavalcanti de Oliveira, Artur Fischer Vieira, L. G. Ivo, Edgar Setembrino de Meneses, Aristóteles Alves, Abelardo Lemos, Ênio Regadas, Dulce A. Siqueira, J. A. Barreto Guimarães, E. Alberto e outros.

A última edição de 1948 e a primeira de 1949 foram impressas na Editora Revista de Engenharia, à rua da Saudade, 246. O número seguinte saiu, novamente, da tip. Pirangi. Transferiu-se, depois, para a Tip. Renda Priori & Cia. e os dois últimos números imprimiram-se nas oficinas da Folha da Manhã .

As capas ostentavam fotografuras de aspectos do Recife ou grupos sociais. Desde, porém, a edição de julho/outubro de 1950, foram ilustradas com desenhos alegóricos, ora de Zuleno Pessoa, ora de Ionaldo Andrade. No texto, era comum a vinheta dos “três conselheiros” e, já no penúltimo número, começou a ver-se ao pé da capa, à esquerda, a faixa Atlantic, em azul-branco-encarnado. Também ilustravam o texto clichês documentais das atividades sociais do Club e desenhos outros.

O bem feito magazine circulou com regularidade até o nº 42, que encerrou 1948. No ano seguinte só saíram duas edições, assim numeradas: 43/44/45, compreendendo os meses de janeiro/junho e 46/48, de julho/dezembro. Em 1950 publicaram-se três edições: nºs 49/50/51, 52/53 e 54, a última de novembro/dezembro. Em 1951 a circulação tornou-se trimestral, vindo a circular o nº 58 datado de outubro/dezembro, para não mais voltar à tona.

A direção d'Os Três Conselheiros voltara a ser exercida, a partir de setembro de 1948, por Benedito Teófilo Araújo de Souza, que a transferiu, no princípio de 1950, a Luis Joaquim Barbosa, o qual, por sua vez, a entregou, em julho de 1951, a Laércio Beda Santiago (Bib. Púb. Est.² e Gerência da Atlantic).

IGREJA BATISTA DE ESTÂNCIA - Boletim Semanal - O primeiro número saiu datado de 6 a 12 de março de 1944. Prospecto de pequeno formato, tendo impressa, unicamente, a página de frente, sua matéria constou de pauta de trabalhos e

² A coleção da Biblioteca Pública do Estado compreende, apenas, a fase d'Os Três Conselheiros como revista.

algumas notícias. Confecção da Tipografia Amélia, à rua de Hortas, 33. Distribuição interna.

Cresceu, na semana seguinte, para 28 x 20, a três colunas de composição, mantendo o regime de duas páginas, mas ambas impressas, assim permanecendo. O sumário constava de artigos doutrinários, concisos, assinados com as iniciais do pastor Eliezer Correia de Oliveira; lições da Escola Dominical; pauta da semana, noticiário social e das atividades da Igreja da Estância.

Em seu nº 24, de 13 de agosto, o Boletim abriu concurso para a escolha do “maior pregador do campo batista pernambucano”. Entretanto, atingido o quinto cupão, morreu a idéia. Só a partir do nº 28, figurou o quadro responsável pela publicação, a saber: redator - Artur Rodrigues de Meneses; supervisor - Eliezer de Oliveira; tesoureiro - Adriano Mignac.

Depois de proporcionar, a 24 de dezembro, uma única edição de quatro páginas, duas das quais repletas de saudações de Natal, findou a existência do periódico evangelista, cuja publicação foi ininterrupta, com o nº 43, de 31 de dezembro de 1944 (Bib. Púb. Est.).

REVISTA MÉDICA PANAMERICANA - O nº 1, ano I, vol. I, saiu a lume no mês de julho de 1944, em formato de 24 x 16, com 140 páginas de papel couchê, mais a capa, em boa cartolina branca. Diretor - Fernando Ribeiro de Moraes; redatores - Albérico Câmara, Berilo Pernambucano, Bruno Maia, Clóvis Pereira, Charles J. Crawley, Frederico Carvalheira, Joaquim Cavalcanti, José Henriques, José Fernandes, Luiz Tavares, Rui Batista, Simão Foigel, Vieira Brasil e Quintiliano Mesquita; diretor-comercial - Jerônimo Ribeiro de Moraes.

Assinatura anual : Cr\$ 100,00; para o estrangeiro - Cr\$ 150,00; número avulso - Cr\$ 15,00. Redação à rua Fernandes Vieira, 291 e trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

A publicação visava, conforme a nota de apresentação intitulada “Nosso objetivo”, a aproximar “intelectualmente, os médicos do Novo Mundo”, acentuando “Nós da América, agora mais do que nunca, devemos incrementar o mútuo conhecimento, abrindo caminho a uma segura solidariedade continental, vencidas as dificuldades de cada um, pela percepção que teremos das nossas possibilidades e das nossas deficiências”.

Foram os seguintes colaboradores da edição de estréia: Geraldo de Andrade, Gonzalo Esguerra-Gómez, José Henrique, Luciano de Oliveira, Luis Tavares, Humberto Meneses, L. Emmet Holt. Jr., Fernando Ribeiro de Moraes, Barros Coelho e Charles J. Crawley. Ocorreram dois artigos em língua inglesa e um em espanhol, enquanto os demais terminavam com um resumo e, em inglês, um sumário do tema estudado. No fim: “Noticiário de Livros, Revistas e Sociedades Médicas”. Matéria entremeada de anúncios.

Obedecendo ao mesmo ritmo, circulou o segundo número datado de agosto/dezembro; o nº 3, de janeiro/fevereiro de 1945; o nº 4, de março/abril e o nº 5, de maio/junho, formando o total de 538 páginas, em numeração seguida. O Vol. II, ano II, começou com a edição de julho/setembro de 1945, nº 1, saindo o nº 2 datado de outubro/dezembro. Total de 200 páginas.

Ficou suspensa a Revista Médica Panamericana. Só em julho/agosto de 1948 ocorreu a publicação do nº 1, ano III, contendo, apenas, 40 páginas, incluída a capa. Foi o fim.

Fora os nomes inicialmente mencionados, outros cultores da ciência médica colaboraram nas diferentes edições do magazine especializado, a saber: Antônio Cezário do Melo, Agnaldo Lins, Arnaldo Marques, Albérico Câmara, Luiz Casado, Manuel Aquino Lucena, Geraldo da Rosa e Silva, Eduardo Wanderley Filho, Salomão Kelner, Nelson Chaves, Edson Brígido da Silva, Rui João Marques, Jorge Lobo, Dutra de Oliveira, Romero Marques, Manuel Caetano, Orlando Parahym, Fernandes Viana, Rui Caldas, Jorge Glasner, Gilson Machado e Ivolino de Vasconcelos, além de elementos estrangeiros.

Não faltavam, em cada edição, seções de Livros, Revistas e Sociedades Médicas; ilustração fotográfica e gráficos. Alguns anúncios. Imprimiu-se, invariavelmente, em papel couchê (Bib. Púb. Est.).

O PIONEIRO - Órgão do Primeiro Ano Científico do Colégio Marista - Sem comprovante da edição de estréia, o nº 2, ano I, circulou a 12 de agosto de 1944, em formato de 28 x 20, com quatro páginas de três colunas. Presidente (diretor) - Joaquim P. Correia de Oliveira. Tinha como objetivo - como ficou expresso no nº 3, de setembro - dar “oportunidade aos alunos de publicarem nele um pequeno artigo de vez em quando”.

Aumentando o formato para 32 x 24, continuou a publicação em 1945, ocorrendo edições mensais de abril a dezembro, a última das quais com seis páginas. Nesse ano II foi “presidente-responsável” Grinaldi Ribeiro, assim começando o nº 1, ano III, de abril de 1946.

Jornalzinho de matéria ligeira, inseria “Passa-Tempo”, “Humorismo”, “Frases célebres”, “Nem todos sabem que...”, a cargo de Zé Lapada, noticiário e, além de artigos do primeiro e do segundo dirigente, crônicas de Luiz Antônio, Paulo Monteiro dos Santos, Afonso de Albuquerque, Fernando P. Pessoa, José Hisbelo Campos, Joaquim Padilha, Sílvio Loreto, Manuel Laurêncio de Melo e outros, incluindo os pseudônimos Abdalat, Carrapicho, El Krumir e Rivaire.

Não prosseguiu (Bib. Coleg. Marista)¹

REVISTA ACADÊMICA DE ENGENHARIA - Órgão Oficial do Diretório Acadêmico de Engenharia - O nº 1 circulou datado de julho/agosto/setembro de 1944, em formato de 25x18, com 44 páginas de papel assetinado e capa cartolinada, exibindo clichê de uma perspectiva do novo edifício da Escola de Engenharia de Pernambuco. Diretor-responsável - Joaquim M. de Siqueira Arcoverde; secretário - Alfredo Becker; redatores - José de Sá Gurguel do Amaral, Maria Eugênia de Moraes, Maurício Gondim e Elvío Dalla Nora. Redação à rua do Hospício, 371. Assinatura anual Cr\$ 25,00; para o Exterior Cr\$ 45,00; número avulso Cr\$ 8,00; atrasado Cr\$ 10,00 Confeção material da tipografia do Clube de Engenharia.

O editorial “A nossa Revista” ocupou-se das démarches para a criação e confecção do magazine, acentuando: “Não se compreendia que continuássemos sem uma Revista Acadêmica, onde seriam ventilados os assuntos culturais diversos e técnicos e científicos, próprios de nosso curso, por professores,

¹ D'O Pioneiro só existe na Biblioteca Pública do Estado. comprovante da edição de agosto de 1945.

engenheiros e alunos, bem como noticiados os planos e realizações do Diretório Acadêmico, satisfazendo também o nosso desejo de conagração com os demais colegas, através de suas organizações de classe". A vontade venceu os impecilhos. Tudo seria feito para que a Revista se tornasse "legítimo orgulho" dos alunos da Escola.

O nº 2 publicou-se em março de 1945, dividida a matéria em duas partes, a primeira dedicada à memória do acadêmico de direito Demócrito de Sousa Filho, assassinado por ocasião de um comício contra o Estado Novo¹.

Só em dezembro saiu outra edição - 68 páginas, englobando os nºs. 3/4/5. Houve modificações no corpo redacional, dele participando também Amadeu Ramos Freire e Manuel Caetano.

Transcorreram dezoito meses para circular o nº 6, em dezembro de 1947, totalmente reformada a equipe responsável, assim constituída: diretor - Paulo Cassundé; secretário - Marcos Botler; redator-chefe - Eleumar Martorelli; diretor-comercial - Abraão Fainzilber.

Além dos nomes referidos, a revista, na sua primeira fase, constou com a colaboração dos professores Ivan Loureiro, Luiz Freire, Newton Maia, Antonio Bezerra Baltar e Nestor Moreira Reis e dos acadêmicos Paulo Lima, José Rildo M. de Almeida, Rawilsean Lira Dutra, Zael Diógenes, Amaranto Jorge Pereira,

¹ Em consequência da atitude da Revista, de condenação aos desmandos policiais. Alfredo Becker e Joaquim Arcoverde foram presos e processados por "crime contra a segurança do Estado Novo". Condenados, foi o cumprimento da pena evitado pelo clamor da classe estudantil.

Herberto Eugênio Nascimento Ramos, Elísio Silveira, Antonio Pessoa Cavalcanti, Hélio Batista Oliveira, L. Acioli, Emerson Jatobá, Gerson Teixeira, José Augusto de Almeida e José Neutel C. de Lima. As edições inseriam noticiário das atividades do D. A. E. Alguns clichês. Anúncios. Dois anos depois, precisamente em novembro de 1949, circulou o nº 7 da Revista Acadêmica de Engenharia, diminuindo o formato para 23x15, com 74 páginas, capa em cartolina, ilustrada com desenho de perspectiva do Edifício Capibaribe. Presidente - Geraldo de M. Melo; secretário - Sebastião Barreto Campelo; diretor de propaganda - José Estevão Marinho. Divulgou matéria específica, a salientar longo trabalho do professor Álvaro Celso Uchoa Cavalcanti.

Decorreram mais de três anos para então apresentar-se (em 1952) o nº 8, de outubro de 1951, com 100 páginas de papel couchê, sob a direção de Marcos Botler, tendo como redator-chefe Luiz Carlos de Meneses; secretário - Elzir Torres Bandeira; gerente - Ricardo Luiz Pessoa de Queiroz. Capa ilustrada por Alberick José Mendes. A edição foi dedicada ao professor Moraes Rego, por motivo da transferência do cargo de diretor da Escola de Engenharia ao professor Aurino Duarte, divulgando os respectivos discursos e fotogravuras, em páginas integral, do homenageado. Além de artigos técnicos, servidos de gravuras, a revista inseriu matéria noticiosa variada e ilustrada.

Não lhe valeu a disposição expressa de continuar a publicar-se regularmente. Ficou suspenso o órgão oficial do D. A. E. da Escola de Engenharia da Universidade do Recife.

Voltou em dezembro de 1953 - nº 9 - numa edição de 104 páginas, impressas em fino papel Sulfite, nas oficinas da Imprensa Oficial, aumentando o formato para 28x20. Capa

expressiva, desenhada por Antonio Guilherme da Silveira e Silva. Novo corpo redacional; diretor-perpétuo - Alfredo Becker¹; vice-diretor - Ned Cavalcanti Lima; redator-chefe - Milton Leite Soares; secretário - Victor Dantas Vilar; tesoureiro - Murilo Bezerra.

“Como sempre - lia-se na “Apresentação”, - a sua realização foi produto de constantes esforços”...

Excelente edição, dispôs de variada colaboração original ilustrada; discursos; memorial; seção de xadrez; noticiário e anúncios.

O nº 10 - 50 páginas - foi publicado em março de 1954², substituídos os redatores-chefes e secretário, respectivamente, por Enandro César Meneses e Walter Santos de Lima Silva. Homenageou Pernambuco na Comemoração do Tricentenário da Restauração, dedicando ao evento o artigo de abertura. Quase todo o texto foi ocupado por dois trabalhos técnicos do engenheiro Abelardo Cardoso Montenegro, repletos de gráficos, mapas e fotografias ilustrativas, inclusive em páginas à parte (Bib. Púb. Est.).

DOS NOVOS - Publicação Americanista. Antologia Contemporânea dos Valores Novos - O fascículo I, tomo I, circulou datado, simplesmente, de 1944, em formato de 23x15, com 20 páginas, mais a capa, de cor, tudo em papel acetinado. Organizadores - José Dias da Silva, Paulo Rafael de Andrade,

¹ O engenheiro Becker, fundador da Revista, ao tempo de estudante, foi assassinado por um malfeitor, no dia 09/01/1951.

² Continuou em 1955.

Genivaldo Wanderley e Carlos Luiz de Andrade. Redação na rua Velha, 286 e trabalho gráfico das oficinas d' A Tribuna , à rua do Riachuelo. Preço do exemplar - 0,50

Apresentou-se com o editorial intitulado “Mocidade Livre”, que ocupou por inteiro as duas páginas externas da capa, assim concluindo: “...não nos interessam diretivas políticas do Velho Mundo. Proclamamo-nos livres da esquerda ou da direita e nem por isso nos obrigamos ao centro. O nosso caminho é outro, livre de planos ou influências estranhas. A publicação que hoje sai é a base de uma arrancada. Dos Novos surgiu para o combate de peito aberto. A mocidade não se envergonha das suas próprias idéias nem teme traze-las a público. O nosso combate é um combate de idéias e contra estas só se postam elas mesmas e a elas nós não tememos”.

Publicou-se o fasc. II ainda em 1944. No fasc. III, de 1945, o corpo redacional reduzia-se a dois nomes: José Dias da Silva e Carlos Luiz de Andrade, o primeiro feito diretor. Saiu no mesmo ano o n° 4.

Iniciada nova numeração, circulou o n° 1-2, ano II, datado de 1946, com a indicação: “Arte - Cultura - Interesse Geral”. O segundo redator achava-se substituído por Stélio Gonçalves dos Santos e o preço do exemplar subiu para Cr\$ 1,00, ao passo que a redação se transferira para o n° 403, 2° andar, da mesma rua Velha.

Elevou-se, então, a quantidade de páginas para 40, além das que eram destinadas, a partir do fasc. II, ano I, ao ensaio de José Dias da Silva, sob o título “El Libertador”, biografia de Simon Bolívar, valendo cada página da revista duas do livrinho,

em formato horizontal, de modo a destacar e encadernar (Edição Dos Novos, Recife, 1944). As quatro inserções atingiram 48 pequenas páginas, prejudicada a conclusão do trabalho porque a revista foi extinta.

A par das produções dos redatores, o magazine contava com a colaboração de Aloísio Albert Araújo, Luiz Cisneiros, José Lopes de Oliveira, Francisco Andrade, Benedito Narciso, José Irineu Cabral, Áureo Correia Lima, José de Moura Rocha, Demóstenes de Brito, Santiago Braga, Laércio Coutinho de Barros, Potiguar Matos e Armando Cunha. Ilustrador - Darel Valença.

Dos Novos manteve boa seção de comentários redacionais, outra de humorismo e “Rádio em revista”, a cargo de Santiago Braga. Alguns anúncios (Bib. Púb. Est.).

1945

O ATHENEU - Órgão da Quarta Série do Colégio Joaquim Nabuco - Destinado a circular internamente, apareceu datado de 1ª. Quinzena de 1945, em formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas. Diretor - Valdeci C. Barreto; redator-chefe - Ivo P. Guimarães; secretário - Hildebrando Nogueira; gerente - Avelino C. Araújo; tesoureiro - Gildo L. de Melo; substituto - Paulo Maia.

Depois de assinalar que “o ideal não morreu”, declarou Ari Fleischman, signatário do artiguete de apresentação: “A finalidade d’O Atheneu consiste no desenvolvimento intelectual e moral deste educandário”.

A edição divulgou incipiente literatura estudiantil, incluindo poesias de Ivo e Garibaldi Quintas; curiosidade; a seção “Vamos rir” e breve noticiário social.

Sairam com seis páginas, em papel róseo, o nº 2, na 1ª. Quinzena de outubro e o nº 3, no mês de março de 1946, quando se tornou órgão do Curso Ginásial. Melhor aspecto material, bastante literatura ligeira e notas redacionais (Bib. Púb. Est.).

CUPIM - Jornal mimeografado, de divulgação interna entre estudantes de Faculdade de Direito, apareceu no dia 9 de março de 1945, ocupando cinco folhas de papel ofício, datilografadas num só lado. Corpo redacional oculto.

“Não será propriamente um jornal”- dizia o editorial de apresentação. Destinava-se a veicular “os fatos, as notícias e os acontecimentos de interesse coletivo, relacionados com a redemocratização do país, com a vida acadêmica e com as idéias democráticas”.

Publicado no período em que se achava suspendo o Diário de Pernambuco, em consequência dos acontecimentos de 3 de março, acentuou o articulista: “Cupim tentará substituir o tradicional órgão da imprensa, senão nos seus editoriais veementes e brilhantes, escritos sob a paixão da mais intensa exaltação física, ao menos na divulgação do noticiário mais instantâneo e oportuno”.

Circularam três edições, inteiramente dedicadas ao noticiário, discursos, comentários e mensagens de protesto em torno do tiroteio da praça da Independência e consequente morte do bacharelando Demócrito de Sousa Filho.

O nº 2 saiu a 13 de março e o terceiro no dia 2 de abril, quando o cabeçalho da folha acadêmica apresentava em desenho com a assinatura de Arma , um obelisco - o Estado Novo - roído pelo cupim, caindo, fragorosamente, sobre as escoras, assim denominadas: Ato Adicional - Mentiras-Violências Policiais (Arq. de Edson Régis).

O PIRILAMPO - Mensário Litero-Humorístico - Circulou pela primeira vez em maio de 1945, mimeografado em papel de ofício, não restando comprovantes das três edições desse caráter.

Saiu o nº 4 no mês de agosto, impresso tipograficamente. Órgão dos funcionários da Sucursal, em Pernambuco, da Companhia de Seguros São Paulo, adotou o formato de 32x23, com quatro páginas de três colunas. Redação à rua Primeiro de Março, 25 , 1º andar.

Continuou com regularidade. Ao atingir o nº 11, de 30 de março de 1946, o editorial “Amarga experiência” declarou finda a existência d’O Pirilampo , por falta de cooperação financeira, além do surgimento de “malquerenças e incompreensões”. Outro comentário a respeito aludiu a “decepção e tristeza”.

No mês de maio, todavia, achava-se o jornal novamente em campo, celebrando o seu primeiro aniversário. O estímulo salvador partiu do grupo de funcionários da Companhia, esperando a redação que outro vendaval não ameaçasse o barco.

Publicou-se ainda o periódico por alguns meses, divulgando sempre matéria variada, dentro do programa traçado,

acrescentando noticiário social. Constatou com a colaboração de Olívio Ferreira, A. C. Lins, José Ulisses, Danilo, Alice, Doidinho, Vagalume e outros. A “Seção Literária” reproduzida produções de poetas renomados e as “Seleções Humorísticas” estavam a cargo de Missiris, não faltando, por fim, os “Pinguinhos”.

Foi último número avistado o 17, de 30 de setembro de 1946 (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM MENSAL - Sociedade Protetora da Família do Presidiário - Surgiu em junho de 1945, no formato de 25x16, com oito páginas de três colunas. Diretor-responsável - Antonio Geraldo Guedes; redator- chefe - frei Romeu Peréa, funcionando a redação e oficinas no Convento do Carmo. Distribuição entre os sócios.

Começou assim o editorial de abertura: “Coincide a publicação do primeiro número do nosso Boletim com a inauguração solene da Sociedade Protetora da Família do Presidiário, cujo órgão informativo e orientador pretende ser”.

Firmado pelo redator-chefe, o artigo, de quase três páginas, desdobrou-se em conceitos e considerações em torno da missão cristã a que se propunha a instituição e do verdadeiro sentido do amparo moral e material às esposas dos sentenciados.

Constaram da edição os Estatutos da Sociedade; depoimentos sobre a iniciativa do respectivo presidente, o distinguido carmelita frei Romeu; artigo de M. S. Gillet; notas e comentários.

Ocupou-se o nº 2, publicado em julho, da solenidade da inauguração da Sociedade, na Casa de Detenção e, ao mesmo tempo, no presídio da ilha de Itamaracá, inserindo discursos dos presidiários e palavras de estímulo do arcebispo primaz, d. Augusto Álvaro da Silva, e do bispo de Pesqueira, D. Adalberto Sobral.

Não continuou a publicação (Bib. Púb. Est.).

THE SAT'D WEEKLY POST - Headquarters South Atlantic Division Air Transport Command - O nº 1, ano I, circulou no dia 1 de junho 1945, em formato de 31 x 22, com oito páginas de quatro colunas, trabalho gráfico da oficina do Jornal do Comercio, à rua do Imperador, 346. Iniciou-se, entretanto, tendo como título as palavras interrogativas: "Name? This? Paper?", empregadas, ainda, no nº 2, só no terceiro resolvida a denominação definitiva.

Constava da nota de Expediente, sob o título "Name this Newspaper", abrindo a 2a. página: "This newspaper receives material supplied by Camp Newspaper Service, 205, East 42nd Street, N. Y. C. Material is also received from the army News Service, 205 East 42nd Stree, N. Y. C. Credited material from either of these source may not be republished without permission".

Editor: S/sgt. Patrick Cuddy; Art Editor: Cpl. Johnson A. Black; Editorial Advisors: Major Charlton J. Fincher e Capt. Laurie V. Wing "All Copy Approved by Division Intelligence and Security Officer, Capt. Nils A. Lennartaon".

Redigido exclusivamente em inglês, trazendo aos lados do título emblemas da Força Aérea dos Estados Unidos, sua publicação obedeceu ao mesmo critério do South Atlantic News.

Repleto de matéria especializada, o jornal circulou ininterruptamente, mantendo a área de guerra do seu âmbito bem informada dos fatos e acontecimentos diuturnamente desenrolados em cada setor, através de correspondentes. Ilustravam-no fotografuras de aspectos das cidades nordestinas, de militares e do movimento artístico e desportivo que entretinha as tropas estacionadas e em trânsito, além de charges e histórias em quadrinhos.

Estendeu-se sua existência até o nº23, de 1 de novembro do mesmo ano, terminado sob a responsabilidade da seguinte equipe: Editor: S/sgt. Winston S. Dustin; Editorial Advisor: Capt. George Ehnebon; Associate Editor; Capt. Mosco W. Brown (Bib. Púb. Est.).

GAZETA ESCOLAR - Órgão da Escola Comercial Prática - Entrou em circulação no dia 1 de julho de 1945, no formato de 33 x 23, com quatro páginas de quatro colunas. Redatores: Carlos Borges, Dária Tavares e Djanira Marques; gerente - Reginaldo Suruagy; tesoureiras - Jucedí Guimarães e Maria de Jesus Coutinho. Redação à Praça Maciel Pinheiro, 40, 1º andar.

Lia-se no artigo de apresentação: "Nasce mais um grande-pequeno jornal, um jornal que será o arauto das nossas idéias sadias e puras como são as de todos os moços". Seguiram-me bem ponderadas consideração sobre a juventude e o seu futuro.

Constituiu-se sua matéria de crônicas assinadas por G. Coutinho, Gerônimo Mendes, Teresinha, Oscar e outros; versos de G. A. Becquer e Linda Souza; início de uma seção de biografias de grandes homens; "Mexericos", por Padradôra; notas ligeiras, noticiário social e poucos anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

EM AÇÃO - Revista dos Alunos do Nóbrega - Sem comprovante da edição de estréia, circulou o nº 2 em agosto de 1945, obedecendo ao formato de 23 x 16, com 28 páginas, inclusive a capa, impressas em papel couchê. Diretores: Joaquim José Lagreca e G. Egídio Cavalcanti. Redação no Colégio Nóbrega. Trabalho gráfico da oficina d'A Tribuna, à rua do Riachuelo.

Seguiram-se o nº 3 no mês de setembro e o nº 4 em outubro, este impresso na Tipografia Recife, à rua Vidal de Negreiros, entremeado de páginas em papel de cor, acetinado. Idêntica quantidade de páginas.

Publicação interessante, noticiosa da vida social e desportiva do educandário, inseria serviço fotográfico, páginas recreativas e literatura, reunindo colaboração de Geraldo Pacheco, Ulisses Ferras, José E. Marinho, Yedo Gadelha de Freitas, Caramuru, Amauri Teixeira, J. J. Lagreca, Roque de Brito Alves, Petrônio Ramos Figueiredo, Paulo Maurício Sampaio, Vamireh Chacon (de Albuquerque Nascimento), Sílvio Neves Pereira, etc.

Não há indício de ter prosseguido (Bib. Púb. Est.).

PRAIEIRO - Boletim Semanal dos Postos de Salvamento - Começou a publicar-se no dia 9 de setembro de 1945, em formato de 23 1/2 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Edição da Diretoria (depois, Departamento) de Documentação e Cultura, da Prefeitura Municipal, para distribuição gratuita. Trabalho gráfico das oficinas da Imprensa Oficial, sendo a composição do editorial da primeira página executada na tipografia da Folha da Manhã. Direção de José César Regueira Costa (diretor do D. D. C.), ao mesmo tempo redator, revisor e paginário¹.

Lia-se no editorial de abertura: "Publicação ligeira, para leitura em rápidos minutos, não pretende a consagração de ser reunida em volume ou figurar em prateleiras de biblioteca. Pretende, apenas, andar de mão em mão, informando, esclarecendo, advertindo, sem outro interesse que o de facilitar a todos aqueles para os quais o mar não seja uma mera atração paisagística, conhecimento mais íntimo das características que tornam a praia um motivo de curiosidade e simpatia. Modesto como é, nem por isso sua importância será pequena ou seu serviço será desprezível".

Contava "oferecer, aos frequentadores das praias, matéria para uma renovada curiosidade em torno do mar, da praia, dos seus elementos essenciais e correlatos, despertando uma outra visão à paisagem, que às vezes é quase muda para o observador desatento".

Esperava, "também, trazer ao conhecimento dos seus leitores matéria de interesse imediato. Matéria que se refere,

¹ Só uma vez o "cozinheiro" de Praieiro, por motivo de ausência, foi substituído nessa tarefa: Ivam Seixas organizou os nºs 6, 7 e 8 da 7ª série.

sobretudo, a maior comodidade e rendimento do contacto com a praia e os seus elementos destacados, como o sol e o mar, garantindo o banhista - o que é mais importante e dá logo ao pequeno semanário responsabilidades graves - contra todos aqueles perigos tão comuns e tão fortemente agressivos para os inexperientes ou imprudentes".

O pequeno e utilíssimo periódico circulou, ininterruptamente, até o nº 25, de 24 de fevereiro de 1946, correspondendo, portanto, à fase balneária. Durante esse primeiro período, "divulgou elementos informativos acerca do banho de mar e de sol, esclarecendo questões ligadas à ictiofauna, aos esportes náuticos; procurou despertar-lhes (aos leitores) o gosto pelos assuntos ligados ao mar: os navios, os peixes, os pescadores, a oceanografia, os fascinantes livros de aventuras marítimas".

Ocorreram duas edições especiais, de oito páginas, uma no dia do Marinheiro e a outra em memória do navegador solitário Alain Gerbault, sobre quem escreveu Gilberto Freyre "uma lúcida apreciação".

Praieiro inseria poemas escolhidos de Augusto dos Anjos, Joaquim Cardoso, Ribeiro Couto¹ e Antonio Boto; desenhos de Hamilton Fernandes, José Norberto, Janine M. Siqueira e Vicente do Rego Monteiro, assim como "ingênuos desenhos de criança, fixando cenários ligados à praia e ao mar".

¹ Referindo-se ao Praieiro, adiantou Ribeiro Couto: "Há tanta alma nesse pequenino porta-voz de Pernambuco e do Nordeste!" (Diário de Pernambuco, edição de 04/05/1952)

Obedecendo ao mesmo programa que se traçara, o bem feito periódico publicou a segunda série de 8 de setembro de 1946 a 23 de fevereiro de 1947; a terceira, de 7 de setembro desse ano a 22 de fevereiro de 1948; a quarta, de 9 de setembro desse ano a 20 de fevereiro de 1949, todas de 25 números. Ao desperdir-se, nessa ocasião, disse o articulista:

"Praieiro, hoje, já é uma leitura obrigatória nas praias do Recife e noutras praias, às vezes bem distantes; já possui inúmeros leitores, daqueles que são, verdadeiramente, os "constantemente leitores"; já é querido de artistas intelectuais; já teve a satisfação de publicar em suas páginas colaboração original, "especial para Praieiro", de Mário Sette, Hélio Feijó, Ladjane, Augusto Rodrigues, Rubem Braga, Edson Nery, Eros Martins Gonçalves; já possui correspondentes em várias capitais brasileiras e até no estrangeiro".

Entre outras iniciativas, o simpático semanário do D. D. C. levava a efeito, anualmente, entre dezembro e janeiro, um concurso de papagaios.

Continuou a publicação, com a quinta série (tiragem de cinco mil exemplares), a 4 de setembro de 1949, circulando o 25º número no dia 19 de fevereiro de 1950. Para essa fase, Edson Nery da Fonseca coligiu e selecionou 25 poemas, entre obras antigas e modernas, os quais foram publicados, cada semana, com ilustrações de Hélio Feijó. A começar do nº 3 publicou Praieiro, seguidamente, em transcrição, o Vocabulário de Ictiologia e Pesca do tenente Alberto Vasconcelos, que escreveu, a seguir, vários artigos sobre "Combates Navais". Eva Grabower foi colaboradora mais ou menos assídua.

A 6ª série - de 3 de setembro de 1950 a 18 de fevereiro do ano seguinte - instalou, na segunda página, um "Consultório", para responder a perguntas alusivas a mar e praia. No nº 4 estabeleceu um concurso para conhecimento do Recife, na seguinte base: o semanário reproduziria uma fotografia de logradouro público, sem legenda, para o leitor identificá-lo e escrever, a respeito, um trecho de 300 palavras, fazendo jus ao prêmio de Cr\$ 200,00 (ou 20 centavos de cruzeiro novo).

Publicava-se, então, estudos sobre helioterapia e navegação, conselhos sobre natação e pesca e, a começar do nº 7, uma série de desenhos humorísticos, interessantíssimos, de Augusto Rodrigues Filho.

Começou a 7ª série a 2 de setembro de 1951, escrevendo o editorialista (a 1ª página era dedicada, invariavelmente, ao artigo de fundo): "à maneira daqueles velhos relógios solares, Praieiro poderia ostentar a divisa alegre: - Só marco as horas do Sol".

A par da matéria instrutiva e do movimento dos postos de salvamento das praias do Pina e Boa Viagem, divulgou-se, em transcrição, o "Roteiro da costa", de Vital de Oliveira.

O escritor Paulo Ronai comunicara à redação haver aproveitado Praieiro "para trabalhos escolares" no Ginásio General Mendes de Moraes, na Ilha do Governador, Rio de Janeiro, além de fazer "divulgar o modesto semanário entre os habitantes da ilha".

Foi atendendo a sugestões do pequenino órgão que a Prefeitura do Recife instalou, em novembro do referido ano, brinquedos nas praias, para as crianças.

O 25º número saiu a 17 de fevereiro de 1952.

Começou a 8ª série a 7 de setembro do referido ano. Não foi, entretanto, além do 16º número, que circulou a 21 de dezembro, enviando aos "leitores, amigos e colaboradores a sua pequena mensagem de Natal", com votos de "um mundo menos árido, menos egoísta, mundo de paz".

Dizia uma nota achar-se a Diretoria de Documentação e Cultura ameaçada de suspender a publicação do Praieiro, do Boletim e do Arquivos, "por força do severo corte que a Câmara Municipal impôs às suas verbas".

Não findou, portanto, a 8a. série, nem saiu a 9a., mas publicaram-se dois números esporádicos da 10a.: 6º e o 7º; este último datado de 17 de outubro de 1954, terminando aí a existência do bem feito jornalzinho ¹ (Bib. Púb. Est.)².

¹ Para a revista Visão, de São Paulo, escreveu o jornalista Jorge Abrantes, sobre o Praieiro:

"Editado como 'Boletim dos Postos de Salvamento' é, entretanto, muito mais do que um simples boletim informativo e nada tem do ar burocrático que esse nome sugere. Seria mais adequado considerá-lo uma lírica aventura gráfica, uma galeria de "marinhas impressas, sucedendo-se domingo a domingo, no luminoso e quente verão recifense".

² Praieiro iniciou nova fase em outubro de 1968. Continua reaparecendo cada fim de ano.

O TRABALHO - Suplemento da revista Educação e Trabalho - Bissemanário das segundas e quintas-feiras, deu à luz o primeiro número no dia 27 de setembro de 1945, em formato de 48x30, com oito páginas. Diretores - Alexandre Fonseca e Domingos Mateus; redator-chefe - Antonio Freire. Redação e gerência à rua Vigário Tenório, 155, 1º andar. Assinaturas: ano Cr\$ 50,00; semestre - Cr\$ 30,00. Preço do exemplar Cr\$ 0,30

Tendo o cabeçalho transformado em rodapé, ocupou a primeira página da edição de estréia uma cabeça do ditador Getúlio Vargas, desenho de L. T. (Luiz Teixeira), ficando ao lado o artigo de apresentação e, por cima, em letras garrafais, a epígrafe: “Queremos Constituinte com Getúlio”.

Tratava-se, segundo o editorial, de um “jornal modesto, de operários a serviço do proletariado e de simples homens do povo”. Nada de “paixões extremadas nem de ódios pessoais”. Não tinha “os recursos e as possibilidades dos órgãos plutocráticos, dos jornais de trustes, dos jornais dos ricos da guerra e dos poderosos do latifúndio e das finanças”. E concluiu: “Combateremos os exploradores do trabalhador. E lutaremos pelas idéias patrióticas do quererismo, em prol da Constituinte, com Getúlio Vargas”.

Lia-se numa nota, em quadro, da segunda página: “Pretendíamos, como está escrito em nossa apresentação, fugir ao tom de panfleto adotado pela imprensa pernambucana, na atual campanha política. Infelizmente, o sr. Anibal Fernandes existe em Pernambuco. Não nos é possível fazê-lo. Em terra de sapos, de cócoras com eles”. Ostentando grandes manchetes, títulos de, às vezes, meia página, prolixos editoriais, O Trabalho circulou regularmente, mas por

pouco tempo, tal a sua qualidade de folha política com objetivos puramente eleitoralísticos. Manteve as seções: “O comentário”; “O que se ouve e o que se diz”, “Telegramas”, “A reportagem do dia”, “A esquina do Lafaiete”, “Mundanidade”, “Tópicos”, “Economia e Finanças”, “Esportes” e “Páginas do Trabalhador”, orientada por Eduardo Rocha.

Reportagens e noticiário de comícios eram ilustrados com fotogravuras. Ocorriam charges do desenhista N. V. (Norberto Vilares). O nº 7 exibiu, na primeira página, magnífico retrato de Getúlio, num bico-de-pena de Manuel Bandeira.

O “queremos”, enfim, dominou as páginas do jornal-suplemento, não poupando ataques à política da U. D. N., mantenedora da campanha pró-candidatura Brigadeiro Eduardo Gomes.

Viveu O Trabalho até o nº 10, de 29 de outubro, circulando sempre com oito páginas (Bib. Púb. Est.).

ENEZA AMERICANA - Suplemento Esportivo - Surgiu a 12 de novembro de 1945, em formato de 50x31, com quatro páginas de seis colunas. Diretor - Demóstenes de Aguiar; secretário - Antonio Almeida; redatores - Rodrigo Silva e Otávio Cavalcanti, funcionando a redação na rua do Imperador, 346 , 6º andar. Assinaturas: anual Cr\$ 15,00; semestral Cr\$ 10,00. Número avulso Cr\$ 0,30.

Destinava-se, conforme o artigo “Credenciais”, a preencher uma lacuna”, focalizando as “atividades desportivas recifenses, sem partidatismo nem paixões, registrando os fatos, fomentando as iniciativas, etc.”

Sem arredar-se da meta que se traçava, a matéria regularmente ilustrada, o jornal, saindo às segundas-feiras, começou como semanário, terminando tão curta existência como quinzenário. E assim, deu à luz o provável número derradeiro, que foi o 5º, no dia 24 de dezembro (Bib. Púb. Est.).

O COMÍCIO - Número 1º e único, circulou a 15 de novembro de 1945, em formato de 48x30, com quatro páginas de cinco colunas, impresso nas oficinas da Folha do Povo, à rua Diário de Pernambuco, 42. Editado pela Comissão Promotora do Comício “O Nordeste a Luiz Carlos Prestes”, trazia junto ao título o seguinte conceito, com a assinatura do homenageado: “Só a União nacional garantirá a Democracia, liquidando os restos do fascismo através da Constituinte”.

A edição foi totalmente dedicada ao líder comunista, cujo retrato, em três colunas, figurou de frente, com legenda-comentário assinada por Muniz de Farias. Artigos, entrevista, noticiário, tudo girou em torno do famoso revolucionário e do comício, que teria a sua presença, marcado para a segunda quinzena de novembro. Também lhe dedicaram poemas A. B. e Rossini Camargo Guarnieri. Ainda ilustraram as páginas do jornal clichês de Olga Benário e Anita Leocádia, respectivamente, esposa e filha do antigo “Cavaleiro da Esperança” (Bib. Púb. Est.).

NORDESTE - Mensário de Cultura - Entrou em circulação a 28 de novembro de 1945, no formato de 47x32, com 20 páginas, tendo como lema a frase de Manuel Bandeira: “São os do Norte que veem...” Direção de Esmaragdo Marroquim; redator-chefe - Aderbal Jurema; gerente - Fernando Barros Lima. Redação no

edifício do Jornal do Comércio, à rua do Imperador, 346, em cujas oficinas gráficas se imprimiu. Preço do exemplar Cr\$ 2,00; número atrasado Cr\$ 4,00, elevados, a partir do nº 3, para Cr\$ 3,00 e Cr\$ 5,00, respectivamente.

Sem editorial de abertura, a edição de estréia apresentou o seguinte sumário: artigos de Luiz Delgado, Olívio Montenegro, Estevão Pinto, Mário Melo, Aderbal Jurema e Pinto Ferreira; reportagem de Jorge Abrantes; contos de José Carlos Cavalcanti Borges e Cristóvão Camargo; poema manuscrito de Manuel Bandeira; poemas negros de Jorge de Lima; “carta aberta” cinematográfica de Luiz Vieira; crônica desportiva de Sócrates Times de Carvalho e conferência de Jaime Ferreira dos Santos; seções: “O livro do mês”, “Falam os críticos” e “Falam os editores”; ilustrações de Zuleno Pessoa; serviço de fotogravuras e anúncios.

O nº 2, datado de 25 de dezembro, inseriu, inicialmente, a conferência “Povo, Província, Estudante e Arte”, de Gilberto Freyre, ilustrada com clichês de curiosidade da arte popular pernambucana. Além de outras colaborações, incluindo poemas de Mateus de Lima e Tomás Seixas, começou o inquérito “O intelectual e o após-guerra”, com resposta do professor Odilon Nestor, terminando na edição seguinte, com a de Viana Moog. Outro nº 1 partiu do mês de janeiro de 1946, para chegar ao 6º em julho. Após um ano de suspensão, publicou-se o nº 7 em junho de 1947, atingindo o nº 12 no mês de dezembro. Em 1948 saiu o nº 1 em janeiro e o 5º datado de novembro/dezembro. Outras cinco edições circularam em 1949, de janeiro a novembro/dezembro. Daí por diante escasseou mais a publicação do bem feito jornal literário, que proporcionou tão somente duas edições em cada um dos anos de 1950, 1951 e

1952. Em 1953 ocorreu, apenas, o nº 1, de maio/junho; e, em 1954, outro nº 1, aparecido em janeiro/fevereiro¹.

A partir do nº 4, de 27 de fevereiro de 1946, deixou Aderbal Jurema de figurar como redator-chefe, voltando, contudo, no nº 7, de junho de 1947, quando Nordeste passou a ser editada pela Empresa Jornal do Comércio S/A, achando-se a chefia da publicidade confiada, até então, a Paulo Gomes da Silva. O gerente afastou-se após a edição de janeiro de 1948 e o custo do exemplar subiu, no ano seguinte, para Cr\$ 4,00 adotado o de Cr\$ 5,00 para os Estados. A partir de agosto de 1951, Ivonildo de Sousa ocupou a função de redator-secretário.

Afora os nomes referidos, a folha cultural, que manteve o padrão de 20 páginas e lisonjeiro aspecto material, divulgou produções de Sílvio Rabelo, Valdemar de Oliveira, Abgar Soriano, Leduar de Assis Rocha, Maurilo Bruno, Mauro Mota, Permínio Asfora, Carlos Drummond de Andrade, Austro Costa, Barbosa Lima Sobrinho, Mário Sette, Otávio de Freitas Júnior, Silvino Lopes, Antonio Franca, Waldemar Lopes, Cecília Meireles, Israel Fonseca, Manuel Diegues Júnior, José Eustáquio Duarte, Valdemar Cavalcanti, Gentil Mendonça, Gilberto Osório de Andrade, Gastão de Holanda, Edson Régis, Evaldo Coutinho, Francisco Julião, Haroldo Bruno, Andrade Lima Filho, Carlos Moreira, José Gonçalves de Medeiros, Laurênio Lima, Costa Porto, Nilo Pereira, José Pessoa de Moraes, Araújo Filho, Zilde de Enock Maranhão, Virginius da Gama e Melo, Ângela Delouche, Hermilo Borba Filho, Carlos Alberto Mateus de Lima, Amaro Quintas, Artur Coelho, Gláucio Veiga, Tilde Canti, J. Bandeira Costa e outros.

¹ Prosseguiu em 1955.

As ilustrações estiveram a cargo, não só de Zuleno, mas de Luiz Jardim, Santa Rosa, Vicente do Rego Monteiro, Eros Gonçalves Pereira, Hélio Feijó, Elezior Xavier, Augusto Rodrigues Filho, Lasar Segall, Ladjane, Manuel Bandeira, Fialho de Oliveira, F. Barreto Campelo, etc.

Edições especiais foram dedicadas: outubro/novembro de 1948, ao I Salão de Poesia do Recife; janeiro de 1949, ao I Centenário da Revolução Praieira; setembro/outubro do mesmo ano, ao centenário do nascimento de Joaquim Nabuco; novembro/dezembro, também de 1949, ao escritor francês Marcel Proust; junho/dezembro de 1950, ao falecimento do escritor Mário Sette; janeiro/fevereiro de 1952, ao centenário do nascimento do historiador F. A. Pereira da Costa (Bib. Púb. Est.).

REGIÃO - Revista de feição moderna, saiu a lume datada de novembro de 1945, em formato de 29x20, com 38 páginas. Sua fundação deveu-se à iniciativa de um grupo de estudantes, à frente dos quais Luiz Negromonte, no cargo de diretor-tesoureiro. Preço do exemplar Cr\$ 1,20.

Lia-se no artigo de apresentação: "...o que vemos em realidade é o desprezo quase total que se tem tido por problemas tão sérios nesta região do país. Uma revista, sequer, de aspecto cultural, há bastante tempo não temos aqui no Recife, no Recife que é a capital de todo o Norte do Brasil. Uma revista de cultura, redigida e orientada por pessoas materialmente desinteressadas, não circula nesta imensa zona do país. Este foi, pois, o motivo de atirar-se esse punhado de loucos a uma tarefa tão árdua ao Recife, e conseqüentemente ao Nordeste e ao Norte, um

Mensário de Divulgação Cultural, numa das primeiras iniciativas sérias, tão poucas têm sido as iniciativas desta natureza”.

O sumário do magazine, que fez parte da capa ilustrada, indicou os colaboradores da edição: Gilberto Freyre, Hermilo Borba Filho, Mário Sette, Clélia Silveira, Arnóbio Graça, Guerra de Holanda, Djacir Meneses, Joel Pontes, Romeu Negromonte, José Laurênio de Melo, Aderbal Jurema e Paulo Miranda.

O nº 2 de Região, devido “a um lamentável atraso nas oficinas de impressão”, só apareceu em janeiro de 1946, tendo como redatores Guerra de Holanda, Joel Pontes e Romeu Negromonte. Nas suas trinta páginas, além da matéria propriamente redacional, ocorreram produções de Gastão de Holanda, Otávio de Freitas Júnior, Manuel Correia de Andrade, Cleodon Fonseca e J. Lopes de Oliveira.

Apesar de tanto esforço, a revista não pode manter-se mensalmente. Só ressurgiu no mês de outubro, numa edição especial, dedicada ao Congresso de Poesia do Recife. Trouxe 46 páginas de texto, com numerosos trabalhos, a grande maioria em versos e ilustrações de Lula Cardoso Ayres. (Lula), Vicente do Rego Monteiro, Masereel e Augusto Reinaldo, que fez a capa. Direção de Edson Régis, sem corpo redacional. Preço do exemplar Cr\$ 3,00.

O 4º, o 5º e o 6º números saíram, respectivamente, nos meses de junho, outubro e dezembro de 1947, no último dos quais a direção foi acrescida do nome de Silvino Lira. Exibiu, então, formato maior, com quatro colunas de composição e bastante matéria dos colaboradores normais.

No ano de 1948 a revista circulou nos meses de fevereiro, junho, agosto e dezembro, edição esta última quase toda dedicada ao pintor modernista Cícero Dias.

Daí passou para agosto de 1949, quando saiu o nº 11, derradeiro da época. Mas, desde o nº 7, Silvino Lira fora excluído da direção, passando ao cargo de redator-secretário, ao lado de Laurênio Lima e, no nº 8, entraram mais três redatores: Guerra de Holanda, Haroldo Bruno e Antonio Camelo Costa, este pouco depois substituído por Edson Nery da Fonseca.

Nas últimas edições, Região contou com a colaboração de Aníbal Fernandes, Antonio Franca, Aristóteles Soares, Aduino Gonçalves, Gasparino Damata, Ledo Ivo, Mauro Mota, Mário Pedrosa, Olívio Montenegro, Nilo Pereira, Antonio Bezerra Baltar, Abaeté de Medeiros, Zilda de E. Maranhão, Diogo de Macedo, Juarez Batista e outros.

O magazine ficou suspenso, por tempo indeterminado, devido ao aumento das “dificuldades que sempre têm de enfrentar as revistas literárias”.

Os primeiros quatro números foram impressos na União Gráfica, à rua das Crioulas, 292, Capunga, continuando nas oficinas do Diário da Manhã; mas o nº 11 veio da tipografia d' A União, de João Pessoa, Estado da Paraíba.

Quatro anos depois, sendo impressa em oficinas próprias, voltou Região a circular, apresentando-se o nº 1 no dia 13 de julho de 1953, em caráter popular, papel comum, capa a cores, ilustrada, indicando os temas principais do texto, este de 20 páginas. Destinava-se a sair semanalmente, tendo como diretores

Mauritônio Meira e Edmir Régis e diretor-artístico Petrônio dos Santos. Propriedade da Editora Região Ltda. e superintendência de Flávio Guerra, com redação e administração à rua Arnóbio Marques, 43 A. Assinaturas: anual Cr\$ 180,00; semestral Cr\$ 90,00 Número avulso Cr\$ 4,00.

No artigo “Razões”, de reabertura, lia-se que Região voltava como revista de “assuntos gerais do Nordeste”, ao invés de ser apenas literária, como sucedera na primeira fase, bastante irregular, terminada em 1949. “Sua passagem, entretanto, não foi inútil para a vida literária do país. Foi, e ainda é, justamente, considerada uma revista brasileira de atuação importante na fase histórica do semi-crepúsculo do movimento modernista brasileiro”.

Em sua nova roupagem, o magazine apareceu com as seções: “A província”, por Mauro Mota; “Casa de Gonçalo”- Guerra de Holanda; “Evocações do Recife”- Flávio Guerra; “Região literária” - Mauritônio Meira; “O mundo em duas páginas” (pequenos fatos ilustrados) ; “Semana a dentro”- Cezário de Melo; “Para a mulher “ - Elizabeth Dória; “Teatro” - Isaac Gondim Filho; “Cinema”, “Rádio” e “Esportes”; reportagens de Múcio Borges da Fonseca e Stélio Gonçalves; conto de José Condé e o início da novela “Iara”, de Antonio Franca, que ficaria em meio do caminho. Não faltaram anúncios, como na primeira fase.

No segundo número, mostrava-se eufórica a direção da revista, ao escrever: “O estouro foi dado... Ruiu o tabu. E Região alçou vôo, firmou-se na arrancada, equilibrou-se no volante... O caminho está aberto e planejado. Foi estudada e organizada tecnicamente a nossa trajetória para a conquista do

objetivo ideado”. E, para armar ao efeito: “... por mais incrível que pareça, nada menos de quatro mil exemplares de Região foram vendidos em menos de uma semana”.

A partir do nº 3, figurou no Expediente, junto à direção, a seguinte equipe redacional: Ivan Seixas, Guerra de Holanda, Aramis Trindade, Ernani Régis e Múcio Borges da Fonseca; gerente - Hélio Silva. Novas seções: “Cavalo de Tróia”, texto de Aramis e bonecos de Petrônio; “Passou, passou...”, por Ernani Régis e “Distraíndo o leitor”, charadas, por Fernando Calheiros. Na edição posterior criou-se a seção “Às ordens”, destinada à divulgação de carta com sugestões e consultas dos leitores sobre a revista. Depois, outras: “A cidade reclama”; “Escrevem os confrades” e “Região Social”, por Zilde Maranhão.

Mais colaboradores foram arregimentados, melhorou-se o papel da impressão, num esforço, digno de nota, para que o magazine permanecesse, vencendo os obstáculos. Passara, no nº 5, de semanário a quinzenário. E, como era vultoso o corpo redacional, foi reduzido para três nomes: Ernani Régis, Escobar Filho e Ivan Seixas, sendo o gerente substituído por Aramis Trindade. Boas reportagens surgiram, assinadas, sobretudo, por Abdias Moura, Jorge Abrantes, José do Patrocínio Oliveira¹, Afonso de Ligório e outros, e bem assim, contos de Francisco Julião, José Carlos Cavalcanti Borges e Nelson Barbalho.

¹ Por causa duma reportagem inserta no nº 9, sobre o título “O bispo de Maura veio casar no Recife”, o contabilista Diamantino Costa, também considerado bispo, iniciou uma ação judicial, por crime de injúrias, contra José do Patrocínio “pedindo uma indenização de vinte mil cruzeiros, a fim de reparar os danos causados”. Terminou em nada.

No nº 10, os dois diretores lançaram dramático apelo, em coluna aberta, “para o Comércio, Indústria e para os homens de dinheiro de Pernambuco”, no sentido de que os ajudassem a levar avante a revista, “sustentada, em muitas horas, no sacrificado ordendo dos seus diretores e nos favores dos amigos”. Compraram máquinas, assumiram responsabilidade e a matéria paga não chegava para cobrir metade das despesas; estavam esgotados; não deixassem a empresa cerrar sua portas.

O apelo, todavia, não surtiu o êxito esperado e Região terminou sua atribulada existência com o nº 11, de 2 de novembro de 1953 (Bib. Púb. Est.).

MENSAGEM - Magazine Mensal - Apareceu no mês de novembro de 1945; em formato de 25x17, com 36 páginas, inclusive a capa, impressa em papel couchê . Propriedade da Editora Mensagem Limitada, com sede na rua do Imperador, 346, 6º andar, sala 23. Diretor-responsável - Pedro Rego Barros; redator-secretário - José Badeira Costa; redator-cinematográfico - Luiz Vieira; gerente - Diógenes Magalhães; paginação e arranjo artístico - Valentim Rodrigues e João de França; clichês - Benevenuto Teles Filho e Manuel Carvalho. Assinatura anual Cr\$ 20,00; número avulso Cr\$ 2,00 logo reduzido para Cr\$ 1,00 Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Commercio .

Fugindo à regra geral, não ocorreu o clássico editorial de apresentação. Constou do expediente: “Esta revista mantém uma seção de cartas à Direção, sendo publicadas as que lhe foram remetidas relativas a modificações e criações na própria revista. Devem ser concisas e simples e, tanto quanto possível, dentro dos moldes jornalísticos. À crítica honesta e desapaixonada será

dada a melhor acolhida”. O melhor trabalho, na seção de Literatura, de cada mês, seria premiado com Cr\$ 50,00.

O sumário constituiu-se de condensações, traduções e transcrições de artigos de interesse internacional e raros de escritores locais; mais as seções “Cinema”, “Modas”, “Rádio”, “Música e Músicos”, “Puericultura” e “Conselhos Clínicos”, amplamente ilustradas, sobretudo a primeira.

Assim prosseguiu a publicação, obedecendo à média inicial de páginas, sempre figurando na capa clichê de “estrela” cinematográfica. Dentre os autores que tiveram artigos selecionados, destacam-se Gilberto Freyre, Luiz Delgado, João Aureliano e José Carlos Borges. Produções originais, apenas, de Esdras Farias, Jorge Abrantes, Dagoberto Pires, J. Bandeira Costa, Fausto Cunha e Luiz Felipe Vieira. Algumas charges de Zuleno Pessoa.

Revista bem feita, sobretudo tecnicamente, apresentada em moldes novos, não pode, entretanto, prolongar sua existência. Tendo pulado o mês de fevereiro, circulou o nº 4 (e último) em março de 1946 (Bib. Púb. Est.).

VOCAÇÃO - Órgão do Corpo Discente da Escola Industrial de Pernambuco - Saiu a lume no dia 20 de dezembro de 1945, em formato 32 x 23, a três boas colunas de composição, com seis páginas, impressas em bom papel, utilizando tinta azul. O cabeçalho, num expressivo desenho, representava símbolos de trabalho. Impressão das oficinas gráficas do educandário, à avenida João de Barros, 1769.

Lia-se no artigo de abertura: “Como órgão de propagação de estudos sobre a técnica das profissões, não limitará a sua ação”. Esperava dilatá-la, progressivamente, “em prol da elevação e racionalização do ensino técnico profissional”. Escopo principal: “focalizar o que vai sendo realizado dentro do âmbito de cultura e técnica orientada no facere et docere de nosso Educandário.

Sobre assuntos técnicos e correlatos, escreveram os professores José Gonçalves de Melo, Alice Milet, Hélio Campos, Santos Júnior, Oscar Farias, Gilberto Rosas, Efrém Tenório e Josué Leite. Além disso, noticiário e fotografuras de aulas du recreios.

O nº 2 publicou-se em junho de 1947, com 24 páginas, obedecendo ao ritmo inicial, mas dotado de apreciável contingente estatístico, gráficos e fotografuras. Produções, também, dos professores A. Meneses, dr. Bertoldo de Arruda, Sebastião Ferraz, Mário Câncio, A. Travassos, Abelardo P. Barreto, Alírio Ferreira, Antonio Perruci e J. Gastão Cardoso, e dos alunos Otaviano Valentim da Silva e Edson de Carvalho. Inseriu, ainda, as páginas: “Comemorações e festividades”; “Práticas Educativas”; “Seção de Édipo”; “Desportos” e “Noticiário”.

Apareceu o nº 3 a 7 de setembro de 1949, contendo 12 páginas. Só então divulgou o corpo redacional, a saber: diretor - Sílvio Mesquita; redatores - Mário Conceição, Pedro dos Santos Júnior, Efrém Tenório e Orígenes Medeiros. Além da matéria de rotina, dedicou duas páginas ao centenário de nascimento de Joaquim Nabuco.

Decorreram quase cinco anos até que saiu o nº 4, ano IV, datado de junho de 1954, com oito páginas de papel couchê, alterado o subtítulo para “órgão dos corpos docentes e discente da Escola Industrial Governador Agamenon Magalhães”. Constou do expediente um corpo redacional de 29 membros, sob a chefia do professor Mário Conceição, incluindo até um quadro de “repórteres humorísticos”, composto de alunos.

A matéria do nº 4 foi a seguinte: editorial sobre a volta de Vocação; crônica de reminiscências, do professor Antonio Perruci; “Página Sanjoanense”; “Seção de Édipo”; reportagens, noticiário geral e ligeiras produções estudantis ¹ (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM INORMATIVO DA IGREJA BATISTA DA RUA IMPERIAL - Inexistentes comprovantes das edições dos primeiros anos, circulou o nº 1, ano V, em dezembro de 1945, obedecendo ao formato de 33x22, com seis páginas de três colunas. Responsável - Revdmº Hermes da Cunha e Silva; redator-secretário - Aníbal T. de Melo; tesoureira - Regina Ramos.

Comemorando o 40º aniversário da Igreja, sua matéria principal constou de um Relatório anual, fotografia de pastores homenageados e dos edificios primitivo e atual (Bib. Púb. Est.).

MICROFONE - Órgão Artístico e Independente - Entrou em circulação no dia 24 de dezembro de 1945, em formato de 50x31, com seis páginas a cinco colunas de composição, impresso em papel especial. Título ilustrado com clichê de microfone dividindo a palavra em duas partes. Diretor-

¹ Prosseguiu em 1955.

proprietário - Luiz Rocha; secretário - José Edson; consultor jurídico - Orlando Passos. Redação à rua do Imperador, 474, 1º andar. Assinaturas: anual Cr\$ 10,00; semestral Cr\$ 6,00; número avulso Cr\$ 0,50.

Lia-se no longo artigo de apresentação: “Microfone entra, hoje, na sua primeira fase de existência na vida jornalística da capital. Modesto, humilde será, no entanto, o defensor desinteressado dos artistas pobres em nosso meio. Será o paladino protetor, o anjo tutelar dos valores novos que as hostilidades mesológicas soem relegar ao mais imerecido plano de desprezo, de abandono, sem a mínima razão de ser. Sem a mais insignificante justificação”. Trabalharia “em prol da nossa cultura artística, da evolução dos nossos movimentos estéticos, da conservação do nosso patrimônio de arte e de cultura em geral”.

No nº 2, de 14 de janeiro de 1946, a propriedade passou à firma Editora Microfone Ltda. A edição seguinte saiu com oito páginas.

Além da matéria especializada - rádio, música, teatro e cinematografia - o jornal, que se dizia quinzenário, mas circulava mensalmente, admitiu nas suas colunas seções de Literatura, noticiário social e desportos. Serviço de clichê e anúncios.

Após o nº 4, Microfone ficou suspenso, reaparecendo - nº 5 - em nova fase, a 1º de julho, como “jornal literário, artístico, disposto a conquistar seu pequenino lugar na imprensa pernambucana”. Mudou toda a equipe responsável, que ficou assim constituída: diretores - Adolfo e Aníbal Pereira Simões; redator-secretário-João Galhardo; redator-comercial - Murilo

Arantes; secretária - Elza Leal Lauria, com redação à rua da Palma, 429, 1º andar. Preço do exemplar Cr\$ 0,30.

Circulou, então, quinzenalmente, impresso em papel comum, com apenas quatro páginas. Matéria variada, entremeada de anúncios, que não foram poucos.

Atingindo o nº 9, de 16 de setembro, calou-se o Microfone (Bib. Púb. Est.).

1946

LAVOURA E CRIAÇÃO - Uma revista do Nordeste Brasileiro para o Brasil inteiro - Publicação mensal, especializada, seu primeiro número foi dado à luz em janeiro de 1946. Direção e responsabilidade de Pelópidas Galvão; redator-chefe - Walter de Oliveira; ilustrador - Carlos de Sousa; orientação dos seguintes técnicos: Zootecnia - Wanderley Braga; Clínica Veterinária - Vicente de Lacerda; Carne e Derivados - Orlando de Meneses; Laticínios - Renato de Farias; Avicultura - Abelardo de Oliveira; Suinocultura - Paulo Alfeu; Apicultura - Ambrósio de Freitas; Piscicultura - Hermano de Castro; Entomologia - Mário Bezerra; Agrostologia - Antonio Correia.

Obedecendo ao formato de 22x15, com capa em tricromia e um texto de 82 páginas, o magazine apresentou-se com o artigo "Incentivar", de Renato de Farias; clichê e palavras do presidente Eurico Dutra, sobre o potencial hidro-elétrico do São Francisco e tópicos de uma conferência do ministro Apolonio Sales, intitulada "Paulo Afonso, a redenção econômica do Brasil", seguindo-se variada matéria, inclusive conselhos,

instruções, artigos assinados por técnicos nas especialidades agro-pecuárias e um Suplemento Avícola.

Tabela de preços: ano simples Cr\$ 40,00; sob registro Cr\$ 50,00; número avulso Cr\$ 4,00; atrasado Cr\$ 5,00. Um ano depois, o avulso passou a ser vendido a Cr\$ 3,00 . Na edição de julho/agosto de 1948 foi criado o título “Cooperação”, compreendendo uma assinatura de 60 fascículos por Cr\$ 200,00.

A partir do terceiro número, o quadro de técnicos foi substituído pelo de colaboradores, incluindo os mesmos nomes, acrescidos de Paulo Parisio, Getúlio César, José Lins, Gregório Bonda, Edgard Chastinet, Régis Velho, Marêncio da Costa Barros e Manuel Castro. Em fins de 1948 os colaboradores mudaram para: J. Marcelino da Rosa e Silva Neto, Carlos Aragão, Amauri H. da Silveira, Pimentel Gomes, Rodrigo Pinto Tenório, Jaime Guimarães Fernandes, A. C. Ribeiro, B. A. Krausty, Jorge Lessa da Mota Reis, Jorge Vaitsman, Otávio Domingues, Dolli de Freitas, Haroldo Dajtro e outros.

No nº 5, o redator-chefe foi substituído pelo agrônomo Régis Velho. No mês seguinte apareceu como redator-secretário Reginaldo Régis, que se afastou em dezembro, sendo o lugar preenchido, em abril de 1947, por Telga de Araújo.

Na parte comercial atuou a princípio, Vicente Braz, logo seguido de Pergentino Santos. Este foi substituído, em janeiro de 1948, pelo diretor comercial David Galvão Filho. No mês seguinte constituiu-se a Cooperativa Lavoura e Criação Ltda.

A revista, que saía, no primeiro semestre, mensalmente, passou a circular de dois em dois meses, mantendo a média de cem páginas, sempre ilustradas, obediente ao programa que se traçara, de divulgação agro-pecuária.

Em janeiro de 1950 Lavoura e Criação transferiu sua redação para São Paulo, lendo-se, na edição de janeiro/março (“Aos seus leitores e amigos”), o seguinte:

“Deixamos a capital do Estado de Pernambuco porque ali tudo nos era difícil, senão impossível. O ambiente nordestino, infelizmente, ainda não comporta uma organização como a nossa. No Recife, capital do Nordeste brasileiro, as condições de vida ainda não atingiram os níveis de progresso do Rio, São Paulo e de outras cidades do sul do Brasil, especialmente no campo da imprensa”.

Mais adiante: “Lavoura e Criação, para não morrer, para não fugir às suas responsabilidades, ao cumprimento exato e honesto do programa que se traçou, para continuar a servir, “malgré tout”, aos homens dos campos nordestinos, teve que se fazer “filha adotiva” do grande e poderoso estado de São Paulo, o cérebro, o coração, a força viva do Brasil”.

Continuou a circular em São Paulo, sendo Pelópidas Galvão, por muitos anos, diretor da sucursal em Pernambuco, com atuação nas regiões do Norte e Nordeste (Colec. Pelópidas Galvão).

BOLETIM DO STIAEP - Órgão do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar no Estado de Pernambuco

- Apareceu em janeiro de 1946, para distribuição interna, no formato de 25 ½ x 16 ½ , com seis páginas a duas colunas de 15 cíceros. Trabalho gráfico das oficinas da Imprensa Oficial, foi idealizado e dirigido por Alcides Barbosa Niceas, o presidente do Sindicato.

Destinava-se a prestar aos associados “uma orientação segura e conveniente, que seria, de outra maneira, quase impossível, diante das grandes distâncias que separam o órgão central de inúmeros parques industriais”, conforme se lia no artigo “Apresentação”.

Prosseguiu com quatro páginas, nelas divulgando o movimento sindical da classe, ligeiros comentários e, principalmente, as atividades do Hospital do Trabalhador do Açúcar, na sua fase pós-inaugural.

Não se prolongou, todavia, a vida do Boletim, extinguindo-se com o nº 6, datado de junho (Bib. Púb. Est.).

O REBATE - Órgão Democrático - Saiu a lume no dia 28 de janeiro de 1946, em formato de 48x32, com seis páginas a seis colunas de composição, trazendo aos lados do título os slogans “Tudo pelo Brasil” e “Tudo pela Democracia”. Direção de João Fernandes; diretor-gerente - Manuel de Araújo Barbosa, funcionando a redação na rua Tobias Barreto, 344. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82. Preço do exemplar - Cr\$ 0,30.

Vinha, conforme o editorial de apresentação, contribuir com sua “achegar em prol da democratização do Brasil”, sob o fundamento de que “fora da democracia não haverá paz social, o

que equivale a melhor padrão de vida, reivindicação a que a classe proletária, como as demais classes, têm direito”. Como símbolo, estampou, na primeira página, grande clichê de Ruy Barbosa.

Seguiu-se a publicação, cada semana, dando edições de seis ou quatro páginas e uma única de oito, quatro das quais, em tinta encarnada, em homenagem ao Carnaval da Vitória de Santo Antão.

Vários artigos redacionais e sueltos apareciam em cada edição, neles focalizados temas do momento, repelindo, inclusive as chamadas idéias exóticas - comunismo e integralismo. L.C. assinava a coluna “Comentários”, invariavelmente colocada na última coluna da primeira página. Manteve “Seção Trabalhista”, “A semana internacional”, “De tudo e por tudo”, além de reportagens, noticiário e anúncios. A primeira página não deixava, igualmente, de estampar um clichê ilustrativo.

A partir do nº 10, de 1 de abril, acrescentaram-se ao expediente os nomes de Francisco Monteiro, Levi Cruz e W. Guedes, na qualidade de redatores. E a redação transferiu-se, no fim de maio, para a rua do Forte, 18, 1º andar.

Afora a produção da equipe responsável, O Rebate divulgava colaboração de F. Barbosa, J. Capibaribe, Mirtes de Oliveira, Wandenkolk Wanderley, Mauro L. Assunção, Apolônia de Tyana VI e En-k.Listrador.

Jornal bem feito, com distribuição de matéria disciplinada, circulou ininterruptamente, chegando ao fim com o nº 21, de 17 de junho (Bib. Púb. Est.).

GINECOLOGIA - Publicação Bimestral - O nº 1, ano I entrou em circulação no mês de fevereiro de 1946, obedecendo ao formato de 23x15, com 36 páginas de papel acetinado especial e capa em cartolina branca. Fundador e diretor-proprietário dr. Ferreira dos Santos, funcionando a redação e administração na rua da Imperatriz, 38, 1º andar. Preços da assinatura anual Cr\$ 70,00; sob registro Cr\$ 80,00; para o estrangeiro - 5 dólares; número avulso atrasado Cr\$ 20,00.

Na “Apresentação” lia-se: “Ginecologia será um elo novo nessa cadeia qua há de prender cada vez a nós todos, homens de ciência, trabalhadores do espírito, médicos do Brasil, das Américas e do Velho Mundo”.

A edição de estréia inseriu artigos originais de Carlos Alberto Castanõ, Ferreira dos Santos, Coelho de Almeida e Luci de Holanda, terminando com duas páginas de noticiário e alguns anúncios.

A revista publicou-se com certa regularidade, pelos anos afora, tornando-se em fevereiro de 1951, “órgão oficial da Sociedade Pernambucana de Tocoginecologia”. A anualidade, já elevada para Cr\$ 80,00 ou Cr\$ 100,00 sob registro, terminou (1954) em Cr\$ 120,00 ou Cr\$ 140,00, respectivamente, e 8 dólares para o estrangeiro, chegando a Cr\$ 25,00 o preço do exemplar.

Contou, sucessivamente, com a colaboração, ilustrada com fotografias quase sempre, dos médicos Paulo de Biase, Tomé Dias Sobrinho, Abimael Rodrigues da Cruz, Paulo Vampré, Albérico Câmara, Maria Luisa Mercadante Tavares de

Lima, Moacir Ribeiro de Lira, João Pereira de Assis, João Costa Filho, Paulo Cabral Vasconcelos, Walter Dimenstein, José Rego Vieira, Câmara Moreira, Gilberto de Macedo, Rômulo Cavalcanti, Paulo Bittencourt, Berilo Pernambucano, Rosaldo Cavalcanti, Mário V. Guimarães, Evandro Augusto do Rego Costa, Menira J. Domingos, Luiz Wanderley, Geraldina Alcântara Martins, Iremar Falcone, etc., além de constantes trabalhos do diretor Ferreira dos Santos. Ocorriam, também, produções especiais de especialistas de outros Estados e do estrangeiro, sobretudo da Argentina. Seções fixas: "Bibliografia", "Noticiário" e "Resumos". Boa parte de anúncios.

Circulando com variada quantidade de páginas, numeradas do princípio ao fim (quatro a seis edições) de cada ano, Ginecologia apresentou os totais seguintes: 1946 - 252 páginas; 1947 - 312; 1948 - 200; 1949 - 366; 1950 - 320; 1951 - 304; 1952 - 208; 1953 - 170; 1954 - 164, o último dos quais, o 6º, datado de dezembro ¹ (Bib. Pú. Est. e Bib. Fac. Med.).

BOLETIM MENSAL DO SINDICATO DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO RECIFE - Apareceu em março de 1946, com o nº 5, nova fase, continuando a existência do órgão intitulado Sindicato dos Operários em Construção Civil e Classes Anexas do Recife, de 1941. Formato de 32x23, reuniu 16 páginas, repletas de clichês de dirigentes sindicais e de aspectos de obras sociais, inserindo artigos de José Oliveira da Silva, José Artur Leite, Moisés C. Nunes, João Gonçalves da Silva e José Olímpio da Silva, além de balancetes, estatísticas e noticiário específico. Redação à rua da Concórdia, 829.

¹ Continuou em 1955.

Só voltou - nº 6 - em outubro de 1948, declarando a intenção de prosseguir mensalmente. Em suas quatro páginas divulgou um manifesto da Junta Governativa do Sindicato, ilustrado com fotografias e algumas notas.

Outra paralização e veio a sair o nº 7 em janeiro de 1949, outro manifesto enchendo-lhe as quatro páginas (Bib. Púb. Est.).

O LABOR - Órgão do Ginásio Henrique Dias - De circulação interna, surgiu em março de 1946, apresentado, em artigo, pelo professor Severino de Freitas. Diretora-redatora - Nitinha Vasconcelos; secretária - Lindete dos Santos; gerente - Esir Vasconcelos Andrade; tesoureira - Anatilde Macário.

Reunindo seis páginas datilografadas e impressas em mimeógrafo, estampou variada matéria, inclusive literatura escolar, poesia de Ivo P. Guimarães, curiosidade, humorismo e uma Seção Religiosa a cargo de Maria do Socorro Umbelina de Santana.

O nº 2 saiu datado de abril/maio, divulgando colaboração especial da professora Dulce Chacon (Bib. Púb. Est.).

AVANTE - Órgão das Alunas da Escola de Aplicação - Comprovante único: nº 1, ano V, de março de 1946, manuscrito e hectografado, contendo literatura Juvenil, noticiário e variedades (Bib. Púb. Est.).

ZUM-ZARAVÁS ¹ - Órgão de divulgação interna do Jet Clube - O nº 1, ano I, circulou em março de 1946, no formato de 24x14, com quatro páginas a duas colunas de 12 cíceros. Diretor - Gilson Correia da Silva; redator-chefe - Thomas Krause Fellows, funcionando a redação na sede social, à travessa do Jasmim, 119.

Lia-se na nota de abertura, intitulada “Para Nós...”: Zum-Zaravás surgiu visando expandir mais um pouco o nome do Jet Clube, divertindo-nos com as suas brincadeiras leves e amigas e divulgando o movimento esportivo e social do querido clube da Boa Vista.

Ocorreu uma segunda apresentação em versos de sete sílabas, assinada por Lig. Seguiram-se matéria especializada e uma crônica de Aloísio Falcão.

Dois anos decorridos, precisamente em março de 1948, viu-se publicado o nº 2, substituído o redator-chefe por Babel Diniz. Outras quatro páginas, mas impresso em papel de cor, tendo aumentado o formato para 33x23, a quatro colunas de composição. No mês seguinte saía o nº 3, reunindo seis páginas, todas impressas em tinta verde.

A par do noticiário desportivo, inseria artigos do mesmo caráter, assinados por George Custer, Aldo Leal, R. Perruci e Correia da Silva, enquanto Tania Márcia perpetrava “Perguntas e Respostas entre Garotas Alvi-Verdes”. Variou, na última edição, com uma página literária (conto) da Babel Diniz (Bib. Púb. Est.).

¹ O título do jornal significa o “grito de guerra” dos torcedores jetianos.

O PIRILAMPO - Órgão da Primeira Série Científica do Colégio Marista - Começou a publicar-se em abril de 1946, obedecendo ao formato de 32x24, com quatro páginas de duas colunas largas. Diretor - J. Mário Correia; gerente - Rildo Accioli Cavalcanti.

Ao contrário da rotina, o jornalzinho não teve editorial de abertura. Entrou logo com artigo de colaboração.

Iniciando-se a publicação como mensário, assim ocorreu, apenas até o nº 2. O terceiro só saiu em julho, tendo o quarto aparecido no mês de outubro (seis páginas), encerrando aí suas atividades.

Bem distribuída, a matéria do Pirilampo dividiu-se em “Seção Religiosa”, “Seção Literária”, “Seção Humorística” e “Seção Esportiva”, noticiário e curiosidade. Foram colaboradores: João Wanderley Regueira, José Mário Andrade, Edson Bezerra, Flávio Loreto, Petrônio Muniz, Edvaldo Bezerra Albuquerque e outros (Bib. Col. Marista).

O LÁBARO - Órgão Oficial do Grupo Escolar Clóvis Bevilaqua - Saiu o primeiro número em abril de 1946. Direção de Lúcia Angélica de Assis Neta; redatora-secretária - Rute Barbosa de Sousa. Confeccionado pelo sistema manuscrito hectografado, em papel de ofício, apresentou literatura escolar e composições de pintura.

O nº 2 foi dado à circulação interna no mês de julho (Bib. Púb. Est.).

O ESTUDANTE - Jornal Livre e Democrático da Classe Estudantil de Pernambuco - Sem comprovante do ano I, circulou o nº 1, ano II, no dia 13 de abril de 1946, em formato de 50x31, contendo quatro páginas de seis colunas. Diretor - Rubem F. Gueiros; técnico orientador - Fernando Tasso de Sousa; redator-chefe - Dário Moreno; secretário - José Alberto Gueiros; tesoureiro - Moacir Cruz. Redação à rua do Príncipe, 610 e trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã . Distribuição interna. Preço do exemplar - Cr\$ 0,50

Embora dizendo-se quinzenário, o nº 2 saiu a 13 de maio e o nº 3 no dia 6 de junho, sendo o nº 4 datado, simplesmente, de dezembro, com o qual se encerrou a existência da folha, no momento em que o redator-secretário era substituído por Ubiraci Silva Barbosa.

As edições d' O Estudante estiveram sempre repletas de artigos dos redatores; mais a colaboração, em prosa, de José Pessoa de Moraes, Osvaldo Peralva, Roberto Lacerda, Emanuel Cavalcanti, Cleto Padilha, Airon Rios, Ismael Andrade, Paulo Miranda, Aristóteles Santana, professor Jerônimo Gueiros, Armando Moreira Ribeiro, Edilberto B. Correia, Jonas Ferreira Lima, Alcir Quintino, Guerra de Holanda e outros e poesias de Germano Coelho, Badogilio Maciel, J. A. de Brito, J. M. Pinho e Nebur Sorieub (anagrama). Raros anúncios (Bib. Púb. Est.).

A VOZ OPERÁRIA - Órgão de divulgação do Grêmio Literário Oliveira Lima - Publicou-se o primeiro número a 21 de abril de 1946, em formato de 31x22, com quatro páginas de quatro colunas. Redator-chefe - Antonio Romualdo de Sousa Lima; secretário - José Cabral da Rocha , funcionando a redação no

Centro Educativo Operário do Pina, à avenida Herculano
Bandeira, 627.

Ligeira nota de apresentação declarou que os jovens componentes do grupo d'A Voz Operária confiavam no porvir, “vislumbrando, ao longe, o esplendor de um novo dia”, que seria “o marco da paz”, assim concluindo: “...se grandes causas têm, via de regra, um grande aliado - a fé. Fé nos amigos, na benevolência dos leitores e, sobretudo, na tenacidade dos gremiários”.

A edição, a par de noticiário, divulgou diversos artigos assinados.

Seguiu-se a publicação nos meses de maio e junho, ficando suspensa.

Reapareceu - nº 4, ano II - no dia 17 de maio de 1947, substituído o subtítulo por “Órgão de Divulgação dos Centros Educativos Operários” e aumentando o corpo redacional com o cargo de diretor, entregue a Ivaldo Alves Buriel.

“Do seu programa - dizia o editorial “Novos Rumos” - consta a difusão dos princípios sociais pregados pela moral cristã e o aproveitamento intelectual dos trabalhadores, promovendo a fundação de grêmios literários nos Centros Educativos e orientando a movimentação de suas bibliotecas”.

Longos meses decorreram até que se publicasse o nº 5, ano III, a 12 de outubro de 1948. Desapareceu o corpo redacional, constando do cabeçalho: Direção do Conselho Operário.

O nº 6 circulou a 30 de novembro, ocorrendo aí nova suspensão.

Voltou com o nº 1, ano IV, datado de 15 de abril de 1949, acrescentando ao cabeçalho: “Orientação do Departamento de Reeducação e Assistência Social”. No expediente: secretário-geral - Clóvis Gondim; tesoureiro - Rui Alves. Mais um redator para cada subúrbio. Oito páginas.

Assinou o primeiro artigo, sob o título “Vamos trabalhar”, Andrade Lima Filho, presidente do Serviço Social Contra o Mocambo, escrevendo inicialmente: “Este jornal, que agora reinicia a sua circulação, será o porta-voz autorizado das reivindicações e dos anseios da vasta família operária que compõe os nossos Centros Educativos”. Teceu longas considerações em torno do trabalho a ser empreendido, do “mundo de coisas” que havia a fazer.

Publicado mensalmente e impresso em bom papel, trabalho gráfico das oficinas da Imprensa Oficial, A Voz Operária inseria noticiário geral e admitiu colaboração sobre assuntos educativos, trabalhista e de natureza social, de Potiguar Matos, Reinaldo Câmara, Bianor da Hora, Airon Rios, Jamesson Ferreira Lima, Jarbas Maranhão, Jorge Martins, Walter de Oliveira, Arnaldo Assunção, Fernando Costa, Heraldo Almeida, J. Bandeira Costa, Ivonildo de Sousa, C. Gondim, Rui Alves, José Cabral da Rocha, Pinto Ferreira e Arnóbio Graça, além das produções de operários. Mantendo o ritmo de oito páginas, dedicava uma ao tema “Direito do Trabalho”, destinada ao atendimento de consultas.

O último número publicado foi o 4º, de 15 de julho, para ser substituído pelo Centrista (Bib. Púb. Est.¹ e colec. J. Cabral).

GAZETA ACADÊMICA- Orgão Oficial do Centro de Comércio de Métopio Maranhão (da Escola Técnica de Comércio de Pernambuco)- o nº1, ano I, foi publicado a 7 de maio de 1946, em formato de 32 x 23, com quatro páginas de três colunas. Circulação interna.

José dos Santos e Silva, presidente do Centro, assinou o artigo da primeira página, intitulado “Recordando, Apresentando e Homenageando”. Recordou e homenageou a data da vitória, um ano antes, dos aliados da Segunda Guerra Mundial e apresentou a Gazeta, “antigo porta-voz oficial” da associação, também homenageada por haver-se reorganizado após cinco anos de ausência.

A edição divulgou, apenas, literatura, em prosa, a cargo de J. W. Machado Rios, Swani, Ângelo Clericuzzi Neto, H. de A., Hilda Moraes, Artud e R. Ponce.

Teria ficado na edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

CALENDÁRIO TURFISTA DE 1946 - (Suplemento Ilustrado da Gazeta Esportiva) - Saiu a lume em maio de 1947, no formato de 26 x 18, com 96 páginas de papel acetinado róseo e capa em cartolina branca. Organizador - Ramos Farias. Preço do exemplar - Cr\$ 3,00.

¹ É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

À “Apresentação”, justificadora do trabalho empreendido, seguiu-se a matéria geral, constituída de perfis de jóqueis, homenagens aos grandes do turfe, atividades hípcas e informações amplamente ilustrada; mas imensa mesmo foi a parte de reclames comerciais.

O trabalho gráfico deixou muito a desejar, sendo utilizadas tintas de cor na impressão do texto e tricomia na péssima capa (Bib. Pub. Est.).

CAPIBARIBE - Mesário Ilustrado. Literatura, Arte, Ciência, Mundanismo - O primeiro número saiu em maio de 1946, no formato de 30 x 23, com 40 páginas de papel couchê, inclusive a capa, ilustrando-a sugestivo desenho de jangadeiro num bico-de-pena de Milton Persivo. Diretor - Jorge Medeiros de Souza; redatores-secretários Luiz Guedes da Luz e Heny Scott Dobbin; gerente - Valdemar Alves da Silva. Redação e administração no Edf. Seguradora, 9º andar, praça da Independência e trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã. Preço do exemplar - Cr\$ 2,00.

Desprezando a antiga forma de apresentação na primeira página, o magazine levou para a última o amável “Bilhete ao leitor”, nele declarando: Esta revista nasceu da idéia de proporcionar a Pernambuco e, especialmente ao Recife, um órgão difundidor dos vários aspectos em que se desdobra a atividade da sua gente. Pretende espelhar para todos os recantos do país a vida do Estado e, particularmente da sua capital, divulgando todo esse labor - intelectual, artístico, industrial, comercial, etc. - que nos confere as características de Estado progressistas. Pretende, ainda, pela exposição do que temos e do que fazemos, revelar as nossas possibilidades em

empreendimentos ainda não tentados ou, apenas, em fases incipientes”.

A edição de estréia inseriu produções em prosa ou verso de Mário Sette, José Mariz de Moraes, Francisco Julião, José Laurênio Acioli, Edwiges de Sá Pereira, Lucilo Varejão Filho, Laurênio Lima, Renato de Castro Leitão (“No mundo das letras”), Cardoso da Silva, Milton Persivo, Antônio Lucena, Adeth Leite, Vasco da Fonseca, Gasparino da Mata, Calinício da Silveira, Iracema Ferreira Pires, Paulo Frederico, J. Bandeira Costa, reportagem, e Luiz Roberto abrindo a série “Os grandes educadores”; seções: “Capibaribe Social” e “Rádio”; ilustrações de M. Persivo e Aníbal Ribeiro; fotografias de Murilo Guedes e Edmundo Batista.

Seguiu-se a publicação regularmente, divulgando o nº 3 em julho; mas o nº 4 só pode aparecer no mês de novembro e aí subiu para Cr\$ 3,00 o preço do exemplar, devido à “alta do papel e a majoração do salário gráfico”.

Viu-se a revista novamente em dificuldades e o nº 5, ano II, veio a apresentar-se em julho de 1947, com apenas 24 páginas de texto, em papel inferior. Longo editorial explicou que as vicissitudes suportadas não significavam um fracasso, frisando: “...de forma alguma ficamos convencidos de que o Recife não comporte uma revista, um mensário de literatura e de mundanismo...” O certo, porém, é que parou aí, cumprindo o destino marcado.

Magazine bem feito, contou, igualmente, com a colaboração de Luiz Delgado, Antonio Austregésilo, Jorge de Lima, Israel Fonseca, Álvaro Moreira, Dulce Chacon, Sílvio de

Macedo, Augusto Tabosa, J. Silveira, A.S. Mendonça Júnior, Joel Pontes, Eurico Costa, padre Sizenando Silva, L. Lavenere, Luiz do Nascimento, Maurílio Bruno, Jorge Abrantes, Vanildo Bezerra, Gastão de Holanda, Haroldo Bruno, Hélio Augusto, Geraldo de Mendonça, Milton Souto, Seve-Leite e outros. Manteve, ainda, seções de Rádio, Futebol e a “Coleção Capibaribe”, de arte fotográfica, além de grande cópia de fotogravuras e desenhos, inclusive de Carlos Amorim. Capas, sempre, de M. Persivo.

Decorridos quase três anos, reapareceu Capibaribe - nº 1, 2a. fase - no dia 2 de março de 1950, para publicar-se quinzenalmente, passando o trabalho gráfico a ser efetuado nas oficinas da Folha da Manhã. Direção de Vanildo Bezerra, Luiz Beltrão e Danilo Lins; redatores especializados: Reinaldo Câmara - “Letras”; Luiz Teixeira - “Teatro”; Hélio Tavares (Agatê) - “Desportos”. Fotografia e desenhos a cargo, respectivamente, de Edson Ponce de Leon e Villares. Redação à rua do Hosício, 208

Pretendia, como na primeira fase, ser tal “o rio que lhe empresta o nome, a acompanhar a cidade, carinhosamente, em todos os seus momentos, em todos os seus aspectos, ressaltando-lhe a beleza e a hospitalidade, através de fotografias e reportagens que digam ao Brasil o quanto é ameno e rico em sugestões o burgo que Nassau ergueu, um dia, na desembocadura de dois rios”.

Mediando de 36 a 40 páginas, vendido o número avulso a Cr\$ 2,00, a revista assumiu caráter popular, começando por chamar, na capa, a cores, em meio à ilustração, os títulos

principais da matéria do texto. Grande espaço foi logo destinado ao Carnaval, com farta clicherie.

Capibaribe especializou-se, então, na reportagem ilustrada e no noticiário, mais as seções “Aconteceu na quinzena”; “Crônica da Moda”; “Coisas do Arco da Velha”, crônica de Aristófanês da Trindade e outras. Foram novos colaboradores: Silvino Lopes, Evarardo Vasconcelos, Sotero de Sousa, Rogaciano Leite e Nilson Sabino Pinho, responsável pela crônica radiofônica. Estampou ilustrações de Percy Lau, Fialho de Oliveira, Petrônio dos Santos, etc.

Circulando em dias indeterminados, não tanto cada quinzena, Capibaribe, nada obstante servir-se de boa messe de anúncios, não conseguiu ir muito longe - novamente cumprido o destino de pouca vida para as revistas do Recife - e extinguiu-se com o nº 6, datado de junho (Bib. Púb. Est.).

CONTRAPONTO - Revista de Arte e Cultura - Entrou em circulação no mês de maio de 1946¹, obedecendo ao formato de 31x22, com 24 páginas de texto, capa em cartolina, ilustrada por Lula Cardoso Ayres e uma folha interna, em papel especial, nela iniciando a “Galeria de Contraponto”, expressiva fotografatura do violinista Szeryng. Diretor-responsável - Valdemar de Oliveira; redator-secretário - Gastão de Holanda, que só figurou no primeiro número. Preço do exemplar Cr\$ 5,00; número atrasado Cr\$ 10,00 Redação à rua Miguel Couto, 68 e trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Commercio.

¹ A tipografia omitiu a data do primeiro número que, todavia, não foi difícil identificar.

Foi a seguinte a nota de apresentação: “Esta revista surge num momento em que a música, o teatro e a pintura atingem, em Pernambuco, um nível jamais alcançado em toda a sua história artística. Estimulo a essas atividades e, ao mesmo tempo, reflexo delas, Contraponto viverá em função do meio. Será educação e cultura, incentivo a tudo o que trouxer um novo sentido à evolução do nosso gosto artístico e divulgação de toda a real expressão de inteligência e sensibilidade, em Pernambuco. Há de ser, sobretudo, uma revista de província - seu espelho, sua força, sua mensagem. Ao canto da terra, a nossa voz em contraponto”.

O primeiro número inseriu artigos originais de Luiz Delgado, Haydn Goulart, Luiz Pandolfi, Hermilo Borba Filho, Flora Machman, Lucien Pouessel (trecho de conferência) e W., além de documentário, transcrição, reportagem, entrevistas e notas sobre música, pintura e teatro, sendo toda a matéria ilustrada. Ocorreram, também, algumas páginas de anúncios.

Bem recebida que foi, em todos os círculos sociais e culturais e pela imprensa diária, Contraponto seguiu sua trajetória estampando sob o clichê do título interno, a última frase da nota de apresentação: “Ao canto da terra, a nossa voz em contraponto”.

Mantendo o programa traçado, circularam as edições a seguir: nº 2, agosto, 26 páginas, capa de Cícero Dias: “Cena romântica”. Nº 3, outubro, 32 páginas, capa de Augusto Rodrigues Filho: retrato de Leopoldo Stokovsky. Nº 4, março de 1947, 40 páginas, capa de Lula: “Maracatu”. Nº 5, junho, 36 páginas, capa de Percy Lau: retrato de Shubertl Nº 6, outubro, 42 páginas, capa de Reinaldo Fonseca: retrato. Nº 7, março de 1948, 48 páginas, capa de Lula; “Dona Santa”. Nº 8, julho, 36

páginas, capa: reprodução de “Lampeão”, da cerâmica popular. Nº 9, outubro, 40 páginas, capa de Fernando Brennand: autorretrato. Nº 10, abril de 1949, 60 páginas, capa de Ladjane. Nº 11, dezembro, 52 páginas, capa: fotografia do Genivaldo Wanderley no papel de “Edipo rei”. Nº 12, dezembro de 1950¹, 160 páginas capa: fotografia do Teatro Santa Isabel. Nº 13, dezembro de 1951, 48 páginas, capa de Manuel Bandeira: retrato de L. L. Vauthier.

Na sua especialidade, Contraponto foi uma publicação única no Recife, divulgadora dos acontecimentos mais expressivos, dos nomes mais em evidência no mundo artístico. Fez cobertura completa das realizações da Sociedade de Cultura Musical, do Teatro de Amadores, Teatro Universitário, Teatro do Estudante, do Rádio Clube de Pernambuco e do Teatro Santa Isabel. Além dos escritores já mencionados, outros percorreram as páginas da revista, tais como: Manoel Moraes, Jorge Abrantes, Maria Jacinta, Odilon Nestor, Sousa Barros, José Césio Regueira Costa, Mário Sette, Mário Melo, Renato Almeida, Joel Pontes, Lucilo Varejão, Gastão de Holanda, Guerra de Holanda, Bandeira Costa e outros. Ilustrações de Manoel Bandeira, J. Ranulfo, Carlos Amorim, Aloísio Magalhães, Eros Gonçalves e Zuleno Pessoa, o mesmo que, usando o pseudônimo Pelicano, ilustrava as páginas de anúncios.

Na edição do primeiro aniversário, dizia uma nota editorial: “Os quatro números de Contraponto aí estão para

¹ Andrade Murici (Jornal do Commercio, Rio), registrando o recebimento do nº 12, de Contraponto, que declarou ter o valor de “uma monografia muito completa, obra de consulta, de interesse permanente”. aludiu a uma “pequena falha: a falta de numeração das páginas”. Essa falha ocorreu em todas as edições do importante magazine.

atestar a nossa inquebrantável força de vontade e os nossos propósitos de concorrer, tanto quanto possível, para a dignificação da arte, em nossa terra. Divulgando-lhe as realizações de ordem artística, dela temos sido espelho e mensagem fidelíssima, tal qual prometíamos em nosso primeiro número. A nossa voz continua a soar em contracanto ao canto da terra”.

O quarto e o sétimo números - de março de 1947 e março de 1948 - foram dedicados ao carnaval pernambucano, “sua índole regional, suas raízes ignoradas ou mal entrevistadas, sua essência poderosa, a seiva ancestral que o anima, o irreduzível que há em suas manifestações mais típicas - o frevo, o maracatu, os caboclinhos”, alinhando trabalhos, inéditos ou não, documentos musicais e flagrantes fotográficos.

O nº 12 saiu em edição especial, de luxo, comemorativa do centenário do Teatro Santa Isabel, a capa em cartolina, páginas em cores, iniciando o texto, em impressão de fundo, o vitral de uma das portas salão nobre do Teatro, fotogravuras de duas colunas, em tinta róssea, sobre a qual se imprimiu o editorial de introdução. Escreveu aí o articulista:

“Quem quer que edite, na província, uma publicação desta natureza sabe bem o que semelhante façanha exige em desprendimento e tenacidade. Nem uma nem outra coisa nos faltou, ao longo de cinco anos. E o resultado é este: todo o movimento artístico de Pernambuco, principalmente no setor do teatro e da música, durante o lustre de sua circulação, aí está para o conhecimento futuro dos estudiosos de nossa evolução artística. Nada escapou do que aqui se fez ou se pretendeu fazer, tendo como centro de gravitação o Teatro Santa Isabel, cujo

centenário coincide, precisamente, com o décimo segundo número de Contraponto. Ligado, por tantos títulos à história de Pernambuco, o velho Teatro fornece toda a matéria prima para a confecção deste número, representado, quanto se contem em suas páginas, um precioso documentário oferecido à meditação de historiadores e sociólogos”. E concluiu, após algumas considerações:

“Durante meses e meses pesquisamos e coligimos o farto documentário que se vai ler e aqui o oferecemos à atenção dos estudiosos do nosso passado histórico, certos de haver contribuído com boa parcela em favor das nobres tradições do Teatro Santa Isabel.

Esta revista continuará, não haja dúvida, fiel ao seu programa inicial - espelho, força, mensagem de nossa província”.

Páginas especiais apresentaram, na grande edição, retratos (por Manoel Bandeira) de Louis Léger Vauthier, o engenheiro construtor do Teatro Santa Isabel e do Palácio Campo das Princesas, aproveitando as antigas paredes do palácio construído em 1840 pelo conde da Boa Vista, em cujo governo provincial, no decênio 1841/1850, foi contratada a obra; outras inseriram autógrafos do ministro da Educação, Pedro Calmon Rego; do Governador Barbosa Lima Sobrinho e do Prefeito Moraes Rego; retratos dos dois últimos e fotografia de Joaquim Nabuco, “o nune tutelar do Teatro Santa Isabel”. A par de artigos assinados por A. Austregésilo, Celso Vieira, Eustórgio Wanderley, Luiz da Câmara Cascudo, Valdemar de Oliveira, Telga de Araújo, Renato Vieira de Melo, Hercílio Celso e Lucien Pouessel, divulgaram-se numerosas transcrições e farto documentário alusivo à vida da centenária casa de espetáculos,

inclusive fotográfico, completando a edição páginas de anúncios ilustrados. Zuleno Pessoa também desenhou os títulos da matéria geral. Vendeu-se o exemplar, excepcionalmente, a Cr\$ 100,00.

Valendo como “um segundo volume da edição comemorativa da fundação do Teatro Santa Isabel”, o 13º número ganhou “a feição de um anuário do movimento teatral e musical de Pernambuco, em 1951, pois, quanto aqui se fez, nesses setores, em suas páginas fica fixado para os cronistas do futuro”. Inseriu colaboração especial de Pedro Moniz de Aragão, Leitão de Barros, Gilberto Ferrez, Mário Melo, Hersílio Celso e Olga Obry, esta um trabalho em francês, além de farto documentário, inclusive fotográfico, das comemorações, autógrafos, entrevistas, reminiscências, etc. E 16 páginas foram dedicadas aos dez anos de atuação do Teatro de Amadores. Ainda ilustrações de Manoel Bandeira e Zuleno Pessoa.

Nada obstante o esforço, a obstinação do diretor Valdemar de Oliveira, Contraponto encerrou sua existência com a edição de dezembro de 1951.

Em anexo ao nº 10, de abril de 1949, circulou o nº do Boletim Teatral de Contraponto, dirigido e redigido, igualmente, por Valdemar de Oliveira, com oito páginas, em formato de 23x16. “Não se trata - dizia a nota de abertura - de uma publicação doutrinária mas, simplesmente, informativa. Pretende animar o ambiente teatral, estimular-lhe as iniciativas, refletir-lhes as realizações. Terá, em suma, o mesmo programa de Contraponto, restringindo-o, apenas, ao assunto teatro”.

O segundo anexo circulou em dezembro, acompanhando o nº 11 da revista, e o terceiro (e último) em dezembro de 1950,

todos exhaustivamente informativos do movimento teatral em Pernambuco (Bib. Pú. Est.).

LUZEIRO - Órgão do Clube Agrícola Silva Jardim -Manuscrito e hectografado, o nº 1, ano V (único visto), saiu datado de março/abril/maio de 1946, sob a direção de Terezinha Maia. Literatura infantil, notícias e desenhos escolares (Bib. Pú. Est.).

BOLETIM DO P. R. P. (Partido de Representação Popular) - Órgão oficial, de circulação interna, apareceu a 30 de junho de 1946, em formato de 50x31, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - José Dias da Silva, funcionando a redação no 7º andar do Edifício Sulacap, à avenida Guararapes. Assinatura anual: benfeitor Cr \$ 100,00; coadjutor Cr\$ 50,00; simples Cr\$ 20,00 Número avulso Cr\$ 2,00.

O editorial de apresentação teceu considerações em torno do caminho já percorrido pela novel organização política, para concluir, aludindo ao aparecimento do Boletim: “é o próprio partido que fala e que anda. Que caminha, que brada, que esclarece, que luta. Por Cristo, pela Nação”.

Publicou-se o nº 2 no dia 31 de julho, contendo seis páginas, feito clichê do cabeçalho, em cujo desenho figurou minúsculo mapa de Pernambuco.

As duas edições, que foram únicas, só divulgaram mesmo artigos e noticiário, às vezes ilustrado, de propaganda do Partido, assinados alguns daqueles por José C. de Sá Barreto, Augusto Duque e Irene A. de Sousa (Bib. Pú. Est.).

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO - Secretaria do Interior e Justiça - Datou a edição inicial do 1º semestre de 1946, formato de 23x16, volume de 314 páginas, impressa nas oficinas da Imprensa Oficial. Texto em papel acetinado e capa em cartolina de cor.

Em artigo de abertura, Jordão Emerenciano, diretor da nova repartição criada e da sua Revista, adiantou: “Determinam o Decreto 1265, de 04/12/45 e o Regulamento do A. P. E., que seja editada, semestralmente, uma revista - cuja finalidade será a divulgação de documentos inéditos e a difusão de assuntos históricos e afins. Uma publicação oficial dessa natureza deverá ter um caráter estritamente científico, alheio a conflitos partidários e a ódios pessoais. Sua matéria limitar-se-á a documentos inéditos ou à transcrição daqueles que forem julgados pouco conhecidos, a ensaios, monografias e estudos sobre temas históricos e correlatos. Em todos os números da revista haverá sempre uma seção de documentos e outra de trabalhos diversos sobre crítica da história e de documentos, diplomática, história nacional e principalmente história pernambucana”.

Explicou, a seguir, que a Secretaria do Governo vinha editando a publicação “Documentos do Arquivo”, cujos dois primeiros números divulgaram “a correspondência dos governadores e capitães-generais de várias Capitanias com o governador e capitão-general da Capitania de Pernambuco relativa aos anos de 1802, 1817 e 1818”. Já estava em preparação o Vol. III quando sobreveio a criação do Arquivo Público Estadual, seguida da fundação da Revista, que aproveitou a matéria do nº 3 do livro mencionado, constituída da correspondência de 1819.

“Deseja ser uma revista científica, séria e bem orientada, onde as idéias sejam explanadas com elevação e espírito científico. Não pretende cair na perigosa vaidade de monopolizar a verdade histórica nem erigir-se em máxima autoridade de história pernambucana. Tão pouco alimenta o desejo de ser órgão de grupos e facções”.

Noutro artigo, Jordão Emerenciano focalizou “a história, o historiador e o documento”. Aludindo à necessidade de que Pernambuco se ressentia, de um Arquivo Público, enalteceu o governo do desembargador José Neves, que criou a nova repartição e o do dr. José Domingues, que aprovou e pôs em execução o respectivo Regulamento.

Além da legislação sobre o Arquivo Estadual e da repercussão da iniciativa na imprensa, toda a matéria da edição constou da mencionada correspondência de 1819, compreendendo o Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas e Bahia.

No fim do ano, saiu o volume correspondente ao 2º semestre, reunindo 384 páginas, nelas contido o seguinte sumário: “Revista do Arquivo Público Estadual. Sua finalidade” - Jordão Emerenciano; “A Princesa Imperial em Pernambuco” - Sérgio Higino; “Documentos holandeses e a Coleção José Higino do Instituto Arqueológico Pernambucano” - J. A. Gonsalves de Melo Neto; “A Prosopopéia” - prof. Eládio dos Santos Ramos; “Os fortes de Fernando de Noronha” - Guilherme Auler; “A zona de penetração no Nordeste nos começos do século XIX” - prof. Estevão Pinto; “Notas à margem da interpretação marxista da História” - Jordão Emerenciano; “Livro dos Governadores”;

“Livro de Tombo do Mosteiro de S. Bento da Paraíba”; “Livros novos”; “Notas e Notícias”.

Prosseguiu com as seguintes edições: Ano II, nº 3, 1º semestre de 1947 - 250 páginas. Sumário: “Documento sobre o Agreste” - Augusto Duque; “Um grande arquiteto pernambucano” - Olívio Montenegro; “Interpretação de Pernambuco flamengo” - Jordão Emerenciano; “Diretoria de índios; “Livro de tomo do Mosteiro de São Bento da Paraíba” (continuação); “Livro de compra e venda de escravos”; “Engenhos centrais”; “Avisos do Ministério da Marinha”; “Avisos do Ministério do Império”; “Livros Novos”; “Notas e Notícias”.

Ano II, nº 4, 2º semestre - 290 páginas. Sumário: “Origens da colonização de Pernambuco” - Sérgio Higino; “As notas do Engenheiro Dombre” - Augusto Duque; “Plano de altos estudos” - Jordão Emerenciano; “Comando das Armas” (documentos de 1848, sobre a Revolução Praieira); “Livro de Tombo do Mosteiro de S. Bento da Paraíba” (continuação); “Livros Novos”; “Notas e Notícias”.

Ano III, nº 5, 1º e 2º semestres de 1948 - 732 páginas. Sumário: “A Revolução Praieira” - Barbosa Lima Sobrinho; “Flagrantes do Recife no começo do século” - Mauro Mota; “A Praia e os seus cronistas” - João Vasconcelos; “A Rebelião Praieira” - Eládio dos Santos Ramos; “Aspectos da Revolução Praieira” - Olívio Montenegro; “Considerações sobre a Revolução Praieira” - Amaro Quintas; “Vauthier no Arquivo Público” - Jordão Emerenciano; “Relatório de 1843” - L. L. Vauthier; “Relatório de 1846” - L. L. Vauthier; “Relatório sobre as cheias do rio Capibaribe” - L. L. Vauthier; “Projeto da ponte suspendida de Caxangá” - L. L. Vauthier; “Seção de

documentos”; “Comando das Armas, 1849”; Livros Novos”; “Notas e Notícias”.

Ano IV, nº 6, 1º e 2º semestres de 1949 - 720 páginas. Sumário: “Religião e Patriotismo” - D. Augusto Álvaro da Silva; “Invasão Holandesa no Maranhão” - prof. Jerônimo de Viveiros; “A resistência cearense ao domínio holandês” - prof. Monteiro de Moraes; “Conferência” - Luiz da Câmara Cascudo; “Episódios e aspectos do domínio colonial holandês na Paraíba” - Clóvis Lima; “Pernambuco, berço do Brasil” - Antonio Pereira de Sousa; “Conferência” - prof. Osório Calheiros Gatto; “Guararapes, a aliança dos destinos” - prof. Pedro Calmon; “Aspectos militares da 1ª Batalha dos Guararapes” - ten. cel. Sousa Júnior; “Trajes civis e militares em Pernambuco durante o domínio holandês” - prof. J. Wash Rodrigues; “Sesmaria de Santo André de Muribeca, origem do Engenho dos Guararapes” - prof. João de Deus de Oliveira Dias; “A guerra, expressão de validades culturais. Guararapes, um exemplo” - major Lauro Alves Pinto; “Apontamentos para a narrativa da feliz empresa da 2ª Batalha dos Guararapes” - Jordão Emerenciano; “Livro de Tombo do Mosteiro de S. Bento da Paraíba”(conclusão); “Dois relatórios holandeses” - José Antonio Gonsalves de Melo Neto; “Livros Novos”; “Notas e Notícias”.

Anos V e VI, nºs. 7/8, 1º e 2º semestres de 1950 e de 1951-936 páginas. Sumário: “Editorial”; “Considerações sobre Joaquim Nabuco” - João Vasconcelos; “O escravo em Pernambuco no tempo de Joaquim Nabuco” - Manuel Diégues Júnior; “José Mariano ou o elogio da tribuna” - Jordão Emerenciano; “Da Medalha” - Pedro Camelo; “Viagem a Pernambuco em 1859. Diário do Imperador D. Pedro II” - Guilherme Auler; “Apontamentos sobre Igarassu” - Adelino

Antonio de Luna Freire; “No roteiro do Cariri” - Mauro Mota; “Romances do ciclo do gado em Alagoas”- Théó Brandão; “O negro em Pernambuco. Retrospecto de suas práticas religiosas” - René Ribeiro; “Códice Joaquim Nabuco” (documentos sobre o túmulo de Nabuco); “Processo civil sobre o Engenho Serraria em que são exequentes os padrinhos de Nabuco, 1857”.

Anos VII a X, nºs. IX a XII, 1952/1956 - 760 páginas. Sumário: “Editorial”; “A função dos Arquivos” - Luiz da Câmara Cascudo; “O banguê em Pernambuco no século XIX” - M. Diégues Júnior; “Importância da Bibliografia e da Biblioteca para os estudos históricos” - Edson Néri da Fonseca; “Pernambuco no Arquivo da Casa Imperial” - Guilherme Auler; “O porto do Recife (Roteiro de uma viagem através de sua história)” - José César Regueira Costa; “A função mágica dos tambores” - Valdemar Valente; “Itamaracá (Contribuição para o estudo geomorfológico da costa pernambucana)” - Gilberto Osório de Andrade; “História da casa de Gunháu” - João d’Albuquerque Maranhão; “Itinerário da escola” - Mauro Mota; “O lobishomem da porteira velha”- Jaime Griz; “O fator religioso na História brasileira”-Nilo Pereira; “Notas sobre a capela dos Apipucos” - L. I. C. (Lucy I. Clarckson); “Memórias de uma cruzada” - Joel F. Jaime Galvão.

A importância da publicação da Revista do Arquivo Público fica expressa no acervo de estudos e na documentação histórica divulgados nas suas edições, valendo ressaltar as que foram dedicadas à Revolução Praieira e ao tricentenário das Batalhas dos Guararapes. Trabalhos, em geral, ilustrados com fotogravuras em páginas especiais de papel couchê , além de gráficos e mapas. O trabalho material esteve sempre a cargo da

Imprensa Oficial, exercendo a direção intelectual o professor Jordão Emerenciano ¹ (Bib. Púb. Est.).

O ABOLICIONISTA - Órgão trimestral do Grêmio Literário Olinto Victor (Grupo Escolar Joaquim Nabuco) - Circulou o nº 10, ano II, em julho de 1946, seguindo-se-lhe o nº 11, de setembro, ambos com seis páginas manuscritas e copiadas em hectógrafo. Diretor - Joaquim Galindo; redator-chefe - Jurandi Calado; redatora-secretária - Hildete Uchoa.

Só encontrados outros comprovantes correspondentes aos meses de março a junho de 1954 (Bib. Púb. Est.).

O OBREIRO - Órgão da Aliança Evangélica dos Obreiros Leigos - Entrou em circulação a 6 de agosto de 1946, em formato de 35x24, com quatro páginas de três boas colunas. Redatores responsáveis - Artur Rodrigues de Meneses, João W. Siqueira e Eugênio Melo. Redação à rua Conde da Boa Vista, 163. Impressão da Tipografia Amélia, de Alcides Gomes Pereira, situada à rua de Hortas, 33.

Declarou a redação, no artigo “A nossa razão de existência”, ter “programa definido pela A. E. O. L., sem compromisso com Igreja, sem ligação com convenções, sem ideologia política, sem interferência com o governo e sem conchavo com o indivíduo”.

¹ O Vol. IV da publicação “Vinte Anos de Atividades” focaliza: “Índice da Revista do Arquivo Público - Nº 1/XII . 1946/1956”. organizado por Edson Néri da Fonseca. Edição do Arquivo Público Estadual. trabalho gráfico da Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco. Recife. 1966.

Divulgando matéria noticiosa e variada, O Obreiro veio a publicar seu nº 2 no dia 6 de setembro, com seis páginas. Um artigo doutrinário de Adrião Bernardes dividiu-se pelas duas edições, para terminar na terceira, que teria ou não circulado (Bib. Púb. Est.).

ESTUDANTES - Circulou pela primeira vez em agosto de 1946, no formato de 23x16, com 52 páginas e capa em papel superior, cujo frontispício apresentou desenho ligeiro de Aloísio Magalhães, tendo ao centro o distintivo da Justiça. Diretor-responsável - Paulo Rangel Moreira; redator-geral - José Laurênio de Melo; redatores - Heitor Pinto de Moura, Antonio Brito Alves, José Rafael de Meneses, Ivan Pedrosa e Guerra de Holanda; diretor de publicidade - Ari Santa Cruz. Impressão das oficinas gráficas da Folha da Manhã.

Abriu a edição o seguinte editorial: “Estudantes se propõe a ser um itinerário da Faculdade de Direito do Recife. Esta revista contará a todos, abertamente, a intensidade de nossa vida universitária, infelizmente mal divulgada no meio de nosso povo. Refletirá a densidade cultural, o pensamento de uma parcela de gente moça que não se descuida de estar em dia com problemas atuais. Estes, tomados em várias modalidades - morais, sociais, políticas, artísticas, religiosas, jurídicas - serão aqui apresentados numa tentativa de compreensão e esclarecimento. Isto quer dizer que nós, estudantes, não participamos conciliatoriamente da tragédia, nem nos acomodamos com atitudes passivas. Embora para alguns espíritos pouco lúcidos todos os caminhos terminem no abismo, nossa consciência exige que lutemos pela inauguração de um plano humano de vida”.

Focalizando temas de Direito, Sociologia, Política, Ensino e Literatura, escreveram: Cleodon Fonseca, Gilberto Freyre, Gláucio Veiga, Sílvio de Macedo, Arnóbio Graça, Otávio de Freitas Júnior, Joel Pontes, Laurêncio Lima, José Gondim Filho, Guerra de Holanda, Antonio Camelo da Costa, Gilberto de Macedo, Antonio Franca e Hermilo Borba Filho. Divulgaram poesias: Edson Régis, Rodolfo de Rangel Moreira, Ariano Suassuna e Luis Luna de Almeida. Alguns anúncios completaram a edição (Colec. Albertino Santos, João Pessoa, Pb.).

O nº 5, ano IV, publicou-se em julho de 1949, com 82 páginas, trazendo sob o título as palavras: “Diretório Acadêmico de Direito”. Dois nomes apenas, no Expediente: diretor - Antonio Neves; redator - Carlos Maciel. Inseriu escolhida colaboração (Colec. Álvaro Alvim).

Outro único comprovante encontrado: nº 8, correspondente ao primeiro semestre de 1952. Constou da capa, em boa cartolina, a duas cores: “Órgão Oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito da Universidade do Recife”. Diretor - Olímpio Mendonça; redator-chefe - Abdias Moura; redator-secretário - Edmir Régis. Reuniu 48 páginas de papel acetinado. Voltava a circular “depois de prolongado silêncio de mais de ano” e só não aceitava colaboração “dos medíocres”. Inseriu colaboração, entre outros, de Pinto Ferreira, M. A. da Costa Pinto, Mauro de Almeida, Arnóbio Graça e Joaquim Correia Júnior (Bib. Púb. Est.).

NETUNO - A voz do 4º ano básico da Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco - Apareceu no dia 7 de setembro de 1946, em formato de 33x23, com quatro páginas de quatro colunas, destinado a distribuir-se internamente. Direção

provisória: presidente - Ceciliano J. R. de Vasconcelos; secretário - Severino Quirino dos Santos; redator - Orlando Pedrosa. Acrescentou-se ao cabeçalho, como divisa, um pensamento do Visconde do Rio Branco.

A “Fala de Netuno”, abrindo o texto, assim concluiu: “Meus amigos, eu surgi para educar as vossas idéias; não deixeis de contribuir para as minhas colunas. Se assim fizerdes, estareis trabalhando em prol de vossa cultura e do engrandecimento da pátria”.

Constituiu-se, a matéria do pequeno jornal, de produções assinadas pelos estudantes, curiosidades e algum noticiário.

O nº 2, que saiu em outubro e foi o último do ano, contendo seis páginas, substituiu o subtítulo pelo seguinte: “Órgão oficial do Corpo Discente da Escola Técnica de Comércio da Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco”. Nova direção: Quirino, Ceciliano, João de Carvalho Vaz, Manuel Roberto de Lima, Joel José dos Santos e José Francisco de Macedo.

Ressurgiu - nº 3 - em agosto de 1947. No 4º, do mês seguinte, cresceu o formato para 48x32. Ainda publicou-se, em novembro, o nº 5. E prosseguiu, sempre com seis páginas, porém muito espaçadamente, como a seguir: junho e setembro de 1948; junho de 1949; junho de 1950; junho e novembro de 1951; 1952 (?); julho de 1953 e abril de 1954.

A partir do nº 5, o título de Netuno exibiu, à direita, desenho simbólico. O corpo diretivo-redacional, de substituição em substituição, contou, além dos mencionados, com os

seguintes nomes: Juvino Lins, Ernani Bezerra, Francisco S. Leão, José Vinhas, Augusto Castelo, Bartolomeu Carrazoni, Manuel Cavadinha Guimarães, Clóvis Pacheco, Roderico Queiroz, Leopoldino Vieira de Melo Filho, Luiz Gonzaga Alcoforado, Hiravam Barlavento Sales, José Duarte Aguiar, José Carlos Poncel Neto, Irene dos Santos, Catarinus Huber Petrus e, no último número, sozinho, Leopoldino Vieira de Melo Filho, além de representantes junto aos Cursos.

Através do seu jornal, mantinham-se bem informados os acadêmicos de Comércio das atividades letivas e sociais da Faculdade, divulgando, inclusive, produções técnicas ou literárias dos nomes mais em evidência nos diversos cursos e de professores (Bib. Púb. Est.).

EM AÇÃO - Revista da Mocidade para o Povo - O primeiro número foi dado à publicidade no mês de setembro de 1946, em formato de 28x20, com 44 páginas, inclusive a capa, que exibiu, em verde-amarelo, retrato do presidente Eurico Gaspar Dutra. Diretor - Joaquim José Lagreca. Redação na sala 610, 6º andar, do Edifício Sulacap e trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82.

O artigo de apresentação, dirigido à “Mocidade Pernambucana”, colocou-lhe a revista nas mãos: “Ela é vossa, porque foi criada para que pudesseis sentir por ela aquele espírito de união e colaboração tão necessário hoje em dia, infelizmente tão pouco encontrado”.

“Seja em ação o lema que havia de desfraldar doravante. Em ação, pois. Em ação por vossos ideais, por vossas aspirações”.

O magazine inseriu produções, em prosa e verso, de Jorge Abrantes, Nertan Macedo de Alcântara, J. Bandeira Costa, Israel Fonseca, Roque de Brito Alves, Melquíades Montenegro, Vital Machado, Silvino Lira, Manuel Lubambo (póstumo), Expedito Claro, Potiguar Matos, Petrônio Ramos Figueiredo, Bianor da Hora e Geraldo Cavalcanti, completando a edição reportagens ilustradas, noticiário geral, páginas de humorismo e anúncios.

Outro nº 1, ano I, saiu no dia 2 de dezembro, transformada a revista em jornal, contendo seis páginas de seis colunas, no formato de 48x32. Impressão, em papel acetinado de primeira, da tipografia do Diário da Manhã. Passou a “Jornal da Mocidade para o Povo, a serviço do Povo”.

Ligeira nota de abertura declarou haver a folha adotado “diretriz política definitiva”, apoiando a candidatura Neto Campelo Júnior à sucessão governamental. Dispunha-se “a lutar em benefício do povo, pela democracia, a bem da coletividade”, concluindo: “Em Ação circulará semanalmente, às segundas-feiras, com um farto noticiário nacional e estrangeiro, além de páginas esportivas, sociais, reportagens locais e últimos informe políticos”.

Cumpriu, durante a fase da propaganda eleitoral, o programa enunciado, exibindo fotogravuras nas diversas seções, da Política à Cinematográfica, servido, sobretudo, da indefectível parte de publicidade remunerada. A sexta página era dedicada aos desportos.

Contou com outros colaboradores, tais como: Osvaldo Kury Zaidan, Antonio Guilherme Rodrigues, professor Mário G. Tavares, Régis Coelho, Juca Pato, com a crônica “Cabeça de Prego”, Jacques Gonçalves, Airon Rios e O Sombra, autor das notas “Alhures”.

Na sua campanha, Em Ação incluiu tremende crítica ao outro candidato governamental, Barbosa Lima Sobrinho; ao líder Agamenon Magalhães e à Folha da Manhã, enquanto defendia a administração do interventor General Dermeval Peixoto.

Terminou a atuação do periódico de J. J. Lagreca com o nº 7, de 13 de janeiro de 1947 (Bib. Púb. Est.).

ITATIAIA - Periódico Ilustrado. Literatura Arte. Ciência. Informações - Circulou pela primeira vez em setembro de 1946, obedecendo ao formato de 30x22, com 50 páginas, inclusive a capa, ilustrada e impressa a cores. Diretor administrativo - Artur Lúcio de Sousa; diretor-redator-chefe - Miguel de Sousa Leão; redator-secretário - Albino Buarque de Macedo. Redação à rua do Imperador, 460, 1º andar. Preço do exemplar Cr\$ 2,00.

Lia-se no extenso editorial “A nossa diretris”, entre outras considerações sobre política econômica, trabalhismo, fatores sociais e lutas de classe: “...a nossa revista surge com asas douradas como as falenas que se embriagam de éter na divagação dos campos que a luz meridiana doura com artístico pincel de imarcessíveis cores...”

Sua matéria constou de reportagens, seções de todos os matizes, noticiário social e, a par de alguns artigos de colaboração, enorme quantidade de poesia, principalmente de F.

J. Fernandes Pires, Esdras Farias, Nilo Tavares, José Abrantes dos Santos, Carlos Amorim, Israel de Castro, Abigail Braga e Leonardo Selva. Ainda: “Consultas médicas”, a cargo do dr. Bianor da Hora; “Modas Femininas”, por Aldemir Angélica de Lima e grande porção de reclames comerciais, na realidade o objetivo principal da revista.

Em seu nº 6, ano III, de fevereiro de 1950 (não avistados comprovantes anteriores), mudara a indicação abaixo do cabeçalho de Itatiaia para “Revista Literária e Informativa”, substituindo-se o redator Albino Buarque por Sinésio Medeiros. Imprimiu-se na tipografia d’A Tribuna, reunindo 40 páginas, mas dois terços de anúncios.

Outro único exemplar encontrado: nº 9, ano IV, correspondente aos meses de julho/dezembro do mesmo ano, solenizando, com 44 páginas, o quarto aniversário da publicação. Novo redator-secretário - José Martins (Bib. Púb. Est.).

O CINEMATOGRAFISTA - Órgão oficial da Casa do Cinematografista do Norte do Brasil - Inexistente comprovante da edição de estréia, o nº 2 circulou em outubro de 1946, com oito páginas, o reverso em branco, mimeografado em papel de ofício, mas impressos tipograficamente o cabeçalho e, no centro, o clichê do emblema da CCNB. Encarregado da redação - Alcides Nicéas.

Comemorou, no artigo de abertura, o primeiro aniversário da Casa e, além de um soneto de Natanael Muniz, inseriu balancete da instituição e noticiário cinematográfico em geral.

Jamais saiu o terceiro número (Bib. Púb. Est.).

A CAPITAL - Surgiu em outubro de 1946, formato de 32x24, com 28 páginas de papel acetinado e capa em couchê, ilustrando-a uma foto de aspecto da cidade. Diretor - Luiz Valois Correia; secretário - W. Albuquerque; redatores - J. Péricles de Sá e Nailton P. Silva; encarregado da publicidade - José Rezende Filho. Redação à rua da Glória, 436. Preço do exemplar Cr\$ 2,50.

“...pequena revista, sem grandes pretensões” - dizia o editorial de abertura - sua “única finalidade é oferecer aos leitores de Pernambuco uma leitura agradável e variada”. Terminou solicitando apoio e a colaboração dos leitores.

Divulgou produções originais de Lucilo Varejão, Alcides Siqueira, Odilon Nestor, Amaro Quintas, Hercílio Celso, Tenório de Cerqueira, Arruda Falcão, Israel Fonseca, Otacílio L. Carneiro, Jarbas Duarte, O. Vieira e do pessoal da redação, fora seções de “Cinema”, “Rádio” e “Futebol”. Fotografia a cargo de W. Albuquerque e ilustrações de J. Rezende Filho. Boa messe de reclames comerciais.

Não restam indícios do prosseguimento (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DE ISRAEL - Órgão oficial do Centro Cultural Israelita de Pernambuco - Publicou-se pela primeira vez a 8 de novembro de 1946, em formato de 45x30, com quatro páginas a cinco colunas de composição, para distribuição interna. Direção de David Erlich, tendo como secretário David Mancovetzky e tesoureiro Luiz Tachlitaky, depois substituído por Abram

Tandeitnik. Redação à rua da Glória, 215 e impressão da Tipografia Recife, à rua Vidal de Negreiros, 204.

Em artigo de apresentação, dizia o diretor tratar-se de “mais uma voz que se ergue para o grande mundo, e esta voz exclama: - Eu, o Povo de Israel, quero quebrar as grades do getto e entrar no seio da humanidade, com os mesmos direitos dos outros povos”.

Noutro tópico: “A Voz de Israel será o clarim de alvorada após esta noite escura e tenebrosa que foi a segunda guerra mundial”.

Circulação ora mensal ora bimestral, divulgava em suas edições artigos redacionais, noticiário de interesse da comunidade judaica e colaboração, entre outros, de Raquel Burstein, dr. Bernardo Radunsky, Marcos Koats, Rubem Tachlistsy, Isaac Edel Stein, Lúcio Lima, Olavo Sampaio, A. Zaverucha, dra. Berta Goldman, Berta e Beatriz Schnaider e Ary Rushansky.

A partir do nº 7, A Voz, que se bateu, principalmente, contra o anti-semitismo, diminuiu um pouco de formato, mas variou o número de páginas, saindo com quatro, seis, oito e até dez.

Obedecendo à mesma direção, ocorreram, porém, substituições no corpo redacional que, na última edição avistada, de março/abril de 194..., era o seguinte: redatora-chefe - dra.

Berta Goldman; secretário - I. Edelstein; tesoureiro - Samuel Wolfenson (Bib. Púb. Est. ¹e colec. Berta Schnaider).

GUARARAPES - Edição Especial Comemorativa do 121º Aniversário da Força Policial de Pernambuco - Circulou no dia 8 de novembro de 1946, em formato de 45x30, com quatro páginas a quatro colunas de 12 cíceros. Trabalho gráfico das oficinas do Quartel do Derby.

“Guararapes - lia-se no editorial de abertura - é o título do nosso folheto. Modesto e desinteressado, visando apenas comemorar a data. Guararapes não é , assim, um compromisso. É apenas um tentame. Em primeiro lugar, um tributo à nobre corporação onde se edita pela primeira vez. Depois, um estudo; um ensaio que poderá, de futuro, se converter em órgão da corporação, periódico regular”.

A edição inseriu traços biográficos de “um morto querido” - o major João Leite Serrano de Andrade; a história de heroísmo do “cabo Cobrinha”, por A. L. S. (Américo Lins e Silva), este, por sua vez, perfilado por Jota Erre Esse, que escondia o nome do capitão João Rodrigues da Silva, o fundador do jornal; comentários; noticiário geral e particular dos festejos da data comemorada, ilustrado com fotografias de instalações da corporação policial.

Na mesma data, em 1947, publicava-se o nº 2, solenizando o 122º aniversário da então denominada Polícia

¹ Na Biblioteca Pública do Estado acham-se arquivados. apenas. os nºs 1 e 2 d' A Voz de Israel.

Militar de Pernambuco. Foram seis páginas de matéria alusiva, ilustrada.

Transformando o jornal em revista, apareceu o nº 3, ano III, a 8 de novembro de 1948, designando-se “órgão da Diretoria de Instrução da Polícia Militar”, sob a direção de João Rodrigues, tendo como secretário o tenente Jesus Jardim de Sá. Em formato de 30x23, reuniu 24 páginas de texto e capa de cartolina, com a frente impressa em azul-encarnado, ostentando a reprodução de famosa tela da batalha decisiva contra os holandeses, no monte Guararapes. Estampou vasta clicherie, a par de dados históricos, noticiário específico e artigos assinados por Edson Victor, capitães Agenor Cavalcanti e Gepê; tenentes Jardim, Augusto Félix e Carlos Ferraz; sub-tenente Arquimedes de Albuquerque e sargento João Batista. Anúncios nas páginas secundárias da capa.

Ressurgiu em janeiro de 1950 - nº 4, ano IV, ilustrada a capa com clichê da fachada do Quartel do Derby. Mantido João Rodrigues (já promovido a major) à frente do corpo redacional, seguiam-no: capitão Agenor Cavalcanti, tenente Augusto Félix e sub-tenente Arquimedes de Albuquerque.

A edição em apreço reuniu 60 páginas de texto, abrindo e encerrando com as exclusivas de anúncios. Além da matéria de caráter militar, bastante ilustrada, incluindo clichês do Governador Barbosa Lima Sobrinho e de altas autoridades militares, divulgou colaboração especial de Valdemar de Oliveira, Isnar de Moura, Mário Melo, Silvino Lopes, Celeste Dutra, General Americano Freire, Andrade Lima Filho, major Oscar Luis da Silva, Jota Erre Esse, Elavier Palestra, Poty e outros.

Correu o tempo e a então denominada Revista Guararapes reapareceu com o nº 16 (como se tivessem sido publicados os nºs. 5 a 15), ano V, datado de janeiro/fevereiro/março de 1953, apresentando 50 páginas, mais quatro da capa, a primeira e a quarta das quais exibindo reproduções das telas “Henrique Dias após a batalha de Comendaituba” e “Igreja votiva dos Prazeres”, respectivamente, dos professores Baltazar da Câmara e Mário Nunes. Ainda dirigida por J. Rodrigues, foi secretariada por Paulo Matos, encarregando-se da publicidade J. S. Queiroz. Redação à rua 1º de Março, 90, 1º andar.

Transformara-se a revista em órgão exclusivamente literário e o trabalho gráfico, sempre confiado às oficinas do Quartel do Derby, foi mais bem cuidado, tendo páginas impressas ora em duas, ora em três cores, geralmente ilustradas. O artigo de abertura focalizou o tricentenário (a celebrar-se no ano seguinte) da expulsão dos holandeses de Pernambuco, seguindo-se a colaboração, em prosa, de Isnar de Moura, Costa Porto, Carlos Pereira da Costa, Adeth Leite, Bezerra de Amorim, Aduino Pontes, Mário Melo, Mauro Mota, Marco Aurélio de Alcântara, Tenório de Cerqueira, Jorge Abrantes, Milton Souto, Santos Pereira, Jota Erre, Baltazar da Câmara, Maria das Graças Santos Leite, Jordão Emerenciano, Edison L. Lima, Mauritônio Meira, Poti e Luiz do Nascimento; e, em verso, de Oliveiros Litrento, Paulo Matos, Seve-Leite, J. Rodrigues, Querioz Campos, Mariano Lemos, Diva Matos, Jaime Griz, Evangelina Maia Cavalcanti, Antonio Celso Uchoa Cavalcanti, Ernesto de Albuquerque, Leônidas de Castro, Dornelas Câmara, Severino Uchoa, Esdras Farias e B. de Sousa Filho.

Terminou aí a existência de Guararapes (Colec. Cilro Meigo e Bib. Púb. Est.)¹.

VOZ OPERÁRIA - Surgiu no dia 15 de dezembro de 1946, obedecendo ao formato de 43x30, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Diretor - Heronides Coelho Filho; redator-secretário e gerente - Valdir Coelho. Redação à rua do Lima, 327 e administração na do Imperador, 221, 1º andar. Trabalho gráfico das oficinas da Gazeta Esportiva, transferindo-se, no nº 3, para as d' A Tribuna. Assinatura anual de proteção Cr\$ 20,00; simples Cr\$ 15,00 Preço do exemplar Cr\$ 0,30.

Lia-se no editorial de abertura, após o chavão de que vinha preencher “uma grande, uma imensa lacuna”: “Voz Operária, a lídima expressão do trabalhador, não tem cor política. Não é contra ninguém. Não faz do ódio o seu elemento. Isso porque o proletário brasileiro não odeia ninguém, não é contra ninguém, é apenas cioso da sua liberdade, do seu lar, da sua pátria e nada mais aspira além da grandeza do torrão que o viu nascer e do estabelecimento da Justiça Social. Esse o nosso lema, esse o nosso ideal”.

De orientação católica, o periódico apresentou bastante matéria noticiosa das atividades operárias e suas reivindicações; “Seção Feminina”, a cargo de Marina Teles de Meneses; “Desportos”, por Aril; Radiodifusão e raros anúncios.

Seguiu-se normal a publicação do quinzenário. No nº 4 o corpo redacional foi acrescido dos seguintes nomes: Áureo

¹ É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

Correia Lima, Geraldo Lira e Lorena de Araújo e a tabela de assinaturas sofreu a seguinte modificação: 50 edições (dois anos) Cr\$ 20,00; 25 edições Cr\$ 10,00 Ao atingir o nº 13, colocou sob o título: “O quinzenário de maior circulação no Nordeste”.

A par da matéria de rotina, incluindo “Seção Trabalhista” e “Conheça a Constituição”, Voz Operária inseria artigos assinados por Antonio Torres Galvão, Mauro L. Assunção, João Moreno, José Veiga, José Araújo, Erasmo Bona, José F. Carrato, Milton Gomes e Alfredo Ramos, todos, com exceção do primeiro, operários.

Terminou 1947 com a edição da 2a. quinzena de novembro. Em 1948 publicou-se irregularmente, dando apenas três números, entre janeiro e julho, quando Valdir Coelho foi substituído, nas funções que exercia, pelo colaborador José Ajuricaba C. Silva. Em março de 1949 circulava o nº 24 e, continuando, apareceu o nº 27 (e último) do mês de outubro.

Nas três edições finais figuraram um novo redator - José Dias da Silva - e trabalhos de colaboração de Dorany Sampaio (Bib. Púb. Est.)¹.

AVANTE - Semanário Noticioso, de Cultura e Política - O primeiro número foi publicado no dia 30 de dezembro de 1946, em formato de 48x30, com quatro páginas de três colunas de composição. Diretor-responsável - Mário Gomes Tavares; redator - Stélio Gonçalves; gerente - Torquato Almeida, funcionando a redação na rua Estreita do Rosário. Assinatura: anual Cr\$ 24,00; semestral Cr\$ 12,00 Número avulso Cr\$ 0,50;

¹ É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

edição extra Cr\$ 1,00 Repetido, na última página, o clichê do cabeçalho.

Dizia-se, em nota de apresentação colocada na terceira página, “jornal independente e corajoso, onde nenhuma conveniência pudesse provocar uma desvirtuação da verdade, um escândalo tendencioso de certos fatos, ou o silêncio criminoso diante de determinadas atitudes, arma infelizmente tão comuns na imprensa apaixonada que estamos habituados a ler”.

No nº 2 - que saiu a 9 de janeiro de 1947 e foi o último a aparecer - um editorial esclareceu melhor a posição de Avante: não era órgão partidário, mas tinha pontos de vista que o identificavam, perfeitamente, com o Partido de Representação Popular.

Impressas em bom papel, as duas edições divulgaram reportagens e notas políticas; telegramas do Rio; noticiário; a “Piada da Semana”(charge); a seção de epigramas “Musa política”, por K. Labar; artigos assinados por José Cavalcanti Sá Barreto, José Dias da Silva e Paulo André Dias Sobrinho e anúncios.

Na prática, o programa da folha era anti-comunista. Começou a fazer a campanha eleitoral do P.R.P. mas, inexplicavelmente, ficou no início do caminho (Bib. Púb. Est.).

LIBERTAS - Órgão da U. P. M. (da Igreja Presbiteriana de Recife) - Foi dado à circulação no dia 31 de dezembro de 1946, em formato médio, com quatro páginas de quatro colunas e lisonjeira disposição gráfica. Diretor - Zacarias Maia. Além de

manchete doutrinária, exibiu, como slogan, a frase bíblica: “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Na abertura, sob o título “Prelúdio”, escreveu a redação, entre outras considerações: “Não temos pretensões a jornalismo de alto coturno; tentaremos, no máximo, realizar um esforço seletivo no intuito de conseguir a melhor apresentação e a melhor matéria”.

Divulgou, a par de notas redacionais, produções específicas de, entre outros, Francisco Gueiros, Erasto Melo, Francisco Siqueira e Jaci Brandão.

O declarado mensário teria ficado no primeiro número (Colec. Otav. Cavalcanti).

1947

MORENA - Revista Mensal Ilustrada - Surgiu em janeiro de 1947, no formato de 26x21, contendo 28 páginas, inclusive a capa, esta em papel couchê, ilustrada com fotogravura de aspecto do Recife. Diretores - Osvaldo Fagundes e Miguel de Sousa Leão. Redação no 6º andar do edifício do Jornal do Comércio. Preço do exemplar Cr\$ 1,50.

Lia-se na página de apresentação: “Morena vai ser a revista das emergências, desde a leitura agradável dos ônibus ao último rincão do solo”. Mais ainda, para convencimento do leitor: “Ela irá bem longe, percorrendo desde as longínquas praias do Norte aos verdes mares do Sul”.

Divulgou matéria leve, reportagens ilustradas e colaboração literária de Luiz Rocha, Oséas Gama, Raimundo Cruz, Leônidas Hormissidas da Silva Castro, Venceslau de Queiroz, Paulo Travassos Sarinho e outros. Boa parcela de anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

PERNAMBUCO ESPÍRITA - Órgão do Espiritismo em Pernambuco - Começou a publicar-se no mês de janeiro de 1947, em formato de 35x24, com quatro páginas de quatro colunas. Impresso na tipografia do Diário da Manhã, à rua do Imperador, 217, instalou redação à rua Diário de Pernambuco, 42, 1º andar. Diretor - Antonio José Ferreira Lima; secretário - João Bezerra Vasconcelos. Distribuição gratuita.

Ao que declarava o artigo “Nossa posição”, vinha ocupar “um lugar na luta pelos bons princípios que nos irmanam, na defesa dos postulados contidos na terceira revelação. Ele descerá às instituições divulgadoras dos sagrados ensinamentos do Cristianismo”. Concluiu solicitando aos adeptos ou simpatizantes do credo espírita apoio moral e cooperação financeira, necessários à manutenção do mensário.

Circulando com regularidade, logo na terceira edição elevou o formato para 50x31, a seis colunas de composição. Ao mesmo tempo, afastado Ferreira Lima, por motivo de enfermidade¹, assumiu a direção o redator-secretário, sendo este substituído por Fernando Burlamaqui. Por outro lado, o jornal entrou a divulgar anúncios e cobrar assinaturas, estas à razão de

¹ A. J. Ferreira Lima desapareceu do plano objetivo a 8 de março de 1947.

Cr\$ 12,00 por anualidade, mais Cr\$ 3,00 quando fosse para o estrangeiro. Número avulso Cr\$ 1,00.

Pernambuco Espírita manteve as seções: “Falando à Mulher”, por Irmã K; “Noticiário”, obra Social do Espiritismo” e “Sociais”; divulgava mensagens mediúnicas e artigos doutrinários, estes a cargo de Djalma Montenegro de Farias; Otávio Coutinho; Fernando Burlamaqui, também poeta; Rafael Perruci, Edson Holmes, Mariano Rango d’Aragona, Nelson Kerenski Paes Barreto, tenente Pedro Veríssimo, Agesilau Novelino Pinheiro Ramos, Paulo Alves de Godoy, Ernesto Landman, Josué de Lima, Domingos Soares e outros.

O primeiro aniversário do periódico - nº 13, janeiro de 1948 - mereceu edição de oito páginas, estampando clichês individuais dos redatores, de colaboradores e do primeiro diretor e o editorial “Um ano de luta”, que concluiu rendendo homenagem aos espíritos obreiros do Senhor.

Atingiu o nº 17 no mês de maio. Além dos nomes mencionados, vinham servindo como redatores Alfredo Ramos e Leonardo do Nascimento, este substituído por Lourival Sobreira.

Após grande lacuna na coleção, existe o nº 39/40/41, ano IV, de março/abril/maio de 1950, acrescentados mais dois nomes ao corpo redacional: Blandina Filipini Ferrari e Aníbal Ribeiro.

Confeccionado em diversas tipografias, terminou na Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82 (Bib. Púb. Est.).

ITATIAIA - Revista Literária Ilustrada, Dedicada às Forças Armadas Brasileiras - Publicação bimensal, sob a direção de

Helvécio Heitor Regueira, apareceu em janeiro de 1947, no formato de 32x23, tendo a redação instalada à rua do Imperador, 474, 1º andar. Imprimiu-se nas oficinas da Livraria Colombo, situada à rua da Imperatriz.

Apresentou-se com 72 páginas de texto, em papel acetinado e mais quatro da capa, em cartolina branca, nela figurando, em policromia, desenho do monumento a Felipe Camarão para ser erguido no alto do Meritiba, em Aldeia, município de São Lourenço da Mata, e os dizeres “Homenagem ao Exército Nacional”.

Sem artigo-programa, iniciou o texto um editorial de exaltação ao Exército, seguindo-se-lhe outras notas redacionais; transcrições; artigos originais assinados por Severino Gomes, Nadir Toledo Cabral, Vicente Nascimento, Anselmo Maria de Rezende, José Regueira, Antonio Mangabeira, Osvaldo Fagundes, Luiz Rocha, Estênio Leite, F. J. Fernandes Pires, Lira Flores, José Martins, Nilo Tavares, Clóvis Lacerda Leite, Rafael Peixoto, Elisio Nepomuceno e Amaro Regueira; mais a página “Modas femininas”, por Alcemir Angélica de Lima; “Panorama radiofônico”, de Hostiniano de Moraes; páginas especiais de homenagem aos generais Canrobert Pereira da Costa, Dermeval Peixoto e Eurico Gaspar Dutra; algum noticiário, serviço de clichê e considerável quantidade de anúncios, inclusive em forma de matéria redacional.

Teria ficado na edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

LÍNGUA DE SOGRA - Revista de Bom Humor - Inexistente comprovante da edição de estréia, o nº 2, ano II, circulou em fevereiro de 1947, no formato de 26x18, reunindo 36 páginas,

incluída a capa, em papel couchê, ilustrada por N. V. (Norberto Vale). Diretores - Miguel de Sousa Leão e professor F. J. Fernandes Pires. Preço do exemplar Cr\$ 2,00 Trabalho gráfico de “The Propagandist”, à rua do Rangel, 154.

Em seguida à página de apresentação, inseriu matéria variada: charges da época foliã; boa parte literária com transcrições e trabalhos originais, principalmente de Fernandes Pires, Orlandina Griz, Esdras Farias e José Abrantes dos Santos; letras de canções carnavalescas e anúncios (Bib. Púb. Est.).

ALMANAQUE DO CARNAVAL - Publicou-se em fevereiro de 1947, no formato de 24x16, com 16 páginas de papel comum e oito em papel grosso: capa e centro. Preço do exemplar: “no Rio e outros Estados” Cr\$ 2,00.

Sem nenhuma nota de apresentação, divulgou, apenas, letras de músicas carnavalescas e fotogravuras de cantores (Bib. Púb. Est.).

A TAMPA - Semanário exclusivamente humorístico, entrou em circulação a 25 de março de 1947, no formato de 50x30, com seis páginas a seis colunas de composição. Diretor - Grande Polegar (pseudônimo de Silvino Lopes).

Lia-se no Expediente, a partir do segundo número: “Sendo o jornal um círculo vicioso e o povo viciado a andar em bonde circular, nossa circulação segue o sistema circulatório - por toda parte do organismo social. A colaboração será paga, tudo dependendo da maneira de pagamento - em vale. Os artigos não assinados serão de responsabilidade exclusiva das pessoas

que os lerem. Os assinados adotam o regime nacional de irresponsabilidade”.

Impresso nas oficinas do Diário da Manhã, à rua do Imperador, 227, vendia-se a Cr\$ 0,50 o exemplar, preço mencionado num quadrinho de duas colunas, dentro da qual vinha, ao lado, a quadra que adotou como divisa:

“Abóbada infinita,
Não és senão A Tampa
Desta sombria campa
Que a humanidade habita”.
Guerra Junqueiro

“No fundo, um artigo...” foi o título da apresentação do Grande Polegar, colocado nas duas primeiras colunas da terceira página, sendo-lhe substituído o conteúdo, cada semana, enquanto viveu o jornal. Outra “Apresentação” foi assinada pelo redator Moraes Ferreira.

Teve curso regular a existência da bem humorada gazeta, cujas seis páginas, constantes, admitiam alguns anúncios, para ajudar o pagamento do trabalho gráfico e uma delas, ilustrada, dedicava-se, seriamente, ao noticiário desportivo.

A política e os políticos serviram de temas principais à matéria d’A Tampa, constituída de crônicas, notas diversas, poesias, anedotas, piadas e epigramas, tudo obedecendo à mais fina verbe. Viam-se assinaturas, em pastiche, de escritores, jornalistas e, até, comerciantes locais. Não faltavam charges e caricaturas, a cargo dos desenhistas Armando Santos, Augusto Rodrigues Filho, Félix, Edilson e Villares, além de fotomontagens cômicas. Embora sem assinar suas crônicas bem

humoradas, era o escritor Paulo Cavalcanti um dos colaboradores.

Manteve-se o padrão do interessante periódico até o nº 41, de 31 de dezembro, quando inseriu o artigo “Ano vai e ano vem” e o poema “Te dana, 1947”, da lavra de Frei Gil de Belém, outro travesti de Silvino Lopes.

Foi o “canto de cisne” d’A Tampa (Bib. Púb. Est.).

RAIOS DE LUZ - Revista de Espiritismo - Órgão da Fraternidade Raios de Luz - Publicação bimestral, com redação e administração à rua dr. José Maria, 953, surgiu datada de março/abril de 1947, em formato de 23x16, com vinte páginas, incluída a capa, em cuja frente se via, entre o cabeçalho e o sumário, um desenho simbólico. Direção de Nelson Kerensky e Agesilau N. Pinheiro Ramos; departamento técnico: Zuleno Pessoa e José Fernandes Leal. Tabela de assinaturas: ano Cr\$ 15,00; para o Interior e Exterior Cr\$ 18,00; sob registro Cr\$ 24,00 Número avulso: Recife Cr\$ 2,50; Interior e Exterior Cr\$ 3,00; atrasado Cr\$ 4,00 Trabalho gráfico da oficina do Jornal do Comercio.

Depois de várias considerações em torno dos objetivos da revista, lia-se: “Apresentando-nos como órgão de uma sociedade, não deixamos de ser uma revista de Espiritismo, sempre ao dispor dos profíctos da Terceira Revelação e lhes solicitando encarregadamente o auxílio possível. A escola a que pertencemos é de amor e realização. E isto justifica abundantemente a alegria sã, estamos certos, com que somos recebidos e seremos auxiliados”.

A edição de estréia inseriu, a par de artigos assinados pelos diretores, colaboração de Ramos da Paixão, Mara Peres, Yara, Mamede e Astrogildo Calípsio de Carvalho, os dois últimos com poesias, além de reportagens, notas sociais, bibliografia e noticiário espírita.

Raios de Luz seguiu sua meta, circulando com regularidade, obediente ao programa enunciado. Atingindo o nº 7, correspondente a março/abril de 1948, solenizou o primeiro aniversário de publicação, ao que dedicou artigo de página inteira, terminando por pedir “auxílio, amparo e cooperação, quer dos incarnados, quer dos invisíveis, sobretudo do excelso mestre e Pai Misericordioso”. Em maio/junho publicou-se o nº 2, ano II (a edição anterior deveria trazer o nº 1) e em janeiro/fevereiro de 1949 o nº 6. O nº 1, ano III, saiu em março/abril e o nº 4 em setembro/outubro do mesmo ano.

Após o interregno de um triênio, apareceu o nº 5, ano VI, datado de setembro/outubro de 1952, quando a direção se dispunha a prosseguir a carreira traçada, o que não conseguiu, verificando-se, unicamente, uma outra edição, correspondente aos meses de novembro/dezembro.

Desde o início de 1948, a direção do magazine reduziu-se ao nome de A. N. Pinheiro Ramos e a redação foi transferida para a rua do Imperador, 255, 1º andar. Já no fim: redator-secretário - Aluísio Pereira; tesoureiro - Ramos Paixão. Média de 30 páginas. As capas ostentavam fotogravuras ou desenho ilustrativo.

A colaboração, fora os nomes antes referidos, variava entre Lafaiete Belo, Creusa Chaves, Geraldino Brasil (poesia), J.

J. do Bonfim, José Augusto Romero, Deolindo Amorim, Paulo Alves Godói, Fernando Burlamaqui (poesia), Idalina Aguiar Matos, Martins Peralva, Leopoldo Machado, Luiz do Rego Barros, Orlando Romero, Alfredo Miguel, Adauto Pontes, João Bezerra Vasconcelos, A. C. Pacheco e Silva, J. Leite Sobrinho, Teodoro Jaques, Jandira Soares, coronel Vilaronga Fontenele, Amélia Oliveira Viana, Antonio Isaias, José Geraldo Viera, Erasmo Porangaba, Lourival Sobreia e outros. Seções mantidas: “Instatâneos”, “Doutrina e Arte”, “Livros”, “Informando” e “A lição dos fatos”. Tinha redatores correspondentes ou representantes em diversos Estados, sendo Antonio Castilho viajante autorizado (Bib. Púb. Est.).

CÂMBIO - Revista de Economia e Finanças - Surgiu no mês de abril de 31x23, com 52 páginas de papel especial, inclusive a capa, ilustrada. Propriedade da Sociedade Editora Câmbio Ltda. Diretor - J. M. Othon Sidou; redator-secretário - Paulo Othon Sidou; gerente - Weismer Bourbon, funcionando o escritório na Avenida 10 de Novembro (atual Guararapes), 147, 4º andar. Assinatura anual Cr\$ 100,00 Preço do exemplar Cr\$ 8,00 Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

Do extenso editorial de apresentação constou o tópico: “Revista técnica, de ordem econômico-financeira, Câmbio interessará sem dúvida o comerciante, o industrial, o agricultor, o banqueiro, o advogado, o técnico, o contabilista, o estatístico, o operário, enfim, toda uma corte de homens que, direta ou indiretamente, lidam com números e fazem das cifras seu labor diuturno”.

Não se limitava a informar; tinha a missão superior de orientar, fazendo-o “com sensatez e equilíbrio”. Em conclusão:

“Câmbio foi criado para consulta e orientação de homens dinâmicos”.

Declarando-se mensal, a revista sofreu a primeira lacuna após o nº 2, só reaparecendo em setembro. No quarto número, de novembro, substituiu-se o gerente por Jorge Trindade e foi admitido um redator - C. R. Holanda Oliveira - “ para o idioma espanhol”, ambos com pouca duração nos respectivos cargos.

A matéria, além do enunciado, incluía “Fôro e Judicatura”, “Notícias dos Estados”, “Ferrovias e Rodovias”, “Assistência e Legislação Social”, “Página Açucareira”, “Curiosidades Brasileiras”, “Vida Social”, etc., acrescida de publicidade comercial. Inseriu algumas produções assinadas por Manuel Aroucha e Évio de Abreu e Lima e constantes estiradas dos irmãos Sidou. Em diversas edições predominou o sistema de reportagens de propaganda de administrações estaduais, ilustradas. Capa uniforme.

A publicação ocorria irregularmente, alterando a tabela de assinaturas, até cobrar Cr\$ 150,00 pela anualidade e Cr\$ 15,00 por número avulso. Transferindo-se o escritório para a rua da Palma, 295, 1º andar. Chegou, assim ao nº 16, ano V, em setembro de 1951 ¹ (Bib. Púb. Est.).

GAZETA ESTUDANTIL - Quinzenário Cultural da Classe Estudantil - Saiu a lume no dia 13 de maio de 1947, em formato de 33x23, com quatro páginas de quatro colunas. Destinado à

¹ A revista continuou a publicar-se. Quando? Após o mencionado nº 16, só possui a Biblioteca Pública do Estado comprovantes a partir do nº 32, já de 1959.

“circulação interna nos colégios”, tinha como patrono Castro Alves. Diretor - Almir de Aquino Fonseca.

Nasceu, conforme o editorial “Alerta, Colegiais!”, para servir à classe, compreendendo os corpos docente e discente de cada colégio por onde circular. Será um veículo das ordens e conselhos dos mestres e das opiniões idealistas dos colegiais, quando forem justas e plausíveis”.

A edição de estréia, além do início das “façanhas de Evandro Griz”, ilustradas, e do competente noticiário, inseriu colaboração de Cláudio Cabral Cavalcanti, Afrânio Souto e professor Jorge Cahu, este na “Coluna do Mestre”.

Circularam mais dois números: a 30 de maio e 1 de agosto, respectivamente, no mesmo ritmo, incluindo “O Conto da Gazeta”; informações desportivas e um concurso para a escolha da Rainha das Estudantes do Recife, com nota assinada e ilustrada por Wellington Sousa, o caricaturista do jornal. Também alguns anúncios.

Não há idéia de ter prosseguido (Bib. Púb. Est.).

O OBREIRO - Órgão Macônico Informativo e Noticioso - O nº 1, ano I, circulou a 25 de maio de 1947, em formato de 33x23, com seis páginas de três colunas. Redatores - Artur Rodrigues de Meneses, V. de Araújo e S. Medeiros. Redação à rua Nova, 214, 1º andar. Publicação mensal.

Não teve artigo de abertura. A. M. comentou a necessidade de uma imprensa maçônica no Recife, com tipografia

própria, sugerindo uma campanha financeira para atingir o ideal colimado.

Como era natural, só veiculou matéria específica, tendo a ajuda de alguns anúncios.

Faltam comprovantes da continuação (Bib. Púb. Est.).

TÉCNICA CIÊNCIA - Apareceu datada de abril/maio/junho de 1947, em formato de 29x18, com 46 páginas de papel acetinado e capa em couchê. Diretor-geral e da Seção de Engenharia - Alfredo Becker; da Seção de Agronomia - Régis Velho; secretário - acadêmico Reginaldo Régis; redator - David Rabinovich; gerente - Maurino de Paula. Redação no Edifício Trianon, sala 405. Preço do exemplar Cr\$ 5,00

“Nenhum esforço foi poupado - lia-se na página de abertura - a fim de que a revista “apresentasse um aspecto, técnico ou material, condigno com o seu alto objetivo. É um amalgamado de artigos técnicos, nas suas diversas seções, quer de Engenharia ou de Agronomia”.

A publicação teve seguimento normal, trimestralmente, destacando-se, com maior quantidade de páginas, a primeira das mencionadas seções, que contou com a colaboração, entre outros, de Meyer Mesel, Ivan Loureiro, Aurino Duarte, Augusto Ribeiro, João Geraldo B.G. Silva, Arnaldo Barbalho, Ondino Cardoso, capitão-tenente Airton Carvalho, acadêmico Florismundo Marques Lins Sobrinho, Luiz Aragão e Hélio de Oliveira e Silva.

Na parte dedicada à Agronomia, afora as produções do diretor, escreveram: Osvaldo Guimarães, Rômulo Cavina, Humberto Carneiro, W. Duarte de Barros, Amauri A. da Silveira, Antonio Correia, Pimentel Gomes, Edgar Santana, Rodrigo Pinto Tenório, Shisuto J. Murayama, P. Viegas, etc.

Ao atingir o nº 3, encontrava-se no expediente novo redator: Ernesto Kauffman; mas, a partir do nº 4, só restavam os dois diretores. No 5º, publicado em junho de 1948, desapareceu a Seção de Agronomia e, conseqüentemente, a atuação de Régis Velho. Estava, também, por um fio a existência da revista, cujo nº 6, contendo 30 páginas, foi publicado após um interregno de 16 meses, em outubro de 1950, inserindo artigos de Alfredo Becker, Zael Diógenes Melo e engenheiros Florismundo Sobrinho e Heleny Albuquerque Marques Lins.

Quase dois anos depois, circulou o nº 7 no mês de julho de 1952, em homenagem à memória do fundador do magazine, Alfredo Becker, cuja fotogravura se estampou na página de frente da capa. Organizaram-no os acadêmicos Kauffman e David Rabinovich. Com 48 páginas, dois terços constituíram-se de anúncios. Artigos dos engenheiros Joaquim Arcoverde, Meyer Mesel e Elísio Silveira e do jornalista Mauro Mota.

Os nºs. 1, 3 e 4 foram confeccionados na Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82; o 2º e o 5º em tipografia não identificada; o 6º nas oficinas da Folha da Manhã e o 7º (o último) nas oficinas da Polícia Militar (Bib. Púb. Est.¹ e Bib. Esc. Engenharia).

¹ É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

ANAIS DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE PERNAMBUCO - O fascículo I, ano I, circulou em junho de 1947, no formato de 23x15, com 84 páginas de papel couchê e capa em boa cartolina de cor. Trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã.

Visava a publicação, promovida pela nova diretoria (presidência do dr. Artur Tavares de Moura, tendo como secretário o dr. Luiz Tavares da Silva), a “dar maior realce às atividades científicas” da centenária Sociedade. Salientou a nota intitulada “Justificativa”: “Os Anais, publicados em três fascículos, reunirão as memórias apresentadas às sessões ordinárias mensais ou à Reunião Anual, que se realiza, todos os anos, em setembro”.

A edição divulgou trabalhos lidos nas sessões de 3 e 5 de fevereiro, 5 de março, 1 de abril e 7 de maio transatos, pelos médicos Artur Moura, Romero Marques, Luiz Tavares, Jorge Glasner, José Henriques, Valdemir Lopes, Fernando Costa e Lalor Mota.

Decorridos três anos, precisamente em julho de 1950, saiu o nº 2 dos Anais. Deveu-se a suspensão a “dificuldades de ordem material, de par com a inexistência de uma perfeita engrenagem administrativa, decorrete, principalmente, de um aparelhamento burocrático auxiliar da Secretaria”. Com 144 páginas, reuniu as teses e indicações apresentadas ao II Congresso Médico Estadual, realizado em Caruaru, que tiveram como autores Bruno Maia, Ferreira dos Santos, Durval Tavares de Lucena, Hoel Sette, Luiz Lessa, Pompeu Luna, Valdemir Lopes, José Maria Schuler, Silva Filho, Paulo Q. Borba,

Frederico Carvalheira, Veloso Costa, Rubem Carneiro Leão, Joaquim S. Cavalcanti e Darci Lima. Encerrou com os Estatutos da Sociedade de Medicina de Pernambuco.

Outros números publicados, já sob a direção do dr. Bruno Maia, no mês de dezembro de cada ano: 1951, 1952, 1953 e 1954, contendo, respectivamente, 120, 176, 126 e 106 páginas, transferida a confecção dos dois últimos para a União Gráfica Ltda., conservando excelente aspecto material.

A partir da edição correspondente a 1952, figuraram os seguintes secretários de redação: médicos Adônis R. L. Carvalho, Edmir Rodrigues Lopes, Rubem Carneiro Leão e Carlos Alberto Correia de Araújo. Ao fim de cada edição, algumas páginas inseriam anúncios de produtos ligados à medicina. Mais colaboradores: Coelho de Almeida, Albérico Câmara, Rinaldo de Azevedo, Djair Brindeiro, Hélio Mendonça, Ivo Roesler, Sílvio Paes Gonçalves, Jarbas Pernambucano, Perseu Castro Lemos, José Nivaldo, Teodorico de Freitas, Rui João Marques, Barros Lima, Hindenburg T. de Lemos, Salomão Kelner, Paulo de Queiroz Borba, Arnaldo Marques, Emanuel Malheiros Borges, Gonçalo de Melo, Aristides de Paula Gomes, Ivan de Amorim, Carlos Alberto e outros ¹ (Bib. Púb. Est. e Bib. Fac. Dir. UFPE.).

NOITE DE JUNHO - Livro de Sortes - Publicou-se em 1947, mês correspondente ao título, no formato de 23x16, com 24 páginas, incluída a capa cartolinada, que Carlos Amorim ilustrou. Sem indicação de expediente nem ligação com as publicações anteriores de igual denominação, a revistinha primou pela má

¹ A publicação prosseguiu em 1955.

distribuição da matéria, tendo sido impressa pela Sociedade Gráfica Ipanema, de Alves & Moura Ltda.

Apesar de mal feita, contou com a colaboração de A. Pinto, Mário Melo, Esdras Farias e Antonio Carneiro, além das Sortes, transcrições e anúncios (Bib. Púb. Est.).

REVISTA DE JUNHO - Sortes, Orações, Adivinhações, Literatura e Social - Saiu pela primeira vez no ano de 1947, obedecendo ao formato de 26x18, com 52 páginas, incluída a capa, esta em papel couchê, com estampa de São João no frontispício. Diretor - Miguel de Sousa Leão, tendo escritório instalado na rua Barão de São Borja, 415. “The Propagandist”, à rua do Rangel, 154, imprimiu. Preço do exemplar Cr\$ 2,00

Vinha marcar, conforme o artigo inicial, “mais uma etapa gloriosa da tradição do São João pernambucano”.

Cumpriu a meta, divulgando Sortes e matéria diversa. Colaboração literária de Manuel Cirilo, Oséas Gama, Lourdes Moreira, Álvaro da Costa Lins, Amaro Wanderley e Hostiniano de Moraes, além de transcrições.

Circulou o nº 2, ano II, em junho de 1948, edição reduzida a 28 páginas, com anúncios na primeira, elevado para Cr\$ 5,00 o custo do exemplar. A matéria paga foi “cavada” no interior do Estado, principalmente no município de Goiana. Colaboração principal de Osvaldo Fagundes, Israel de Castro e Maria das Dores de Lima (Bib. Púb. Est.).

A. E. A. M. (Associação dos Ex-Alunos Maristas) - Boletim Mensal - Começou a publicar-se em junho de 1947, no formato

de 23x16, com quatro páginas a duas colunas de composição desiguais: de 10 e 16 ciceros. Redação no Colégio Marista, à Avenida Conde da Boa Vista, 385.

Lia-se na sucinta “Apresentação”: “O Boletim servirá de ligação entre a Associação e seus membros, mormente para aqueles que, por contingências várias, estão impossibilitados de frequentar com mais regularidade as nossas reuniões mensais”. Era, finalmente, o portador das notícias referentes ao movimento social.

Circulou regularmente, meses e anos afora, divulgando resenhas das reuniões, noticiário de outras atividades, discursos, mensagens, fotografias comemorativas, artigos assinados ou poesias e a coluna “Indicador Profissional”.

Ao atingir o nº 23, de abril de 1949, A. E. A. M. ficou suspenso em virtude de “dificuldades de várias espécies”. Ressurgiu em abril de 1950, alimentando a intenção de não ser mais interrompido. Impresso em papel acetinado ou couchê, às vezes proporcionando seis ou oito páginas, passou, após a edição de agosto do referido ano, a circular bimestralmente, vindo a ocorrer, durante 1951, por exceção, apenas três números, o último deles compreendendo os meses de maio a dezembro. Mudou para três colunas iguais de composição em março de 1952.

A edição de março/abril de 1953 solenizou o Cinquentenário Marista do Norte do Brasil. Começou, então, uma série de perfis de ex-alunos, a par da “Galeria do Passado”, outras curiosidades e notas sociais. Desde o princípio de 1951, as

letras do título tinham sido substituídas por um desenho, vendo-se ao centro o escudo, com facho, da Associação.

Sem mais alterações, o interessante jornalzinho chegou ao fim de 1954 com nº 11/12, datado de novembro/dezembro¹.

Entre os raros signatários de produções literárias inseridas no Boletim, figuraram Hélio E. Caldas, José de Moura Rocha, Guerra de Holanda (poesias), João Geraldo B. G. da Silva, Paulo Fernandes de Barros, Dorany Sampaio, Enildo Sousa Leão Pinto, Artur Pio Neto, Dias da Silva, Zadir Castelo Branco, Jázer Meneses Bezerra e José Umberto. Efetuou-se o trabalho material em tipografias diferentes, inclusive, em 1952, a d'A Tribuna (Bib. Associação Ex-Al. Marista)²

A ORDEM - Órgão Independente, Noticioso e de Circulação Semanal - Surgiu no dia 7 de junho de 1947, em formato de 48x32, com quatro páginas de seis colunas. Diretor - Djalma Marques de Melo; redator-chefe - Ranulfo Meneses, funcionando a redação na rua da Aurora, 127, 1º andar. Assinaturas: por um ano Cr\$ 20,00; semestre Cr\$ 15,00 Preço do exemplar Cr\$ 0,50 Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

Disponha-se, conforme a nota de apresentação, a divulgar matéria de interesse geral e defender os interesses do povo, "acima de quaisquer conveniências", sem nenhuma ligação político partidária.

¹ Continuou em 1955.

² Só numeros esparsos são guardados na Biblioteca Pública do Estado.

O segundo número do “semanário” circulou a 7 de julho e o terceiro no dia 31 de outubro, com oito e seis páginas, respectivamente, acrescido o corpo redacional de novos nomes.

Jornal de boa aparência, servido de apreciável publicidade comercial, divulgou matéria variada, artigos de colaboração de Francisco Julião, Manuel de Araújo Barbosa, Araújo Sobreira, Aderbal Mendonça e outros e poesias de Alcides Lopes de Siqueira e Israel de Castro.

O nº 3 anunciou que A Ordem continuaria a publicar-se, impressa em oficinas próprias. Não voltou jamais à tona (Bib. Púb. Est.).

REGIÃO - Suplemento Esportivo - Surgiu no dia 7 de julho de 1947, em formato de 48x32, com seis páginas de seis colunas, para publicar-se às segundas-feiras. Direção de Edson Régis, contando-se entre os redatores Hélio Pinto. Trabalho gráfico da Empresa Diário da Manhã e redação à rua do Imperador, 227. Preço do exemplar: Cr\$ 1,00

Era, segundo a “Apresentação”, “um jornalzinho caprichado, moderno e noticioso, como acontece nos grandes centros”.

Sua matéria constituiu-se de reportagens ilustradas em torno das atividades desportivas do domingo, à frente o futebol; comentários, informações gerais e anúncios. Teve a colaboração de Lúcio Martins, Maribondo, com os “Fatos da Semana”; Jamalição, Jaibas, etc.

Não passou do nº 3, que saiu na terceira semana, dia 21 (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DO CINCOENTENÁRIO - Órgão do Instituto Orfanológico São Joaquim - Circulou a 20 de julho de 1947, em formato de 32x22, com quatro páginas. Diretor - padre Osias T. Leite; redator - Leonel C. Ferreira; gerente - José A. Ferreira. Foi fundado em comemoração aos 50 anos do estabelecimento, situado à rua da Glória, bairro da Boa Vista, em cujas oficinas gráficas se imprimiu, colocado o cabeçalho em meio da página de frente, encimado pela matéria sob o título “Notícia geral”, onde se fez, continuando na edição seguinte, o histórico da vida do Instituto, para prosseguir noutras edições, do que, aliás, não resta indício.

Dizia a nota de apresentação, na terceira página, que A Voz do Cincoentenário era “a voz de uma mensagem às famílias pernambucanas, convidando-as a celebrar com solenidade meio século de existência de uma das mais beneméritas instituições de assistência social, que tanto honra Pernambuco”.

O nº 2 foi dado à publicação no dia 3 de agosto, inserindo, como a primeira, matéria redacional sobretudo noticiosa, inclusive a “Crônica Esportiva”; relatórios, seção de charadas e algum artigo assinado (Bib. Púb. Est.).

IRAPUÃ - Órgão Litero-Cultural e Desportivo do Clube dos S. O. e Sargentos da Aeronáutica do Recife - Começou a publicar-se no mês de julho de 1947, em formato de 28x16, reunindo 32 páginas de texto, mais a capa, em couchê, que ostentou desenho em preto e branco sobre fundo vermelho, figurativo da cultura

intelectual e física. Diretor - Manuel Balbino do Nascimento; secretário e ilustrador - Wilson Pereira Lobo; redator-chefe - Orlando Cordeiro; redatores - Jaime Siqueira, Fernando Negrão Prado, Djalma Falcão, Estanislau Fragoso Batista e Jaime X. Silveira; tesoureiro - Hermógenes Granja Arrais; fotógrafo - Jeferson de Barros. Redação na Avenida Beira-Mar, Piedade e trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

Lia-se na “Introdução”: “...o nosso princípio é o mesmo das irapuãs, apenas que estas trabalham em conjunto por um benefício próprio, e nós por uma realização maior das coisas grandes, no progresso desta terra de campos verdes...”

Divulgou artigos, contos e crônicas; poesia do brigadeiro J. C. Dias da Costa; as seções “Dentro do meio social”; “Mate esta”, de charadas e palavras cruzadas; “A...ri...piadas!”, de humorismo ilustrado, por W. Lobo; “Vamos aprender um pouco?”; “Às voltas com as saias”, a cargo de Djalma Falcão; “nos bastidores do Clube”; “Rádio e suas aplicações”, por Jaime Siqueira e “Instruções para matrícula na Escola de Aeronáutica”.

Após “um silêncio de três longos anos”, apareceu o nº 2 de Irapuã, ano IV, em maio de 1950. Reduziu o formato para 24x16 e a quantidade de páginas para 20, inclusive a capa, tornando-se “órgão oficioso do Clube”. Nova equipe: diretor - Audálio Ribeiro Torres; redator-chefe - José Francisco Dias Júnior; secretário - Manuel Bispo do Nascimento; redatores - Agenor Rodrigues da Silva, Aloísio Guilherme de Sousa e Clóvis Gomes de Albuquerque; tesoureiro - Otoniel Segundo Diniz. Assinaturas: anual Cr\$ 20,00; semestral Cr\$ 10,00 ou Cr\$ 22,00 e Cr\$ 12,00 para fora do Recife. Preço do exemplar Cr\$ 3,00

Abriu a edição uma “Carta Aberta aos Batalhadores de Irapuã”, convidando-os a reencetar a meta empreendida. “É a realidade que, novamente, nos convida ao trabalho das letras”. Concluindo, exclamou Audálio R. Torres: “Irapuã viverá per omnia saeculum”. Seguiram-se diferentes artigos; as seções “Você sabia que ...”, por Al Truista; “Sociais”; “Castália”, com poesias de Mauro Mota e Clóvis G. de Albuquerque, etc.

Prosseguiu regularmente a publicação, exibindo na capa, em papel couchê, fotogravuras de motivos diversos, variando a quantidade de páginas até 32, algumas de anúncios, bem distribuída a matéria. Chegou, assim, ao nº 8, do mês de dezembro, cuja capa estampou alegoria do Natal, desenhada por José Gomes Morim.

Decaiu, porém, o entusiasmo pela interessante revista, da qual só saíram, em 1951, duas edições: nº 9/10, de janeiro/junho e nº 11, de julho/outubro. Os nºs. 12 e 13 circularam em 1952, em julho e novembro, respectivamente, e o nº 14 (e último) em novembro de 1953.

Os quatro números do fim - média de 36 a 40 páginas - foram totalmente impressos em papel couchê. O corpo diretivo e redacional sofreu diversas alterações a partir de setembro de 1950, vindo a terminar com apenas três nomes: primeiro sargento Audálio e terceiros José Agostinho de Lucena e José F. Dias Júnior.

Foram colaboradores: Zeferino Lima, Júlio Barbosa, coronel Cuco, Luiz Bastos, Israel de Castro, Otávio Cavalcanti, José Aragão, Eustórgio Wanderley, Angele Soun Chalita, Manuel Ferreira Leal e outros. A página dupla intitulada

“Castália” aparecia, algumas vezes, ilustrada por Eloy (Bib. Púb. Est.).

ALFABETIZAÇÃO - Boletim da Cruzada Nacional de Educação - Saiu a lume no mês de julho de 1947, em formato de 23x15, com quatro páginas de três colunas, para distribuição gratuita. Direção de Degoberto Fernandes Pires; redação a cargo do Serviço de Imprensa e Rádio, constituído de Nicodemos Fonte, Adroaldo Silva e Diógenes Magalhães, com sede na sala 417 do Edifício Sulacap. Impressão da Gráfica Ipanema, situada à rua da Glória, 160.

O editorial, sob o título “Diretrizes”, focalizou as atividades da Cruzada em Pernambuco, declarando que o seu jornal vinha possibilitar melhor divulgação do esforço e “tenacidade dos legionários da segunda abolição, a dos escravos da ignorância os analfabetos”.

Inseriu artigo do diretor; comentários; notas específicas e registro social.

Ao que tudo indica, ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

OPERÁRIOS DE D. BOSCO - “Com aprovação dos superiores”, circulou o primeiro número no mês de julho de 1947, em formato de 27x19, com quatro páginas de papel acetinado. Confecção dos alunos da Escola Gráfica Salesiana, à rua Dom Bosco, 551.

Eram “páginas de fé, propaganda, documentação, agradecimento, gratidão, pedidos, crônicas, várias, noticiário”.

Publicação mensal, a par de artigo, crônica ou poesia, suas páginas refletiam o movimento financeiro e a campanha pró-construção da obra dos salesianos mencionada, às vezes com clichês de cooperadores.

Circulou até junho de 1948, quando ocorreu a primeira edição de oito páginas. Prosseguiu no mês seguinte, iniciando numeração de 1 a 12, até junho de 1949. Passou a dar ora quatro ora oito páginas, logo mais adotando capa de cor, de papel acetinado, servida de publicidade comercial, com exceção do frontispício.

Assim começou o ano III, nº 1, em julho de 1949. Publicado regularmente, até o nº 12, teve início o ano IV em julho de 1950. Voltou às quatro páginas primitivas e, a partir de janeiro de 1951, reduziu-se a duas, apenas - verso e reverso. Desta maneira publicou-se nova série - ano V -compreendendo os nºs. 1 a 12, de julho transato a junho de 1952.

O ano VI, principiado em julho, só atingiu o nº 6, de dezembro de 1952, quando terminou a existência do pequeno órgão (Bib. Púb. Est.).

REVISTA AGRICULTURA - Órgão Oficial do Diretório Acadêmico de Agronomia - Surgiu datada de julho/agosto de 1947, em formato de 23x16, com 80 páginas , inclusive a capa, cartolinada. Diretor - Rodolfo Moraes; redator-chefe - Evaldo Inojosa; secretário - Rui Castro; tesoureira - Teresa C. Gaião; redatores - Olímpio Meneses Filho, Fernando G. Melo, Adierson Azevedo e Sílvio P. Viana; diretor de publicidade - Breno Cirne Soares. Assinatura anual Cr\$ 20,00; fora do Estado Cr\$ 30,00

Número avulso Cr\$ 5,00 e Cr\$ 6,00 respectivamente. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82.

Abriu o texto o artigo “Uma explicação”, assinado pelo terceiranista Sebastião Simões Filho, presidente do Diretório Acadêmico de Agronomia e Química, o qual declarou apresentar-se a revista em nova fase, como “órgão da classe a serviço do povo”, acrescentando: “Sem desprezar colaborações de natureza científica, valorizará os artigos que possam levar aos seus assinantes ensinamentos práticos suscetíveis de aplicação imediata”.

Publicado bimestralmente, sem detença, o magazine reduziu o número de páginas até o mínimo de 50, assim atingindo o nº 4, de janeiro/fevereiro de 1948.

Afora as produções da equipe redacional, foram colaboradores: professor A. Chaves Batista, Júlio C. Borba, Rodrigo P. Tenório, professor Umberto Carneiro, professor Mário Coelho, Maria Celene (“A mulher e a profissão agrônômica”), Francisco Higino Barbosa Lima, Aloísio Baltar, Romildo F. de Carvalho, professor Otávio Domingues, agrônomo Manuel de Castro, Antonio G. de Matos, Heraldo da Silva Maia, professor Duarte C. Pontual, agrônomo Pimentel Gomes, Jorge Lessa M. Reis, Moacir Paraíba, agrônomo Amauri H. da Silveira e outros. Cada edição terminava com noticiário do movimento estudantil e seções instrutivas.

Sem notícia dos nºs. 5 a 8, resta o nº 9/10/11, ano III, correspondente aos meses de setembro de 1949 a fevereiro de 1950. O corpo redacional achava-se constituído de João da Costa C. Lima (diretor), Osvaldo J. Neri da Fonseca, Ronaldo

Gonçalves Lins, Ildefonso Lopes Filho, Nivaldo Vieira, Fernando Basto Lima e Elnio Amorim, sendo tesoureiro Olímpio Meneses Filho e diretor de publicidade Evandro de Vasconcelos Varela. A edição de 62 páginas, imprimiu-se em papel buffon, inserindo trabalhos específicos, entre outros, do professor Newton da Rocha e dos agrônômicos Hélio Carvalho, Rômulo Cavina, Roberto Djalma Guedes Pereira e Ambrósio de Oliveira Freitas. Raros anúncios.

Teria terminado aí a publicação (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DO POVO - Para o Povo. Pelo Povo - Ostentando o slogan “Um jornal para dizer a Verdade”, entrou em circulação no dia 18 de agosto de 1947, em formato de 50x30, com quatro páginas de seis colunas. Redator-chefe - (José) Dias da Silva, funcionando a redação na rua José de Holanda, 255. Trabalho gráfico das oficinas da Folha do Povo, sendo a impressão das páginas externas em preto e encarnado. Preço do exemplar Cr\$ 0,20

Do artigo “O que somos e a que viemos” vale destacar o tópico a seguir: “Somos um jornal livre e só queremos viver enquanto assim puder continuar. Não temos compromisso com nenhum partido e disto o povo terá certeza quando, de nossas colunas, partir a crítica sincera e justa, porém violenta e irredutível, contra todos aqueles que se colocarem contra o povo, chame-se UDN ou PSD, comunismo ou integralismo. Não reconhecemos legendas, nem nomes, quando estiverem de encontro às reivindicações públicas”.

Constava, também, do Expediente: “Informar com precisão - Comentar com isenção”.

O Jornal do Povo foi, na realidade, um comentador desapaixonado, pugnando pela liberdade democrática e pelas necessidades públicas do Recife, através de editoriais e reportagens sensacionais, principalmente assinadas pelo redator-chefe, também autor da coluna da terceira página: “Em guarda”, assinada D. S., e da “Carta Parlamentar”, onde se ocultava como Alcântara de Ataíde, enquanto Carlos Luis de Andrade era O Camarada Andrade do comentário “Este dia que passa”.

Circulando semanalmente, fez intensa campanha contra o trust dos transportes - a Empresa Autoviária, inclusive através de comentários de Mariano Batista, Álvaro Saturnino e Paulo André Dias da Silva Sobrinho. Focalizava temas gerais de interesse cidadão. Dedicou parte da última página à seção “Futebol” e alimentou “A piada da semana”(com uma única charge para todas as piadas.

O movimentado jornal encarnado e preto, que viveu, praticamente, sem anúncios, não pode, talvez por isso mesmo, ir muito longe, ficando no nº 7, de 29 de setembro (Bib. Púb. Est.).

O MOMENTO - Semanário Político e Noticioso do Nordeste - Ostentando no cabeçalho a divisa “Por um Brasil unido, democrático e cristão”, apareceu no dia 25 de agosto de 1947, em formato de 48x30, com quatro páginas de seis colunas, destinado a circular nas segundas-feiras. Diretor - F. Esmeraldo de Melo; gerente - G. Carlos Freire; publicidade - J. Rodrigues. Redação à rua de Santa Cruz, 100. Imprimiu-se na oficina da Sociedade Gráfica Ipanema, à rua da Glória, 160. Assinatura anual Cr\$ 25,00; para o interior e outros Estados Cr\$ 30,00 Preço do exemplar Cr\$ 0,50

Surgia, consoante o editorial de abertura, “num momento muito grave da vida nacional”, devendo envidar esforços para atender às “imposições imediatas da realidade”. Adiantou: “Não temos pretensões a juizes. Não somos imparciais nem neutros, no que essas palavras signifiquem de alheamento à vida, às idéias, aos choques diversos que se travam nesta hora tumultuosa. Tendo uma mensagem ideológica a propagar, limitaremos, resolutamente, a realização desse objetivo com as fronteiras da Verdade e da Moral”.

Abriu a edição extenso artigo do líder integralista Plínio Salgado, intitulado “Recomeçar”. Na segunda página viu-se uma “Proclamação aos Estudantes”, de F. Esmeraldo, “na qualidade de Secretário Estadual de Arregimentação de Estudantes, do Partido de Representação Popular, seção de Pernambuco”. Ainda: notícias do Partido; “Comentários relâmpagos”; “Atualidades”; “O Momento nos municípios”; artigo de Aloísio Falcão, soneto de Mayrink, etc.

Seguindo sua jornada, o periódico populista sofreu inexplicável interrupção entre os n.ºs. 5 e 6, este de 10 de novembro. Saiu, excepcionalmente, com seis páginas a 24 de dezembro, em homenagem ao Natal. Continuou em 1948, sem interromper a numeração.

Iniciava cada edição, invariavelmente, imenso artigo doutrinário de Plínio Salgado, transcrito da Idade Nova. Eram colaboradores: José Cavalcanti de Sá Barreto, João Domingos da Fonseca, Mauro L. Assunção, Aloísio Falcão, Esmeraldo de Melo, Augusto Duque, Antonio Napoleão Arcoverde, Mário G. Tavares e Nertan Macedo de Alcântara.

A partir do nº 26, de 12 de abril, figuraram no expediente novos redatores: Augusto Duque e Aloísio Falcão, passando o setor de publicidade a Júlio Leitão de Melo.

Reportagens e amplo noticiário em torno das atividades populista, inclusive campanha eleitoral, foram a meta principal d'O Momento, que manteve, também, a seção “Instantâneos Internacionais”, além da parte de anúncios.

Estendeu-se a publicação até o nº 36, de 5 de julho de 1948 (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DA UNIÃO - Órgão Juvenil de Propaganda Espírita - Surgiu em agosto de 1947, no formato de 31x23, com oito páginas de texto (papel acetinado) e capa em couchê, ilustrada por Zuleno Pessoa. Diretor-responsável - Robério Alcântara: redatora - Mara Peres; secretária - Helena Pires, funcionando a redação no Núcleo Espírita Investigadores da Luz, à rua Augusta, 706. Preço do exemplar Cr\$ 2,50 Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Commercio .

Segundo o artigo “Uma boa compreensão”, assinado pela secretária, a publicação destinava-se a “despertar nossa mocidade arrojada e forte, mas um tanto leviana, um pouco de amor a Deus, um pouco de caridade e religiosidade”.

Além da produção dos redatores, a edição inseriu colaboração de Aluísio Pereira, Nelson Kerensky, Valdenício Tavares de Melo, Hécio Pires, Elisabeth Soares, Rosa Maria Pires Ferreira e Nerícia Tavares; trabalhos mediúnicos, pensamentos, noticiário e anúncios.

Nada obstante declarar-se bimensário, jamais conseguiu o magazine cumprir esse desiderato. O nº 2 só apareceu em janeiro de 1948 e o nº 3 em dezembro, reduzido então o formato para 23x16, mas duplicada a quantidade de páginas. Passou a “Órgão de Propaganda a Serviço das Mocidades Espíritas do Brasil”, substituindo-se o diretor e a secretária por Valdenício T. de Melo e Nerícia T. de Melo, respectivamente.

Outras edições manuseadas: nº 5 - outubro de 1950; nº 6 - julho/setembro de 1951. Ficou suspensa, aí, A Voz da União, cujo nº 7 só veio a lume em janeiro/fevereiro de 1954, elevado para Cr\$ 4,00 o preço do exemplar, excepcionalmente impresso na Gráfica Editora do Recife S/A.

Tomando alento novo, a revista passou a circular bimestralmente; mas a última edição do ano, o nº 11, reuniu os meses de setembro a dezembro¹.

A direção ficou a cargo de Nerícia desde o nº 6, acrescentando-se na edição seguinte: supervisão - Elisabeth Dantas Cavalcanti; redatores - Hécio Pires e Aluísio Pereira.

Foram outros colaboradores: M. da Nóbrega, Jorge Borges de Sousa, Lúcia Costa, Ramiro Gama, Antonio Gadelha, Aníbal Ribeiro Ramos, Agesilau N. Pinheiro Ramos, Edna Sacramento Pires, Blandina Filippine Ferreira, Luis Honorato, Celme Ribeiro Barbosa, Zuleide P. de Lucena, José dos Santos, Judite Alves Malveira, etc. Mantinham-se as seções: “Notas biográficas de espíritos notáveis”; “Convem saber...”; “Fatos e

¹A publicação prosseguiu em 1955.

definições”; “Página poética”; “Esperantismo”; “O pensamento de Kardec” e notas soltas. Zuleno Pessoa ilustrava, magistralmente, capas e textos. Ocorriam alguns anúncios (Bib. Púb. Est.).

REVISTA DE CULTURA - Ciência, Artes e Letras - Apareceu datada de setembro de 1947, sob a direção de Valdemar Valente e Oliveira Litrento, com redação e administração à rua Conde da Boa Vista, 1250, destinada a circular nos meses de março, julho, setembro e dezembro. Em formato de 26x16, apresentou-se com 36 páginas de papel bouffant, fora a capa, esta em cartolina-fantasia. Constava do Expediente: “Os colaboradores deverão contribuir, adiantadamente, com a importância relativa à confecção de clichês, assim como com a decorrente da despesa da tiragem de separatas, caso desejarem”. Tabela de assinaturas: Anual Cr\$ 20,00; semestral Cr\$ 10,00; número avulso Cr\$ 5,00; para o estrangeiro: anual Cr\$ 45,00; semestral Cr\$ 23,00; avulso Cr\$ 12,00 Confecção da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82.

Versou o artigo de apresentação sobre a evolução das culturas e o condicionamento cultural aos fenômenos sociológicos, assim concluindo: “A todos quantos, através de trabalhos literários ou científicos, queiram contribuir para o progresso da cultura brasileira que nos propusemos zelar e defender, oferecemos as nossas páginas sem outro preconceito a não ser o desde progresso”.

Do sumário constaram trabalhos, em prosa, de Júlio Febres Cordero, Abaeté de Medeiros, Luiz Pinto Ferreira, José Lourenço de Lima e Valdemar Valente; poesias de Samuel

Valente e Oliveiros Litrento; notas redacionais e duas páginas de anúncios.

A subsequente edição só apareceu - nº 2, ano II - em maio de 1948, com 42 páginas; e o nº 3, ano III, em janeiro de 1949, com 40 páginas, a última das quais com capa do ilustrador Zuleno Pessoa, aparecendo com redator-secretário Abaeté de Medeiros.

A par do “Registro Crítico”, notícias, impressões, dados biográficos e outras notas redacionais, liam-se produções, ora em prosa, ora em verso, às vezes ilustradas, de Mauro Mota, Lucilo Varejão Filho, Edson Régis, Arnóbio Graça, Guerra de Holanda, Airon Rios, Aderbal Jurema, Gastão de Holanda, Roque Brito Alves e outros já mencionados (Colec. Álvaro Alvim e Bib. Púb. Est.)¹.

A TESOURA - Órgão de Divulgação da Festa de Casa Forte - Circulou o nº 1, ano I, a 29 de setembro de 1947, em formato de 32x23, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Thomas K. Fellows; redator-chefe - Cláudio A. C. Cunha; secretário - J. Batista G. Barreto; tesoureiro - Francisco C. Cunha. Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

Editado por sugestão do grupo de senhorinhas que liderava a Festa da Vitória Régia, o jornalzinho nasceu, conforme o “Esclarecimento” da abertura, “com o fito de propalar, cada vez mais, o bom conceito que gosa o nosso arrabalde, e também

¹ Na biblioteca Pública do Estado guardam-se apenas os dois primeiros números.

distrair-nos com brincadeiras leves e amigas”. Sua única arma era a tesoura.

Cumpriu o programa enunciado, inserindo matéria humorística, em prosa e verso, a cargo de D. Quixote, Ramplim, Pimpinela, Catão, Augusto dos Diabos e outros. Só pequenos anúncios.

Existência única da edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

VIDA NOVA - Revista Mensal - O primeiro número circulou no mês de setembro de 1947, em formato de 31x23, com 30 páginas de papel acetinado, mais a capa, em couchê, ilustrada com fotogravura de artista cinematográfico. Diretor - Orlando Passos; redator-chefe - Luis Rocha; secretário - José Edson; redator - Clóvis Lacerda Leite. Imprimiu-se nas oficinas do Jornal do Comercio, funcionando a redação e gerência na rua do Imperador, 474, 1º andar. Preço do exemplar Cr\$ 2,00

Em longo artigo, “Á guisa de apresentação”, dizia o articulista dar ao povo uma publicação “sob os mais rigorosos requisitos da arte moderna, orientando-a de acordo com a técnica jornalística em plena realização nos mais adiantados meios culturais do Brasil e do mundo”. Seria “uma coluna vigorosa, inflexível, para a construção de bases mais sólidas para nosso patrimônio de cultura, intelectual, artístico, etc.”.

Além das crônicas e poemas assinados pelos componentes do corpo redacional, outros foram publicados no primeiro número, da autoria de Homero do Rego Barros, Edu Lopes, Amauri Lima, Dagoberto Fernandes Pires, Lício Neves, Carminha Rocha e José Cabral da Rocha, completando a edição transcrições, entrevistas, parte social e as seções “Turismo”,

“Cinema”, “Música”, “Teatro”, “Desportos”, “Panorama Radiofônico” e “Página de Eva”.

Só em abril de 1948 foi dado à luz o segundo número de Vida Nova, confeccionado na tipografia do Diário da Manhã. Apresentou ligeira alteração no corpo redacional, com a saída de José Edson e a admissão de Otávio Cavalcanti e Carivaldo Vasco. Como encarregados da publicidade, entraram José Maria Asfora e Edvaldo Medeiros e o preço do exemplar subiu para Cr\$ 3,00. Aumentou para 38 a quantidade de páginas e contou mais com a colaboração de Francisco Julião, Benedito Narciso, major Geraldo de Meneses Côrtes, Manuel Bezerra da Cunha, etc. Na capa, paisagem do Recife.

Não prosseguiu (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM DO INSTITUTO ESPÍRITA JOÃO EVANGELISTA - Surgiu em setembro de 1947, para publicar-se mensalmente, com redação à rua Santo Elias, 288, Espinheiro.

“...vai servir, consoante a “Apresentação”, para divulgação dos postulados da filosofia espírita e dos trabalhos realizados pelo Instituto Espírita João Evangelista e da Casa de Saúde mantida pelo Instituto, de que este Boletim se torna órgão oficial, seguindo, por isso, a mesma orientação e a diretriz daquela instituição. Propõe-se este órgão a defender a doutrina espírita e propagá-la sob todos os seus aspectos, especialmente o religioso e o moral...”

Anunciou a divulgação, nas suas páginas, das “comunicações mediúnicas de João e de Jerônimo”, constantes do 1º e do 2º volumes da obra “Deus para as Criaturas”,

recebidas pelo medium de evangelização d. Helena Moreira Valente”, além de artigos doutrinários. O aparecimento em setembro comemorava o primeiro aniversário da instalação da Casa de Saúde Espírita João Evangelista.

“O produto da venda dos Boletins destinar-se-á ao fundo de reserva, que receberá os donativos de todos os que quiserem auxiliar a sociedade na aquisição do maquinismo tipográfico necessário”.

O primeiro número apresentou-se em modelo de papel ofício, com 14 páginas mimeografadas, sendo a capa impressa tipograficamente. A partir do nº 2 diminuiu o formato para metede, nas mesmas condições da edição de estréia, prosseguindo a publicação com regularidade, em obediência ao programa enunciado.

Depois do nº 15, ano II, correspondente ao mês de novembro de 1948, o Boletim passou a ser confeccionado tipograficamente, nas oficinas do Jornal do Comercio, à rua do Imperador, 346. A primeira edição assim impressa tem a data de dezembro/1948/janeiro/1949, nºs. 16/17. Em face dos compromissos assumidos e para que o mensário pudesse circular “às suas próprias custas”, estabeleceu a direção:

“... desta edição em diante, cada exemplar do Boletim custará Cr\$ 2,00 a fim de que possamos fazer face à nova situação criada”.

A assinatura anual ficou estabelecida em Cr\$ 22,00 e subiu para o cabeçalho o nome do diretor, até então oculto: José de Azevedo Machado. Na edição de maio acrescentava-se:

gerente - Edinaldo C. Albuquerque. E foram admitidos alguns anúncios.

Entretanto, o periódico entrou a circular ora mensal ora bimestralmente, caso em que apresentava número duplo. Assim ocorreu, principalmente, no período de 1949/50.

O nº 33/34, de maio/junho de 1950, foi exclusivamente dedicado ao necrológico do intelectual Djalma Montenegro de Farias, nome dos mais destacados nos círculos espiritualistas e literários de Pernambuco.

Ao iniciar-se 1951, nº 41, mês de janeiro, o Boletim transformou as letras da capa num clichê simples, em zincografia, acrescentando ao título as palavras: “Órgão Informativo e Doutrinário”, desenho que se manteve até o nº 68 (abril de 1953), quando foi substituído.

No mês de maio, ainda de 1951, ocorreu modificação no expediente, nele colocando-se o nome de Helena Moreira Valente na qualidade de diretora, para ficar José de Azevedo como redator-secretário. Em dezembro de 1953 entrava Carlos P. Falcão Júnior como redator, mas este, em junho de 1954, substituiu o gerente Edinaldo, que se ausentara.

A par de constantes mensagens mediúncas e das “Notas Espíritas”, a revista inseria artigos doutrinários, especialmente de Otávio Coutinho que foi, concomitantemente, até 1950, o Nicodemos dos “Extratos evangélicos”; José de Azevedo, autor de artigos e poesias de fundo espiritualista, o mesmo Zaqueu do eterno comentário “De cima da figueira...”; Djalma Farias, ainda depois de desencarnado, pelos anos afora; Fernando Burlamaqui

(poesias); Carminha Albuquerque, Alice Barros Veras, Edinando C. Albuquerque, Ismael Gomes Braga, Helena Moreira, Vinicius, Leopoldo Machado, José Augusto Romero, Aníbal Ribeiro, Lívia ou Lívia César, Cleonice Guimarães, Fernando Vaz, Judite Aires Malveira, Joaquim Gomes, Luis Moreira (poemas), Blandina Filippini Ferreira, Tenório Vila Nova (sobre e Esperanto), M. da Nobrega e outros, além das transcrições.

Por fim, o noticiário das grandes datas da organização editora do Boletim (que inclui hospital e escolas) aparecia ilustrado com fotografuras; e as edições aumentaram para a média de 30 páginas, acrescida proporcionalmente, a parte de anúncios.

O nº 88, ano VIII, circulou em dezembro de 1954¹, sem que fosse possível, até então, objetivar a aquisição da sonhada tipografia, mantida a confecção material nas oficinas do Jornal do Commercio (Colec. J. Azevedo).

NORTE CHARADISTA - Órgão do Grêmio Charadístico do Norte - O nº 1, ano I, circulou datado de setembro/outubro de 1947, no formato de 23x16, com 20 páginas, mais a capa, impressa em papel couchê e ilustrada por conjunto de símbolos do Edipismo, desenho de Evandro Vasconcelos². Comissão de redação: diretor - Radge; secretário - Alvasco; redator -

¹ Continuou a publicar-se em 1955.

² Características do desenho: no alto, entre dois hipógrifos, a Tramontada ou Estrêla Polar, simbolizando o Norte; ao centro, circundado por uma grega, a figura de Édipo, segundo a iconografia francesa; partindo da grega, dois braços sustentando tochas, uma de cada lado, símbolo da lucidez; em baixo, entre caracteres cuneiformes, a esfinge e a pirâmide de Cheops.

Mucum; gerente - Heleno¹, funcionando a sede no Liceu de Artes e Ofícios, Praça da República. Tabela de assinaturas: 12 números Cr\$ 30,00; 6 números Cr\$ 16,00; sob registro; Cr\$ 35,00 e Cr\$ 20,00 respectivamente. Preço do exemplar Cr\$ 3,00 Para o estrangeiro; 12 números Cr\$ 60,00; avulso Cr\$ 4,00

Lia-se no artigo “À guisa de apresentação”: “Não se trata de uma revista no sentido vulgar deste termo, mas de um repositório de matéria especializada, adstrito ao edipismo e suas realizações com a literatura, que lhe dá a forma e a essência. O seu programa, como é óbvio, resume-se na sistematização da utilíssima arte do charadismo, por meio de torneios periódicos, entre os seus leitores e colaboradores, proporcionando-lhes, ao mesmo tempo, chances para os pendores literários, em estilo leve e sadio”.

Publicação bimestral, sofreu um colapso no segundo semestre de 1948, mas voltou à normalidade, passando a trimestral depois da primeira edição de 1951. Sua matéria constituía-se dos seguintes tipos de charadas: Logogrifos, Enigmas, Antigas, Novíssimas, Casais, Sincopadas, Mesoclíticas, Eclíticas, Angulares, Enigma Figurado, Enigmas Tipográficos, Palavras Cruzadas e Charada Antiga, distribuídas por sorteios, trabalhadas em prosas e, mais do que tudo, em versos ou desenhadas. Havia uma “Fila dos Novos”.

A página de abertura do texto, a princípio, trazia uma “Crônica” e, a partir do nº 7, a “Galeria”, que biografava

¹ É a seguinte a identidade da equipe responsável: Radge - Edgar Vilela; Alvasco - Alberto Vasconcelos; Mucum - Carlos Diniz; Heleno - Custódio José Dias.

elementos de projeção do charadismo, assinadas por A. V. Uma seção de poesias teve a colaboração, entre outros mais raros, de Tabajara, ou seja, José Bezerra de Melo, o das “Silhuetas Edípicas” e do “Perfilando em galeria”; Violeta (pseudônimo de Hermelinda Heloísa Aragão); Josim Amil, como se ocultava José Simplicio de Lima Júnior, e Hercílio Celso. Foi substituída, em 1951, pela página “Recife monumental”, constante de três fotografias de aspectos do Recife.

Alguns anúncios completavam cada edição, cuja quantidade de páginas era uniforme, não passando das 24. Manteve a ilustração da capa, apenas variando de cor. O trabalho de impressão começou a efetuar-se nas oficinas do Diário da Manhã; transferiu-se, no nº 7 (fevereiro de 1949), para a Tipografia Fernandes, de Santa Luiza, Estado da Paraíba e, no nº 11, para a empresa Folha da Manhã, situada na Travessa da Madre Deus.

Verificaram-se alterações na Comissão de Redação, algum tempo encabeçada por Hélio d’Alva (pseudônimo de Hercílio Celso), para terminar com a seguinte equipe: diretor-responsável - K. Nivete; diretor-técnico - Samuel Risão; secretário - Alvasco; redator - Pedro Strong; gerente - Debrito¹.

Norte Charadista publicou-se até o nº 31, ano VII, de janeiro/abril de 1954 ² (Bib. Púb. Est.).

¹ Identidade: K. Nivete - Antônio Correia Raposo; Samuel Risão - Pedro Rego Barros; Alvasco - A. Vasconcelos; Pedro Strong- Marcelino Neto; Debrito - José Amaro de Brito.

² Suspensa, a revista especializada reativou sua publicação em meados de 1955.

O LAR - Órgão dos Moradores do Conjunto Residencial de Casa Amarela - Apareceu no dia 12 de outubro de 1947, em formato de 25x16, com quatro páginas de três colunas estreitas. Divulgação gratuita do Serviço Social do IAPC, tinha redação no sobrado da Casa 6, Grupo 46.

Fundado “em comemoração à Semana da Criança”, consoante a página de apresentação, seu “programa de ação” visava a levar a família dos comerciários da vila “uma palavra de carinho, estímulo e interesse”.

Circulou, no princípio, mensalmente, mediando, depois, espaços maiores. A partir do nº 2 dava seis páginas, constando sua matéria de comentários, às vezes literatura, passa-tempo, curiosidades e parte noticiosa. Colaboradores: Alfredo Ramos, José de Holanda Cavalcanti, Valdeci de Castro e Silva, Bráulio Ramos Reis, A. de Carvalho, Onildo Bonifácio dos Santos, Carlos de Carvalho e Paulo Matos.

Atingiu o nº 12 com a edição de 5 de julho de 1949, encerrando-se aí sua existência (Bib. Púb. Est.).¹

CRUZEIRO ESPORTIVO - Semanário Noticioso e Independente - Destinado a circular às segundas-feiras, publicou-se o nº 1, ano I, a 13 de outubro de 1947, em elevado formato de 50x31, com seis páginas de seis colunas. Impressão das oficinas do Diário da Manhã. Redator-responsável - Júlio Jesum de Carvalho; secretário - José Lamartine Távora; redatores - Nelson Caldas, José Almeida, Giovani Cisneiros e José Pantaleão Filho,

¹ Coleção desfalcada.

funcionando a redação na rua do Imperador, 460, 1º andar. Assinaturas: anual Cr\$ 30,00; semestral Cr\$ 16,00 Número avulso Cr\$ 0,60

Sem editorial de abertura, a edição inseriu reportagens ilustradas, em torno das atividades desportivas do domingo; artigos assinados, inclusive “O Polo Aquático em Pernambuco”, de Mariano Carneiro da Cunha; noticiário geral e reclamos comerciais.

Teria continuado? Parece que não (Bib. Púb. Est.).

GAZETA SINDICAL - Editado por “um grupo de comerciários”, surgiu no mês de outubro de 1947, em formato de 50x30, com quatro páginas de seis colunas. Diretor-responsável - Norton Melo, funcionando a redação na rua Ana Xavier, 17 (Casa Amarela). Trabalho gráfico das oficinas da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82. Preço do exemplar Cr\$ 0,50

Apresentou-se sem “nenhuma injunção, quer política, quer de grupos, credos ou partidos” e sem “espírito pecuniário ou interesse econômico”, mas com o objetivo de analisar “todos os assuntos sindicais, cooperativistas, trabalhistas; decisões dos poderes públicos que digam respeito aos interesses dos trabalhadores”.

Num segundo editorial, na segunda página, intitulado “O nosso aparecimento”, dizia: “Apesar de estar Gazeta Sindical a serviço permanente das classes trabalhadoras e em particular dos comerciários, não implica que seja nossa posição de combate sistemático às classes patronais”.

Abriu a edição de estréia uma faixa com clichês dos diretores do Sindicato dos Comerciários. Na última página, quadrinho ao lado do segundo cabeçalho, lia-se: “Ide para vosso Sindicato e ficai atentos na defesa dos vossos direitos”.

Seguiu-se a publicação, cada mês, com regularidade, contendo comentários à base do programa traçado, noticiário e artigos assinados por José Albino Pimentel, João Ribeiro, Antonio Paes Barreto, Norton Melo, João Pires, J. Coaraci Nunes, Permínio Asfora, Marcílio d’Argolo e Epaminondas Albuquerque. Seções: “Sociedade” e “Vida Sindical”. Na parte literária aparecia Ioannes, a par de transcrições.

Assim, atingiu o nº 8 em maio de 1948, quando se colocou sob o título o slogan: “Trabalho - Independência - Honestidade”.

O diretor foi substituído por Antonio Paes Barreto, entrando como redator-secretário João Ribeiro. Novo local da redação: rua Olímpio Tavares, 90.

No nº 17, ano II, de julho de 1949, impresso em tipografia diferente, designava-se “Órgão de Defesa dos Interesses dos Trabalhadores”. Novo corpo redacional: diretor - João Ribeiro; redator-chefe - Guilbert Macedo; secretário - Aristóteles Alves; gerente - Carlos Asfora. Redação à rua do Hospício, 147.

Estivera suspenso (desde dezembro transato) por “motivos alheios” à vontade da redação, mas mantinha, de volta, as diretrizes traçadas. Enfrentara “lutas ásperas e desencorajantes” no “primeiro ciclo de existência”, inclusive uma

campanha levantada “por certos espíritos inescrupulosos”. Iniciou concurso para a escolha da Rainha dos Comerciários.

Após outro hiato na coleção manuseada, encontrava-se o nº 2, ano I (?), de fevereiro de 1951, restabelecido o slogan: “Trabalho. Independência. Honestidade”. Direção de João Barbosa de Vasconcelos, transferindo-se a redação para a sede do Sindicato dos Comerciários, à rua da Imperatriz. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Obedecendo ao programa inicial de literatura, noticiário e anúncios, foram ainda publicados os nºs. 3 e 4, nos meses de março e maio, respectivamente, do mesmo ano. Teria sido o fim. A equipe redacional foi mantida, acrescentando-se-lhe Coaraci Nunes “e outros”(Bib. Púb. Est.).

O ARAUTO BATISTA - Órgão da Assembléia de Moços Batistas de Pernambuco - Inexistente comprovantes das edições precedentes, o nº 2, ano III, foi publicado no dia 7 de novembro de 1947, contendo quatro páginas. Redator-chefe - M. Simeão Silva; secretário - Samuel Munguba; tesoureiro - Odete P. Bezerra. Divulgou matéria específica.

Outro único exemplar avistado: nº 1, ano X, correspondente ao mês de agosto de 1954, feito “Órgão do Congresso das Uniões de Treinamento Batista de Pernambuco”. Redator - Elyr Duclerc Ramalho. Reuniu oito páginas repletas de artigos doutrinários e noticiário em torno do mencionado Congresso ¹ (Bib. Púb. Est.).

¹ Ainda se publicou, pelo menos, em 1956.

CLUBE INTERNACIONAL DO RECIFE - Circulou pela primeira vez em novembro de 1947, no formato de 23x16, com 16 páginas, inclusive as da capa, esta em papel couchê, ostentando vistosa fotografia, em sentido oblongo, do prédio da instituição que lhe deu o nome. Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

Destinada a publicar-se mensalmente, par distribuição gratuita entre os associados, faria “no decorrer de cada trinta dias, a resenha da vida social e esportiva do mais antigo e prestigiado clube pernambucano”.

Frisou a nota de apresentação: “Esta revista não tem pretensões que não outras de por os associados do Internacional ao par das suas inovações, dos seus programas festivos, não desprezando, todavia, e antes desejando a colaboração sadia e construtiva que lhes possam trazer todos aqueles que de boa vontade nos queiram ajudar”.

Divulgou amplo noticiário ilustrado da vida social do Clube, distribuindo os anúncios nas páginas inferiores da capa.

Logo no segundo número elevou-se o formato para 26x18, com 28 páginas. Abriu o ano de 1948 editando o nº 3 em janeiro e só então apareceu a indicação: diretor-responsável - Renato Silveira; encarregado da publicidade - Alfredo Porto da Silveira. Mais dois meses, ou seja, a partir do nº 5, acrescentava-se: redator - Altamiro Cunha.

De início, a redação instituiu as seções “Sorrisos e Segredos...”, logo mais substituída por “Ver... Ouvir... e Contar”;

“As festas do mês”; “Cinema”, por Luiz Felipe Vieira; “Registro Social”, depois “Sociedade”, além de comentários, noticiário, ampla documentação fotográfica e uma parte literária.

Seguiu-se publicação, a princípio com toda pontualidade, atingindo o nº 14 em dezembro de 1948; o nº 24 em dezembro de 1949; o nº 33 em dezembro de 1950; o nº 41 em dezembro de 1951; o nº 49 em dezembro de 1952; o nº 56 em novembro/dezembro de 1953 e o nº 63 em novembro/dezembro de 1954.

Ainda no segundo ano, o magazine tomou o formato definitivo de 30x21. Edições de volume diverso, chegaram algumas a atingir 64 páginas, utilizando, ordinariamente, dois tipos de papel, a parte principal em couchê. E o título foi reduzido, em janeiro de 1952, para Clube Internacional. Desde janeiro de 1949, a direção ficou a cargo de Renato Silveira e João Pereira Borges e, no mês de dezembro, transferia-se a Anésio Mota o setor de publicidade. Em dezembro de 1952, alterou-se o expediente, dele constando: “Propriedade do Clube Internacional do Recife”, e o redator Altamiro Cunha assumiu a direção, aí permanecendo pelos anos afora.

Além da matéria de caráter mundano-social, servida por amplo serviço de clichê, às vezes em cores, numa excelente apresentação gráfica, a revista transcrevia contos escolhidos, notas curiosas e divulgava colaboração original, em prosa ou verso, quase sempre em caráter bissexto, de Paulo do Couto Malta, Mário Sette, Beatrizinha Pinheiro, Yeda Jucá, Semíramis Regueira, Mário Mariano, Odile Cantinho Gouveia, Otávio Morais, Ascenso Ferreira, Joceline (pseudônimo da cronista Julieta Pereira Borges), Luiz Ayala, Aderbal Jurema, Odilon

Nestor, Silvino Lopes, Andrade Lima Filho, Mauro Mota, Craveiro Leite, Ana Lúcia, Carlos Moreira, Stela D'Alva, Laurêncio Lima, Ladjane Bandeira de Melo, Celeste Dutra, Austro Costa, João Cardoso Aires, Fernando Tasso de Sousa, Arnaldo Guedes Pereira, Odívio Duarte, Teófilo de Barros Filho, Antonio Franca, Abelardo Jurema, Góis Filho, Berguedof Elliot, Oliveiros Litrento, Guerra de Holanda, Lucilo Varejão, Zilde Maranhão, com a crônica "Registrando"; Théa Igoki, Cezário de Melo, Mário Melo, Denise, Isnar de Moura, Luiz do Nascimento, Gláucio Veiga, Samuel Macdowell Filho, José Mucínio, Joaquim Cardoso, Edson Régis, Jacinto da Nóbrega, Júlio Barbosa, Carlos Pena Filho, Maria Teresa Leal, Gilberto Osório de Andrade, Gilberto Freyre, Jorge Abrantes, Bernardo Ludemir, Abdias Moura, Helena Silveira, Nilo Pereira, Yvone de Azevedo (com ilustração própria), padre Mosca de Carvalho, Joel Pontes, Paulo Fernando Craveiro, Lindalva Cunha (ilustração própria), Maritu (pseudônimo de Telma de Vasconcelos), Fernando Pessoa Ferreira e outros.

Eram constantes, desde o primeiro número, as crônicas de Altamiro Cunha, também aparecido com o travesti Roberto Randall, seguido, na assiduidade, por algum tempo, de J. Pereira Borges, enquanto Renato Silveira, em curta fase, manteve a seção "Crônica do Mês", disfarçado em Amiel. Presença de pintores e desenhistas do melhor quilate, ora em capas, ora no texto, tais como Lula (Luiz) Cardoso Aires, Manuel Bandeira, Zuleno Pessoa, Hélio Feijó, Elezior Xavier, Ladjane, Tilde Canti, Di Navarro e Antonio Bertolini. Capas também ostentando fotografias, em grandes estilo, de damas ou debutantes da alta sociedade.

Clube Internacional manteve alto padrão no seu gênero de revista mundana, trazendo o Recife sempre bem informado de sua vida elegante e do movimento social da grande instituição de recreio fundada em 1885.

A confecção material, sob a direção do famoso técnico Henrique Pena, estabilizou-se nas oficinas do Diário da Manhã, transformadas, a 28/10/1952, em Gráfica Editora do Recife S/A, aí permanecendo até, pelo menos, dezembro de 1954 ¹ (Bib. Púb. Est.).

PERNAMBUCO QUÍMICO - Órgão Oficial do Diretório Acadêmico da Escola de Química de Pernambuco - Circulou com a data novembro/dezembro de 1947, em formato de 23/16, com 76 páginas de texto, inclusive quatro de anúncios. A capa, em papel-cartolina, estampou desenho do prédio da Escola de Química, bico-de-pena de Gil Brandão; no reverso o Expediente, ficando as duas restantes em branco. Direção e redação à rua D. Bosco, 1002, 2º andar. Diretor - Otávio P. Carvalheira; redator-chefe - Raul Scheidegger; secretário - Antiógenes Afonso Ferreira; tesoureira - Terezinha Resende; redatores - Jáder Ribeiro de Albuquerque, Antonio Gomes de Matos e Armando Cantinho de Melo; diretor de publicidade - Renato de Mendonça Maia. Custava Cr\$ 20,00 a assinatura anual, compreendendo seis números, pagando em dobro os subscritores do Exterior. Número avulso Cr\$ 4,00

O artigo “Apresentando”, assinado pelo diretor, declarava ter a revista caráter não científico, mas cultural, destinado-se a dar notícias bimestralmente, “da Escola de

¹ A publicação prosseguiu em 1955.

Química de Pernambuco, bem como do movimento químico que vai pelo mundo”. “Surgiu, na Escola, como uma consequência da luta pró-emancipação administrativa em que se empenham todos os seus alunos e professores”.

Divulgou artigos dos professores J. Leite Lopes (da Faculdade Nacional de Filosofia), José Duarte, Luiz Freire, Osvaldo Gonçalves de Lima e Washington Moura de Amorim e dos alunos Hélio E. Caldas, R. Scheidegger, Rossini Gadelha e A. Pádua, além de notas e comentários, “Atividades do Diretório”, “Consultório Químico” e “Índice Histórico”.

O nº 2 saiu datado de janeiro/abril de 1948, inclui produções do professor Newton Maia, Marcos Suassuna e Mário Tavares, de caráter técnico.

Dificuldades financeiras não permitiram vida regular ao magazine, que logo ficou suspenso. Passaram-se mais de dois anos e veio a circular o nº 3 datado de junho/julho de 1950, sob a direção de Rilson Rodrigues da Silva, tendo como secretário João Murilo Carneiro de Oliveira. Ao contrário dos anteriores, foi impresso na tipografia da Folha da Manhã, utilizando o mesmo desenho de capa inicial. Apenas 44 páginas de texto.

“Esta edição - escreveu o diretor da revista - é uma homenagem singela, mas sincera, ao nosso amigo e diretor, dr. Osvaldo de Lima, homem de espírito avançado e inteligência ampla, que nos dirige pela trilha do saber, dando-nos coragem para superar as forças contrárias”.

Constaram do sumário artigos dos professores Luiz Freire, Osvaldo de Lima, Ricardo Ferreira, Antonio Geraldo B.

Alves e Washington Amorim; “Atividades do Diretório”, “Resolução da Incógnita dos Raios X”, “Índice Histórico” e “Modo de escrever os símbolos e os números”. Poucos anúncios (Bib. Púb. Est.).

PERNAMBUCO ODONTOLÓGICO - Órgão Oficial do Centro de Estudos Odontológicos de Pernambuco a serviço da classe - O nº 1, ano I, saiu datado de outubro/novembro/dezembro de 1947, em formato de 18x13, com 44 páginas, inclusive a capa. Diretor-responsável - Clóvis Lacerda Leite; diretor científico - H. Lapa; redator-chefe - Maurilo C. Matos; secretário geral - Antonio Pipolo; chefe de publicidade - José E. da Silva Brito. Administração: avenida Rosa e Silva, 627. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial. Assinatura anual Cr\$ 10,00 Preço do exemplar Cr\$ 3,00; número atrasado Cr\$ 5,00

“Fruto de um entusiasmo moço idealista e incansável - lia-se no editorial “À guisa de apresentação”, assinado pelo primeiro diretor-reacionário a toda inércia, inépcia e indiferença, a nossa revista é a expressão bem nítida da luta que mantemos contra o desinteresse e maldade dos fracassados na profissão, bem como de outros que em nada acompanharam o desenvolvimento da Odontologia, afeitos que eram à prática de um charlatanismo diplomado, sem leituras e sem estudo”.

Acentuou o articulista, depois de outras considerações: “Um nobre ideal nos move: de cedo ou tarde darmos à Odontologia em nosso Estado a verdadeira projeção que ela está a merecer”.

A edição, bem organizada, divulgou trabalhos de caráter científico da levra de H. Lapa, Josué Leitão e Silva, João

Marques dos Reis, Issac Gondim Filho e J. Eugênio Leitão; outras produções assinadas; noticiário específicos; humorismo em pés de página e alguns anúncios.

Logo no segundo número, de janeiro/fevereiro/março de 1948, elevou-se o formato para 22x15, continuando a publicação trimestralmente, com variável quantidade de páginas, que chegou a atingir 96.

No nº 3 reduziu-se o corpo redacional aos nomes de Clóvis Lacerda, José Eduardo da Silva Brito (ambos diretores) e Pipolo, este último substituído no terceiro trimestre de 1950 por Edgar Cândido de Oliveira Filho, que se afastou após a última edição de 1951, só preenchido o seu lugar no quarto número de 1954.

Com a elevação das despesas tipográficas, a direção da revista passou a cobrar, desde o último trimestre de 1948, Cr\$ 20,00 pela assinatura anual e Cr\$ 6,00 pelo número avulso (atrasado - \$ 7,00).

Nas duas primeiras edições de 1949, apresentou-se como “órgão oficial do IV Congresso Odontológico Brasileiro”, continuando feito “órgão científico e noticioso a serviço da classe”, para, no segundo trimestre de 1950, tornar-se, definitivamente, “órgão oficial da Sociedade dos Cirurgiões Dentistas de Pernambuco”. Instalara redação à rua Camboa do Carmo, 60, 1º andar.

Pernambuco Odontológico, além da produção constante dos diretores, teve como colaboradores Reginaldo Régis, Airon Rios, professor Antonio Campos de Oliveira, Armando Samico,

Romildo Torres, Fred A. Salck, José Barbosa Filho, Gonzaga de Sousa, Ulisséa Viana, Gerson Barbalho, Rubem Franco, professor Dorival da Fonseca Riberiro, dr. Rui Caldas, Eldomar Magalhães, João Fiúza, Renato Araújo, Silvio Bevilaque, José Clavero Juste, Vladimir S. Pereira, Luis Stamatis, Felon Castelo Branco Neto, professor Durval Batista Pereira, José Font, Francisco de Albuquerque Barbosa e outros, muitos dos respectivos trabalhos ilustrados.

Com sua publicação, mantinha-se a classe bem informada dos fatos e fastos da odontologia brasileira e do seu progresso científico. A terceira edição de 1950 divulgou os Estatutos da Sociedade.

A circulação procedeu-se como a seguir: 1947 - nº 1; 1948 - 2 a 5; 1949 - 1 a 4; 1950 - 1 a 4; 1951 - 1 e 2/3/4 (edição conjunta); 1952 - 1 a 4; 1953 - 1 a 4; 1954 ¹ (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DA SEMANA - Um Órgão Independente a Serviço da Coletividade - Saiu a lume no dia 1 de dezembro de 1947, em formato de 48x32, com quatro páginas de seis colunas. Diretor-responsável - Luiz Rocha; redator-secretário - Orlando Passos; redatores - Otávio Cavalcanti, Clóvis Lacerda Leite e José Edson; gerente - José Maria Asfora, funcionando a redação na rua do Imperador, 474, 1º andar. Preço do exemplar Cr\$ 0,50

Declarou-se, no editorial de abertura, “absolutamente isento de qualquer partidatismo, seja político, filosófico, religioso ou de qualquer outra natureza”.

¹ Continuou em 1955.

De feição gráfica pouco recomendável, a edição focalizou temas como Rádio, Cinema, Teatro, Literatura, Modas, Desportos, etc., servida de clicherie, além da boa colheita de publicidade comercial (Colec. Ot. Cavalcanti).

Outra edição manuseada foi o nº 4, de 6 de fevereiro de 1948, dizendo-se Suplemento de Vida Nova. Impressão das oficinas do Diário da Manhã, achando-se o redator José Edson substituído por Carivaldo Vasco. Constou do expediente a seguinte e inútil tabela de assinaturas: ano Cr\$ 22,00; semestre Cr\$ 12,00. Dedicada ao carnaval, inseriu, além disso, transcrições sem importância e uma crônica de Luiz Rocha (Bib. Púb. Est.).

BRASIL ILUSTRADO - Órgão Bimensal - Entrou em circulação (sem data) no mês de dezembro de 1947, obedecendo ao formato de 32x23, 48 páginas de papel acetinado e capa em cartolina, ilustrada com retrato de Joaquim Nabuco, declarando patrono da revista. Diretores-proprietários - Manuel Dias de Melo, Albino Buarque de Macedo e C. H. Dantas; redatores-secretários - Carlos Amorim e Aderbal Galvão. Redação à rua Passo da Pátria, 236.

Consoante a página de apresentação, tomara “a missão de divulgar o progresso de nossa encantadora metrópole, sob todos os aspectos”. Declarou-se “independente, informativa e sem o cunho de exploração publicitária....”

Inseriu produções, em prosa ou verso, de Augusto Croesy, Fernando Augusto, Amaro Wanderley, Oséas Gama, Ângelo Papaléo, Araújo Sobreira, Nelson Kerensky, José Edson,

autor da “Vida Radiofônica”, etc.; páginas sociais, repletas de clichês, noticiário e enorme quantidade de matéria paga.

Outras edições do Brasil Ilustrado pertencente à lacunosa coleção manuseada:

nº 6, ano III, dezembro de 1950. Preço do exemplar Cr\$ 3,00 Diretor-proprietário - M. Dias de Melo; redatores - Aderbal, J. Nicanor Dantas e Durvalino Mendes. Redação e escritório à Travessa do Costa, 167. Capa com retrato de Agamenon Magalhães¹.

Nº 8, ano IV, março/junho de 1951. Subiu para Cr\$ 4,00 o custo do número avulso. Capa - homenagem ao prefeito Antonio Pereira.

Nº 10, ano VI, setembro/dezembro de 1951. Junto ao diretor-proprietário, figurou um diretor-comercial - Abdias Dias de Melo; redatores - Aderbal, Hostinismo de Moraes e Israel de Castro; secretário - João Pereira de Oliveira; consultor jurídico - Carlos C. da Mata. Capa - retrato de Ruy Barbosa.

Nº 12, ano VII, março/junho de 1952. Preço do exemplar Cr\$ 5,00 Saiu do expediente o nome de Israel de Castro. Capa - desenho de busto de Castro Alves.

¹ Por “curiosa” coincidência, a mesma fotogravura, sem alternar a legenda: “Homenagem ao professor Agamenon Magalhães, governador eleito, pelo povo livre de Pernambuco”, foi publicada, posteriormente, nas capas de Vida Nordestina (agosto de 1951) e da Revista Renascença (julho de 1952).

Nº 15, ano VII, setembro/dezembro de 1952. Assinatura anula Cr\$ 150,00 Capa - fotogravura do Governador Etelvino Lins.

Nº 16, ano VIII, junho/dezembro de 1953. Novo redator - Eudes Jarbas. Capa - fotogravura do governador de São Paulo, Lucas Garcês.

O trabalho gráfico, a partir do nº 10, esteve a cargo das oficinas da Folha da Manhã, sempre aumentando a quantidade de páginas, até atingir 92 no derradeiro ano.

A matéria geral obedeceu ao ritmo inicial: alguma colaboração, reportagens ilustradas de diferentes municípios e verdadeira pletera de reclamos comerciais (Bib. Púb. Est.).

1948

CALENDÁRIO COMÉRCIO E INDÚSTRIA - Circulou, pela primeira vez, datado de 1948/1949, obedecendo ao formato de 26x16, com 50 páginas de papel comum, sendo a capa, em cartolina, desenhada pelo diretor-proprietário: José Soares da Silva. Diretor-comercial - Edvaldo Medeiros; redator - Telha de Freitas, funcionando a redação na Travessa do Costa, 90. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82.

O editorial de apresentação focalizou o desenvolvimento comercial e industrial do Estado, que estaria “atravessando um extraordinário surto de progresso”. Divulgaria informações “úteis e de interesse para todos”.

A edição inseriu artigos de José Euclides e José Soares; algumas notas econômicas; poucas fotogravuras e imensa quantidade de anúncios.

Decorridos um ano, publicou-se a edição de 1949/1950, reunindo 70 páginas, transferida a confecção material para as oficinas da Folha da Manhã e substituído o diretor-comercial por João de Lima Miranda. Vendeu-se o exemplar a Cr\$ 5,00 tendo crescido, consideravelmente, a quantidade de reclames comerciais.

Saiu datado de 1950 o terceiro e último número, quando entraram mais três nomes para o corpo redacional, mas reduziu-se a 36 páginas, quase todas de anúncios (Bib. Púb. Est.).

^{CIFE}
~~REVISTA~~ ESPORTIVO - Publicou-se o nº 1, ano I, a 10 de janeiro de 1948, em formato de 48x30, com seis páginas de quatro colunas. Direção de Antonio Almeida e Benedito de Oliveria. Preço do exemplar Cr\$ 0,60

Destinava-se a registrar os fatos e estimular as iniciativas, “sem partidanismos nem paixões”, contribuindo para o desenvolvimento do nome desportivo de Pernambuco.

A folha apresentou-se bastante movimentada, compreendendo amplo noticiário, reportagens ilustradas, comentários e telegramas, tudo sobre desportos. Grande messe de anúncios.

Continuou assim, até o nº 3 (e último), de quatro páginas, que circulou no dia 24 (Bib. Púb. Est.).

O ESTUNDANTE - Órgão do Grêmio Literário Machado de Assis - Saiu a lume no dia 16 de janeiro de 1948, em formato de 33x22, com quatro páginas de quatro colunas. Redação à rua Motocolombó, 91, 1º andar. Publicação ocasional.

“Modesto em feição material - lia-se no artigo de abertura - valerá pelo muito que representa como produto esforço sincero e nobre no sentido do aperfeiçoamento moral e intelectual”.

Inseriu variada matéria, inclusive noticiário e produções de incipiente literatura, assinadas por Luiz Firmo, José Maria de Aragão, Maria José Gomes e José A. Bezerra. Fez a propaganda do Instituto Panamericano, do qual eram alunos os componentes do Grêmio.

Ao que tudo indica, não chegou a ocasião de editar o segundo número (Bib. Púb. Est.).

REVISTA ALVIRUBRA - Órgão de Divulgação do Clube Náutico Capibaribe - Circulou (omitida a data) a 15 de fevereiro de 1948, em formato de 23x16, com 20 páginas de texto. A capa, em papel couchê, estampou fotogravura (cabeça) do Governador Barbosa Lima Sobrinho, servindo de fundo a uma zincografia do pavilhão social. Direção de Hélio Pinto e trabalho gráfico da oficina do Diário de Pernambuco. Preço do exemplar Cr\$ 2,00

Ligeira nota fez a apresentação do magazine desportivo, que só divulgou mesmo matéria referente às atividades do Clube, servida de ilustração fotográfica e regular quantidade de reclames comerciais.

O nº 2 (e último) saiu a lume datado de abril, com 24 páginas, comemorando “47 anos de lutas pelo progresso esportivo de Pernambuco”. Entre a matéria específica figurou, em página dupla, uma galeria de “proeminentes figuras que passaram pelo Clube Náutico Capibaribe” (Colec. Rob. Campos e Bib. Púb. Est.).

BOLETIM GRÁFICO - Órgão do Comité Unitário e Progressista dos Trabalhadores Gráficos de Pernambuco - Publicou-se o nº 1, ano I, 2a. fase¹, no dia 15 de março de 1948, em formato de 24x16, com quatro páginas a três colunas de composição. Editores - os responsáveis pelo Comité: Arnaldo de Holanda (diretor), Guilherme Santiago (gerente), Edvaldo Rátis, Antonio Correia Josué, Sindulfo Correia Josué, Paulo Santiago e Calinício Ramos da Silveira. Trabalho material das oficinas do Diário da Manhã.

Está assim concebido o tópico inicial do editorial de apresentação, sob o título “Nossos objetivos”:

“Os trabalhadores gráficos do Recife têm novamente em circulação o seu Boletim. Como já provamos nas fases anteriores, seremos um jornal para a defesa dos interesses da classe. Para refletir o nosso pensamento. Para abrir a discussão dos problemas que mais nos preocupam e mostrar quais as medidas capazes de resolve-los, melhorando a nossa vida e a de nossas famílias. E, sobretudo, para elevar bem alto o nosso grito de protesto contra a falta de respeito aos nossos direitos”.

¹ A 1ª fase ocorreu entre 1945 e 1947, sem que reste, nas fontes consultadas, nenhum comprovante.

O nº 2 circulou a 31 de março. Havendo um interregno, só apareceu o nº 3 a 11 de setembro, figurando no expediente apenas três nomes, todos de diretores: Antonio Josué, Calinício e Guilherme, localizada a redação na rua José Bonifácio, 1143, subúrbio da Torre. Saiu o nº 4 no dia 20 de dezembro, ficando suspensa a publicação.

Batia-se o órgão da classe pela regulamentação do repouso semanal remunerado; pela higienização das oficinas gráficas; pela extinção do imposto sindical e pelo aumento dos salários, fazendo-o em notas redacionais e comunicados dos gráficos, tendo Stanislau de Sousa, em artigo assinado, o nº 2, focalizado o tema “Salário congelado”, assim concluindo:

“Marchamos, sem querer, por um caminho incerto, porque assim querem os homens que nos governam, criaturas sem Deus, sem fraternidade e sem amor ao próximo”.

Quase dois anos decorridos, ressurgiu o Boletim Gráfico - nº 1, ano III, fase III - a 26 de outubro de 1950, aumentado o formato para 30x22, com quatro páginas a quatro colunas de composição, obedecendo ao mesmo subtítulo e impresso na mesma casa editora, tendo à sua frente, no entanto, nova equipe, a saber: Diretor - Sindulfo Josué; secretário - Stanislau de Sousa; gerente - Edvaldo Rátis. A redação funcionava no Sindicato Gráfico, à rua do Imperador, 370, 2º andar. Preço do exemplar Cr\$ 0,50

Voltava à circulação com fim “de ajudar a campanha eleitoral”, em face do pleito de 3 de novembro, para a diretoria e o conselho fiscal do Sindicato dos Gráficos de Pernambuco, conforme o artigo de abertura, intitulado “Consolidemos nossa

organização de classe”, em que se aconselhava a escolha “dos colegas mais capazes”, que se comprometessem a cumprir rigorosamente o programa estabelecido de luta pelas reivindicações da classe.

Quase toda a matéria da edição se ocupou das eleições em perspectiva, sendo colaboradores especiais Generino Monteiro da Luz, Osvaldo Lima, Stanislau e Edvaldo.

Publicou-se o nº 2 no dia 18 de novembro de 1950, cujo noticiário e comentários redacionais fizeram a cobertura das eleições sindicais e os “lamentáveis acontecimentos” que envolveram o Sindicato Gráfico, de modo a serem anuladas. Ainda notas diferentes, inclusive conclamando a união da classe para a conquista do abono de Natal, do que dizia uma manchete: “...é um pouco que exigimo do muito que produzimos”.

Terminou aí a existência do Boletim (Colec. Sind. Josué)¹.

JUVENTUDE - Jornalzinho mais do que tudo noticioso, surgiu no dia 18 de março de 1948, destinado a publicar-se mensalmente, em formato de 24x16 1/2, com quatro páginas de três colunas e impresso em papel acetinado. Direção de Alderico da Silva Toríbio.

Simple experiência, conforme o artiguete de abertura, pretendia representar “o pensamento de um punhado de jovens da Torre, os jovens que compõem o Grêmio Jovenil Castro Alves”. Sua missão era “tomar parte nas comemorações ao poeta

¹ Coleção posteriormente ofertada à Biblioteca Pública do Estado.

do povo do Brasil”. Dizia, adiante: “Talvez a nossa missão se amplie e cheguemos a ser mais do que um simples órgão interno”. Já constituía uma vitória na vontade de organização da juventude...

A edição inseriu zincografia do patrono da sociedade, artigo de Leonardo Leal, notas outras, alusivas e uma transcrição do poeta baiano. Noticiário geral e a seção “Alguns personagens do Grêmio”, por Má Conduta, completaram a edição.

Boa experiência da capacidade dos novos, Juventude chegou a divulgar o segundo número, datado de 15 de abril, dando lisonjeira cobertura noticiosa do III Congresso Estadual de Estudantes e das comemorações do tricentenário da primeira batalha de Guararapes. Não teve anúncios, nem voltou mais a publicar-se (Bib. Púb. Est.).

MENSÁRIO PERNAMBUCANO DE CONTABILIDADE E FINANÇAS - Órgão de Difusão Cultural - Foi dado à luz em março de 1948, obedecendo ao formato de 32x23, com seis páginas de quatro colunas. Diretores - João Vieira de Melo, Valdemir Bezerra e José Vicente Lima. Redação na rua 1º de Março, 76, 1º andar. Assinatura anual Cr\$ 30,00 para a capital e Cr\$ 40,00 para o interior e Estados.

Sem o intuito “de lucro nem de louros”, consoante as “Duas palavras à guisa de apresentação”, era apenas um “veículo de cultura, estimulador de energias adormecidas, condutor de idéias sãs e sentinela dos interesses” da classe, só divulgando assuntos técnicos.

Cumprindo sua missão, seguiu-se a existência da folha, cujo título, no nº 3, foi acrescido do termo Economia, colocado entre Contabilidade e Finanças. Após o nº 5, ausentava-se do cabeçalho o nome do terceiro diretor. E a derradeira edição do ano, de nº 8/9, correspondeu aos meses de novembro/dezembro.

Manteve um “Consultório Técnico e Informativo”, a cargo de Lourival Nogueira Lima, Mário de Barros Correia, Leopoldo Luiz dos Santos, Antonio Gomes, Pedro W. Negri, José Vieira e outros: “Página Sindical”; “Fatos e Comentários” e inseria artigos assinados. O diretor Valdemir Bezerra instituiu prêmios para estimular estudantes de Contabilidade. Ocorriam edições de oito e até dez páginas.

Após alguns meses de ausência, apareceu o Mensário, em seu nº 10/11, de julho de 1949, reunindo oito páginas. Foi o último publicado, para retornar três anos depois, com título diferente, conforme se verá à página (Bib. Púb. Est.).

REVISTA PORTUGUESA - Mensário do Clube Português Para Distribuição Gratuita aos Associados - Publicou-se o nº 1 em março de 1948, no formato de 28x21, com 24 páginas de papel acetinado, mais a capa em couchê, tendo a ilustrá-la um aspecto de festa noturna do Clube. Diretor-responsável - Rubens F. Ramos; secretário - Astrogildo Ramos; redator - Aldo Moreira; reportagem fotográfica - Sebastião de Sousa.

Artigo do historiador Mário Melo abriu a edição, focalizando a marca brasileira do clube dirigido por portugueses. Foram outros colaboradores: Lucilo Neves, Artur Alves Barbosa, Snebur Somar, A. Pinto Coelho, João Galhardo e Hostiniano de Moraes. Ainda: transcrições, a seção humorística

ilustrada “Telhado de vidro”, “Notícias da tela”, “Sociais” e anúncios.

Inexistente comprovante da edição subsequente, saiu o nº 3/3 correspondendo aos meses de maio/junho, sendo, porém, o título da revista substituído por

CLUBE PORTUGUÊS ILUSTRADO, quando passou a constar do expediente o nome de A. Alves Barbosa, na qualidade de consultor jurídico. Apresentou 36 páginas, fora a capa, ilustrada com estampa de São João.

Continuou a publicar-se, ora mensal, ora bimestralmente, sendo último comprovante do ano o nº 8/9, de outubro/novembro. Com boa média de páginas, inseria matéria variada e anúncios em apreciável quantidade. Adotou as seções: “Sortes” (na edição junina), “Notícias da tela”, “Vamos rir”, etc., contando com a colaboração de Everardo H. de Azevedo, Ildefonso Pinheiro, Epitácio de Queiroz, A. Alves Barbosa, Maria Emília Alves Barbosa, F. Rabelo e outros. As capas ostentavam diferentes ilustrações. Números a clichê do texto.

Atingiu o nº 14/15/16, datado de abril/maio/junho de 1949, ficando aí suspensa. Reapareceu, meses decorridos, substituído o título (outra vez) pelo de

REVISTA DO CLUBE PORTUGUÊS, nova fase, nº 17, ano II, dezembro de 1949. E continuou, até o nº 24/25, de dezembro de 1950, ano III, que reuniu ainda 36 páginas, mas destituiu a anterior equipe responsável. A direção achava-se confiada ao advogado Artur Alves Barbosa, tendo como gerente J. Dubeux e agente de publicidade Gildo Branco. Redação instalada à rua do

Imperador, 221, 2º andar e trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã. A capa exibiu retrato de Guerra Junqueiro. Desenhos e vinhetas do texto a cargo do diretor. Constatou do subtítulo: “Publicação periódica, ilustrada, de atos e fatos sociais. Mudanismo, artes, literatura e ciência”. Em meio à matéria geral, que incluiu poesia de Esdras Farias e prosa de Lêa de Portugal, alimentava a seção “Sementeira de risos” e adotou uma página dupla de fotografias intitulada “Culto à mocidade, à beleza e à graça”.

Sem nenhum outro comprovante encontrado, sabe-se, todavia, que o magazine ainda circulava em 1954 (Bib. Púb. Est. e arquivo do Clube Port.)¹.

A SONATA - Revista literária, no formato de 30x22, com 36 páginas, inclusive a capa, teve seu primeiro número circulando em março de 1948, apesar de não ser mencionada qualquer data. Orientação e direção de Júlio do Carmo; diretor-secretário - João Ferreira Jones; consultor jurídico - José Neves Sobrinho; ilustradora - Maria do Carmo Ferraz (só no nº 1). Redação à avenida Caxangá, 128. Preço do exemplar Cr\$ 4,00 Cr\$ 5,00 para fora do Estado).

Abriu o texto extenso artigo redacional, em que se falava do esforço e do sacrifício enfrentados para o objetivo de tornar realidade A Sonata, mediante a visita aos homens do comércio, uns fidalgos, gentis, cavalheiros; outros, porém, “estúpidos, pedantes, pretensiosos e nulos”, vencendo, por fim, o contato com as mãos amigas e benfazejas”.

¹ Coleções com lacunas.

Concluiu o articulista “presenteando à sociedade pernambucana, cearense, baiana e fluminense, o primeiro número d’A Sonata, numa edição de luxo, caprichosamente trabalhada, sem nenhuma tendência política, sem rancores nem despeitos”.

Além de vários trabalhos em prosa e verso, assinados pelos dois diretores, inseriu outros, da autoria de Maria Doralice Sousa Brasil, Bianor da Hora, Cleofas de Sousa, Celeste Dutra, Mário Moreira, Carlos Moreira, Heraldo de Oliveira Mota, José Barreto Filho, Zé Prazedes, Píndaro Barreto, João de Sousa, Djalma Nobre de Almeida, Emanuel Carneiro Leão e Hostiniano de Moraes. Páginas sociais ilustradas e outras com boa quantidade de anúncios completaram o conteúdo d’A Sonata, cuja capa estampou medíocre desenho de paisagens nordestina.

O nº 2 foi publicado em dezembro (também omitida a data), apresentando melhor desenho de capa, com 24 páginas de texto, em papel tipo Sulfite. Reduziu-se par Cr\$ 3,00 o preço do exemplar. Na página do rosto, a três cores, Júlio do Carmo fez o panegírico do Governador Barbosa Lima Sobrinho, com clichê de fundo. Colaboração de Salgado Calheiros, Evanildo Bechara, Alfredo Pessoa de Lima, Luis Maranhão Filho, Iodhesus Uchoa, Aguinaldo Barreto de Meneses, frei Bonifácio Muller e outros, além de parte social e reclames comerciais.

Não foi além a publicação (Bib. Púb.Est.).

A VOZ DO SANATÓRIO - Quinzenário de Circulação Interna - Faltando comprovante da edição de estréia, o nº 2, ano I, circulou no dia 9 de abril de 1948, mimeografado em papel de ofício, contendo seis páginas. Diretor - A. Graciliano; redatores - José Coelho e Severina Dumas. Redação no segundo pavimento

do Sanatório do Sancho.”Tiragem - 1.000 exemplares”. Preço de cada número Cr\$ 1,00

Seguiu-se a publicação, mais mensal do que quinzenal, divulgando produções, em prosa e verso, dos internados, transcrições, notas humorísticas e uma página de anúncios de médicos. Josias Braga, Delbanio e Nicodemus eram os principais colaboradores. Atingiu o nº 5, com apenas quatro páginas, a 30 de junho, sendo redatores Clóvis Falcão e Edson Buarque.

Transposto extenso hiato, viu-se o nº 3, de junho de 1953, d'A Voz do Sanatório, em nova fase, impresso tipograficamente nas oficinas da Folha da Manhã, reunindo seis páginas de seis colunas, no formato de 48 X 32, ultrapassara o período de circulação exclusivamente interna. Trazia o subtítulo: “Órgão de publicidade dos internados do Santório Otávio de Freitas”.

O nº 5, datado de dezembro/1953, janeiro/1954, fez constar do Expediente: propriedade do Clube Otávio de Freitas; redação e escritório - Sanatório Otávio de Freitas (ex-Sanatório do Sancho); direção de Aurélio Farias; redatores - Ermírio Maia Marques, Olívio Lins, Ernani Gomes, Edson Oliveira, Manuel Peixoto Farias e Maria do Carmo Guedes; gerente - Vicente Alves Cavalcanti. Assinatura anual - \$ 20,00

Tornada mensal a folha, circularam os nºs. 6 e 7 em fevereiro e em março de 1954, havendo, possivelmente, continuado (faltam comprovantes) nos meses seguintes¹.

¹ Proseguiu em 1955.

A Voz do Sanatório, cuja confecção material era patrocinada pela Loteria do Estado, apresentava sempre seis páginas repletas de matéria, a saber: reportagens ilustradas; noticiário social e dos acontecimentos da instituição de saúde; “Vida Literária” e a seção “Se não rir agora, ria depois”. Colaboradores: Vanildo R. Silva, Alberto Campelo, A. F. de Araújo, Antonio Batista Cavalcanti, Antenor Montenegro, Horácio Brandão Filho, Orígenes Badaró, Luiz Ribeiro Filho, José Severino da Silva e outros internados. O corpo redacional sofrera modificações, terminando (na última edição manuseada) com apenas dois nomes: Aurélio Farias e João Mendes (Bib. Púb. Est.).

ASSOSSEG - Boletim Bimestral do Comité Pernambucano de Seguros - Inexistente comprovantes das edições anteriores, publicou-se o nº 9, ano II, em abril de 1948, no formato de 32x22, com 12 páginas de duas colunas largas. Direção e redação no Edifício Sulacap, 1º andar, à avenida Guararapes. “Distribuição gratuita exclusiva entre Companhias de Seguros e outras entidades do mercado segurador”.

Divulgou artigos de Luiz Carvalho Jorge, G. C. (Gilberto Cunha), F. Célio L. Monteiro, L. M. (Luiz Mendonça) e Valfrido V. Andrade, além de relatório e pareceres. A última página foi dedicada ao artigo “Dois anos de trabalho”, que focalizou o tempo vivido pelo Assosseg e fez ampla narrativa das atividades do Comité.

A partir do nº10, mês de agosto, ano III, tomou o caráter de revista, adotando o formato de 23x17, com 20 páginas de texto, mais a capa, impressa em papel couchê. Trazia sob o título: “A primeira publicação especializada em seguros editada

no norte do país” e “Divulgação técnica do Comitê...” Redator responsável - Luiz Mendonça. Impressão da tipografia do Diário da Manhã.

Passando a órgão quadrimestral, circulou com regularidade, anos afora, elevada a quantidade de páginas no terceiro ano da nova fase, chegando a somar 64 edição dedicada à V Conferência Hemisférica de Seguros. Veio a ter capa cartolinada desde o nº 17, utilizando novo e definitivo clichê de frontispício.

A matéria do magazine constava de editorial, “Ecos e Comentários”, pareceres, decisões judiciais, noticiário específico e artigos de diferentes colaboradores, que se revezaram, a saber: Alcindo Brito, Abdias Távora, Carlos Bandeira de Melo, Humberto Gondim, Valfrido V. Andrade, Célio Monteiro, Gilberto Cunha, Aloísio Santos, Ari Lemos, Orlando Neves de Almeida, Mário Sales Moreira, Leopoldo Luiz dos Santos, Adriano Otávio Zander, Otávio Pedreschi, Luiz Antonio da Costa, Carlos A. Levi, J. Calmon de Passos, Mário Graco Ribas, Carlos M. d’Amorim, José Alecrim da Silva, Ângelo Maria Cerne, Vilberto Valença, etc.; mais transcrições, discursos e reportagens ilustradas em torno de acontecimentos sociais dos securitários.

A começar da edição de agosto de 1952, ocorreu uma série de artigos especiais, subordinados ao tema “Recife - terceira cidade do Brasil”, sobre o qual escreveram Leduar de Assis Rocha, Aníbal Fernandes, Aderbal Jurema, Cezário de Melo, Flávio Guerra, Isnar de Moura e Floriano Ivo Júnior.

Assosseg¹ atingiu dezembro de 1954², ano IX, com o nº 29 (Bib. Púb. Est. e arq. da Agência do I. R. B.)³.

ESPORTES EM PERNAMBUCO - Inexistente comprovante da edição de estréia, circulou em maio de 1948 o nº 2, ano I, em formato de 32x23, com 16 páginas, inclusive a capa. Diretor-proprietário - Eduardo Meneses Filho; secretário - Enildo Pinto; redator-chefe - Lamartine Távora. Distribuição gratuita. Só inseriu matéria condizente com o título, sobretudo futebol e turf, tudo ilustrado de fotografias. Boa messe de reclames comerciais.

Outro único manuseado foi o nº 16, de 8 de agosto de 1949, feito jornal, com oito páginas. Artigo assinado, sobre turf, de Otávio Morais (Bib. Púb. Est.).

O TELEGRAMA - Órgão de circulação interna dos telegrafistas da D. R. de Pernambuco - O nº 9, ano I, circulou a 1º de maio de 1948, mimeografado, com 18 páginas de papel de ofício, o reverso em branco. Redator-chefe - Napoleão Barroso; substituto - S. Verçosa; co-redator - F. Nunes. Preço do exemplar Cr\$ 2,00

Inseriu matéria geral de interesse da classe; artigos assinados pelos nomes acima; versos, pensamentos, anedotas, etc.

¹ O título é uma sigla tirada de Associação de Seguradores. forma social como se constituiu o Comité Local Pernambucano de Seguros.

² Prosseguiu em 1955.

³ Coleções desfalcadas quanto aos nºs 1 a 8 e 14 a 16.

O magazine publicava-se, antes, datilografado, mas não mimeografado, como continuou por algum tempo, até transformar-se no Pernambuco Postal-Telegráfico, impresso tipograficamente, como se verá páginas adiante.

Não foi possível avistar outras edições d'O Telegrama (Bib. Púb. Est.).

GUARARAPES - Órgão das Alunas do Instituto de Educação de Pernambuco - Entrou em circulação no dia 13 de maio de 1948, em formato de 40x30, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor-responsável - Professor Estevão Pinto. Preço do exemplar Cr\$ 0,50 Publicação mensal. À direita do cabeçalho via-se um clichê, em miniatura, do edifício do Instituto de Educação. Nele funcionava a redação, à rua Princesa Isabel.

Seu aparecimento reiniciava “uma velha tradição escolar” e seu nome constituiu, segundo o artigo de apresentação, “justa homenagem a um dos mais significativos fatos da história pátria o banho lustral da nossa nacionalidade”.

Jornal bem feito, ilustrado, reproduziu famosas telas históricas, abriu a primeira página com clichê do Governador Barbosa Lima Sobrinho, seguido de suas impressões a respeito de uma visita feita ao importante estabelecimento de ensino do Estado. A par de matéria noticiosa, inseriu colaboração das alunas Maria Nazaré de Oliveira Brito, Ceres Marques da Trindade, Zilda Santana e outras.

Obedecendo ao mesmo ritmo, publicou-se o nº 2 a 29 de junho.

Outro único exemplar avistado, foi o nº 3, ano II, de 23 de junho de 1949. Variado e ilustrado (Bib. Púb. Est. e colec. Berta Scheider, única possuidora do nº 3).

MEDICINA NO TRABALHO - Órgão do Departamento Social e Científico da Escola Técnica do Recife - Orientação do Serviço Médico.

Edição trimestral, o nº 3 saiu em maio de 1948. Formato de 31x22, com oito páginas de duas colunas largas. Na primeira, artigo de elogio ao Governador Barbosa Lima Sobrinho (com clichê), dizendo que “o ensino industrial de Pernambuco” muito esperava de S. Exa.

Orientadores: médico Hilo Lins e Silva e dentista José Fontes, da E.T.R., em cujas oficinas foi impresso, utilizando papel couchê. Redação: rua da Estância, 609.

Matéria específica de orientação profissional, inclusive artigos assinados pelos professores Guilherme Costa de Sousa, Hélio Dantas Caldas, Hilo Lins e Silva e Saul B. Sells (traduzido do inglês) (Bib. Púb. Est.).

CADERNO UNIVERSITÁRIO - Publicação do Departamento de Cultura e Publicidade da Casa do Estudante de Pernambuco - Saiu em maio de 1948 o primeiro número, contendo doze páginas, no formato de 32x23, a quatro colunas de composição. Diretor - Antonio Germano dos Rodrigues; redator-chefe - Epitácio da Rocha Gadelha; secretário - José Ribeiro de Lira; publicidade - Gilbraz M. Teixeira e Arlindo V. Farias. Impressão das oficinas do Diário da Manhã .

Tratava-se, consoante a “Apresentação”, de uma “tentativa de divulgar, com independência, aspectos do pensamento e ação” dos jovens da época, frisando: “Não tem preconceitos, recusa os mitos, bate-se pela democratização da cultura e pelo alevantamento do nível cultural do povo”.

Abriu o texto a Declaração de Princípios do III Congresso Estadual de Estudantes¹, seguindo-se: homenagem ao professor Joaquim Amazonas, reitor da Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco; produções literárias, em prosa, de Lucilo Jordão de Oliveira, Vaudré Messie, Milton Persivo, L., Joel Pontes, Wilson Nobrega Seixas, Hermilo Borba Filho e A. G. dos Rodrigues, poesias do Ariano Suassuna, Eudes C. Moura e Laugston Hugues, este traduzido por José Laurêncio de Melo e noticiário da Casa do Estudante.

Não há notícia do nº 2, se é que foi publicado (Bib. Púb. Est.).

VOZ DO SANTUÁRIO - Publicação semanal da Basílica de N. S. da Penha - Apareceu a 30 de maio de 1948, em formato de 24x15, com quatro páginas de coluna larga. Distribuição interna, gratuita. Aprovação “eclesiástica e dos superiores da Ordem”.

Seguiu ritmo normal, cada domingo, sendo as despesas materiais custeadas por meio de doações, ao passo que a parte material estava a cargo da tipografia da Basílica. Sumário geral: Evangelho do dia, doutrina, instruções, movimento religioso da igreja da Penha.

¹ Os congressistas acadêmicos denunciaram, na sua Declaração, a “necessidade urgente de uma Reforma Agrária”.

Em numeração seguida, ocorreram, num total de 110 páginas, 32 edições, a última das quais datada de 19 de dezembro, quando a Voz augurou aos seus leitores e benfeitores feliz Natal e próspero Ano Novo.

Embora a escassez de comprovantes, prosseguiu em 1949, tendo circulado o nº 3, ano II, com apenas duas páginas, a 27 de fevereiro.

Outro exemplar encontrado foi o nº 1, ano III, quatro páginas, de 3 de setembro de 1950 (Bib. Púb. Est.).

VERDADE E VIDA - Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manuel da Nóbrega - Trazendo na capa de cartolina o sinete “Veritati et vitae”, publicou-se o fasc. 1, tomo I, datado de abril/junho de 1948, em formato de 24x16, com 84 páginas de texto, mais doze, no fim, de anúncios, em papel inferior e algumas em couchê, de fotogravuras. Diretor-responsável - padre Francisco Tavares de Bragança; redator-chefe - padre Pedro E. de Melo; redação e administração - rua do Príncipe, 526. Assinatura anual: para o Brasil e Portugal Cr\$ 50,00; para o estrangeiro - (3,50 dólares) Cr\$ 70,00 Número avulso Cr\$ 15,00 Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82.

O editorial de abertura, de cinco páginas, focalizou o tema que serviu de título, frisando que o objetivo da revista era “levar a verdade às inteligências”. Aceitaria “colaboração de todas quantos, sem pacto com o erro e sem conivências anticristãs, queiram trabalhar seriamente para o progresso da cultura”, concluindo: “É seu intento congregar quanto possível

tantos talentos de boa vontade que, no Norte, Centro e Sul, trabalham corajosamente por elevar o nosso nível intelectual e moral”.

Seguiram-se páginas especiais de aprovação eclesiástica e bênçãos dos arcebispos de Olinda/Recife e da Paraíba e do bispo de Mossoró; artigos de Barreto Campelo, João Holmes, Félix e Eduardo Contreiras Rodrigues, Honório Delgado, Valdemar Valente e padre Pedro de Melo; comentários redacionais e notícias.

O segundo fascículo, de julho/setembro, apresentou-se bem mais volumoso, com 138 páginas e menos reclames comerciais, contando, entre outros, com a colaboração de Arnóbio Graça, padre A. Mosca de Carvalho, Francisco Casado Gomes, padre Aldemar Moreira, Sérgio Higino e Milton Cabral.

Encerrando o tomo I, circulou o fasc. 3/4, datado de outubro/dezembro, contendo 138 páginas de papel especial, mais oito de anúncios e a capa. Inseriu produções dos padres Godofredo Schmieder, J. Eugênio Leite, A. Xavier Grangeiro, Ivan Von Kologrivof e Manuel Germand Filho e dos professores Nilo Pereira, Rui de Aires Belo, Valdemar Valente, Arne Glud, Marcionilo Lins e Francisco de Sousa.

O fasc. I do tomo II, com 150 páginas, envolveu os meses de janeiro a março de 1949, acrescentando ao expediente o nome do padre A. Mosca de Carvalho, na qualidade de diretor-gerente. Colaboração de Mário Sette, padre José Torres, João Vasconcelos, Gilberto Osório de Andrade, Hilton Sette, frei Panncrácio Puetter e outros. Seções: “Vida literária” e “Revista das Revistas”. Anúncios.

O fasc. 2, de abril/junho, comemorou o centenário de Joaquim Nabuco, excepcionalmente confeccionado nas oficinas da Folha da Manhã, como subvenção do governo do Estado. Apenas 94 páginas, em acetinado, em vez do papel superior sempre utilizado. Junto ao diretor permanente formou-se, então, um Conselho de Redação, composto do padre José Nogueira Machado e dos mencionados Melo e Mosca. Fora a matéria noticiosa, todos os artigos, desde o editorial, ocuparam-se da personalidade do grande brasileiro, assinando-os Jordão Emerenciano, padre Aloisio Mosca de Carvalho, Nilo Pereira, Paulo de Santa Maria e Graça Aranha (transcrição). Mais páginas de Nabuco e subsídios para a sua biografia.

Concluiu o tomo II o fasc. 3/4, de outubro/dezembro, com 130 páginas. Nele colaboraram, entre outros: padres Antonio Grangeiro Xavier, Godofredo Schmieder e Jacob David e os professores Hilton Sette e Ruy de Aires Belo. No fim, as seções costumeiras.

Abriu o tomo III o fasc. 1, de janeiro/março de 1950, com 90 páginas, nas quais figuravam produções de Mauro Mota e do padre José Soder, a par de edificante matéria redacional e uma relação dos corpos docente e discente da Faculdade.

Não continuou a publicação (Bib. Púb. Est.).

O VIAJANTE - Órgão Oficial da União dos Viajantes de Pernambuco - O nº 1, ano I, circulou no dia 13 de junho de 1948, em formato de 50x30, com seis páginas de seis colunas, impressas em papel superior. Diretor-responsável - Francisco Julião; diretor-técnico - Antonio Camelo da Costa. Imprimia-se

na tipografia do Diário da Manhã, à rua do Imperador, 227, na qual ficava, também, a redação, no nº 295, 1º andar. Assinatura anual Cr\$ 10,00 Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Destinado a circular mensalmente, “há de ser - dizia o artigo de apresentação - o correto mensageiro que levará aos sócios da U.V.P., onde quer que eles se encontram, o relato fiel da vida de sua associação e de fatos outros que lhes possam despertar o interesse”.

Começou por divulgar o histórico da vida social e econômico do sodalício, estampando clichês do pessoal da diretoria e da administração, seguindo-se artigos diversos e uma seção de Literatura.

A edição seguinte - mês de julho - foi dedicada às comemorações do 19º aniversário da União, inserindo copioso material a respeito. A equipe do cabeçalho sofreu algumas alterações; assim é que entrou Luis Rocha para a função de diretor-técnico, passando Camelo a redator-chefe; foi igualmente admitido Josimar Moreira de Melo, na qualidade de redator-secretário.

Manteve seções atraentes, além da de Literatura, tais como: “Instantâneos do mês”, “Notas e Registros” e “O Viajante na sociedade”, contando com a colaboração, de variado matiz, de Queiroz Coutinho, Antonio Marcos, Luis Rocha, Elias Bezerra, Vladimir Pinto, além dos artigos assinados pela turma da redação. Mais noticiário geral e anúncios.

Tendo circulado em agosto o nº 3, não restam comprovantes dos nºs. 4 e 5. Terminou o ano com o nº conjunto

6/7, de novembro/dezembro. Sairam no ano seguinte os nºs. 8 e 9, ficando o periódico suspenso.

Reapareceu, “após longo silêncio”, com o nº 10, ano V, em abril de 1953, reunindo oito páginas. Abriu o texto a expressiva crônica de Mauro Mota intitulada “Os caixeiros viajantes”. Ocorreram relatório e balanço das atividades da União dos Viajantes de Pernambuco. Reduziu-se o corpo redacional ao antigo diretor e a uma redatora-secretária - Maria Auxiliadora Costa Pinto. Entrou para a gerência Ermírio C. da Costa Pereira.

Prosseguiu de dois meses, sendo último avistado o nº 13, correspondente aos meses de setembro e outubro. A par da matéria noticiosa, comentários gerais e anúncios, contava com a colaboração de Queiroz Coutinho, Antonio Batista dos Santos, Cláudio Lins, Francisco Ristal, Antonio do Rego Barros, Paulo Matos, Ivanildo Lins, etc. (Bib. Púb. Est.)¹

CORREIO TRABALHISTA - Um jornal a serviço do povo. Circula em todo o Brasil. Órgão Independente e Noticioso - Circulou o nº 1, ano I, a 14 de junho de 1948, em formato de 50x31, com quatro páginas de seis colunas. Direção de João Vilaça a redação à rua do Imperador, 474, 1º andar. Assinava-se a Cr\$ 20,00 por ano, mediante porte registrado, ou Cr\$ 15,00 em porte simples. Preço do exemplar Cr\$ 0,50

Seu principal escopo, segundo o artigo de abertura, era “lutar em favor das reivindicações das classes trabalhadoras do Estado”, sem “nenhuma preocupação partidária ou política”.

¹ Coleção com lacunas.

Outra meta dizia ser “a verdade” uma “das maiores obrigações do seu programa”.

A edição comportou bastante matéria redacional, incluindo comentários e registro social, mais uma parte literária, com produções de Oscar Apolônio, Giselda Bezerra de Sousa e Mário Ramos. Alguns anúncios.

Ficou no primerio número? (Bib. Púb. Est.).

REVISTA DE ENGENHARIA - Publicada pela “Editora Revista de Engenharia, Ltda.”, entrou em circulação o nº 1, ano I, no mês de junho de 1948, obedecendo ao formato de 29x21, com 38 páginas, impressa em bom papel. Diretor-responsável - engenheiro Antonio Bezerra Baltar, funcionando a redação à avenida Guararapes, 154, 1º andar e as oficinas gráficas na rua da Saudade, 246. Assinatura anual Cr\$ 30,00

Lia-se no editorial de abertura: “Mais de um lustro após interrompida a sua publicação, volta hoje à luz o órgão oficial do Clube de Engenharia de Pernambuco. Razões de ordem legal obrigam a mudança da denominação anterior para o nome atual de Revista de Engenharia, que aparece como sucessora do antigo Boletim de Engenharia, editado pelo Clube no período de 1923 a 1943 (Vol. VII desta “História”), quando foi interrompida a publicação em face de exigências governamentais a que não fora estranho o famigerado e hoje felizmente extinto Departamento de Imprensa e Propaganda”.

“Mudando de nome, não será contudo alterada a tradição. Continuaremos uma revista de engenheiros,

apresentando opiniões de engenheiros e de outros técnicos, sobre as soluções, encontradas ou não, para os seus problemas”.

“Continuando como órgão do Clube, a Revista de Engenharia divulgará a sua publicidade oficial, ao mesmo tempo que, por contrato de arrendamento, a Editora promoverá a exploração industrial da tipografia pertencente ao Clube”.

Declarando-se publicação trimestral, não foi possível ao importante magazine manter esse ritmo. Aparecia mediando espaços longos, a saber: nº 2 - dezembro de 1948; nº 3 - janeiro/dezembro de 1949; nº 4 - janeiro/junho de 1950; nº 5 - julho/dezembro de 1951, dedicado ao VIII Congresso de Engenharia e Arquitetura, realizado no Recife; nº 6 - janeiro/dezembro de 1952; nº 7 - janeiro/dezembro de 1953, focalizando a documentação das obras públicas em andamento no Estado.

Servida de variável quantidade de páginas, ilustradas com mapas e gráficos, a Revista divulgava noticiário, relatórios, discursos, editoriais de orientação e artigos assinados pelos engenheiros Antonio Bezerra Baltar, João Caminha Franco, José Quirino de Avelar Simões, Otávio Pernambucano da Costa, Napoleão Albuquerque, José Prazeres Coelho, Antonio Figueiredo Lima, Osvaldo Gonçalves de Lima, Henrique Browne Ribeiro, David Kitover, Lauro Cavalcanti de Figueiredo, Ademar Benévolo, Lauro Borba, Osvaldo Mauricio de Abreu, Hermano Pontes de Miranda e outros.

Até dezembro de 1954, não voltou a publicar-se (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM SSCM - Órgão oficial do Serviço Social Contra o Mocambo - Apareceu sem data, mas evidentemente publicado no primeiro semestre de 1948. Formato de 27x19, com 36 páginas de papel acetinado de primeira, mais a capa, em couchê grosso, ilustrada com flagrante fotográfico do Governador Barbosa Lima Sobrinho entre moradores duma vila popular, ladeando o cabeçalho o emblema do Estado, impressos os clichês em azul e sépia. Redator - Walter de Oliveira; técnica e revisão de José Cabral da Rocha. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial, funcionando a redação na sede do SSCM, à rua da Aurora, 277.

A “Mensagem” de abertura declarou constituir a publicação “uma demonstração das atividades da autarquia, de sua capacidade e do valor intrínseco de suas realizações”.

Do sumário constaram: artigos de Valdemar de Oliveira, Jarbas Maranhão, Agamenon Magalhães, Mário Guimarães, Jorge Martins, Reinaldo Câmara e Fernando Costa; Regulamento, Balanço Patrimonial e noticiário das realizações do SSCM; páginas de gráficos; fotogravuras ilustrativas, inclusive do presidente Manuel Caldas e dos conselheiros, terminando com um Boletim Estatístico dos Centros Educativos Operários e um Quadro Geral das Vilas construídas pela autarquia.

O nº 2 do Boletim SSCM circulou no segundo semestre do ano, figurando na capa aspecto da Escola de Arte Culinária de Santo Amaro, terminando aí sua existência (Bib. Púb. Est.).

ROTEIRO - Órgão mensal, datilografado em papel tipo ofício, com seis páginas, saiu o primeiro número em agosto de 1948.

Redigiam-no estudantes de Casa Amarela, à frente José Isidoro Martins Souto.

Frisava, no artigo de apresentação, ser uma iniciativa no sentido de poder o mencionado subúrbio “contar com uma voz na defesa de seus interesses e direitos, dizendo a verdade e apontando as mentiras”.

Circulou com regularidade, inserindo matéria variada, inclusive máximas, notas humorísticas, charges, noticiário e concurso para a escolha de Miss Casa Amarela, além de produções literárias, em prosa e verso.

Entre os colaboradores contavam-se Milton Souto, Arlindo Campos, Luiz Bezerra, Juarez Sales e Áureo de Queiroz.

Publicou-se, pelo menos, até o nº 7, de 27 de fevereiro de 1949 (Colec. Milton Souto)¹.

SEMPRE ALERTA - Boletim Informativo da Federação Pernambucana de Escoteiros - Não arquivados exemplares das sete primeira edições, publicou-se o nº 8, ano I, no mês de agosto de 1948, em formato de 32x23, com quatro páginas de quatro colunas, impresso em bom papel, utilizando tinta azul. Preço da anualidade Cr\$ 10,00

Seguiu-se a circulação mensalmente, até pelo menos o nº12, datado de dezembro. Sua matéria constava de “Atividades de campo”; artigo de Hugo M. Belém e outros, de doutrinação

¹ A Biblioteca Pública do Estado possui, unicamente, nos “Diverss Jornais”, o nº 2 do Roteiro, correspondente ao mês de setembro de 1948.

sobre escotismo; “Notícias da C.B.E.T.”; “Vida escoteira”; “Datas históricas”; “Intercâmbio”; palestras e “O escotismo através do mundo” (Bib. Púb. Est.).

NOTICIÁRIO DA SOCIEDADE CULTURAL BRASIL-ESTADOS UNIDOS - Publicação de caráter interno, apareceu em agosto de 1948, no formato de 31x24, com quatro páginas, exibindo, no título, clichê-emblema da instituição de que era órgão. Redação-sede à rua Dom Bosco, 1367.

Prosseguiu, anualmente, cada mês de agosto, aumentando para seis páginas em 1950 e para oito em 1953, divulgando as atividades sociais e artigos de colaboração, alguns em língua inglesa, variando de nomes, a salientar produções de Elijah Von Sohsten, dr. Pessoa de Campos, Jurandir de Brito, Hilton Sette, Eolo de Andrade Lima, Raul d’Eça, Corina Cardoso, Bruno Maia, Francis Townsend, Joaquim de Sousa Neto, Paulo Vieira Neto, Abel Serpa, Asdrúbal A. de Assis, Potiguar Matos, Stenio C. de Sousa e outros.

O Noticiário atingiu o nº 7, ano VII, em agosto de 1954 ¹ (Bib. Púb. Est.).

O ECO - Mensário Apolítico, Independente e Difusor das Idéias Jovens de Pernambuco - Comprovante único, circulou o nº 1, ano V, em agosto de 1948, reunindo seis páginas manuscritas. Fundado por Clóvis Rizzo, tinha como redator-responsável José Leão de Carvalho. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

¹ Continuou em 1955.

Sua matéria principal foi o artigo “...Ou o Brasil recomeça conosco ou, fatalmente, terminará em nós...”, assinado pelo redator, sendo outros colaboradores José Izidoro Martins Souto, Dinamérico Pereira, João Calado Borba Neto, J. O. Melo, Lustosa de Sousa, etc., além do noticiário (Colec. Milton Souto).

PRESENÇA - Sociologia. Literatura. Arte - Publicou-se o nº 1, ano I, em agosto de 1948, no formato de 28x21, com 36 páginas, sem capa, misto de revista e jornal, impresso em papel acetinado. Trabalho da oficina do Jornal do Commercio, tinha a redação instalada no 6º andar do mesmo edifício. Diretores - Antonio de Barros Lima, Silvino Lopes, Maurílio Bruno e Permínio Asfora; Conselho de Redação - Haroldo Bruno, José Carlos Cavalcanti Borges, Álfio Ponsi, Francisco Julião, Hibernon Wanderley, Hercílio Celso, Sousa Barros, Edson Mouri Fernandes e Júlio Lira; gerente - Fernando de Barros Lima. Anualidade - \$ 50,00; número avulso Cr\$ 4,00

Constava do editorial de abertura, abaixo do título, este num clichê de apenas dois centímetros por uma coluna: “Presença tenciona recusar em suas páginas qualquer sectarismo simplesmente pessoal, seja do elogio ou da oposição do indivíduo ou do grupo fechado de homens. Também não será uma revista com o fim sistemático de ornar testas gloriosas da literatura nacional, nem destinada a louvaminhar moços que trazem para as letras como passaporte apenas o preconceito da idade.

Presença não acredita na vitaliciedade literária nem na vacinação B. C. G. com que certos medalhões de hoje vêm tentando imunizar mediocridades em prosa e verso. Defende, sem restrições, a aposentadoria compulsória na carreira das letras

e adota uma posição de irreverência diante dos “solitários”, dos profetas e de suas mensagens salvadoras, sem distinções de idade, os “regionais” que já nascem respirando o “universal” da ciência e da arte, homens de cinquenta e de vinte e cinco anos.

Aos literatos que ostentam intimidades com os Gide, os Sartres, os Maritain, os Rimbaud, que imitam até os vícios feios, que sonham com Paris, assim como aos poetas outonais que rifam os últimos sonetos, a eles nossos votos para que prossigam, isto é, paralizem-se, o que vem dar no menos”.

Inseriu produções, em prosa, de Laurênio Lima, Barros Lima, Sílvio Rabelo, J. A. Gonçalves de Melo Neto, Eustáquio Duarte, Getúlio César, Júlio Lira, Sousa Barros, Estevão Pinto, Amaro Quintas, Álfio Ponsi, Pereira de Sousa, José Carlos Cavalcanti Borges, Fernando de Oliveira Mota e Permínio Asfora; poesias de Paulino de Andrade, Hercílio Celso, Astrogildo Calipso de Carvalho e Paulo Mendes Campos; as seções “Notas do mês”, “Revista de Livros” e “Fatos e Idéias”; ilustrações de Portinari, Elezior Xavier, Percy Lau e Milton Persivo.

Publicação mensal, ao atingir o número conjugado 6/7, de janeiro/fevereiro de 1949, passou a dedicar página inteira, a primeira, valendo por capa, a diferentes ilustradores, tais como Lula (Luiz Cardoso Aires), J. Ranulfo e Percy Lau. Logo mais, retornava ao estilo inicial, colocando ao pé um aspecto fotográfico da cidade.

Já no segundo número a direção se desfalcara do nome de Silvino Lopes. A partir do terceiro, ficou assim constituída: Antonio de Barros Lima, Hibernon Wanderley e Jorge Medeiros

de Sousa, este último substituído, em agosto de 1951, por Jordão Emerenciano. O Conselho de Redação sofreu constantes modificações, dele vindo a participar, também, por maior ou menor espaço de tempo, Austro Costa, Ascenso Ferreira, José Antonio Gonsalves de Melo Neto, Araújo Filho, Gentil Mendonça, Abelardo Jurema, Odilon Nestor e Ivan Seixas. A função de redator-secretário foi exercida por Leocádio de Moraes e, nos últimos dois anos, pelo gerente Fernando de Barros Lima. O preço do exemplar reduziu-se, desde agosto de 1951, a Cr\$ 3,00

Além dos nomes mencionados, constou com a colaboração de Luiz da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Eládio Ramos, Lopes de Andrade, Otávio de Freitas Júnior, Ledo Ivo, Deolindo Tavares, Edson Régis, Gasparino da Mata, Alírio Meira de Vasconcelos, Mário Melo, Zilde de Enock Maranhão, José Bezerra Gomes, Luiz Torres, Luiz de Vasconcelos, João Vasconcelos, Carlos de Vasconcelos, Paulino de Andrade, Otávio Pinto, Tenório de Cerqueira, Geraldo Valença, Arnóbio Graça, Ernani Borba, Ernesto Albuquerque, Olívio Montenegro, Lucilo Varejão, Melquíades Montenegro, Cezário de Melo, Pinto Ferreira, Armando Cunha, Hélio Augusto, Mário Santiago (pseudônimo de Álvaro Alvim da Anunciação), Liberalino de Almeida, Otávio Cavalcanti, José Leal João da Veiga Cabral, Silvino Lira, Manuel Aroucha, Baltazar da Câmara, Fernando Pio dos Santos, Guerra de Holanda, José Césio Regueira Costa, Israel Felipe, Costa Porto, José Tinete e outros.

Sem alterar-lhe a quantidade de páginas, Presença, que dispunha de acanhado volume de anúncios, mantinha razoavelmente bem informados os seus leitores a respeito da vida

das letras em Pernambuco, através de noticiário e comentários. A seção “Farpas” fornecia a nota pitoresca, ocupando-se de homens e de fatos. Não faltavam ilustrações de Zuleno Pessoa, Hélio Feijó, Ladjane Bandeira de Melo, Luis Soares, etc.

A existência do apreciado magazine estendeu-se até o nº 20/21, de novembro de 1952 (Bib. Púb. Est.)¹.

CORREIO DO NORTE - Semanário - Começou a publicar-se no dia 12 de setembro de 1948, obedecendo ao formato de 48x32, com dez páginas a seis colunas de composição. Diretor - Alexandre Fonseca; secretário - Dagoberto Fernandes Pires; redator-chefe - Negib Correia Lima, funcionando redação e gerência na rua do Imperador, 370, 2º andar. Assinaturas: ano Cr\$ 50,00; semestre Cr\$ 30,00; preço do dia Cr\$ 1,00 Impressão da oficina d’A Tribuna, à rua do Riachuelo.

Constava da “Nossa palavra de apresentação”, bastante alongada de considerações em torno da instituição da imprensa: “Pugnará em defesa dos trabalhadores, vendo no trabalho a razão de existência condigna e moralizada. Doutrinário e orientador, estará, no cumprimento do dever de imprensa, esclarecendo, informando, debatendo idéias, traçando diretrizes. Levará a todos os lares a palavra sadia da educação, jamais fugindo ao dever de sermos capazes de bem servir ao aprimoramento moral dos brasileiros. Não fugirá ao campo da luta, desde que se empreguem armas à altura de merecer atenção”.

¹ Coleção desfalcada. Faltam os nºs. 11 a 13. 18 e 19. Na Biblioteca Pública de Salvador. Bahia, existem comprovantes a partir do nº 2 até o nº 19, este de julho de 1952.

A par de artigos assinados, a edição iniciou as seções “Economia e Finança”, “O comentário”, “A hora”, “Reportagem do dia”, “Telegramas”, “Correio Social”, “Correio Policial”, “Esportes”, “Carta sem selo”, por Mário D’Alva, “Crônica matuta”, de Correia Lima e toda uma página com o programa do Partido Trabalhista Brasileiro. Boa parte de publicidade comercial.

Seguiu-se a publicação com oito e, depois, seis páginas, fazendo principalmente a cobertura das atividades do P. T. B. e a propaganda da candidatura do senador Getúlio Vargas à Presidência da República, ainda dois anos distante de sucessão. Cada edição - até o fim - exibia diferente clichê-pose do candidato.

Grandes títulos e manchetes movimentavam o jornal que, igualmente, se reportava aos acontecimentos extra-políticos e inseria crônicas e artigos de Otávio Cavalcanti, Aníbal Pereira Simões, Miguel Mendonça, Geraldo Tavares, José Lucilo, Aristóteles Alves, José Bezerra Lima, etc., fora as seções fixas.

Ainda em outubro transferia-se a redação para o Edifício Trianon, 1º andar e, no mês seguinte, foi o redator-secretário substituído por Joaquim Bernardino de Sena. Terminou o ano o nº 14, de 24 de dezembro, com 12 páginas, incluindo homenagem ao Natal.

Suspenso, reapareceu o Correio do Norte - nº 1, ano II - a 13 de maio de 1949, adotando “novas diretrizes”, que significavam, além dos “legítimos interesses do povo”, a continuação da propaganda trabalhista. Novo corpo redacional: diretor - Aldemar Costa Almeida; secretário - Dagoberto

Fernandes Pires; redator-chefe - Aristóteles Alves. Na gerência - Moacir Osnildo Guimarães; diretor de publicidade - Artur d'Almeida. Mudou-se para o 4º andar do Edifício Sael e reduziu-se a quatro páginas.

Reportagens redacionais e noticiário geral assinalaram a segunda fase do órgão, que criou também a seção de versos humorísticos “Chacoalhadas”, da autoria de Rui Deleuse (pseudônimo de Enéias Alves). A partir do nº 5 constou do cabeçalho: “Órgão Oficial do Partido Trabalhista Brasileiro”. A circulação, todavia, decorreu anômala, às vezes medeando

espaços prolongados, em lugar de sair semanalmente, como programara. E assim chegou ao fim do ano com apenas 22 números publicados, o último dos quais datado de 26 de dezembro. Em meio da jornada o redator Dagoberto foi substituído por José Bezerra Lima, o dono da seção de versos ligeiros “Picadinho”, em que se assinava Miudinho.

Proseguiu - nº 1, ano III - a 2 de janeiro de 1950. Divulgado o nº 5 no dia 13 de fevereiro, sofreu o Correio do Norte nova suspensão. A edição seguinte saiu no dia 23 de julho, acrescentando-se ao cabeçalho: “Uma voz a serviço do proletariado”. E cresceu, na primeira página, o retrato do Senador Vargas.

Era o fim. Pouco depois circulava o nº 8 (último), datado de agosto de 1950 (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM DA L. B. A. - Publicação da Comissão Estadual de Pernambuco - Sem que fosse possível avistar comprovantes anteriores, circulou o nº 1, ano IV, em setembro de 1948, no

formato de 26x18, contendo 16 páginas de texto e capa multicolor, em papel couchê, ilustrada com emblema da LBA e clichê do prédio da Cheche Antonista Magalhães. Diretor - Ivonildo de Sousa. Impressão das oficinas da Imprensa Oficial.

A edição inseriu artigos de Jarbas Maranhão, Xavier Marques, Jonas Ferreira Lima e Ivonildo; comentários redacionais, noticiário e estatísticas.

Outro único número manuseado foi o de outubro/dezembro de 1949, que apresentou colaboração de Gonçalves Fernandes, Élfego Jorge de Sousa, José Otávio Cavalcanti e Ariete Oliveira, além de relatórios, balanços e demais matéria referente às atividades sociais de LBA (Bib. Púb. Est.)¹.

O ARAQUE - Revista Policial-Social - Entrou em circulação no mês de setembro de 1948, obedecendo ao formato de 30x22, com 46 páginas impressas em papel superior, ilustrando a capa um desenho a cores, de cenas policiais, executado por Edson Cruz. Diretores - Wandenkoll Wanderley e Abílio de Castro, instaladas a redação e administração na rua da União, 263. Confeção da Seção de Artes Gráficas da Escola Industrial de Pernambuco.

Coube a Abílio firmar o artigo de abertura, tecendo considerações sobre a palavra que servia de título ao magazine,

¹ Não obstante as diligências empreendidas, a Secretaria da L.B.A. não colaborou com o autor deste trabalho para encontrar a coleção do Boletim no Arquivo da repartição.

explicando-lhe as origens ¹ e traçando o perfil dos indivíduos que serviram como “araques”² para, no fim, acentuar: “...diverte e instrui. Não ataca sistematicamente. Critica acerbamente, mostra as mazelas existentes e clama por providência”. E ainda: “O Araque traz a lume fatos verídicos, provados e comprovados. Sendo uma revista policial, encerra, também, matéria da vida social da nossa terra”.

O nº 2 saiu datado de outubro/novembro, reunindo 40 páginas de papel acetinado, de segunda, e boa charge na capa, focalizando funcionários de projeção da polícia.

As duas edições contaram com a colaboração de Silvino Lopes (capítulo de romance), Jaime de Santiago, Ozias Burgos, José Emídio de Lima; Melquíades Montenegro, Manuel Firmino, Alcine Calado, Alfredo Pessoa de Lima, Geraldo Seabra e outros, além de reportagens policiais ilustradas, comentários, notícias e anúncios.

Ficou, provavelmente, no segundo número (Bib. Púb. Est.).

¹ “Araque é o termo tirado da gíria espanhola de araque. a qual, na língua portuguesa, equivale à de carona.”

² “Em regra geral, o araquismo é exercido por moços bonitos, trajando elegantemente, frequentando o alto meio social. Não gostam de pagar a entrada de cinema; gostam, porém, e muito, de assistir todas as seções cinematográficas da cidade, os espetáculos de teatro, as funções circenses, as danças das gafeiras espalhadas pela cidade em fora, as pensões alegres e outros centros em que se podem expandir, graças a uma carteira número tanto, presente de um deputado ou de um chefe político e um revolver, que é exibido, de vez em quando, sem motivo que o justifique.”

INFORMADOR FISCAL - Periódico Ilustrado Divulgador de Assuntos Fiscais, Literários e Sociais - Apareceu em setembro de 1948, no formato de 48x32, com vinte páginas de seis colunas - dois cadernos. No simbólico desenho do cabeçalho, em azul-preto, inscreveu-se a setença: “Dura lex sed lex”. Diretor responsável - José das Neves Ferreira Mulatinho; redatores - Edison Mulatinho e Helvécio Heitor Regueira, este substituído, logo no segundo número, por A. P. de Mesquita; presidente de honra - Joaquim Pessoa, delegado fiscal no Estado. Redação à rua da Glória, 248. Trabalho gráfico, em papel superior, das oficinas do Diário da Manhã. Preço do exemplar Cr\$ 2,00

Convidado a escrever o artigo-programa - “Nobre Missão”- frisou o escritor Mário Sette: “Informador Fiscal visa uma dupla trajetória: não se limitará, apenas, a agasalhar em suas páginas matéria de assunto fiscal, seu escopo primacial, é óbvio. Apresentará também, pequenos estudos sociais de interesse imediato de seis leitores e, não menos, colaborações de literatura e de arte exigidas pela curiosidade cultural dos que o lerem”.

“...visa, sobretudo, trazer aos interessados, que tanto podem ser os industriais e os comerciantes, como o público em geral, um conhecimento claro, seguro e eficiente da legislação fiscal do país, esclarecendo pontos porventura mal interpretados, informando das mais recentes determinações da Fazenda, atendendo a consultas, dissipando dúvidas, orientando o contribuinte...”

Assim apresentado, teve andamento a publicação, cujo nº 2 saiu em janeiro de 1949, medeando largos espaços de edição para edição. No nº 3, de 9 de abril, transferia-se a redação para a

rua da Palma, 294, 2º andar e entrava para o expediente José Pessoa de Oliveira, encarregado do serviço de publicidade.

No nº 7 - maio de 1950 - acrescentava-se ao corpo redacional o nome de Telha de Freitas, na qualidade de secretário, passando Mesquita a ser consultor jurídico.

Variou a quantidade de páginas, no mínimo 10 e no máximo 32, atendendo à amplitude da matéria paga, constituída de anúncios e reportagens sobre serviços federais, não apenas de Pernambuco, porém trazidos de Estados do nordeste e do norte do país, bastante ilustradas.

Manteve o Informador Fiscal, todavia, o programa redacional enunciado. Nos setores técnicos e literário, divulgava produções assinadas pela turma da redação e por diferentes colaboradores, a saber: Alfredo de Paiva Malheiros, Roque de Brito Alves, Seve-Leite, Maurício de Barros de Andrade Lima, Estênio Alves Leite, J. Nemésio, Pedro Alves Camelo, Hilton Sette, Américo Melo, Jerônimo Gueiros, Clóvis J. Andrade, Jurandir de Brito, Lourdes Câmara, dr. Heronides Coelho Filho, Boanerges Albuquerque, José Regueira, David de Lima, Júlio Geraldo, Fred Pinheiro, Luiz Sucupira, João Novo (de portugal), Everardo Vasconcelos, Enoc Cavalcanti, Dalva de Couto, Carlos Romero, Lamartine Vasconcelos, Carlos Araújo e outros. O custo da vendagem avulsa descera para \$ 1,00; depois subiu até Cr\$ 3,00 e terminou em Cr\$ 2,00

Após os primeiros doze números, a publicação tornou-se anual. Assim é que o 13º circulou em agosto de 1952, o 14º em

setembro de 1953 e o 15º - ano VII - no mês de julho de 1954 ¹
(Bib. Púb. Est.).

MATERNIDADE E INFÂNCIA - Revista Pernambucana de Tocoginecologia e Pediatria - Apareceu em setembro de 1948, no formato de 23x15, com 70 páginas, todas em papel couchê, sendo 20 de anúncios, metade precedendo o texto e a outra metade no fim. Capa em cartolina de cor, nela incluso o Sumário e (no reverso) o expediente. Direção - drs. Tomé Dias Sobrinho e Edécio Cunha; comissão de redação - professor Selva Júnior e drs. Iremar Falcone, José Amorim, Isidoro Lugman, Lourinaldo Gouveia, Alfredo Alves, Zacarias Mayal, Simão Náder e Azevedo Cunha. Administração e redação: rua da Concórdia, 190; depois, avenida Portugal, 77. Assinatura anual Cr\$ 80,00; para o exterior Cr\$ 120,00 Número avulso Cr\$ 25,00 Tabela de anúncios página Cr\$ 500,00; meia página Cr\$ 300,00; encartes Cr\$ 200,00 Trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

Surgiu “como a satisfação de uma imperiosa necessidade”. Era considerável - continuou a “Apresentação” - a quantidade de “casos tocoginecológicos” que passavam pelas Maternidades e ficavam sem divulgação, “não sendo exagero afirmar, por exemplo, que, de um modo geral, u`a Maternidade de Pernambuco não sabe o que de útil e aproveitável se está realizando em outra do mesmo Estado”, o que impedia fosse aproveitado “todo um manancial de ensinamentos”. Punha-se pois, à disposição dos interessados “para a divulgação dos trabalhos não só da Maternidade do Derby, mas de qualquer outro serviço”.

¹ Prosseguiu em 1955

A edição inseriu “O Comentário”; duas conferências, artigos originais, alguns acompanhados de fotogravuras de casos clínicos e de observação e as seções “Resumos”, “Publicações” e “Noticiário”.

Prosseguindo, circularam quatro números em 1949, quatro em 1950 e três em 1951, o último dos quais datado de setembro/dezembro, formando os volumes II, III e IV, com 214, 308 e 248 páginas, respectivamente, fora as de anúncios, bem numerosos. Mudou a denominação, em dezembro de 1949, para

REVISTA PERNAMBUCANA DE MATERNIDADE E INFÂNCIA, tendo como subtítulo: “Tocoginecologia e Pediatria”. Vieram a participar, também, do corpo redacional os médicos Mário Pacheco, Írio Cavalcanti, Luiz Matoso, José Maria Tenório e Edilton Sampaio. E acrescentou-se um Departamento Técnico, a cargo de Augusto Álvaro Dias da Silva e Paulo de Sousa Rodrigues.

Além das produções assinadas pela equipe responsável, a Revista contou com a colaboração de Tomé Dias Sobrinho, Humberto Meneses, Ageu Magalhães Filho, Gilberto de Macedo, Albérico Câmara, professor Martiniano Fernandes, Celso Cursino, José Pandolfi, Erasto Tenório, Djair Brindeiro, Manuel Vilaça, Aluisio Neto, A. de Sá Leitão, José Henrique, Rosaldo C. Cavalcanti, José Renda, Paulo Cabral Bittencourt, Orlando Bordalo, Antonio Cesário de Melo, Vicente Ferrer, Lauro Wanderley, James E. Dobbin, Orlando Parahym, Carl Fred, Paulo de Castro, Freitas Lins e Fraga Rocha Sobrinho. Divulgava conferências; atas do Centro de Estudos Fernando Magalhães e da Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia; noticiário e resumos.

Após a edição de setembro/dezembro de 1951, ficou suspenso o órgão específico, sem jamais voltar à tona (Bib. Púb. Est.).

LIBERDADE - Jornal mimeografado em papel de ofício, com quatro páginas, surgiu no dia 12 de outubro de 1948, sob a orientação da seguinte equipe de alunos do quarto ano do Colégio Leão XIII: redator-chefe - Eliezer Lopes Pereira; redator artístico - Gildo Montenegro; secretário - Rostand Silvestre; gerente - Jarbas Teixeira. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Consoante a apresentação - "Por que este nome?" - assinada pelo redator artístico, significava ele: "...liberdade para os assuntos, liberdade para as críticas, liberdade, enfim, para tudo, pois o jornal não tem limites para a publicação de originais, desde que seus redatores concordem em que o manuscrito merece ser transformado em letra de forma".

Abrindo com artigo do professor Senir Sampaio, seguiram-se: seção de caricaturas, crônicas de Eliezer e José Augusto Novais e início de concursos de charadas e testes.

O nº 2 (e último) publicou-se no ano seguinte, a 13 de novembro, contendo seis páginas. Aumentou a matéria com a colaboração de Edwards Lira, Nelson Saldanha, Lenira Wanderley, Amélia Graça de França e Lúcia Sampaio Oliveira (Arq. Colég. Leão XIII).

✓ VANGUARDA POPULAR - Órgão de orientação socialista, feito moderno e bem dirigido, teve o primeiro número em letras de forma no dia 17 de outubro de 1948. Diretor-responsável -

Glauco Pinheiro; redator-chefe - Sócrates Times de Carvalho; secretário - Guilbert de Macedo; gerente - Carlos Luis de Andrade. Redação à rua da Imperatriz, 35, 2º andar, sala 7. Preço do exemplar Cr\$ 0,50 centavos. Formato de 45x30, oito páginas a seis colunas de composição.

Seu aparecimento, segundo o editorialista, teve o objetivo de “refletir e coordenar, em nosso meio, com clareza e honestidade, o que vale dizer com espírito científico, os ideais e os sentimentos generosos que caracterizam a irreprimível tendência da humanidade contemporânea, em marcha tumultuária, é certo, mas incontida no seu roteiro para novas e superiores formas de coexistência, para a aquisição e assimilação de mais altos e mais nobres padrões de vida”.

No tópico final lia-se que “Vanguarda Popular, desfraldando, corajosamente, a bandeira da democracia e do socialismo”, entrara, “confiante, na liça da imprensa militante, inteiramente devotada à causa do povo, que é a sua própria causa, primária e final”.

Jornal de combate, surgiu com suas páginas repletas de notas e editoriais políticos, mas tratando também assuntos gerais, além de artigos assinados. Para não faltar literatura, um poema de Ladjane, ilustrado pela autora. Inseriu, ainda, “Princípios e reivindicações fundamentais do programa do Partido Socialista e transcrições.

Prosseguiu em datas indeterminadas, passando para o ano seguinte com o nº 6, de 10 de janeiro. Colaboradores: Cristiano Cordeiro, Antonio Franca, A. Lobo de Miranda, Domingos Velasco, Francisco Julião, Hermes Lima, Osório Borba, Josimar

Moreira de Melo, Alfredo Pessoa de Lima, Norton Melo, João Ribeiro, Carlos d'Avila, Pedro Calado e Joaquim Cardoso (poema).

Já no nº 8, o redator-secretário foi substituído por Laurênio Lima. Todavia, estava no fim a existência da Vanguarda Popular, cujo último número foi o 10º, datado de 21 de maio de 1949.

As três primeiras edições tiveram oito páginas, continuando com seis, para terminar com quatro. Poucos anúncios. O trabalho gráfico esteve a cargo da Empresa Diário da Manhã, situada à rua do Imperador, 227 (Bib. Púb. Est.).

BACK GROUND - Quinzenário ilustrado - Rádio. Cinema. Teatro - Entrou em circulação a 15 de outubro de 1948, no formato de 36x25, com quatro páginas a quatro colunas de composição. Diretor - M. B. Lima; redator - A. Lopes. Assinatura anual Cr\$ 20,00; número do dia Cr\$ 1,00 Redação à rua Direita, 243, 3º andar e trabalho gráfico da oficina d'O Progresso, em Vitória de Santo Antão.

Lançou-o inexpressiva nota de 17 linhas, sob o título "Apresentação de acordo com o feitio". A par de comentários redacionais, às vezes ilustrados, inseriu crônicas assinadas por Geraldo Lopes, Marcelo Faria de Miranda, Pê, José Edson e Talião.

Não há indício de ter continuado a publicar-se (Bib. Púb. Est.).

LETRAS PERNAMBUCANAS - Revista de grande porte, obedecendo ao formato de 50x30, com 16 páginas de seis colunas, sem capa, circulou o nº 1, ano I, em outubro de 1948. Diretor - Ivonildo de Sousa; conselho de seleção - Edson Régis, Jonas Ferreira Lima e Laurênio Lima; gerente - Jairo Carvalho de Sousa. Redação à rua Manuel Barros Lima, 140. Preço do exemplar Cr\$ 2,00 Trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã.

Nasceu, consoante sucinta nota de apresentação, numa fase das mais importantes para a história das letras pernambucanas. Dispunha-se “a divulgar não somente a produção dos intelectuais do Recife, como de todo o Brasil”. Não tomava a defesa de qualquer grupo, mas difundiria, “principalmente, a literatura da nova redação de escritores e poetas do Estado”.

A edição ilustrada com desenhos de Darel, Ferreira, Wellington de Sousa, Murilo Lagreca e Hélio Feijó, inseriu estudo de Odilon Nestor, páginas de Joaquim Nabuco e duas cartas inéditas (incluindo grande clichês do famoso brasileiro), artigos de Gilberto de Macedo, Ivonildo de Sousa, Haroldo Bruno, Natalício Noberto, Régis Velho, Maia Lopes, Alfonsos dos Guimarães Filho, Laurêncio Lima Antonio Franca; contos de Hélio Augusto e José Ferreira Gonçalves; trechos do romance “Cenas da vida suburbana”, de Silvino Lopes e poesias de Craveiro Leite, Edson Régis, Cláudio Tuiuti Tavares, Aníbal Portela e Duarte Melo; notas, comentários e anúncios.

A excelente publicação ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

TRIBUNA ACADÊMICA - Publicação do Departamento de Publicidade do Diretório Acadêmico da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife - O nº 1, ano I, publicou-se em outubro de 1948, no formato de 32x23, com oito páginas de quatro colunas estreitas. Diretor - Antonio A. Amorim; secretário - Aquiles Wanderley; redator-chefe - Ivan B. de Almeida; publicidade - Severino V. Leão, Everaldo Gadelha e Heitor Maia Neto.

Ligeira nota de abertura adiantou que a divulgação da folha constituía uma homenagem ao engenheiro Pelópidas Silveira, no momento em que deixava a diretoria da Escola.

Inseriu reportagem sobre o XI Congresso Nacional de Estudantes; página de “Vida Interna” e artigos de Carlos Luis de Andrade, Manuel da Nóbrega, Teobaldo Dias, Baltazar da Câmara, Tânia Maria, Aquiles Wanderley e Cândido da M. Ribeiro.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

EMPASIAL - Mensário Noticioso e Informativo - Publicou-se, pela primeira vez, em novembro de 1948, obedecendo ao formato de 32x23, com quatro páginas de quatro colunas, para distribuir-se gratuitamente aos associados. Diretor - Victor Vicente de Barros. Redação à avenida Guararapes, 50, 9º andar.

Nas “Duas palavras” de apresentação, dizia-se “capaz de circular em todos os quadrantes do nosso querido Brasil, como um propagador da educação social e cultural dos sócios da Empasial”.

Dedicada à propaganda da Empresa Pernambucana de Assistência Social, saíram a lume, após a edição de Natal, mais duas: n.ºs. 3/4, de janeiro/fevereiro de 1949 (seis páginas) e 5/6, de março/abril (oito páginas).

A par da literatura divulgacional, ocorreram transcrições poéticas ou históricas, ampla seção de “Sociais” e anúncios (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DO TRABALHADOR DO AÇÚCAR - Divulgação do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Açúcar - Inexistente comprovantes das duas primeiras edições, foi dado à luz o n.º 3, ano I, em novembro de 1948, obedecendo ao formato de 32x23, com quatro páginas de quatro colunas.

Sua matéria constou de artigo de Vicente Dutra, versos ligeiros de Augusto dos Diabos e Ingá do Bacamarte; “Curiosidades”, por Bagatela; notas desportivas, estatística, relatório e pequenos anúncios.

Ficou aí suspensa a folha, só aparecendo o n.º 4 em março de 1950. Voltava adotando o mesmo lema: “servir, desinteressadamente, aos milhares de associados” do Sindicato. Não seria “órgão de dissídio e desarmonia”, mas “de luta honesta em defesa dos gerais interesses da classe”, sem preocupação política ou religiosa.

Seguiu-se a publicação mensalmente, impressa na tipografia do Diário da Manhã, com redação instalada na rua Benfica, 870, bairro da Madalena. Dava oito páginas e tinha como redator-chefe, em 1951, Ari Santa Cruz. Ao atingir o n.º 19, ano III, fevereiro de 1952, entrava em nova fase de “trabalho

mais completo”, num “campo maior”, criando seção jurídica, a cargo do redator-auxiliar Benjamim Loureiro Alves, além do noticiário desportivo e parte social, fazendo retornar a antiga “Vida doméstica”. Nova turma: diretor-responsável - Pedro Cavalcanti Malta Filho; redator-chefe - Nely Cora Simões; diretor-gerente - Alceu Pandolfi.

Após o nº 21, datado de junho de 1952, ainda ocorreu outra “nova fase” a partir do mês subsequente, quando deixou de ser “divulgação do Sindicato...”, mantido, unicamente, o diretor no seu posto, ao passo que, na edição seguinte, de outubro, voltava Ari Santa Cruz à chefia da redação. Ainda circulou o terceiro número, de novembro/dezembro, aí terminando a existência d’A Voz do Trabalhador do Açúcar.

Contou com a colaboração de Luiz Pessoa Lins, A. Carvalho, Ozias Burgos, d. Antonio de Almeida Moraes Júnior, Artur Macial e outros; seções: “O ABC da Política”, “Rádio-Futebol-Teatro”, “Você sabia...” e outras; fotografias de líderes classistas e de reuniões sociais (Bib. Púb. Est.)¹.

RESENHA LITERÁRIA - Mensário de Cultura - Saiu à luz pela primeira vez em novembro de 1948, no formato de 28x20, a três colunas de composição. Com 36 páginas de papel acetinado, confundia-se o texto com a capa, esta apenas identificada pelos cabeçalho - um clichê em duas colunas por 2 1/2cm de altura (logo alterado para três colunas simples). O expediente foi colocado na segunda página, em uma coluna, seguido do sumário. Direção de Perminio Alfora, Álfio Ponzi e Maurílio Bruno, localizado a redação no edifício Ouro Branco, 7º andar.

¹ Coleção desfalcada.

Trabalho gráfico das oficinas do Jornal do Commercio.
Assinaturas: Cr\$ 30,00 por números; preço do exemplar Cr\$ 2,00

Apresentou-se com o editorial intitulado “Orientação” (completou a primeira página um óleo de Portinari), dizendo, inicialmente, não incorrer no pieguismo de traçar roteiros, “de tal modo efêmera é a vida de uma revista literária no Recife, ou melhor, no Brasil”. Tomava, entretanto, posição “contra os poderosos detentores da nossa literatura, os que primam por convencer o povo de que a literatura deve peramanecer solitária e perdida nos meandros da indiferença, da metafísica e do negativismo, ao mesmo tempo que procuram tirar até o nome de literatura de tudo aquilo que se produz com o coração e o pensamento voltado para o progresso, a liberdade e a paz”, frisando: “Não daremos trégua aos pessimistas, medalhões uns, medalhinhas outros, mórbidos escritores, poetas filhos da morte”.

Acrescentou o articulista: “Os que dirigem Resenha Literária situam-se num nível ideal para falar sobre velhos e moços, pois na verdade não são nem uma nem outra. Aliás, quer nos parecer que a idade de um escritor se reflete antes pelas idéias do que pelo simples registro do calendário. Confessamos o nosso desdém pelos preconceitos de qualquer espécie e principalmente pelo que divide os homens em gerações”.

“...assuntos diversos serão ventilados. Quer dizer, vamos tirar a poeira de certos assuntos. Resenha Literária não se filia a nenhum partido político e, se defendemos com afinco certos pontos de vista, é pela certeza de estarmos aliados à própria verdade dos fatos”.

Finalmente: “Realizar uma revista independente, sem muito artigo massudo, com boas ilustrações e um noticiário vivo a respeito da vida intelectual é, em última análise, atingir um ponto dificilmente alcançado. Já no primeiro número isto parece que conseguimos. Depois do que acabamos de dizer, é desnecessário acrescentar que o nosso principal objetivo é não desapontar o leitor comum. Esta revista foi feita para ele”.

A par das seções “Inocentes e Culpados”, “Panorama do mês”, “Notícias de livros”, “Registro bibliográfico” e outras notas, inseriu trabalhos, em prosa, assinados pelos diretores e por Paulo Tavares, Abelardo Jurema, Érico Veríssimo, Marcos Figueredo, José Augusto Guerra, Jonas Ferreira Lima, Egígio Bezerra, Antonio Franca, José Ferreira Gonçalves, Haroldo Bruno e Silvino Lopes (com o respectivo retrato, desenhado por Dmitri Ismailovitch) e poesias de Mauro Mota, Aduino F. Gonçalves, Jorge Cooper, Mateus de Lima, Ladjane, Raimundo Yasbeck Asfora e Ildefonso Bezerra.

Terminado o ano com a edição de dezembro, publicou-se o nº 3 datado de janeiro/fevereiro de 1949, sem modificações, salvante aparição de novos colaboradores a saber: Paulo Cavalcanti, Paulo de Carvalho Neto, Manoelito de Ornelas, Nair Batista, Fernando Segismundo, Luiz de Vasconcelos, Osório Borba, Marcos Suassuna, Aluisio Albert, Hélio Augusto, Artur de Sá e Saldanha Coelho. Figurou na capa expressiva fotografia de Delson Lima mostrando um placard com as palavras “Abaixo a guerra!”

Foram outras edições: nº 4, de março/abril; nº 5, de agosto e o 6º, de janeiro de 1950, aumentado o preço do exemplar para Cr\$ 3,00

Resenha Literária ainda contou com a colaboração de Walter Sampaio, Pablo Neruda, traduzido por Paulo Tavares; Margarida Barroso de Carvalho, Osmário Lacerda, Ibiapada de Oliveira Martins, Manuel Correia de Andrade, Orígenes Lessa, Otávio Prandão, Jorge de Lima, Dulce A. Siqueira, Flávio Guerra, Lopes de Andrade, Luiz Luna, Alberto Romero, Edison Carneiro, Cassiano Carneiro, Josué de Castro, Carlos Duarte, Laura Brandão, Ari de Andrade, José Meneses Campos, Cláudio Tuiuti Tavares e J. M. Fontes. Ilustrações de Hélio Feijó, Lula Cardoso Aires e Abelardo da Hora.

A revista bateu-se, em editoriais, junto ao governo do Estado, para que fosse isento do pagamento do imposto de vendas e consignações o papel de jornal e o comércio de livros, vendo promulgada, nesse sentido, a lei nº 690, de 18 de outubro de 1949, da Assembléia Legislativa.

Resenha Literária foi um bom repositório de informações dentro do seu “metier”. Manteve-se com o mínimo de anúncios, sem reduzir a média inicial de páginas. Não pode, entretanto, continuar depois da edição de janeiro de 1950 (Bib. Púb. Est.).

LUMEN - Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia do Recife - O primeiro número saiu em novembro de 1948, como “expressão - consoante o artigo inicial - dos esforços, dos labores diários, nesse campo vasto de cultura, em que nos empenhamos, arduamente, para a conquista do ideal supremo de, possuindo-a, difundi-la; de servir à Verdade, difundindo-a”.

Em formato de 22 ½ x16, a revista apresentou capa cartolinada, tendo no verso o Expediente e 102 páginas de texto (papel acetinado), incluindo apenas três anúncios. Diretora - Maria da Conceição de Barros Alves; secretária - Maria Amélia Cavalcanti; redatoras - Maria de Lourdes Barreto Campelo, Miriam Celi de Araújo e Maria do Carmo Tavares de Miranda.

Além de dois poemas e um trabalho filosófico, assinados pelos três últimos nomes referidos, a edição de estréia inseriu artigos firmados pelo cônego Alfredo Xavier Pedrosa, professor Teodoro Kadletz, Dirce Machado, Maria do Carmo dos Santos Souto, Carminha Pereira e Maria do Carmo Carvalho de Mendonça; “Testes para a Primeira Infância”, “Notas Universitárias” e uma saudação a d. Luis Mousinho.

O nº 2, com 88 páginas de texto, circulou em julho de 1949, vendo-se substituída a diretora por Dóris Marion de Sousa e Sá e acrescido o corpo redacional do nome de Lais Leão Coelho. Entre os colaboradores apareceram o professor Pinto Ferreira, Gladstone Chaves de Melo e Maria Graziela Peregrino.

Diminui para 74 páginas o nº 3, que saiu em dezembro. Nova diretora: Maria do Carmo Nobrega Lima, não mais figurando redatoras, salvante a primitiva secretária. Dividiu-se a matéria, como sempre, nas seções: “Filosofia”, “História”, “Letras”, “Livros” e “Notas”, incluindo trabalhos assinados por José Césio Regueira Costa, padre Daniel Lima, José Cavalcanti de Sá Barreto, Maria Teresa Leal, Edna de Castro Cavalcanti e outros.

“Com permissão eclesiástica”, publicou-se o nº 4 um ano depois, ou seja, em dezembro de 1950, reunindo 66 páginas e a colaboração de Hilton Sette, Zélia Barbosa Rocha, José Lourenço de Lima, Irecê Fortunato Wanderley, etc.

Em junho de 1951 saiu o nº 5, também com 66 páginas. Divulgou: “Aula inaugural” do professor Gilberto Osório de Andrade, comemorativa do 10º aniversário da Faculdade; “Espírito de Universidade”, do padre Daniel Lima e produções outras sobre Letras e Pedagogia.

Passaram-se mais de três anos para vir à tona, em dezembro de 1954, o nº 6 da bem feita revista, contendo 100 páginas, sob a responsabilidade de Cléa Bezerra de Melo, Maria Inês B. Lira, Maria Lúcia Moreira e Liana Coelho. Escreveram: padre Zeferino Barbosa Rocha, Cléa, Enrique Martinez, Maria Teresa Burle, Madre Maria Lúcia Schmieder e Dulce de Queiroz C. Dantas. Completou a edição um “Calendário” (Bib. Púb. Est.)¹.

O ATLÉTICO - Mensário de Propriedade do Atlético Clube de Amadores - Publicou-se o primeiro número em novembro de 1948, em formato regular, a quatro colunas de composição, com seis páginas, para distribuição interna. Diretor - José Pereira da Silva; redator-secretário - Jaques Gonçalves.

¹ A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada do nº 1 de Lumen, cuja pesquisa foi feita em comprovante do colecionador paraibano Albertino Santos.

Segundo o editorial de abertura, nasceu com o propósito de contribuir para o “soerguimento social e educacional do povo”.

Inseriu matéria vasta e variada, ilustrado a página de frente um clichê de jovem candidata ao concurso de beleza instituído pela agremiação. Colaboração de Aldegício de Barros Correia, Antonio de Sousa e outros. Boa parte de reclames comerciais.

Ao que tudo indica, não prosseguiu a publicação (Bib. Púb. Est.).

CINE-SOM - Quinzenário de Cultura Artística - Estreou a 13 de dezembro de 1948, em formato de 32x23, com seis páginas a quatro colunas de composição, sendo impresso em papel de cor. Diretor-responsável - Luis Rocha; redatores - Otávio Cavalcanti e J. Gomes; diretor-comercial - Sílvio Martins; chefe de publicidade - Evaldo Medeiros, só atuando os dois últimos na primeira edição. Redação à rua Nova, 236, 1º andar. Preço de vendagem avulsa: Cr\$ 0,50

Destinava-se, conforme o artigo de apresentação, a divulgar “assuntos ligados ao rádio e ao cinema”, mas também teatro, música, etc. Trabalharia “num ambiente de compreensão e cordialidade, criticando com justiça”. Esperava a boa vontade e o estímulo do público leitor.

Depois do segundo número, o jornal passou a circular mensalmente. Continuando a numeração, o terceiro número saiu no dia 24 de janeiro de 1949, seguindo-se outros a 26 de fevereiro e em março, quando descansou por alguns meses.

Cine-Som cumpriu o seu programa, tendo aumentado alguns centímetros no formato desde o nº 2, bem ilustrado de fotografuras de artistas e largamente servido de anúncios.

O nº 6 só veio a publicar-se a 24 de dezembro, com oito páginas, numa nova tentativa de sobrepor-se às dificuldades financeiras. No expediente, o nome do diretor, acrescido de Redomarck Viana, redator-chefe e Durval T. Filho, chefe de publicidade, transferindo-se a redação para a avenida Dantas Barreto, 116 1º andar.

Não conseguiu, todavia, ir adiante, acometido que foi do mal dos periódicos: vida curta e apertada (Bib. Púb. Est.).

1949

LUZ DA VERDADE - Órgão Mensal, Independente, Noticioso e Doutrinário de Espiritismo - Com redação, administração e oficina ("Editanobras"), à rua Aníbal Falcão, 148, nas Graças, saiu a lume no mês de janeiro de 1949, em formato de bolso (18x14), com 72 páginas de texto, mais a capa, impressa em papel couchê, a cores. Diretor-responsável - Bruno Mário Verri; diretor-secretário - Luiz Coimbra Filho; diretor-tesoureiro - Sigismundo F. Medeiros; gerente comercial - Aminadab de Melo. Assinatura anual Cr\$ 24,00; para o Interior e Exterior Cr\$ 30,00; com porte registrado Cr\$ 40,00 Número avulso Cr\$ 2,00

Apareceu em substituição a A Verdade¹, o que foi feito - segundo a nota “Um novo título” - por motivo de ordem moral, não havendo nenhuma mudança de orientação, continuando as mesmas normas de antecessora, certa a sua administração de receber “o mesmo imprescindível auxílio do Alto”.

“Continuamos - acentuou a redação - de charrua em punho e não pretendemos olhar para trás, porque a seara é imensa e os trabalhadores são poquíssimos. A estrada a percorrer é infinita e, ainda, bem não a começamos a perlustrar”.

Do sumário constaram, a começar com Allan Kardec, trabalhos assinados por Fernando Burlamaqui (poesia), Francisco Cribari, Hilda Gouveia, José Bezerra Vasconcelos, H. Magalhães, Godoi Paiva (conferência), Adalberto Fonseca, Félix Bandeira Neto, José Correia Paranhos e outros; “Notícias do Estrangeiro”, “Notas Espíritas” e transcrição de matéria especializada. Ao fim de tudo, além da sub-capá, algumas páginas de anúncios.

A publicação prosseguiu o seu ritmo de órgão sobretudo doutrinário, com variável quantidade de páginas, até o total de 84, saindo, às vezes, bimestral e até trimestralmente. No nº 7 viam-se substituído o gerente e o tesoureiro por Alfredo de Azevedo e Tancredo Coimbra, respectivamente. A partir do nº 14 a tabela de assinaturas sofreu a seguinte modificação: ano Cr\$ 36,00; para fora da cidade Cr\$ 42,00; com porte registrado Cr\$ 52,00 elevando-se a Cr\$ 3,00 o preço do exemplar.

¹ Não obstante a declaração feita. A Verdade continuou a publicar-se, editada pela federação Espírita Pernambucana.

Além das transcrições, foram outros colaboradores: Agostinho Queiroga, M. da Nobrega, coronel Faure da Rocha, Edinaldo C. Albuquerque, Irmãos X, Aurélio Valença, dr. Pietro Ubaldi, Osvaldo Melo, Deolindo Amorim, Heitor Tavares, Benigno Gomes, Luiz Tavares, Leopoldo Machado, Aloísio de Matos, Porto Carreiro Neto, Erasmo Porangaba, Lúcia Macedo, Leonardo Selva, Joaquim Pontes, Moacir S. Cunha, Ismael Gomes Braga, João Jorge Cordeiro, Mário Ranulfo de Oliveira, B. M. Verri, Iraci Campos, Ramos da Paixão, Lino Teles, etc. Capas uniformes, só mudando de feição nos últimos números, quando ostentaram desenhos originais de Zuleno Pessoa.

Luz da Verdade existiu durante o espaço de dois anos e meio, circulando o seu último número - o 19º - datado de abril/maio/junho de 1951, exatamente quando o diretor-responsável foi substituído por José Noronha e Silva (Bib. Púb. Est. e Bib. Fed. Esp. Pernambucana).

BOLETIM ELEITORAL - Organizado pela Secretaria do Tribunal Eleitoral, publicou-se o nº 1, ano I, em janeiro de 1949, no formato de 25x16, contando 122 páginas de texto, fora a capa, em cartolina. Confecção das oficinas da Imprensa Oficial e redação no Palácio da Justiça, sala 36.

Sem editorial de apresentação, sua matéria distribuiu-se como a seguir: “Doutrina”, com artigos do desembargador Nestor Diógenes e juiz José Tomaz de Aquino Cirilo Wanderley; “Acórdãos do T.R.E.”; “Resoluções do Tribunal Superior Eleitoral e do T.R.E.”; “Pareceres da Procuradoria Regional” e “Informações”.

O nº 2 saiu em janeiro de 1950, com 106 páginas, obedecendo ao mesmo ritmo. Colaboradores: Nestor Diógenes e Otávio Coutinho.

Circulou o nº 3, ano III, em junho de 1952, inserindo colaboração doutrinal do juiz J. J. de Almeida, Otávio Coutinho e desembargadores Tomaz de Aquino Cirilo Wanderley e Paulo André, seguindo-se “Jurisprudência” e demais seções (Bib. Fac. Dir. - UFPE).

CORREIO SINDICAL - Entrou na liça a 3 de fevereiro de 1949, obedecendo ao formato de 32x24, com oito páginas de quatro colunas. Diretor - Sindulfo Correia Josué; redator chefe - Antonio Correia Josué; gerente - Luiz Braz de Luna. Redação no Pátio do Mercado, 167, 1º andar e trabalho gráfico da oficina da Folha do Povo. Preço do exemplar Cr\$ 0,50 depois elevado para Cr\$ 0,60

O editorial de apresentação, sob o título “Mais um órgão para a defesa da classe operária”, colocado no centro da terceira página, focalizou a exploração do homem pelo homem e o imperialismo norteamericano: “É um jornal dos trabalhadores, que luta pela unidade da classe operária. A bandeira dessa unidade é o aumento de salários, o repouso remunerado, abonos de Natal e contra o imposto sindical. Isso será conseguido à medida que os trabalhadores se organizarem nos locais de trabalho”.

Logo no segundo número cresceu o formato para 37x28, a cinco colunas a composição, continuando com oito páginas, mas circulando em datas indeterminadas. Outro aumento de formato ocorreu a partir do nº 6, passando para 50x30, de seis

colunas, reduzida a quatro a quantidade de páginas. E terminou o ano com oito edições, a última datada de 10 de dezembro.

Prosseguiu a 3 de janeiro de 1950 (nº 9, dedicada aos têxteis pernambucanos), quando o redator-chefe e o gerente foram substituídos, respectivamente, por Etelvino Pinto e Demócrito Ramos da Silveira. Só três meses após saiu o nº 10, datado de 26 de abril, aí terminando a vida do Correio Sindical.

De política esquerdista, a folha batalhou pelas causas e reivindicações do operariado dos diferentes setores industriais, estabelecendo seções como “Através do Brasil”, “...do mundo”, “...do campo”, “... dos textifícios”, etc. A par de outros, inseria artigos assinados por Joel Silva, Clóvis Melo, Pedro Renaux, Rui Guimarães, Ramiro Justino e Cândido Caselli (Bib. Púb. Est.).

MASKARADO - Inexistente comprovante da edição do ano anterior, o nº 2 circulou no Carnaval de 1949, dia 27 de fevereiro, em formato de 50x31, a seis colunas de composição, com seis páginas. Trabalho material da tipografia do Jornal do Comercio.

Foi Múcio Uchoa Cavalcanti o responsável pelo bem feito órgão, que defendeu o aspecto regionalista do Carnaval pernambucano, em editorial intitulado “Guerra às Escolas de Samba”, com frases como esta: “...repudiamos, com toda força e energia, esses cavadores intrusos...”

Sua matéria constitui-se, principalmente, de crônicas originais de Jorge Abrantes, Mário Sette, Aderbal Jurema e Luiz do Nascimento; poesias de Austro Costa e Tarciso Klux e notas

ilustradas, sem faltar a indefectível parte de publicidade comercial (Bib. Púb. Est.).

O DEMOCRÁTICO - Órgão Oficial do Clube de Alegoria e Críticas “Democráticos de Campo Grande” - O nº 1, ano I (e único) saiu a lume no Carnaval de 1949, dia 27 de fevereiro, em bom formato de 48x33, com quatro páginas de seis colunas. Confecção da tipografia do Diário da Manhã, sendo impresso em papel verde. Sob o título, apresentava o slogan “São os do Frevo que vêm...” Redator principal: Silvino Lopes.

O editorial de abertura, intitulado “O Bombo Atômico”, focalizou as qualidades bombísticas dos moradores principais do subúrbio, assim terminando: “O Clube Democrático de Campo Grande é o acontecimento marcante no Carnaval de 1949. É ele o bombo”.

Noutra nota redacional, lia-se que a nova instituição foliã honrava “o berço dos clubes alegóricos da capital”. A primeira página estampou clichês individuais dos oito membros da diretoria, à frente José Geraldo Gomes.

A par do destaque dado ao clube de que era órgão, O Democrático dedicou amplo noticiário aos festejos carnavalescos recifenses do ano, inserindo, também, colaboração, em prosa ou verso, de Esdras Farias, Sebastião Pereira, Leonardo Selva, Amaro Wanderley, Pery (como se ocultava Luiz Periquito) e a transcrição “Momocracia”, de Bastos Tigre. Alguns anúncios garantiram as despesas gráficas (Colec. Marcel. Neto).

OCTANA Nº 1 - Circulou em 1949, sem data, contando doze páginas de papel couchê, coloridas, confecção da Tipografia São José, situada à rua Santa Tereza, 115. Nenhuma nota de expediente.

Só divulgou, do princípio ao fim, reportagens do Carnaval recém-transcorrido, colhidas nos clubes sociais, estampando numerosas fotografias alusivas, em montagens de grande efeito. Tudo entremeadado de anúncios, a partir da capa. A distribuição esteve a cargo da organização “A Turista”.

Ao que tudo indica, não aconteceu a “febre” nº 2 (Bib. Púb. Est.).

O MARTELO - Jornal mais venenoso em circulação na América Latina - O nº 1, ano I, foi dado à luz no dia 5 de março de 1949, em formato de 48x30, com quatro páginas de seis colunas. Num quadro de duas colunas, em meio à matéria redacional, lia-se: “É acusado da publicação deste semanário Júlio Amaral, sendo seus cúmplices Lamartine Távora, Geraldo Seabra, Júlio Geraldo, A. G. Melo Júnior e o desenhista Oliveira, além de outros”.

Do editorial de abertura, intitulado “Um aperto de mão”, destacava-se: “Ao lado de assuntos sérios, estará também, aqui, a caricatura política, o artigo humorístico, a anedota, enfim, a matéria que fará esquecer por alguns momentos o preço da charque, o desaparecimento progressivo das nossas pontes ou o calote dado pela namorada infiel”.

Divulgou, realmente, matéria condizente com o programa, inclusive as seções “O Martelo no rádio”; “Esta é fina” e a “Crônica Esportiva”, por A. Lady, enquanto dizia uma

manchete da última página: “Não publicamos neste número uma movimentada página esportiva porque, à semelhança dos nossos colegas, não compramos ainda tesoura e cola”. O Dr. Januário escreveu sobre o tema “Porque sou contra o trabalho”. Boa quantidade de anúncios.

Não há indícios do prosseguimento da publicação (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS AGENTES DO IMPOSTO DE CONSUMO DE PERNAMBUCO - Folha mimeografada em papel de ofício, apareceu a 15 de março de 1949, com 14 páginas, só impressas as de frente. Direção de L. A. Pedrosa, funcionando a redação na rua da Palma, 107, 1º andar. Distribuição gratuita aos associados; os estranhos pagariam, por anualidade, Cr\$ 30,00

Publicação quinzenal, circulou com regularidade, variando a quantidade de páginas, até o mínimo de quatro. Sua matéria constava de noticiário das atividades da Associação e da Delegacia Fiscal, decisões judiciais, circulares, atos executivos e uma parte social.

Divulgados os 24 primeiros números, o 25º, de 15 de março de 1950, comemorou o transcurso de um ano de existência, declarando o editorial alusivo: “Mesmo com sua modéstia, o Boletim não tem servido somente como meio de divulgação dos assuntos fazendários e dos interesses da classe, como tem servido de traço de união entre as associações congêres do Sul do país, ao mesmo tempo que, de certo modo, vem concorrendo para a administração pública”.

A começar de abril do ano II, tornou-se mensário. E, no mês de agosto, saía um “número especial em comemoração ao 16º aniversário de fundação da Associação dos Agentes Fiscais do Imposto de Consumo de Pernambuco”, organizado e colaborado por Potiguar de Oliveira Fernandes, Luis de Araújo Pedrosa, Augusto Lins e Silva Filho, Roberval Neves Rodrigues e Balbino de Araújo Santos. Reuniu 13 páginas mimeografadas, repletas de matéria e, excepcionalmente, com capa.

Estava, no entanto, por um fio a existência do Boletim, que se extinguiu logo que publicada a edição subsequente: nº 32, ano III, de 30 de setembro de 1951, contendo apenas duas páginas (Bib. Púb. Est.).

DEBATE - Semanário - Entrou em circulação a 21 de março de 1949, obedecendo ao formato de 48x32, com oito páginas de seis colunas. Diretor-responsável - Josimar Moreira de Melo; redator-chefe - Carlos Luiz de Andrade; redator-secretário - Guilbert Macedo, funcionando a redação e gerência no Edifício Seguradora, 3º andar, à praça da Independência. Impressão da oficina da Folha Manhã. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Segundo o editorial sob o título “Diretrizes”, Debate aparecia como “semanário independente, sem ligações de qualquer espécie com quem quer que seja”, acentuando:

“O nosso objetivo principal é divulgar a verdade, sem meias palavras e sem conveniências, convictos de que, assim fazendo, estaremos defendendo os mais legítimos interesses do povo. Suas colunas estão abertas a todos aqueles que possuam idoneidade moral e queiram nele colaborar. Não fazemos distinção de credo político, religioso ou filosófico”.

Noutro tópic: “Não será excesso de imodéstia dizer que o nosso semanário se propõe a divulgar alguma coisa que a imprensa diária, em virtude, mesmo, da sua linha jornalística, não pode ou não quer publicar. E não ficaremos apenas no terreno da política: nos esportes, no rádio, em todas as esferas de atividade, Debate estará vigilante e sempre disposto a explanar a verdade, não importando a quem esta possa ferir”.

No fim: “Não combatemos governos nem defendemos governos. Não somos comunistas, mas também não seremos anti-comunistas. Aqui todas as correntes de opinião podem fazer-se representar e todos podem defender os seus pontos de vista com a mais ampla e irrestrita liberdade”.

Estreou com artigos de Osório Borba, Paulo Cavalcanti, Luiz Beltrão, Josimar, Geraldo Seabra e Romildo Cavalcanti; poesia de Aderbal Jurema, ilustrada por Ladjane Bandeira de Lira; o comentário “Prato do dia”, de O Camarada Andrade, ou seja, o redator-chefe, para continuar semanalmente; “Debate musical”; sueltos, reportagens, a seção “Cinema - Teatro - Rádio”; a última página de Desportos, a cargo de Haroldo Praça, e alguns anúncios.

Seguiu, assim, rumo normal, circulando às segundas-feiras. Desde o nº 2 entrou Aderbal a escrever “A Semana Literária”. Depois, adotava Josimar o título permanente “Recife, 1949”; outros colaboradores foram surgindo, tais como: Carlos Rios, Francisco Julião, Sócrates Times de Carvalho, Dias da Silva, usando, inclusive, o pseudônimo Dalembert Júnior; M. da Nóbrega, Newton Farias, Alderabam B. Cavalcanti, Alfredo Pessoa de Lima, H. Góis, Clóvis Melo, Luiz Rocha, Jarbas

Maranhão, Hélio Augusto, Ranilson de Sá Barreto, Alberto Campelo, Artur Malheiros, Múcio Uchoa Cavalcanti, Airon Rios, Antonio Franca, Pedro Afonso, Fernando Mendonça, Luiz Cisneiros; Simone, autora da “Seção Feminina”; Perminio Asfora, Clélia Silveira, Homero Paiva, Ozias Burgos, Abdias Moura Filho, Adauto Pontes, José Guimarães Sobrinho, José Barradas de Crastro, Múcio Borges da Fonseca, Raquel de Queiroz, etc.

Ao atingir o mês de maio, a direção resolveu adotar o regime de assinaturas, anual e semestral, à razão de Cr\$ 50,00 e Cr\$ 25,00, respectivamente. Assumiu a gerência, a 11 de junho, o colaborador João Ribeiro. Logo mais, Guilbert passava à categoria de diretor, função que também veio a ocupar, já no fim, Francisco Julião. No nº 13 iniciava-se a divulgação da novela policial “O Mistério da Bolsa Prateada”, aplicada a inovação de nela colaborarem diversos intelectuais, sucesivamente convidados pelos autores dos capítulos publicados, o primeiro dos quais redigido por Aderbal Jurema, seguindo-se-lhe José Bandeira Costa, Silvino Lopes, Carlos Moreira, Ladjane, Andrade Lima Filho, Mauro Mota, Josimar, Coimbra Filho e Luiz Beltrão. E abriu concurso para a escolha da Rainha dos Comerciantes.

Em editoriais ou reportagens assinadas, manteve o periódico bem vivo e espírito de crítica aos atos administrativos ou aos abusos de costumes. Não visava nomes simplesmente, mas uniaos aos fatos censuráveis. Mereceram-lhe ataques severos, sobretudo, o prefeito Manuel César de Moraes Rego e o jornalista Aníbal Fernandes.

Após o mês de agosto, a empresa, que não contava suficiente publicidade comercial, viu-se em sérias dificuldades financeiras. A circulação da folha passou a fazer-se quinzenalmente, até que, divulgado o nº 26, no dia 31 de outubro, ficou suspensa.

Decorridos alguns meses, reapareceu Debate em segunda fase - nº 1, ano II - a 12 de junho de 1950, sob a mesma direção (e única) de Josimar Moreira de Melo, figurando Carlos Luiz como redator-secretário, ao passo que Homero Paiva assumia a gerência. Constou do Expediente: Semanário Independente. Redação e escritório: rua do Imperador, 235, 1º andar.

De volta, “proporcionaria - conforme o editorial intitulado “Ressurgimento” - as idéias e o programa do Partido Socialista Brasileiro”, o que, entretanto, não alterava a linha de conduta inicial, continuando as portas abertas “para todos os partidos”.

Anunciaram-se, na edição subsequente, “novas perspectivas”, sobretudo a projetada aquisição de oficina gráfica, tendo o diretor viajado para o sul do país, a fim de tratar de assuntos ligados ao jornal.

Não obstante o arranco da segunda fase, mantido o programa traçado, foi impossível a sobrevivência. Ocorreu mais uma só edição, com quatro páginas, em vez das oito costumeiras, datada de 26 de junho (Bib. Púb. Est.).

ARQUIVOS DE MEDICINA E CIRURGIA DE PERNAMBUCO - Revista técnica, apareceu (nº 1, vol. I) em março de 1949, confeccionada na Imprensa Oficial, formato de

25x19, utilizando papel couchê nas suas 100 páginas e capa de cartolina. Publicação trimestral, tinha redação à rua da Palma, 295, sala 413, apresentando a seguinte tabela de assinatura anual: Brasil Cr\$ 100,00; exterior - US\$ 6.00 Número avulso Cr\$ 30,00 e US\$ 2.00 respectivamente. Diretor - Rosaldo C. Cavalcanti; redator-chefe - Silvio Paes Barreto; gerente - Gilson Machado; conselho científico da redação - Gonçalo de Melo, Manuel Caetano de Barros, Newton de Sousa, Salomão Kelner e Olívio Montenegro; mais 27 redatores.

Em lacônica “Apresentação”, escreveu: “Iniciando a publicação desta revista, vence, um grupo de rapazes, a primeira etapa de um programa magnífico. O interesse de demonstrar aos de fora suas possibilidades no tocante às realizações médico-científicas, abafadas até então num injustificado comodismo de inércia intelectual, é o seu principal objetivo. Não tem assim a pretensão de apresentar sábios, mas tem o prazer de levar aos seus e aos estranhos o resultado de um labor insano, fruto de seu esforço, de seu entusiasmo e de seu idealismo, que são a força coordenadora desta realização”.

Dividiu-se a matéria do primeiro número dos Arquivos na ordem a seguir: Comunicações originais - Casos clínicos - Atualizações - Resumos - Editoriais - Noticiário e trabalhos assinados pelos médicos Jorge Lobo, Frederico Carvalheira, José Maria Schuler, Hermógenes Alvarez, Roberto Caldeyro Barcia, Milton Medeiros, Edite Coutinho, Rosaldo C. Cavalcanti, Amauri Coutinho e Abimael Rodrigues da Cruz.

Circulou regularmente até o nº 4, do mês de dezembro, perfazendo o Vol. I um total seguido de 422 páginas.

Começou o Vol. II com os n^os. 1 e 2, conjugados, correspondentes a março/junho de 1950. Apresentou 102 páginas de matéria editorial, mais 22 de anúncios, tudo em couchê, afora a capa. O trabalho gráfico transferiu-se para a “Editanobras S/A”. Ao número de colaboradores acrescentaram-se os médicos Lalor Mota, Hindenburg T. de Lemos, Carl Fried, José Otávio Cavalcanti, Sílvio Paes Barreto, Barros Coelho, Jaldemar Serpa, Gelmário Mourão Teixeira e Otávio de Freitas Júnior.

Teria terminado aí a existência do importante magazine (Bib. Fac. Med.).

ASSOCIAÇÃO DE CULTURA FRANCO-BRASILEIRA DO RECIFE - Apareceu, como Bulletin de Mars, em 1949, no formato de 27x22, com quatro páginas de duas colunas largas, utilizando papel acetinado. Redação à rua do Hospício, 923 e trabalho gráfico das oficinas do Diário da Manhã.

Assinou a nota de apresentação, redigida em francês, o médico Edgar Altino Correia de Araújo, presidente da agremiação. Segundo ele, o mensário vinha substituir as Circulares de 1948, adiantando:

“Pour ce premier exemplaire nous avons fait appel à plusieurs pionniers, animateurs de toujours de notre groupement. Ce bulletin doit devenir l'organe vivant de liaison, d'échanges d'idées entre associés et élèves. Rendons-le sans cesse plus attayant, plus instructif; de nombreux sujets s'offrent à nous tant littéraires, artistiques, que d'actualités”.

Seguiu-se a publicação, redigida parte em português, parte em francês, com a colaboração, além daqueles, de Paul-Antoine Evin, Gustavo C. Paashaus, Suzane, Leo, José de Moura Rocha, Aníbal Fernandes, Lucilo Varejão Filho, Gilberto Freyre (trecho de conferência), Tomaz Seixas, Samuel Mac Dowell Filho (excertos de conferências e poemas em francês), João Peretti, Luiz Delgado, Aluisio Bezerra Coutinho, Otávio de Freitas Júnior, Lucien Pouessel, Tadeu Rocha e Amaro Wanderley (poesia).

Executando os quatro primeiros meses do segundo ano, o boletim circulou regularmente, até o nº 18, de dezembro de 1950.

Encetou numeração nova em abril de 1951 - já transferida a sede para o Edifício Santo Albino, 10º andar - mas em caráter diferente: mimeografado em duas folhas de papel de ofício, apenas divulgando o noticiário da Sociedade e exclusivamente redigido em francês. Circulou até dezembro. Continuou de março a dezembro de 1952 e de janeiro a outubro de 1953, quando findou sua existência (Bib. Púb. Est.).

SANTA TERESINHA - Órgão da Escola Santa Teresinha - Mensário de distribuição gratuita, apareceu em março de 1949, obedecendo ao formato de 32x23, com quatro páginas de três boas colunas. Direção de Adélia A. Alliz e redação à rua Gregório Júnior, 261, subúrbio do Cordeiro.

Constou da nota de apresentação: “A finalidade deste desprezioso jornalzinho é divulgar, aos quatro cantos da cidade, não só a vida piedosa de Santa Teresinha, bem como registrar os nomes das pessoas generosas que, num gesto

espontâneo de elevado espiritualismo cristão, inscreveram a sua contribuição mensal, a fim de ampliarem os benefícios a serem distribuídos com as crianças desamparadas da sorte e que, graças à iniciativa do sr. Abrahão Alliz, já possuem um edifício escolar apropriado”.

Seguiu-se a publicação normalmente, ilustrada com fotografias de grupos de visitantes junto às obras sociais, divulgando impressões e a colaboração, em prosa ou verso, de Azis Francisco Elihimas, Arlindo Maia, Said Aoun, Paulo Matos, Joaquim Caldas, Israel de Castro, Dulce A. de Siqueira, Adélia Asfora Alliz, general Americano Freire (sonetos), Leda Zilá e outros.

Atingindo as edições seis a oito páginas, a folha, impressa em papel couchê, tendo o cabeçalho ladeado por pequeno clichê de imagem da padroeira das realizações do comerciante árabe Abrahão Alliz, passou a circular, desde o nº 10, bimestralmente. Assim é que saíram nove números em 1949, seis em 1950 e apenas três em 1951, o último dos quais datado de maio/junho (Bib. Púb. Est.).

JORNAL ACADÊMICO - Órgão do Diretório Acadêmico de Medicina, Odontologia e Farmácia do Recife - Surgiu em abril de 1949, no formato de 31x23, com oito páginas a três colunas de doze cêceros. Diretor - Ângelo Jordão Neto.

Tinha como objetivo, consoante a “Apresentação”, “divulgar e estimular no meio estudante a produção litero-científica, abrangendo todas as capacidades produtivas geralmente adormecidas”. Nada de “contendas políticas e de

sectarismo improdutivo”. Seria a “voz enérgica e sincera” da mocidade, o “arauto da classe”.

A bem organizada edição inseriu variado noticiário, às vezes ilustrado, dos fatos e atividades acadêmicos; artigos de Airtton Teles Barreto e Pedro Coelho; poesias de Aurimenes Dias, Aníbal Moraes e Ariano Suassuna; “Humorismo Científico” e “Esportes Universitários”.

Só voltou o Jornal Acadêmico - nº 1, ano II - em maio de 1950, saindo o nº 2 em fevereiro de 1951. Duplicou o formato e reduziu-se a quatro páginas de seis colunas. Trabalho gráfico da empresa Diário da Manhã. Novo diretor - Edson da Silva Neto. Matéria interessante e trabalhos assinados por Salomé Mendonça, Moacir Lacerda, Sebastião de Brito Alves, João de Oliveira Melo, professor Valdemar de Oliveira, Reinaldo de Oliveira, Giovani Setimi, Kilma Valença, Edinho, etc.

Foi o nº 4, ano II, de agosto de 1954, o derradeiro número publicado, tendo à frente a seguinte equipe: Diretor - Mário Rego Barros; secretário - Antonio Souto; redator - Manuel Gilberto Cavalcanti; publicidade - F. Assunção de Macedo. Inseriu comentários e reportagens; a seção “Você sabia que...”, por Aquático e produções diferentes de Célia Nascimento Silva, Sotero de Sousa, Arimá Maranhão Pessoa e Almacedo (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM TEATRAL DE “CONTRAPONTO” - O nº 1 (provalmente único) circulou em abril de 1949, no formato de 23x15, com 12 páginas de papel couchê, confeccionado na oficina gráfica do Diário da Manhã. Direção e redação de Valdemar de Oliveira.

Lia-se, no “Cartão de visita”, que, “bem feitas as contas”, o Boletim era um Suplemento da revista Contraponto (ver pags.). Simplesmente informativo, pretendia “animar o ambiente teatral, estimular-lhe as iniciativas, refletir-lhe as realizações”.

Toda a matéria restringiu-se, na realidade, às atividades teatrais do Recife, através de comentários e vasto noticiário, servidos de boa ilustração fotográfica (Bib. Púb. Est.).

AZAS DO NORDESTE (Antigo ESSE HI) ¹- Revista Mensal Ilustrada - Apareceu com o nº 13, ano II, datado de abril/maio de 1949, em formato de 30x22, reunindo 48 páginas de papel couchê, inclusive a capa, ilustrada com retrato de “estrela” cinematográfica, o título desenhado e impressão a cores. Diretor responsável - Renato Pessoa, funcionando a redação na rua Padre Inglês, 116. Confecção da tipografia d’A Tribuna, à rua do Riachuelo, 105. Tabela de assinaturas: ano Cr\$ 25,00; semestre Cr\$ 15,00; trimestre Cr\$ 10,00; para o interior e outros Estados Cr\$ 35,00 Cr\$ 25,00 e Cr\$ 15,00 respectivamente. Número avulso Cr\$ 3,00

A edição comemorou “os dois anos de existência” do ESSE HI, que ressurgia com outro título, “renovado, modernizado, galgando o espaço, firmando posição”. Continuava a manter mesma conduta: “a serviço da Aeronáutica e do Brasil”.

Ao subsequente deu-se o nº 1, tendo circulado no mês de agosto. Mudou daí para o nº 3, de setembro, dedicado ao II

¹ Apesar das diligências empreendidas pelo pesquisador, não foi possível avistar, em poder de quem os possui, exemplares do ESSE HI.

Campeonato de Atletismo e Desportos da 2a. Zona Aérea. Seguiu-se o nº 4/5/6, datado de outubro/novembro/dezembro, impresso na oficina gráfica da Folha da Manhã, transferida a redação para o Q. G. da 2a. Zona Aérea, no distrito da Piedade. Deu-se-lhe, então, um corpo dirigente e redacional bastante amplo, a saber: Diretor de honra - brigadeiro Álvaro Hechner (retrato na capa); diretor-responsável - tenente-coronel Ernani Pedrosa Hardman; secretário - primeiro tenente Wilson de Oliveira Crespo; tesoureiro - segundo tenente João Batista Storino; diretor técnico - capitão Guido Jorge Moassab; assistente técnico - Renato Pessoa; revisores - capitão Mário Guimarães Lavareda, Fernando Durval de Lacerda e Aldemar Magalhães e tenente Mozart Ferreira Gondim Leite; diretor de propaganda - primeiro tenente José Alencar de Paiva; expedidor - capitão Eneu Garcês dos Reis. Assinatura única: anual Cr\$ 20,00

Divulgava matéria variada, compreendendo seções humorísticas, sociais, desportivas, de rádio e curiosidades; serviço de clichê; desenhos de Temístocles; reportagens e noticiário em torno das atividades da Aeronáutica. Contou com a colaboração de Herbert Esteves de Sousa, Audálio Rebelo Torres, J. Dias Júnior, Leal Carneiro, Clóvis G. de Albuquerque, Eustórgio Wanderley, Genival F. de Oliveira, Robert Armstrong, J. Mucinic, Mauro Mota, Nóbrega Simões, etc.

Circulou o nº 1, ano IV, de Azas do Nordeste em fevereiro de 1950, feito Órgão Oficial da 2a. Zona Aérea, reduzido o formato para 23x16, sem mais alterações, assim prosseguindo, com a média de 60 páginas, bimestralmente.

O nº 2 de 1951, correspondente aos meses de março e abril, foi dado à estampa após uma interrupção ocasionada pela falta de papel “nas oficinas e na praça do Recife”. Imprimiu-se em tipografia diferente, apresentando, também, modificações na equipe do cabeçalho, que ficou assim constituída: diretor de honra - major-brigadeiro Ivo Borges; diretor-responsável - coronel aviador - Armando Perdigão; secretário e tesoureiro - Wilson de Oliveira Crespo; supervisor - Francisco Américo Fontenele; diretor técnico - Renato Pessoa.

Passou a revista, em 1952, a ser confeccionada na oficina gráfica do Jornal do Commercio e o nº 9, de setembro, foi dedicado à I Olimpíada Militar de Pernambuco. Suprimiram-se os cargos de secretário e supervisor e o tesoureiro foi substituído pelo capitão-intendente Luiz de França.

Publicou-se, finalmente, o nº 3 de 1953 em março, último ano, não voltando em 1954 ¹ (Bib. Pú. Est.)²

REVISTA DO TURFE - Patrocinada pelo Joquei Clube de Pernambuco - Surgiu a 1º de maio de 1949, em formato de 24x16, com 16 páginas, só as da capa utilizando papel acetinado. Direção de Remo Pires; redator-secretário - J. Pires Ferreira. Preço do exemplar Cr\$ 3,00

Consoante a “Apresentação”, o magazine não tinha outras pretensões senão “bem servir a Pernambuco, com a difusão do esporte das rédeas”. Sem partido nem preferências, também não solicitava aplausos, esperando, porém, a

¹ Prosseguiu em 1955.

² Coleção desfalcada.

compreensão dos líderes do turfe. Contava com o apoio da direção do Joquei, à frente da qual se encontrava o desembargador Orlando Aguiar.

Publicação semanal, absolutamente especializada, seguiu rumo certo, divulgando comentários, estatísticas, programa de corridas, “Palpites”, “Barbadas”, “Retrospecto”, “Estreantes”, intercâmbio de corredores, reportagens fotográficas e, para completar, alguns anúncios, sendo as capas ilustradas “cavalaramente”, a duas cores.

Circulou, ininterruptamente, atingindo o nº 22 no dia 2 de outubro. Desfalcada a coleção, passa-se daí para o nº 54, de 14 de julho de 1950, ano II. Constava do expedientes diretor-Itamar Pereira; proprietário - Renato Pires Medeiros. Redação, gerência e oficina: rua do Canal (Parque 13 de Maio). Número avulso Cr\$ 2,00 O nº 55 foi dado à luz no dia 21, não havendo indícios do prosseguimento (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DE PERNAMBUCO - Órgão Estudantil Independente - Destinado a publicar-se mensalmente, estreou no dia 17 de maio de 1949, obedecendo ao formato de 48x32, com quatro páginas de três colunas. Direção e responsabilidade de Antonio Brito de Figueiredo, funcionando a redação na rua Barão da Vitória, 146. Assinaturas: ano Cr\$ 24,00; semestre Cr\$ 12,00 Preço do exemplar Cr\$ 1,00 Impressão da oficina gráfica d’A Tribuna. Trazia, sob o cabeçalho, estes dois versos de Camões:

“Cessa tudo o que a antiga musa canta,
Porque um valor mais alto se alevanta”.

Era, de acordo com a nota de apresentação, “o instrumento” de que passariam a contar os estudantes, “para seus contatos diretos com os companheiros de outros estabelecimentos e - quem sabe?! - até de outras plagas; para seus arrombos de jornalismo e seus gorgeios poéticos...”

Ao atingir o nº 3 (e último), publicado a 3 de agosto, com seis páginas, passou à propriedade da Empresa A Voz de Pernambuco S/A, que elegeu a seguinte diretoria: diretor-presidente A. B. de Figueiredo; secretário - Antonio Fabrício Guedes Alcoforado; gerente - Carlos C. Wanderley; diretor comercial - J. B. M. Lapenda; redatores - João Geraldo de Lira Luna, Bento Peres Filho, Amaro Alexandrino da Rocha, Hilton Guedes Alcoforado, Belmiro Cavalcanti do Egito, Maurítônio Meira e Dercílio Albuquerque, os dois últimos chefiando a redação.

Temas estudiantis, através de reportagens, comentários e artigos assinados e literatura, sobretudo poesias, constituíram a matéria do jornal, além de “Notas de Arte” noticiário, só havendo incluído publicidade comercial depois da primeira edição. Fora os nomes mencionados, ocorriam produções de Zé Bulicoso, autor do “Rodapé de crítica”; Meneses Bezela, Tarcísio Trigueiro, José Luigi Frascati, padre José Nogueira Machado, Geraldo de Brito Peixoto, Evandro Griz e Maria das Graças Santos Leite. Já no fim, criaram-se seções de Cinema, Rádio e Desportos (Bib. Púb. Est.).

O TEAR - Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem do Recife - Estreou a 29 de maio de 1949, em formato de 48x32, com oito páginas de seis colunas. Diretor-responsável - Wilson de Barros Leal; diretor-

secretário - José Rodrigues Leite; diretor-tesoureiro - João Vicente Ferreira. Redação à rua da Concórdia, 381. Trabalho gráfico da empresa Folha da Manhã, sendo a primeira edição impressa em papel verde.

Tinha o jornal - que comemorou o 18º aniversário do Sindicato - conforme o editorial intitulado “Nossos propósitos”, a mesma finalidade do tear: “unir, tramar fios, entrelaçá-los”, ou seja: “unir, entrelaçar todos os obreiros da indústria de fiação e tecelagem, para que, assim unidos, tramados pelo mesmo ideal, possam atingir gloriosamente os seus melhores objetivos”. E concluiu: “União e Trabalho - é o nosso lema, é a nossa bandeira”.

Intelectualmente orientada pelo jornalista Berguedof Elliot, a edição constituiu um repositório de informações sociais e financeiras da vida do órgão de classe. Inseriu produções originais do Governador Barbosa Lima Sobrinho (com clichê e nota redacional de encômios à administração estadual), Paulo Rangel Moreira, Rodolfo Aurelino, Wilson B. Leal, dr. Fernando Lacerda (“Conselhos às mães operárias”), Adalberto Guerra, Antonio Freire e José Rodrigues Leite. Boa messe de publicidade comercial.

No mês de agosto entrou O Tear, reduzido a tabloide de oito páginas, a publicar-se mensalmente, o que fez até outubro, daí passando para fevereiro de 1951 e para 29 de maio, data do 20º ano de existência do Sindicato. Achavam-se, então, substituídos o secretário e o tesoureiro por Pedro Xavier de Paiva e Luis Galdino de Melo. Homenageados da primeira página: o Governador Agamenon Magalhães e o Presidente Getúlio Vargas.

Circulação irregular, apresentava-se ora em tabloide, ora no formato primitivo. A partir de janeiro de 1952 cobrava Cr\$ 1,00 por exemplar. E Ozias Burgos assumiu lugar na redação, para deixá-lo cinco meses após. Atingido o nº 18, de fevereiro de 1953, restou um único nome no cabeçalho, o do diretor-responsável, sem mais alterações.

O órgão dos trabalhadores em fiação e tecelagem cumpriu o programa enunciado, de defensor da classe, veiculando suas reivindicações, informando-lhe as atividades, elegendo uma Rainha e divulgando a incipiente literatura operária. Ao lado do título figurou, desde o nº 13, o desenho de um tear, em clichê zincográfico. Estabeleceu sorteio a prêmio entre os leitores.

O Tear divulgou seu nº 30, ano VII, em setembro de 1954 ¹ (Bib. Púb. Est.).

RAIO-JORNAL - Órgão Quinzenal Independente - Apareceu no dia 21 de junho de 1949, em formato de 48x32, com quatro páginas de seis colunas, impresso na oficina d' A Tribuna. Diretor - Hostiniano de Moraes; redator - Abdon Campos (só na edição de estréia); consultor jurídico e redator-chefe - Miguel de Sousa Leão. Redação à rua 24 de Maio, 28. Preço do exemplar Cr\$ 0,80

Trataria de “letras, artes e questões sociais”, conforme o cabeçalho, adiantando, no editorial de abertura, que seu programa consistia em informar com exatidão, “sempre ao lado

¹ Prosseguiu em 1955.

dos legítimos interesses populares”. Nenhuma filiação a credo “político, religioso ou filosófico”.

Embora “quinzenário”, o segundo número só circulou a 5 de setembro e o terceiro em dezembro. Sua matéria constava de reportagens, noticiário, anúncios e a colaboração de Dagoberto Fernandes Pires, Francisco José Fernandes Pires, João Lopes de Albuquerque, Adeth Leite, Narciso Rosa Matos, Álvaro da Costa Lins e M. Celina de Sousa Leão.

Restam comprovantes, a seguir, unicamente, dos n.ºs. 11, 12 e 14, ano II, datados, respectivamente, de fevereiro, julho e outubro de 1952, figurando mais o nome de Jandari Leitão no corpo redacional. Oito, seis e quatro páginas. Divulgavam, mais do que tudo, publicidade paga, de caráter político ¹(Bib. Púb. Est. e colec. Host. Morais).

VIDA BANCÁRIA - Mensário de Economia e Finanças - Saiu a lume no mês de junho de 1949, com 32 páginas, impressa em papel especial. A capa exibiu vista urbana de Belo Horizonte, em obediência ao programa de focalizar diferentes aspectos de cidades brasileiras, dado o âmbito nacional da publicação. Propriedade da “Organização Cacique”, que tinha sede na rua Nova, 282, 2º andar. Diretor - Gentil de Sousa; secretário - Dagoberto Fernandes Pires; redator - Luiz Gomes do Rego Lima; consultor jurídico - Silvino Lira; arranjos gráficos - A. Carvalho; desenhistas - Zuleno Pessoa e Dimar Pires; clicherie - Antonio Teles. Assinaturas: anual Cr\$ 100,00; semestral Cr\$

¹ Prosseguiu. o Raio-Jornal. em 1955.

70,00 Número avulso Cr\$ 5,00 Confecção da tipografia da Folha da Manhã.

Segundo o editorial intitulado “Trabalho e confiança”, Vida Bancária surgira para servir “à causa do desenvolvimento econômico, financeiro e cultural do país”. Suas páginas estariam “abertas aos debates dos problemas do capital e do trabalho, procurando, dessarte, fazer luz sobre a matéria fundamental da existência dessas forças recíprocas dinamizadoras do progresso, buscando harmonizá-las pela compreensão e respeito mútuos. Patrões e empregados, técnicos e leigos, educadores e estudiosos” encontrariam no magazine “uma tribuna honesta para estudo e debate dos seus problemas e difusão das suas idéias”. Jamais se poria “a serviço de grupos políticos ou econômicos”.

Inseriu artigos assinados por Oceano Carleial, Artur Torres Filho, José Geraldo de Carvalho, Aristóteles Alves, Romero de Sousa, Paulo Eleutério e outros; comentários redacionais e anúncios.

Seguindo o ritmo enunciado, a revista circulou normalmente. Aumentando a quantidade de páginas, estas chegaram atingir 82. Seu âmbito estendeu-se a todo o Nordeste, divulgando reportagens ilustradas de administração estaduais e municipais. Atingiu o fim do ano o nº 6, datado de novembro/dezembro, já o corpo redacional acrescido dos nomes de Ângelo Cibela, assistente geral e Alderico Nunes; mais um gerente - Rivaldo Duarte.

Publicou-se, em 1950, bimestralmente. No fim do ano entrava um segundo diretor - Dalvino Santos e a função de secretário ficou atribuída a José de Moraes Pinho. No princípio

de 1951 foi criada a categoria de “diretores honorários”, para a qual se transferiu Dalvino, junto a Marcelino Azevedo e Livino Carvalho. Assumiu a direção da publicidade Milton Barata de Almeida. Uma edição de 120 páginas foi dedicada à Bahia.

Circularam, apenas, duas edições no ano de 1952 e outras duas em 1953, a última das quais, o nº 21, no mês de junho, terminando aí, ao que tudo indica, a existência da Vida Bancária (Bib. Púb. Est.).

DIVULGAÇÃO AGRÍCOLA - Órgão Mensal do Serviço de Divulgação Agrícola da Secretária da Agricultura, Indústria e Comércio - Entrou em circulação a 30 de junho de 1949, formato de 48x30, com 10 páginas a cinco colunas de composição. Redatores - Samuel José Gonçalves, Hélio F. de Carvalho e Paulo Viana de Queiroz, sob a direção do primeiro. Redação na rua da Concórdia, 372, 1º andar. Confeccionou-se, utilizando papel superior, na tipografia da Imprensa Oficial. Distribuição gratuita “às autoridades, agricultores, cooperativas e associações rurais”.

Concisa nota de apresentação focalizou a atuação da imprensa diária e da “imprensa falada” no tocante às publicações orientadoras dos serviços do homem do campo, ao que vinha juntar-se a folha especializada então entregue aos leitores.

Seguiu sua meta, variando entre oito e dez páginas, constando a respectiva matéria das seções “Boletim Estatístico”, “No campo das pesquisas”, “Legislação Agrícola”, “Correio Rural” e “Calendário de Agricultor”; comentários sobre higiene rural, adubos, solo, planificação agrícola, crédito, plantas têxteis, cooperativismo, ensilagem, pragas e colonização; informações

dos municípios, palestras, conselhos, reportagens, etc. Apareciam produções de Inácio de Barros Barreto, secretário da Agricultura; Rômulo Cavina, Hermano Castro, Clélio Lemos, Roberto Guedes Pereira, Antonio Coelho e Rodrigo Pinto Tenório.

Último avistado foi o nº 4, correspondente aos meses de setembro a dezembro. Não prosseguiu.

Divulgação Agrícola encetou nova fase em princípios de 1953. Inexistentes comprovantes das cinco primeiras edições, foi possível manusear os nºs. 6, 7 e 8, correspondentes aos meses de agosto, setembro e outubro, respectivamente. Não impressos tipograficamente, mas datilografados e mimeografados. Formato de meia folha de papel de ofício, capa de cartolina, média de 20 páginas. Redator-chefe - agrônomo Higino Barbosa Lima; redator-secretário - Maurício Cabral de Melo, funcionando a redação na avenida Marquês de Olinda, 55, 2º andar.

A par da matéria redacional, de caráter específico, contava com a colaboração de Getúlio César, Wilson Buononato, F. Costa, Hugo Schmidt, H. de Freitas, A. M. Correia e Osvaldo B. Meneses.

Circulou datado de janeiro/fevereiro/março de 1954 o nº conjugado 1/2/3, ano II, obedecendo a idêntico formato, mas confeccionado graficamente na oficina da Imprensa Oficial. Reuniu 42 páginas de papel acetinado e capa grossa, ilustrado o frontispício simbolicamente. Acrescentaram-se ao corpo redacional os nomes de Paulo Viana de Queiroz e Cláudio Cabral de Melo. Colaboração da equipe e de Jorge Vaitsman, Shisuto José Murauynma, Antoni Villaça, Raul Briquet Júnior, E.

Marcondes de Melo, Rodrigo Pinto Tenório, Brasília Machado Neto e M. L. Arruda Behmer; mais comentários, noticiário e uma relação dos livros existentes na Biblioteca do Serviço de Divulgação Agrícola.

Se é que continuou a publicação, não restam arquivados outros exemplares (Bib. Púb. Est.).

VOZ DO NORTE - Independente e Noticioso. Do Povo a Serviço do Povo - Surgiu a 17 de julho de 1949, em formato de 48x32, reunindo 12 páginas de papel verde. Direção de Negib Correia Lima. Escritório de redação e publicidade na rua da Palma, 295, 1º andar. Assinaturas: ano Cr\$ 50,00; semestre Cr\$ 30,00 Preço do dia Cr\$ 1,00 Trabalho gráfico da oficina da Folha da Manhã.

Segundo o editorial “A nossa apresentação”, Voz do Norte aparecia sem “nenhum propósito de despeito ou revide”, com um “cunho de absoluta independência político-partidária”, elevando-se “acima dos homens e dos partidos”, acendendo “o facho de uma mais estreita solidariedade humana”. Sua direção pusera em campo o Correio do Norte, título, entretanto, que lhe foi arrancado por “forças ocultas, reacionárias, amestradas no serviço da sabotagem”. Daí o aparecimento da Voz para lutar contra aqueles que se achavam “a serviço dos inimigos de ontem”.

Seguiu diferente faixa do trabalhismo brasileiro, batendo-se pela candidatura do senador Getúlio Vargas à Presidência da República, exibido, na página de frente, o respectivo clichê. Adotou as seções redacionais iniciadas no Correio do Norte, que continuava circulando sob nova direção. Criou mais uma “Página

Literária” (que eram duas, as do centro), dirigida por Oliveiros Litrento e uma “Página Feminina”, a cargo de Niete Correia Lima, excluindo a parte desportiva.

O nº 2, impresso na tipografia d’A Tribuna, só saiu no dia 25 de setembro, com 18 páginas e predominância de publicidade paga. Extinguiu-se aí a seção de literatura, que teve a colaboração de José Pessoa de Moraes, Deolindo Tavares, Arnóbio Graça, Mauro Mota, Flora Ferraz Veloso, Rivaldo Pinheiro, Ledo Ivo, Edson Régis de Carvalho, Carlos Moreira, Aderbal Jurema, Zilde Maranhão e Rego Lima. Ilustrações de Zuleno Pessoa. Acabou, ao mesmo tempo, a seção feminina.

Meses após publicava-se o nº 3, datado de 9 de abril de 1950, contendo oito páginas, transferida a redação para o 2º andar do Edifício Trianon, na avenida Guararapes. Prosseguiu irregularíssima a circulação, numeradas as edições arbitrariamente, penetrando 1951 e 1952. Por pouco tempo figurou Pessoa de Oliveira feito diretor comercial.

O nº 1, ano V, foi publicado a 29 de julho de 1953 e o nº 2 no dia 29 de agosto, impressos na tipografia da Folha da Manhã. Doze e oito páginas, respectivamente, sempre saliente a parte publicitária, de largos efeitos financeiros.

Terminou aí, quando ia mais acesa a luta intestina do P.T.B., a existência da Voz do Norte (Bib. Púb. Est.).

FLOS CARMELI - Iniciou sua atuação em julho de 1949, no formato de 29x20, 22 páginas de papel acetinado, inclusive a capa, ilustrada com estampa de N. S. do Carmo. “Licença Eclesiástica e da Ordem”. Propriedade da Província Carmelitana

de Pernambuco. Diretor-responsável - frei Alberto Carneiro Leão; secretário - frei Nuno Maria Peixoto Valença; redator - frei Inácio Maria Ferreira Costa. Correspondência para a Secretaria, no Convento do Carmo, de Goiana. Assinatura anual: simples Cr\$ 25,00 de honra Cr\$ 50,00 Número avulso Cr\$ 3,00

Lia-se no editorial de abertura: “Flos Carmeli terá a missão nobilíssima de espalhar pelo Brasil as belezas que Deus derramou sobre a pessoa altíssima de Maria; cantar a gratidão do Carmelo pela dádiva preciosa do Escapulário; distribuir aos leitores católicos informações doutrinárias de assuntos diversos relacionados com as verdades católicas; subministrar a todos respostas a questões concernentes a Religião”.

Inseriu artigos de frei Romeu Peréa, frei Inácio Maria, padre A. Taciano, etc.; mensagem do Superior Geral dos Carmelitas; Hino a N. S. do Carmo; “Pelo mundo católico”; “Para divertir”; fotografias do Papa e da Santa e desenho do Escapulário.

O magazine publicou-se, a princípio, irregularmente, dando duas únicas edições até findar o ano. A partir do nº 4, de janeiro de 1950, adotou a indicação “Revista Mensal Religiosa” e reduziu o formato para 22x15, passando a proporcionar maior quantidade de páginas. Ao atingir o mês de outubro, acrescentou ao cabeçalho, até o fim do ano: “Órgão do Congresso Nacional do Escapulário”. O cargo de redator-secretário teve novo ocupante nos meses de agosto e setembro de 1951, ficando vago, porém preenchido, em junho do ano seguinte, por frei André Alcântara.

Desde outubro de 1950 transferiu-se a redação de Flos Carmeli para o Convento do Carmo do Recife, sendo a edição do mês impressa, excepcionalmente, na oficina do Jornal do Commercio, trabalho que se efetuava n' A Tribuna, onde continuou até abril de 1952, passando depois para a empresa Folha da Manhã.

Não sofreu alterações o padrão da revista, que contava com a colaboração de frei Romeu Peréa (o mais constante), frei Pio Moreira, frei José Maria, dr. Ezequias da Rocha, tenente Bernardino Coelho Pontes, padre Foulquier, Virginia de Figueiredo (poesias), Fernando Régio do Amaral, cônego João de Deus, padre A. Uchoa, padre Severino Nogueira, Roberto de Sá Brito, Carlos Neto (pseudônimo do arcebispo poeta Augusto Álvaro da Silva, depois cardeal), Eliaquim Artur de Lima, padre Álvaro Negromonte, Cromwell Leal, Antonio Pimentel, cônego Inaldo Fonseca, etc. Seções nem sempre permanentes: “Notícias e fatos”; “Se não sabia, saiba que...”; “Pelo mundo católico”; “Para as donas de casa” e “Palavras cruzadas”. Também ocorriam alguns anúncios. Capas diferentes: fotografias de santos, personalidades do Clero, templos religiosos ou paisagens.

Ao atingir 1954, Flos Carmeli circulava bimestralmente, sendo último número do ano o conjugado 5/6, datado de novembro/dezembro ¹ (Bib. Púb. Est.).

O CENTRISTA - Órgão de Divulgação dos Centros Educativos Operários - Começou com o nº 5, ano IV, de 15 de agosto de 1949, reunindo 10 páginas, em substituição a A Voz Operária, obedecendo às mesmas características e mantidos o secretário

¹ Prosseguiu em 1955.

geral Clóvis Gondim e o gerente Rui Alves; mais um redator para cada subúrbio. Redação à rua da Aurora, 277. Trabalho gráfico a cargo da Imprensa Oficial, terminando na oficina do Diário da Manhã.

Lia-se na nota intitulada “Aos nossos leitores”: “Essa mudança de nome não corresponderá, nem de leve, a uma mudança de orientação. Continuará como o veículo da voz, dos anseios do proletariado”, melhor expressando “a finalidade do jornal”.

Além das seções anteriores, instituiu “Caixas Sociais”, “Seção Infantil”, “Arte Culinária” e “Conselhos de Higiene”.

Teve prosseguimento normal, veiculando artigos doutrinários, comentários e crônicas assinados pelo deputado Jarbas Maranhão, pelo presidente do SSCM, Andrade Lima Filho, pelos dirigentes dos Centros e Serviços e por operários integrados nas atividades sociais.

A edição de novembro inseriu artigo especial do professor J. J. de Almeida, sobre o tema “Ruy Barbosa - Sua vocação jurídica”. Encerrou o ano o nº 9, datado de 15 de dezembro, com oito páginas. Acrescentara-se ao expediente o nome de José Cabral da Rocha, na qualidade de redator-chefe.

O Centrista abriu numeração nova, após dois meses de descanso, com a edição de 15 de fevereiro de 1950, continuando o rumo e o programa traçados, de orientar e informar o operariado dos Centros Educativos, inclusive através de artigos de Reinaldo Câmara, J. A. Barreto Guimarães e José Veríssimo.

Não lhe faltaram ilustrações fotográficas, que iam documentando as realizações sociais.

Publicou-se, regularmente, até o nº 6, de julho. Ficou suspenso até 15 de dezembro, quando circulou o nº 7, que foi o último de sua existência e constituiu uma espécie de prestação de contas dos dois anos de atividades do presidente do SSCM. Segundo nota justificativa, a suspensão foi determinada para que o jornal não “viesse a ser envolvido no tumulto da última campanha eleitoral e fosse acusado de tornar-se veículo de interesses alheios aos seus objetivos” (Colec. J. Cabral e Bib. Púb. Est.)¹.

O CONTRA - O Pasquim das Américas - Apareceu a 24 de agosto de 1949, em formato de quatro colunas, contendo 16 páginas. Diretor - Aristófanes Renan da Trindade; secretário - Mickel Sava Nicoloff; gerente - Otávio Cavalcanti. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

“Jornal sem programa”, veio à luz, “apesar da absoluta falta de energia”, alimentando o propósito de “salvar o Brasil”. Não tinha compromissos políticos. Seu compromisso era unicamente o que dizia respeito à “linguagem sonante”. Assim concluiu a nota redacional de abertura: “Somos povo e o povo não vive de promessa”.

Em linguagem satírico-humorística, sem ferir reputações, o interessante jornal abordou temas políticos e sociais, inserindo charges, anedotário e variedades. Boa messe de anúncios.

¹ A coleção da Biblioteca Pública do Estado acha-se desfalcada.

Não pode continuar. Morreu antes de atingir o segundo número (Colec. Otav. Cavalcanti).

REVISTA RADIOFÔNICA E TEATRAL - Circulou o primeiro número em agosto de 1949, em formato de 30x23, com vinte páginas, inclusive capa, trazendo esta, abaixo do cabeçalho, volumoso clichê da cantora portuguesa Maria da Luz. Direção de Isaura Chagas Viana. Preço do exemplar Cr\$ 3,00

Abriu o texto uma homenagem a Joaquim Nabuco (retrato, por Calmon), ladeado por um soneto do grande abolicionista e notas da redação. Com anúncios somente nas três páginas secundárias da capa, a revista cumpria seu programa de órgão especializado, inserindo vasta matéria, crônicas assinadas por Menares Ribeiro e Enoc Lopes Cavalcanti e poesias de Adalício Alves Pereira e N. Neves, sem faltar regular ilustração fotográfica.

Com redação à rua Gervásio Pires, 57, impresso nas oficinas da Folha da Manhã, o magazine deu à publicidade o nº 2/3 datado de outubro/novembro. O nº 4/5 circulou em maio de 1950, acrescentando-se-lhe ao cabeçalho: redator-chefe - Luciano Nobre de Lacerda; redator-secretário - Nicolau Abrantes, os quais foram substituídos, no nº 6, publicado em março de 1951, por Audálio Alves e Claudomira Costa Lima.

Contou, ainda, com a colaboração de Jorge Abrantes, Abaeté de Medeiros, Luiz Rocha, Jota Soares, Bandeira Costa, Caio Mário, Aluísio Ferreira Baltar, Paulo Wilson, etc. Dividiu-se-lhe a matéria em diferentes seções, inclusive de Literatura. Lisonjeiro acompanhado de clicherie, inclusive capas com

fotogravuras de artistas radiofônicos. Chegou a ter boa quantidade de anúncios.

Encerrou-se a existência da Revista Radiofônica e Teatral com o nº 6 (Bib. Púb. Est.).

DOM VITAL - Órgão Oficial do Grupo Escolar Dom Vital - Exemplar único encontrado: nº 40, ano V, de agosto de 1949, manuscrito e copiado em hectógrafo, reunindo quatro páginas, ou seja, uma folha de papel almaço. Diretora - Risete Barros; gerente - Eudésia Monteiro. Edição especial, dedicada a Joaquim Nabuco, estampou-lhe retrato e literatura alusiva, além do noticiário social e das atividades do Grupo, tudo a cargo da estudentada miuda (Dept. Cultural da SEEC).

REVISTA DO RECIFE - Circulou em agosto de 1949, no formato de 23x16, com 70 páginas, trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã. Direção de Valter de Oliveira; redator-secretário - José Bandeira Costa; auxiliar-técnico - José Cabral da Rocha; desenhos e charges a cargo de Nildo Aguiar e Vítor Sete. Redação e administração na travessa da Baixa Verde, 73. Assinaturas: anual Cr\$ 60,00; semestral Cr\$ 35,00 Preço do exemplar Cr\$ 5,00

A capa, impressa em azul pálido, com o título, de letras góticas, superposto, em vermelho, apresentou fotogravuras da estátua de Joaquim Nabuco, como homenagem ao grande pernambucano, cujo centenário de nascimento se comemorava, seguida de artigo alusivo, no texto, assinado pelo diretor. Ao contrário do texto redacional em papel acetinado, as dez primeiras e as dez últimas páginas, incluída a capa, utilizaram

couchê especial, nelas figurando a parte de anúncios, em cores, todos ilustrados.

Surgiu a Revista do Recife, segundo o artigo de apresentação, “tentando preencher uma lacuna”. Pretendia “refletir o dinamismo da terceira cidade do Brasil”, com “o objetivo de proporcionar uma lembrança amiga àqueles que já conhecem os episódios pitorescos de nossa história, tornando conhecidos da geração que passa os valores dos homens do Passado”, ao mesmo tempo apresentando “uma síntese do momento presente”.

“Sem interesses partidários, sem credo político ou religioso - frisou - nasce como pequena célula dessa grande imprensa de nossa terra e, forçosamente, terá que crescer e desempenhar algo de definitivo na vida; nasce como planta tenra, oriunda de boa semente, que germinará em solo fértil, cuidada e regada pela mão generosa dos bons amigos, que estão dispostos a colaborar na sua vitória”.

Dividiu-se a matéria como a seguir: “Política”, com artigos de Bandeira Costa e Zé Pernambucano; “Literatura”, a cargo de José Carlos Cavalcanti Borges, Andrade Lima Filho, Fernando Pio dos Santos, Austro Costa, Mário Melo e Jarbas Maranhão; notas redacionais; “Mundanismo”, “Rádio”, “Teatro”, “Cinema” e “Desportos”, com a devida ilustração, nelas colaborando, inclusive, Valter Pessoa, Carlos Alberto, Antonio Soares Pacheco e Sílvia.

Tão bem iniciado, tecnicamente bem feito, além de bem redigido, o magazine não conseguiu, entretanto, atingir a segunda edição (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DO POVO - Surgiu no dia 26 de setembro de 1949, em formato de 50x31, com oito páginas a seis colunas de composição. Diretor - Luis de Sousa Leão. Trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã. Assinaturas: anual Cr\$ 50,00; semestral Cr\$ 25,00 Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Em seu artigo de apresentação - “Duas palavras” - dizia ingressar nas fileiras “do periodismo pernambucano modestamente e sem pretensões de equiparar-se a outros órgãos locais”, para ser “uma autêntica voz do povo, voz sem compromissos com grupos políticos, sem dependência de organizações econômicas, sem subserviência a pontos de vista eivados de exclusivismos”. Seria “uma tribuna de todos e, sobretudo, dos humildes, dos oprimidos, dos que são ludibriados nos seus direitos e ficam sem poder reclamar, sem poder gritar”.

Sem filiação político-partidária, isto não o impedia de colocar-se “contra todas as formas de extremismo, ditas da esquerda e da direita, ou também resultantes de pretensões caudilhescas”.

Pugnaria “pelo soerguimento econômico, político e cultural do nosso belo e grande país”, discutindo os seus problemas, encarando, “objetivamente, questões como a da siderurgia, do petróleo, do trigo, do carvão, da energia hidráulica e, particularmente, do alevantamento do Nordeste”. Seria, finalmente, a “voz da reclamação justa. Voz do esclarecimento. Voz da esperança. Voz capaz de refletir, bem nítidos, nossos anseios coletivos de Liberdade, de Justiça, de Trabalho e de Paz”.

A par de reportagens sensacionais, ilustradas; notas e comentários, página de desportos e anúncios, inseriu artigos ou crônicas assinadas por Silvino Lira, Aristóteles Alves, Luis Beltrão (“Rocambolescas”), Geraldo Seabra e Carla Tanagra.

Ficou no primeiro número? (Bib. Púb. Est.).

MERCADO IMOBILIÁRIO - Revista Quinzenal de Informações e Notícias sobre o Comércio de Construções do Recife - Publicou-se o primeiro número em setembro de 1949, no formato de 24x20, com 42 páginas mimeografadas e capa em cartolina de cor, desenhada a lápis. Direção e redação de Luiz Morais Santos, instalado à rua da Palma, 295, 2º andar. Assinaturas: anual Cr\$ 100,00; semestral Cr\$ 55,00 Preço do exemplar Cr\$ 5,00

Pretendia a direção, conforme a nota de abertura, dar a Pernambuco “uma revista técnica, noticiosa e informativa”, que substanciasse o tema do cabeçalho. Esperava a cooperação dos homens públicos e de negócio.

Apresentou alguns comentários redacionais, estatísticas, oportunidades comerciais e propaganda geral.

Teria ficado na edição de estréia (Bib. Púb. Est.)

CARTILHA AGRÍCOLA - Órgão Mensal do Serviço de Divulgação Agrícola da SAIC - Não avistada a edição inicial, saiu o nº 2, ano I, datado de setembro/outubro de 1949, em formato de 25x16, com quatro páginas, para distribuição gratuita. Diretor - Samuel José Gonçalves; redator - Hélio Carvalho, funcionando a redação na rua da Concórdia, 372, 1º andar. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial.

Sua matéria resumiu-se nas seções “Notas sobre a Cultura do Abacaxi”, “Notas Avícolas” e “Horticultura” (Bib. Púb. Est.)

A SEMANA ESPORTIVA - Revista especializada, impressa na oficina gráfica d'A Tribuna, em formato de 30x22, surgiu a 6 de outubro de 1949, com 16 páginas. Diretor-responsável - Abdias Cabral de Moura; diretor-gerente - Adonias Cabral de Moura; redator-secretário - Roberto Pastl; diretor-comercial Álvaro Paiva. Preço do exemplar Cr\$ 2,00

Do artigo-programa constava: “Nossas colunas serão uma tribuna permanente para todos os que visem ao maior prestígio do esporte nordestino”.

A primeira página da capa apresentou-se ilustrada, em cores, e a última constou de uma zincografia, sob o título “Astros da pelota biografados por Zuleno Pessoa (para o álbum da torcida)” seção que permaneceu.

Circulando às segundas-feiras, o texto da revista era um verdadeiro repositório das ocorrências desportivas do dia anterior, documentadas fotograficamente, com o complemento de matéria de propaganda comercial.

Não obstante a boa receptividade conseguida, o magazine teve vida efêmera, só editando cinco números, o último dos quais datado de 10 de novembro (Bib. Púb. Est.).

A ETERNA VIGILÂNCIA - Semanário Independente - Teve seu número de estréia lançada a 10 de outubro de 1949, em

formato de 50x31, contando quatro páginas de seis colunas. Diretor - Jázer Meneses Bezerra; redator-chefe - Afonso Ligório Pires Carvalho; secretário - Mário Alves de Sousa Melo. Redação à rua do Riachuelo e trabalho gráfico d'A Tribuna. Assinatura anual Cr\$ 55,00 descendo até a mensalidade de Cr\$ 6,00 Número avulso Cr\$ 0,80

Com o “propósito primordial de esclarecer a opinião pública acerca da realidade nacional”, estaria sempre - segundo sucinta nota de apresentação - “a postos em defesa da integridade da pátria”, acentuando: “A Eterna Vigilância é a nossa bandeira”.

A edição constituiu-se de reportagens políticas e populares; artigo de Paulo Viana de Queiroz; crônica de Maria Helena; início da novela “Um crime misterioso”, de Valdir Pereira Lira; ligeiro noticiário e anúncios.

Não passou do nº 1 (Bib. Púb. Est.).

PERNAMBUCO ESPORTIVO - Órgão da Associação dos Cronistas Desportivos de Pernambuco - Surgiu no dia 10 de outubro de 1949, em formato de 50x33, com oito páginas a seis colunas de composição. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Apresentou-se aos leitores copiando o artigo-programa do Recife Esportivo (10/01/1948), acrescentando-lhe algumas frases novas. Como a outra folha, que teve vida efêmera, pretendia ser “um índice das atividades desportivas recifenses”.

Circulando às segundas-feiras, com noticiário completo das ocorrências do domingo, na sua especialidade, inseria,

também, crônicas e comentários assinados por Hélio Tavares, Mário Lúcio, Almirélio (pseudônimo de Sócrates Times de Carvalho), Armando de Sousa Leão, Tricolina (Maria Emília Galvão), Sentinela e Coralino. Boa cobertura de anúncios.

Mantida as oito páginas e amplo serviço fotográfico, não foi possível, entretanto, continuar a publicação do semanário, que se extinguiu com o nº 4, de 31 de outubro (Bib. Púb. Est.).

A MELODIA DO LEITOR - Começou a publicar-se em outubro de 1949, no formato de 24x18, com 16 páginas impressas em bom papel, trabalho gráfico da Folha da Manhã. Capa ilustrada por Luis Pereira. Diretor - Menares Ribeiro. Preço da vendagem avulsa Cr\$ 2,50

Abriu com o sumário das melodias inseridas na edição que constituíram matéria geral, acrescida de uma biografia de menino cantor. No mais, clichê e anúncios.

Assim prosseguiu, sem periodicidade regular, vindo a sair o nº 5 (provavelmente último) em agosto de 1950 (Bib. Púb. Est.).

CLUBE NÁUTICO CAPIBARIBE - Boletim Mensal e Informativo - Apareceu em outubro de 1949, no formato de 23x16, com oito páginas, sob a direção de Roberto da Silva Campos. Imprimiu-se na União Gráfica Ltda., à rua Joaquim Nabuco (Capunga), 344, instalada a redação na rua Frei Caneca, 34 (só depois transferida para a avenida Rosa e Silva, 1086).

Inseriu, apenas, o programa do mês, relação de sócios, ligeiro noticiário social e começou a Campanha da Primavera.

Aprovada a iniciativa, deu-se-lhe, a partir do segundo número, o caráter efetivo de revista, com 16 páginas, repleta de matéria referente às atividades do Clube e alguns anúncios, feita a impressão geral, até o nº 5, em tinta encarnada, a capa em papel couchê e o texto em acetinado.

O nº 6 saiu com 32 páginas, solenizando “49 anos de lutas pelo desenvolvimento esportivo de Pernambuco”. Dava-se início, aí, à campanha pró-construção da nova sede do Clube.

Seguiu-se a publicação normalmente, impresso o nº 7 em tipografia não identificada e os dois seguintes nas oficinas d’A Tribuna, para continuar, indefinidamente, na União Gráfica Ltda. que mudou suas instalações, em julho de 1952, para a rua Vidal de Negreiros, 374.

Distribuída sem ônus para os associados, a revista teve um supervisor, a partir de dezembro de 1950: José Mamede do Rego Costa e, nas primeiras edições do ano seguinte, figuraram no expediente dois redatores: Marcelo Pessoa e Luiz C. Barbosa Lima. Por todo tempo, entretanto, a responsabilidade diretiva coube a Roberto Campos, que não faltava com sua página de comentário desportivo, e, às vezes, crônica social, sob o pseudônimo de Berto, também assinando, com as iniciais R.S.C., a “Galeria dos Veteranos”.

A par da matéria de rotina - noticiário e reportagens no setor desportivo, com suas diversas modalidades, e no setor social, tudo amplamente ilustrado, chegando a exibir páginas de arte fotográfica - o magazine contou com a colaboração permanente de Góis Filho, o cronista da página de abertura do

texto, e temporária de Hélio Pinto, Zilde de E. Maranhão, Júlio de Aguiar, João Guerra de Holanda, Berguedof Elliot, Josafá Rosas, Gondim Filho, Júlio Amaral, Celeste Dutra, Eduardo Maia Franco, Ivanildo Souto da Cunha, Maria Lucina (“Página Feminina”), Ismael de Gois Lima, Maria Célia, Hilo Galvão, Prudenciano de Lemos, dr. Pedro Paulo de Carvalho, H. Hansen, Lúcia Castelo Branco (versos ilustrados por Victor Moreira), Zuila Ribeiro Hécio, etc.

As edições, a partir de algum tempo, tiveram acrescida a quantidade de páginas, sobretudo por ocasião das datas memoráveis, chegando a atingir o máximo de 58. Capas de feição variada, ostentando quase sempre clichês de personalidades alvi-rubras, cores que se viam destacadas no título da revista e na flâmula do Clube, ao alto.

Com raras lacunas, o Mensário Ilustrado Clube Náutico Capibaribe, que anunciava uma tiragem média de quatro mil exemplares, prestigiado pela respectiva diretoria, transpôs os anos, atingindo dezembro de 1954 - ano VI - com 62 números publicados.

Ao encerrar-se 1954, começou a divulgação - outra iniciativa de Roberto Campos - do Suplemento do Mensário Ilustrado, em formato maior, ou seja, 31x22, com 50 páginas de papel superior, ostentando na capa, entre títulos e vinhetas alvi-rubras, o clichê do novo edifício do Clube. Inseriu ampla matéria, sobretudo fotográfica, em torno da escalada de progresso da

agremiação, nos seus diversos departamentos ¹ (Bib. Púb. Est. e Colec. R. Campos)²:

ACA MAGAZINE ILUSTRADO - Órgão Mensal da Associação de Cultura e Atletismo dos Funcionários do Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S/A - Para distribuição interna, gratuita, começou a publicar-se em novembro de 1949. Formato de 32x24, com 16 páginas de papel acetinado e oito de couchê (centro e capa), ilustrado o frontispício com motivos desportivos, tendo ao centro fotogravura do Comendador Jaime Ferreira dos Santos. Redação à avenida Rio Branco, 155, e trabalho gráfico da oficina d' A Tribuna, à rua do Riachuelo, 109.

Conforme o editorial “Nosso aparecimento”, a revista saía a lume “sem vaidades e paixões, sem partidos e pretensões”, visando somente aos estímulo das atividades literárias e desportivas, como o fizera o órgão antecessor O Molho.

A edição, a par de páginas sociais ilustradas, iniciou as seções “No mundo das letras”, “Radiofonia”, “Poesias”, “Telhado de vidro”, humorismo; “Galeria do mês” e “Arte Culinária” e a colaboração de Dalvino Santos, Rubens Ramos, Rubem Catunda, Geraldo Seabra, Hermilo Borba Filho, Murilo Sodré, Maurício Carneiro, o mesmo Ricampos; Mário Justo e João do Pina (pseudônimos, ambos, de José Martins Júnior). Também anúncios.

¹ A revista e seu suplemento continuaram a publicar-se anos a fora.

² Acha-se desfalcada, a coleção da Biblioteca Pública do Estado, dos nº.s 1 a 6.

Seguiu-se a circulação mensal da ACA, sendo impressa a partir do nº 5, de março de 1950, nas oficinas da Folha da Manhã, ligeiramente reduzido o formato e melhor apresentada, com páginas a cores. Apareceram na direção Rubem Catunda e Maurício Carneiro, gerente e secretário, respectivamente.

Manteva a devida regularidade na circulação até o mês de dezembro, mas escasseou em 1951, ano em que saíram, apenas, três edições, voltando o trabalho de confecção para A Tribuna e outra vez reduzido o formato, vindo a sair o nº 15 (e último) em janeiro de 1952, em tamanho ainda menor, ou seja 24x15, sempre, porém, utilizando bom papel, variando em cada edição o estilo de ilustração da capa.

Além dos nomes mencionados, o magazine contou com a colaboração de Correia Neto; Otávio Cavalcanti - "Teatro"; Amália Rocha; Pergentino Ipanema (pseudônimo do professor Manuel Lins); A. Clericuzzi; Rubens Ramos e Flósculo Correia Lima, ambos também ilustradores; Abílio de Castro; Arlindo Albuquerque; Enéas Alves; José C. Cruz; Geraldo Cavalcanti; José Martins Júnior - "Notas e Comentários"; R. de Rico (Roderico Queiroz) - "Roteiro de Amores"; Maurye Carneiro; Mário Melo; Everaldo de Holanda; José Dias de Araújo; Hersílio Guimarães; Manuel Barbosa; Mário Sabino e outros. Amplo noticiário social e desportivo e boa clicherie, sem faltar alentada publicidade comercial (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DO G. M. - Órgão dos Alunos do Ginásio da Madalena - Apareceu em novembro de 1949, no formato de 32x22, com quatro páginas. Circulação interna. Diretor-responsável - Amauri P. da Silva, funcionando a redação na rua Real da Torre, 701,

local do estabelecimento de ensino secundário. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Apresentado pelo seu dirigente, tinha “o objetivo nobre da difusão da cultura”. Seria a sua voz, “a voz do Ginásio”.

Nitidamente impressa a tinta azul, em papel couchê, a edição abriu com artigo doutrinal do professor Aderbal Jurema, seguindo-se crônicas de alunos, poemeto do monsenhor F. Sales, página desportiva e variedades.

Não há indício de ter continuado (Bib. Púb. Est.).

JORNAL REMINGTON - Órgão da Escola Remington do Recife - O primeiro número foi distribuído no decorrer da festa de formatura dos concluintes de 1949, realizada no dia 11 de dezembro.

Obedecendo ao formato de 33x22, com quatro páginas de quatro colunas, o nº 2 circulou a 28 de fevereiro de 1950 “em homenagem a Adolfo Xavier Carneiro de Albuquerque”. Diretores: presidente - Haroldo Monteiro de Almeida; secretário - Reildo Augusto; gerente - José Edjair Bastos. Confecção da oficina do Diário da Manhã.

O nº 3 homenageou, no cabeçalho, o dr. Ladislau Porto. No nº 4, assumiu a direção a professora Chysolitha Bittencourt.

Além de leve propaganda da Escola, mais uma seção de charadas, a matéria do periódico constituía-se de discursos de formatura, artigos ou crônicas literárias e até poesias, da autoria de Ediberto Fernandes dos Santos, Ivonete Cavalcanti, Noemi

Pereira da Silva, Maria Valderez, Iracema Sousa, Homero do Rego Barros, Mozir Sampaio, Carolina Castelo Branco, Teresinha de Azevedo Mancio, Lindalva Dutra, Marcílio Melgi e outros.

O Jornal Remington saiu mensalmente, até o mês de abril. Passou para agosto e daí para dezembro de 1950, quando circulou o nº 6, provavelmente o último (Bib. Púb. Est.).

IMPrensa TRABALHISTA - Entrou em circulação a 18 de dezembro de 1949, obedecendo ao formato de 48x32, com quatro páginas de seis colunas. Diretor - Dagoberto Fernandes Pires; secretário - Artur Malheiros; redator - Jandari Leitão. Redação à rua Nova, 282, 2º andar, e trabalho gráfico d'A Tribuna, sendo feita a impressão em papel de cor. Assinaturas: ano Cr\$ 50,00; semestre Cr\$ 30,00 Preço do exemplar Cr\$ 1,00 “Distribuído pelo Intercâmbio de Imprensa e Rádio”.

“Órgão político, doutrinário e noticioso”, consoante o editorial “Justiça e Verdade”, seria norteador pelo Partido Trabalhista Brasileiro, concluindo: “...estará sempre onde houver um legítimo direito a defender, seja individual ou coletivo”.

Seguiu-se a publicação, ora semanal, ora mensal, ora bimestralmente, divulgando matéria correspondente ao título, em campanha contra a direção local do Partido, do qual fora expulso o diretor Dagoberto Pires. Não tendo este conseguido anular o ato, passou a Imprensa Trabalhista, no seu nº 7, a fazer propaganda do Partido Democrata Cristão.

Só alimentou mesmo objetivo político, do que se ocupavam, inclusive, as seções ligeiras “Memorandum”, por

Dagoberto; “Comendo um galo...”, a cargo de Zé Galo e “Espírito de ...”, por Zé do Porco. Escreviam artigos assinados Jandari Leitão, Gerson de Sousa, Aníbal Simões e Holmes do Rego Barros. No mais, clicherie, raras notas sociais e anúncios.

Findou-se-lhe a existência com o nº 9, de 20 de agosto de 1950, precisamente quando o redator-secretário fora substituído por Aníbal Simões (Bib. Púb. Est.).

1950

BOLETIM INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO ATACADISTA DO NORDESTE ORIENTAL - Publicação sem data, iniciada em 1950, apresentou-se com dez páginas de papel ofício, mimeografadas, ficando o reverso em branco. No frontispício, o título, o quadro da diretoria e respectivos apêndices. Redação na avenida Rio Branco, 18, 1º andar.

Consoante as “Duas palavras” de abertura, o “Boletim” destinado a circular quinzenalmente, entre os associados, visava a “mante-los em dia com os assuntos de imediato interesse da classe, divulgando leis, regulamentos, portarias, decretos e circulares, além de consultas resolvidas pelos serviços competentes do organismo fiscal e de decisões e pareceres sobre questões trabalhistas”.

Obedecendo ao programa acima, seguiu-se a meta do órgão, com variável quantidade de páginas, comentando e noticiando tudo o que constituísse interesse para a classe,

inclusive estatísticas econômicas e o movimento do Serviço Social do Comércio (SESC).

Só a partir de fevereiro de 1951 resolveu a direção do Boletim apor-lhe a data de cada edição, já no nº 18, ano II. Tornou-se mensal e, do nº 20 em diante, saiu com capa de cartolina de cor, impressa tipograficamente, ilustrada com o emblema da Federação. Instalara-se a sede na avenida Barbosa Lima, 149, 4º andar.

Novo melhoramento efetivou-se no nº 21, do mês de maio, quando o magazine passou a ser integralmente impresso em caracteres tipográficos, reunindo doze páginas de texto, completada a matéria específica com alguns anúncios.

Após o nº 24, que envolveu os meses de agosto/dezembro, o Boletim reduziu o formato para 24x15, saindo o nº 25, datado de janeiro/março de 1952 e o nº 26 em idêntico período de 1953, contendo 30 páginas, sem reclames comerciais, trabalho gráfico da Imprensa Industrial, situada à rua do Apolo, 78/82.

Terminou aí a existência do órgão oficial da instituição dos comerciantes atacadistas (Bib. Púb. Est.).

DE PERNAMBUCO A PORTUGAL - Edição única, circulou em janeiro de 1950, obedecendo ao formato de 28x20, 88 páginas de papel acetinado, mais a capa em couchê, com as cores dos dois países. Direção de Edmir Domingues da Silva e trabalho gráfico da oficina da Imprensa Oficial.

Lia-se na página de abertura: “Nas páginas da Revista, os bacharélados de 1950, componentes da Missão Cultural Cidade do Recife, apresentam aos países da ‘rainha e cortesã’ Europa a vida cultural, econômica e social desta tradicional e gloriosa cidade do Recife”.

Foi a seguinte a matéria inserida: Carta Aberta de Antonio Pereira de Sousa ao diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, fazendo a apresentação dos acadêmicos de Pernambuco em visita à terra lusitana; “Soneto a Portugal”, de E. Domingues da Silva; Saudação do reitor Joaquim Amazonas às Universidades do Porto e Coimbra; clichês de personalidades brasileiras e portuguesas; notas históricas sobre a Faculdade de Direito do Recife, por Manuel Enildo Gomes Lins; artigos de colaboração dos professores Pinto Ferreira e Nestor Diógenes; Roque de Brito Alves, Telga de Araújo, Gláucio Veiga e Dorany Sampaio e versos de Manuel Bandeira, Deolindo Tavares, Ali-ben-Jadd e Oliveiros Litrento, tudo entremeadado de expressiva publicidade comercial (Bib. Púb. Est.).

GAZETA DE APIPUCOS - Jornal dos operários da Macaxeira, publicou-se a 31 de janeiro de 1950, “dedicado à assembléia dos têxteis” do dia 29, “em luta pelo aumento dos salários”. Lia-se no editorial de apresentação: “...não será um jornal qualquer, mas sim um porta-voz dos operários e operárias desta fábrica, da juventude abandonada, sem direito ao mínimo de conforto e percebendo, para igual trabalho, salário desigual” (Da Folha do Povo).

COISAS DE RÁDIO - Surgiu em janeiro de 1950, em formato de 28x21, reunindo 24 páginas, inclusive a capa, que exibiu

fotografia de locutora, em sépia. Diretor-presidente - Luis Ribeiro Bastos; diretor-superintendente - Ednor Silva; diretor de publicidade - Geraldo Silvestre. Assinatura anual Cr\$ 40,00 com parte simples ou Cr\$ 50,00 sob registro postal. Número avulso Cr\$ 3,00; atrasado Cr\$ 5,00

Órgão “destinado a impulsionar o broadcasting em seus variados setores”, não fugiria, contudo, a “comentários sobre outros assuntos diversionais”, especialmente Teatro e Cinema, mantendo, em qualquer gênero, “conduta imparcial”, postos “de lado os interesses secundários”.

Divulgou colaboração de Dulcídio Lira, D. Nobre, Álvaro Saturnino e Alexandrino Rocha, a par de notas redacionais, clichês, concurso para a escolha da Rainha do Rádio de Pernambuco, letras de marchas carnavalescas e regular quantidade de anúncios.

Quatro meses após, ou seja, em maio, publicou-se o nº 2, só figurando no cabeçalho o nome de Geraldo, na qualidade de diretor-proprietário. Situava-se a redação na rua Eduardo de Carvalho, 71, sendo a confecção material da tipografia d'A Tribuna, à rua do Riachuelo, 105. Incluiu produções assinadas por Álvaro, Riva Stambowsky e Raimundo Lopes; reportagens radiofônicas, letras de canções, etc.

Com pretensões de permanência mensal, a revista Coisas de Rádio ainda deu a público duas edições, em junho e em julho, mantendo o ritmo inicial. Foi o fim (Bib. Púb. Est.).

BRAZIL CALLING - Revista Internacional - Entrou em circulação no mês de janeiro de 1950, obedecendo ao formato de

50x30, com oito páginas de seis colunas, utilizando papel acetinado de primeira. Diretor-responsável - Esmaragdo Marroquim; redatora-chefe - Janet Slater Swaton; editora - Empresa Jornal do Comercio S/A. Redação no edifício Sael, à rua da Palma, 295, sala 420. Assinatura anual Cr\$ 80,00

Ostentando, ao lado do clichê do título, impresso em tinta vermelha, outro clichê com as bandeiras, entrelaçadas, do Brasil, Estados Unidos e Inglaterra, nas cores próprias; bastante ilustrada de fotografias, particularmente aspectos do Recife, a internacional new review, redigida no idioma inglês, com algumas notas e legendas em português, inseriu, na primeira página da edição de estréia, ao lado da reportagem intitulada “Recife and the future”, o quadro a seguir:

“Agora V. S. pode se sentir orgulhoso de ser pernambucano. Brazil Calling vai propalar pelo mundo a fora as belezas e grandezas de sua terra e de seu país. O Recife vai deixar de ser apenas um ponto no mapa, para se tornar uma cidade bem conhecida por todo aquele que ler Brazil Calling. Nos subways de Nova York, à sombra da Torre Eiffel, no Picadilly Circus, nas planícies da Austrália, junto às mesquitas de Constantinopla, nas geleiras da Escandinávia, no mundo todo, enfim, Brazil Calling vai fazer do Recife uma cidade amiga e conhecida. Todo pernambuco deve se sentir orgulhoso de uma revista deste gênero, a primeira e única do Brasil”.

Publicação mensal, seguiu regularmente a meta traçada, divulgando artigos dos correspondentes e adaptações assinadas por I. Montenegro. Dispondo sempre de oito páginas, amplamente ilustradas, alimentou as seções “Over the air”, “Window to the world”, “Take it from me”, “Pen friends”

columns” e “Movieland”, sem faltar boa messe de reclames comerciais, inclusive através de reportagens em torno de grandes firmas pernambucanas.

O nº 12, de dezembro, reuniu 16 páginas, em homenagem ao Natal e ao Ano Novo. Continuou em 1951, edições às vezes de dez páginas, sem nenhuma alteração, seja material, seja intelectual, para findar o ano com as vinte páginas do nº 24, datado de dezembro. Após o descando de um mês, prosseguiu em fevereiro de 1952, chegando ao nº 28 no mês de junho, último publicado.

Esteve a colaboração especial de Brazil Calling a cargo de Ernest F. Gates e John de Melo, este brasileiro, ambos residentes nos Estados Unidos; R. Lahiri, de Calcutta, Índia; Pamela Davidson, de Brisbane, Austrália; Viggo Bengtsson, de Jonkoping, Suécia e Arno Halvorsen, de Oslo, Noruega (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DO NORDESTE - Órgão Literário Bimestral - Surgiu em fevereiro de 1950, no formato de 48x32, com quatro páginas de seis colunas, impresso na oficina d'A Tribuna. Diretor-responsável - Mauritônio Meira; diretor-gerente - João Batista Lapenda; redator-chefe - José do Patrocínio Oliveira; secretário - Paulo Matos. Preço do exemplar Cr\$ 0,50 elevado, depois, para Cr\$ 0,80 e Cr\$ 1,00

Tratava-se da continuação do Jornal Estudantino, conforme o artigo “Apresentação”, acrescentando que jamais se imiscuiria “nas questões políticas ou litígios religiosos”.

Folha bem aparecida, seguiu o programa enunciado, focalizando a política estudantil, através de reportagens e comentários. Adotou a seção “Nas Letras e nas Artes”, nela condensando o movimento literário de Pernambuco.

Além da produção, em prosa e verso, da equipe responsável, Jornal do Nordeste divulgava produções assinadas por Walter Fernandes, Carlos Mesquita, João Calado Borba Neto, Adeth Leite, Fernando Melo, Moacir Campelo, Maria das Graças Santos Leite, Aderbal Jurema, Arnaldo Guedes Pereira, Alberto Campelo, Telha de Freitas, Cleto Cunha e outros.

A publicação nada teve de bimestral; saía, ao contrário, mensalmente, pelo menos até o nº 3, datado de abril. Provavelmente suspenso, existe comprovante do nº 5, de outubro, com o subtítulo “Órgão de Literatura e Arte”, tendo Paulo Matos assumido a chefia da redação. Novos colaboradores: Samuel Gonçalves e José Barradas de Crasto.

Após bem espaçada lacuna na coleção, existe o nº 10 - ainda ano I - do Jornal do Nordeste, divulgando no mês de setembro de 1954, apenas figurando um nome à sua frente: João Lapenda - diretor. Colaboração principal de Eliezer Figueiroa. Menos matéria redacional e mais publicidade paga (Bib. Púb. Est.).

MENSÁRIO BRASILEIRO DO TRABALHO - Doutrina. Jurisprudência. Legislação. Informação. Consultas - O primeiro número saiu em fevereiro de 1950, no formato de 27x18, com redação no edifício do Banco Auxiliar do Comércio, sala 54, 5º andar. Diretor - Moacir César Baracho. Tabela de assinaturas -

registrada, Cr\$ 110,00; simples, Cr\$ 95,00; número mensal Cr\$ 8,00; atrasado Cr\$ 10,00

Apresentando artística capa em papel couchê, tendo ao centro o desenho de um ferreiro em trabalho, o Mensário alinhou 24 páginas de texto, iniciando-o o editorial “Rumos e objetivos”, no qual, após realçar a importância assumida pelo Direito do Trabalho, acentuou:

“Este periódico surge sob o influxo dos sucessos no campo trabalhista do Direito, para se tornar um veículo desses acontecimentos. Aqui serão discutidos, por nomes selecionados dentre os mais ilustres cultores do Direito do Trabalho, problemas de indeclinável interesse para empregadores, empregados e advogados. Aqui desfilará a jurisprudência dos nossos tribunais trabalhistas. A legislação social terá toda divulgação nestas páginas e, a par de uma despretensiosa seção de consultas, serão prestadas informações que interessem de perto às atividades econômicas e às categorias profissionais”.

Divulgou “Aspectos da regulamentação da lei do repouso mensal remunerado”, várias peças de jurisprudência, lei de férias, informações e consultas. Lisonjeira disposição gráfica e alguns anúncios.

Embora Mensário, o nº 2 só veio a público em julho, sem mais alterações, apresentando artigo original do professor Orlando Gomes.

Não prosseguiu (Bib. Púb. Est.).

BROADCAST - O Mundo do Rádio num Panorama Mensal - Apareceu em fevereiro de 1950, no formato de 25x16, contendo 34 páginas de papel acetinado inferior e capa em couchê, ilustrada com fotografia artística, a cores. Diretor - Frederico Sérgio; secretário - Hélio Alves Barbosa; tesoureiro - Luiz Daconti; gerente - Gileno B. Duarte. Redação e administração na avenida Rio Branco, 155. Trabalho gráfico da “Editanobras”, à rua Aníbal Falcão, 148, Graças. Assinatura anual: simples Cr\$ 25,00; registrada Cr\$ 30,00 Número do mês Cr\$ 2,50; atrasado Cr\$ 5,00

“É uma revista independente, segundo a ‘Apresentação’, sem facciosidades, feita para incentivar o rádio local”, acentuando: “Nestas páginas elogiamos ou metemos o pau, se assim alguém o merecer”.

Circulou o segundo número datado de abril/maio, acrescentando-se à equipe responsável dois nomes: diretor-superintendente - José Vita Neto; secretário - Hamilton Cavalcanti Costa.

Broadcast foi fiel ao seu programa, só admitindo nas suas páginas temas de rádio e beleza, através de comentários, entrevistas, noticiário e variedades, tudo bem servido de clichê e de... reclames comerciais.

Ao que tudo indica, não chegou ao nº 3 (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DA FILA - O nº 1, ano I, publicou-se em março de 1950, no formato de 48x32, com quatro páginas a seis colunas de composição. Diretor “i” responsável, redator-chefe, gerente, repórter e revisor - Dalembert Júnior (pseudônimo de José Maria

Dias da Silva). Redação, gerência e oficinas “impróprias” - rua do Imperador, 309, 1º andar. Preço do exemplar: “tratando-se de um jornal tão bom que não tem dinheiro que pague, por isso é distribuído gratuitamente”. Recomendações: “Topamos qualquer expediente. O jornal não se responsabiliza, siquer, pela matéria redacional”. Impressão a cargo da oficina d’A Tribuna.

No “Bilhete ao Leitor”, com a assinatura O Diretor de Plantão, ocorreram tópicos como este: “O Jornal da Fila é um órgão radicalmente conservador. Voltar-se-á, sistematicamente, na defesa das autoridades constituídas ou não”. Destacou o nome do Governador Barbosa Lima Sobrinho, “afetuosamente cognominado Menininho”.

Folha, portanto, dedicado ao chiste e à sátira, assim comportou-se toda a matéria da edição, a salientar o quadro: “Sim, irmão, os jornais dizem mentiras a respeito de certos homens... Mas não seria pior se dissessem a verdade?!” Boa série de pastiches fotográficos constou da seção “Jornal da Fila Desportivo”, além de charges e piadas.

Os anúncios constituíram a parte séria do órgão, que não passou do primeiro número (Bib. Púb. Est.).

O IMPARCIAL - Publicação aos Domingos - Circulou no dia 23 de abril de 1950, em formato de 50x32, com oito páginas de seis colunas. Diretor - Oswalter de Andrade, funcionando a redação no 3º andar do edifício do Jornal do Comercio, em cujas oficinas se imprimiu. Assinaturas: ano Cr\$ 45,00; semestre Cr\$ 25,00 Preço do exemplar Cr\$ 1,00

“Sem pretensões e sem outro interesse”, destinava-se, consoante as “Duas palavras” de apresentação, a “cooperar, na medida das possibilidades, pelo bem comum”.

Dedicou um página a “Notas e Comentários”, contando com a coluna “Linha Justa”, por E. V. (Everaldo de Vasconcelos); “Páginas Femininas”, “Página Infantil” e um de desportos, além de notas políticas e reportagens, sobretudo de caráter comercial. Alguma ilustração e anúncios.

Ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM JUCISTA - Órgão da Juventude Universitária Católica - Entrou em circulação no mês de abril de 1950, obedecendo ao formato de 26x19, com seis páginas de três colunas. Diretor-geral - Carlos Frederico Maciel; censor - padre Jorge Soares. Trabalho gráfico d’A Tribuna, à rua do Riachuelo, 105.

Na “Apresentação”, dizia não ter data certa para sair. “Sai quando der na veneta dos jucistas e congregados marianos, a cuja disposição o pomos”. Não faria concorrência às publicações dos diretórios acadêmicos, assim como não seria “uma revista religiosa, seja de cultura, seja devocional. Terá um caráter e uma função próprios, mais fáceis de perceber na prática”. Esperava, por fim, que não fosse vão o esforço empreendido.

Sua matéria compreendeu atividades dos universitários católicos; “Indicador Bibliográfico”; “Calendário Litúrgico”, etc.

Seguido idêntica linha, ocorreu em maio o nº 2, com tiragem declarada de 2.000 exemplares. Novo censor eclesiástico - padre Severino Nogueira.

Ao que tudo, indica, não prosseguiu (Bib. Pú. Est.).

AMÉRICA - Órgão Informativo, Mensal, do América Futebol Clube - Começou a circular no mês de abril de 1950, em formato de 23x15, com 20 páginas de papel acetinado e capa em couchê, ilustrada com as cores da agremiação, vendo-se à direita fotografia do respectivo presidente. Diretores - Hélio Alves (redação), Arnaldo de Carvalho Branco e Aníbal Pereira (publicidade). Redação na Estrada do Arraial, 3107. Trabalho gráfico do Diário da Manhã. Distribuição gratuita entre os associados.

Visava a revista, consoante a “Apresentação”, a “conservar os sócios do Clube a par dos acontecimentos atuais, colaborando, assim, para uma melhor compreensão dos atos porventura elaborados que discordem do parecer dos seus associados”.

Publicou-se até o nº 9, correspondente ao mês de dezembro. Suspensa, só apareceu o nº 10 em junho de 1951, aumentada para 28 a quantidade de páginas, assim continuando. Permaneceu o desenho da capa, mudando de homenageado em cada edição.

A matéria da América constituia-se de comentários e noticiário sobre às atividades sociais e desportivas do Clube, sempre ilustrados. Apareciam com artigos assinados: Costa Júnior, capitão Boanerges Pedrosa de Vasconcelos, Joca de Lira

Ferreira, Haroldo Praça, capitão Darcy Ursmar Villock Viana, Zésilva, Lord White, Yeda Jucá, Arnaldo Dourado, Évio de Abreu e Lima, Eldenor Moraes, etc.

Ocorriam seções como “Novas e Velhas”, de humorismo; “Sociais”; “Esportes da Inteligência”, de charadas e palavras cruzadas, a cargo de Radge; “Atos da Presidência”, “Cartas à Redação” e alguns anúncios.

Terminou a existência do magazine com o nº 13, datado de outubro/novembro de 1951 (Bib. Púb. Est.).

O AMBULANTE - Órgão de Defesa da Classe - Entrou em circulação a 1º de maio de 1950, obedecendo ao formato de 32x23, com quatro páginas de quatro colunas. Redação instalada à rua Vidal de Negreiros, 3, 1º andar. Diretor-responsável - Benedito J. Ximenes. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

“Dedicado aos interesses de uma classe - lia-se no artiguete de abertura - O Ambulante será um defensor intransigente e incorruptível dos direitos a que fazem jus, pelo seu trabalho honesto e digno, todos os comerciantes ambulantes desta terceira cidade do Brasil”.

A primeira página apareceu ilustrada, ocupando-a, em parte, um comentário patriótico sobre o Dia do Trabalho, lendo-se ao centro: “Ambulante! sou o órgão da tua defesa. Ajuda-me e eu te ajudarei!”

O nº 2 circulou no dia 23, impresso em tinta azul (baixou o preço do exemplar para Cr\$0,50), dedicando uma página ao noticiário das festividades da classe, efetuadas a 1º de maio.

Em sua curta existência (pois não voltou a ser publicado), O Ambulante constituiu-se uma voz diligente e ativa da classe, clamando pelo seu direito de subsistência. A par da matéria redacional, inseriu artigos de Jandari Leitão, Dagoberto Fernandes Pires, Aníbal Simões e conto de Telha de Freitas (Bib. Púb. Est.).

O VIGOROSO - Órgão dos funcionários da Sydney Ross Company (filial do Recife) - Surgiu em maio de 1950, para distribuição interna, com oito páginas de papel ofício, mimeografadas. Direção de Artur Ribeiro de Sena e Bartolomeu Carrazzoni.

Apresentou programa noticioso e humorístico, para ser publicado mensalmente. Uma página especial intitulava-se “Contos, Poesias e Artes”; outra era de “Humor”; mais a “Crônica Social”; “Página Feminina”, sob a direção de Ligia Tenório; máximas, perfis, etc.

Fora a produção dos diretores, o primeiro dos quais também usando o pseudônimo Maurício Júnior, o periódico inseria colaboração de Áureo Carneiro Lins, G. P. Barreto, Emery Johnson, J. Nogueira, Dom Pedrito, Eurico Sousa, Emepê, Airton, Francis C. Rabelo, J. Aquino e Orija Sisas, ou seja, Jairo Campos Assis e o Coruja.

Depois do nº 5, a circulação sofreu alguma irregularidade. Atingiu o nº 9 em maio de 1951, quando saiu impresso tipograficamente da oficina do Diário da Manhã, em elegante formato de 48x32, quatro páginas, algo ilustrado. A par da matéria já mencionada, inseriu seção de “Palavras Cruzadas”.

Suspenso ou não, inexistem edições subsequentes, salvo um número mimeografado, de seis páginas, o reverso em branco e sem data de espécie alguma. Deve ter circulado em princípios de 1953, reaparecido, conforme nota editorial, depois de por “algum tempo” haver estado “fora de ação”. Provavelmente não continuou, em face da alegada falta de cooperação (Colec. Jener Alencar e Bib. Púb. Est.)¹.

ANUÁRIO SANJUANESCO - Saiu a lume em junho de 1950, no formato de 27x18, com 30 páginas, inclusive a capa, a cores, ilustrada com estampa de São João. Diretor e redator-chefe - Hostiniano de Moraes; gerente - Israel de Castro. Impressão da tipografia d' A Tribuna e redação na rua 24 de Maio, 28. Preço do exemplar Cr\$ 4,00

Vinha prestar, conforme a nota intitulada “Caros leitores”, viva homenagem ao São João pernambucano, no felicíssimo Ano Santo”.

A par de uma série de Sortes, inseriu colaboração de Bartolomeu Santos, Dercilos Castelo Branco, Albino Buarque de Macedo, Judite de Castro Maranhão, Jaime de Santiago, Taumaturgo Bonfim, Israel de Castro, José Fernandes Pires e outros, incluindo transcrições. Mais algum noticiário e grande quantidade de anúncios (Bib. Púb. Est.).

BATEPAPO... - Mensário dos Rádios-Amadores de Pernambuco - Surgiu no mês de junho de 1950, obedecendo ao formato de 23x16, com 28 páginas de texto, papel acetinado e capa em

¹ Só dois comprovantes existem na Biblioteca Pública do Estado.

couchê, ilustrada, em duas cores. Organizadores - Carlos Palmeira Valença, Aminadab Melo, Fernando Azevedo e Ems Alves Weyne Vieira; dirigentes - todos os PYS de Pernambuco; correspondentes - onde quer que se encontre um radioamador. Redação e administração: rua Tenente Antonio João, 61.

No editorial sob o título “Uma apresentação”, depois de algumas digressões a respeito da iniciativa da fundação do magazine, acentuou o articulista: “Batepapo... tem como fim precípua difundir o radiomadorismo como escola de civismo, como fator de cultura, enfim, como reserva de brasilidade”. Era “mais um traço de união entre os diversos PYS espalhados pelos rincões indetermináveis do nosso território”.

Distribuída gratuitamente, sob o regime de contribuições, teve que mudá-lo a partir do mês de agosto, estabelecendo a seguinte tabela a assinaturas: 12 meses Cr\$48,00; 24 meses Cr\$ 90,00 Número avulso Cr\$ 4,00 Ausentou-se, então, o redator Azevedo e foi organizada a firma proprietária: “Revista Batepapo Ltda.”

Assim se dividia a matéria: “Batepapo noticioso”; “Batepapo humorístico”; “Batepapo oficial”; reportagens, crônicas e comentários, a cargo não só dos diretores, mas de Oleno Ramos, Francisco de Almeida Lima, Joaquim de Sousa Neto, Zeferino Veloso e Aguinaldo Esteves. Alguns anúncios serviam para ajudar as despesas de impressão. Manteve a média de páginas inicial, a capa sempre ilustrada com fotogravuras.

Apesar da regularidade com que vinha circulando e dos prognósticos alimentação, não pode alongar-se a existência do magazine especializado, que findou com o nº 6, de novembro de

mesmo ano, ficando por concluir a inserção do trabalho “Como projetar pequenos transformadores” (Bib. Púb. Est.).

A MARRETA - Órgão Independente, do Colégio Osvaldo Cruz - Dedicado a brincadeira juvenis, circulou sem data, com quatro páginas de pequeno formato, duas apenas datilografadas. Anunciou vender-se o exemplar a Cr\$0,50 “tabelado pela COAP”.

Sem maior interesse, deve ter ficado no primeiro número (Colec. Osv. Araújo, Fortaleza, Ceará).

BANCÁRIA NORDESTINA - Apareceu datada de julho/agosto de 1950, em formato de 30x22, com 32 páginas de papel couchê, inclusive a capa, ilustrada por Zuleno Pessoa. Diretores - Edson Campos e José Cisneiros; redatores - Luiz do Rego Lima e Albino Buarque de Macedo. Escritório e redação no Edifício Seguradora, sala 403. Assinatura anual Cr\$ 150,00

Defenderia, segundo o extenso editorial intitulado “O nosso aparecimento”, não só a classe bancária, “mas também o comércio e a indústria, sinônimos de bem estar e da prosperidade de um país...”

Toda a matéria da edição constou de notas econômicas e financeiras, literatura paga, assim como páginas sociais ilustradas e anúncios.

Bem compensada do “esforço” empreendido, não voltou a equipe publicitária a editar a revista (Bib. Púb. Est.).

MEMORANDUM - Órgão da Associação Atlética Banco do Brasil - Iniciou sua existência com o número correspondente a julho/agosto de 1950, sob a direção de Solyr de Miranda Pontes, tendo como redatores Milton Persivo Cunha, Gastão de Holanda, Joaquim José de Farias Neves Neto, Osman Lins e José de Moraes Pinho. Formato de 27x19, 56 páginas de texto, em excelente papel, mais a capa em cartolina branca.

Memorandum não seria “apenas o órgão de uma classe, senão também o instrumento de aproximação desta classe, com todos os que pensam e escrevem”, conforme se escreveu no artigo “de fundo”. E, assim, punha-se à disposição de todos que tivessem “alguma coisa de útil a dizer”, não só funcionários da agência local do Banco do Brasil, mas também de outras agências.

Como houvesse demorado a saída da primeira edição, anunciada seis meses antes, acompanhou o volume um prospecto, no qual foram explicadas as dificuldades então enfrentadas, prometendo contorná-las mediante um trabalho mais pronto das tipografias.

Além dos redatores, divulgaram trabalhos assinados: José Laurênio de Melo, Edilberto Antunes, Hermilo Borba Filho e Claudionor H. Santos, seguindo-se amplo noticiário das atividades desportivas da AABB, fotograficamente documentadas, um calendário de informações gerais e dois estudos fotográficos, em páginas especiais (papel couchê), da autoria de Pery Sotero Pires e Abelardo Rodrigues.

O nº 2 publicou-se em agosto de 1951, impresso em tipografia diferente, também não identificada. Seguiu o mesmo

rítmo, incluída a colaboração de Asdrúbal de Assis, Ernani Borba, Berlando R. Torres, Everaldo Holanda Azevedo, Fernando Matos e Geraldo Egídio; excelente serviço fotográfico, principalmente dos amadores da AABB; desenhos, em página especial, de Milton Persivo e Telmo Lubambo e a parte noticiosa.

Anúncios precederam e encerraram o texto, como na edição anterior (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM DA FACULDADE ESTADUAL DE FILOSOFIA - Circulou com edição correspondente aos meses de julho e agosto de 1950, obedecendo ao formato de 26x16, 42 páginas de papel bouffant, mimeografadas e capa tipográfica, impressa em cartolina de fantasia, trazendo ao alto o emblema do Estado.

A aparição do órgão constituiu o corolário do funcionamento da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco) e, consoante o editorial de abertura, “uma prova concreta de sua vitalidade”.

Inseriu discurso do Governador Barbosa Lima Sobrinho; as “Apostilas de Antropologia e Etnologia”, pelo professor Estevão Pinto e programa dos diversos cursos da Faculdade.

Saiu em outubro o nº 2, incluindo oração de sapiência do professor Luiz Delgado e “Uma página do Folclorismo Religioso do Nordeste”, da lavra do cônego Alfredo Xavier Pedrosa.

O nº 3 datou de dezembro/1950 - maio/1951, elevada para 84 a quantidade de páginas, prosseguindo a divulgação das “Apostilas”, ilustradas de estampas e gráficos. Ainda um estudo

do antropólogo e etnógrafo Alfred Métraux, traduzido pelo professor Valdemar Valente e o ensaio “A obra de Amenhotep”, da aluna Maria Alice de Andrade.

Findou aí a publicação (Bib. Púb. Est.).

VARIEDADES LITERÁRIAS - Revista Mensal de Divulgação e Informações Literárias - Problemas Nacionais, Principalmente do Nordeste - Surgiu no mês de agosto de 1950, em formato de 30x23, contendo 12 páginas de papel acetinado, a capa inclusive, nela iniciado o texto da matéria. Direção e redação de Tiago Lubambo de Brito, instalado na rua Odorico Mendes, 77, Campo Grande. Preço do exemplar Cr\$ 2,00

O editorial de apresentação focalizou o desenvolvimento cultural então observado em Pernambuco, numa “verdadeira ação renovadora das idéias”, acentuando, após uma série de considerações: “É uma publicação como muitas outras”, integrada “nessa renovação, sem procurar evadir-se do espírito, verdadeira fonte criadora da inteligência e da vida”.

A edição de estréia inseriu artigos ou crônicas de Gil Maranhão, J. Nemésio, Alves de Farias Filho, dr. Bianor da Hora, Augusto Vaz Filho, José do Patrocínio Oliveira e Tiago Lubambo; transcrições; notas literárias e comentários gerais, vendo-se anúncios entremeados.

Depois do segundo número, passou a bimestral, reunindo 16 páginas. No nº 7/8, de fevereiro/março de 1951, ficou a direção assessorada de dois redatores: José do Patrocínio Oliveira e Maurítônio Meira, que emprestaram mais vigor à parte literária de curiosa revista, boa informadora dos eventos que

envolvessem nomes de escritores regionais. O custo do exemplar elevava-se para Cr\$3,00. Foram outros colaboradores: Monteiro de Albuquerque, Francisco Valois, J. M. Fontes, Guiomar Cunha Barreto, Jurandir Gomes, Agnaldo Pontes, Luis Barbosa Passos, Rui de Moraes e Silva, Dagoberto Fernandes Pires, Heronides Coelho Filho, Dulce A. Siqueira, Milton Campelo, Agrício Salgado Calheiros, Jarival Cordeiro do Amaral, A. Machado, Luiz do Nascimento, etc., além de cartas e entrevistas.

Para não fugir à regra comum, Variedades Literárias teve curta existência. O derradeiro número avistado foi o 9º/10º, de abril/junho de 1951, quando anunciou, que breve, “monumental” edição de aniversário (Bib. Púb. Est.).

AURORA - Órgão Oficial da Organização Sionista Unificada do Brasil, Setor do Recife - Surgiu em setembro de 1950, numa edição de 12 páginas, formato de 30x22, bom papel, inclusive couchê na capa, esta ilustrada com uma reprodução, em fotogravura, da estátua de Polus que figura à entrada da colônia Bet Oren, no Estado de Israel. Direção e redação de Isaac Schachnik e Jaime Aberbuch, instalada à rua da Glória, 240. Impressão das oficinas gráficas da Folha da Manhã.

Seu artigo inicial focalizou “as aspirações de felicidade” criadas pela organização do Estado Livre de Israel - o lar dos judeus, seu desenvolvimento e sua projeção no seio dos povos, assim concluindo:

“Raia presentemente a aurora de uma era cheia de promessa para o povo judeu. E surge esta singela revista para ser um veículo do brado que retumba em nossos ouvidos: Barkai! Que possamos, anos em fora, levar a todos os que nos

honram com a preciosa colaboração de sua leitura, um pouco de noticiário, literatura e divulgação de interesse israelita. Este, pois, o nosso modo de expressar os votos de “Shaná Tova” aos “ishuvim” do Brasil e de Israel, comprovando com mais esta realização a sinceridade do nosso desejo de contribuir para a concretização dos votos ora proferidos”.

Aurora inseriu artigos assinados, a seção “Letras Juvenis”, uma página de humorismo, notas redacionais e alguns anúncios (Bib. Púb. Est.).

O MISSIONÁRIO - Órgão Oficial e Noticioso dos “Missionários da Fraternidade” e de Propaganda Espírita - Inexistente comprovante da edição de estréia, circulou o nº 2, ano I, em setembro de 1950, contando seis páginas, no formato de 41x29, a cinco colunas de composição. Redator-chefe - Agesilau N. Pinheiro Ramos; redator-responsável - Umberto Soares; redator-secretário - Carlos Gonçalves da Silva. Redação na Estrada do Matumbo, 331, Beberibe. Preço do exemplar Cr\$ 0,50 logo depois aumentando para Cr\$1,00

A edição homenageou Alan Kardec e Adolfo Bezerra de Meneses, dos quais inseriu traços biográficos e artigos a respeito, assinados por Lourival Sobreira e J. Batista Campos; mais “Retalhos esparsos” e “Revelações”.

Após os nºs. 3 e 4, apresentou-se o nº 5/6, de fevereiro/março de 1951, mais variado de seções especializadas, tais como: “Páginas Escolhidas”, “Resenha do mês”, “Página das Crianças” (esta veio do nº 3), sob a responsabilidade de Anibal Ribeiro; “Bibliografia”, “Crônicas do Além”, “De toda parte”, a cargo de M. da Nóbrega, etc. e artigos de colaboração.

Passou daí para o nº 6/7/8, correspondente aos meses de abril/maio/junho, tendo novo sub-título: “Órgão Noticioso e de Propaganda Espírita”, substituído o redator-secretário por Aníbal Ribeiro. Contou com a colaboração de Sérgio Varela, Alfredo Miguel e Manuel Paula Cerdeira.

Não restam outros comprovantes, se é que tivesse prosseguido a publicação (Bib. Púb. Est.).

NABUCO - Órgão Oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Recife¹ - O primeiro número foi dado à circulação em novembro de 1950, em formato de 48x30, com quatro páginas de cinco colunas. Direção de Geraldo Gusmão da Fonte; secretário - Clélio Pinheiro; redatores - Ramiro Koatz e Joaquim Farias Neves; gerente - Eraldo Silva Rego; diretor de publicidade - João Batista Castro. Impressão da tipografia do Jornal do Commercio.

Coube ao professor Manuel Aroucha assinar o editorial de abertura, em que incentivou a atividades jornalística encetada pelos acadêmicos, sempre ávidos de mais ilustração para o espírito.

Sustada a publicação, saíram o nº 2 e o nº 3, ano II, em 1951, nos meses de março e agosto, respectivamente. O diretor, que tinha assumido as funções de redator-secretário, foi substituído, no terceiro número, por Manuel de Castro Monteiro, e tomaram o lugar dos redatores fundadores os acadêmicos Mote

¹ Atual Universidade Federal de Pernambuco.

Strambosky e Augusto Pinheiro Toscano de Melo, sendo extinto o cargo de diretor de publicidade.

A par da matéria de rotina, Nabuco contou com a colaboração de José Cadete Sobrinho, Edvaldo Araújo, Clóvis Rezende, Edson Barbalho, Irene de Sousa Barros, Armando Souto Maior, Sílvio Wanick Ribeiro e outros. Boa messe de reclames comerciais.

A publicação prosseguiu em 1952, numa nova fase, da qual só resta comprovante do nº 3, ano III, datado do mês de novembro, tendo como diretor João Batista de Castro, único nome constante do expediente, junto ao da madrinha do Diretório, bacharelanda Ivone de Almeida Machado, apresentada também em fotografia da segunda página. Trabalho gráfico da Empresa Folha da Manhã, contou com a colaboração de Manuel Balbino, Marcílio Dias Beltrão, Vitor Oliveira dos Santos e poeta Raimundo Correia Sobrinho (Colec. Silva Rego e Bib. Púb. Est.).

NOTICIÁRIO DA C. I. C. T. (Inspetoria Regional de Estatística de Pernambuco) - O primeiro número circulou no segundo semestre de 1950, mimeografado em duas folhas de papel ofício, o reverso em branco. Tinha o objetivo de registrar, para circulação interna, as atividades da Campanha Ibegeana Contra a Tuberculose.

Divulgando, exclusivamente, matéria alusiva, foram assim organizadas duas edições em 1951, nos meses de março e de julho, respectivamente, não mais se publicando até o fim de 1954 (Arq. da I.R.E.P.).

SERPENTINAS - Anuário Carnavalesco - Circulou o nº 1 (e único) em fevereiro, dia 4, de 1951, no formato de 23x16, contendo 20 páginas de papel acetinado verde e capa em cartolina azul, ilustrada com fotogravura de mascarados. Direção de Luiz Rocha e Redomarck Viana, tendo funcionado a redação na avenida Dantas Barreto, 116. Distribuição gratuita. Trabalho gráfico d'A Tribuna, à rua do Riachuelo, 105.

Visava, consoante o editorial “À guisa de apresentação”, a “colaborar com os festejos momescos da capital pernambucana”.

Difundiu matéria especializada, inclusive as seções “Perfis carnavalescos”, “Carnaval no Rádio” e “Prá chacoalhar...”; crônicas assinadas pelos diretores; letras de canções da época; ilustrações e boa quantidade de reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

TRIBUNA SINDICAL - Órgão Oficial da Empresa de Publicidade e Orientação Sindical - Circulou, pela primeira vez, a 15 de fevereiro de 1951, em formato de 48x30, com quatro páginas de seis colunas. Direção: presidente - Manuel Tavares das Chagas; secretário - Natanael B. do Vale; gerente - Diógenes Wanderley; tesoureiro - Pedro Malta, com redação à rua da Concórdia, 829. Impressão da oficina da Folha da Manhã, à travessa da Madre Deus.

De cunho “nitidamente sindicalista”, segundo o artigo-programa, não tinha nenhuma tendência política; entretanto,

combateria quaisquer ideologias que pretendessem “desagregar a família brasileira ou atentatórias ao regime em que vivemos”.

Estreou com retratos do presidente Getúlio Vargas e do governador Agamenon Magalhães na primeira página, ladeados por artigo de Antonio Tôrres Galvão.

Publicação indeterminada, o nº 2 saiu a 13 de maio; o 3º no dia 10 de agosto e o 4º (e último) a 23 dezembro.

A par de relatórios, balancetes, noticiário sindical e anúncios, divulgava artigos dos diretores e de A. Rodrigues de Meneses, J. Queiroz, Wilson de Barros Leão, José Emídio Lima, Moacir César Baracho e dr. Floriano Barbosa. Para compensar a rigidez sindical, apareciam poesias de Siqueira Bastos, Zurita Falcão, etc. (Bib. Púb. Est.).

O MALHETE - Órgão Oficial do Grande Oriente de Pernambuco - Começou a publicar-se no dia 6 de março de 1951, obedecendo ao formato de 47x33, com quatro páginas de seis colunas. Diretor-responsável - Jaime de Oliveira; redator - Berguedof Eliot; secretário - Raul Lins, funcionando a redação na praça Joaquim Nabuco, 81, 1º andar. Assinatura anual Cr\$ 24,00; com porte simples Cr\$ 30,00; por avião Cr\$ 48,00 Trabalho gráfico da oficina da Folha da Manhã.

Do editorial de apresentação, intitulado “Nosso fim”, constaram os tópicos a seguir: “Como os seus confrades de outros Orientes, O Malhete de Pernambuco propõe-se a difundir o ideal maçônico e a manter um intercâmbio dos mais saudáveis entre os obreiros deste Oriente e dos demais do Brasil. Não se

compreende um movimento com a extensão e profundidade da Maçonaria sem esse comércio de idéias e de princípios”.

“...fiel ao seu nome, ele manterá atentos todos os maçons deste Oriente, para que, ao primeiro chamado, possam prestar ao ideal democrático o serviço que lhes for distribuído”.

A edição de estréia, a par de artigos redacionais, deu ampla cobertura, noticiosa e fotográfica, à homenagem da Maçonaria ao governador Barbosa Lima Sobrinho, quando da solene entrega da medalha Rui Barbosa, com a qual foi S. Exa. agradecido pelo Grande Oriente de Pernambuco.

O segundo número, em formato excepcionalmente reduzido a cinco colunas de composição, publicado a 21 de abril, homenageou o protomártir Tiradentes.

Decorrido pouco mais de um ano, veio a sair o nº 3, ano II, a 13 de maio de 1952, prosseguindo a publicação, mensalmente, até o nº 9, de 15 de novembro, terminada aí a atuação do redator Berguedof Elliot.

Circulou a edição subsequente - nº 10 - no dia 24 de junho de 1953, quando foi transferida a redação para a rua Conde da Boa Vista, 145, só aparecendo o nº 11 no dia 21 de abril de 1954, para não mais voltar à tona.

A par de editorias, reportagens e noticiário em torno dos acontecimentos e feitos da Maçonaria, O Malhete divulgou, ocupando espaço de várias edições, a Constituição do “Grande Oriente de Pernambuco”; a produção “Estudos”, de Osvaldo Alecrim: excerto de conferência de Aderbal Galvão; artigos

assinados por Jaime de Oliveira e Raul Lins e páginas de homenagem a elementos de projeção nas ordens maçônicas. As edições variavam entre quatro e seis páginas, ilustrando a matéria abundante clicherie. Também alguns anúncios (Bib. Púb. Est.).

HELIOS EM REVISTA - Apareceu em março de 1951, no formato de 24x15, contendo 16 páginas, mais a capa, impressa em papel couchê, ilustrada com fotografia sob a legenda “Momo visitou o Hélios”, sendo o desenho do cabeçalho, em amarelo-azul, executando por Pedro Ivo de Campos Neto. Diretor-redator Antonio Albino Pinheiro Marinho; diretor de publicidade - Serafim Toscano Ferre. Circulação gratuita entre os sócios do Hélios Clube. Impressão da tipografia da Folha da Manhã.

Constou da “Apresentação” o tópico: “Para a frente, helianos! Este será o nosso lema. A nossa diretriz. Não recuaremos diante dos obstáculos. Não retrocederemos nas horas más. Caminharemos, confiantes e destemidos, até alcançarmos o clímax das nossas realizações sociais”.

Além das produções, em prosa e verso, do diretor-redator e do noticiário social, escreveram na edição: Helena Valença, Maria Faneca, Carmem Vaz de Oliveira, Nilu e Zonlei. Clicherie e anúncios.

Circulou o nº 2 em setembro e o nº 3 passou para março de 1952, exibindo fotografias de saraus dançantes na capa, sempre utilizando tinta azul, inclusive nas páginas do texto. Sem mais alterações, acrescentaram-se à equipe de colaboradores os nomes de Isnar de Moura, Terezinha Jalfim, F. Barbosa, Toinha Guerra Barbosa, Maria das Graças Santos Leite, Carmencita, Katty e Zoé (pseudônimo de Helena Valença).

Não voltou mais à tona (Bib. Púb. Est.).

RHODIA-MIRIM - Boletim do Grêmio Dr. Marc. de Sépibus - Entrou em circulação no mês de março de 1951, obedecendo ao formato de 32x23, reunindo seis páginas de quatro colunas. Diretor - J. C. Mendes Pereira; redator-chefe - J. P. Cavendish. Redação à rua da Assembléia, 1. Confecção material da Empresa Diário da Manhã S/A, à rua do Imperador, 227.

Tratava-se, ao que referiu longo artigo de abertura intitulado “Rumos”, de uma iniciativa dos funcionários da Companhia Rhodia Brasileira no Recife, constituindo o nome do Grêmio uma homenagem a personalidade de escol da família rodiana. Cingir-se-ia publicar tudo o que se relacionasse às atividades da instituição. Nenhuma feição política ou religiosa.

Publicou-se o nº 2 no mês subsequente; mas o nº 3 só apareceu em setembro. O nº 5, ano II, dedicado à VII Convenção Brasileira de Farmacêuticos, realizada no Recife, saiu no mês de julho de 1952, tendo Cavendish passado à função de diretor, ao passo que era admitido, feito redator-chefe, Júlio A. de Siqueira.

Foi último manuseado o nº, ano IV, de 3 de novembro de 1954, já transferida a redação para o 4º andar do edificio Inalmar, à avenida Dantas Barreto. Nova turma responsável: diretor - A. E. Carvalho; redator-chefe - J. P. Valadares; redator e gerente - Lindolfo Mascarenhas.

A par da matéria específica, noticiário e seções recreativas, Rhodia-Mirim teve a colaboração, também, de A.

Cavalcanti, Rubem Andrade, A. O., Roa, Scipião, Jades e Oldman (Bib. Pú. Est.).

BOLETIM FISCAL - Publicação bimestral da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda - Circulou o nº 1, ano I, datado de março/abril de 1951, com 37 páginas de papel ofício, mimeografado, o anverso em branco, sendo impressas tipograficamente a página de rosto e as da capa cartolinada. Fundador - Irineu de Pontes Vieira, secretário da Fazenda.

O artigo “Apresentação” aludiu à necessidade que se fazia sentir da publicação de um boletim para “esclarecer mais facilmente os interessados, difundindo, ao mesmo tempo, não só os atos administrativos pertinentes a assuntos fiscais, como ainda decisões e acórdão do Conselho de Contribuintes e dos demais órgãos fazendários que virão formar a jurisprudência dos assuntos que lhe não próprios”.

Embora se tratando de matéria publicável no Diário Oficial, “Boletim Fiscal o trabalho organizado e catalogado, de molde a facilitar a procura terá, por certo, melhor orientação do que a que é comum às colunas do órgão oficial. Ainda mais. Se é desprezioso o Boletim e se não é seu fim precípua a publicação de trabalhos especializados, é evidente que, ainda assim, eles poderão surgir, e certamente surgirão, quer sejam da autoria de funcionários, quer, ainda, de estudiosos da matéria que, pelo fruto da observação e dos seus conhecimentos econômico-financeiros, queiram colaborar no estudo de problemas que são, muitos deles, de vital interesse para a vida social-administrativa do Estado”.

Concluiu formulando o desejo de que fosse estabelecido “um elo de boa-vontade e de cooperação entre todos - estudiosos, representantes das classes produtoras e burocratas esclarecidos - no intuito de um fim comum, subordinado apenas ao lema de trabalho por Pernambuco”.

Dividiu-se assim o sumário da edição de estréia: Legislação - Portarias - Jurisprudência e Pareceres - Assuntos Diversos, incluindo artigo assinado por Liberalino Pires de Almeida.

A partir do segundo número, o Boletim foi integralmente confeccionado nas oficinas da Imprensa Oficial, utilizando papel de linho, no formato de 28x21, com 58 páginas e o mesmo tipo de capa. Acrescentou ao sumário as seguintes matérias: Doutrina - Comentários - Arrecadação orçamentária do Estudo - Conselho de Contribuintes, etc., melhorando, dessa forma, de edição para edição, o seu conteúdo. Apareciam artigos assinados por Gomes Maranhão, Mauro Mota, A. Gonçalves de Oliveira, Francisco de Sousa Matos, Oscar Ribeiro Filho e outros.

Com a devida regularidade, circularam durante o ano cinco edições, a última das quais datada de novembro/dezembro, com 90 páginas.

Seguiu-se a publicação em 1952, mas em caráter trimestral, com edições bem mais volumosas, chegando a atingir 154 páginas. Na capa entrou a figurar, invariavelmente, o clichê do edifício da Secretaria da Fazenda.

Continuou em 1953, vindo a circular conjuntamente os n.ºs. 11 e 12, correspondendo aos meses de setembro a

dezembro, sempre ostentando papel superior e elevada quantidade de páginas.

A revista manteve em dia as seções programadas, contando com a colaboração de nomes em evidência em assuntos administrativos ou de doutrina e legislação ¹ (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DA MIRUEIRA ² - Declarando-se “feito e expedido por pessoas sadias”, surgiu no dia 29 de abril de 1951, mimeografado, seis páginas, formato de 31x22, a duas colunas largas. Diretor - Nilton Ribeiro Tenório; secretário - Ivaldo Brissant. Redação na Colônia da Mirueira (depois denominada Colônia Padre Antonio Manuel)

O artigo de apresentação, assinado por Gervásio Melquiades, focalizou a assistência social como programa de governo, o aperfeiçoamento da personalidade através da educação e da solidariedade humana. Tal o programa que o jornal se propunha a defender.

“Porta-voz dos colonos - lia-se noutro artigo, firmado por R. P. - nele poderemos ‘descarregar’ nossas máguas, nossos desejos latentes, invocar aos ‘deuses do Olimpo’ para que nos aliviem um pouco das dores físicas. Nele também poderemos ‘destilar’ a nossa ‘verbe’, decantar em versos parnasianos ou

¹ Só voltou a publicar-se depois de alguns anos.

² No histórico Hospital dos Lázaros fundara-se, anos antes, o jornal manuscrito O Esforço. Depois, apareceu, nas mesmas condições, O Esparro, de caráter humorístico. Ambos de vida efêmera. Com a instalação da Colônia, publicou-se O Furo, de número único. Seguiu-se, algum tempo após, O Imparcial, datilografado, mas de âmbito local e igualmente efêmero. Deles não resta nenhum comprovante.

modernistas os nossos lamentos e as nossas queixas recalçadas”. Outras produções e noticiário completaram a edição.

Proseguiu, cada quinzena, com quatro páginas, até o nº 14, de fins de dezembro.

Com o sub-título “Órgão Defensor dos Interesses dos Hansenianos”, apareceu A Voz da Mirueira, em seu nº 15, ano II - a 29 de abril de 1952, acrescentando ao corpo redacional o nome do dr. Medeiros Dantas (então diretor da Colônia), na qualidade de diretor-técnico. Começou, assim, nova fase, passando a imprimir-se tipograficamente, na oficina da “Editanobras”, à rua Aníbal Falcão, na Capunga, utilizando papel especial. Formato de 37x25, a quatro colunas de composição. Assinaturas: anual Cr\$ 30,00 semestral Cr\$ 20,00 custando Cr\$1,00 cada exemplar.

O artigo de abertura obedeceu ao título “Um ano de atividade”. Nele, o diretor-responsável Nilton Tenório (prefeito da Colônia) aludiu às “dificuldades tremendas” enfrentadas e ao papel relevante dos jornais editados em Sanatórios, acentuando que A Voz levava aos quatro cantos do país a voz de alerta, numa batalha esclarecedora; daí “o aparecimento de outros órgãos congêneres no sul do Brasil”.

Passou então a folha a circular com interregnos, ora de um, ora de dois meses. O redator-secretário foi substituído por Ícaro Leal. Ainda entrou para a gerência Pierre Sastre (pseudônimo de Pedro Sorrentino) e, na última edição, apareceu um diretor comercial: Hildebrando de Andrade Lima. Manteve colaboração de Potiguar Dantas, Petronius Perini, Brasil Lisboa, Otávio Alceste (como se ocultava Francisco Cisneiros), Lincoln

Leblon (ou seja, Ari Batista), Aristeu Vieira, Jaime Silva, Zila Mamede (prosa e verso), dr. Jorge de Sá, Maria do Socorro Maranhão, dr. Artur Coutinho, etc., além de constante produção da equipe redacional, sem faltar apreciável serviço noticioso das atividades da instituição.

Circulou até o nº 20, datado de 2 de novembro de 1952, após o que mudou a denominação para O Momento (ver pág.) (Bib. Púb. Est.)¹.

AVANTE - Órgão da Juventude Estudantil - Único comprovante encontrado: nº 3, ano I, datado de abril de 1951, contando 12 páginas no formato de 24x15, inclusive a capa. Redatoras - Zaida Cavalcanti, Ivalda Japiassu, Evangelina Angeiras e Joventina de Sousa. Edição dedicada à Páscoa, inseriu matéria exclusivamente religiosa. Abriu concurso, entre leitoras, para a escolha do “Melhor Conto”(Bib. Púb. Est.).

JORNAL UNIVERSITÁRIO - Órgão dos Estudantes Superiores do Recife - Apareceu o nº 1, ano I, datado da 1ª. Quinzena de maio de 1951, em formato de 48x33, a seis colunas de composição, com seis páginas. Propriedade da “Associação do Jornal Universitário do Recife”, com redação provisória na Faculdade de Direito, tinha como redatores - Carlos Frederico Maciel, Paulo André S. Dias da Silva, Valdmir Pugliesi e Heraldo Rego (este só até o segundo número). Trabalho gráfico da Empresa Diário da Manhã S/A. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Lia-se no artigo “A que viemos”: “Este jornal surge como uma comunhão de esforços. É autônomo, justamente para

¹ Acha-se desfalcada a coleção, na parte mimeográfica.

pertencer a todos, em pé de igualdade. Não está a serviço de política partidária, nem de interesses econômicos, senão dos altos ideais que norteiam os estudantes. O que servirá para delimitar o âmbito dos debates e da pluralidade de opiniões, sem se deixar utilizar, inocentemente, pelos oportunistas, demagogos, totalitários ou os sem princípios. Aqui estarão as notícias e se travarão os debates em torno à vida pública e administrativa estudantil, centralizada pelos Diretórios Acadêmicos”.

Dedicava apreciável espaço ao movimento das Faculdades e às organizações estudantis católicas, no intuito “de desenvolver a vida espiritual e a cultura religiosa da classe”. Mais adiante, advertiu: “Precisamos de colaboração: em dinheiro, em publicidade, que é fonte subsidiária para a receita; em reportagens, noticiário, entrevistas; e sobretudo em artigos, poemas, contos, desenhos”.

Escreveram, inicialmente, no Jornal: J. Correia de Carvalho e Carlos Frederico Maciel, que abordavam problemas acadêmicos; Arlindo Albuquerque, assinando a seção “O que se lê e quem escreve”, e outros. Abriu a segunda página “Estilo de Vida Cristão”.

Proseguiu, nem sempre quinzenalmente, conforme programara, ora com seis, ora com oito páginas; incluído amplo noticiário, principalmente desportivo, “Passatempos” e boas reportagens. O nº 4, publicado na 1a. Quinzena de agosto, foi dedicado à I Semana de Estudos Jurídicos. No nº 8 criava-se a seção “Literatura e Artes”, encerrando-se “a primeira jornada” ao circular o nº 10, datado da 2a. Quinzena de novembro.

Sem interromper a numeração, voltou o Jornal Universitário na 1ª. Quinzena de março de 1952, edição dedicada aos calouros, com apenas quatro páginas, devido à “crise financeira”. Aumentou-as para seis na edição correspondentes ao mês de abril. Tomou, aí, posição de combate, consoante nota destacada, discriminando: “Acusamos o império da fila em nossas Faculdades - Acusamos o império do pistolão nos vestibulares - Exigimos dos professores o cumprimento do dever - Denunciamos os abusos - Combatemos o espírito de anarquia”, todos os itens devidamente justificados.

O nº 13, do mês de maio, comemorou, modestamente, o primeiro aniversário da fundação. Mais duas edições e começou “nova fase”, segundo o respectivo artigo redacional, publicandose o nº 16 em abril de 1953, ano II, sob a direção de Fernando de Vasconcelos Coelho. Focalizou, particularmente, a “conquista dos estudantes superiores do Recife”, constituída pela criação do Clube Universitário e as eleições para a substituição do Diretório Acadêmico de Direito.

Decorridos um ano de ausência, tinha início uma “segunda fase” (terceiro, isto sim), o que fez com o nº 1, ano I, de 16/31 de maio de 1954, sob o patrocínio do Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Recife (atual Universidade Federal de Pernambuco), União dos Estudantes de Pernambuco e Clube do Estudante Universitário de Pernambuco. Redação e direção à avenida Rui Barbosa, 39. Conselho Diretivo - José Cadete Sobrinho, Egídio Ferreira Lima e Fernando de Vasconcelos Coelho; diretor-responsável - Bento José Bugarin; secretário - Antonio Carlos C. Amaral; redator-chefe - Itamar Vasconcelos; corpo de redação - José Souto Maior Borges, David Azoubel Neto, Maria da Conceição Queiroz Monteiro,

Lucian Salgado Correia, Júlio de Melo Filho, José Wanderley Carvalho, Vamireh Chacon e Fernando de Vasconcelos Coelho.

Voltava “após vários meses de interrupção”, acrescentando o artigo de abertura: “O programa será o mesmo, apenas os novos diretores pensam em dar um caráter mais amplo ao periódico, uma vez que na primeira fase houve uma preocupação doutrinária de fundo religioso, em virtude da direção estar entregue a elementos pertencentes à Juventude Universitária Católica”.

O nº 2 desse último período circulou datado de 16/31 de agosto, com alterações no corpo redacional, que ainda admitiu os universitários Nelson Nogueira Saldanha, Edmilson de Vasconcelos Pontes, Nilton da Silva Combres, Ari Rushansky, Enildo Galvão e Jonas Ferreira Lima.

No decorrer de sua existência, o bem feito órgão acadêmico, além das produções do pessoal da casa, divulgou trabalhos assinados por Moacir Lacerda, Roque de Brito Alves, Valdmir Pugliesi, José Adolfo Pereira Neves, Ceci Maciel, Neusa Lemos, Dilson Meira, Germano de Vasconcelos Filho, Jorge Abrantes, Maria do Socorro Jordão Emerenciano, Aduino Pontes, Olímpio Bonald, Telmo Frederico Maciel, Samuel MacDowel Neto, professores Luiz Delgado e Olívio Montenegro, Carlos Pena Filho, Rui Xavier Bezerra, Edson R. Lima, Paulo Rosas, Edmir Domingues da Silva, Heraldo Pessoa Souto Maior, Aloísio Aragão, Rubem Franca, Sônia Veloso, Jerson M. Neto, Luciano da Hora, Mário Alves de Sousa Melo, etc.

Após o segundo número de 1954, o Jornal Universitário não deu mais sinal de vida (Bib. Púb. Est.).

PUBLICAÇÕES AVULSAS DO INSTITUTO AGGEU MAGALHÃES - Órgão técnico científico, apareceu - vol. I, nº 1 - a 18 de maio de 1951, em formato de 26x18, com oito páginas. Trabalho gráfico da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82. Direção de Frederico Simões Barbosa; redator - James E. Dobbin Jr.

Continuou, com crescente quantidade de páginas, ilustradas de gráficos e fotografias, cada edição contendo um único trabalho de pesquisa, de diferentes colaboradores do Instituto Ageu Magalhães.

Terminando o ano com o nº 6, de 15 de novembro, ficou suspenso o periódico, só aparecendo o 7 no dia 5 de agosto de 1952, estendendo-se até o nº 13, de 28 de outubro. Reuniu, assim, o vol. I um total de 162 páginas, fora as de fotogravuras, destacadas em papel couchê.

O vol. II agrupou os nºs. 1 a 11, de 5 de janeiro a 3 de dezembro de 1953, perfazendo 162 páginas. O III começou com a edição de 17 de fevereiro de 1954, terminando com a de 14 de dezembro: 136 páginas.

Foram autores dos trabalhos divulgados: Frederico A. Simões Barbosa, James E. Dobbin Júnior, Bento Magalhães Neto, Luiz Inácio de Andrade Lima, Gervásio Melquiades da Silva, Barros Coelho, Arlindo Elói Vieira, Osvaldo Barbosa Calado, Jandira Gonçalves de Moraes, Arildo Marinho de Almeida, Marcelo de Vasconcelos Coelho, Eridan M. Coutinho e

José Teixeira de França ¹ (Bib. Fac. Med. e Bib. Acad. P. de Letras).

O GRÁFICO ² - Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Recife - O n° 1, ano I, circulou a 1° de maio de 1951, em formato de 33x24, com quatro páginas de quatro colunas, trabalho das oficinas do Diário da Manhã, à rua do Imperador, 227, com redação à mesma rua n° 370, 1° andar. Diretor - Severino de França; secretário - Edvaldo Rátis; gerente - Sindulfo Correia Josué. Distribuição gratuita.

Lia-se no editorial “Novos rumos”: “Seremos um jornal para a defesa dos interesses da classe. Para refletir o nosso pensamento. Para abrir a discussão dos problemas que mais nos preocupam e encontrar as perspectivas capazes de resolve-los, melhorando o nosso nível de vida e o bem estar das nossas famílias. E, acima de tudo, para não permitir que continue a falta de respeito aos nossos direitos”.

A segunda parte do artigo homenageou os “heróicos trabalhadores que, em Chicago, souberam, com sacrifício de suas próprias vidas, escrever uma página de glórias para a classe operária”. E concluiu: “Façamos éco aos heróis: Trabalhadores, univos!”

Outro editorial ocupou-se do Dia do Trabalho, assunto também focalizado por Stanislau de Sousa. Comentários

¹ As Publicações prosseguiram em 1955.

² É o segundo jornal com este título publicado no Recife. O primeiro, aparecido em 1928, teve, entretanto, vida efêmera: saíram , apenas, dois números - a 30 de setembro e a 24 de novembro (Ver “Imprensa Periódica do Recife”, vol. VIII).

diferentes abordaram temas específicos, de interesse da classe, tais como a padronização das categorias, o imposto sindical, preços de jornal, greves, etc.

Por circunstâncias que não foi possível identificar, ficou suspenso O Gráfico. Reapareceu, em nova fase, apresentando outro nº 1, ano I, no mês de abril de 1953, contendo seis páginas, mudado apenas o corpo redacional, que ficou assim contituido: diretor - Albérito José Ferreira Silva; secretário - Elias J. Cavalcanti; gerente - Hamilton Álvares de Azevedo.

“Queremos nesta nova fase de vida - explicou o editorial “Nossa função” - guiar os nossos colegas pelo caminho mais claro a seguir, procurando, antes de tudo, a fórmula que os aproxime da classe patronal, indubitavelmente mais forte do que a dos trabalhadores, fazendo assim com que haja compreensão entre as classes que mutuamente se precisam”.

Noutro tópico: “Não adotaremos dogmas nem partidos políticos, quer sejam da esquerda ou da direita. Não pediremos senão aquilo a que temos direito. Não queremos lançar mão das reservas econômicas da classe patronal. Também, combateremos a exploração do homem pelo homem nas mais variadas formas por que se apresentam”.

Dirigindo-se à classe gráfica, esperava, “como recompensa, a compreensão”.

Seguiu-se a publicação, mensal até o mês de novembro, depois bimensal, bastante noticiosa e colaborada por elementos da classe, ora com quatro, ora com seis páginas, lisonjeiro

aspecto material, as letras do título substituídas, desde o nº 3, por artístico clichê em zincografia.

De sua matéria constavam: campanhas pró-aumento de salários e pelo salário profissional para os gráficos; apoio à Federação Nacional dos Gráficos; cobertura do movimento sindical e das atividades do Teatro dos Gráficos; divulgação de balancetes do Sindicato; a enquete “Devem os Sindicatos representar-se nos Parlamentos?”; concurso para a escolha da Rainha dos Gráficos; eventos sociais, inclusive crônicas, esporádicas, assinadas por Caravela, e alguma clicherie.

Ainda no nº 3, o redator-secretário foi substituído por Januário Cláudio Pires; este, no nº 7, por Salvador Ferreira e este último, no nº 11, por Edvaldo Rátis, quando também apareceu novo gerente - Manuel Inocêncio de Lima. Sempre firme o diretor Albérico Silva, signatário, usando as iniciais, da seção “Comentando...”

A par das produções da equipe redacional, tinha como colaboradores, eventuais ou não: Arnaldo de Holanda Cavalcanti, Sindulfo Correia Josué¹, Rozendo Leal, Aloísio Melo, Leonel Borba, Wilson Carvalho da Silva, Brasil Campelo, Guilherme Santiago, Severino França, Severino Ramos de Andrade, Generino Monteiro, T. Delgado, Lídio Guimarães, Fanuel Costa, Antonio Paes de Andrade, Antonio Stanislau de Sousa², Arnaldo Pinheiro, etc.

¹ Em seu primeiro artigo, na edição de estréia, Sindulfo Correia focalizou os gráficos como precursores da assistência social no Brasil.

² Elementos de proteção na classe. Paes de Andrade e Stanislau de Souza faleceram, respectivamente, a 28 de outubro de 1953 e a 19 de maio de 1955.

O Gráfico atingiu o nº 15 com a edição de dezembro de 1954, conjuntamente datada de janeiro de 1955 ¹(Bib. Púb. Est. e colec. Sócrates P. da Silva).

TRIBUNA POLÍTICA - Um Semanário que Noticia e Comenta com Imparcialidade - Surgiu no dia 21 de maio de 1951, em formato de 50x31, com oito páginas de seis colunas. Diretor secretário - Nicolau Abrantes; gerente - Artur S. Maia; diretor de publicidade - Tibério Freire, funcionando a redação e gerência à rua das Flores, 36, 1º andar. Trabalho gráfico do Diário da Manhã. Assinaturas: anual Cr\$ 50,00; semestral Cr\$ 30,00 Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Serviu de apresentação a nota de N. A. intitulada “Na Tribuna da Assembléia”, abrindo a terceira página, em quadro de duas colunas. “Um dos principais pontos visados” na publicação do periódico, consistia, segundo ele, em “fugir à crítica estéril e sistemática”. Não pretendia fazer da “profissão jornalística um meio fácil de conquistar posições”. Ocupar-se-ia, doutrinamente... dos processos de divulgação dos trabalhos legislativos, repudiando “a informação truncada, o comentário desairoso e inconveniente”.

A edição de estréia encheu-se de reportagens ilustradas, entrevistas, comentários políticos, “A charge da Semana”, crônicas de Pantaguel e Neri Camelo e boa parte de anúncios.

Prosseguiu irregular a publicação do barulhento jornal, que intensificou o noticiário e criou até um Suplemento para as

¹ A publicação continuou.

seções de Rádio, Teatro, Sociedade, Desportos e Cinema, nesta última com a colaboração de Evaldo Coutinho. Edições de seis a dez páginas, nelas o diretor Nicolau Abrantes assinava comentários e ousadas reportagens. A partir do nº 2 figurou Alberto Campelo como redator-chefe. Tibério passou para a gerência e Jaime Gomes de Melo assumiu a direção do serviço de publicidade.

Último número avistado foi o 8º, datado de 20 de agosto (Bib. Púb. Est.).

FOLHA DA SEMANA - Órgão Semanário Informativo e Noticioso - O nº 2, ano I, circulou a 21 de maio de 1951, no formato de 43x27, com seis páginas e cinco colunas. Redator-Artur Rodrigues de Meneses; gerente - Diógenes Prado. Preço do exemplar Cr\$ 1,00 Trabalho gráfico d'A Tribuna. Redação no edifício Seguradora, sala 905, 9º andar.

Embora Semanário, publicou-se o nº 3 datado de 11 a 17 de junho.

Constituía-se sua matéria de comentários gerais sobre temas políticos, trabalhistas e até religiosos, contando com a colaboração de Camilo L. Martins, Agesilau Novelino Pinheiro Ramos e Moacir Câmara; a página "No Domínio dos Esportes", a cargo de Nelson Sabino Pinho e Ari Santa Cruz; notícias e anúncios.

A coleção manuseada, após extensa lacuna, acusa o nº 12, ano II, de 7 de abril de 1952, continuando a publicação, ora semanal, ora quinzenal. Alterou-se o formato, no mês seguinte,

para 50x33, a seis colunas de composição, ainda com seis páginas, para descer, algumas vezes, a quatro.

Apareceram e desapareceram, no cabeçalho, nomes de redatores, como J. Rodrigues, Paulo Matos, autor do “Roteiro da Semana”; Albérico Cavalcanti e João Bezerra Vasconcelos, enquanto A. Rodrigues de Meneses passava a proprietário, a diretor-responsável e, depois, redator-chefe. No meado do ano transferia-se a redação para a rua Direita, 276, 1º andar, e o “número circulante” ficou custando Cr\$2,00

Vasta matéria acumulava a Folha da Semana, a salientar editorial, sueltos, reportagens, noticiário e a colaboração, nem sempre continuada, de Seve-Leite, José do Patrocínio, Eduardo Rocha, Jorge Veiga, Luis Rocha (sobre “Rádio”), Floriano Barbosa, Milton Souto, Ramos d’Oliveira, Jurandir Pires, Camucé Granja, etc.

A publicação estendeu-se, pelo menos, até o nº 24, datado de 27 de julho a 2 de agosto de 1952 (Bib. Púb. Est.).

ERA NOVA - Órgão Literário e Noticioso dos alunos do Colégio Marista - Circulou pela primeira vez em maio de 1951, formato de 32x24, com quatro páginas de três colunas. Diretores: M. G. C. Gondim Neto, Manuel Guedes e Jaime Souto. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Lia-se no editorial de abertura, assinado pelo primeiro dos nomes acima: “Marcará de fato uma “nova era” nesta comunidade de jovens idealistas, pois vem ele preencher uma lacuna desde há muito existente em nosso Colégio: a falta de um jornal dos alunos, pelos alunos e para os alunos”. Depois de

franquear suas colunas a todos aqueles que se quiserem fazer escritores... e postas, frisou: “Fundamo-lo com o fim de instruir, aliando o útil ao agradável”.

Seguiu-se a publicação conforme o programa estabelecido, atingindo o nº 7 no mês de dezembro.

Recomeçou - ano II, nº 1- em maio de 1952 e, no nº 4, estampou novo quadro diretivo, a saber: Alcides M. Temporal, Carlos Canuto e Luiz Plácido Tojal. Ocorreu uma edição de seis páginas e outra de oito, que foi a última do ano: o nº 8, aparecido em novembro.

O nº 1 de 1953 saiu em abri, sob a responsabilidade de Adjenir Soares e Silva, Lúcio C. Lins e José Carlos Queiroga, respectivamente, diretor, secretário e redator, mas o primeiro deles foi substituído, em outubro, por Nildo Neri. Edições de oito e dez páginas, em papel acetinado e tinta azul.

Em 1954 circularam, apenas, quatro edições, a primeira em maio e a derradeira datada de outubro/novembro¹, tendo-se apresentado o nº 2, excepcionalmente, com 16 páginas. Novos diretores: J. C. Queiroga, Rodio Machado Gonçalves e Ernani Diniz.

Era Nova dispunha de matéria variada, constante de “Seção Literária”, “Notas Sociais”, “Esportes”, noticiário geral do Colégio, às vezes ilustrado fotograficamente, “Charadas”, humorismo, etc. Afora as produções da equipe redacional, inseria colaboração de Valdeci Carvalho, Sileno Ribeiro, J. Humberto

¹ Prosseguiu em 1955.

Farias, Francisco Cardoso, Artur de Almeida Filho, J. Caju, Drahomiro Diniz, Aluisio Araújo, José Luiz de Andrade e outros, inclusive através de pseudônimos (Bib. Púb. Est. e Col. Marista)¹.

ARAUTO - Órgão dos alunos do Colégio Nóbrega dos Padres Jesuitas - Surgiu em maio de 1951, no formato de 33x24, com oito páginas de três boas colunas, impresso em papel superior, trabalho gráfico a cargo da Imprensa Industrial, situada na rua do Apolo, 78/82. Diretor - padre Pedro de Melo; redator-chefe - padre Antoni G. Xavier; outros redatores: seção literária - Vamireh Chacon do Nascimento, Luiz de França Costa Lima Filho, Luciano Hardman, Petraca Gondra, Sálvio Costa, Alcides Codeceira, Egídio Ferraz e José Carlos Gordilho; seção desportiva - João C. de M. Vasconcelos Filho, Bartolomeu Lins, José do Rego Maciel e Marcelo Barros; seção de desenhos - Willie Dantas, Sálvio Costa, José de Anchieta, Fernando Monteiro e Américo Silva; cinema - Max Chianca e José Virgínio Gaioso Mendes; seção de fotografia - Fernando Dias, Luiz Paranhos e Reginaldo Neves; encarregados de anúncios - Fernando Antonio Rodrigues e Fernando Dias. Distribuição gratuita.

Lia-se no conciso artigo de abertura, assinado pelo diretor: "...o nosso Arauto tem uma missão a desempenhar. Deve levar, especialmente aos pais de nossos alunos, aos nossos amigos e bem-feitores, a mensagem de nossas notícias, de nossos agradecimentos, de nossas alegrias, de nossas festividades, de nossos trabalhos e esforços. Mensageiro do Nóbrega, ele deve representar os nossos anseios e ideais, despertando interesse pelo

¹ É incompleta a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

estudo, pela religião, suscitando vocações e aproveitando talentos que poderiam talvez permanecer ocultos ou na penumbra de uma aula”.

O nº 2 circulou em junho e o 3º no mês de novembro, quando o diretor foi substituído pelo padre José Aparício, aparecendo um único redator: Mário Alves de Melo.

Quatro edições saíram a lume em 1952, a primeira datada de abril e a última de outubro/novembro. Na terceira delas apareceu no cabeçalho um terceiro nome: Bartolomeu Geraldo Santiago Camelo, vice-redator.

Prosseguindo em 1953, com três números publicados, o primeiro em maio/junho, viram-se substituídos o redator e o vice-redator, respectivamente, pelo padre Expedito Teles e pelo estudante Luis de França C. L. Filho, mantida a direção anterior.

Ora com oito, ora com doze páginas, o Arauto apareceu com 20 no nº 2 do terceiro ano e com 14 no 3º e último publicado de outubro/novembro.

Apresentava diferentes cabeçalhos, ilustrados, de muito bom gosto, às vezes ocupando toda a página de frente. Matéria variada, literária e noticiosa, compunha-se de crônicas e artigos, notas recreativas e informes gerais das atividades educativas e desportivas. Entre os colaboradores, contavam-se, além dos nomes mencionados: Roberto Magalhães Melo, Zenaldo Barbosa, padre A. Mosca de Carvalho, Antonio Vítor de Araújo, José Alexandre Borges, Maviael Pontes, José Carlos Gordilho, Artur Coutinho de Oliveira, Breno Marques de Sá, padre Richard M. Brackett, Joaquim Gomes Correia de Oliveira,

Auristela V. de Araújo (“Coluna dos Pais”), Tarcísio Rabelo Cabral, Mário Petrônio D. de Freitas, etc. Bom serviço de clichê.

Não voltou a publicar-se o Arauto em 1954 (Colec. Coleg. Nóbrega)¹.

A SEMANA FORENSE - Um jornal da Justiça a serviço do Direito - Entrou em circulação no dia 4 de junho de 1951, obedecendo ao formato de 50x30, com oito páginas de seis colunas, trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã, à rua do Imperador, 227. Direção de Avertano Rocha Filho; gerente - Fernando Cavalcanti, depois substituído por Osvaldo Duarte. Redação no 3º andar no Edifício Arnaldo Bastos, à avenida Guararapes. Assinaturas: anual Cr\$96,00; semestral Cr\$ 48,00 Preço do exemplar Cr\$ 2,00

Apresentando à direita do título uma vinheta simbólica da Justiça e à esquerda um pensamento de Ruy Barbosa, a ser substituído, em cada edição, o semanário não adotou editorial de abertura, resumindo o seu programa no slogan: “Doutrina - Legislação - Jurisprudência - Crítica - Noticiário”.

Seguiu-se a publicação com regularidade, mas foi suspensa ao circular a edição de 13 de agosto, para voltar a 15 de outubro. E, a partir do nº 21, de 17 de dezembro, declarava-se “órgão oficial da Associação do Ministério Público de Pernambuco”.

¹ Na Biblioteca Pública do Estado existem, apenas, números dispersos do Arauto.

Terminado o ano, saiu o nº 24 no dia 7 de janeiro de 1952, estampando vistoso clichê do diretor Avertano Rocha Filho na primeira página, seguido de uma nota redacional, em que dizia haver completado, graças a Deus e aos juristas de boa vontade, seis meses de luta heróica na divulgação das letras jurídicas de Pernambuco, quiçá do Brasil”, adiantando: “Aos que nos hostilizam, pois, sabotando os nossos esforços, por inveja ou despeito, apresentamos os nossos mui sinceros agradecimentos, a nossa eterna gratidão e os nossos votos para que o ano de 1952 não lhes seja tão fácil na trapaça e na chicana”.

Prosseguiu, ainda com regularidade, a circulação da folha, que alentou, do princípio ao fim, sua página de Doutrina com trabalhos de valor, assinados por Aldebaro Klautau, desembargador Cunha Barreto, professor Gondim Filho, Liberalino de Almeida, coronel Roberto de Pessoa, professor Arnaldo Marques, desembargador Tomaz Wanderley, professor Evandro Muniz Neto, desembargador João Aurelino, J. Flósculo da Nóbrega, Clodoaldo de Oliveira, Aurélio de Albuquerque, Augusto Duque, Luiz Pereira de Melo, Mário Moacir Porto, Cleodon Fonseca, desembargador Severino Montenegro, Oscar Borges, Manoel Aroucha, Mário Jácome de Araújo, Manoel Ferreira Guimarães, Nelson Deodato de Negreiros, desembargador Luiz Marinho, Luiz Nóbrega, Ângelo Jordão Filho, Henrique de Figueiredo, Mário Romero, Clímaco Xavier da Cunha e Agripino F. da Nóbrega.

Arrostando com dificuldades, uma vez que, nas suas constantes oito páginas, divulgava poucos anúncios e era mínimo o contingente de assinaturas, o bem orientado periódico forense findou seus dias com o nº 35, de 31 de março de 1952 (Bib. Púb. Est.).

HORIZONTES - Órgão do Centro Acadêmico XI de Junho da Escola Técnica da Faculdade de Ciências Econômicas de Pernambuco - Embora sem data, circulou no mês de junho de 1951, em formato de 23x16, com 38 páginas, inclusive a capa, ilustrada com emblema do Comércio. Diretores - José Duarte Aguiar, José Vinhas Neto, Viollete Elza Dreyer, Leonardo de Moraes Schuler e Leopoldino Vieira de Melo, funcionando a redação na rua do Hospício, 265.

O editorial de apresentação, assinado pelo primeiro dos diretores da lista, focalizou o 35º aniversário da instituição, comemorado com o aparecimento da revista, que marcava o “início de um vasto plano de trabalho em prol do desenvolvimento cultural dos alunos da Escola Técnica”.

A par de uma página de “Retalhos”, constituída de pensamentos de homens célebres e de mais duas em homenagem aos professores João Duarte Dias e Teódulo de Miranda, com as respectivas efigies, o magazine inseriu colaboração dos professores Gláucio Veiga, José Brasileiro Vilanova e Isamar Pancrasso Fontes e dos alunos Ângelo Papaleo, Leopoldino V. de Melo, Zael Pontes e Severino Tolentino de Freitas. Poucas páginas de anúncios.

Igualmente sem data, veio a publicar-se o nº 2 de Horizontes em setembro de 1952, impresso na Tip. Moderna Ltda., à rua da Palma, 426, com 36 páginas. Entrou para o quadro de diretores José G. da Nóbrega, verificada a ausência de Viollete e Leopoldino. Outros foram os colaboradores, a salientar Vítor Oliveira dos Santos, Nair Andrade dos Santos,

Jaime Bezerra Lima, Lindinalvo Castelo Branco, Marcelo Valter Moreira, Magali Melo e Luis Gonzaga Alcoforado.

Não há notícia de outras edições (Bib. Púb. Est.).

TABU - Revista Mensal Ilustrada - Surgiu em junho de 1951, obedecendo ao formato de 32x23, com 88 páginas, mais as da capa, estas em papel couchê, a frente ilustrada a cores. Diretor-gerente -dr. José Ferreira, funcionando a redação no Edifício Arnaldo Bastos, 3º andar, avenida Guararapes. Trabalho gráfico do Diário da Manhã, à rua do Imperador, 227. Preço do exemplar Cr\$ 4,00

A primeira página do texto, ilustrada pelo cearense Mário Dias, inseriu uma saudação ao Ceará, ressaltando a fraternidade existente entre pernambucanos e cearenses, “os Titãs que enfrentam os mais adversos caprichos da Natureza”. Seguiu-se o artigo de apresentação, explicando o significado da palavra Tabu, para dizer: “A revista, entre nós, é, assim, um tabu, uma proibição de natureza supersticiosa, quase pagã ... Não seremos reformadores, milagreiros ou criadores de sucessos: trabalharemos com honestidade, procurando acertar! Faremos por sempre oferecer aos nossos leitores o que gostaríamos nos fosse oferecido”.

Inicialmente, a direção do periódico estabeleceu concurso (para a adivinhação de uma data), mediante o qual o vencedor ganharia uma viagem de ida e volta à Argentina e mais Cr\$5.000 para as despesas pessoais. No fim, ninguém acertou...

Revista completa, de matéria intensa e bem distribuída, proporcionou, na sua existência, leitura para todos os paladares,

bastante ilustrada de fotogravuras, sobretudo de aspectos do Recife, de Fortaleza e do Exterior, além de charges e caricaturas, sendo pequena a quantidade de anúncios. As edições seguintes estabilizaram-se em 70 páginas.

Divulgava colaboração de Joaquim Alves, Eduardo Campos, Demócrito Rocha, Tomaz Pompeu Sobrinho, Djacir Meneses, Mazagão da Silveira, Antonio Girão Barroso, Célia Maria, Leda P. Calado, Pimenta Lira, Pedro Gomes de Matos, Filgueiras Lima, Guilherme A. Ferreira, Luiz da Câmara Cascudo, João Clímaco Bezerra, Newton Potsch, Normand de Sá, Carlos Cavalcanti, Paulo Bonavide, Meneses Pimentel Júnior, F. Firmino, Paulo Travassos Sarinho, Gil Vicente, Joaquim Ferreira, cônego Xavier Pedrosa, José Dizard, J. Wanderley Carvalho, Egídio de Oliveira Lima, Maria Isabel Paranhos, Telha de Freitas e Mauritônio Meira (os dois últimos num conto a quatro mãos), etc. A última página cabia ao diretor J. Ferreira, com a excelente crônica “Coisas da vida...” Ilustradores: F. Sarinho, M. Bandeira, Mário Dias e J. Wanderley.

Além da colaboração escolhida, Tabu manteve seções de modas, humorismo, cinema, testes, charadas, rádio, “Livros e Autores”, “A boa cozinha”, “Pelo mundo afora...” e “Será possível? ...”, de informações gerais. As capas exibiam expressivos motivos fotográficos.

Em seu número 4, correspondente aos meses de setembro e outubro, abriu o expediente o slogan “A revista do Nordeste para o Brasil”. O editorial da primeira página do texto, intitulado “Sempre melhor”, anunciava (o que não foi possível efetivar-se) a próxima aquisição de oficinas próprias, acentuando: “Tabu é a pedra fundamental de uma grande e vasta organização

publicitária, como exige o desenvolvimento do Recife e de toda a região do Nordeste”.

Ainda ocorreu o nº 5, datado de novembro/dezembro, dedicado ao Natal, exibindo expressiva alegoria na capa e numerosos desenhos no texto, ilustrando, sobretudo, as produções originais seguintes: “Carta e Papai Noel” - Guilherme A. Ferreira, de Londres; “Natal na Itália”- Arturo Brunelli, de Roma; “Natal na Argentina” - Lia Susana Irigoín; “Anotações sobre as origens do Natal”, do padre Manuel Leonardo de Ramos Barreto e “Papai Noel”, do cônego Jonas Taurino. Tudo isto sem prejuízo da colaboração geral, inclusive de Mauro Mota e de grande quantidade de páginas de fotografias, três das quais com “Paisagens da terra lusitana”.

Não continuou a viver o magazine (Bib. Púb. Est.).

MASSANGANA - Órgão do Centro Literário Joaquim Nabuco, do Instituto de Educação de Pernambuco - Surgiu em junho de 1951, no formato de 27x18, com quatro páginas de três colunas. Direção de Maria Lavinia H. Bezerra, Gilzonete Alves, Dora Bushatsky, Elza C. Alcântara, Maria Leticia Xavier e Olga Santos Pereira. Boa feição material.

Sucinta nota de abertura, sob o título “Itinerário”, evocou a personalidade do famoso morador de Massangana, fazendo-lhe patética oferenda: “...aceiteis essa pequena homenagem, bem pequena na verdade, mas que parte do fundo dos nossos corações”.

Inseriu fotografias, na 1a. página, de aspectos das festividades comemorativas do 87º aniversário do Instituto,

seguindo-se produções literárias das diretoras e ligeiro capítulo das “Aulas de Gramática (Método Confuso)”, de Mendes Fradique.

Faltam notícias de haver ou não prosseguido a publicação (DECA).

ANUÁRIO DE “RAIO-JORNAL” - Em substituição ao Anuário Sanjuanesc, o nº 2 circulou em junho de 1951, prosseguindo nos anos subsequentes, com 32 e 36 páginas. O custo do exemplar reduziu-se para Cr\$3,00, mas logo subiu para Cr\$4,00 atingindo Cr\$5,00 em 1954¹.

Foram outros colaboradores da revista de Sortes, sempre ilustrada a capa com estampa de São João: Sampaio de Alencar, Salgado Calheiros, Abigail Braga, Luis Rocha, Dalva do Couto, Paulo Matos, Abdon Campos, Oscar Farias, Murilo Costa, Armando Maia, Napoleão de Albuquerque, Armiragi Breckenfeld Lopes Afonso, Antonio Meneses Neto, Jandari Leitão, Carlos Amorim e Amaro Wanderley, além de matéria solta variada, clicherie e grande quantidade de anúncios (Bib. Púb. Est.).

JORNAL MAGAZINE - Publicou-se no dia 14 de julho de 1951, em formato de 32x23, com quatro páginas de quatro colunas, impresso na tipografia do Diário da Manhã. Responsável - Gileno Bezerra Duarte, funcionando a redação na rua Amapá, 58, Espinheiro. Número avulso Cr\$ 1,00

¹ Prosseguiu em 1955.

O editorial de abertura focalizou a necessidade de uma maior aproximação do povo aos seus dirigentes, para o que esperava a boa vontade dos leitores.

Edição modesta, inseriu apenas artigos assinados pelo diretor; transcrições, nota oficial da Academia Pernambucana de Estudos e alguns anúncios.

Sairam a 11 de agosto e a 29 de setembro os nºs. 2 e 3, respectivamente, tendo adotado as seções “No mundo da poesia”, “Notas de rádio”, “Curiosidades” e noticiário social, à base de Cr\$ 5,00 por notícia publicada.

Do ano II, 1952, existe comprovante do nº 3, de 25 de outubro. Aumentando o formato para 48x32, consta da coleção o nº 2 do ano III, 1953, datado de 4 de agosto (provavelmente último), impresso em papel verde, na Folha Manhã. Matéria abundante e variada, divulgou colaboração de Claudomira Costa Lima, Ormino Pires Filho, A. de Moraes Lima, Mário Gonçalves Viana, Luis Didier, Rubens César e Maria Fernanda Lins. Raros anúncios (Bib. Púb. Est.).

A EXCURSÃO NACIONAL DA VIRGEM PEREGRINA-Suplemento de Flos Carmeli, I Série, circulou em julho de 1951, precedendo a realização do Congresso Nacional do Escapulário. Formato de 30x22, com 60 páginas de papel couchê, inclusive a capa. Trabalho gráfico da Folha da Manhã.

Foi o seguinte o sumário da poliantéia: “Introdução”; bênção apostólica de Pio XII; “Simão Stock”; Hino oficial do Congresso, letra de Virgínia de Figueiredo; notas sobre os Carmelitas no Brasil e extensa reportagem sobre a Excursão do

Recife a Manuas, servida, toda a matéria de grande quantidade de clichês, da primeira à última página (Bib. Púb. Est.).

TRIBUNA ACADÊMICA - Órgão da Casa do Estudante de Pernambuco - Entrou em circulação no mês de julho de 1951, obedecendo ao formato de 51x32, com seis páginas de seis colunas. Direção de Boanerges Paes Galindo; redatores - José Orlando de Miranda (secretário), Jarival Cordeiro do Amaral, Paulo P. Viana, Oton Mendonça de Matos e Luiz T. de Lira. Redação na Casa do Derbi. Impressão da oficina d' A Tribuna.

Ao fechar a última página, sucinta nota, intitulada “Volta à casa, aludiu à “interrupção, mais ou menos longa e difícil de se justificar”, do “órgão de manifestação da Casa do Estudante de Pernambuco”¹, acentuando: “Estamos dispostos a seguir uma trilha imparcial e honesta traçada pelos seus diretores. Nestas colunas, sob a nossa orientação, presentemente, há lugar para todas as opiniões, por mais diversas, desde que obedeçam aos devidos termos da ética jornalística estudantil”.

Focalizou, através de notas e reportagens ilustradas, a inauguração do quarto pavimento da Casa do Estudante, tecendo encômios à direção do estabelecimento; propugnou a criação de um clube universitário; incentivou o trabalho dos diretórios acadêmicos; ofereceu uma página aos desportos e inseriu colaboração de Ederval Novais, Epitácio Martins Gomes, Jordão Emerenciano, Pessoa de Moraes e Amílcar Taveira de Araújo e poesias de Fritz e Cícero Galindo. Também alguns anúncios. E parou.

¹ Referência ao Boletim C. E. P., cujo último número foi publicado em setembro de 1945.

Após quase dois anos de suspensão, publicou-se a edição correspondente ao ano III, datada de maio de 1953, impressa em papel verde, na Folha da Manhã, contendo igual quantidade de páginas. O corpo redacional, sob a direção de Othon Mendonça de Matos, tendo como secretário Luis de Freitas Lima, ficou assim constituído: Ederval Novais, Dagmar B. de Sousa, Luiz Tavares de Lira e Israel Paulino.

Segundo o editorial “Apresentando”, que aludiu ao “período de não circulação”, a Tribuna Acadêmica, prestigiada pelo novo presidente da E. E. P., pesaria a circular regularmente.

Entre a matéria divulgada, figuraram notas sobre a realidade do Clube Universitário; reportagens diferentes, artigos de Gomes Maranhão, Paulo Viana de Queiroz e outros.

Só voltou a publicar-se no mês de setembro, impresso, dessa vez, na tipografia do periódico O Porto, situada à avenida Militar, 361, no Brum. Das seis páginas apresentadas, ainda em papel verde, uma foi dedicada a “Arte e Literatura”, inserindo, entre outras, de Evanildo Coelho de Araújo, Valdemar Agra e J. Ivani Saldanha. A primeira página foi dedicada ao 10º aniversário da Casa do Estudante. Criou-se a seção “Política & Trampolim”. Em meio aos demais artigos, Paulo Viana de Queiroz ocupou-se da necessidade de se estabelecer “um ginásio gratuito para cada município brasileiro”. Outro artigo foi de Manuel Gomes Maranhão.

Teria terminado aí (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DE PERNAMBUCO - Apareceu em julho de 1951, no formato de 50x32, com seis páginas de seis colunas. Diretor-proprietário - Luis Correia de Amorim; redator - Eduardo Muribeca. Redação e escritório à rua das Flores, 77, 2º andar, e trabalho gráfico d`A Tribuna. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Sem editorial de apresentação, divulgou-o no nº 2, imenso, sob o título “Nosso aparecimento”, assinado por Albino Buarque de Macedo.

Folha praticamente de anúncios e reportagens pagas, cresceu para oito, dez e até doze páginas, circulando em datas e períodos indeterminados. Divulgou alguma matéria de colaboração, assinada por Manuel Jaime Fernandes Barbosa, dr. Floriano Barbosa, capitão Justino Vieira, Manuel Firmino e Álvaro de Matos.

Foram redatores, por algum tempo, Paulo Nunes Viana e Luciano Lacerda. Até fevereiro de 1954 circularam apenas sete edições do Jornal de Pernambuco¹ (Bib. Púb. Est.).

O BANDEIRANTE - Órgão Noticioso e de Propaganda Espírita - Apareceu com o nº 9/10, datado de julho/agosto de 1951, em substituição a O Missionário, sem nenhuma outra alteração, nem material nem intelectual.

Mudara de título - escreveu a redação - porque “existia, na seara protestante”, outro órgão com o mesmo batismo. “Se era de lei e concluíamos pelo reconhecimento da infração,

¹ Ainda publicou-se em 1955.

cumprianos, como dever de consciência, nos ajustarmos a ela. Foi o que fizemos.

Edição de seis páginas, cinco delas vieram repletas de doutrinação, em longos artigos, sendo a última (aliás, a quarta) a “Página da Criança”.

Faltam indícios do prosseguimento (Bib. Púb. Est.).

O. A. S. I. - Órgão das Alunas do Santo Inácio (Departamento dos Cursos Pedagógicos e de Contabilidade do Ginásio das Damas da Instrução Cristã) - Saiu a lume no dia 25 de agosto de 1951, em formato de 32x23, com quatro páginas a três colunas de 15 cíneros. Diretora - Célia Siqueira; secretária - Marlene Autran; redatoras - Lúcia Queiroga, Marilene Alves da Silva e Maria Luisa S. Leão. Confecção material da Tipografia Livramento, de Armando Acioli, à rua Direita, 291. Redação - avenida Rui Barbosa, 1426.

“Temos o prazer de apresentar...” foi o título da nota de abertura, assinada por Miriam, dirigindo-se às leitoras, que eram as próprias colegiais. Dizia, principalmente: “A partir de hoje, o seu Colégio tem um jornalzinho feito exclusivamente por suas alunas e para suas alunas. Nele terá você ocasião de iniciar suas atividades no mundo das letras, enviando-nos o seu conto, a sua poesia, a sua crônica...”

Logo no segundo número, o interessante mensário alterou seu corpo redacional, substituindo duas redatora por Iluminata Tavares e Olindina S. Leão.

A matéria do O. A. S. I. constava de crônicas e artigos ligeiros; versos; pensamentos; humorismo, a destacar o “Cine

Riso”; charadas e noticiário social. Assim circularam, regularmente, os três primeiros números, o último dos quais a 25 de outubro. Ficou suspenso durante vários meses.

Ressurgiu - nº 4 - a 15 de agosto de 1952, impresso na oficina da Gazeta de Nazaré (no interior do Estado), sem indicação de corpo redacional, reduzido a três colunas normais. O nº 5 só saiu em março de 1953, impresso no Jornal do Commercio, com bastante matéria em páginas de quatro colunas.

Circularam, ainda, em abril e maio do mesmo ano, os nºs. 6 e 7, confeccionados na tipografia da Folha da Manhã.

Terminou aí a existência do órgão ginasial, cuja direção não pode mais fazer frente à alta do custo do trabalho gráfico (Colec. “Damas” e Bib. Púb. Est.)¹.

ESBOÇO - Órgão de divulgação do Diretório da Escola de Belas Artes da Universidade do Recife - O primeiro número circulou em agosto de 1951, no formato de 22x15, com 40 páginas de papel de linho e couchê e capa em cartolina especial, ilustrada por Tertuliano. Diretor-geral - Edison Rodrigues de Lima, funcionando a redação na rua Benfica, 150.

Apresentou-o editorial “Nossa razão de ser...”, assinado pelo diretor, em que se lia, entre outras considerações: “De feição humilde, de formato ‘mignon’, somos, entretanto, um veículo seguro através do qual os colegas da E. B. A. P. propagarão aos quatro ventos suas idéias e seus anseios, dizendo

¹ À primeira coleção manuseada falta o nº 7. ao passo que na Biblioteca Pública do Estado só existem comprovantes dos nºs 6 e 7.

alto e bom som que aqui se trabalha, luta-se com denodo e sinceridade; vive-se!” Levaria a todos os colegas do Brasil uma “mensagem de confraternização e sustentaria a luta pela criação da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Brasil”.

O nº 2, ano I, foi publicado em abril de 1952, contendo 58 páginas de texto, a capa ilustrada por Lula Cardoso Aires. Outros desenhos, no texto, eram da autoria de Francisco Sarinho, Edison e Beatriz; fotogravuras em páginas especiais de couchê e alguns gráficos. A edição, que teve o patrocínio do professor Joaquim Amazonas, reitor da Universidade do Recife, divulgou os planos urbanísticos e arquitetônicos de Cidade Universitária; “Recortes”; “Pelo mundo das ciências” e alguns anúncios.

Colaboraram nas duas edições: prof. Antonio Bezerra Baltar, arquiteto Antonio Alves Amorim, Severino Leão, prof. Newton Maia, dr. João Alfredo, arquitetos Mário Russo e Aquiles Wanderley e prof. Ivan de Aquino Fonseca. Trabalho gráfico bastante lisonjeiro, com os títulos do texto desenhados e sobrepostos, a craion, em tinta diferente da composição comum (Bib. Fac. Dir. UFPe).

VIDA NORDESTINA - Inexistente outros comprovantes, só foi possível manusear o nº 6, ano I, de agosto de 1951, em formato de 32x24, com 24 páginas de acetinado especial e capa em couchê, ilustrando-a uma fotografia do governador Agamenon Magalhães. Diretores - José Cisneiros e Manuel M. Ribeiro; consultor jurídico - Severino de Alcântara Lima.

Edição dedicada “à vida econômico-municipal dos nossos principais municípios e distritos”, constituiu-se sua matéria, em

grande parte, de reportagens pagas e reclames comerciais. Variou com artigo assinado por J. Queiroz, crônica de Hilda Queiroz e poesias de Antonio Albino Pinheiro Marinho e J. Paulo Barbosa (Bib. Púb. Est.).

CADERNO UNIVERSITÁRIO - Órgão da Casa do Estudante de Pernambuco - Publicou-se o nº 1, ano I, em setembro de 1951, no formato de 29x22, com 60 páginas, inclusa a capa, que foi impressa em papel couchê, a duas cores, nela figurando fotogravura do edifício-sede, situado à rua Henrique Dias. Equipe responsável; diretor-redator - Arlindo Virgínio de Farias; diretor-secretário - Paulo Viana de Queiroz; diretor-tesoureiro - José Orlando de Miranda; diretor-gerente - Boanerges Galindo; diretor de publicidade - Newton Gonçalves e mais nove redatores assintentes, representando as diferentes escolas superiores. Trabalho material das oficinas gráficas da Folha da Manhã.

Uma “Conversa com o leitor”, abrindo o texto, aludiu ao primeiro Caderno Universitário, idealizado por Germano Rodrigues e publicado em maio de 1948. Era, apenas, um pequeno jornal. Com “um pouco de sacrifício e boa vontade”, transformava-se então, em revista, totalmente ampliado. Continuará a “orientação acertada e sadia dos seus iniciadores”.

Circulando na data do XIII aniversário da Casa do Estudante, a edição constituiu “uma homenagem ao glorioso Partido Revolucionário da Faculdade de Medicina” e aos demais fundadores.

Inseriu comentários e reportagens em torno das atividades acadêmicas nos respectivos setores, focalizando,

sobretudo, os serviços prestados à classe pela Casa do Estudante e o empreendimento da Cidade Universitária, com ampla ilustração de clichês. Escreveram artigos: Alcides Nicéas, prof. Arnóbio Graça, Isnar de Moura, José Orlando de Miranda, Boanerges Torres Galindo, Ederval Novais, Edmundo Lacerda, Paulo Viana de Queiroz, Renato Gouveia, Odorico Medrado, José do Monte Lima e Tarcísio F. da Fonseca. Hercílio Celso contribuiu com um poema. Duas outras poesias foram condensadas dos “Poemas” de Ana Amélia. Também ocorreram páginas de anúncios.

O nº 2 saiu em setembro 1952, sem alteração material, significando “uma homenagem póstuma da Casa do Estudante ao inesquecível governador Agamenon Sérgio de Godói Magalhães, “verdadeiro amigo e grande benfeitor”. Diminui para 52 a quantidade de páginas, reduzindo-se, igualmente, a turma responsável, assim indicada: diretor-redator - Arlindo Virgínio de Farias; diretor-secretário - Odorico Santos Medrado; diretor-tesoureiro - José Orlando de Miranda e nove diferentes assistentes da redação. A par de nomes já mencionados, foram outros colaboradores: professores Pinto Ferreira, Gentil Mendonça e Nilo Pereira; Epitácio Gomes, Antonio Martins, José Firmino, Agenor Ferreira, Jurandir Carvalho, Marcelo Gomes, Luiz de Freitas, Evanildo Coelho, Luiz Lira, José Carneiro e Oton Mendonça.

Voltou o Caderno a conversar “com o leitor”, no seu nº 3, em setembro de 1953. Apenas dois diretores: Arlindo e José Orlando, que explicaram “o quanto de sacrificio e luta se sucede a cada número publicado. São as aulas perdidas. São as caminhadas atrás da matéria a ser impressa. São as enfadonhas correções de provas. Enfim, toda essa trabalhadeira própria aos que

fazem revistas”. A capa foi a mesma que Lula Cardoso Aires desenhou e cada ano alterava as tintas da impressão. Mas subiu para 68 páginas. Homenageados, o magnífico reitor Joaquim Amazonas e as altas autoridades do Estado, com os respectivos clichês. Matéria bastante variada e ilustrada. Novos colaboradores: padre A. Mosca de Carvalho, Flávio Guerra, Armando Vasconcelos, Nicodemos Porpino, Carlos Luna, Maria Giselda, José Abdonal, Gilvam Meneses, Antonio Nunes, José Leal e Carlos Barbosa (Bib. Púb. Est.).

CORREIO TRABALHISTA - Órgão Noticioso e Independente - Começou a publicar-se no dia 17 de setembro de 1951, em formato de 48x32, com oito páginas de seis colunas. Diretor - Benedito de Oliveira Lima; redator-chefe - Uriel Paes Barreto; secretário - Umberto Alves de Melo, funcionando a redação e gerência na rua Florinao Peixoto (atual da Detenção), 115, 1º andar. Preço do exemplar Cr\$ 1,00 Trabalho gráfico d'A Tribuna.

Consoante ligeira apresentação “Aos trabalhadores”, ao pé da última página, à esquerda, o jornal seria o porta-voz deles, acentuando: “As reclamações, qualquer que seja a sua natureza, na fábrica, no comércio, na oficina, no jornalismo, no serviço público, terão aqui o amparo necessário, de imprensa que somos a serviço da coletividade”.

A par da matéria específica correspondente ao título, a edição abriu “Coluna Literária” e dedicou uma página ao movimento desportivo, além de boa parte de publicidade comercial.

Circulando, no princípio, semanalmente, atingiu o nº 5 a 28 de outubro, mas o nº 6 só apareceu no dia 29 de novembro, aí, ao que tudo indica, se extinguindo.

Contou o Correio Trabalhista com a colaboração de Geraldo Tavares que foi, também, gerente; J. Carneiro da Cunha, Pedro Fernandes de Sousa, Hênio Pessoa, Jonatas Costa, Sebastião Bomfim, etc. (Bib. Púb. Est.).

O CUPIM - Órgão Noticioso do Grêmio Litéro-Cultural José Mariano - O nº 1, ano I, circulou a 30 de setembro de 1951, datilografado em cinco folhas de papel de ofício, só utilizadas de um lado. Redatores - Cláudio Andrade e Cleto Lira. Redação no Centro Social Padre Dehon, em Iputinga. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Teve a assinatura de Homero Maciel, presidente do Grêmio, o conciso editorial intitulado “Surgindo”. “O nome do jornal - escreveu - era uma lembrança do Clube do Cupim, cujos membros, à frente José Mariano Carneiro da Cunha, cooperaram para a abolição da escravatura”. Tinha por objetivo “solapar o corvo da ignorância, da maldade, do impatriotismo e do ateísmo”, incrementando, sobretudo, “o amor pelo saber”.

Foram colaboradores: Alcides Nicéas, major Floriano Barbosa, José Gouveia e Cleto Lira. Notas curiosas ou humorísticas completaram a edição, que teria sido única (Bib. Púb. Est.).

ORIENTAÇÃO - Ostentando, na capa cartolinada revolucínario desenho de Abelardo da Hora, apareceu no mês de setembro de 1951. Formato de 30x22 e o total de 20 páginas, 16 das quais

utilizando papel comum. Diretor - Clóvis Melo; redator chefe - Paulo Cavalcanti; redator-secretário - Abelardo da Hora; gerente - Luiz Borges. Redação à rua Santo Elias (Espinheiro), 292 e trabalho material da tipografia da Folha do Povo, situada na rua Imperial. Assinaturas: anual Cr\$ 30,00; semestral Cr\$ 18,00 Preço do exemplar Cr\$ 3,00

Focalizou, no editorial de abertura, segunda página da capa, o “grave momento” que viviam os povos e a tentativa daqueles que queriam “impedir o avanço da cultura e do progresso”. E concluiu: “Refletindo uma arte e uma literatura progressistas, estimulando o folclore, buscando, nas criações, as melhores fontes de inspiração popular, Orientação conclama os homens de inteligência para a tarefa patriótica da luta contra a deturpação da cultura nacional pela influência das forças retrógradas que engendram conflitos entre os povos e aniquilam, no seu expansionismo, os desejos de paz e de bem-estar econômico, social e político das massas brasileiras”.

Inseriu artigos de Clóvis Melo, Paulo Cavalcanti, Aloísio Albert (literatura), Rui da Costa Antunes e Mark Rosenthal (transcrição); poesias de Nair Batista (por tradução), Margarida Lucena e Valdemar das Chagas; comentários diversos; noticiário sobre o IV Congresso de Escritores e o “Apelo Pró-Pacto de Paz”, com o qual ocupou a última página da capa.

Ficou na edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

O PORTO - Órgão a Esclarecer o Espírito e a Dignificar o Trabalho - Embora omitida a data, o nº 1 circulou no mês de setembro de 1951, em formato de 40x26, com quatro páginas de cinco colunas. Diretores-redatores-responsáveis - Inaldo Luigi

Lasalvia, Hilo da Silva Galvão, Polinice de Sena Xavier, José Alves Feitosa e José Bonifácio Guimarães de Andrada; tesoureiro ad hoc - Antonio Crispim dos Reis, no segundo número substituído por Argemiro de Sousa Leão; ilustrador - Francisco Sarinho. A direção e a redação funcionavam no prédio anexo ao Tráfego das Docas. Trabalho gráfico das oficinas da Folha da Manhã. Custo da assinatura anual Cr\$ 20,00 Número avulso Cr\$ 2,00

Hermes Vandereli assinou o artigo de abertura, intitulado “Do porto para O Porto”, de congratulações com os portuários, pela publicação do seu órgão de classe. Em rodapé, o procurador judicial Berguedof Elliot aduziu: “Confio no idealismo dos moços que fazem O Porto e espero que esse jornal não seja também uma mentira, mas, ao contrário, se dedique ao culto da verdade”. Na segunda página, Hélio Galvão escreveu “O nosso obrigado” aos cooperadores da iniciativa.

O periódico, que se destinava a sair todas as primeiras segundas-feiras, passou, no quinto mês, a publicar-se, igualmente, nas terceiras segundas-feiras, ou seja, quinzenalmente. A par de artigos redacionais, reportagens sensacionais e o natural noticiário, logo deu início a uma “Página de Arte e Literatura”, que não durou bastante. Ocorriam edições de seis páginas, nelas não faltando ilustrações fotográficas, nem um grande Papai Noel, sobre fundo encarnado, na edição do Natal. Imprimia-se, às vezes, em papel verde.

Encerrado o ano com cinco edições postas em circulação, apareceu o nº 1 do ano II a 7 de janeiro de 1952. Ao atingir o nº 5, elevou-se o formato para 47 centímetros de altura, com seis colunas de composição. Divulgava: “Fatos históricos”, por

Georgina Arantes; “Fazendo blague...”, a cargo de Oric (pseudônimo de Ciro Leal Marques); “O Porto Social”, com abertura de Picilone (o mesmo que Polinice); “Notas políticas”, por Afonso Rodrigues; mais artigos e poesias firmados pelos redatores e por Oscar Brandão da Rocha, Berguedof Elliot, José Quintino, Pessoa de Moraes, Murilo de Sousa, Moacir Campelo, Milton Carneiro de Albuquerque, Pedro Martiniano Lins, José Caldeira Lima, Tancredo de Sousa, Aristófanés Renan da Trindade, Joazil Campos, José Tinete, Jaime Bezerra de Lima, Nilce César dos Santos, Elzir Amorim de Moraes, autor da “Crônica desportiva”, etc.

Desde o nº 14, as palavras “Docas do Porto”, que vinham servindo de sub-título, foram substituídas pela designação: “Órgão dos Portuários de Pernambuco”. Uma edição extraordinária de doze páginas (as externas em duas cores) assinalou, a 10 de setembro de 1952, o transcurso do primeiro aniversário d’O Porto, figurando de frente, em letras garrafais, a palavra “Vencemos!”, seguindo-se artigos e notas ilustradas, memorativas da data.

À época, o quinzenário, tendo a direção e a redação instaladas na Administração do Porto, obedecia à seguinte equipe: diretor-redator-chefe - Inaldo Lasalvia; secretário - Murilo Marinho de Sousa; sub-secretário - Jaime Bezerra de Lima; diretor-social - José Alves Feitosa; tesoureiro - José Quintino Muniz. Nova tabela de assinaturas: ano Cr\$ 30,00; semestre Cr\$ 15,00

Mais algumas edições findaram o ano, prosseguindo em 1953, sem interromper a numeração. E começou, no nº 39, de 13 de julho, a imprimir-se em tipografia própria, denominada

“Empresa Jornal O Porto Ltda.” e instalada à avenida Militar, 361, no Brum, passando a circular semanalmente, às segundas-feiras, o que fez por pouco tempo. Verificaram-se, ainda, alterações no corpo redacional, tendo Valdemar Costa Agra substituído o secretário. Ausentou-se o sub-secretário. Voltou Hilo Galvão, para ocupar a Direção de Publicidade, ao mesmo tempo que iniciava a sua crônica “Reflexões contemplativas - Pausa da semana”.

Teve oito páginas, em papel de cor e duas tintas, a edição de 10 de setembro de 1953, comemorativa do segundo aniversário. Também saíram com a primeira página bicolorida as edições de Natal e Ano Bom, esta última, de nº 54, datada de 31 de dezembro.

Vinha o jornal apresentando novos colaboradores, a saber: Jarbas Maranhão, Aderbal Jurema, Jarbas de Holanda, Danilo Lins, Pedro Aleixo de Moura, Agostinho de Lucena, Clélia de Assis, Audemaro Silva (o Poeta Louco), Dulce Siqueira, Lírio Lago (pseudônimo de Rui Barbosa de Lima) e outros, ora prosadores, ora poetas. Enquanto isto, jamais deixou de cumprir o programa inicial, baseado em orientar, instruir e informar a classe da qual era órgão.

Continuou em 1954, feito quinzenário, às vezes mensário, criando-se, então, uma situação desagradável, tendo como protagonista a chefia da Administração do Porto do Recife, o que ocupou vasto espaço do periódico, em sucessivas edições.

Ao atingir o nº 66, de 20 de setembro, comemorou a passagem do terceiro ano de circulação. O editorial nesse sentido focalizou a atuação das “forças do mal” contra o órgão dos

portuários, assim resumida: demissão do respectivo diretor, do cargo que exercia na repartição; despejo brutal da tipografia; dois executivos fiscais com o objetivo de promover a penhora das máquinas; processo criminal contra o diretor, mandado arquivar; e proibiu-se a circulação da folha nas dependências da A. P. R. Concluiu o articulista.

“Tudo quanto se fez para sufocar a nossa voz foi inútil. O Porto não deixou de circular. Continuou sendo a voz impávida dos portuários livres. E aqui ele está, completando mais um ano de vida”.

Terminou, entretanto, com a edição de aniversário, a existência do bravo jornal (Bib. Púb. Est.).

PROGRESSO - Órgão da Escola de Especialização Ageu Magalhães - Edição especial e único comprovante encontrado, foi entregue aos leitores em outubro de 1951, ano X. Manuscrito e copiado em hectógrafo, saiu com quatro páginas de papel almaço. Diretor - Robson Pimentel; gerente - Valmira Costa. Redação na Estrada do Arraial, 3208, Casa Amarela. Inseriu literatura ligeira, noticiário e desenhos escolares (DECA).

A M E - Periódico da Igreja Presbiteriana do Recife - Surgiu no dia 12 de outubro de 1951, em formato de 40x30, com oito páginas de cinco colunas. Diretor - Boanerges B. Cunha; redatores - Alfredo Rocha Filho, Zeni da Costa Vidal, Gilberto Oliveira, Solon Bispo, Dinaldo Neves, Zilda Fernandes e Boanerges Filho.

Da ligeira nota de abertura: “Aqui está A M E (Associação Missionária Evangélica), reunindo em suas páginas todas as atividades da amada Igreja, um porta-voz dos moços para a publicação dos seus trabalhos, um Atalaia do Senhor dos Exércitos para a vigia eficiente do imenso campo onde Israel arma as suas tendas, um jornal cuja orientação facilmente se depreende dos artigos que publica, dentre eles o seu artigo de fundo - “Os trezentos de Gedeão” - do brilhante jornalista evangélico professor Ageu Vieira”.

Divulgou clichê da Igreja Presbiteriana do início da rua da Concórdia, hoje demolida. O sumário, ilustrado de fotogravuras, contituiu-se de produções doutrinárias, assinadas por alguns dos redatores.

Foi dado à circulação o nº 2 a 25 de dezembro, com 12 páginas, que abriu com o soneto “Natal”, de Zilda Vidal, seguindo-se colaboração de Zacarias Maial, Moisés Peixoto de Moura, Washington Moura de Amorim, Laércio Coutinho de Barros, tenente Luis Lira, Eurídice Fernandes, etc.

Outro manuseado foi, unicamente, o nº 4, ano II, de 10 de abril de 1952, com quatro páginas, designadas as duas do centro “Página da Mocidade”, sob a direção de Zilda Fernandes (Bib. Púb. Est.).

TURFE ILUSTRADO - Órgão de Divulgação do Jóquei Clube de Pernambuco - Publicou-se o nº 1 (e único) no dia 12 de outubro de 1951, em formato de 23x16, reunindo 24 páginas, inclusive a capa, em modesto papel couchê, a qual exibiu retrato de cavalo vencedor de corridas. Diretores: H. Pinto e P. F.

Távora. Redação na rua Carlos Gomes (Prado), 390. Trabalho material da “União Gráfica Ltda. Preço do exemplar Cr\$ 5,00

Segundo a “Largada”, os organizadores da revista só visavam ao “engrandecimento do turfe pernambucano”.

Prestou homenagem ao presidente do Jóquei e inseriu informações gerais em torno da vida turfística em Pernambuco, o comentário “Do Haras à Pista”, por Tiroleza, seções ligeiras e reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

RUBRO-NEGRO - Boletim Informativo do Sport Club do Recife - Apareceu em outubro de 1951, obedecendo ao formato de 23x16, com 28 páginas. A capa, em papel couchê, exibiu o escuro da agremiação, nas suas cores, igualmente às do clichê do título. Redator - Everardo Vasconcelos; encarregado da publicidade - Nilton Soares Cruz. Trabalho gráfico da oficina d’ A Tribuna.

A publicação, conforme o editorial “Apresentando”, constituía “uma mensagem de cordialidade, um pouco de distração sadia, um pouco de banalidade de mistura com coisa séria”. Esperava equiparar-se, “em futuro próximo, às mais perfeitas revistas de clube do Brasil”.

Inseriu notas e comentários em torno das atividades desportivas do Clube, contando com a colaboração de Nelson Castro e Silva, Antonio W. Siqueira, Zé da Ilha, Corupira Jr., Rubro Negro, Noberto Vale e Old Lion, este assinando a seção “Você precisa saber que...” Ainda: “Sociais”, clicherie e anúncios.

Rubro-Negro circulou regularmente, aumentando o quadro de colaboradores e a quantidade de páginas (ilustrações de Vasco da Fonseca), até janeiro de 1952. Seguiu-se em maio, a edição comemorativa de “47 anos de glórias”. Duas únicas edições, igualmente, publicaram-se em 1953: no mês de maio (outro aniversário) e no de agosto.

Pouco mais de um ano decorrido, voltou a revista, datada de setembro de 1954, alimentando a firme disposição de circular mensalmente. Novo diretor - Ivan Dias. Impressão das oficinas da Folha da Manhã, funcionando a redação no Departamento de Propaganda, instalado na Ilha do Retiro.

O “órgão informativo do Sport Club do Recife” passou, nos três meses seguintes, a utilizar, exclusivamente, papel couchê, dando edições até de 50 páginas, com mais amplo serviço de divulgação, não só desportivo mas sobretudo social, e variada matéria geral. Capas com fotogravuras em “layouts” do desenhista Inaldo Medeiros. Constatou, à época, com a colaboração de Paulo Fernando Craveiro (“Cinema Rubro-Negro”), Hibernon Wanderley, Alexandrino Rocha, Marcos Almeida, Carlos Pena Filho, Geninha de Sá Rosa Borges, Américo Duque, Airton Santa Rosa, Isnar de Moura, Geraldo Carvalho, Félix de Ataíde, Mísia Veiga, Vladimir Maia Calheiros, Francisco Veiga e Ronald Silveira. Como de praxe, não faltou boa publicidade comercial.

Rubro-Negro atingiu, pois, em excelente forma, o mês de dezembro de 1954 ¹ (Bib. Púb. Est.).

¹ Continuou em 1955.

A VANGUARDA DO AR - Surgiu em outubro de 1951, no formato de 32x24, com seis páginas, ora a duas ora a quatro colunas de composição. Diretor - Jessé Falcão; tesoureiro - Hélio de Oliveira Rodrigues; desenhista - Luis Guedes. Redação: edifício Trianon, 6º andar, sala 608. Trabalho gráfico da oficina do Diário da Manhã.

Lia-se, em quatro, à direita do clichê do título: “A Verdade, a Justiça e o Direito é o nosso lema”. Do outro lado: “Órgão oficial das atividades do Clube dos Sub-Oficiais e Sargentos da Aeronáutica (Sucursal do Recife) e de incrementação à difusão da Cultura, Ciência e Letras Nacionais”.

Sem editorial de apresentação, constava do expediente: “Rejeitaremos os trabalhos laudatórios, ofensivos à moral e aos costumes, políticos, desrespeitosos, que atuem para desunião da classe ou que tragam ofensas pessoais”.

A edição ocupou-se das eleições gerais da Sucursal do Clube e da atividade das comissões sociais; inseriu as seções “Colunas”, “Educação”, “No mundo da curiosidade” e “Sucata do Riso” e transcrições.

Publicação mensal, no segundo número - a primeira página, ilustrada, dedicada à bandeira nacional - alterou-se o formato para 50x33, com quatro páginas de seis colunas, excelente papel, sendo os dois nomes abaixo do diretor substituídos, inclusive nas posições, por Ari Brasil Martins - redator-secretário e Eunício Gomes dos Santos - gerente. Este último logo substituiu o diretor e foi o seu cargo ocupado por Nelmar do Prado Arantes.

Entretanto, com o nº 3, que só saiu em janeiro de 1952, contendo seis páginas, terminou a vida do periódico, que inseriu colaboração literária de Eglantino Amaral, Norma Farias, Jota Ene, Célio Queiroz e Nelson de Araújo Lima e, sobretudo, intensa matéria noticiosa de interesse da classe, inclusive sobre a “marcha para a estabilidade” (Bib. Púb. Est.).

CINE-FILM - Órgão Oficial da Associação dos Cinegrafistas Amadores - Entrou em circulação no mês de novembro de 1951, obedecendo ao formato de 33x22, com seis páginas de quatro colunas. Redatores - Walter Guimarães Mota e Armando Laroche, ficando a redação situada na rua José Mariano, 534, 1º andar. Trabalho gráfico da Empresa Diário da Manhã.

À guisa de apresentação, escreveu o colaborador Jorge Medeiros de Sousa o artigo “Dois acontecimentos”, no qual focalizou a fundação da ACA e o lançamento do seu órgão divulgador.

Ocupou-se a edição, exclusivamente, de assuntos específicos, através de notas redacionais, noticiário, programas, atividades da Associação e crônicas por Ubirajara e Murinhaen.

Prosseguiu, cada mês, com quatro páginas. Todavia, após o nº 4, de fevereiro de 1952, passou a folha a sair com alguns meses de atraso, sendo último do ano o nº 7, datado de outubro/dezembro, quando veio a figurar no expediente, apenas, o nome de Jorge Medeiros, na qualidade de redator principal. Deu boa cobertura à realização do I Concurso Nordestino de Cinegrafistas Amadores.

Mais um ano decorreu para que circulasse outra edição, sem número e sem nome de responsável, correspondente a novembro/dezembro de 1953. Manteve sua linha de publicação técnica, ilustrada. Entre os colaboradores figuravam João Batista de Carvalho, Ajax e Nilson Mendes (Bib. Púb. Est.).

LETRAS E ARTES - Órgão do Grupo Cênico Samuel Campelo
- Apareceu em novembro de 1951, no formato de 30x23, com 48 páginas, figurando na capa fotografia de criança. Diretor - Lourival Mendes da Silva; redator-chefe - Pedro de Sá Cavalcanti de Albuquerque; secretário - Otávio Cavalcanti. Assinatura anual Cr\$10,00; preço do exemplar Cr\$ 3,00 Trabalho gráfico da oficina da Folha da Manhã.

Veio à tona, conforme editorial de abertura, “destituída de intenções de grandeza e sem a pretensão de ser melhor que as outras revistas de sua classe”, destinando-se a noticiar “todos os acontecimentos artísticos, literários e sociais de nossa terra e de além fronteiras”. Era, sobretudo, “veículo fiel e leal de propaganda” do comércio e da indústria.

Do sumário contaram seções ilustradas de Artes, Cinema, Desportos, Literatura, Música, Pintura, Poesia, Sociais, Teatro, etc., e a colaboração, em prosa ou verso, de Jaime Griz, Amaro Wanderley, Claudomira Costa Lima, Danilo Fragoso Santos, Hermógenes Viana, Luiz Rocha, Marcelino Neto, Maria das Graças Santos Leite, Otávio Cavalcanti, Telha de Freitas e Manuel Lins.

Embora declarada trimestral, o nº 2 circulou logo em dezembro, confeccionado na tipografia do Jornal do Comércio. Saiu com apenas 28 páginas e teve o redator-secretário

substituído por Geraldo Menegolo. Seguiu o ritmo inicial, mantendo, fielmente, o ponto alto da propaganda comercial.

Não há indício da continuação (Bib. Púb. Est.).

UNIÃO - Órgão da Associação Pernambucana de Servidores do Estado - Publicou-se o nº 2¹ em dezembro de 1951, obedecendo ao formato de 48x33, com oito páginas de seis colunas. Diretor - Luiz Veloso; redator-secretário - Agostinho A. Santos Silva; redatores - Costa Porto, Jasson S. Barros, Moacir Campelo, Mário Conceição e Neusa Cardim. Redação, oficina (d'A Tribuna) e gerência: rua do Riachuelo, 105. Distribuição gratuita.

Seguiu-se a publicação, que pretendia ser mensal, em janeiro de 1952. Matéria vasta e variada, adotou as seções: "Literatura"; "Orientação Jurídica"; "Mundo Feminino"; "Sociais"; "Seção dos Servidores" e "Atividades da APSE", além de reportagens, servidas de clichê, noticiário ligeiro e raros anúncios. Colaboração assinada por João Azevedo, Raul Barreto Lins, Lourival de Andrade, Gerson Cariri, Aníbal Simões, Luis Gaioso, Álvaro Costa Lima, João Francisco de Melo Cavalcanti, Hilo Galvão (poesia) e outros.

Ao atingir o nº 5, divulgado a 31 de julho, o jornal ficou suspenso. Reapareceu, em nova fase, na qualidade de órgão oficial da APSE, com o nº 1, ainda ano I, no dia 31 de maio de 1953, dirigido por André Beda Cavalcanti, instalada a redação na rua Nova, 208, 1º andar. Manteria o programa traçado,

¹ Não foi possível encontrar comprovante do nº 1, mesmo na coleção da APSE. bastante deficiente.

constituindo suas páginas “um guia, uma ajuda, uma defesa” para funcionalismo público”. A secretaria ficou a cargo de A. Costa Lima, restabelecendo-se, na edição seguinte, a página de Literatura, sob a orientação do poeta Esdras Farias, por pouco tempo.

Terminou o ano com seis números publicados, sendo dois deles no mês de outubro, o último no dia 28, data simbólica do funcionário público. Essa edição, com apenas quatro páginas, teve a primeira circulada de grossas tarjas, inserindo, como matéria única, uma Nota Oficial da APSE, em tipos fortes, de protesto contra a promulgação do novo Estatuto dos Funcionários Públicos Civis do Estado e dos Municípios, que dizia constituir “uma afronta à ciência jurídica, um desrespeito à Constituição do Estado e a revogação total das reivindicações pacíficas do funcionalismo. Concluiu deliberando sustar as solenidades programadas, determinar que os associados usassem fumo na lapela e que as três outras páginas do jornal ficassem em branco, o que realmente se cumpriu.

União iniciou 1954 com as 10 páginas do nº 7, a 13 de fevereiro, só saindo o seguinte a 26 de junho, para continuar, desde aí, regularmente, cada mês, ora com seis ora com quatro páginas.

Lei do Abono, reforma do Estatuto, apoio de classes à APSE, Congresso do Funcionalismo Público, escolha dos servidores e comemoração do Dia do Funcionário foram, entre outros, temas desenvolvidos pelo órgão, através de editoriais e reportagens, sempre ilustrado de fotografuras.

Nova modificação de pessoal verificara-se no nº 8, voltando Luis Veloso à função diretiva, ao passo que se transferia a redação para a rua Gervásio Pires, 211. Ao mesmo tempo, surgiu a seção “Recreio”, sob a responsabilidade de Bereco. Raros artigos assinados, a salientar os de Bartolomeu Marques Macieira.

O trabalho material já em abril de 1952, foi transferido para as oficinas da Folha da Manhã e, em maio de 1953, para a Gráfica Editora do Recife.

Findou o ano de 1954 com a edição de 31 de dezembro¹(Bib. Púb. Est.).

PERNAMBUCO POSTAL-TELEGRÁFICO - Órgão Oficial da União Brasileira dos Servidores Postais-Telegráficos - Entrou em circulação² no mês de dezembro de 1951, em formato de 32x24, com quatro páginas de três boas colunas, para publicar-se mensalmente. Diretor - Napoleão Braga; secretário - Milton Marinho Falcão; tesoureiro Heraldo Maciel. Redação à avenida Marquês de Olinda, 126, 1º andar. Assinaturas: anual Cr\$ 30,00; semestral Cr\$ 15,00 Número avulso Cr\$ 1,00; atrasado Cr\$ 3,00

O artigo “Apresentação” historiou a existência do primeiro órgão da classe - O Telegrama, cujas páginas estiveram sempre “à disposição dos colegas”, assim continuando com o seu substituto, fundado para fomentar a união da classe e reivindicar os seus direitos.

¹ O primeiro número foi publicado com o título U B S P T - Jornal.

² Prosseguiu em 1955.

O nº 2 saiu em janeiro de 1952, para continuar a publicação normalmente, cada mês, variando de quatro a oito páginas sempre repletas de matéria especializada, com as seções “No mundo dos selos”, “O canto do vate”, “Através dos tempos”, “O Correio através da História”, por Napoleão Barroso; “Você sabia?”, por J. Pimentel; “Mate esta”, charadas, por Heraldo Ramos; “Coluna mestra” e “Sociais”.

O trabalho gráfico passou a ser executado, desde o nº 8, nas oficinas da Associação da Boa Imprensa e a redação se transferira para a Sala Barão de Capanema, 5º andar do edifício dos Correios e Telégrafos, na avenida Guararapes. Tiragem declarada: 1.000 exemplares. Ao mesmo tempo, baixava para Cr\$ 20,00 e Cr\$ 10,00 o preço das assinaturas.

Uma edição extraordinária, de 16 páginas - nº 13, de dezembro - comemorou o primeiro aniversário de Pernambuco Postal-Telegráfico, exibindo, na primeira, com o editorial “Cumprida a primeira etapa”, clichês do diretor e dos novos secretários e tesoureiro, respectivamente, Murilo Ramos Pinto e José Lopes de Albuquerque. Impressa em papel couchê, inseriu variada colaboração e amplo serviço de fotogravuras.

Prosseguindo a numeração em 1953, as edições passaram a ter dez e doze páginas, subindo novamente para dezesseis em outubro - nº 23 - quando figurou na primeira um clichê, a cores, do cartaz de propaganda do I Congresso Nacional de Servidores Públicos, em realização no Paraná, ladeado de minúsculas redomas, em montagem vertical, dos 22 componentes da representação pernambucana. A maior edição, porém, ocorreu no mês de dezembro, quando, solenizando seu segundo

aniversário, saiu o nº 25, com 32 páginas, a primeira das quais ilustrada. Inseriu, a par de boa matéria e nitido serviço de clichê, o texto do novo Estatuto dos Funcionários Civis.

Continuou no ano III. Circularam os nºs. 26/27, 28/29, 30 e 31, este último datado de setembro/dezembro de 1954, sem mais alterações.

O trabalho gráfico dos primeiros números foi efetuado na oficina do Liceu de Artes e Ofícios e o restante na tipografia d'A Tribuna.

Além da matéria redacional, variada e sempre ilustrada, Pernambuco Postal-Telegráfico teve a colaboração de Leduar de Assis Rocha, Eusébio Lemoine Paes, Marcelino Pereira, T. Oliveira, Osman de Albuquerque, Jandir Neves, José Pimentel, Djalma Costa, José Carrilho (este, que redigia a “Crônica do DCT”, foi afastado por haver contrariado os interesses da classe, no seu comentário do nº 11); Moacir de Azevedo Paraíba, Oto Prado, Geraldo Peregrino, Amaro Ferreira, o da “Coluna Mestra”; Fábio Barreto Serrão, Mário Marcio, Manuel de Sousa, Henrique M. Sá Júnior, José Maria Cerqueira, Plácido Lucena, Daniel de Brito e outros ¹ (Bib. Púb. Est.).

ROTEIRO OPERÁRIO - Em defesa dos Trabalhadores pela Grandeza do Brasil - Circulou pela primeira vez em dezembro de 1951, obedecendo ao formato de 50x32, com quatro páginas de seis colunas. Redação à rua Ida, subúrgio da Macaxeira, 160, sendo o trabalho gráfico d'A Tribuna. Número avulso Cr\$ 1,00

¹ A publicação prosseguiu em 1955.

Tratava-se, consoante o “Nosso Roteiro”, de um jornal de operários, feito por operários, acentuando: “Estaremos sempre onde estiver o interesse do operariado, seja contra quem for ou a favor de quem for”. Após extensas considerações, concluiu:

“Roteiro Operário não é apenas um jornal. Muito mais do que isso: é um movimento e uma campanha. Um movimento de renovação, uma campanha de boa vontade, conclamando todos, de todas as fábricas, de todos os bairros, de todas as cidades, para o novo roteiro da nossa luta em defesa dos trabalhadores, pela grandeza do Brasil”.

A par de artigos assinados, a edição abriu seções como “Vida Operária”, “Sociais” e “Esportes Operários”.

Publicação mensal, contou do expediente, no nº 3: diretor - Arlindo Campos, seguindo-se uma relação de representantes nas fábricas de tecidos. No nº 6 apareciam: diretor-secretário - Jorge Naciano; diretor-gerente - Everaldo dos Anjos.

Manteve o programa traçado, focalizando os desajustamentos do proletariado, suas necessidades e reivindicações, através de editoriais, reportagens e noticiário. Foram colaboradores: Alcântara Meneses, José Pedro de França, Hermínio Santos, A. Carvalho, José Ferreira de Lima, Carlos Gomes, com a seção “Pessoas e Fatos”, etc. Alguns anúncios.

Roteiro Operário circulou até, pelo menos, o nº 7, datado de agosto de 1952 (Bib. Púb. Est.)¹

¹ Coleção desfalcada.

UECEP EM REVISTA - Órgão Oficial da União dos Estudantes de Comércio de Pernambuco - O nº 1, ano I, publicou-se (sem data) em 1951, obedecendo ao formato de 23x16, com 40 páginas de papel acetinado e capa em couchê, ilustrada com fotografias da Rainha da classe. Direção de Marcelo Walter Moreira. Redação: rua da Palma, 129, 3º andar. Custo do exemplar Cr\$ 2,00 sendo grátis para os associados da UECEP.

Tinha como objetivo primordial, consoante sua “Apresentação”, promover, “a todo custo, a coesão do estudante de Comércio”, para a consecução de seus problemas. Não daria “guarida a questões políticas, raciais, ideológicas ou religiosas”. Sua única preocupação era o setor cultural.

Adotou seções de Literatura, Cinema, a denominada “Eles disseram...”, Rádio e Folclore. Colaboração de Mário Melo, Mauro Mota, professor Moacir de Albuquerque, Murilo Braga, Mário Sabino de Oliveira, Maria Matilde, Hélio Tavares, Jonas Peixoto e outros. Duas páginas foram dedicadas a clichês de acadêmicas. Raros anúncios.

Faltam indícios da continuação, pouco provável (Bib. Púb. Est.).

1952

INFORMAÇÕES - “Uma contribuição da Diretoria de Documentação e Cultura (da Prefeitura Municipal do Recife) para o conhecimento do povo”, publicou-se o nº 1, 1a. série, a 15 de janeiro de 1952. Apenas duas páginas, no formato de 23x16, sendo impresso em vermelho e preto, na oficina da

Imprensa Oficial. Matéria única: noticiário da instalação da Biblioteca Popular de Casa Amarela.

Ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

FAREP - Boletim Mensal da Federação das Associações Rurais do Estado de Pernambuco - Iniciou sua circulação em janeiro de 1952, no formato de 28x23, com quatro páginas de duas colunas, impresso a tinta azul, utilizando papel especial. Redação e sede: edifício Sulacap, sala 603; depois, edifício Inalmar, sala 101.

Sem editorial de abertura, seguiu sua jornada com regularidade. Do sumário constavam: artigo redacional; “Reuniões”, “Resoluções”; “Organizações”; “Recomendação”; noticiário geral sobre convenções, congressos, legislação e tudo o que dissesse respeito a ruralismo.

Farep publicou-se pelo espaço de três anos, sem alteração de feitio, apresentando o nº 36, ano III, em dezembro de 1954, para jamais voltar à tona (Bib. Púb. Est.).

ARQUIVOS DE HIGIENE - Publicação do Departamento de Saúde Pública da Secretaria de Saúde e Assistência Social - O nº 1, ano I, publicou-se datado de janeiro/fevereiro/março de 1952, em formato de 27x20, com 44 páginas (papel bouffant), de coluna larga, fora a capa, de boa cartolina. Conselho Editor - Aldo Boas, Herodoto Pinheiro Ramos, Laurênio Lins de Lima, Jorge Barros, Bertoldo Kruse e Armando Silveira; Conselho Científico - professores Mário Ramos, Costa Carvalho, Jorge Lobo, Bezerra Coutinho e Artur Coutinho. Serviço gráfico da oficina do Jornal do Commercio.

Veio a revista, conforme o artigo de abertura, “responder a uma necessidade de nosso meio, onde, tanto o estudo dos problemas sanitários como as pesquisas científicas e sociais atingiram um grau de desenvolvimento que exige divulgação”, acrescentando: “...está destinada a levar aos colegas de todo o país o nosso pensamento e a experiência colhida no trabalho cotidiano, muitas vezes dentro de condições as mais adversas, como uma colaboração espontânea àqueles que hoje se dedicam à dura tarefa de proteger a saúde do indivíduo e das coletividades”.

Divulgou trabalhos assinados pelos médicos Orlando Parahym, Aldo Vilas Boas, Herodoto Pinheiro Ramos, Medeiros Dantas, Gervásio Melquíades, Kruse Grande de Arruda e Cecília Maria D. Sanioto; a seção “Atualidades” e noticiário.

O nº 2 envolveu os meses de abril a setembro, total de 66 páginas, apresentando colaboração, entre outros, dos drs. Albérico Câmara, Albino Gonçalves Fernandes, Berilo Pernambucano, Álvaro Vieira de Melo, Moraes Neto e Martiniano Fernandes. Notícias especiais completaram a edição.

Ao que indicaram fontes autorizadas, não continuou (Bib. Púb. Est. e Bib. Fac. Med.).

BOLETIM DA DIVISÃO DE TUBERCULOSE DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA - Estreou datado de janeiro/março de 1952, em formato de 24x15, com 36 páginas de papel couchê. A capa exibiu desenho de serviços de clínica e laboratório, tendo como fundo, em bico-de-pena, aspectos da vida do campo, ilustração que se estendeu, em faixa, através da

página de fundo. Conselho editor - drs. Herodoto Pinheiro Ramos, Laurêncio Lins de Lima e Reinaldo Breckefeld Filho. Impressão da oficina da Folha da Manhã.

Tinha por objetivo, conforme o “Editorial”, “a divulgação das atividades dos diversos órgãos da Divisão de Tuberculose e a educação sanitária da nossa população, no sentido de orientá-la e prepará-la melhor para o combate à tuberculose.

Divulgou comentário sobre “A tuberculose inaparente”; ampla estatística dos serviços de triagem nos internamentos; artigos do secretário de Saúde e Assistência, dr. Orlando Paraym e do especialista Aldo Vilas Boas; atividades da Liga Pernambucana Contra a Tuberculose e “Notícias Diversas”.

Ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

A LANTERNA - Críticas. Humorismo e Notícias - Surgiu a 23 de fevereiro de 1952, em formato de 32x23, com oito páginas de três colunas, tendo como diretor Clementino de Pontes. Redação e gerência à rua do Imperador, 370, 1º andar e trabalho gráfico d’A Tribuna. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Declarou, no artiguete de abertura, ser “um jornal do riso, pelo riso, para o riso”. Pretendia preencher uma lacuna, acentuando: “... a seriedade das nossas publicações é de enervar a cachola de qualquer um. A vida, na verdade, nem sempre é séria e trágica como registram, em seus artigos de fundo, os tais respeitáveis e sóbrios jornais da província do Leão desdentado, perdão, do Norte”.

Embora se anunciasse quinzenário, só circulou o nº 2 no dia 8 de abril. Ainda houve o 3º, correspondente aos meses de maio e junho. Ambos com seis páginas, baixando, porém, o preço do número avulso para Cr\$0,50

Dedicando-se à crítica das “coisas que não andam certas nesta terra”, A Lanterna cumpriu sua missão, divulgando reportagens jocosas de Paulino Patativa, Adamastor Palhinha e Visconde de Porto Calvo; notas ligeiras, comentários, anedotas e charges a bico-de-pena. Ocorreu, por último, um soneto (sério) de Vicente Noblat, um dos prováveis redatores. Não faltaram bons anúncios.

Não ultrapassou o nº 3 (Bib. Púb. Est.).

ODONTOPEDIATRIA - Órgão Oficial da Associação Pernambucana de Odontopediatria - A edição de estréia apareceu em março de 1952, obedecendo ao formato de 23x14, com 16 páginas de papel acetinado, mais a capa, em couchê, ilustrada com fotogravura de crianças. Trabalho gráfico da oficina d'A Tribuna, situada na rua do Riachuelo.

Destinava-se a revista, consoante a página de apresentação, a difundir as atividades da instituição, obrigando em suas páginas “as legítimas aspirações da classe odontológica pernambucana e brasileira”. Vinha a lume quando os diretores da A. P. O. viram “coroados de

êxito o seu ideal sublime de dar às nossas crianças pobres assistência completa, através da Assistência Dentária Infantil de Pernambuco”.

Inseriu amplo noticiário da fundação e instalação da sociedade, discursos pronunciados, inclusive nas comemorações do primeiro aniversário; conferência; Semana da Exodontia, aniversário dos cursos Odontológicos; eleição de diretoria e Estatutos. Anúncios, nas três páginas inferiores da capa.

O nº 2, com 46 páginas, circulou em dezembro, só então divulgando o seguinte expediente: diretor - Edrizio Barbosa Pinto; redator-responsável - Carlos Alberto de Almeida Lopes. Redação: rua Conde da Boa Vista, 100.

Sem periodicidade determinada, ocorreram três edições em 1953 e outras três no ano seguinte.

Obedecendo ao programa traçado, o magazine contou com a colaboração dos especialistas Frederico Eyer, João Fiúza, José Maria Lima, Carlos Alves da Costa, Mário Araújo, Marcelo Barros, Ulisséa Viana, Dinah Medeiros, E. Garcia Godoy, Sílvia Kelner, Fernando Ramos Leal, Ivete Saldanha de Oliveira e outros além de completo noticiário das atividades odontológicas em Pernambuco. Na capa sempre, clichês de criança.

O último número de 1954 foi o 8º, datado de outubro/novembro/dezembro ¹ confeccionado na Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82 (Bib. Púb. Est. e Bib. Fac. Odont. UFPe)².

VIDA NORDESTINA - Cultura, Comércio, Indústria, Religião e Esportes - Surgiu em março de 1952, no formato de 32x24,

¹ Ainda circulou em 1955.

² Coleções desfalcadas.

reunindo 22 páginas de bom acetinado e capa em couchê, ilustrada com fotografia de aspecto da cachoeira de Paulo Afonso. Diretor-proprietário - Carlos Augusto Frazão, instalados escritório e redação à rua da União, 367.

Seu programa, conforme a “Apresentação”, era muito simples: “Divulgar a vida econômica ou financeira de nossa região” e “lutar contra o êxodo do trabalhador rural e a conseqüente infra-produção; contra os males endêmicos que assolam as nossas populações”. No mais, procuraria “elevar cada vez mais o nível intelectual de nossa terra”.

Inseriu produções de Gláucio Veiga, Hercílio Fonseca, Hercílio Celso, Pinto Ferreira, Jordão Emerenciano, Arnóbio Graça, Olívio Montenegro e Dercílio Pereira; algumas traduções, comentários, homenagens e boa quantidade de reclamos comerciais.

Faltam notícias da continuação (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DO RÁDIO - Órgão Oficial da Casa do Radialista de Pernambuco - Único exemplar avistado: nº 2, ano I, de 27 de abril de 1952, em formato de 44x27, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Diretor - Abílio de Castro; redatores - José Edson, Aldemar Paiva, Luis Maranhão Filho, Severino Barbosa, Fernando Luis, Heronides Silva e Nelson Pinto. Imprimiu-se na oficina d’A Tribuna, vendido o número avulso a Cr\$ 1,00

Sua matéria constituiu-se de crônica de Ari Santa Cruz; “O artigo da semana”, por Nelson Pinto; “Pontos de vista”, de Severino Barbosa; “Acontece cada uma”, por Ele; “Variedades”,

a cargo de Dial; “Dez perguntas sensatas”; “Na L-6”, Na K-20”, “Na A-8”, etc. Estabeleceu bases de concurso para a escolha da Rainha do Rádio do Norte. Tudo entremeado de reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

TURFE EM REVISTA - Órgão do Jockey Clube de Pernambuco- Entrou em circulação a 17 de maio de 1952, obedecendo ao formato de 23x16, com doze páginas de texto e capa, esta em papel couhê, ilustrada com fotogravura de “Hermenegildo, campeão de 1951”. Diretor - Danilo Fragoso; secretário - Roberto Sá. Trabalho gráfico da Folha Manhã, para distribuição avulsa ao preço de Cr\$ 3,00 por exemplar.

Vinha, segundo o artigo-programa, “estabelecer um contato necessário entre os que apreciam e praticam o nobre esporte cafreirista”, coincidindo o seu aparecimento “com um período de intensa vida social e esportiva do Jockey Clube”.

“Propomo-nos, como é mister, - acentuou - a divulgar os acontecimentos do turfe; a registrar o movimento das carreiras e da casa de apostas; a focalizar figuras do nosso meio social, quer proprietários, tratadores, jockeys, diretores ou simples aficionados; a manter um serviço, tanto quanto possível completo e sempre exato, sobre a vida do nosso turfe, ligando, destarte, todos os turfistas em torno daquela vivência agitada, amável, distinta e cem por cento esportiva, que constitui o cerne de um hipódromo”.

A edição inicial homenageou o presidente da entidade, Irineu de Pontes Vieira, com clichês e uma página de encômios.

Prosseguiu a publicação e, ao atingir o nº 3, acrescentou-se-lhe o sub-título: “Semanário Esportivo-Social”, ficando a redação localizada na travessa da Madre Deus, 113.

Sempre comentando e informando, contou, concomitantemente, com a colaboração de Viriato Rodrigues, Marcos Almeida, Fernando Pinto, Hélio Pinto, Carlos Galiza, Joca de Lima Ferreira, etc., não faltando a parte de anúncios. Capas ostentavam fotografias de animais corredores.

Encerrou a existência do magazine o nº 20, de 27 de setembro do mesmo ano (Bib. Públ. Est.).

O BISTURI - Órgão Independente a Serviço da Classe - Apareceu em maio de 1952, mimeografado em papel de ofício, com dez páginas, mas o reverso em branco. Direção de Rui Guerra Barreto; redatores - Alexandre Mourão, Eduvaldo Dourado, José Weydson de Carvalho, L. Toledo e A. Frota, todos universitários. Redação à rua Teles Júnior, 233.

Segundo o editorial de apresentação, dava “seu primeiro vagido no império da cultura e da grandeza dos sentimentos”.

Após algumas considerações, envolvendo papiros, Guttenberg e Zola, sentenciou o articulista que O Bisturi “nada mais é do que a representação ideal de uma lâmina, cujo aço é o vigor da nossa juventude e cuja função é dissecar idéias, em busca de um sentimento que nos congregue fraternalmente na cruzada majestosa de engrandecimento do Brasil pelas letras”.

Em nota solta, logo adiante, lia-se: “O Bisturi é mais uma trincheira que se constrói em defesa dos direitos cerceados e das liberdades desreconhecidas”.

Inseriu variada matéria, inclusive uma página de literatura, comentários sobre o pleito do Diretório Acadêmico em persepectiva, a seção de sátiras “Verdades” e noticiário ligeiro, terminando com o seguinte aviso: “A direção deste jornal avisa que esta edição tem caráter provisório; não foi possível tirá-la impressa devido à exiguidade do tempo”.

Ainda no mês de maio circulou o nº 2, impresso na tipografia da Folha da Manhã, formato de 32x23, 14 páginas de quatro colunas. Abriu com editorial de censura à atuação do presidente do Diretório Acadêmico de Medicina. Seguiram-se: “Conceitos e Opiniões”, “Coluna do Parnaso”, “Bate-papo”, “Voz Feminina”, “Literatura Médica”, impressões a respeito d’O Bisturi e noticiário social, sendo sete páginas dedicadas a um estudo do professor Avelino Cardoso, intitulado “Coração” e ilustrado.

Continuou até o nº 5 (provavelmente último), datado de outubro e reduzido a oito páginas, impresso em papel verde.

Foram os seguintes os colaboradores do mensário: Júlio de Aguiar, José Falcão Pedrosa, José Carlos Duailibe, Egmont, Madalena Cavalcanti de Oliveira, José Barreto Carvalho, José Buarque Borges, Ivaldo Valença, Marcionilo Lins, Maria Gizelda de Melo e Silva, Túlio Meira de Vasconcelos e outros. Também ocorriam anúncios.

O corpo redacional sofreu alterações, dele participando Carlos Barreto, E. Lacerda e Geraldo Antunes (Bib. Púb. Est.).

A VOZ DO HIRAM - Revista Macônica Bimestral. História, Filosofia, Doutrina, Espiritualismo - O nº 1, ano I, circulou datado de maio/junho de 1952, em formato de 27x16, com 42 páginas, a começar pela capa, cujo desenho de frente figurou um templo da Maçonaria, suas insígnias e a legenda: “A Gl. do Gr. Arq. do Univ.”. Diretor - Olímpio Pessoa Júnior; redator-chefe - João Bezerra Vasconcelos. Redação na rua Diário de Pernambuco, 42, 1º andar e trabalho gráfico da Imprensa Industrial. Assinatura anual, mediante porte registrado - Cr\$ 100,00 ou, para o exterior, Cr\$ 150,00

O editorial de abertura focalizou a vida do mártir e herói Hiram Abif, sua “capacidade de sacrifício” e “disposição para a capa, em defesa do ideal comum”, assim concluindo: “A Voz do Hiram é a voz da honra e do dever. Tanto quanto possível, com obra contingente e humana, esta revista buscará ser fiel a essa voz. Para que ela continue a inspirar a conduta e a obra dos maçons brasileiros”.

Com quatro páginas, no centro, em couchê e o restante em papel acetinado, divulgou farta matéria específica, inclusive artigos de Olímpio P. Júnior e cap. Amaro de Sena Xavier; poesia de Fernando Augusto; duas páginas de “homenagem póstuma” a George VI e dados biográficos do grão-mestre Joaquim Rodrigues Neves. Regular quantidade de anúncios.

Se porventura prosseguiu a publicação, não restam outros comprovantes nas fontes de pesquisas (Bib. Púb. Est.).

O PAN-AMERICANO - Órgão Oficial dos Alunos do Ginásio Pan-Americano - Exemplar único encontrado: nº 6, ano I, de junho de 1952, em formato de 31x23, com quatro páginas de quatro colunas. Foi impresso na tipografia do próprio educandário, situado na rua São Miguel, subúrbio de Afogados, 649. Diretor responsável - professor Florivaldo Vieira.

Sua matéria constou de noticiário, sobretudo em torno do aniversário do diretor: a seção “Um pouco de piadas” e produções ligeiras, a cargo de Zilda Marques de Sousa, Áurea Campos Arnaud e Severino Oliveira (Bib. Púb. Est.).

CIDADE DO RECIFE - Órgão Noticioso, Informativo, Independente - Saiu a lume, pela primeira vez, no dia 16 de junho de 1952, em bom formato de 48x32, a seis colunas de composição, quatro páginas e lisonjeira apresentação gráfica, a cargo da oficina da Folha da Manhã, situada à Travessa da Madre Deus, 113. Redação à rua Primeiro de Março, 90, 1º andar. Diretor - João Rodrigues, logo na segunda edição substituído por Paulo Matos; redatores: Floriano Barbosa e Milton Souto, este feito secretário; gerente - Diógenes Prado, substituído, no nº 4, por Milton Souto Júnior. Preço do exemplar: Cr\$ 1,00

Do artigo “O rumo deste jornal”, cujo cabeçalho exibiu artístico desenho de aspecto do Recife (ponte Duarte Coelho e altos edifícios), contava: “...será um órgão de interesse geral, sem compromissos de ordem partidária ou religiosa. Destina-se, todavia, a servir à causa da democracia, contra a infiltração de quaisquer ideologias nocivas à nossa formação moral e espiritual. As colunas de Cidade do Recife servirão destarte de tribunal permanente para a defesa intransigente dos interesses da

coletividade, dos fracos e dos oprimidos, sem ferir contudo a suscetibilidade de quem quer que seja, mantendo-se equidistante do campo individualista”.

Jornal movimentado, servido de reportagens sensacionais, diferentes comentários, regular noticiário e alguns anúncios, medeou uma quinzena entre o primeiro e segundo número, para prosseguir, regularmente, cada segunda-feira.

Divulgava as seções: “Roteiro da Semana”¹, de Paulo Matos; “Comentos”, de Seve-Leite, que depois a substituiu por “Motivos”; “Riso e Ciso”; “Perguntas e Respostas”; “Filmes em revista”, crônica de Izidora, também autor de artigos com o nome todo: Izidoro Martins Souto; “Um pouco de Esporte”, por André Beda Cavalcanti; “Tudo isto é verdade”, comentário constante de Luiz do Nascimento; “Escape livre”, de J. R. (major João Rodrigues); “Esquina da Sertã”, de José do Patrocínio Oliveira; “Julgo, Condono ou Absolvo”, comentário de Milton Souto, igualmente responsável pelos editoriais, algumas reportagens e outros artigos assinados; “Bilhete ao Brejo”, por Hisbelo de Queiroz Campos; e “Esperanto”, de Francisco Ristal.

Teve o semanário, ainda, a colaboração de Mário Melo, Baltazar da Câmara, Santino Pérciles (pseudônimo do desembargador Felisberto Pereira), Marco Aurélio de Alcântara (aos 15 anos de idade), Leite Machado Rosa Matos, Gerson Cariri, Alberto Campelo, Fernando Souto Maior, Aristóteles Alves, Ramos de Oliveira (Severino), Luis G. Uchôa e outros.

¹ Publicado em cada número da Cidade do Recife. até o fim, o “Roteiro da Semana” transformou-se, depois, em crônica radiofônica dominical.

O corpo redacional completou-se, no nº 22, com Marcelino Neto e, no nº 36, com H. de Queiroz Campos. Uma única edição saiu com seis páginas: o nº 50, comemorativo do aniversário da Cidade do Recife, impresso em papel couchê. O redator Floriano Barbosa assinou uma coluna quase assídua de artigos com títulos diferentes.

Em editoriais, sueltos e reportagens, a Cidade do Recife condenou despotismos e prováveis abusos administrativos ou institucionais, sempre equidistante quanto à política partidária.

Sem deter a numeração, alcançou o nº 71 a 21 de dezembro de 1953, ficando suspensa. A situação financeira da empresa, desde algum tempo precária, não permitiu ao seu esforçado diretor continuar a publicação em meio a ingentes dificuldades.

Quatro meses depois, reapareceu a Cidade do Recife - nº 72 - a 26 de abril de 1954 - com a equipe responsável reduzida a Paulo Matos, Milton Souto, Hisbelo Campos e Floriano Barbosa. Tinha como objetivo precípua defender a candidatura de Hisbelo à deputação estadual. Mas não deu certo. E encerrou sua existência com o nº 73, de 28 de maio (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DO TRÂNSITO - A Serviço do Tráfego - Circulou pela primeira vez a 16 de junho de 1952, em formato de 48x32, com quatro páginas de seis colunas. Diretor - Rubens Ramos; redator-chefe - Hostiniano de Moraes, funcionando a redação na Delegacia do Trânsito. Trabalho gráfico d'A Tribuna. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00

O artigo “Nosso aparecimento” ocupou-se do tema Tráfego e Trânsito, do qual também trataram R. Normando, Everardo Vasconcelos, Rosemiro Fonseca e Luis Rocha. Além da matéria específica, inseriu conto de Ivo de Assis e soneto de Israel de Castro. Boa série de anúncios.

Prosseguiu a publicação semanalmente, acrescentando ao sub-título: “Independente, Educativo e Noticioso”. Não se lhe prolongou, porém, a existência. Transferida a confecção material para a tipografia da Polícia Militar, um pouco reduzido o formato, saiu a lume o nº 4 (último?) no dia 14 de julho. Colaboração nova de Ramon de Azevedo Filho e capitão Agenor de Carvalho (Bib. Púb. Est.).

MÚSICA, MAESTRO - Suplemento da Gazeta Esportiva - Santo Antonio, São João e São Pedro - O nº 4, ano I, circulou em junho de 1952, no formato de 23x16, reunindo 16 páginas. Direção de Remo Pires. Redação, gerência e oficina gráfica na rua do Canal, Parque 13 de Maio. Preço do exemplar - Cr\$ 1,50

Divulgou, tão somente, letras de canções populares juninas, clichês de cantores e anúncios (Bib. Púb. Est.).

O CAIPIRA - “Órgo dus Aluno da Iscola Industriá di Pernambuco” - O nº 1, ano I, circulou (sem data) em junho de 1952, no formato de 33x24, com quatro páginas a três colunas de 14 cíceros. Título desenhado entre motivos de festa sanjuanesca. Constava do Expediente: “Fundadô - A boa vontade dus aluno da Iscola Industriá; diretô - O aluno mais intiligente da Iscola; redatô-xefe - Todos us aluno qui saiba lê i num iscreva disafôro”. Impresso na Seção de Artes Gráficas do estabelecimento.

Segundo o “Artigo di fundo du Caipira”, o jornalzinho era o arauto da “suspiração dos alunos, o órgo da sabença e inlustração”. A parte literária estava à disposição dos “home letrêre”, mas a parte editorial dependia de “tizôra e goma”.

Toda a matéria apareceu redigida em linguagem caçange, chamada “de matuto”. Constituiu-se de noticiário das festas do período de férias da Escola, notas sociais, humorismo, troças e versinhos de Raul Borges.

Não há indício de haver continuado a publicação (Bib. Púb. Est.).

O ARAUTO PENTECOSTAL - Publicação Mensal - Surgiu no mês de junho de 1952, em formato de 32x23, com oito páginas de quatro colunas. Diretor - Diomedes Ferreira de Melo; redator-chefe - Aldor Petterson; secretário - Eduardo Rocha; gerente - Euclides Ribeiro de Moura, funcionando a redação na rua do Hospício, 462. Assinatura anual - Cr\$ 10,00; número avulso - Cr\$ 1,00 Impressão da Gráfica Editora do Recife¹, à rua do Imperador, 227.

“Órgão oficial da Igreja Pentecostal Assembléia de Deus”, O Arauto “não é apenas - leu-se na “Apresentação” - o suave portador de uma mensagem de paz, é também o pregoeiro de uma mensagem de guerra. Por isso, combaterá, sem dar tréguas ao inimigo, toda sorte de pecados, principalmente os que se acastelam na casa de Heli e procuram acomodar-se no lugar santo”.

¹ Nova denominação da antiga Empresa Diário das Manhã S/A.

Servia-lhe de divisa a frase bíblica: “Voz do que clama no deserto: pregai o caminho do Senhor; endireitai as suas veredas” (Luc. 3:4).

Ao publicar-se, em julho, o nº 2, que reuniu dez páginas, ficou a folha suspensa, só circulando o nº 3, ano II, um ano depois, ou seja, no mês julho de 1953. Prosseguiu, no entanto, até atingir o nº 13, datado de junho de 1954, proporcionando edições de oito a doze páginas. Tendo havido alterações no corpo redacional, terminou este reduzido ao diretor. E o gerente foi substituído por Valdir Calazans.

Divulgava as seções “Na Vinha do Senhor” e “Calendário Cristão”; artigos doutrinários dos redatores e de Ademar de Sousa Melo, S. L. Farias, Odarico Lucena, João Valentim, Natanael Monteiro do Nascimento, Otávio Petterson, José F. de Moura, Aluísio Alves da Silva, Severino Carneiro da Cunha, Cícero Leão, José Alves de Sousa, etc.

Teria ficado no referido nº 13 (Bib. Púb. Est.)¹.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FARMACÊUTICA DE PERNAMBUCO - Apareceu no dia 18 de julho de 1952, em formato de 32x24, com oito páginas de quatro colunas. Diretor-responsável - Júlio de Oliveira; diretor-científico - Mauro Pamplona Monteiro; redatores - Nestor César e Lindolfo Mascarenhas, funcionando a redação e administração na rua da Aurora, 78, 1º andar.

¹ Coleção desfalcada.

A edição inaugural circulou em homenagem à VIII Convenção Brasileira de Farmacêutico e ao I Seminário de Professores de Farmácia do Brasil.

No artigo de apresentação, “Antes de tudo” (título com o qual continuou a escrever nas edições seguintes), frisou Júlio de Oliveira: “Órgão de Cultura e de defesa dos interesses profissionais da grande classe, é óbvio que os credos políticos e as filosofias religiosas aqui não encontrarão tribuna para disputas nem contendas, senão que a uns e outros respeitaremos, dentro dos bons princípios da ética, que deve ser a suprema orientadora das boas relações entre os homens”.

Noutro tópico: “A tudo proverá este Boletim, feito para os farmacêuticos de Pernambuco e do Brasil, em cujas mãos o colocamos, porque é neles - na sua inteligência, na sua cultura, na sua indispensável cooperação - que residem, precipuamente, as nossas esperanças de vida longa e profícua”.

Divulgando matéria redacional especializada, inclusive amplo noticiário e artigos assinados pelos redatores e por Leduar de Assis Rocha, José de Sousa Brandão, Virgílio Lucas e Elísio Condé, a folha publicou-se em datas indeterminadas, a saber: setembro e dezembro (edição dedicada à turma de farmacolandos de 1952); maio (homenagem ao cinquentenário da Escola de Farmácia do Recife); outubro (páginas sobre o falecimento do professor José de Sousa Brandão e “apontamentos de uma aula teórica da cadeira de Química Industrial Farmacêutica, ministrada pelo professor Júlio de Oliveira”) e dezembro de 1953 (IX Convenção Brasileira de Farmacêuticos); março, julho e

dezembro - nº 9 - de 1954¹, edição que apresentou, como matéria principal, um histórico da nova Escola da Farmácia de Pernambuco, dados sobre o III Congresso Farmacêutico e Bioquímico Panamericano e o V Congresso Brasileiro de Farmácia.

Sempre bem provido de fotogravuras, o Boletim variava em número de páginas, entre oito e dezesseis (Bib. Púb. Est.).

DEFINIÇÃO - Órgão de Defesa das Nossas Tradições Culturais
- Circulou, pela primeira vez, no dia 31 de julho de 1952, apresentando-se em bom formato de 46x30, com oito páginas de cinco colunas. Impresso nas oficinas gráficas da Polícia Militar, no Derbi, tinha redação instalada à rua 1º de Março. Diretor-responsável - Esdras Farias; diretor-presidente - Hermógenes Viana; diretor-artístico - Bibiano Silva; redatores: Milton Souto, Seve-Leite (só até o nº 2, sendo substituído por A. Pinto Ribeiro), Ernesto de Alburquerque, Paulo Matos (só no nº 1) e José Izidoro Martins Souto; orientador técnico - Paulo Araújo. Preço do exemplar - Cr\$ 3,00

Lia-se no artigo de abertura, intitulado “A finalidade por que nos impomos”: “Ao lançarmos este mensário à luz da publicidade, órgão que terá, invariavelmente, de seis a oito páginas, é com o propósito de ajudar, tanto quanto nos seja possível, os escritores e artistas que se esforçam por manter o renome das nossas tradições de cultura, em todas as suas manifestações e atividades no terreno da história, da arte e da literatura”. Mais adiante: “Não constituímos um ‘conventilho’ para uns únicos frades, como acontece com certas ‘igrejinhas

¹ A publicação continuou em 1955.

literárias'da terra, com a presença de todos os acólitos. Em Definição há mil portas, como em Tebas". E concluiu:

“Definição não tem compromissos senão com a arte, a história e a literatura, nos limites de sua tradição clássica. Também não estão dentro do nosso programa quaisquer assuntos doutrinário, políticos, religioso e demagógico”.

Jornal eminentemente literário e artístico, seguiu sua trajetória, passando a dar seis páginas desde o nº 3, sem jamais publicar anúncios, porque custeada a despesa (quase só com o papel da impressão) pelos redatores e alguns colaboradores. Divulgava produções - além do forte contingente da equipe redacional - assinadas por Mário Melo, Felisberto dos Santos Pereira, major João Rodrigues, Baltazar de Oliveira, Armando Maia, Baltazar da Câmara, Marco Aurélio de Alcântara, Artur Griz, Evangelina Maia Cavalcanti, inclusive com o diminutivo Eva na seção “Perfil relâmpago”, de versos ligeiros; Milcíades de Alcântara Barbosa, Hernani Teixeira, procedente de Lisboa; Maita de Mendonça, J. Avelino Filho, B. de Sousa Filho, Edson de Farias, Luiz do Nascimento, Leônidas H. da S. Castro, etc. Havia seções de noticiário literário, como “A Cidade” (clichê simbólico), com a assinatura de E.; “Kermesse” (também desenhado), por Esdras Farias; “Definição Social”, “Elucidário” e mais variedades e curiosidades, sobretudo de caráter retrospectivos.

Definição circulou regularmente, cada mês, até o nº 5. Depois incluiu o 6º, o 7º e o 8º numa só edição, correspondente a dezembro de 1952/janeiro, fevereiro de 1953. Seguiu-se, em março/abril, a de nºs. 9/10, quando Milton Souto passou à categoria de redator-secretário. Ocorreu um interregno de nove

meses e o jornal nascido dos bate-papos da porta da Livraria Mozart reapareceu, em segunda fase, nº 11, em janeiro de 1954, apenas substituído, na direção, o nome de Bibiano pelo de Milton. Ainda circulou o nº 12/13, datado de fevereiro/março, com oito páginas, não dando mais sinal de vida (Bib. Púb. Est.).

REVISTA RENASCENÇA - Mensário Ilustrado - O nº 2, ano I (único encontrado), circulou em julho de 1952, no formato de 32x24, contendo 40 páginas de papel acetinado e capa em couchê, ilustrada com efígie do governador Agamenon Magalhães. Diretor - Antonio C. Mendes de Azevedo; redator-chefe - Miguel de Sousa Leão; secretário - Albino Buarque de Macedo; redator-auxiliar - Narciso Rosa Matos; gerente - José Plínio Mendes de Azevedo; diretor de publicidade - Carlito Campos. Redação à rua Fernandes Vieira, 678.

A par de comentários redacionais, notas variadas e curiosas, inseriu produções, em prosa ou verso, de Sinval Peregrino da Silva, Osvaldo Fagundes, M. Celina de Sousa Leão, dr. Salgado Calheiros, Renato Fleury, Eduardo Rocha e outros; transcrições; página de homenagem a personalidade; “Álbum Social” e vasta porção de matéria paga (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM MENSAL DA FEDERAÇÃO PERNAMBUCANA DE DESPORTOS - Começou a circular em julho de 1952, no formato de 23x16, com vinte páginas de papel couchê, ilustrada a capa com fotogravura do presidente José do Rego Vieira, autor do artigo de apresentação, rodeada de escudos.

Destinava-se a servir de documentário das realizações da F. P. D., além do “órgão diário oficial”.

Do primeiro número constaram: artigo de Aristófanes de Andrade; noticiário, balancetes do movimento associativo, quadros de campeonatos e efigies de diretores.

Seguiram-se, no mesmo ritmo, com diferentes clichês na capa, edições de agosto (homenagem à memória do governador Agamenon Magalhães) e de setembro (Bib. Púb. Est.).

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE (Da Igreja Presbiteriana do Brasil) - Boletim da Campanha de Construção - Circulou em julho de 1952, obedecendo ao formato de 33x22, reunindo dez páginas, a três colunas de composição. Redator - Oton Guanais Dourado.

Nitidamente impressa em papel superior, a edição inseriu matéria alusiva ao objetivo enunciado, incluindo artigos ou opiniões assinados pelos líderes presbiterianos A. Teixeira Gueiros, José Borges dos Santos Júnior, Natanael Cortês, Amantino Adorno Vassão e Samuel Falcão; fotogravuras e o “Ante-Projeto das novas edificações”, com duas páginas de gráficos ¹ (Bib. Púb. Est.).

FOLHAS DE ACÁCIA - Órgão da Loja Cavaleiros da Luz nº 2 - Circulou no dia 18 de agosto de 1952, em pequeno formato de 22x15, contendo 28 páginas de texto e capa em papel bouffant. Confeccionado na Gráfica Editora do Recife, situava-se a redação na rua Augusta, 699.

Começava - consoante a apresentação intitulada “A Família Maçônica Universal” - “sem pretensões nem programa”.

¹ O nº 2 só foi publicado em 1955.

Era “a voz da Loja que, no Or. de Pernambuco, se colocou na defesa intransigente dos Landmarks e das Antigas Leis e Costumes da Maçonaria Universal”. Trabalharia “pela renovação moral da nossa Aug. Instituição, por meio do exemplo e da palavra”.

A edição comemorou o 25º aniversário dos “Cavaleiros da Luz nº 2”, inserindo a “Declaração Universal dos Direitos do Homem”; artigos e poesias, por transcrição; notas diversas sobre temas maçônicos e algumas fotogravuras da Loja ¹ (Bib. da Loja Mac. Branca Dias, João Pessoa, PB).

O PRÍNCIPE - Publicação da Casa da Providência - Apareceu em agosto de 1952, obedecendo ao formato de 32x23, com oito páginas de quatro colunas. Impressão, em papel verde, da oficina d’A Tribuna. Diretoras - Irmã Pessoa, Adeilda Padilha e Cândida Moreira; secretária - Severina Fagundes; tesoureira - Edida Lopes; gerente - Olívia Guedes. Assinatura anual - Cr\$ 15,00; preço do exemplar - Cr\$ 1,00

No artigo de abertura, esclareceu uma das diretoras o porque do título do jornalzinho: “...é um nome suave, delicado e amável”. Noutro comentário, focalizou a questão financeira, onde tropeçavam os iniciantes da vida jornalísticas; e o padre Eduardo Roque Brasil felicitou as redatoras pela feliz iniciativa.

A par de incipiente literatura, ocorreram amplo noticiário de fatos e acontecimentos do estabelecimento de ensino denominado Casa da Providência, inclusive atividades desportivas, e uma página de Anedotas e Charadas.

¹ Não voltou a publicar-se senão em 1960.

O nº 2 do mensário homenageou, estampando clichê na primeira página, a memória do Governador Agamenon Magalhães. Foi impresso na tipografia da Folha da Manhã; mas teve, apenas, quatro páginas, o mesmo acontecendo com o nº 3, só publicado em novembro.

Tudo leva a crer que ficou aí a existência d'O Príncipe, não mais “desencantado” (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DOS COMERCIÁRIOS - Circulou, pela primeira vez, em agosto de 1952, no formato de 23x16, com 24 páginas, inclusive a capa, colorida e ilustrada com clichê da sede do sodalício. Diretor - Pojucan Moura; redator - Telha de Freitas.

O editorial de apresentação ocupou-se do ressurgimento da Associação. Seguiram-se: “Breve história de um clube”, ocupando várias páginas, com a assinatura do diretor; clichês de membros da diretoria; colaboração de Siel Ramos e Aristóteles Alves: noticiário e anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

ARRECIFES - Jornal de colegiais do “Oswaldo Cruz”, constante de quatro folhas de papel ofício datilografadas, o reverso em branco, circulou o primeiro número da segunda fase (?) em agosto de 1952, embora não datado. Redatores - Marco Aurélio de Alcântara, Mauro Rohman e Germano Schnaider, do Grêmio Literário Machado de Assis.

Abriu a edição uma “Exposição de princípios”, na qual o articulista focalizou o “idealismo puro de um grupo de jovens

dedicados”, frisando: “Arrecifes pertence à classe de jornais que preferem aos assuntos as personalidades, a seriedade à sensação”, para concluir: “Teremos em vista, apenas, colaborar com os colegas na defesa permanente das nossas tradições de cultura”.

A edição, modesta, constituiu-se de artigos de Sônia Barros e Mauro Rohman; poesia moderna de Marco Aurélio e notas redacionais.

Circularam mais alguns números, deles não restando comprovantes.

BOLETIM DO PESSOAL - Órgão de Divulgação Interna da Caixa Econômica Federal de Pernambuco - Datilografado e impresso em mimeografado, circulou o primeiro número a 30 de agosto de 1952, ocupando a página de frente de uma única folha de papel de ofício. Divulgou atos, despachos e registros administrativos.

Publicação quinzenal, sob a orientação de Ari Sodré da Mota (chefe da Organização do Pessoal), no número seguinte apresentou-se com duas páginas de matéria, abrindo com a nota-programa a seguir: “Caro colega: o nosso Boletim do Pessoal, já um pouco aumentado o seu segundo número, tem aspirações mais elevadas. Pretende ele ser, além de completo registro de nossas atividades burocráticas, um veículo de idéias e sugestões; enfim, algo que mais una e aproxime os que fazem a Caixa Econômica Federal de Pernambuco”.

A terceira edição veio com três páginas mimeográficas e um suplemento, inserindo artigos assinados por Diógenes de Oliveira Teixeira e Rosalvo Wanderley Brennand.

Foi, assim, o Boletim aumentando o número de páginas e melhorando de aspecto; e passou a utilizar capa, em bom papel, a começar da sexta edição. Novos colaboradores iam aparecendo, ao passo que se intensificava o noticiário. Além das informações de caráter administrativo, incluindo balanetes, relatórios, estatísticas, etc. Depois, admitiu desenhos e vinhetas ilustrativos, a cargo da funcionária Léa Chaves de Siqueira.

Circulando ininterruptamente, atingiu o ano de 1953, quando a edição da segunda quinzena de maio comemorou o 76º aniversário da Caixa Econômica.

No mês de setembro entrou a publicar-se mensalmente, obedecendo a média de 10 páginas, para chegar em 1954 sem mais alterações, até que, no mês de agosto, apresentou-se o Boletim com 20 páginas, bastante ilustradas, por motivo do segundo aniversário de sua fundação. A partir de outubro ocorreu uma inovação: página ilustrada de humorismo.

Oferecendo suas páginas à divulgação de matéria assinada, desde o princípio, o quinzenário, depois mensário, contou com os seguintes colaboradores, entre outros menos assíduos: Aluísio Andrade Pereira, Djalma S. Soares Quintas, Dinamérico Fay de Andrade, Amaro Pedrosa Júnior, Paulo Lemos Lima, Maria Antonieta Sampaio, André Barreto, Maria dos Anjos Guerra, Cremildo Vidal de Araújo, este inclusive, com as “Sutilezas da língua”; Anibal F. Castro e Gil de Almeida Claro, que não era

outro senão o advogado Amaro Gomes Pedrosa, então diretor da Caixa Econômica.

Quarenta edições do Boletim do Pessoal saíram a lume até o mês de dezembro de 1954¹ (Colec. Ari S. Mota).

DOXA - Revista Oficial do Departamento de Cultura do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de Pernambuco, da Universidade do Recife. - Pretendendo aparecer trimestralmente, o nº 1, ano I, circulou no mês de agosto de 1952, em formato de 23 X 16, com 98 páginas de papel acetinado, além da capa, em cartolina branca. Direção: Maria do Socorro Jordão Emereciano, Bernadete Pedrosa e Arnaldo Schuller. Impressão da Gráfica Editora do Recife. à rua do Imperador, 227.

“A nossa revista - dizia o editorial de abertura - será um órgão independente de qualquer orientação partidária. Não pretendemos manter uma revista para este ou aquele grupo em particular, mas para um único: o de todos aqueles que se interessam pela cultura do espírito, na busca constante de conhecimentos”. E acentuava: “Doxa pertencerá àquela espécie, hoje praticamente extinta, de revista emancipada de quaisquer limitações: política, ideológica ou religiosa; não será conservadora ou reacionária, governista ou oposicionista, tomista ou marxista”.

Concluiu A Diretoria, signatária do artigo, dedicando o primeiro número do magazine ao ex-governador Barbosa Lima Sobrinho.

¹ Prosseguiu a publicação em 1955.

A edição constituiu-se de artigos assinados por Lourival Vilanova, Enrique Buonaventura, Gilberto Freyre, Jerônimo Gueiros, Maria Teresa Leal, Pinto Ferreira, Orlando Moraes, Jordão Emerenciano (todos, até aí, professores), Fernando da Cruz Gouveia, Rubem Franca, Marta Bezerra Cavalcanti e Heráclito Campelo, também ilustrador.

O nº 2 só foi publicado em fevereiro de 1953. Reuniu 46 páginas, divulgando artigos de Giorgio Braccialarche, cônsul no Recife, em língua italiana; professores Newton Maia, Valdemar Valente e Mário Lacerda; Lauro Oliveira, Eneida Rabelo, Aloísio Cordeiro, A. G. Wanderley e Amaro Ferreira Nunes.

Até o fim de 1954 não voltou a bem feita revista à circulação ¹ (Bib. Púb. Est.).

VOZ DO CAPIBARIBE - Mensário editado por Ginásianos do Colégio Estadual de Pernambuco - Surgiu no dia 15 de setembro de 1952, em formato de 32 X 23, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor responsável - Diógenes Lima Souza; redatores - Jomard de Brito, Oswaldo Figueiredo, Caio Gomes da Silva e Maurício do Rego; gerente - Rone. Local da redação: 4ª Série diurna do Colégio. Trabalho material da oficina da Vida Esportiva. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00 numerado para sorteio de uma bola de futebol.

Coube a M. C. do Rego assinar o editorial de abertura, no qual esclareceu: "...será a publicação redigida por alunos,

¹ Reapareceu em 1956.

professores, funcionários e finalmente por todos aqueles que quiserem nos enviar colaborações...”

Melhorou, no nº 2, de 15 de outubro, para seis páginas; mas, debandou o corpo redacional, menos o diretor, que admitiu, como secretário, Jackson V. de Melo. Suspenso no período de férias, iniciou 1953 o nº 3, de 21 de abril, passando, no nº 4, a ser impresso na Gráfica Editora do Recife, fornecido o papel, em caráter de cooperação, pela Diretoria de Documentação e Cultura (não mais existente), da Municipalidade. O cabeçalho apresentava-se desenhado, mostrando a fachada do Colégio Estadual e mudou o sub-título para “Órgão Independente dos Alunos do C. E. P.”. Novo diretor - Everaldo Vieira de Melo; novo redator secretário - José Serafim dos Santos.

Após o nº 5, de junho, o nº 6 só apareceu no mês de setembro, contendo oito páginas, edição comemorativa do primeiro aniversário, ao preço de Cr\$ 1,50 por exemplar. Ainda foi dado à luz o nº 7, a 20 de novembro, com seis páginas. Mudou, novamente, de direção, assumindo-a José Eugênio Alberto de Melo; outro gerente - Jackson V. de Melo.

A par de noticiário, a seção “Recreio” e alguns reclames comerciais, a folha inseria produções assinadas, ora por Edgar Guerra, ora por José Leandro Filho, Jarbas de Holanda, M. C. do Rego, Iran F. Machado, Luciano Farias, Adalberto A. Silva, Evandro Griz, Wilson de Vilas Boas, José Eugênio, A. de Melo, Margarida Leitão de Andrade, J. Cisneiros, Armando Boudoux, José Ricardo Gomes e outros.

Não foi adiante a publicação da Voz do Capibaribe (Bib. Púb. Est. e arquivo do Colég. Estadual)¹.

BOLETIM MAÇÔNICO - Jornal Mensal, Noticioso e Independente - destinado a veicular, principalmente, o progresso da loja Redenção do Oriente, entrou em circulação no mês de setembro de 1952. Formato de 32 x 23 e quatro páginas de duas colunas largas, impresso em tinta verde. Dir.: Sec.: - José Mucinic. Distribuição interna, à razão de Cr\$ 50,00, Cr\$ 30,00 e Cr\$ 20,00 respectivamente, por ano, semestre e trimestre. Redação na rua Padre João Ribeiro, 45.

“Algumas palavras” abriram o texto, enunciando o programa já acima exarado. Esperava melhorar o feitio e a distribuição da matéria, pondo suas colunas à disposição dos Irmãos. Divulgou: “O trabalho do mês”; “Capítulo IV dos Direitos e dos Deveres dos Maçons”; “Vida Social”; “Noticiário”; “Projeto - Sujestão - Idéia” e “Quadro eleito para o exercício de 1951/1952” (Colec. Osv. Araújo, Fortaleza, Ceará).

Inexistentes comprovantes dos n°s 2 a 12, publicou-se o n° 13, ano II, datado de setembro/1953-março/1954, 2ª fase, reunindo doze páginas. Inalterada a direção. Custo da anualidade - Cr\$ 100,00 Tabela de anúncios: 1 página - Cr\$ 1.000,00; ½ - Cr\$ 600,00; ¼ - Cr\$ 300,00. Trabalho material da Empresa Jornal do Comercio. Lema adotado: “Liberdade - Igualdade - Fraternidade - Pela Maçonaria unida e forte, Avante!”.

¹ Coleções com lacunas.

Escreveu José Bernardo de Araújo que o Boletim voltava a publicar-se “depois de uma interrupção de cerca de seis meses”. Deixara de circular “por motivos estranhos à sua direção”.

A edição em apreço inseriu: “Plataforma do candidato ao grão mestrado do Gr. Oriente de Pernambuco, dr. Prudenciano de Lemos”; “Concurso intelectual”; “melhor trabalho escrito em defesa da nossa ordem ou descrevendo os seus feitos e glórias”; “Intercâmbio”; “Informações úteis”; “Curiosidades maçônicas” e anúncios.

O nº 14 saiu em abril de 1954, com 16 páginas e o nº 16 em junho, com 12 páginas, não encontradas mais edições. Novas seções criadas: “Página das Samaritanas”, sob a direção de Ângela Mucinic; “Página de Literatura”, dirigida por Atanagilde Carvalho, da qual foram colaboradores, entre outros, Prudenciano de Lemos, Adauto Barreto, Israel de Castro, José Mucinic, Djalma Marques de Melo e Severino de Alcântara Lira; “Vivendo e aprendendo”; “Recepção”, etc. (Bib. Púb. Est.).

O CONTABILISTA - Órgão de Difusão Cultural - Publicou-se o nº 1, ano I, em setembro de 1952, feito sucessor do Mensário Pernambucano de Contabilidade, Economia e Finanças, suspenso três anos antes. Direção de Valdemir Xavier Bezerra; redatores - João M. Vieira de Melo, Arlindo de Araújo Carvalho, José Vicente Lima e Pedro Magri. Redação à rua 1º de Março, 76, 1º andar.

Mantidos o formato e o feitio, escreveu a redação: “O programa continua sendo o mesmo - um intransigente servidor da nosas classe”.

Inseriu produções específicas dos redatores; “Consultório Técnico”; comentário sobre nova diretoria do Sindicato dos Contabilistas; “Notas diversas” e pequenos anúncios.

Dada a edição mencionada, parou, novamente, a publicação (Bib. Púb. Est.).

CORREIO FERROVIÁRIO - Órgão Oficial do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Nordeste - Não avistado o nº 1, circulou o nº 2 em setembro de 1952, no formato de 32x24, com quatro páginas a três colunas de 12 cíceros. Diretor - Tibiração Sarmiento; redator-chefe - Homero Salgado. Redação: rua da Concórdia, 766.

Sua matéria constou de artigos da equipe redacional e de Ricardo Marinho; projetos de lei de interesse da classe; outros artigos e “Ginástica Mental”, de charadas.

Publicou-se o nº 4 no mês de dezembro (Bib. Púb. Est.).

REVISTA DO C. P. O. R. DO RECIFE - Órgão Oficial do Corpo de Alunos - Surgiu em setembro de 1952, no formato de 32x23, com 60 páginas de papel couchê. Oficial orientador - capitão Heraldo de Oliveira Mota; tesoureiro - 1º tenente Oliveiros Litrento; redatores: Infantaria - Luis Porto Carreiro Neto e Antonio da Câmara Lima; Engenharia - Jaime Averbuch e Everaldo de Azevedo Pontes; Artilharia - Antonio C. de Medeiros e Olavo Nogueira; Intendência - Helvécio C. Lins e João Batista Guerra Barreto. Desenhos de Tertulian Dionísio, autor da alegoria da capa, que focalizou flagrante de um corte de palmeira pelo Curso de Engenharia. Redação à avenida 17 de

Agosto, 1920, sendo o trabalho gráfico da oficina da Polícia Militar do Estado.

Lia-se na página de apresentação: “Vem à luz, depois de uma série de esforços, o primeiro número da Revista do C. P. O. R. do Recife. A exemplo de outros estabelecimentos de ensino militar, temos, hoje, também, um órgão de publicidade. É o testemunho de nossa firme vontade de trabalhar em prol do aperfeiçoamento intelectual dos alunos do C. P. O. R. É o desejo de possibilitar oportunidades a todos aqueles que quiseram exprimir o pensamento, através da palavra escrita. Será, também, o retrato da nossa vida e de nossas lutas: aqui, procuramos, focalizar os aspectos marcantes das atividades de um árduo período de instrução”.

Seguiram-se duas páginas sobre o falecimento do governador Agamenon Magalhães, numa a fotogravura e na outra o panegírico, assinado pelo capitão Oliveira Mota.

A edição inseriu colaboração, sobre assuntos militares, de Carlos Veloso, Sérgio Murilo, Cleber Bahia, Geraldo Beltrão, J. J. Cavalcanti de Albuquerque, Bento José Burgarin, Waldo Sete de Albuquerque, Edson Mororó Moura, Antão Melo, Cristovão Coelho de Medeiros e Helvécio Lins; outros artigos de Evandro Silveira, David Azoubel Neto e David da Silva Bezerra; crônica de Grumeti; duas páginas de sonetos de Oliveiros Litrento e outras duas de humorismo, com charges e dizeres em manuscrito, a cargo de Joca Pesado (pseudônimo de Tertuliano Dionísio). Algumas páginas ilustradas homenagearam o quadro de honra dos aspirantes de 1952, sendo as demais ocupadas com reportagens de exercícios militares e pugnas desportivas, utilizando farto documentário fotográfico.

Na última página do texto, ocupando-a por inteiro, lia-se: “E aqui termina a vossa Revista. Fruto do vosso trabalho e pertinácia. Resumo dos anos que passastes no C.P.O.R. do Recife. Guardai-a como lembrança desta fase da vossa vida que se caracterizou por lutas e canseiras, mas também, por alegrias e pela satisfação do dever cumprido. Já vencestes mais uma etapa. É o começo da escalada. Sede felizes. O que na Revista não houver de bom, a culpa é nossa. Perdoai. O que nela houver de ótimo, é vosso o mérito - A Diretoria”.

O nº 2, ano II, saiu em setembro de 1953, com 124 páginas, impresso nas oficinas do Jornal do Comercio e apresentado com capa dura, vendo-se o frontispício, à direita-baixa do desenho, fotogravura de parada militar. Apareceu diferente corpo redacional, assim constituindo: diretor-responsável - capitão João José Cavalcanti de Albuquerque; secretário - Valdo Sete de Albuquerque; tesoureiro - 1º tenente Alberto Evisásio de Barros Gondim; representantes dos cursos: alunos Hilton Rios, Sílvio Costa Marroquim, Linaldo Cavalcanti de Albuquerque e Antonio Fabrício Guedes Alcoforado; publicidade - Newton J. Gibson Rodrigues e Joseph Turton Júnior.

Manteve o ritmo anterior, dedicando as páginas iniciais, com os respectivos clichês, ao patrono dos aspirantes de 1953: general Brasileiro Americano Freire e ao homenageado: general, Ministro da Guerra, Ciro do Espírito Santo Cardoso, seguidas de folhas de serviço. Depois, a colaboração assinada e as seções componentes, contando-se dezenas de páginas de clichês, não faltando até alguns anúncios.

A edição seguinte, de outubro de 1954, voltou a ser nº 1, ano I, imprimindo-se na tipografia da Folha da Manhã, com apenas 70 páginas. Corpo redacional constituído de aspirantes: diretor-responsável - José Maurício M. da Rocha; secretário - José Paulo de Andrade Bordin; tesoureiro - Israel Schver; representantes - José Constâncio de Albuquerque, Gilberto José do Carmo Almeida e aluno João Antonio de Vasconcelos; responsável pela publicidade - Dácio Rijo Rossiter; colaboradores Alexandre Cunha e aluno Aderbal Cavendish.

Foi dedicada ao Curso de Infantaria, abrindo o texto uma página de homenagem ao Marechal Heitor Augusto Borges. Como das outras vezes, matéria variada, servida de abundante clichê¹ (Bib. Púb. Est.).

NORTE EVANGÉLICO - Jornal Para Todos os Membros de Uma Família - Transferido de Garanhuns, começou a publicar-se no Recife - nº 1, ano XLVI - no dia 30 de setembro de 1952, obedecendo ao formato de 31x23, com oito páginas de papel acetinado. Órgão Presbiteriano, editava-o respectiva Missão sediada no Norte do Brasil. Redatores: David A. Mendonça e J. Maurício Wanderley, funcionando a redação na rua Camboa do Carmo, 88, 1º andar. Assinaturas: ano Cr\$ 25,00; semestre Cr\$ 15,00 Impressão da Gráfica Editora do Recife.

Motivara a mudança de sede da folha a necessidade de “um maior serviço por meio da imprensa evangélica”, sem que se lhe alterasse o programa primitivo.

¹ Prosseguiu. o anuário. em 1955.

Seguiu-se a publicação mensalmente, mantendo as seções “Editoriais”; “Várias notas”; “Chispas”, dirigida por Amica Veritas, e a colaboração de Jerônimo Gueiros, Kenneth Foreman, Paulo Lício Rizzo, R. S. Beal, Celso Lopes, Leão de Carvalho, Josibias Fialho Marinho, Rosary L. Botelho, Ismael Andrade, Edla Oliveira, Oton Guanais Dourado, Nila Gomes de Soárez, etc., além da constante produção assinada pelos redatores.

A edição de abril de 1953, contendo doze páginas, foi dedicada ao falecimento do professor Jerônimo Gueiros, cujo clichê figurou na primeira, com necrológico, biografia, ampla reportagem ilustrada dos funerais, nêias, artigos de colaboradores e transcrições da imprensa diária.

Iniciando 1954 - nº 1, ano XLVIII - substituiu-se o subtítulo do Norte Evangélico pela frase: “Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus...: Prega a palavra, insta, haja ou deixe de haver oportunidade, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina”.

Ocorreram edições especiais, de 12 e 16 páginas, como abaixo se discrimina: julho - em homenagem ao Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil; agosto - cinquentenário do Colégio Evangélico Agnes Erskine; setembro - inauguração dos novos edifícios do Seminário Presbiteriano do Norte; dezembro - Natal (impresso em tinta azul).

O corpo redacional contou, por algum tempo, com a cooperação do Rev. L. Henderlite, permanecendo, ao fim de 1954¹, J. M. Wanderley na qualidade de diretor-responsável e

¹ Continuou a publicação em 1955.

redator-chefe e David A. de Mendonça como redator-geral (Colec. Ediprés e Bib. Púb. Est.)¹.

SEARA DO CRISTO - Órgão Oficial da “Serviços e Estudos da Doutrina Espírita - O nº 1 circulou datado de setembro/outubro de 1952, em formato de 17x12, com 42 páginas de papel acetinado inferior e capa em couchê, ilustrada com desenho simbólico. Diretor-responsável - Bruno Mário Verri; redator-chefe - Alfredo de Azevedo; secretário - Demóstenes N. Andrade; diretor-tesoureiro - José Noronha; diretor-comercial - Narciso Valença, funcionando a redação na avenida Rio Branco, 155. Trabalho gráfico da oficina do Jornal do Commercio. Preço do exemplar - Cr\$ 2,00

Visava, consoante a “Apresentação”, a disseminar as “verdades evangélicas contidas nos sublimes ensinamentos do Espiritismo”. Não entreteria, com quem quer que fosse, “estéreis polêmicas de caráter doutrinário”, dedicando-se, mais do que tudo, aos “céticos e descrentes de todos os matizes, apáticos e indiferentes às verdades religiosas, desconhecedoras dos motivos por que se encontram no mundo”.

Abriu o texto geral, ocupando quatro páginas, o poema “Ode à Terra”, de Castro Alves, “mensagem recebida pela medium Dolores Bacelar, em sessão pública da Cabana de Canagé”.

Após o segundo número, de novembro/dezembro, seguiu-se a publicação, de caráter bimestral, em 1953, obedecendo a idêntica quantidade de páginas, até o nº 5,

¹ É lacunosa a coleção da Biblioteca Pública do Estado.

correspondente aos meses de março e abril, vendido o exemplar ao preço de Cr\$ 3,00

A matéria da Seara constituia-se de artigos de doutrinação espírita, ora de colaboradores especiais, ora psicografados e de poesias sob o mesmo sistema, além de conceitos e máximas, encerrando cada edição poucas páginas de anúncios. Figurou sempre a mesma capa, cada vez impressa em tinta de cor diferente (Bib. Púb. Est.)¹.

VOZ DA JUVENTUDE - Órgão Estudantil de Circulação Mensal Interna - Publicou-se o primeiro número a 5 de outubro de 1952, em formato de 38x27, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor-responsável - Luiz Tojal; diretor-presidente - Evaldo Lins; redator-chefe - Sandro Lombardi. Preço do exemplar - Cr\$ 0,50

Consoante o artigo de abertura, intitulado “Expressão Juvenil”, a folha aparecida estereotipava os “sentimentos dos jovens, o meio condutor à popularidade dos reais valores da nossa mocidade pré e universitária”. Seu programa incluiu “desde a crônica literária à coluna jornalística, do comentário ligeiro à longa apreciação, da trova ao soneto, do soneto ao poema, da anedota ao conto e do juízo rápido sobre uma ação à crítica alongada de um livro...” Era, finalmente, “um jornal dos moços para os moços”.

Não obstante dizer-se mensário, só reapareceu a Voz da Juventude - nº 1, ano II - em abril de 1953. É que, segundo o

¹ A coleção manuseada acha-se desfalcada do nº 1. só existente em poder do colecionador cearense Oswaldo Araújo, residente em Fortaleza.

editorial “Depois...”, ao penetrar “nos bastidores da imprensa”, não se aperceberam, os donos da iniciativa, das dificuldades do caminho a percorrer. A edição de estréia deixara um prejuízo de quinhentos cruzeiros. Era preciso conseguir dinheiro para solver a dívida a formar um lastro. Enquanto isto, os meses foram decorrendo; mas, como a idéia persistia, aí estava novamente o jornal.

Foi, então, acrescida a turma da redação dos nomes de Carlos Canuto, Adige Maranhão de Barros e Carlos Galiza, mais representantes em Maceió e João Pessoa, constando do cabeçalho: “Mensário Lítero-Noticioso do Estudante Nordeste”.

Prosseguindo a publicação, encerrou o ano o nº 5, de novembro. O de 1954 partiu do mês de abril, com o nº 6, quando ocorreram substanciais modificações. Passou a “Mensário do Estudante Secundarista - Filiado à U. E. S. P.”, tendo aumentado o formato para 50x31, quatro páginas, impresso na Gráfica Editora do Recife. Corpo redacional substituído: diretor - Evaldo Lins; redator-chefe - Sandro Lombardi (mantido); secretário - Antonio de Lima Catolé; publicidade - Edison Nascimento. A essa turma juntaram-se, na edição subsequente, os redatores Antoni Pedro de Carvalho, L. Medeiros e Amaro Teles. Preço do exemplar - Cr\$1,00 Tiragem declarada de 5.000 exemplares.

O nº 6 iniciava nova etapa, adiantando a redação: “Não significa, contudo, mudança de pensamento e caráter”. Exaltou, a seguir, “o espírito magnânimo e criador” de Luiz Tojal.

Voz da Juventude circulou, pelo menos, até o nº 8, ano III, de setembro de 1954. Manteve seções como “Esperando”, a cargo de Francisco Ristal; “Vida Literária”; “Sociais”; “Desportos” e “Rádio”. Inseria comentários sobre temas variados, reportagens ilustradas e reclames comerciais. Entre os colaboradores contavam-se Aloísio Aragão, Paulo Duarte, Aldemir Lira, Luiz Gonzaga de Azevedo Acioli, Gabriel José da Costa, Manuel de Azevedo Ramos e Edla Oliveira (Bib. Púb. Est. e Arq. Coleg. Estadual)¹.

A OFENSIVA - Da Mocidade Nacionalista Cristã - Entrou em circulação a 7 de outubro de 1952, no formato de 50x30, contendo seis páginas de seis colunas. Diretores responsáveis - Zacarias Neto, Múcio Borges da Fonseca, Raimundo Oliveira Portela, Sousa Ferraz, João Evangelista e Everaldo de Pontes. Redação: rua do Imperador, 221, 1º andar e confecção material da Gráfica Editora do Recife. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00

“O nosso objetivo puro e simples é comentar imparcialmente” - escreveu o editorialista, na apresentação. Frisou, em seguida, que o país era um condomínio “apenas de Vargas e dos urubus vorazes e nauseabundos” que o cercavam. Dizia-se “um jornal livre”, mas acrescentou: “Politicamente, professamos a doutrina integralista”; não de “camisa verde”, mas reverenciando a todos aqueles que a tinham envergado vinte anos atrás. Condenava o comunismo, mas combateria também “a decadente civilização capitalista”.

¹ Números esparsos, apenas, em ambas as formas.

Repleto de manchetes e artigos doutrinários, redacionais ou assinados, além do “Panorama Internacional”, o pretense mensário admitiu, como compensação, uma seção de poesias.

Ao circular o segundo número, no dia 17 de novembro, verificava-se a primeira alteração no corpo redacional, do qual saíram Múcio e Portela, entrando Enilson de Sá Barreto e Stélio Gonçalves, este assumindo a direção, enquanto Zacarias descia para a gerência.

Não deixou mais de sofrer modificações a equipe da redação toda vez que saía o jornal, o que era feito, aliás, com bastante irregularidade. Assim é que o nº 3 só apareceu em julho de 1953. Nesse ano ocorreram mais três edições, a última datada de novembro/dezembro. Voltou em 1954, quando circularam o nº 8 em janeiro e o nº 9 em março, terminando aí a odisséia da gazeta integralista, cuja quantidade de páginas houve ocasião de elevar-se a oito.

De substituição em substituição, foram outros redatores ou diretores d’A Ofensiva: Júlio A. de Siqueira, Nilson Ramos Bezerra, José Cavalcanti de Miranda, Edison Morais Martins, Ormino Pires, Adige Maranhão de Barros, Clóvis Chaves, Valfredo Lisboa e Osvaldo Félix da Silva.

Sucediam-se as transcrições do pensamento do destronado chefe Plínio Salgado e de outros integralistas graduados. Assinavam artigos, fora os elementos da redação, Augusto Duque, Jaime Spinelli, João Botelho, Aloísio Falcão, Gille, Adalberto Duque, Oton Mendonça de Matos, Antonio Pessoa, etc., sendo autores de poesias Coelho de Araújo, Raimundo Oliveira Portela, J. Aurélio Farias, Firmo de Santana,

Cícero Galindo, Inocêncio Oliveira, José Siqueira e outros, inclusive por transcrição (Bib. Púb. Est.).

O CORREIO - Voz Ademarista - Órgão Oficial da JAR (Juventude Ademarista do Recife) - Surgiu no dia 10 de outubro de 1952, em formato de 50x32, com seis páginas de seis colunas, impresso, utilizando papel verde, na oficina da Folha da Manhã. Diretor - José Carrilho; secretário - Fernando Freitas; tesoureiro - José Wanderley, funcionando a redação na rua da Imperatriz, 27, 1º andar.

Declarou, no artigo-programa, não pertencer a grupos políticos, destinando-se a apoiar as grandes iniciativas...

A mais importante iniciativa da folha não foi outra senão a propaganda do líder político paulista Ademar de Barros, através de artigos, reportagens, noticiário, entrevistas, etc. Da edição de estréia constou, para viajar, um pouco de literatura: conto de C. A. Miranda e poesia de Olímpio Bonald Neto.

Circulou outra única edição: o nº 2, de 29 de novembro. Entre os colaboradores figuraram Carlos Garcia, Evandro Guimarães, Otávio L. Moraes e A. S. Medeiros. Também ocorreram algum noticiário social e reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

O MATA-TEMPO - Jornal Esportivo-Humorístico Para Distribuição nas Praças Esportivas da Nossa Capital - O nº 1, que foi único, publicou-se a 12 de outubro de 1952, em formato de 50x32, com quatro páginas de seis colunas. Redator-chefe - Carlos Galiza. Confecção da oficina da Folha da Manhã.

Destinava-se a manter o tempo do espectador das funções futebolescas enquanto esperava o começo das partidas.

Fotogravura do extinto governador Agamenon Magalhães abriu a página de frente. Toda a demais matéria cingiu-se a comentários e reportagens sobre desportos, completando a edição boa parte de anúncios (Bib. Púb. Est.).

QUINZENÁRIO SALIC - Surgiu no dia 15 de outubro de 1952, mimeografado em papel-ofício, com 12 páginas, não utilizada a derradeira. Direção de Djalma Nobre de Almeida.

Publicação dos funcionários da Sulamérica, visava a proporcionar “de tudo um pouco”, para distração da família unida dos “sulamericanos”. Constava cerca de “cem redatores...”

Sua matéria dividiu-se em “Página Literária”, “Notas e Comentários”, “Página da Produção”, “Miscelânea”, “Cinema” e “Esportes para Salics”, com a colaboração, entre outros, de Bernado de Sousa Filho, Newton Galvão, Guaraci, Bráulio E. Teixeira, Hilton Peregrino e Inaldo Monteiro.

Ficou, ao que tudo indica, no primeiro número (Colec. Osv. Araújo, Fortaleza, Ce).

O UNIÃO - Mensário do Tacaruna Futebol Clube - Entrou em circulação o nº 1, ano I, sob a direção de Pedro X. de Paiva e Clóvis Gomes Paes, sendo redator Enauro Mesquita. Sem mais pormenores (Inf. do Arruar, edição de 27/10/1952).

ARRUAR - Boletim do Clube Litéro-Recreativo Mário Sette - Publicou-se o primeiro número a 27 de outubro de 1952, no

formato de 28x20, com quatro páginas de quatro colunas, impresso em papel couchê. Direção de Hilton de Paula Santos, Roberto Lins Pastl e José Nóbrega Simões, funcionando a redação na rua Odorico Mendes, 50, subúrbio de Campo Grande.

O título da folha, conforme o editorial “Razão de ser...” constituiu uma homenagem à memória do patrono do Clube, cujo último livro publicado se denomina “Arruar”. Concluiu, depois de outras considerações: “Na nossa simplicidade desejamos, apenas, uma coisa: contribuir para que o nome grande romancista seja sempre venerado com o respeito que bem merecem os iluminados”.

Dados biográficos de Mário Sette, num quadro de três colunas, formaram a primeira página, seguindo-se, nas demais noticiário a respeito das atividades dos Departamentos Literário e Recreativo do Clube, documentadas com fotografias, notas curiosas ou humorísticas e poesia de Nóbrega Simões.

Não prosseguiu (Bib. Púb. Est.).

TRIBUNA FISCAL - Órgão da Associação dos Agentes Fiscais do Imposto de Consumo de Pernambuco - Apareceu a 28 de outubro de 1952, em formato de 29x23, com capa (papel couchê) impressa tipograficamente, utilizando tinta azul e oito, das dezesseis do texto, mimeografadas (papel acetinado), tendo o reverso em branco. Diretor - Demócrito de Castro e Silva; secretário - Roberval Neves Rodrigues; redatores permanentes - Luis de Araújo Pedrosa, Augusto Lins e Silva Filho, Gentil de Azevedo Melo, André Lombardi, Rubens Pimentel Marques, José Euclides Bezerra Cavalcanti e Hildebrando Ribeiro de

Morais. Redação à rua da Palma, edifício Ouro Branco, 167, 7º andar.

Consoante a “Apresentação”, seria a tribuna de defesa da classe, destinando-se a “orientar - divulgando a legislação e estudando os seus casos; aproximar e unir, cada vez mais, os seus associados”.

O nº 2, publicado no dia 28 de novembro, indicou a seguinte tabela de assinaturas: anual - Cr\$ 100,00; semestral - Cr\$ 70,00 Número avulso - Cr\$ 10,00 Aumentara para 42 a quantidade de páginas.

Decorridos vários meses, circularam os nºs. 3 e 4, em agosto e setembro, respectivamente, de 1953, a 36 páginas tipográficas, no formato de 24x16, confecção da Imprensa Industrial, situada à rua do Apolo, 78/82. Novo diretor-responsável - Francisco Ferreira da Rocha, acrescido o corpo redacional dos nomes de F. Escobar Filho e Potiguar Fernandes.

Constava a matéria do magazine de comentários e noticiário das atividades da Associação; legislação, doutrina, assuntos fazendários e seção social (Bib. Púb. Est.).

Não restam outros comprovantes da Tribuna Fiscal até fins de 1954¹.

A VOZ PENTECOSTAL - Circulou em outubro de 1952, obedecendo ao formato de 32x22, com seis páginas a quatro

¹ Prosseguiu em janeiro de 1955, nº 8, consoante exemplar do arquivo do Departamento da Imprensa Oficial.

colunas de composição. Trabalho material da Gráfica Editora do Recife. Diretor - Odárico Ribeiro Lucena; redator-chefe - Aldor Petterson; secretário - João Valentim da Silva; gerente - Euclides Ribeiro. Constava do cabeçalho: “Levanta-se, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti” (Isaias c. 60 v. 1).

Ligeira nota da segunda página esclareceu que A Voz era uma continuação d’O Arauto Pentecostal, devendo ser publicada mensalmente. “Faremos tudo - adiantou - para conversar o jornal fora das questões loucas e das contendas”, porque o seu alvo era “anunciar as maravilhas de Deus, seja onde for que se manifestem”.

Inseriu matéria noticiosa e doutrinária, redacional ou assinada por Judite Monteiro de Oliveira, José Maria dos Santos e outros. A seção “Pelo Mundo” ocupava uma página de informações ligeiras de diferentes países.

Teria ficado nessa única edição? ¹(Bib. Púb. Est.).

A TESOURA - Órgão Independente, a Serviço de Todos - Datilografado em papel ofício, o nº 1 circulou a 3 de novembro de 1952, utilizando três folhas, só escritas de um lado. Diretor - Alfaiate do 1º Ano. Iniciativa do pessoal da Seção de Vendas do Moinho Recife.

¹ Destinado a publicar-se no período de suspensão d’O Arauto, que se estendeu até junho de 1953. é possível que tenham circulado outros números d’A Voz, não encontrados, todavia, nas fontes pesquisadas.

Mensário de troças e humorismo, “veículo de sã desarmonia”, dizia-se, nada obstante, “fundado sob os mais elevados propósitos, tendo por lema esta grande verdade: Informar é Educar”.

Sua matéria constituiu-se de pequenos fatos da vida de escritório; cenas e ditos espirituosos; “telegramas” e poeminhas, tudo vasado em boa verve.

O segundo número foi publicado com seis páginas e o terceiro (e último) com quatro, este datado de 22 de janeiro de 1953 (Gentileza de Norb. Krochamalnik).

GAZETA RURAL - Municipalismo. Ruralismo. Informativo. Imparcial - Surgiu no dia 8 de novembro de 1952, obedecendo ao formato de 48x32, com seis páginas de seis colunas. Diretor - José C. de Moraes; redator-secretário - Luis Rocha; conselho técnico de redação - Sotero de Sousa e Cláudio F. Selva; publicidade e reportagem - Ageu Freitas de Oliveira. Redação: avenida Belmiro Correia, 451, em Camaragibe (município de São Lourenço da Mata); escritório: avenida Guararapes, 50, 3º andar. Assinaturas: ano Cr\$ 20,00; semestre Cr\$ 10,00 Preço do exemplar - Cr\$ 1,00

Constava do editorial de apresentação: “Gazeta Rural manterá as populações do campo ao par de tudo o que se passa no mundo, especialmente no setor que mais de perto lhe possa interessar. Manterá um serviço completo de intercâmbio entre os centros rurais e entre os mesmos e as capitais, de tal modo a manter o homem do campo ao par de tudo o que se passa próximo ou distante de si”.

Publicação irregular, saiu o nº 2 a 30 de novembro, mas o 3º só apareceu no dia 5 de abril de 1953, ano em que ainda circularam mais dois únicos números. Irregular, também, a quantidade de páginas: mínimo de seis e máximo de doze. Sua matéria constituía-se de ineditoriais, entrevistas, reportagens, noticiário e artigos assinados, focalizando Indústria e Comércio, Trabalho Rural, Problemas do Interior, Organização dos Municípios, etc. A terceira edição dedicou uma página e Literatura. Bastante publicidade comercial. Ocorreram modificações no corpo redacional, dele participando, também, por meio de substituições, José Barradas de Castro e José Ramos de Oliveira.

Em 1954, apenas, uma edição, o nº 6, não existente na coleção manuseada ¹ (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM (SENEC) DA DIVISÃO DE EXTENSÃO CULTURAL E ARTÍSTICA - Setor Dramático - Apareceu em novembro de 1952, com 16 páginas mimeografadas, utilizando papel ofício e ilustradas a bico-de-pena, sobretudo a primeira, que ostentou a bandeira nacional e o emblema da União. Direção de Celeste Dutra.

Outras edições manuseadas: de abril, de maio e de junho de 1953, cada uma reunindo 24 páginas; de janeiro/março, de maio, de junho, de setembro e de outubro/dezembro de 1954², variando a quantidade de páginas.

¹ Continuou em 1955.

² Continuou a publicação em 1955.

Espécie de antologia, divulgava trechos de prosa escolhidos, poesias, fatos históricos, calendário, atividades recreativas, biografias, curiosidades, seções litero-artísticas, noticiário de comemorações, originais de músicas folclóricas, lendas, tradições, etc. (Bib. Púb. Est.).

O MOMENTO - Órgão Defensor dos Interesses dos Hansenianos - Iniciou-se com o nº 21, ano II, de 7 de dezembro de 1952, no formato de 37x26, com quatro páginas, impresso na “Editanobras”, à rua das Crioulas. Substituiu, assim, ao mensário A Voz da Mirueira¹, obedecendo ao seguinte corpo redacional: diretor-responsável - Nilton Ribeiro Tenório; diretor - técnico - dr. Medeiros Dantas; secretário - Ícaro Leal; diretor-comercial Hildebrando de Andrade Lima; gerente - Pierre Sastre (como se assinava Pedro Sorrentino). Redação no Sanatório Padre Antonio Manuel, ex-Colônia da Mirueira.

Após uma paralização de quatro meses, publicou-se o nº 22, aí começando o ano III, datado de 30 de abril de 1953, aumentado o formato para 48x33, com quatro páginas, passando a imprimir-se na oficina da Folha da Manhã. O gerente foi promovido à função de redator-chefe.

Passara O Momento a contar com modesta subvenção do Governo do Estado, incluída no orçamento e o “amparo

¹ A substituição do título do jornal impusera-se ante a necessidade de ampliar a difusão de conhecimento em torno da Hanseníase. Para isso contribuiu, igualmente, a nova denominação da conceituada casa de saúde, adotada em homenagem ao pioneiro da campanha a prol da recuperação dos portadores de lepra: o humanitário padre Antônio Manuel. Não se justificava mais, portanto, a epígrafe restritiva. Mirueira ficava, apenas, nas lembranças, como nome antigo da área onde está localizado o Sanatório.

vigoroso” do Departamento Nacional de Saúde, através da Delegacia Federal da Quinta Região, o que permitiu maior tiragem, mais páginas e algumas edições a cores.

Prosseguiu mensalmente. Ao atingir junho, o custo das assinaturas anual e semestral, que era de Cr\$ 30,00 e Cr\$ 20,00 reduziu-se a Cr\$ 15,00 e Cr\$ 10,00 respectivamente. Criou-se, dois meses depois, já no regime de oito páginas, a seção “Vida Literária”, colaborada por sãos e doentes.

Em janeiro de 1954, mudou, novamente, de tipografia, sendo impresso, desde então, na oficina da Basílica de N. S. da Penha. O diretor-responsável foi substituído, em julho, pelo dr. Bertoldo Kruse e o redator-secretário, já no fim do ano, por P. Jacundá.

A par de artigos científicos e de esclarecimentos sobre a recuperabilidade dos hansenianos, O Momento inseria crônicas literárias, poesias, sobretudo emanadas de enfermos pertencentes ao “Grupo Literário Silvino Lopes”; as seções “Vendo estrelas... na tela”, a cargo de Zôrro; “Notícias diversas”; “Livros, revistas e jornais”; reportagens; notas e comentários de interesse médico, etc. Chegou a instituir concursos para premiar o melhor trabalho escrito por colono.

Envolvendo médicos, doentes e intelectuais de fora, foram os seguintes os colaboradores d’O Momento, a começar pelo renome do leprólogo Medeiros Dantas: dr. Vicente Ferrer, dr. Jorge de Sá, David Meneses, Otávio Alceste (como se ocultava Francisco Cisneiros), Brasil Lisboa, Petrônus Perini, Nilton Tenório, Raniel Bezerra Cavalcanti, Zila Mamede (poesias enviadas de Natal), Pierre Satre, José Santa Rosa, Jaime Silva,

Lincoln Leblon (pseudônimo de Ari Batista), dr. Paulo Álvaro, Helena Fernandes Barreto, dr. Bertoldo Kruse (série de artigos sobre as deficiências do Sanatório), Cícero Ferreira Costa, Clélia Lopes de Mendonça, Aristéa Vieira e outros.

Às vezes mensal, outras vezes bimestral, circulou o número conjugado 40/41 datado de novembro/dezembro, último do ano de 1954 ¹ (Bib. Púb. Est.).

VOZ ESTUDANTIL - Saiu o nº 1, ano I, no dia 15 de dezembro de 1952, em formato de 33x22, com oito páginas a quatro colunas de composição. Aspecto material pouco lisonjeiro. Diretor - Guido Marcelo. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00

O lançamento da folha, segundo sucinta “Apresentação”, teve o objetivo de “proporcionar a todos os estudantes do nosso meio a liberdade de expressão do pensamento, por intermédio de um órgão próprio e independente”.

Constaram do sumário: “O diário secreto de um deputado”; “A portaria nº 501, do Ensino”; “Educação e Cultura”; “Ensino, mercado de exploração nacional”; noticiário específico, humorismo e produções do diretor, de Severino Alves e Cincinato Filho.

Teria continuado? (Bib. Púb. Est.).

NORDESTE MÉDICO - Entrou em circulação no mês de dezembro de 1952, obedecendo ao formato de 23x16, com 42 páginas, impressas em papel superior, sendo o trabalho gráfico da oficina da Folha da Manhã. Redação à rua das

¹ Continuou O Momento em 1955.

Pernambucanas, 374. Diretores - Orlando Parahym e Jamerson Ferreira Lima, assessorados por um Conselho de Redação de 56 médicos. Estabeleceu o preço de Cr\$100,00 por assinatura anual, custando Cr\$30,00 cada exemplar.

Foi “a amplitude que, progressivamente, vão assumindo os trabalhos de investigação no campo da Medicina, na região nordestina”, que “determinou o aparecimento desta revista de Pernambuco, órgão de Medicina geral, de âmbito vasto, aberto a todas as contribuições nas várias especialidades”.

Propunha-se - segundo a parte final do editorial de abertura - a “difundir o trabalho dos nossos médicos e trazer-lhes diretamente as comunicações dos vultos de prestígio nacional” que se dignassem “de cooperar com o periódico”.

“De caráter objetivo e prático”, seria “um órgão de utilidade indiscutível, apresentando no cenário das letras médicas os profissionais que, a despeito do interesse pela ciência, não encontraram o estímulo para a edificante operosidade cultural”.

O nº 2 só apareceu em outubro de 1953 e foi o último, contendo 60 páginas, afora as entremeadas de anúncios específicos. Capa em cartolina de cor, igualmente à edição de estréia, com sumário abaixo do título.

As duas edições, a par de trabalhos científicos assinados pelos diretores, divulgou outros, dos médicos Lauro Cavalcanti de Figueredo, Marcionilo Lins, Armando Peregrino, Gilberto da Costa Carvalho, Euclides Leite, F. A. de Moura Campos, Dante Costa, Dutra Oliveira, Geraldo Pinho Alves, Paulo Mergulhão Uchoa, Jorge Glasner, Reginaldo dos Guimarães Peixoto e Jorge

Lobo, ilustrados, alguns, com fotografias ou páginas de gráficos. Abriram o texto do nº 1 retratos do governador Agamenon Magalhães (homenagem póstuma) e do dr. Selva Júnior, diretor da Faculdade de Medicina (Colec. Orlando Parahym).

REVISTA MÉDICA I P S E P - Surgiu datada de 1952, em formato de 23x16, com 72 páginas de papel de linho, mais a capa, em cartolina, ilustrada com pequenas fotogravuras de serviço médicos entre quadros de fundo azul. Diretor-responsável - dr. Antonio Simão dos Santos Figueira; redator-chefe - dr. Francisco Lagreca Marroquim. Trabalho gráfico das oficinas da Folha da Manhã.

Publicada sob os auspícios do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco, obedecia ao objetivo de divulgar “trabalhos científicos organizados com as observações clínicas dos respectivos serviços”, devendo distribuir-se gratuitamente a centros de estudos médicos, dentários e farmacêuticos, associações de classe, institutos e revistas congêneres e professores de escolas de Medicina.

Em seguida à apresentação, escreveu o diretor do IPSEP, bacharel Heraldo de Almeida, duas páginas de considerações, concluindo: “Ao apagar das luzes da atual administração, plenamente satisfeitos vemos o aparecimento desta revista, iniciativa que, como tanta outras, enriquece o patrimônio de realizações do Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Pernambuco, constituindo ao mesmo tempo uma mensagem de esperança no prosseguimento retilíneo da grandiosa trajetória que lhe foi traçada para objetivação de sua finalidade”.

A edição divulgou importantes trabalhos científicos originais de Costa Júnior, Rui João Marques, Tubal Valença, Marcionilo Lins e Luiz Regueira, servidos de documentação fotográfica.

Embora declarada órgão semestral, publicou-se anualmente, saindo o nº 2 em dezembro de 1953, com 48 páginas e o nº ¾ no fim de 1954, com 144 páginas. No segundo, o redator-chefe foi substituído pelo dr. Costa Júnior. Capas no mesmo estilo da primeira, variando de tonalidades. Outros colaboradores: médicos Lucilo Maranhão, Furtado Neto, Orlando Parahym, Carlos Borges, Luiz Tavares da Silva, Agenor Lopes Filho e Ivan Amorim (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM DO INSTITUTO JOAQUIM NABUCO DE PESQUISAS SOCIAIS - Trazendo, sobre o título, a indicação Ministério da Educação e Saúde (no ano seguinte transformado em...Educação e Cultura), publicou-se a primeira edição em 1952, com 130 páginas, no formato de 23x16, em papel couchê, mais a capa, em boa cartolina branca, desenhado o frontispício por Manuel Bandeira. Editor responsável - René Ribeiro, funcionando a redação na avenida Rui Barbosa, 1654. Trabalho material da Gráfica Editora do Recife, à rua do Imperador, 346.

Sem o formal artigo de apresentação, estampou a nota a seguir, ao pé de uma das páginas iniciais: “O Boletim é uma revista para a divulgação de estudos de Sociologia, Economia, Geografia Humana, Antropologia e Estatística aplicados ao norte agrário do Brasil, patrocinado pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social”.

Inseriu dois discursos de Gilberto Freyre, um apresentando o projeto e o outro justificando a criação do Instituto; o “Manifesto Regionalista de 1926”, do mesmo Autor; “Parecer”, do deputado Aureliano Leite; estudos assinados por Olen Leonard e René Ribeiro e noticiário ligeiro.

Transferida a sede-redação para a avenida 17 de Agosto, 2187 - Caldeireiro, saiu o Vol. nº 2, correspondente a 1953, contendo 122 páginas e capa de Luiz Cardoso Aires. Sumário: Lei nº 770, de 21/07/1949, que criou o Instituto; Lei nº 1817, de 23/02/1953, que alterou dispositivos da anterior; “Atualidade de Joaquim Nabuco”, por Gilberto Freyre; “Economia, agronomia e custo de produção”, por Henrique de Barros; “Um regimento de feitor-mor de engenho, de 1663”, por José Antonio Gonçalves de Melo Neto; “Alguns aspectos demográficos do Nordeste”, por Antonio Carolino Gonçalves; “Análises” e “Noticiário”.

O Vol. nº 3, de 1954, apresentou 104 páginas, sempre obedecendo ao feito material do início, nova ilustração de Lula na capa e o seguinte sumário: “Homens, terras e águas na formação agrária do Brasil: sugestões para um estudo de interrelações”, por Gilberto Freyre; “Estrutura social do candomblé afro-brasileiro”, por Melville J. Herskovits; “Notas acerca da introdução de vegetais exóticos em Pernambuco”, por J. A. Gonçalves de Melo Neto; “Xangôs”, por René Ribeiro; “Análises” e “Noticiário” ¹(Bib. Púb. Est.).

ÁLBUM DO RÁDIO - Número 1 (e único), publicou-se em fins de 1952, no formato de 26x18, com 54 páginas, inclusive a capa,

¹ A publicação do anuário continuou pelo tempo a fora.

bom papel de várias cores, impresso na Gráfica Ipanema, à rua da Glória, 160. Preço do exemplar - Cr\$ 20,00

Sem editorial de apresentação, sem indicar nome responsável, toda a matéria, salvantes três páginas de anúncios, se constituiu de biografias ligeiras, com as respectivas efígies, de locutores, cantores e elementos outros de projeção nos setores radiofônicos de Pernambuco (Bib. Púb. Est.).

1953

REVISTA FISCAL DO NORDESTE (Sucessora da REVISTA FISCAL DE ALAGOAS) - Órgão Técnico e de Direito Fiscal de Grande Circulação - O nº 18, ano IV, circulou em janeiro de 1953, no formato de 28x18, com 48 páginas de papel acetinado e capa em couchê, ilustrada com clichê do edifício da Delegacia Fiscal de Pernambuco. Diretor-responsável - Anísio de Barros Carício; diretor-comercial - Justiniano de Oliveira Sousa Melo; redatores - Jorge Assunção, Audálio Matos, João Vasconcelos, Armando Wucherer, Clódio Rodrigues de Araújo, Domingos S. Brandão Lima, Luiz Veras e Antídio Vieira. Redação e administração - rua da Imperatriz, 211, 1º andar. Trabalho material da Seção de Artes Gráficas da Escola Industrial Prof. Agamenon Magalhães, na Encruzilhada.

Apesar de tamanho corpo redacional, mais um Conselho Econômico Financeiro e enorme lista de colaboradores, a edição da revista transportada para o Recife (e logo desaparecida) resumiu sua matéria nos seguintes títulos de transcrições: “Legislação Federal”, “Imposto do Selo” e “Imposto de Renda e

de Lucros Extraordinários”, tudo entremeado de imensa quantidade de reclames comerciais (Arq. da Escola Industrial).

INFORMADOR SOCIAL - Saiu a lume em janeiro de 1953, obedecendo ao formato de 32x23, 20 páginas de texto (papel bouffant) e capa (papel couchê), ilustrada com “estrela” cinematográfica. Diretor - Gil Vieira de Araújo; redator-chefe - Luciano Lacerda; secretário - Albino Buarque de Macedo. Redação/administração à rua das Flores, 36, 1º andar e trabalho gráfico d’A Tribuna. Assinaturas: ano Cr\$ 24,00; semestre Cr\$ 15,00 Número avulso Cr\$ 2,00

Dizia o editorial, sob o título “Nós”, depois de comentar a efemeridade das revistas recifenses: “Pretendemos tão somente realizar uma revista inteiramente voltada para os inúmeros problemas do povo. Tentaremos assim realizar uma revista independente, longe dos elogios mútuos e desnecessários que nada constroem, mas focalizando, através de seus diversos aspectos, a realidade da vida social do Nordeste. Nosso princípio é, sobretudo, não desapontar o leitor”.

Sua matéria dividiu-se em seções, uma página para cada, como a seguir: “Coisas que acontecem”; “Paisagens”, de aspectos do Recife; “Colaboração” - Luciano Lacerda e Jaime Albuquerque Silveira; “Poesias” - Mariano Lemos, Amaro Wanderley e Visconde da Mauricéa (pseudônimo de Albino); “Reportagem” - Gil Vieira; “Radiofonia” - Caio Mário; “Crônica” - Maurílio Bruno; “Conto” - O. G. Rego de Carvalho; “Enquete”; “Movimento Literário”; “Comentário”; “Cinema”; “Sociedade”, “Futebol”; anúncios.

Até findar 1954, não voltou a publicar-se (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DOS ESPORTES - Um Órgão Esportivo Para o Nordeste - Circulou, em nova fase, nº 1, a 13 de janeiro de 1953, obedecendo ao formato de 50x33, com seis páginas de seis colunas. Diretor - Eduardo Meneses Filho; redator-secretário - Stélio Gonçalves. Trabalho gráfico d' A Tribuna, para vender-se o exemplar a Cr\$ 1,00

Dava curso à vontade, consoante reduzido editorial, “de doar a Pernambuco um órgão inteiramente esportivo”. Pedia, para isto, o apoio dos idealistas.

Edição que ficou nela mesmo, cumpriu o programa traçado, sendo um dos colaboradores Bandeirinha, criador da Seção “Na lateral”. Duas páginas foram dedicadas ao Carnaval, que estava próximo. Boa messe de anúncios (Bib. Púb. Est.).

BOLSA DE PERNAMBUCO - Revista Mensal da Bolsa Oficial de Valores - Começou a circular em janeiro de 1953, no formato de 19x12, com 24 páginas, inclusive a capa. Diretor - Valdemar Alberto Borges Rodrigues; redator-chefe - Antonio Guilherme de Pontes Rodrigues, funcionando a redação e administração na avenida Rio Branco, 155, 1º andar. Imprimiu-se na União Gráfica Ltda.

“Será, sobretudo, - lia-se na página de abertura - uma revista técnica com informações precisas do movimento cambial e de títulos da nossa praça, divulgando estatísticas e esclarecendo a aplicação das normas de Direito e dos textos legais sobre o funcionamento das Bolsas”.

O nº 2 (que foi o último) elevou para 38 a quantidade de páginas, comemorando o 101º aniversário da instituição. Inseriu artigos de Enéas Lucena e Valdemar Rodrigues; discursos e noticiário, tudo ilustrado de fotografias em profusão (Bib. Púb. Est.).

RUMO AO MAR - Órgão Oficial da Federação das Colônias de Pescadores de Pernambuco - Circulou pela primeira vez em janeiro de 1953, obedecendo ao formato de 23x16, com 24 páginas de texto (papel acetinado), mais quatro da capa, em couchê, figurando na da frente ilustração de motivo marinho, com retrato, ao centro, do estadista Agamenon Magalhães, como homenagem à sua memória. Diretor-responsável - Costa Porto; diretor-secretário - Marcelino Neto; redatores - Carlos Moreira, Lêucio Lemos, José Correia, Miguel Mendonça, Euclides Leite, Vanildo Bezerra e Sérgio Murilo. Assinaturas: anual - Cr\$ 30,00; semestral - Cr\$ 15,00 Preço do exemplar - Cr\$ 3,00 Redação e administração à rua Vigário Tenório, 71, 1º andar, e confecção da oficina da Folha da Manhã.

O artigo inicial - “Novos rumos” - enunciou a batalha pelo soerguimento da pesca e do pescador em Pernambuco, lendo-se, mais adiante, em nota especial: “Destina-se esta revista à divulgação de tudo quanto possa interessar aos pescadores e respectivas famílias; ao comércio e à indústria da Pesca, prestando, ainda, informações úteis à coletividade. O seu programa foi orientado no sentido do bem estar social dos pescadores, de acordo com as normas e preceitos da legislação que norteia os destinos da Federação e de suas colônias”.

A par de alguns anúncios, divulgou artigos assinados por Costa Porto, Sérgio Murilo e Euclides Leite; hino alusivo à pesca; notas, conselhos, instruções e demais matéria especializada.

O nº 2 saiu datado de fevereiro/março, nele aberta a seção “Os nossos peixes”, por Alberto Vasconcelos, Elias de Oliveira Queiroz iniciou a série de artigos “Pernambuco e a industrialização do pescado”. Na capa, fotogravura do governador Etelvino Lins.

Seguiram-se o nº 3, correspondente aos meses de abril a junho e o 4º, compreendendo julho de 1953 a junho de 1954, este último com expressivo desenho de capa, sem outras alterações quanto à matéria específica do texto.

Não continuou a publicação (Bib. Púb. Est.).

TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO - Álbum comemorativo da excursão do grupo ao Rio de Janeiro, foi dado à circulação no mês de janeiro de 1953, em elegante formato, com 60 páginas de texto e capa especial, ilustrada por Lula (Luiz Cardoso Aires). Organizador - Valdemar de Oliveira.

Divulgou narrativa completa da viagem e da vitoriosa exibição nos teatros dos ex-Distrito Federal, assim dividida a matéria, fartamente ilustrada: “Recife - Rio - Recife”, “Lançamento da temporada” e opinião dos críticos sobre cada peça encenada; “A despedida do Teatro de Amadores”, “Honrosos depoimentos” e “O regresso ao Recife” (Colec. do Autor).

JORNAL DO TRABALHADOR - Semanário Independente e Noticioso, de Informação e Orientação dos Trabalhadores - Entrou em circulação a 28 de fevereiro de 1953, no formato de 48x32, com dez páginas e seis colunas de composição. Diretor - Joaquim Pinto Duarte; redator-chefe - Wilson de Barros Leal; gerente - Hermes Lima, funcionando a redação na rua da Concórdia, 766. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00

“Este semanário que hoje aparece - lia-se no editorial “Duas palavras” - nasce com um programa de luta sem descanso em defesa do trabalhador pernambucano, de batalha sem tréguas pela conquista das justas reivindicações das classes laboriosas do Estado”. Vinha corrigir “a lamentável ausência de um jornal, em Pernambuco, voltado para a causa dos trabalhadores”.

Circulando, a princípio, com regularidade, deu curso ao programa enunciado, inserindo comentários populares, noticiário, publicidade previdenciária ilustrada e, para variar, seções de Rádio, Cinema, Desportos e boa messe de reclames comerciais. Edições de oito, descendo para seis páginas.

Tornado propriedade da empresa Rádio Jornal do Trabalhador S/A, passou a mensário após a edição de 30 de maio e, a partir de janeiro de 1954, saía em datas indeterminadas, mediando maior ou menor espaço de tempo. Desde o nº 8, figurou, unicamente, no cabeçalho, o nome do diretor, ao qual se juntou, no 18º, o de Isnaldo Meneses e, já no fim, os de Nirton Eduardo Oliveira, redator-chefe e Nelson Chaves, gerente. A redação transferira-se para a rua do Imperador, 221, 1º andar. Terminando na rua Floriano Peixoto, 85. O trabalho gráfico, começado n' A Tribuna, passou para a oficina da Gazeta Sportiva

e, após o nº 19, para a da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/82.

Uma das metas da folha, no ano II, foi a propaganda de candidatos a cargos eletivos, em face do pleito eleitoral anunciado. Assim atingiu o nº 27, publicado no mês de setembro de 1954¹, em parte dedicado ao suicídio do Presidente Getúlio Vargas (Bib. Púb. Est.).

NOTÍCIAS DE PERNAMBUCO - Os fatos dia-a-dia da vida de Pernambuco - Circulou o primeiro número em fevereiro de 1953, no formato de 29x22, com 54 páginas, inclusive a capa, toda impressa em papel couchê. Propriedade da Organização Norte-Brasileiro Publicidade; diretor - Carlos Leite Maia; redatores - Floriano Ivo Júnior, José do Patrocínio Oliveira, Romildo Cavalcanti, Danilo Lins, Hélio Pinto, Menaris de Sousa Ribeiro, logo substituído por José de Sousa Alencar, e Luis Beltrão; ilustrador - Inaldo Medeiros; direção gráfica - Djalma Carvalho; oficina gráfica - Folha da Manhã. Preço do exemplar - Cr\$ 5,00

Consoante o editorial de apresentação, tratava-se de “uma revista sem muitas pretensões”, destinada a divulgar os “acontecimentos mais merecedores de registro, reunindo-os, todos os meses, se possível, em conjunto, de modo a permitir verificar-se, lá fora, e aqui dentro mesmo, o sempre crescente adiantamento de nosso Estado”. Explicava noutro tópico: “Somos daqueles que acham que muitos acontecimentos importantes morrem sempre, por força da lufa-lufa diária, na coluna do jornal. No dia seguinte, outros acontecimentos passam a impor e o leitor já não lembra o fato anterior”.

¹ Continuou em 1955.

Circulando nos dias 30, como era do programa, e abrindo cada edição com “O nome do mês” e “A palavra do Editor”, a matéria publicada dividia-se em reportagens e entrevistas ilustradas, mais as seções “Dia-a-dia”, “Política”, “Economia”, “Literatura”, “Sociedade”, “Cinema”, “Rádio” e “Desportos”, além de sugestiva quantidade de reclames comerciais. Capas em cores, ostentando motivos fotográficos locais. Colaboração especial (rara) de d. Antonio de Almeida Morais, Aderbal Jurema, Mário Melo, Altamiro Cunha, Jota Soares e Luiz do Nascimento.

Publicaram-se, em 1953, apenas quatro números, obedecendo à média de 50 páginas, o último dos quais pertinente aos meses de maio e junho; contava, então, com dois novos redatores: Antonio Camelo e Luiz Garcês.

Um ano depois, precisamente a 5 julho de 1954, veio a público o nº 5 da revista, com 84 páginas de texto. Propriedade da empresa mencionada e da “Editora Notícias de Pernambuco”, em projeto. A mesma direção, mas do corpo redacional só restavam Floriano (redator-chefe), Danilo e Patrocínio, sendo os demais substituídos por Newton Farias, Marco Aurélio de Alcântara e Telha de Freitas.

Em nota explicativa, escreveu o diretor que a circulação regular do magazine se achava prejudicada devido às “dificuldades de obtenção de papel e ao crescente custo de impressão”; entretanto, superara o “tabu dos quatro números previstos para a existência de qualquer revista feita em Pernambuco”. Continuará, “por enquanto, a não ter dia certo de saída”, mas por pouco tempo, uma vez que a empresa estava

procurando “os meios de equipar-se graficamente, ter suas oficinas próprias”.

A edição apresentou volumosa matéria redacional, ilustrada. Todavia, nada obstante os prognósticos favoráveis ao prosseguimento da publicação, não prosseguiu (Bib. Púb. Est.).

REVISTA PERNAMBUCANA DE TISIOLOGIA - O nº 1, ano I, saiu datado de janeiro/fevereiro/março de 1953, em formato de 24x15, com 74 páginas de papel bouffant e capa cartolinada, dela constando, no frontispício, o título e o sumário e, no reverso, o Expediente. Conselho Editor: Aldo Vilas Boas, Herodoto Pinheiro Ramos e Laurênio Lins de Lima. Redação e administração: rua Martins Júnior, 59, achando-se o trabalho gráfico a cargo da Folha da Manhã. Assinatura anual - Cr\$ 100,00 Preço do exemplar - Cr\$ 30,00

Segundo o editorial de abertura, apresentava-se o magazine “aos especialistas de Pernambuco e àqueles que se interessam pelas chamadas doenças do toráx”, como “um veículo de divulgação do que se faz por aqui nestes campos de atividades médicas”.

“...esta Revista - concluiu - é dos tisiologistas e a eles estão abertas as suas páginas. Que possa a sua publicação estimular, de qualquer modo, a luta antituberculose em Pernambuco é o que desejam os seus editores”.

Publicação trimestral, circulou regularmente, encerrando o primeiro Tomo o nº 4, num total de 352 páginas, fora as de anúncios.

Na mesmas condições, foi dado a público o II Tomo - n.ºs. 1 a 4, compreendendo os meses de janeiro a dezembro de 1954.

Além das constantes produções da equipe responsável, o órgão especializado divulgava trabalhos científicos, igualmente, de Joaquim S. Cavalcanti, Reinoldo Breckenfeld Filho, Ângelo Rizzo, Semirâmis Santiago, Carlos Melo, Rogério Teixeira Machado, Alcides Fernandes, Moura Tapajós, Oscar Miranda, Noel Nutels, José Geraldo Távora, Adônis Carvalho, Djalma Batista, Carlos Alberto Studar, Gilmário Mourão Teixeira, José Vieira Magalhães, etc. Ocorriam, por fim, comentários, noticiário, atualidades, resumos e recepção de livros ¹ (Bib. Públ. Est.).

BOLETIM - Comissão Organizadora e Executiva das Comemorações do Tricentenário da Restauração Pernambucana - Circulou o primeiro número em abril de 1953, mimeografado no melhor papel ofício, reunindo 38 páginas, só impressas no anverso. Presidência de Gilberto Osório de Andrade e secretaria a cargo de Jordão Emerenciano.

As “Palavras Iniciais” da edição assim concluíram: “A missão deste Boletim - que será publicado periodicamente - será a de divulgar as sugestões do Conselho Geral, os trabalhos e programas da Comissão Organizadora e Executiva e das sub-comissões e ainda toda a matéria que se relacione com as comemorações ou que interessem ao estudo do período da dominação flamenga no Nordeste brasileiro”.

¹ Continuou em 1955.

Foi realmente cumprido o enunciado. O nº 2 publicou-se no mês de maio; o nº 3 (dedicado aos alunos da Escola de Estado Maior do Exército, em visita a Pernambuco) em julho/agosto; o nº 4 em setembro e o nº 5 (último) no mês de outubro.

Dos nºs. 2, 3 e 5 constaram artigos originais de Jordão Emerenciano, Guilherme Auler e frei Bonifácio Muller (Bib. Púb. Est.).

A VOZ PENTECOSTAL¹ - Jornal de Propaganda Evangélica das Assembléias de Deus em Pernambuco - Os nºs. 3, 4 e 5 (únicos comprovantes encontrados) circularam nos meses de março, abril e maio, respectivamente, de 1953, em formato de 33x22, com quatro páginas a três colunas de composição. Cabeçalho desenhado, figurou sobre o título a Pomba da Paz, tendo abaixo dele uma Bíblia. Redatores - Amaro Celestino e Antonio Torres; gerente - Joel Carlson. Imprimia-se na velha tipografia do Jornal do Recife, readaptada para serviços avulsos.

Constava, a matéria d'A Voz Pentecostal 2a., de comentários e noticiário específicos e produções diversas, assinadas por Marcos, Lucas, B. P., Euclides Ribeiro, Percida Gomes, Beda Palm e Eles (Bib. Púb. Est.).

BARÃO DO BONITO - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Barão do Bonito - Estreou sua publicação no mês de abril de 1953, com seis páginas de papel almaço manuscritas e copiadas

¹ Embora empregando título idêntico e apesar da proximidade de datas. A Voz acima estudada nada tem de comum com a que foi relacionada páginas atrás.

em hectógrafo. Diretor - Bayard Borges de Amorim; secretário - Dilene Almeida da Silva. O redator - Antonio Melo Lins; encarregado da administração - Paulo Moreira de Oliveira.

Outras edições manuseadas: nº 2, de abril e nº 3, datado de junho/julho do mesmo ano. Idêntica quantidade de páginas. Inseria literatura infantil, noticiário escolar e desenhos a lápis de cores (Dept. Cultural da SEEC).

REVISTA PARLAMENTAR - Inexistente comprovante da edição de estréia, viu-se publicado o nº 2 em abril de 1953, no formato de 23x16, conteúdo 36 páginas, fora a capa. Direção de Hostiniano de Moraes; redator - Miguel de Sousa Leão, instalada a redação na rua da Detenção, 85, 2º andar. Inseriu matéria atinente ao título, através de transcrições e trabalhos diferentes, da autoria de Oscar Farias e Jandari Leitão. Muitos anúncios.

O nº 3 (e último) circulou no mês de novembro, com 20 páginas, a maior parte dedicada a assuntos médicos. Colaboração especial do bacharel Jarbas Maranhão (Bib. Púb. Est.).

AUXILIADORA - Órgão das Casas das Filhas de Maria Auxiliadora do Norte do Brasil - Surgiu em maio de 1953, obedecendo ao formato de 32x24, com 12 páginas de papel acetinado e as quatro da capa em couchê, ilustrando o frontispício uma estampa de N. S. Auxiliadora. Trabalho gráfico da Folha da Manhã, funcionando a redação no Instituto Maria Auxiliadora, à rua Joaquim Nabuco, 237, Capunga.

Firmou a página de abertura o padre Belchior Maia d'Ataide, que assim concluiu, após tecer encômios à iniciativa: "É mais um estímulo para que se não arrefeçam as lides nem

esmoreçam os entusiasmos, pois que Auxiliadora quer ser, sobretudo, na Inspectoria, o revérbero do calor e a clarinada do entusiasmo.

Publicação de caráter religioso e cultural, seguiu sua jornada, adotando as seções: “Colaboração Escolar”, “Voz das Ex-Alunas”, “Página Catequética”, “Orientar-se”, “Cantinho Alegre”, “Das Nossas Missões”, novela, contos, curiosidades, conselhos e “Elegância”, constituída de modelos para roupa feminina, na última página da capa.

Ora mensal, ora bimesal, variando a quantidade de páginas até o total de 24, atingiu o nº 14, datado de outubro/novembro de 1954 ¹ (Bib. Púb. Est.).

O ALBATROZ - Órgão Difusor Cultural da União Estudantil Castro Alves - Usando a divisa “Um jornal do Castro Alves (Ginásio) para todos os seus colegas do Brasil”, saiu a lume em maio de 1953, no formato de 28x23, com quatro páginas de quatro colunas. Direção de Antonio Pereira; secretário - Joinvile Ribeiro Lima; gerente - Gil Cisneiros. Imprimiu-se na tipografia da Polícia Militar.

Ocupou a primeira página, tendo ao centro retrato do patrono, o artigo sob o título “Por que este nome?”, assinado pelo diretor. Justificou-o como merecida homenagem ao grande poeta baiano, transcrevendo-lhe a estrofe da poesia “O Navio Negreiro”, assim iniciada:

“Albatroz! Albatroz! Águia do oceano...”

¹ Continuou em 1955.

Divulgou matéria noticiosa e produções de alunos e dos professores Ivan Lima e Jázer Menezes Bezerra.

O nº 2 apareceu no mês de agosto, aí designado Arnaldo Luna tesoureiro, passando a confecção material a ser executada em diferente casa impressora. Só em junho do ano seguinte foi publicado o nº 3, apresentando-se como “apolítico - areligioso - sincero”. Tinha a redação na rua da Soledade, 369. Circulou, por fim, o nº 4 no mês de outubro de 1954, dedicado ao Tricentenário da Restauração Pernambucana e à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos.

Teve o jornalzinho a colaboração, entre outros, de Cícero J. da Silva, José Bernardo Caldas, Amadeu Alves, M. Ferreira, Honório Roberto Galhardo, Djalma Ribeiro Barza e Claudemir Lima de Carvalho ¹ (Bib. Púb. Est.).

O ALFAIATE - Órgão Oficial da União dos Alfaiates e Classes Anexas de Pernambuco - Deu à luz a edição de estréia em maio de 1953, no formato de 48x30, com quatro páginas de cinco colunas, para distribuição gratuita. O clichê do título ostentava uma tesoura. Diretor - Severino Ramos da Fonseca; redator-chefe - José Assunção da Fonseca; redator-secretário - Sebastião Pereira; redator-técnico - Paulo Araújo. Redação na sala 304, do edifício Seguradora, praça da Independência. Impressão, em papel acetinado, da oficina da Polícia Militar.

O editorial de abertura focalizou a coordenação da classe que, para melhor defender os seus interesses e aspirações,

¹ Só prosseguiu em 1957.

passava a dispor de um jornal, cuja primeira campanha era a da aquisição da Casa do Alfaiate.

Pretende ser mensário. Entretanto o nº 2 só apareceu em setembro e o nº 3 em fevereiro de 1954, última edição do ano¹.

A par de comentários e noticiário específicos, O Alfaiate divulgava artigos de Severino Ramos, João Alexandre Vieira, Rafael Perruci, Miguel Santiago, Petronius Perine e outros. Alimentou as seções: “Honra ao Mérito”, perfilando, com o respectivo clichê, os mais antigos profissionais da tesoura; “Palavras Cruzadas e Charadas”, a cargo de Arlei; “O Alfaiate Social” e “Que os alfaiates-poetas também cantem”, contendo produções de Sebastião Pereira e João Wanderley. Alguns anúncios ajudavam as despesas do trabalho material (Bib. Púb. Est.).

O NOSSO JORNAL - Órgão Lítero-Recreativo dos Internados do Hospital Osvaldo Cruz - Saiu a lume em junho de 1953, no formato de 37x28, com quatro páginas a cinco colunas de composição. Redator-chefe - João Augusto Xavier; secretário - Mário Furtado; redatores - Iolanda P. Sousa, Gerson Raposo e Raimundo Faria e Sousa. Trabalho gráfico das oficinas da Folha da Manhã.

Modesto editorial, intitulado “Falando a O Nosso Jornal”, fez a apresentação da folha aos leitores. Seguiu-se a publicação mensalmente, contendo literatura ligeira (prosa e verso), noticiário, seções divertidas, charadas, palavras cruzadas e cópias de desenhos. Fora as da equipe redacional, inseria produções de

¹ Continuou em 1955.

J. P. Oliveira, Lins Moraes, Marcos Barbosa Cardoso, Paulo Siqueira, Lindalva Xavier, professora Cleonice Falcão, A. Santos, jornalista Luiz Valois, Valdemir Santos, Pedro Benício, dr. Herodoto Pinheiro Ramos, Tamira e outros.

O corpo redacional sofreu alterações, dele participando, por substituição, outros internados, a saber: Sebastião Vieira, Juraci Sobral, Paulo Siqueira, Carlos do Rego Barros e Valdemir Luis dos Santos.

Terminado o ano com o nº 7, circularam, em 1954, apenas edições conjuntas, a última delas - correspondente aos meses de março e abril ¹ (Bib. Púb. Est.).

CAPELA-ESCOLA SANTA TERESINHA - Em seguimento ao jornal Santa Teresinha, circulou o nº 1, ano IV, em junho de 1953, no formato de 24x15, contendo 10 páginas. Trabalho gráfico da Folha da Manhã, utilizando papel verde.

Edição única, sua matéria constou de agradecimento e despedidas (para uma viagem de dois meses) do casal Abrahão Carlos Alliz; noticiário da Capela-Escola, com clichê e grande cópia de impressões de visitantes (Bib. Púb. Est.).

A PUA -Órgão Crítico, Humorístico, Independente - Circulou no dia 15 de julho de 1953, em formato de 33x24, com seis páginas a quatro colunas de composição. Propriedade da S/A Broca & Catraca, da qual fazia parte Valdemar Agra; direção de Joca Marinheiro (João Marinho Falcão) e Oric (Ciro Leal Marques). Impresso na tipografia d'O Porto, à avenida Militar, 361, no

¹ Prosseguiu em 1955.

Brum, dizia no Expediente: “Não é mensal, nem quinzenal, nem semanal. Sai quando pode”.

Constava do seu programa: “Uma crítica, apesar de acerba e dura, contrutora e leal. Um humorismo sadio, como desopilante eficaz”. Noutra nota, lia-se: “A Pua é um jornal livre, completamente apolítico e inodoro de bajulações e intrigas”, acrescentando: “...não é da oposição, mas da posição verdadeira”.

Inseriu matéria variada e interessante e iniciou campanha pró aumento de salários dos trabalhadores portuários. Salientavam-se as seções “Crônicas política”, por Murilo de Sousa e “Come e dorme”, por Oric.

O segundo número apareceu datado de agosto, aumentando o formato para 48x30, de seis colunas, a quatro páginas, papel verde, apresentando-se como “órgão crítico-humorístico dos portuários livres”. Colaboração de Álvaro Xavier Sampaio, Lígio Manta e Ademar Ribeiro, além da parte humorística, incluindo charges; noticiário e anúncios.

Comentou a redação, mas fazendo-o chistosamente, que um dos diretores da folha - Oric - fora ameaçado de morte pelo coronel diretor da Administração do Porto¹, que se mostrou agastado com a verve do “Come e dorme”; não admitia críticas nem que a sua repartição “fosse desmoralizada...” Chamado ao gabinete em chefe, Ciro foi advertido de que seria mandado enterrar no Cemitério de Santo Amaro. Ao que o comentarista concluiu: “...sem ao menos o direito de escolher o cemitério?...”

¹ Tratava-se do atual general reformado Viriato de Medeiros.

O que é certo é que A Pua ficou mesmo no segundo número (Bib. Púb. Est.).

POLITÉCNICA - Órgão do D. A. da Escola Politécnica da Universidade Católica de Pernambuco - Publicou-se pela vez primeira em julho de 1953, no formato de 28x19, com 46 páginas de papel couchê, inclusive a capa, ilustrando-a uma perspectiva do futuro prédio da Universidade, desenho do engenheiro Manuel Caetano. Direção de Ernesto Kauffman; redator-secretário - Carlos A. Bezerra; tesoureiro - Olíver Bezerra; redatores - Henrique W. Keidel, Paulo de Melo Fontes e Danilo Dalmo. Redação na praça Euclides da Cunha, 455. Distribuição gratuita.

Na íntegra, a nota de abertura, intitulada “Apresentando...”; “Politécnica, revista há muito idealizada, é um modesto tributo à Engenharia nacional. Sua concretização deve-se, em particular, ao apoio incondicional dos nossos professores e pessoas amigas; seu título, uma homenagem sincera à nossa Escola; sua orientação molda-se no respeito à Ciência pura e à Técnica. Entregamo-la em vossas mãos, com os prognósticos de que satisfaça essas aspirações”.

Divulgou: discurso de paraninfo do dr. Lucas Nogueira Garcez, governador de São Paulo; artigos dos engenheiros Hermano Pontes de Miranda, major Lidenor de Melo Mota, Ordino Cardoso e José Ermírio de Morais; crônica de viagem de Robson Marques; noticiário, ilustrações e algumas páginas de anúncios.

Quinze meses após, ou seja, em outubro de 1954, circulou o nº 2, ligeiramente aumentando o formato, reunindo 54 páginas, impresso na Seção de Artes Gráficas da Escola Industrial Agamenon Magalhães, na Encruzilhada. Figurando como presidente honorário o engenheiro Ernesto Kauffman, o corpo redacional achava-se assim constituído: diretor - Alfredo Coelho Fontes; redatores - Baltazar Laurênio e Henrique Keidel; desenhista - José Fernandes.

Assinaram trabalhos sobre temas específicos, além da equipe redacional: engenheiro eletricista André A. Falcão, arquiteto Diniz P. Azambuja Neto, professor Osvaldo J. do Nascimento, engenheiro civil Rubem de B. Correia e acadêmico Paulo de Melo Fontes. Ocorreu vasta ilustração fotográfica, inclusive o quadro dos engenheiros de 1954. Página especial homenageou a memória de Alfredo Becker (Bib. Púb. Est e Bib. Esc. Politécnica).

Q. R. M. - Jornal do Radiomadorismo - Deu à luz o nº 1, ano I, no dia 20 de agosto de 1953, em formato de 37x26, com seis páginas a quatro colunas de composição. À esquerda do cabeçalho, lia-se: “Iniciativa e realização da Rodada Nordestina Verde-Amarelo”; à direita; “U’a mão que se estende no intuito de unir cada vez mais os radioamadores de todo o Brasil”. Responsáveis: PY-7--FD Zeverino Veloso e PY-7-ACY Odacy Varejão. Circulação interna.

O artigo de apresentação - “Alô, macanudo!” - num quadro de duas colunas, ao centro da página de frente, dizia, entre outras considerações: “Em minhas páginas procurarei cumprir fielmente a finalidade que me fez vir ao mundo: servir ao radioamadorismo de Pernambuco e do Brasil, com todas as

minhas minguadas forças, levando mensalmente para você, prezado leitor, a minha palavra modesta e confraternizando com todos os labreanos brasileiros”.

Sua matéria constou de artigos redacionais ou assinados, todos com a indicação do tempo gasto na leitura, versando unicamente sobre temas específicos, assim como o noticiário miúdo.

Teria ficado na edição de estreia? (Bib. Púb. Est.).

O PLEBISCITO - Órgão do Movimento Pernambucano dos Partidários da Paz - Destinado à “circulação interna”, publicou o primeiro número (provavelmente único) no dia 1 de setembro de 1953, em formato de 33x22, com quatro páginas de quatro colunas. Redator responsável - Clóvis Melo. Redação à rua Nova, 346, 1º andar e trabalho gráfico da oficina da Folha do Povo, situada na rua Imperial.

Sem apresentar-se aos leitores, divulgou matéria alusiva ao movimento mundial em prol da paz e, principalmente, as “normas para um plebiscito nacional em favor do entendimento para a solução das divergências internacionais (Bib. Púb. Est.).

INDEPENDÊNCIA - Órgão Divulgador das Atividades Isianas - Circulou a 7 de setembro de 1953, em formato de 33x22, com quatro páginas. Diretores - Paulo Marcondes e José Natal. Imprimiu-se na Gráfica Editora do Recife, localizada a redação na área suburbana do Porto da Madeira, Beberibe.

O artigo de abertura historiou os pródromos da fundação do ISA, ou instituto Santo Amaro Volei Clube. Outro, a seguir,

focalizou o aparecimento do jornalzinho, terminando por homenagear a memória de sua idealizadora: a sra. Djanira Pimentel.

Edição única, inseriu produções de Eduardo Lima, Edgar Powell, Joselito Sampaio e outros, além de noticiário social e anúncios (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM UNIVERSITÁRIO - Publicação do Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Pernambuco - Inexistente comprovante da edição de estreia, publicou-se o nº 2, ano I, no dia 15 de setembro 1953, datilografado e mimeografado em papel de ofício, mas impresso tipograficamente o pequeno cabeçalho. Doze páginas, somente ocupadas as do anverso. Redator-chefe - Valdemir de Oliveira Lins; secretário - Paulo de Sousa Rodrigues; redatores - Paulo da Silveira Rosa, Antonio Ferrari, José Montenegro Abath, Arildo Marinho de Almeida, Luciano A. da Nóbrega, Joaquim Moreira Barros, Antonio da Cunha Pessoa, Luis Ribeiro Bastos e Celina Didier Moraes; datilógrafa - Inês Iva da Mota Silveira. Redação à rua do Príncipe, 526. Tiragem de quinhentos exemplares.

A nota de abertura reafirmou os objetivos da publicação, que se destinava a divulgar produções de professores e alunos, focalizando temas correlatos com as disciplinas das diversas seções.

Inseriu trabalhos em prosa assinados por Ferrari, Itamar de Abreu Vasconcelos, Antonio Pessoa e Maria Gizêlda de Melo e Silva; poesia de Nelson Nogueira Saldanha; a seção “Você

sabia?"; noticiário, bibliografia, transcrições e o "Esquema da Organização da Universidade Católica".

Teria continuado? (Bib. Púb. Est.).

JORNAL DO FAN - Rádio. Cinema. Teatro - Semanário Noticioso e Independente - Saiu a lume no dia 19 de setembro de 1953, em formato de 48x33, com seis páginas a seis colunas de composição, a cargo da seguinte equipe: diretor-fundador - Carlos Silva; diretor-responsável - Mauro Almeida; diretor-secretário - Medeiros Cavalcanti; Departamento Artístico - Fernando Silva; Departamento Fotográfico - Alfredo Lomba; diretor de publicidade - Colombo Campos. Assinatura anual - Cr\$ 100,00 Número do dia - Cr\$ 2,00 Impresso na Gráfica Editora do Recife S/A, estabeleceu redação na rua Nova, 203, 2º andar.

Destinava-se, entre outros itens da sua "Conversa de Apresentação", a tirar o rádio da vulgaridade em que havia caído, assegurando o articulista: "Aqui estaremos para ajudar os nossos homens do rádio, para noticiar as coisas que acontecem dentro dele, para sugerir, para criticar, para aplaudir".

Bastante variado, iniciou, quase todas com títulos ilustrados, as seguintes seções: "Antenas dirigidas"; "Galeria dos locutores"; "Rádio-Constelação"; "Discomania", por Edson; "Botão de controle"; "Fan pergunta e nós respondemos"; "Luzes da ribalta", de José Maria Marques; "Cinema", por Mauro, além de noticiário geral e comentários.

Retirou-se, logo no segundo número, o diretor de publicidade, enquanto o Departamento Artístico ficava crescendo

do nome de Pedro de Assis Rocha. Na terceira edição foi lançado o concuso “Os melhores de 1953”.

Decorreu a publicação com regularidade, sempre repleta de clichês, impressa em papel couchê, estendendo-se sua existência até o nº 9, de 14 de novembro (Bib. Púb. Est.)¹.

ATIVIDADE - Órgão do Comité Operário Anti-Comunista de Pernambuco - Surgiu em setembro de 1953, obedecendo ao formato de 32x22, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor-responsável - José Emídio de Lima; redatores - Antonio Bessone de Vasconcelos e José Bandeira de Albertim. Trabalho gráfico da oficina d’A Tribuna, funcionando a redação no mesmo local: rua do Riachuelo, 105. Distribuição gratuita.

Lia-se no editorial intitulado “Duas palavras”: “Ao apresentar-vos Atividade, outro propósito não nos move senão de alertar os trabalhadores da indústria têxtil dos perigos da infiltração comunista no Sindicato da classe”. Em nota à parte, dirigida aos trabalhadores, esclareceu: “Este jornal é livre; servirá de guardião dos teus direitos”.

Circularam mais duas edições, nos meses de outubro e de novembro, acrescida para seis a quantidade de páginas. Sua matéria constava de artigos doutrinários, inclusive da lavra de Vandenkolk Wanderley, a seção “Curiosidades” e noticiário. Boa cota de reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

O RESTAURADOR - Órgão do Grupo Escolar Pedro Celso (Beberibe) - Publicou-se o nº 1, ano I, em setembro de 1953,

¹ Coleção incompleta.

com quatro páginas de papel almaço, manuscrito. Diretor - Adonizedeck Barreto da Silva; secretária - Marluce Barbosa de Sousa; gerente - Brivaldo Nascimento. Matéria constituída de literatura infantil, desenhos escolares e noticiário.

Outra única edição manuseada: a de mês de maio de 1954, obedecendo às mesmas características (Dept. Cultural da SEEC).

REVISTA DO CÍRCULO MILITAR - O nº 1, ano I, circulou datado de setembro/outubro de 1953, em formato de 22x16, com 28 páginas de papel bouffant e capa em couchê, ilustrada com fotografia de aspecto do Recife. Diretor - major Carlindo Rodrigues Simão; secretário - major Josmar Martins, funcionando a redação no 6º andar do edifício dos Correios e Telégrafos, sede da instituição. Trabalho da oficina gráfica da Polícia Militar do Estado.

Consoante a página de abertura, intitulada “Metamorfose”, dava-se por encerrada a série dos “modestos Boletins informativos, camaradas dos primeiros dias, para substituí-los, num quase milagre de transformação, por um órgão de publicidade” que pudesse dar, pelo vigor das idéias, na variedade dos assuntos, a medida exata das possibilidades do Círculo Militar, então “em condições de ombrear, através de sua Revista, com os padrões mais distintos, no conjunto dos seus congêneres”.

A edição de estréia, abrindo com uma página de homenagem ao comandante da Zona Militar do Norte, general Osvaldo Cordeiro de Farias, divulgou uma conferência do historiador Carlos Augusto Pereira da Costa, sobre o Duque de

Caxias, ilustrada; artigos dos majores J. Martins, José Brito de Oliveira, Lidenor de Melo Mota e T. Osvaldo P. Ebecken; “Comentários gramaticais”, de Carosi (pseudônimo do major Carlindo); “Palavras Cruzadas”, pelo tenente-coronel Vilela; charadas, noticiário militar e social e serviço de clicherie.

O nº 2 publicou-se em novembro/dezembro, contendo 40 páginas. Iniciou o texto uma “Despedida” da diretoria do Círculo Militar, que ia ser substituída em janeiro. Ao corpo de colaboradores juntaram-se: major Geraldo Porto de Mendonça, coronéis José Valença Monteiro e Aduino Castelo Branco Vieira, tenente Oliveiros Litrento e coronel Constantino, major Bandeira, autores do trabalho “Manobras de Engenho Aldeia”.

No segundo ano saíram mais três números da Revista do Círculo Militar, correspondente, o terceiro, a novembro/dezembro de 1954. Assumira a direção o major Josmar Martins, funcionando o major Aroldo Pereira Soares como redator-secretário. A última capa homenageou, através de aspectos fotográficos, o Hospital Geral do Recife, que completavam um centenário de existência.

Foram outros colaboradores: Aníbal Fernandes, Ascenso Ferreira Mauro Mota (poesia em francês), tenente-coronel Sílvio Cahu, major Manuel Brígido Maia, André Pereira Soares, major Sílvio Von Shosten Gama, capitão Luis Silva Leal, tenentes Murat e João de Paula Pessoa Sanford, além das seções de costume, ilustrações e páginas de anúncios (Bib. Púb. Est.)¹.

¹ Coleção desfalcada.

DIÁRIO DO RECIFE - Jornal das segundas-feiras, apareceu em cena no dia 5 de outubro de 1953, obedecendo ao formato de 47x32, com oito páginas de seis colunas. Direção - Sócrates Times de Carvalho; secretaria - Dias da Silva e Múcio Borges da Fonseca; tesoureira - F. C. Livino de Carvalho. Impresso na oficina d' A Tribuna, instalou redação na rua do Imperador, 235, 1º andar. Preço do exemplar - Cr\$ 1,00

Não teve, como manda a velha praxe, artigo-programa. Mas, Dias da Silva, iniciando o comentário “Nem tudo está azul”, escreveu: “Esta seção surge pelas mesmas razões e com os mesmos fins com que surge este jornal. Terá a sua mesma vida e sofrerá o que ele sofrer. Confunde-se, assim, em seus propósitos, com o Diário do Recife, que Sócrates Times de Carvalho ergue como uma tribuna nova, cuja maior garantia está no nome mesmo de quem a levanta e de quem a sustenta, com a ajuda de nós outros. É o jornal de Sócrates, e isto chega para dizer o que é e o que vale este jornal, cujo título é um augúrio e uma promessa, promessa porém que não nos caberá cumprir mas de cuja execução se incumbirão, antes, aqueles para quem o fazemos. Diário do Recife, será, sobretudo, um jornal democrata: do povo e para o povo. Viverá como e enquanto o povo quiser que viva”.

Frisou o comentarista que o semanário surgia sob “tenebrosos signos”. Noutra tópico: “Este jornal, o jornal de Sócrates Times de Carvalho, aparece exatamente para dizer que nem tudo está azul... Que há muito negror e muitas trevas a infelicitar a maioria dos homens...”

Abriu a terceira página a seção de sueltos “Pente fino”, com desenho, ao lado, de um pente e, nele, a inscrição:

Maribondo (Marca Reg.). Era pseudônimo de Sócrates. Na quinta: “A semana parlamentar” e “Nos Sindicatos”, seção destinada a “defender os direitos da classe trabalhadora” e dar combate “aos pelêgos e aos aproveitadores que se servem dos sindicatos para explorar e enganar os trabalhadores”. As duas últimas páginas dedicavam-se ao movimento desportivo da cidade.

Reportagens ilustradas e entrevistas marcavam o ponto mais alto do semanário, que pretendia transformar-se, oportunamente, em diário mesmo (o que não conseguiu). Anúncios entre a matéria redacional.

Publicou-se regularmente, logo transferido o trabalho gráfico para a oficina da Folha da Manhã, tomando posição de combate, comentando com desassombro e intrepidez dos erros administrativos. Uma de suas primeiras campanhas girou em torno da necessidade da autonomia municipal.

Ainda no segundo número criou-se a seção intitulada “Televisão”, comentário de Almirélio (outro travesti do Sócrates). Vieram as “Lamúrias do Primo Pobre” e Newton Faria encarregou-se da “Ciranda Política”, ocorrendo também a “Crônica de Rádio”, por D. Nobre; “Pelas telas da Cidade”, a cargo de Marcos, ou seja, Marcelo Pessoa; coluna de “Sociais” e noticiário geral.

Fora os comentaristas mencionados, o Diário divulgava artigos, ora de Osório Borba, ora de Luiz Gaioso ou Pinto Ferreira, A Lobo de Miranda, Carlos Luiz de Andrade e Rafael Correia de Oliveira. Na parte desportiva apareciam Luiz Garcês e Adonias Moura.

Foi efêmera a vida do bem feito diário das segundas-feiras, pois desapareceu da circulação uma vez atingido o nº 9, de 30 de novembro.

Ressurgiu, todavia, alguns meses depois, publicando-se o nº 10 a 31 de junho de 1954. Só dois nomes no Expediente: o diretor Sócrates e Múcio feito redator-secretário. Mudara-se a redação para o edifício Santo Albino, 3º andar. Manteve o ritmo inicial, contando mais com a colaboração de Josimar Moreira de Melo, Geraldo Seabra e Abdias Moura Filho. Entrou para a gerência João G. de Carvalho.

No 16º número viu-se aumentado o formato do Diário do Recife para 56x43, oito colunas de composição, ainda com as oito páginas de praxe. Mas continuou com seis, apenas, impresso a cores. Sua última promoção jornalística foi a propaganda da candidatura Osório Borba à sucessão governamental do Estado, a par da apologia do Partido Socialista Brasileiro.

Não lograram êxito, todavia, a nova fase e a nova feição do brilhante órgão, cujo último número, o 19º, saiu no dia 23 de agosto de 1954.

O trabalho material, durante a segunda fase, efetuou-se na tipografia do Correio do Povo, feita a impressão em máquina rotoplana e, quando o formato duplicou, em rotativa (Bib. Púb. Est.).

O PAGÃO - Jornal mimeografado, edição de seis páginas de papel ofício, apareceu no dia 9 de outubro de 1953, sob direção anônima. Trazia abaixo do título: “Casa da Universitária de

Pernambuco”, da qual, entretanto, não era órgão, propriamente, pois representava o pensamento do grupo discordante dos atos da diretoria da instituição, protestando “contra abusos de autoridade e direitos sufocados”, conforme o editorial de abertura.

Circularam unicamente três números, o último deles datado de 27 do referido mês, reunindo 10 páginas, datilografadas de um só lado. Matéria constituída de artigos e notas de crítica e combate, mesmo na segunda edição, dedicada à Casa da Universitária Católica.

O último número proporcionou amplo relato dos acontecimentos em torno do caso da diretoria d’O Pagão, que foi expulsa da Casa da Universitária de Pernambuco por “crime de...” (ilegível) (Colec. J. do Patrocínio Oliveira).

NOTICIÁRIO DO CORDEIRO - Órgão de estudantes do subúrbio mencionado no título, publicou-se pela primeira vez no dia 18 de outubro de 1953, em formato de 33x24, com quatro páginas de quatro colunas. Diretor - Augusto Boudoux; secretário - José Henrique Barbosa Filho; gerente - Monteiro Filho. Redação à avenida Caxangá, 1792 e impressão da oficina gráfica da Polícia Militar. Preço do exemplar Cr\$ 1,00

Dizia a “Apresentação” que o jornal era materialmente pequeno, porém grande em espírito, pretendendo sua diretoria “levá-lo ao portal da glória”. Noutra nota, assinada, afirmava o diretor: “Lutaremos e debateremos os assuntos que oprimem a publicação deste bairro, pois o nosso lume é - um por todos e todos por um”.

Circulação mensal, o segundo número adotou tamanho um pouco maior, tendo uma coluna a mais por página, inserindo densa matéria e reclames comerciais. Todavia, o nº 3 fugiu à periodicidade: só foi divulgado em maio de 1954¹, boa edição de seis páginas, quando o formato ainda cresceu, atingindo 50x30, a seis colunas de composição. Imprimiu-se na Gráfica Editora do Recife. Constou do Expediente, junto à turma fundadora, o seguinte Conselho Redacional: Lupércio Carvalho, presidente; Manuel B. Arruda, Ivano Leal, Hélio Fernandes e Saulo B. Freire. Tabela de assinaturas: ano Cr\$ 12,00; semestre Cr\$ 6,00

Alimentava as seções: “Literatura”; “Diversões”, a cargo de Liz (como se ocultava Lizete Valença), também autora da “Seção Feminina”, e “Desportos”, por Antonio Pinheiro, a par de comentários a respeito das necessidades do Cordeiro, noticiário, reportagens e colaboração de Jarbas de Holanda, J. Malta, Glauco Campelo, Alencar de Sousa, Maria Lucina, Irene Couto, etc. (Bib. Púb. Est.).

ESCULÁPIOS - Órgão Oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco - Não encontrado exemplar do nº 1, circulou o nº 2, ano I, em outubro de 1953, em formato de 50x31, com 12 páginas de seis colunas. Diretores - Sérgio Lopes Fontes e Onildo Freire Barros; redator-chefe - Frederico Sérgio Moreira da Rocha; secretário - Marco Aurélio de O. Barros; redatores - Cícero Ferreira, Gilvan Ribeiro, Inaldo Valença, Maria Madalena, Ivan Beltrão e Fernando Benício. Redação à rua Benfica, 198, bloco A.

¹ Ainda se publicou em 1955.

Divulgou produções de Valdemar de Oliveira (dois discursos), professores Rui João Marques, João de Deus Nunes, J. A. Barreto Guimarães, Renato Boto, padre Adalberto de P. Nunes, Assis Martins e Madalena Cavalcanti de Oliveira; página de desportos e anúncios.

Decorrido um ano, saiu o nº 3, ano II, em outubro de 1954, com 8 páginas. Direção de Luis Leudo Pereira; redator-chefe - Oliven Ribeiro de Sousa; secretário - José Weydson; redatores - Ivaldo Valença, Frederico, Cícero e Geraldo Antunes. Teve a colaboração de M. da Nóbrega, Edna Savaget, Austro Costa, dr. Rosaldo C. Cavalcanti, Jairo Melo e José Aurino.

Ao que tudo indica, não chegou a sair o nº 4 (Bib. Púb. Est.).

MODERNO - Órgão dos Alunos do Colégio Moderno - Circulou em outubro de 1953, no formato de 33x24, com seis páginas a quatro colunas de composição. Diretor - Hermes da Costa Silva; secretário - Audálio Rebelo Torres; redatores - Carlos Fernando Albert Ribeiro e Augusto José Maurício Wanderley; tesoureiro - Josué Dias de Oliveira. Confecção da Gráfica Editora do Recife.

Ligeira nota, intitulada “Uma explicação”, dizia: “Surge, pela vez primeira, um jornal totalmente nosso; outros, que surgiram, não receberam seiva suficiente para a sua sobrevivência”.

A edição abriu com artigos de encorajamento, do diretor do Colégio, Augusto Wanderley Filho, e do professor Jorge Fernandes da Silva, seguindo-se produções dos redatores,

inclusive ilustradas, e de outros alunos; “Humorismo”, por Denizard Melo; pensamentos, noticiário e charadas.

Destinava-se o jornal a circular mensalmente, mas ficou no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM DA CAMPANHA DA BOA VONTADE - Pelo Dever de Ser Útil - Apareceu em outubro de 1953, no formato de 32x24, com quatro páginas de quatro colunas. Encarregado da publicação - Cláudio Braga, do Comité Central, à rua Caio Pereira, 78, Rosarinho.

Lia-se na concisa apresentação: “Mais do que ensejado pelas possibilidades, ainda difícies, circula o nosso Boletim como um imperativo do desenvolvimento animador que toma o nosso movimento”. Era “um laço” para “unir e aproximar”.

Deu ampla cobertura, ilustrada, ao Congresso da Campanha da Boa Vontade, realizando na cidade de Vitória de Santo Antão. Outras notas, a respeito da atividade dos Comités, completaram a matéria.

Não voltou à circulação (Bib. Púb. Est.).

O LITERATO - Órgão do Grêmio Cultural Joaquim Nabuco - Publicou-se “em caráter interino”, morrendo “na primeira edição”. Precedeu a Evolução, conforme noticiário de sua edição de estréia.

EVOLUÇÃO - Órgão Oficial do Grêmio Cultural Joaquim Nabuco - Publicou-se, pela primeira vez, em outubro de 1953,

no formato de 48x32, com seis páginas a seis colunas de composição. Diretor-geral - Tibério Rocha; diretor-comercial - João Antonio de Vasconcelos; redatores - Valter da Rosa Borges, Abílio Gomes e Valter José Dantas. Assinaturas: ano Cr\$ 15,00; semestre Cr\$ 8,00 Número avulso Cr\$ 2,00; atrasado Cr\$ 3,00 Redação à rua Imperial, 415 e trabalho gráfico da oficina do Jornal do Commercio.

Consoante o editorial “Clássica apresentação”, destinava-se a “realizar o mais árduo e dignificante trabalho de divulgação da cultura” nos meios onde conseguisse penetrar, pautando sua orientação “pelos princípios do patriotismo”.

Inseriu produções de Ivan F. Lima, Amílcar Dória Matos, José Quintino, Aurélio Farias, Nilson Rocha Lins, Ari Dias Caminha, Eros Jorge de Sousa, etc.; testes, palavras cruzadas, noticiário do Grêmio, humorismo e abriu concurso literário-histórico, por motivo do Tricentenário da Restauração Pernambucana, no que fracassou. Alguns anúncios.

Só em fevereiro de 1954 voltou Evolução - nº 1, ano II - substituído o último dos redatores acima por Djalma Freire Borges. Ainda ocorreram duas edições, a última datada de 15 de novembro/15 de dezembro. Alterara-se totalmente o corpo redacional, que ficou assim constituído: diretor-geral - Diógenes de Lins e Sousa; diretor-secretário - Jarbas de Holanda; diretor-comercial - Luis G. Freitas; diretores artísticos - Cremilson Soares e Wilton Sousa; redatores - Eros Jorge de Sousa, Mauro Carneiro Assis Rego, Zilda Webster, Walter da Rosa Borges e Amílcar Dória Matos.

Manteve o ritmo inicial, divulgando ainda trabalhos literários de Agenor Leal, Julieta Carteado Monteiro Lopes, Odir Cipriano da Costa, Raimundo dos Santos, Dércio Pessoa, Diógenes Lima e Sousa e Juan Vasco ¹ (Bib. Púb. Est.).

O TRICOLOR - Órgão Oficial do Santa Cruz Futebol Clube - Apareceu no dia 15 de novembro de 1953, em formato de 48x30, a seis colunas de composição, com quatro páginas, as externas impressas em preto e vermelho, formando, junto ao branco do papel, as cores do Clube. Nenhuma linha de Expediente.

Foi fundado, segundo o editorial de abertura, com o objetivo de “batalhar pelo engrandecimento do clube mais querido do Norte”, não sem deixar de “apontar os erros e as falhas que surgirem dentro ou fora do mesmo, numa crítica construtiva”.

Só divulgou matéria específica, ligada ao “velho Santa dos pernambucanos”, servindo-se de ilustrações fotográficas, focalizando, sobretudo, a “campanha dos dez mil sócios”. Anúncios em todas as páginas.

Nas mesmas circunstâncias, circulou o nº 2 no dia 13 de dezembro, aí terminando, provavelmente, a efêmera vida d’O Tricolor (Colec. Otávio Cavalcanti e Bib. Púb. Est.)².

¹ Prosseguiu em 1955.

² Na Biblioteca Pública do Estado só existe comprovante do nº 2, pertencendo o 1º a Otávio Cavalcanti, colecionador de primeiros números de jornais e revistas.

TRIBUNA PORTUÁRIA - Órgão de Divulgação do Porto do Recife - Surgiu a 21 de novembro de 1953¹, em bom formato de 48x33, com seis páginas a seis colunas de composição. Redação à rua da Aurora, 987, 1º andar e impressão da Gráfica Editora do Recife. Presidente de honra - Armando Monteiro Filho; diretor-responsável - Hilo da Silva Galvão; redator-chefe - Valdemar da Costa Agra; diretor-secretário - Polinice de Sena Xavier; diretor-tesoureiro - Lindinalvo Castelo Branco. Uma assinatura anual Cr\$ 50,00 pagável em prestações, facultava ao subscritor tornar-se sócio cotista da Cooperativa Mista Portuária, proprietária do periódico, com direito a dividendos e a votar e ser votado quando das alterações no corpo redacional. Logo na terceira edição, reduziu-se para Cr\$ 30,00 a anualidade comum.

“...jornal de todos e para todos, fundamentado na liberdade e igualdade entre toda a numerosa classe portuária nacional entrou em circulação, conforme o extenso artigo de abertura, com a principal finalidade de aplainar a desigualdade social que porventura exista entre os que emprestam suas atividades a esse ancoradouro nordestino”.

A edição de estréia inseriu editorial; crônica de Valdemar de Oliveira sobre “O porto, a música e o teatro”; comentários ligeiros e as seções “Pausa da Semana”, por Hilo Galvão; “Coisas do meu sapicué”, pelo Dr. Agra Vado; “Trampolim da Política”, por V. C. A.; “Escritos ... Para Mulher”, a cargo de Zuila Ribeiro Hércias; “Álbum Portuário” e uma página de Arte e Literatura, com poesia e prosa assinados por diversos beletristas.

¹ O lançamento da Tribuna Portuária foi realizado em sessão solene no Gabinete Português de Leitura, com uma série de discursos.

Seguiu-se a publicação quinzenal, às vezes mensal, continuando o ritmo planejado: reportagens ilustradas, manchetes e a colaboração de Hélio de Sousa Lemos, Murilo de Sousa, Angéle Aoun Chalita, Luma Diino, criador da seção “Esperanto, língua universal”, Zélia Matos de Sousa, Sival Peregrino da Silva, Amaro Wanderley, João Lopes de Albuquerque, João Marinho Falcão (o mesmo Joca Marinheiro), Bóris Trindade, autor da seção “Cinema - Rádio - Teatro”, Maviael Pontes, Walter Costa Porto, Homero do Rego Barros, Raimundo Cruz (“Focalizando aspectos do Porto do Recife”), Fanuel Costa, Alfredo de Oliveira (de Garanhuns), José Vieira, Eleónidas Apolinário, o dos “Postais Literários”, Lírio Lago (pseudônimo de Rui Barbosa Lima), Oric (travesti de Ciro Leal Marques), que lançou a seção “Tribuna-Recreio”, Lourival Cavalcanti, Hermes Wanderley e outros.

Ainda nas primeiras edições, a Tribuna criticou acerbamente a direção do congêneres O Porto, sobretudo desmentindo certas acusações.

Embora mantendo o ritmo de seis páginas, às vezes oito, o periódico suspendeu, após o nº 11, a página “Arte e Literatura”, que contara com desenhos e ilustrações de Ladjane, J. Tavares, Augusto Rodrigues Filho e W. Virgulino. Mas, voltaria...

A partir do nº 14 alterou-se o sub-título para “Órgão de Turismo e Divulgação do Porto do Recife”. Foi comemorado, na edição seguinte, o primeiro aniversário do jornal. E o nº 16, de 20 de dezembro, encerrou o ano de 1954 ¹ (Bib. Púb. Est.).

¹ Continuou em 1955 e ainda circula.

BRAZIL CALLING - Circulou no mês de novembro de 1953, obedecendo ao formato de 32x22, com seis páginas de duas colunas largas. O desenho do cabeçalho incluía torre de igreja, coqueiro e carro de propaganda encimado por alto-falantes. Nenhuma nota de expediente.

Todo redigido em inglês, abriu o texto o artigo “Introducing ourselves”, assim começado: “This is the initial issue of a quarterly new sheet published by the North Brazil Presbyterian Mission, and financed by personal funds of the individual missionaries. This paper is sent to friends in the United States with the prayer that it will contribute to a larger understanding, on the part of the church at home, of the total program of World Missions in North Brazil”.

Os demais artigos intitulavam-se: “The Bible Institute of the North”; “With the mish Kids”; “Execept ye become as a litle child”; “The man with one talent”; “Station aes”; “Open heart - Open Letter - Open doors”, etc., assinados por Charlotte A. Taylor, Edna Smith, Willodene Smitd, Flora and Jon Crow e outros (Bib. Púb. Est.).

CRIANÇA SURDA-MUDA - Órgão de Divulgação da Educação dos Surdos-Mudos - Foi publicado em novembro de 1953, no formato de 32x22, com oito páginas a quatro colunas de composição. Propriedade do Instituto Domingos Sávio, tinha como responsável Edite C. Nogueira. Redação na avenida Conde da Boa Vista, 1437.

Abriu a edição artigo de médico João Suassuna Filho, seguindo-se a transcrição de outros, para terminar com um do dr.

Manuel Possídio. As duas páginas do centro inseriram fotografias das instalações do Instituto. Duas outras divulgaram o “Programa Escolar para as Crianças Surdas-Mudas”.

Teria ficado no primeiro número (Bib. Púb. Est.).

O COMERCÁRIO - Órgão Publicado Mensalmente pelo Sindicato dos Empregados no Comércio do Recife - Saiu a lume no mês de novembro de 1953, em formato de 32x23, com seis páginas de quatro colunas. Redator-secretário - Júlio Amaral, funcionando a redação na rua da Imperatriz, 67, 1º andar. Confeção da Gráfica Editora do Recife.

Firmado por A Diretoria, assim concluiu o artigo de apresentação: “O boletim que ora publicamos será o porta-voz das nossas aspirações, o intérprete fiel do nosso pensamento, o elo que estava faltando para unir em uma só corrente, forte e poderosa, a brava classe comerciária do Recife”.

Divulgou ampla matéria a respeito das atividades do Sindicato; relação das reivindicações da classe junto ao ministro do Trabalho, João Goulart, com retrato dele; noticiário e uma página, ilustrada, de “Bom Humor”.

Não foi possível encontrar comprovante do nº 2 ¹ (Bib. Púb. Est.).

EVIDÊNCIA - “Órgão...nizado” por funcionários do Moinho Recife, circulou em novembro de 1953, contendo 18 páginas, datilografadas em papel ofício. Redação e direção - Rossini

¹ O nº 3 é de fevereiro de 1955

Belém, Jairo Gomes; Eduardo da Mota, Genaro Gomes, José Felton e Mozar de Arribas.

Jornal de cunho “sério, sem todavia desprezar o humorismo sadio”, era seu objetivo, segundo escreveu o editorialista, “por em evidência as aspirações de uma mocidade que quer contar de sua vida e lutas, falar de suas idéias e esperanças de um mundo melhor”.

Nota à parte: “Evidentemente, Evidência tem por função precípua por em evidência das coisas evidentes”.

Sumário da matéria dada à estampa: “Panorama Político Nacional”, “Literatura”, “Humorismo”, “Seção Recreativa”, “Sociais”, “Poesias” e “Página Feminina”; mais a colaboração de Lírio Lago (psedônimo de Rui Barbosa de Lima), Servulo Andrade, Adão Almiro Pinto, Carminha Paiva, A. Sabino e outros (Gentileza de N. Krochmalnik).

ÁLBUM COMEMORATIVO DO 25º ANIVERSÁRIO DO CAXANGÁ GOLF & COUNTRY CLUB - Foi dado à circulação no fim do ano de 1953, em formato de 21x21, com 88 páginas de texto, utilizando papel couchê, mais a capa, cartolinada, que estampou sugestiva alegoria de Manuel Bandeira. Direção - Ulisses Freire; supervisão - Aderbal Jurema. Imprimiu-se na tipografia do Jornal do Commercio.

Abriu a parte redacional uma homenagem ao professor Alfredo Freyre, “the oldest member” “par droit de naissance” e sócio honorário. Seguiram-se “Palavras do Presidente” - Harold C. Morrissy; artigo original de Gilberto Freyre; longa exposição sobre o golf em Pernambuco; relação de taças, prêmios e

competições; crônicas de Paulo do Couto Malta, Teodorico Puterfino, Fanny Ball e outros; nomenclatura de diretores e sócios; numerosa clícherie; desenho do padroeiro do Golf e 39 páginas de reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

25 ANOS - Álbum referente à história e desenvolvimento da firma comercial Carvalho S/A no período de 1928 a 1953, ano em que, no mês de dezembro, foi distribuído.

Contendo 306 páginas de papel couchê, algumas impressas em duas cores, fartamente ilustrada, além de páginas duplas de gráficos ou fotografias, teve toda a matéria redigida nas línguas portuguesa e inglesa. Formato de 32x24. capa., num artístico desenho, representou a passagem do tempo, seguindo-se, no texto, dados gerais, exaustivamente coligidos, a respeito da vida, riqueza e progressos da firma cujo jubileu se comemorava, acrescidos de alentadas informações sobre o Brazil, curiosidades, calendários estatísticas, etc.

Foi a publicação redigida e supervisionada por Carlos Leite Maia, diretor da Organização Norte-Brasileiro Publicidade, dabendo a S. F. Goodwyn a versão para o inglês e a parte de desenhos e vinhetas a Inaldo Medeiros. Fotografias principais de Benevenuto Teles Filho, clichês de Antonio Teles e trabalho gráfico da Empresa Folha da Manhã, situada à travessa da Madre Deus, 118 (Bib. Púb. Est.).

REVISTA DOS ESTADOS - Edição Dedicada ao Estado de Pernambuco - O nº 17, ano IV, circulou em dezembro de 1953, no formato de 31x23, reunindo 114 páginas, inclusive a capa, ilustrada com clichê do extinto governador Agamenon Magalhães, num “preito de saudade”. Propriedade da Editora

Revista dos Estados Ltda.; diretor - Edson Campos; redator-chefe Adroaldo Silva; redatores - Félix Paiva, José Ribeiro, Manuel Gomes e Umberto Ponzo. Gerência e redação na praça da Independência, 75, 1º andar. Tiragem de... “40.000 exemplares”.

Toda a matéria do volumoso magazine constitui-se de reportagens de caráter comercial do Estado e dos municípios pernambucanos, bastantes ilustradas de fotografias, além de anúncios (Bib. Púb. Est.).

REVISTA DO D. C. E. - Órgão Oficial do Departamento de Cultura do Diretório Central dos Estudantes da Universidade do Recife - Surgiu no mês de dezembro de 1953, em formato de 50x31, a seis colunas de composição, com 18 páginas, algumas impressas em azul-preto. Fundador - Paulo Gondim Vaz de Oliveira; editor-responsável - José Carlos Sobrinho; diretor - Bento José Bugarin; direção artística - Tertuliano Dionísio; corpo de redação - Antonio Carlos Cintra do Amaral, José Wanderley Carvalho, David Azoubel Neto, Nilton de Sá Cobre, Fernando V. Coelho (Literatura), Paulo S. Rosas (Teatro) e Juvenal Félix (Cinema). Mais um Conselho Consultivo de seis membros. Direção e redação à avenida Rui Barbosa, 39.

Extenso editorial, intitulado “Algumas palavras”, teceu considerações em torno da Universidade do Recife ¹ e do espírito universitário; da situação do país, do fracasso dos seus dirigentes e da missão orientadora a que se propunha o Diretório Central Acadêmico, concluindo por assegurar que o aparecimento da

¹ Atual Universidade Federal de Pernambuco.

Revista constituía “o marco inicial desse movimento”, iniciando “a vigorosa arrancada da recuperação”.

A bem organizada edição, que teve os auspícios da direção da Cidade Universitária, dedicou as duas primeiras páginas aos trabalhos de construção do importante empreendimento, incluindo fotografias, gráficos e entrevista com o Magnífico Reitor, professor Joaquim Amazonas.

Seguiram-se artigos dos redatores; dos professores Pinto Ferreira, padre Daniel Lima e Meira Lins; advogados José Ajuricaba C. Silva e Joaquim Correia de Carvalho Júnior e acadêmicos Vamireh Chacon, Lúcia Uchoa de Oliveira, Zenaide Monteiro dos Santos, Cezário de Melo, Marcos de Barros Coelho e Djaci Magalhães; contos de Edilberto Coutinho e Itamar Vasconcelos, crônica de Fernando Vasconcelos Coelho e poesia de Geraldina Carvalho. Ilustrações de Tertuliano Dionísio, J. Wanderley Carvalho e Beatriz Melo. “Cinema”, “Teatro” e reportagens.

Ficou no primeiro número (Bib. Pú. Est. e Bib. Fac. Dir. UFPe.).

JORNAL ACADÊMICO DE VETERINÁRIA - Órgão Oficial do Diretório Acadêmico de Veterinária de Pernambuco - O nº 1, ano I, circulou em dezembro de 1953, em formato de 32x23, com seis páginas de quatro colunas. Diretor - Cláudio Cordeiro; redator-responsável - Heraldo Ataíde de Almeida Lopes, funcionando a redação em Dois Irmãos.

Visava a contribuir, consoante o artigo “Surgindo”, para “uma maior difusão da Veterinária no Nordeste”.

Inseriu noticiário e informações das atividades da Escola Superior de Veterinária e do Diretório, fotografuras ilustrativas e artigos específicos, assinados pelos redatores e por outros alunos, a saber: Renato A. Morais, Roberto Jaques Bezerra da Silva, Maurício Rodrigues e Luis Sobrinho.

Não continuou ou não existem comprovantes outros (Bib. Púb. Est.).

CADERNOS DA ACADEMIA - Edição da Academia Pernambucana de Letras, divulgou-se-lhe o primeiro número (e único) datado de 1953, no formato de 21x15, contendo 90 páginas de texto, em papel de linho, algumas em couchê, de fotografias e capa em cartolina de cor, as letras do título desenhados por Lula Cardoso Aires. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial.

Nas “Duas palavras” de abertura, escreveu Célio Meira, diretor do magazine, precedendo conciso editorial: “A Academia Pernambucana de Letras, com a publicação dos Cadernos da Academia, começa a contar, aos 52 anos, a história de sua vida”.

Após ligeiro histórico, seguiu-se a matéria exclusiva, a saber: notas biográficas do patrono da Cadeira nº 1, Bento Teixeira Pinto; do respectivo fundador, Antonio Joaquim Barbosa Viana; do segundo ocupante, Zeferino Galvão; do eleito e não empossado, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e do terceiro e atual ocupante, Ulisses Lins de Albuquerque; discursos de posse deste último e de saudação, do acadêmico Oscar Brandão da Rocha (Colec. Álvaro Alvim).

REVISTA PERNAMBUCANA DE FILOSOFIA - Órgão Oficial do Instituto Brasileiro de Filosofia (Seção de Pernambuco) - Saiu a lume datado de 1953, em formato de 25x18, com 86 páginas de texto, em papel de linho e capa em cartolina de cor. Direção de Pinto Ferreira e Gláucio Veiga. Conselho de Redação: Lourival Vilanova, Newton Sucupira, Amaro Quintas, Arnóbio Graça, Mário Batista, Aderbal Jurema e padre Daniel de Lima (Pernambuco); Miguel Realce e Renato Czerna (São Paulo); Gabriel Munhoz da Rocha e Faria Michaelle (Paraná); Mário Lins e Djacir Meneses (Rio de Janeiro); Orlando Gomes (Bahia); Sílvio de Macedo e cônego Hélio de Sousa (Alagoas). Confecção da Imprensa Industrial, à rua do Apolo, 78/90. Redação à rua da Hora, 670.

Abriu o texto um retrato (bico de pena de Manuel Bandeira) do professor Joaquim Amazonas, Magnífico Reitor da Universidade do Recife, também homenageado no artigo de apresentação da revista, sob o título “Duas palavras e palavras sinceras”, assim como o professor Miguel Realce. Concluiu o editorial:

“Desejamos aos nossos leitores que vejam, neste número inicial, apenas um esforço. Esforço modesto, aventura de apoucados méritos, mas que ninguém antes teve audácia para tentá-la: a audácia de romper o silêncio do individualismo e vir à luz, para debatermos de público nossas idéias, dentro do esquema do mais autêntico espírito universitário”.

Foi o seguinte o sumário publicado: “Cultura e Experiência Jurídica” - Miguel Reale; “A velha e a nova Ontologia” - Nicolai Hertmann; “Introdução ao Social” - Gláucio Veiga; “A raça e a literatura no Brasil” - Pinto Ferreira; “O

processo da Sociologia no Brasil” - Mário Lins; “Atualidade de S. Tomás” - Hélio de Sousa; “Bibliografia”.

Reuniu 140 páginas o nº 2, correspondente ao ano de 1954, saído da oficina gráfica da Imprensa Oficial. Encetou o texto uma “Apresentação” de sete páginas, sem assinatura, mas, na realidade, redigida pelo professor Newton Sucupira, que rendeu “justa e merecida homenagem à memória de Benedetto Croce, o maior filósofo italiano deste século”, sobre cuja obra também escreveu, nas 23 páginas seguintes, Renato Cireli Czerna, de São Paulo. Completaram o sumário produções de Gláucio, Pinto Ferreira, Sílvio Macedo, Nelson Nogueira Saldanha e Vamireh Chacon, ocupando as páginas finais a seção “Bibliografia”.

Para a publicação do nº 2 colaboraram a Assembléia Legislativa do Estado e a Reitoria da atual Universidade Federal de Pernambuco ¹ (Bib. Púb. Est.).

1954

A VOZ DO ARRAIAL - Periódico suburbano, saiu a lume no dia 31 de janeiro de 1954, em grande formato de 48x33, com quatro páginas a seis colunas de composição. Diretor - Abaeté de Medeiros; redator-secretário - Dilson Monteiro; gerente - Gustavo de Sá Barreto, funcionando a redação na avenida Norte, 5147. Impressão da Gráfica Editora do Recife. Preço do exemplar Cr\$ 0,50

¹ Prosseguiu em 1955.

Nasceu, conforme o artigo de apresentação, da necessidade em que se achava Casa Amarela de ter um porta-voz através do qual se pudesse “selar os interesses dessa gente laboriosa, constituída não somente de favorecidos da fortuna, mas densamente proletária, humilde, desprestigiada e mesmo abandonada pelos poderes públicos”.

Jornal movimentado, publicação semanal aos domingos, inseria boas reportagens e notas redacionais, uma página de matéria desportiva, seção de rádio, coluna social, assim como artigos e crônicas assinadas por A. de M., Moacir Campelo, Zé do Arraial, Dilson Monteiro, Ranilson de Sá Barreto (“Casa Amarela reclama”), Luiz do Nascimento (“Tudo isto é verdade”), e outros. Clichês e anúncios.

Não foi além do quarto número, datado de 21 de fevereiro (Colec. Abaeté).

A RIPA - Órgão Crítico Independente - Embora não apresentasse data, o primeiro número circulou no mês de janeiro de 1954, datilografado e mimeografado, em formato de bolso, papel acetinado. Publicação de alunos da Escola de Engenharia; corpo redacional - Eu, Tu, Ele, Nós, Vós, Eles; circulação interna. Tinha como objetivo principal divertir, com suas Ripadas, “e tornar mais alegre o espírito da estudantada”.

Aparecia o jornalzinho em datas indeterminadas, poucos comprovantes guardados, como os de nº 5, 6 e 7, datados de 16, 17 e 18 de março, em cujas páginas não faltava a boa verve em prosa e verso (Colec. Marta).

MUNICÍPIO DO RECIFE - Órgão Oficial da Câmara de Vereadores - Circulou (número único) em janeiro de 1954, em formato de 31 x 23, com 48 páginas de texto (papel couchê), mais a capa, e, cartolina especial, desenhada por Edson R. Lima, em azul-preto, superpondo-se-lhe fotografia de aspecto da cidade. Direção de Hilo Lins e Silva (presidente da Câmara). Excelente trabalho gráfico.

Abriu o texto, impresso a cores, o clichê do emblema do Estado, lendo-se abaixo, em caracteres fortes: “MCMLIV - Tricentenário da Restauração Pernambucana”. Na página seguinte, de frente, sob o título “Homenagem”, a nota a seguir, em tipo corpo 24, itálico, de fantasia:

“Os vereadores do Recife, cooperando para o desenvolvimento cultural da cidade, apresentam este primeiro número da revista Município do Recife, orgulhosos do seu progresso e do seu grau de civismo, que bem representam a tradição e a glória da gente pernambucana. Dest`arte, significa a edição do primeiro número desta revista uma homenagem modesta, porém plena de brasilidade, que a Câmara Municipal presta ao Tricentenário da Restauração Pernambucana, culas solenidades estão sendo programadas pelo governo do Estado”.

Seguiu-se a inserção, em páginas especiais, de clichês do ex-governador Agamenon Magalhães (in memoriam), do governador Etelvino Lins, do prefeito José do Rego Maciel, do médico Edgar Galvão Raposo, antigo presidente da Câmara (preito de saudade) e um bico-de-pena da Basílica de N. S. do Carmo, padroeira do Recife, da autoria de Pedro Murilo dos Santos. Colaboradores: Aníbal Fernandes, D. Antônio Almeida Morais, Alfredo de Oliveira, Célio Meira, Mário Melo, Eládio

Ramos, Jordão Emerenciano, Valdemar de Amorim, Ivonildo de Souza, Isnar de Moura, Costa Porto, João Cabral de Melo Neto (única poesia), José Césio Regueira Costa, Cezário de Melo, Altamiro Cunha e outros, toda a matéria ilustrada com vistas do Recife e figuras de prol da história pernambucana (Bib. Púb. Est.).

ANAIS - Jornal dedicado a assuntos desportivos e radiofônicos, apareceu no mês de janeiro de 1954, em formato de 33 x 24, com quatro páginas de quatro colunas. Direção e redação geral - Mário Gomes Filho. Trabalho da oficina da Gazeta Esportiva.

Ligeira nota de apresentação dizia tratar-se de uma experiência. Se desse certo, continuaria, achando, porém, o redator que “a vida da imprensa também é árdua”.

A edição, pouco expressiva, ilustrou a matéria com algumas fotografuras, inclusive três do diretor e alguns anúncios. Ficou na estréia (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM INFORMATIVO DA CODEPE (Comissão de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco) - Começou a publicar-se em fevereiro de 1954, no formato de 33 x 23, com oito páginas a três colunas de 15 cíceros. Conselho de Redação: Lael Sampaio, Ézio Magalhães, Costa Porto e Lídia Castelo Branco, com sede na rua da Aurora, 703. Junto ao título, pequeno emblema do Estado.

Sem editorial de apresentação, indicou o seguinte sumário: Teses, Comunicações e Pareceres; Resenha de Atas; Legislação; Bibliografia; Informações diversas. Toda a composição em tipo corpo 6 ½ batido. Gráficos ilustrativos.

Com dez páginas, excepcionalmente, o nº 4, datado de julho/agosto, divulgou, na abertura, longo artigo de Lucas Lopes, intitulado “O plano do São Francisco em fase técnica de planejamento”.

Obedecendo ao rígido sumário inicial, o Boletim atingiu o nº 6 em novembro do mesmo ano¹(Bib. Púb. Est. e Bib. Esc. de Engenharia)².

REVISTA PERNAMBUCANA DE DIREITO PENAL E CRIMINOLOGIA - Publicação trimestral, iniciou-se com a edição de janeiro/março de 1954, em formato de 23 x 15, 78 páginas em bom papel, mais a capa cartolinada. Diretor - Rui Costa Antunes, com redação à rua 1º de Março, 25, 6º andar, sendo o trabalho gráfico da Mousinho Artefatos de Papel Ltda., à rua do Aragão, 89. Assinatura Anual - Cr\$ 70,00; número avulso - Cr\$ 20,00; atrasado Cr\$ 25,00.

Consoante a “Apresentação”, punha-se “à disposição dos estudiosos das ciências penais uma ampla tribuna de exposição e discussão científica”. Não se filiava a “escola ou grupo”, pretendendo “ser um denominador comum da cultura jurídico-penal de Pernambuco”. Solicitava “o apoio e a colaboração de todos os interessados no progresso das ciências penais”. Também se destinava a Revista a “promover inquéritos, mesas redondas, cursos de conferências e ainda cumprir um plano de edições de monografias”.

¹ Prosseguiu em 1955.

² Na Biblioteca Pública do Estado existem, apenas, comprovantes do nºs 3 e 4.

O número de estréia inseriu trabalhos de doutrina de Anibal Bruno, Edgar Altino, Evandro Muniz Neto, João Aureliano Correia de Araújo, Juarez Vieira da Cunha e Rui da Costa Antunes, terminando com a transcrição do texto da lei nº 2083, de 12 de novembro de 1953, que regia a liberdade de imprensa.

Seguiu-se a publicação - já confeccionada nas oficinas da Imprensa Oficial - sem deter a numeração das páginas, que atingiram o total de 386 na quarta edição, datada de outubro/dezembro¹.

Dividida a matéria nas seções “Doutrina”, “Jurisprudência”, “Noticiário” e “Registro Bibliográfico”, manteve o padrão inicial, com a colaboração, além dos nomes mencionados, de Antônio Geraldo de Azevedo Guedes, Antônio de Brito Alves, Gilberto de Macedo, Nilzardo Carneiro Leão, Noé Azevedo, Roberto Lira e Roque de Brito Alves (Bib. Fac. Direito - UFPE)².

BOLETIM TRIMESTRAL DA CLÍNICA DOENÇAS TROPICAIS E DA NUTRIÇÃO DO HOSPITAL PEDRO II - Entrou em circulação a 31 de março de 1954, obedecendo ao formato de 23 x 14, com 28 páginas de coluna larga, impressas em papel couchê, sem capa formal. Direção do dr. Rui João Marques, funcionando a redação na própria Clínica.

Destinava-se “à publicação dos resultados das pesquisas médicas ali realizadas, bem como das mais interessantes

¹ Continuou em 1955.

² Na Biblioteca Pública do Estado só existem dois comprovantes: os nºs 3 e 4.

observações registradas naquele serviço hospitalar”, consoante a sucinta “Apresentação”, acrescentando ser “um órgão despretensioso e simples, de finalidade puramente científica, cuja necessidade vinha-se tornando cada vez mais evidente”.

Divulgou, como matéria única, dois trabalhos científicos assinados pelo diretor do magazine e um pelo dr. Ciro Andrade Lima.

O nº2 saiu no mês de junho, contendo 22 páginas e produções dos médicos Hoel Sette, Durval Tavares de Lucena e R. J. Marques.

Ficou suspenso o Boletim para, segundo tudo indica, não mais voltar à tona(Bib. Púb. Est.).

RUMO AO CAMPO - Órgão Oficial do Grupo Escolar Historiador Pereira da Costa - Unicamente aprovado o nº 1, ano IX, correspondente ao mês de março de 1954, manuscrito e copiado em hectógrafo, com quatro páginas de papel almaço. Diretor - Amadeu J. da Luz; gerente - S. Antonieta da Silva. Matéria constituída de literatura infantil, noticiário social e desenhos escolares (Dept. Cultural da SEEC).

SUBÚRBIO - Órgão Literário e Informativo do Bairro de Campo Grande - o nº1, ano I, circulou em março de 1954, no formato de 41 x 29, com quatro páginas de cinco colunas. Diretor - J. Hugo de Moraes Vaz; redator-chefe - Antônio Brasil; secretário-José Pinho. Assinatura anual - Cr\$ 17,00 Número avulso - Cr\$ 1,50 Composto em Linotipo, na tipografia d'A Tribuna, imprimiu-se em máquina da Gazeta Esportiva,

distinguindo-se o cabeçalho em tinta vermelha. Redação à rua Odorico Mendes, 154.

Lia-se, no editorial, sob o título “Nosso aparecimento”, que o jornal fora editado com atraso, pois vinha “o seu idealizador há dois ou três anos pensando em realizá-lo”; tinha sido vítima, no entanto, “da inexperiência inoculável, lutando contra as circunstâncias atrapalhadores que cercam toda e qualquer empresa de iniciantes”. Finalmente, esperava o “reconhecimento estimulador” dos leitores.

A par da liteira matéria redacional e curiosidades, inseriu produções, em prosa e verso, de Armando Maia, Evangelina Maia Cavalcanti, Antônio Torres Galvão, Eduardo Torres Galvão, Antônio Brasil e Artur Leal de Barros.

Faltou, naturalmente, aquele “reconhecimento estimulador”, uma vez que jamais saiu o segundo número (Bib. Púb. Est.).

CINE CLUBE DO RECIFE - Boletim Mensal - O primeiro foi publicado em março de 1954, no formato de 23 x 15, com quatro páginas e duas colunas de composição. Responsável - a Diretora do Clube, sob a presidência de Jorge Abrantes. Trabalho material da oficina da Polícia Militar.

Destinava-se, ao que dizia em “Algumas Palavras”, a divulgar o que interessava “ao estudo do Cinema como Arte, ao mesmo tempo que manter os sócios informados da vida do Cine Clube do Recife e dos projetos”.

Focalizaram-se, nas curtas páginas do órgão, a personalidade artística de Charlie Chaplin e temas sobre união e intercâmbio entre os clubes de cinema, filmes, diretores, programas, terminando com a “Circular nº 3”.

Teria ficado na edição de estréia (Colec. Osv. Araújo, Fortaleza, Ceará).

O CUPIM - Órgão Acadêmico Noticioso, de Alunos da Escola de Filosofia do Estado - Circulou o nº 1 (provavelmente único) no dia 5 de abril de 1954, com quatro páginas de papel tipo ofício, mimeografado. Corpo redacional oculto e circulação interna.

Apesar de designar-se “essencialmente satírico-humorístico”, setenciou, no editorial de apresentação: “O Cupim é um órgão acadêmico independente. Viverá na nossa Escola, não pertence a nenhum partido, não tem credo religioso ou político”. Em conclusão: “Não somos mercenários, nem políticos, somos apenas acadêmicos honestos”.

Difundiu, dentro do programa exarado, matéria variada, de interesse estudantil (Arq. de Marta).

JORNAL ESCOLAR - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Professor José Vicente Barbosa (Ibura) - Manuscrito à lápis, publicou-se o nº 1, ano I, no dia 19 de abril de 1954, em pequeno formato de 22 x 16, com quatro páginas. Diretor - Gildemar Epinele Meneses; redator-secretário - José Carlos Costa. Cadeira 161. 3ª série.

Outro exemplar avistado foi o nº 2, correspondente ao mês de maio. Sua matéria constava de literatura infantil, notícias ligeiras e desenhos escolares (Dept. Cultural da SEEC).

A LENHA - Órgão Crítico Independente - Do mesmo feitio d'A Ripa, surgiu, feito número único, em abril de 1954. Direção de Carlos Norberto Duarte; redator-secretário - Maurício Matos; gerente - Claudio Celso Uchoa Cavalcanti; corpo diplomático - Rui Lins e Suzana Maciel. Redação na Escola de Engenharia; distribuidor exclusivo - Mendonça, na portaria. Só inseriu, da 1ª à 4ª página, notas satírico-humorísticas, epigramas, troças e noticiário caricato (Arq. de Marta).

I P S E P - Jornal de uma Classe (do Grupo Escolar Professor José Vicente Barbosa) - Idêntico ao precedente, sem indicar corpo redacional, publicou-se, também, no mês de abril o primeiro número, sem haver notícia da continuação... improvável (DECA).

CLUBE FILATÉLICO DO RECIFE - Apareceu em abril de 1954, como homenagem ao Tricentenário da Restauração Pernambucana. Formato de 24 x 17, seis páginas a três colunas estreitas de composição, utilizando papel couchê. Tiragem de 500 exemplares, para distribuição gratuita aos associados. Esperava a diretoria da instituição, fundada em agosto do ano anterior - conforme o editorial "Surgindo" - a cooperação dos filatelistas pernambucanos, para dar prosseguimento ao seu boletim.

Inseriu artigo de L. Gonçalves Ferreira, sobre a "terceira cidade do Brasil", dedicando todo o espaço restante ao filatellismo, com selos em fotogravura. Raros anúncios.

Teria ficado no primeiro número (Colec. Osv. Araújo, Fortaleza, Ceará).

O VEÍCULO - Órgão Oficial do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários do Estado de Pernambuco - Surgiu a 1º de maio de 1954, em formato de 31 x 25, com quatro páginas de quatro colunas, sob a direção de Climaco Mallmann Saldanha. Tinha redação à avenida Rio Branco, 155, 2º andar, sendo impresso na Gráfica Editora do Recife, à rua do Imperador, 227. Distribuição gratuita.

Era, segundo o editorial de apresentação, “o porta-voz das melhores aspirações da laboriosa classe” de que se fez arauto, para a defesa dos seus direitos e a discussão “dos assuntos pertinentes e interessantes às suas reivindicações profissionais”. Acentuou: “Com os rodoviários na hora da alegria ou no momento da tristeza, O Veículo se põe inteiramente ao serviço dos melhores ideais que animam a sua numerosa e algumas vezes injustiçada classe. Nestas colunas palpitarão, certamente, os seus anseios, as suas angústias e também as suas esperanças e as suas alegrias. Este jornal será a tribuna onde serão gritadas as suas pretensões e discutidos os seus direitos”.

Seguiu-se a publicação mensalmente, em obediência ao programa enunciado, debatendo os problemas dos motoristas e suas reivindicações, sem deixar de ter uma página de “Sociais”. Contou com a colaboração de José Bezerra Lima, Francisco Acióli, O. B., Jerônimo Fonseca, Severino Alves Pequeno e Luiz Rodolfo de Araújo Júnior.

Foram temas favoritos nas colunas d'O Veículo : salário-mínimo, exploração de menores e a opressão da “Autoviária”.

A partir do nº 5, de 1 de setembro, elevou o formato para 48 x 30, páginas de seis colunas de composição, permanecendo sem anúncios. A primeira página da edição em apreço, toda em tarja, foi dedicada ao falecimento do Presidente Getúlio Vargas, incluindo fotografia em duas colunas, com a legenda: “Saiu da vida para entrar na história...”

Encerrou o ano o nº conjugado 7/8, datado de novembro/dezembro ¹(Bib. Púb. Est.).

ARQUIVOS DO SANATÓRIO PADRE ANTONIO MANUEL
- Publicou-se o nº1, ano I, datado de janeiro/junho de 1954, em formato de 23 x 16, reunindo 118 páginas de papel acetinado e capa em cartolina de cor. Conselho Editor - Bertoldo Kruse, Medeiros Dantas e Jorge de Sá, funcionando a redação no Sanatório (ex-Colônia da Mirueira).

“...há toda oportunidade - escreveu, de início, o médico Medeiros Dantas - para uma publicação dedicada aos problemas relacionados com o mal de Hansen. A patologia, a clínica, a terapêutica, a questão social da hansenose apresentam atualmente nuances que até bem pouco não eram levadas em consideração. Os Arquivos vêm preencher esta lacuna, com real proveito para a campanha nesta região”.

O sumário constou de longos relatórios, entremeados de mapas e clichês das atividades do Sanatório e da Caixa

¹ Continuou em 1955, mas morreu logo.

Beneficente dos Internados, terminando com a seção “Literatura Médica” e algum noticiário.

Obedecendo a idêntico ritmo, deu-se a luma o nº 2, compreendendo o período de julho/dezembro ¹ (Bib. Púb. Est. ²e Bib. Fac. Med.).

ALVORADA - Órgão dos Alunos do Grupo Escolar Santos Dumont - Circulou datado de março/abril/maio/junho/julho/agosto/setembro/outubro/novembro, manuscrito, mas só ocupadas as páginas 1 e 3, os reversos em branco. Orientação da professora Maria José Vadilo; redatores - os alunos. Matéria ligeira e desenhos escolares (Bib. Púb. Est.).

O ESCOLAR - Órgão Oficial do Grupo Escolar Professor Cândido Duarte - Surgiu com a edição correspondente aos meses de março/abril de 1954, manuscrito e hectografado, contendo quatro páginas de papel almaço. Diretor - Rinaldo Souto; redatora - Geni Lira. Sua matéria, como os demais do gênero, constituía-se de literatura infantil, noticiário miúdo e desenhos escolares.

Continuou a publicação bimestral, mas o nº 4 saiu no mês de setembro, último manuseado (Dept. Cultural da SEEC).

PERSPECTIVAS - Órgão dos Estudantes de Direito do Recife - Entrou em circulação a 16 de junho de 1954, obedecendo ao formato de 48 x 33, com seis páginas a seis colunas de

¹ Prosseguiu em 1955.

² A Biblioteca Pública do Estado possui comprovante. unicamente. da primeira edição.

composição. Diretor-responsável - Celso de Andrade Lima; diretor-secretário - José Maria de Araújo; diretor-tesoureiro - Joaquim Correia Lima; corpo redacional - Jaci Minssen, Aluísio Albert Silva Araújo, Hermes Bezerra Neves e Liberato Xavier da Cunha Filho. Direção e redação na Biblioteca da Faculdade de Direito.

Sem abrigar “objetivos políticos ou interesses subalternos”, levaria a todos, segundo o artigo “Definindo”, “a palavra livro do estudante de Direito”. Depois de outras considerações, concluiu: “Bater-nos-emos, destas colunas, pelos problemas de real interesse da classe universitária e, ao mesmo passo, não pouparemos esforços em manter alerta o espírito de luta e desprendimento mostrado pelo estudante pernambucano em todas as oportunidades, fazendo sentir a nossa presença em defesa da justiça e da dignidade nacionais, sempre que ameaçadas”.

Boa edição, inseriu artigos assinados por elementos da redação e outros de Clodoaldo Anunciação, Olímpio Bonald, Lígia de Souza Leão, Josmar de Melo, Fernando Vasconcelos Coelho, Rilton Rodrigues, professor Pinto Ferreira, George Teixeira, Hermilo Ximenes e Dilson Meira; sonetos de Carlos Pena Filho, Terezinha Costa e Zuila Ribeiro Hércias.

Os nºs 2 e 3 foram dados à estampa, respectivamente, a 30 de setembro e 20 de novembro, este último reunindo dez páginas. A par de reportagens da Cidade Universitária e notas mundanas, apareceram, juntos aos primeiros, diferentes colaboradores, a saber: Pedro de Siqueira Campos, Paulos Fernando Craveiro, Murat, Vaudrilo Guerra Leal Curado, Petrônio Muniz, Zandoni Lins, Nelson Nogueira Saldanha,

Arnóbio Graça, Jarbas de Almeida, Osvaldo Alecrim, Roderico Queiroz e Ebert, autor da seção de curiosidades “O que ouvimos...O que pensamos...”

Terminou aí a existência de Perspectivas (Bib. Púb. Est.).

4º SEMANÁRIO - Jornalzinho inexpressivo, saiu o primeiro número (sem data) em meados de 1954. Mimeografado, ocupou uma folha dobrada de papel de ofício, dividida em quatro páginas, ficando a segunda em branco. Tiragem declarada de 200 exemplares. Preço do exemplar - Cr\$ 0,50

Divulgou matéria ligeiríssima, assinada com pseudônimos (Colec. Osv. Araújo, Fortaleza, Ceará).

Boletim A.T.C.F.N. - Órgão da Associação dos Técnicos em Construção Ferroviária do Nordeste - Entrou em circulação no mês de julho de 1954, obedecendo ao formato de 23 x 15, com 14 páginas de papel Ilustração. Responsável - engenheiro José de Sá Gurgel do Amaral, funcionando a redação na rua do Brum, 328.

Nasceu, conforme o editorial de abertura, “com o objetivode servir de meio de comunicação entre os sócios da A.T.C.F.N., trazendo a todos a palavra de cada um, através de simples notícias, comunicações ou trabalhos de caráter técnico-científico”.

Inseriu o histórico, noticiário e movimento financeiro da instituição recém-fundada; discurso de posse do presidente Orlando Muniz da Rocha; necrológio do engenheiro Ademar Benévolo e artigos de J. G. e Amaranto Lopes Pereira.

Folha trimestral, publicaram-se os nºs. 2 e 3, respectivamente, em setembro e dezembro⁽¹⁾, acrescida para 20 a quantidade de páginas, incluindo alguns anúncios. Manteve as seções “Noticiário da A. T. C. F. N.” e “Notícias Ferroviárias”. Outros colaboradores técnicos: Terence C. Hanson e Cleanto da Câmara Torres. No nº 3, iniciava o escritor João Vasconcelos a seção “Cantinho do Riso”, para desopilar...(Bib. Esc. Eng.).

VOZ DOS VETERANOS DE GUERRA - Órgão Oficioso da Legião dos Veteranos de Guerra do Brasil, Seção de Pernambuco - Trazendo sob o título a indicação - Tricentenário da Restauração, circulou o nº 1, ano I, no mês de julho de 1954, em formato de 24x16, com 16 páginas, inclusive a capa, ilustrando-a um aspecto de solenidade cívica.

Os veteranos de guerra locais - lia-se na “Apresentação” - lançavam “o seu órgão noticioso, a sua trincheira, o seu porta-voz”, mas “não dará abrigo, em suas páginas, a assuntos políticos, ideológicos ou extra-interesse dos ex-combatentes e do povo”.

Inseriu artigos específicos; narrativas; “Fragmentos”; “Humorismo”; seção de Intercâmbio Cultural, a cargo de Jeceli Farias; desportos; notas sociais e alguns anúncios.

Teria continuado? (Bib. Púb. Est.).

TESOURA - Número Especial em Comemoração ao Cinquentenário do Agnes - Circulou a 14 de agosto de 1954,

¹ Prosseguiu em 1955.

com quatro páginas, utilizando papel almaço de cor, mimeografado, trabalho que esteve a cargo de Hulda Falcão. Distribuição interna.

Organizada pelas professoras primárias do Colégio Agnes Erskine, abriu a edição o editorial “Seja bemvindo!”, dirigido às pessoas convidadas para assistir às solenidades do dia 16. Seguiu-se ligeiro histórico do estabelecimento evangélico de ensino primário/secundário. Mais adiante, poesia de saudação, da lavra de Edna de Jesus e a letra do “Hino do Agnes Erskine”, de Ismael Andrade. A demais matéria constou de humorismo e troça entre colegiais, tudo entremeado de pequenos desenhos a bico-de-pena. No fim, palavras de agradecimento e a expressão “Good bye!!” (Gentileza da prof. Anita Pimentel).

COLÉGIO EVANGÉLICO AGNES ERSKINE - Cinquentenário. 1904/1954 - Álbum dedicado à memória das pioneiras fundadoras do educandário, reuniu 32 páginas de papel couchê, capa em cartolina superior, ilustrada, obedecendo ao formato de 27 ½ x 20.

Clichê de página inteira do primitivo prédio do Colégio (fundado a 16 de agosto de 1904) abriu o texto, seguindo-se os poemas “A pioneira”, de Cecília Rodrigues Siqueira e “Flash histórico”, de J. Maurício Wanderley (atual diretor); reportagem retrospectiva, servida de copiosa clicherie, até a atualidade; página dupla das concluintes de 1954; noticiário das festividades cinquentenárias, terminando com a reprodução da música e letra do “Hino do Agnes Erskine” (Bib. Púb. Est.).

O COMERCIÁRIO - Boletim do Clube dos Comerciários do Recife - Sob o patrocínio do SESC, circulou o nº 1, ano I, a 26 de agosto de 1954, em formato de 33x24, com quatro páginas de duas colunas largas, utilizando papel tipo Ilustração. Redação à rua da Concórdia, 200. Colaboradores... “diversos”.

Dizia a “Apresentação”: “Não se trata apenas de um veículo informativo, mas sobretudo de uma oportunidade que se abre ao desenvolvimento cultural dos comerciários recifenses, através do Jornalismo”. Punha suas colunas à disposição daqueles que se quisessem iniciar “na arte de escrever”.

A edição completou-se com ligeiras notas de Benjamim Pinto de Campos, os Estatutos do Clube e o concurso Rainha dos Comerciários.

O nº 2 foi publicado no dia 15 de novembro⁽¹⁾, exibindo fotografia da Rainha, colaboração de Aluísio Rodrigues, Procópio de Aquino Silva, Emanuell Pereira da Costa e Ceci Tenório Cavalcanti. Mais “O Clube em Revista” e croquis da nova sede da Colônia de Férias de Garanhuns (Bib. Púb. Est.).

O ESTUDANTINO - Órgão Oficial do Estudante Futebol Clube - Entrou em circulação o primeiro número, tendo como redator-chefe Rinaldo Monteiro e secretário Elias José Cavalcanti. Constou do editorial, intitulado “Apresentação”; “Lutaremos pelo engrandecimento do nome do “Estudante”, da mesma forma que combateremos em todos os sentidos - até com o silêncio - os destruidores do esforço alheio por uma causa tão digna e

¹ Continuou em 1955.

meritória como será a nossa” (Dados do Jornal do Commercio de 28 de agosto de 1954).

RESTAURAÇÃO - Um Jornal Independente a Serviço do Povo, em Homenagem ao Tricentenário da Restauração Pernambucana - Publicou-se em agosto de 1954, obedecendo ao formato de 48x31, com seis páginas a seis colunas de composição. Diretor - Hildebrando Gentil de Oliveira; secretário - João de Brito Selva.

O editorial “O nosso aparecimento”, assinado por Albino Buarque de Macedo, rememorou os feitos da guerra para a expulsão dos holandeses de Pernambuco.

Inseriu reportagem sobre a Casa do Estudante; produções de Montalverne da Costa, Waldson Pinheiro, frei Bonifácio Muller e outros. Boa messe de reclames comerciais (Bib. Púb. Est.).

ROSA DE SARON - Órgão da Auxiliadora Feminina da Igreja Presbiteriana da Boa Vista - Sob a responsabilidade de Juraci F. Viana, saiu a lume no dia 7 de setembro de 1954, em formato de papel ofício, mimeografado, com quatro páginas.

Tinha como objetivo “tornar conhecidas as atividades da SAF”, proporcionar às associadas “a oportunidade de dar expansão aos nobres sentimentos que lhe vão nalma” e oferecer “um pouco de humorismo inocente e sadio”. Quanto ao título, proveio de uma frase do velho poema bíblico do rei Salomão: “Eu sou a rosa de Saron” (nome de uma região da costa do Mediterrâneo).

A par de notas redacionais, inseriu produções, em prosa e verso, de Abigail Braga, Francisquinha de Melo, Carmem Portela Chaves, Hulda Falcão e Geórgia Portela; alguns pequenos anúncios e um “foguet” de propaganda do candidato Luiz Portela de Carvalho à deputação estadual (Colec. Osv. Araújo, Fortaleza, Ceará e Colec. Albertino Santos, João Pessoa, Paraíba).

JORNAL DO NORTE - Periódico de Divulgação Artística e Comercial - O nº 1, ano I, circulou a 27 de setembro de 1954, em formato de 48x31, com quatro páginas de seis colunas. Diretor-responsável - José Hipólito Araújo; redatores - Lino Rocha e Inaldo Lasalvia; diretor-comercial - Geraldo Moura. Redação no 2º andar do edifício Vieira da Cunha, à rua da Detenção e trabalho material da oficina do periódico O Porto, situada na avenida Militar, 361. Assinatura anual Cr\$ 60,00; para o exterior Cr\$ 100,00

Era, “acima de tudo, uma voz a serviço do povo do Norte e do Nordeste” - conforme o artigo de abertura, assinado pelo diretor - visando a “por em evidência os vários e interessantes aspectos dessa região”. Nenhum compromisso político-partidário. Seria “um porta-voz do progresso e do idealismo realizador...”

Do sumário constaram: artigo de L. Rocha; poesia da maranhense Isabel Fialho Félix; noticiário, curiosidades, reportagens e anúncios, sendo a última página dedicada a assuntos desportivos.

Ficou na edição de estréia (Bib. Púb. Est.).

JABACULÊ (O Tamoio em marcha) - Órgão da Juventude Atlética Tamoio - Sem notícia de outras edições, publicou-se o nº 2, ano I, no dia 30 de setembro de 1954, ocupando três folhas de papel ofício, só datilografadas nas páginas de frente.

Edição dedicada ao falecimento do jovem associado Roberto Duarte Carneiro Leão, teve como colaboradores Paulo Fernando de Albuquerque Queiroz, Lauro Villares, Gilson Correia e Arylto Café. Desenhos a cargo de Umberto H. Carneiro (Gentileza de Germano Schiler).

BOLETIM TÉCNICO DO INSTITUTO AGRONÔMICO DO NORDESTE - Apareceu em setembro de 1954, no formato de 24x15, contendo 40 páginas de texto e capa cartolinada.

Segundo a “Apresentação”, da lavra do diretor Renato Ramos de Farias, vinha preencher “uma grande lacuna, com o estabelecimento de uma ligação indispensável entre o IANE e instituições mundiais congêneres, cientistas e técnicos interessados na pesquisa e no ensino agronômicos”.

Divulgou um único trabalho, intitulado “Levantamento dos solos da Estação Experimental do Curado”, autoria do engenheiro agrônomo João Wanderley da Costa Lima, ilustrado com dois mapas grandes, dobrados em várias partes e impressos a cores.

Não restam indícios do prosseguimento da publicação, pelo menos até dezembro de 1954 (Bib. Púb. Est.).

REVISTA VETERINÁRIA - Órgão Oficial da Escola Superior de Veterinária de Pernambuco - (Universidade Rural) - O primeiro número circulou datado de agosto a outubro de 1954, em formato de 23x15, com 60 páginas de texto, em papel acetinado e capa em couchê, ilustrada com aspecto fotográfico de uma sala de estudos químicos. Diretor - Guilherme Antonio da Costa Filho; redator - Amaro Pinheiro de Albuquerque e Melo. Assinatura anual Cr\$ 40,00; preço do exemplar Cr\$ 10,00 Composição e impressão da Escola Gráfica Editora do Convento da Penha, localizada a redação em Dois Irmãos, sede da Escola.

Lia-se no artigo de apresentação, assinado pelo diretor: “Nesse órgão de publicidade universitária os componentes do corpo docente e discente da Escola Superior de Veterinária de Pernambuco, da Universidade Rural e professores outros interessados pela carreira que abraçamos, terão oportunidade de exteriorizar, pela palavra escrita, aquilo que lhes venha do íntimo, partindo de uma inteligência esmerada e pesquisadora”.

Ostentando clichês do Secretário da Agricultura, Eudes de Sousa Leão Pinto; do reitor Manuel Rodrigues Filho e do diretor da Escola de Veterinária, Artur Lopes, além dos de elementos do corpo discente e de homenageados póstumos, o texto do magazine incluiu “Página literária”, com entrevista e soneto do poeta veterinário Armando Maia, seguindo-se noticiário das atividades sociais e desportivas do Diretório Acadêmico de Veterinária; as seções “Contemplando os arquivos”, “Curiosidades” e “Ciranda da inteligência”, e artigos específicos, às vezes ilustrados, da autoria de Valdir Moreira Martins, Renato de Farias, Lúcia Pires Ferreira, Armando Maia, Amaro Pinheiro, J. Ildefonso Ramos e Arnaldo Cansanção Acióli

e discurso de Ercino de Castro Leão. Algumas páginas foram dedicadas a anúncios (Bib. Púb. Est.).

REVISTA DE ECONOMIA E FINANÇAS - Sob os auspícios do Sindicato dos Economistas de Pernambuco - Entrou em circulação a 1º de outubro de 1954, obedecendo ao formato de 32x23, com 32 páginas de papel tipo Ilustração e capa em couchê, impressa a cores. Diretor e redator-chefe - Jáder Figueiredo de Andrade e Silva; secretário e tesoureiro - Aluísio de Albuquerque Rego Barros. Redação e administração à rua Siqueira Campos, 160, 1º andar. Trabalho gráfico da Editora Teone, em João Pessoa, Paraíba.

No artigo “Aos colegas economistas”, o secretário expôs os objetivos do magazine especializado, que consistiam em “difundir as idéias e pugnar pelos interesses dos economistas pernambucanos”.

Constaram do sumário: “Pensamento da FAREP” - Lauro Borba; “Cooperativismo” - Fábio Luz; “Trabalho e Salário” - Jason da Costa Leite; “Considerações sobre a nova política cambial brasileira” - Nuno Fidelino de Figueiredo; outros artigos, redacionais ou não, inclusive transcrições; Noticiário; Legislação e algumas páginas de publicidade comercial.

O nº 2 devia circular no mês de dezembro, mas não apareceu até o último dia do ano¹ (Bib. Púb. Est.).

O TRIUNFO - Órgão da U. M. P. - Com redação no subúrbio de Areias, circulou (único comprovante encontrado) no dia 15 de

¹ Voltou em 1955.

outubro de 1954, ano IV, em formato de 33x23, contendo quatro páginas a quatro colunas de composição. Divulgou, como matéria principal, um artigo de despedida do pastor Ismael Andrade. Outras produções: de Gamaliel Silva, João Moreira, Elias Silva e Jonas Siqueira (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM INFORMATIVO DA E. T. C. (Escola de Trabalhadores Cristãos) - O nº 2, ano II (único encontrado) publicou-se em outubro de 1954, no formato de 28x19, com dez páginas de três colunas, impresso em papel acetinado. Diretora - Marta Hairston; redatora - Edehy Nogueira.

Inseriu matéria noticiosa, ilustrada com várias fotografias e artigos de Marta, Júlia V. Rodrigues e Edith Vanghn (Bib. Púb. Est.).

BOLETIM DE NOTÍCIAS - Órgão de Divulgação da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR) - Começou a publicar-se no mês de outubro de 1954, em papel tipo ofício, mimeografado, com dez folhas, só ocupando o anverso. Responsabilidade da Diretoria Executiva; redação a cargo do Setor de Documentação.

Sua objetivação nasceu da necessidade de aproximar os Escritórios da entidade uns dos outros e, assim, “tornar a ANCAR, as suas idéias e o seu programa mais conhecidos entre todos que nela e por ela trabalham e pelem. Sendo de circulação interna, destina-se, sobretudo, aos Supervisores Agrícolas e Supervisoras Domésticas e aos técnicos e pessoas que, por força do programa articulando com o Banco do Nordeste do Brasil, estão, direta e oficialmente, ligados às nossas atividades”.

A matéria inicial do Boletim constituiu-se de comentário sobre crédito supervisionado; histórico das atividades da ANCAR; “O que vai pelos Escritórios” e “Outras Notícias”; “Notas bibliográficas” e, por fim, uma página de curiosidades, intitulada “Aconteceu de verdade...” (Bib. Púb. Est.).

O ESPADIM - Revista Informativa, Recreativa e Cultural do Clube Sargento Wolf - “Após vários meses embainhado”, reapareceu com o nº 36, ano IV, de outubro de 1954, “graças à laboriosa ação de uma nova diretoria”, conforme o artigo “Resurrexi, nolite expasvescere” (traduzido: “Ressuscitei, não vos espanteis” “para ilustrar, informar e alegrar”. Acentuou o articulista, assinado O Espadim:

“Os sargentos não são escritores, literatos, jornalistas, prosadores, poetas, verdadeiros ases da literatura; entretanto, todos sabem escrever. Minhas páginas vos pertencem, nelas podeis colaborar, ampliando conhecimentos e transmitindo idéias, excetuando as religiosas, as políticas e as raciais, condenadas pelo nosso Estatuto. Mãos à obra!”

O corpo redacional, constituído de sargentos, era o seguinte: Diretor - Bernardino Quité de Vasconcelos; redator-chefe - Carlos Alberto de Freitas; secretário - Luiz Vital Duarte; assistente - Ademar Fernandes Dantas. Mais uma equipe de auxiliares, encarregada das seções: Literária Masculina - Científica - Social - Legislativa - Humorística - Infantil - Desportiva; desenhista - Nilo Batista de Silva. Ocorreu também uma Seção Literária Feminina, confiada à poetisa Dulce A. Siqueira. A redação localizava-se na sede do Clube, à rua Joaquim Nabuco, 529.

Prosseguiu, regularmente, com edições de 32 a 40 páginas, além da capa, esta sempre ilustrada com fotografuras. Matéria variada, manteve o programa traçado, sem esquecer boa parte de anúncios. O nº 38, de dezembro, encerrou o ano de 1954¹ (Colec. *Ciro Meigo*).

O FICHÁRIO - Órgão Informativo do Fichário Central de Obras Sociais de Pernambuco - O nº 1, ano I, circulou datado de outubro/novembro de 1954, em formato de 23x15, com doze páginas de papel couchê e capa cartolinada, ilustrada e impressa a cores. Conselho de redação: Laurenio Lima - Redator responsável; Hebe Gonçalves -secretária, funcionando a redação na rua Conde da Boa Vista, 1512. Preço do exemplar Cr\$ 5,00

Fez a apresentação o diretor do Fichário Central, Rodolfo Aureliano da Silva, que acentuou: “Velha aspiração dos que trabalham no Fichário é torná-lo conhecido, não só daqueles que colaboram para sua manutenção como também dos que se interessam por tudo quanto diz respeito ao Estado de Pernambuco e ao seu progresso. O boletim vai cumprir essa tarefa”.

Seguiu-se artigo de Hebe Gonçalves, segundo o qual a instituição em apreço tinha a missão de realizar levantamentos especiais para estudo das condições de assistências em vários campos (médico, indústria, menores, família, etc.).

Ainda escreveu Zuleide Medeiros de Sousa sobre “como surgiu o Fichário Central de Obras Sociais de Pernambuco”.

¹ O *Espandim* continuou em 1955.

Ligeira matéria de esclarecimento completou a edição ¹ (Bib. F. C. O. S. P.).

O LIDER - Órgão Independente dos Alunos Livres da Faculdade de Medicina, Odontologia e Farmácia da Universidade do Recife - Foi dado à circulação no dia 14 de novembro de 1954, obedecendo ao formato de 33x24, com dez páginas a quatro colunas de composição. Lia-se no cabeçalho: “Abaixo a falta de vergonha, caráter e pudor!” e “Viva a renovação moral do Brasil!” Responsável - José Júlio Trindade. Imprimiu-se na gráfica do Correio do Povo, situada à rua Visconde de Goiana.

Talvez fosse, consoante o artiguete “A razão de ser deste jornal”, o primeiro e único número. Noutra nota, invocava “o sentimento nobre de todos os estudantes da Faculdade, a fim de que, em cada série de cada curso de nossa gloriosa, honrada e querida Escola”, surgissem outros Líderes.

Quase todas as páginas foram ocupadas com artigos e notas, requerimentos e denúncias contra o diretor do hospital denominado Samdu, Raimundo Peni Baracho e contra o presidente do Diretório Acadêmico de Medicina, Odontologia e Farmácia, Juarez de Queiroz Campos, acusados de desmandos e “traição”. Nenhum anúncio. Na derradeira página, fotografia da equipe de futebol do Samdu.

O desabusado Líder ficou mesmo no nascedouro (Bib. Púb. Est.).

¹ Continuou a publicar-se em 1955.

O ALCANCE - Órgão da U.M.P. da Igreja Presbiteriana da Encruzilhada - Exemplar único encontrado foi o nº 13, ano V, de novembro de 1954, mimeografado, reunindo dez páginas de papel ofício. Seção mantidas: “Conheça o consócio”, “Hora de folga”, “Vida alheia” e “Sociais”. Colaboração de J. H. de Moraes Vaz, Cleofas B. de Sousa, João Batista, Joás Cruz, Efrain Gama e José Américo de Lima (Bib. Púb. Est.).

O ARAUTO - Órgão do Grupo Escolar Professor Jorge de Meneses - O nº 2, ano II (somente ele avistado) circulou no mês de novembro de 1954, com quatro páginas de papel almaço, manuscritas e copiadas em hectógrafo. Diretora - Maria da Paz Alves; secretária - Eunice Lima. Sua matéria constituiu-se de literatura infantil, noticiário social e desenhos de exercícios escolares (Dept. Cultural da SEEC).

HORIZONTE - Revista Mensal - Apareceu em novembro de 1954, no formato de 33x24, com vinte páginas, inclusive a capa, esta a duas cores, ilustrada. Direção de Mário (Gomes) Filho e redação à avenida Cruz Cabugá, 1776. Lançamento da “Divulgadora Falada e Escrita” e trabalho gráfico da oficina da Gazeta Esportiva. Preço do exemplar Cr\$ 3,00

Valério Cordovil assinou a nota de abertura do modesto magazine, cuja matéria se limitou a assuntos de rádio e futebol, com diferentes crônicas e reportagens de “foca”, assinadas pelo diretor, que também perpetrava ilustrações. Não faltava, igualmente, serviço fotográfico. Escritos, ainda de Rubem Ramos e Jorge Gomes. Boa quantidade de publicidade comercial.

O segundo número editar-se-ia no ano seguinte (Bib. Púb. Est.).

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - Ano I, nº 18, formato de 50x32, com seis páginas, impresso na tipografia d'A Tribuna em dezembro de 1954. Propriedade da Empresa Diário de Notícias. Diretor: Geraldo Roiz; redator-chefe - Mozart Arribas. Redação à praça Joaquim Nabuco, 71, 1º andar. Algum noticiário, anúncios e reportagens municipais, ilustrados.

REVISTA PERNAMBUCANA DE SOCIOLOGIA - (Órgão Oficial da sociedade Brasileira de Sociologia (Seção de Pernambuco)) - O n ° 1, ano I, circulou datado de 1954, em formato de 25 x 16, com 136 páginas, além da capa, em cartolina. Direção de Pinto Ferreira e Gláucio Veiga ; Conselho de Redação - Olímpio Costa Júnior, Amaro Quintas, René Ribeiro, Rui Antunes e Pessoa de Moraes, de Pernambuco, e nomes outros do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Paraná, Pará, Ceará e Alagoas. Redação à rua da Hora, 670. Trabalho gráfico da Imprensa Oficial.

Lia-se no longo artigo de apresentação : “ ...não se inicia, apenas, a série de um periódico, desvinculado de qualquer compromisso. Pelo contrário, com este número inicial, há uma tomada de posição”, uma determinação da parte dos integrantes do corpo direcional”.

Seguiram-se considerações sobre “impressionismo”, “sociologia de casa-grande”, capitalismo, latifúndio, burguesia e proletariado, para chegar ao tópico:

“Esboça-se, assim, o programa desta revista : conduzir e preparar equipes de pesquisadores; evitar as teorizações faraônicas, eliminar tanto quanto possível o “gabinete”, incidir o interesse do “ campo”; apresentar a sociologia como uma ciência que luta pelo melhoramento e aperfeiçoamento da condição humana; tornar viável a formação do sociólogo, não apenas como um estudioso, mas também, como um profissional. Em resumo, fazer sociologia como sociologia, jamais sociologia como história, tomada esta última na sua acepção restrita “.

Mais adiante “A Revista Pernambucana de Sociologia está aberta para todos aqueles que realmente carregam consigo o drama do estudo, da pesquisa em função da ciência e não de estudo em prol do brilharete fugaz dos Suplementos Literários¹”. “...não é um órgão de grupo ou grupos. Todas as críticas serão aceitas. Não há intangíveis”.

Em conclusão: “Depois do êxito dos dois números da Revista Pernambucana de filosofia, acreditamos no mesmo destino da Revista Pernambucana de Sociologia”

Sem assinatura, o editorial foi redigido por Gláucio Veiga. Assinaram os demais artigos: Mário Lins, Olímpio Costa Júnior, A.L. Machado Neto, Rui da Costa Antunes, Pinto Ferreira, Nelson Nogueira Saldanha e Vamireh Chacon, completando a edição algumas páginas de Bibliografia.

¹ Fica mesmo cá em baixo este outro interessante tópico do editorial : “Até hoje o movimento intelectual da província viveu sob o guante da vaidade tirânica de diretores de Suplementos Literários, a cobrar, pela divulgação dos trabalhos dos estudiosos, o “módico” preço de um elogio descabelado à sua pessoa”.

Consoante nota do fim, colocaram na publicação da revista a assembleia legislativa do Estado e a reitoria da atual Universidade Federal de Pernambuco ¹ (Bib. Pub. Est.).

O HERÓI BATISTA - Mensário Informativo da U. M. B. da Igreja Batista da Encruzilhada - Circulou em 1954 (esquecida a indicação da data) o nº 3, ano I, primeiro que foi impresso tipograficamente, após “um período de ausência”. Formato de 25 x 16, apresentou quatro paginas de três colunas. Presidente Fernando Lemos; redatores - Jefferson Albuquerque, Fani Campelo e Fani Correia; tesoureiro - Robson Alves .

Inseriu matéria específica, sobretudo “Noticias das Organizações”. Colaboração de Silas Falcão, Luiz Diniz, Lígia Campelo, Alide de Gouveia Machado e Jonatas Braga (Bib. Pub. Est.) .

ESTUDANTES - Órgão Oficial do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito - Publicou-se (sem data) em 1954, obedecendo ao formato de 28 x 18, com 18 páginas de papel acetinado e capa em couchê, nela contidos, de frente, o título e o sumário e, no reverso, a nomenclatura da turma responsável, a saber: presidente - Cleber Bahia; secretário - Antônio Medeiros; redação - Geraldo Pinto e Romero Lincoln. Trabalho gráfico da oficina da Folha da Manhã, situada na travessa da Madre Deus.

Destinava-se a manter a tradição dos estudantes de Direito do Recife, sempre presentes “nos prelos e nas tribulas”. Procurava, segundo o “Editorial”, ser útil, possibilitando “a

¹ Continuou a publicação em 1955.

quem de direito por capacidade e por merecimento, externar o seu pensamento, a sua crença, o seu julgamento”.

Matéria divulgada: o comentário “Bacharéis da Restauração”; produções em prosa de Antônio Medeiros, professor Pinto Ferreira, R. Lincoln F., Vamireh Chacon, Aziz Francisco Elihimas e Valdi da Mata e poesias de S. Mac-Dowell Filho, Izidoro Martins Souto e Vasconcelos Teixeira. Duas páginas encerravam publicidade comercial (Bib. Púb. Est.).

ENCICLOPÉDIA DOS CAMPEONATOS MUNDIAIS DE FUTEBOL - Número único, datado de 1964, reuniu 60 páginas de texto, formato de bolso, capa alegórica do ilustrador Villares, nela desenhada a Taça Jules Rimet. Foi mandado confeccionar pelo Armazem Nova Aurora, numa promoção das Edições Falângola. Imprimiu-se na tipografia da Folha da Manhã.

Divulgou tudo a respeito de campeonatos, a começar por um “Pequeno resumo da História do Futebol no Mundo”, terminando por oferecer amplos dados estatísticos sobre futebol local, a par de clichês de campeões nacionais. E homenageou os líderes políticos Jarbas Maranhão e Antônio Pereira. Boa messe de reclames comerciais. (Bib. Púb. Est.).

ENCONTRO - Revista da Cultura - Datou de 1954, simplesmente, o nº 1 (e único), contendo 94 páginas de papel acetinado e capa em cartolina branca¹. Direção de Otávio de Freitas Júnior, assessorado pelo seguinte Conselho de Redação:

¹ A edição foi lançada festivamente, a 27 de dezembro, com a presença de numerosos intelectuais, na Livraria Editora Nacional, havendo discursos e coquetel.

Abelardo da Hora, Aldomar Conrado, Carlos Pena Filho, Edilberto Coutinho, Félix de Ataíde, Ivan Carneiro, padre Públio Calado e Reinaldo Fonseca.

Abriu o texto com um “Manifesto de Apresentação”, firmado pelos nomes acima e por Aloísio Magalhães, Ariano Suassuna, Carlos Moreira, Cezário de Melo, Clóvis Melo, Djaci Magalhães, Fernando Pessoa Ferreira, José de Souza Alencar, Jefferson Ferreira Lima, José de Souza Leão e Romualdo Marques Costa. Após definir a razão do título do magazine, dizia:

“Encontro não pretenderá ser uma solução nem farol de rumo decisivo. Encontro será o resultado de honesta cooperação de intelectuais de todos os ramos - do poeta, do médico, do professor, do sacerdote, do contista, do escultor, do ensaísta, do pintor - de todas as correntes e de todas as origens de todos os grupos e todos os partidos, de todas as crenças e todas as escolas, de todos os credos, filosofias e estéticas, demonstrando nesta própria diversidade como é possível um trabalho comum, acima de rivalidade e exclusivismo, de egoísmos e competições”.

Mais algumas considerações em torno da independência do órgão e concluiu enviando “a todos os representantes legítimos da Cultura Mundial a sua mensagem de confraternização, e especialmente aos intelectuais brasileiros, irmanados no mesmo ideal construtivo de elevação cultural, a mais legítima afirmação de fé e solidariedade irmã”.

O sumário constou de produções em prosa e verso, inclusive de João Cabral de Melo Neto, Evaldo Cabral de Melo, Geraldo Markan e Claudomira Costa Lima; entrevista com o

cineasta Alberto Cavalcanti; vasto noticiário literário e raros anúncios.

No fim de tudo, esta declaração: “A maior parte do financiamento da presente edição de Encontro deve-se à colaboração financeira prestada por Odilon Ribeiro Coutinho (Colec. Álvaro Alvim).

ANUÁRIO COOPERATIVISTA - Homenagem ao Tricentenário da Restauração Pernambucana - História, Literatura, Arte, Cooperativismo, Comércio, Indústria, Agricultura e Informações Oficiais - Circulou em fins de 1954, no formato de 31 x 23, com 154 páginas de papel acetinado, bastante ilustradas e capa em policromia, num desenho simbólico de A. Crisóstomo. Organizador - Antônio Lins de Albuquerque; fotografias de Benevenuto Teles Filho; clicherie do mesmo Teles e de Lauro Teles de Carvalho. Impressão da empresa Jornal do Comercio, à rua do Imperador Pedro II, 346.

O editorial de apresentação fez a apologia do cooperativismo, declarando esperar que o trabalho do responsável pela publicação conseguisse “despertar em todos os bons brasileiros o entusiasmo, a emoção e o amor pela grande causa”.

Iniciou a matéria geral uma página desenhada a bico-de-pena pela pintora Ladjane Bandeira de Lira. Outra, em papel couchê, exibiu zincogravuras, de perssi, do governador Etelvino Lins e respectivo secretariado. Seguiu-se colaboração especial, ora prosa, ora poesia, de José Antônio de Melo Neto, Vasconcelos Sobrinho, L. A. de Barros Barreto, Nilo Pereira, Mário Melo, Epaminondas de Albuquerque, padre Públio

Calado, Gilberto Freyre, Petronilo de Santa Cruz Oliveira, Gláucio Veiga, Eudes de Souza Leão Pinto, Guido Fernandes, Luiz da Câmara Cascudo, Artur Pio Neto, Esdras Farias, Seve-Leite, Ivonildo de Souza, J. Escobar Filho, Renato Farias, Pinto Ferreira, Orlando Parahym, Gercino de Pontes, Isnar de Moura, Rodrigo Pinto Tenório, Adeth Leite, Tenório de Cerqueira, Mariano Lemos, Cilro Meigo (pseudônimo de Arquimedes de Albuquerque) , Ernesto de Albuquerque, Régis Velho e Dinamérico A. Crespo. Numerosas páginas foram dedicadas a reclames comerciais e publicidade da Prefeitura e de toda espécie de cooperativas (Bib. Púb. Est.).

ÁLBUM ILUSTRADO DO RÁDIO JORNAL DO COMMERCIO - Publicação de 60 páginas, utilizando papel couchê, formato de 27 x 19, circulou em fins de 1954, sob a direção de Luiz Filipe Vieira, desenhos e montagens de Zuleno Pessoa e serviço fotográfico a cargo de Arlindo de Sousa e João da Cunha Pedrosa.

Representava, consoante o editorial de abertura, uma homenagem da empresa “aos seus artistas, ouvintes e anunciantes”. Era, igualmente, uma oportunidade para aqueles “que sempre sonharam guardar lembranças nossas a conhecer, mais de perto, todo o elemento humano e as atividades de uma emissora como a nossa, genuinamente pernambucana”.

Com excelente capa em verde, prateado e preto, tendo como fundo um flagrante dos bairros centrais do Recife, iniciou o texto uma homenagem ao diretor geral, Francisco Pessoa de Queiroz. Todas as demais páginas foram ocupadas com a apresentação ilustrada dos cantores, locutores, radiadores, músicos e produtores, figurando na última página da capa os

autógrafos de toda a equipe, em tinta branca sobre fundo verde. Trabalho gráfico da oficina do Jornal do Commercio (Colec. Albertino Santos, João Pessoa, Paraíba).

DOCUMENTÁRIO ILUSTRADO DO TRI-CENTENÁRIO DA RESTAURAÇÃO PERNAMBUCANA - 1654/1954 - Última publicação do ano, apresentou-se em formato de 32 x 24, reunindo 246 páginas de papel acetinado, capa em boa cartolina branca, ilustrada, igual à folha de rosto. Organizadores: Arnaldo Barbosa Coelho, João Batista Lins e Hilton Carneiro Leão, mostrados em clichês individuais, ao lado do editorial de abertura. Dizia ser seu objetivo prevenir que as comemorações do Tri-Centenário da Restauração Pernambucana não se dissolvessem nas páginas dos jornais. Procurava dar-lhes “um sentido de perenidade, de fixação indelével”. Polarizaria “a expressão de toda a área atingida pelo invasor flamengo; síntese de aspirações, síntese de interpretações”.

Abriu o texto fotografia de página inteira do governador Etelvino Lins, seguindo outra homenagem ao ministro Agamenon Magalhães. Mais: nomenclatura das comissões organizadora e executiva das comemorações, que tinham como presidente Gilberto Osório de Andrade e secretário Jordão Emerenciano. Páginas de noticiário, estudos, discursos e fotografias. Colaboração específica de José Gonçalves de Melo Neto, Gilberto Freyre, Luiz da Câmara Cascudo, Nilo Pereira, Mário Melo, Costa Porto, Diégues Júnior, Aníbal Fernandes, Pinto Ferreira, Lindenor de Melo Mota, Gustavo Barroso, Raimundo Girão, coronel J. B. Magalhães, etc. Poema cívico de Hercílio Celso. Transcrições, documentação e farta matéria de publicidade do comércio e da indústria (Bib. Púb. Est.).

ÍNDICE ALFABÉTICO

Abolicionista (0)
Academia
ACA Magazine Ilustrado
A.E.A.M. (Associação dos Ex-alunos Maristas)
Albatroz (0)
Álbum Comemorativo do 25º Aniversário do Caxangá Golf &
Country Club
Álbum do Rádio
Álbum Ilustrado do Rádio Jornal do Commercio
Alcance (0)
Alfabetização
Alfaiate(0)
Almanaque do Carnaval
Alvorada
Ambulante(0)
A M E
América
Anais
Anais da Sociedade de Medicina de Pernambuco
Anuário Cooperativista
Anuário de “Raio-Jornal”
Anuário Sanjuanescos
Araque(0)
Arauto
Arauto(0)
Arauto Batista(0)
Arauto Pentecostal(0)
Arquivos
Arquivos de Higiene

Arquivos de Medicina e Cirurgia de Pernambuco
Arquivos do Sanatório Padre Antônio Manuel
Arrecifes
Arruar
Associação de Cultura Franco-Brasileira do Recife
Assosseg
Atheneu(0)
Atividade
Atlântida
Atlético(0)
Aurora
Auxiliadora
Avante - 1946
Avante - 1946
Avante - 1951
Azas do Nordeste
Back Ground
Bancária Nordestiva
Bandeirante(0)
Barão de Bonito
Batepapo...
Bem-te-vi(0)
Bisturi(0)
Boletim ATCFN
Boletim da Associação Farmacêutica de Pernambuco
Boletim da Campanha da Boa Vontade
Boletim da C. G. P.
Boletim da Cidade do Porto do Recife
Boletim da Divisão de Tuberculose do Departamento de Saúde
Pública
Boletim da Faculdade Estadual de Filosofia
Boletim da Festa da Mocidade

Boletim da L.B.A.
Boletim de Notícias
Boletim do Instituto Espírita João Evangelista
Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais
Boletim do Pessoal (da Caixa Econômica)
Boletim do P. R. P.
Boletim do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil
Boletim do Seminário Teológico do Norte do Brasil
Boletim da STIAEP
Boletim (do Tricentenário da Restauração Pernambucana)
Boletim Eleitoral
Boletim Fiscal
Boletim Gráfico
Boletim Informativo da Associação dos Agentes do Imposto de Consumo de Pernambuco
Boletim Informativo da Associação dos Comerciantes
Boletim Informativo da CODEPE
Boletim Informativo da E. T. C.
Boletim Informativo da Federação do Comércio Atacadista do Nordeste Oriental
Boletim Informativo da Igreja Batista da Rua Imperial
Boletim Jucista
Boletim Maçônico
Boletim Mensal da Federação Pernambucana de Desportos
Boletim Mensal do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil do Recife
Boletim Mensal (Sociedade Protetora da Família do Presidiário)
Boletim (SENEC) da Divisão de Extensão Cultural e Artística
Boletim SSCM
Boletim Teatral do Contraponto
Boletim Técnico do Instituto Agrônomo do Nordeste

Boletim Trimestral da Clínica de Doenças Tropicais e da
Nutrição do Hospital Pedro II
Boletim Universitário
Bolsa de Pernambuco
Brasil
Brasil Ilustrado
Brazil Calling - 1950
Brazil Calling - 1953
Broadcast
Caçula(0)
Cadastro Comercial e Industrial Brasileiro
Caderno Acadêmico
Caderno Universitário - 1948
Caderno Universitário - 1951
Cadernos da Academis
Caipira(0)
Calendário Comércio e Indústria
Calendário Turfista de 1946
Câmbio
Capela Escola Santa Teresinha
Capibaribe
Capital(A)
Cartilha Agrícola
Centelha(A)
Centrista(0)
Cidade do Recife
Cine Club do Recife
Cine-Film
Cinematografia(0)
Clarim(0)
Clube Filatélico do Recife
Clube Internacional

Clube Internacional do Recife
Clube Náutico Capibaribe
Clube Português Ilustrado
Coisas de Rádio
Colégio Evangélico Agnes Erskine
Comerciário(0) - 1953
Comerciário(0) - 1954
Comício(0)
Contabilista(0)
Contra(0)
Contraponto
Cooperador Salesiano
Correio(0)
Correio do Norte
Correio Ferroviário
Correio Sindical
Correio Trabalhista - 1948
Correio Trabalhista - 1951
Criança Surda-Muda(A)
Cruzeiro(0)
Cruzeiro Esportivo
Culto aos Heróis dos Guararapes
Cupim
Cupim(0) - 1951
Cupim(0) - 1954
Debate
Definição
Democrático(0)
De Pernambuco a Portugal
Dezenove de Abril
Diário de Notícias
Diário dp Recife

Divulgação Agrícola
Documento Ilustrado do Tricentenário da Restauração
Pernambucana
Dom Vital
Dos Novos
Doxa
Eco(0)
Educação
Em Ação - 1945
Em Ação - 1946
Empasial
Enciclopédia dos Campeonatos Mundiais de Futebol
Encontro
Era Nova
Esboço
Escola(A)
Escolar(0) - 1942
Escolar(0) - 1942
Escolar(0) - 1942
Escolar(0) - 1954
Esculápios
Espadim(0)
Esparro(0)
Esforço(0)
Esforço(0)
Esportes em Pernambuco
ESSE HI
Estudante(0) - 1946
Estudante(0) - 1948
Estudantes - 1946
Estudantes - 1954
Estudantino(0)

Eterna Vigilância(A)
Evangelizador(0)
Evidência
Evolução
Excursão Nacional da Virgem Peregrina(A)
Furo(0)
FAREP
Federação Mariana de Pernambuco
Fernandes Vieira(0)
Flos Carmeli
Folha da Semana
Folhas de Acácia
Futuro(0)
Gazeta Acadêmica
Gazeta de Apipucos
Gazeta Escolar
Gazeta Estudantil
Gazeta Rual
Gazeta Sindical
Ginecologia
Gráfico(0)
Guarani(0)
Guararapes - 1943
Guararapes - 1946
Guararapes - 1948
Hélios em Revista
Herói Batista (0)
Horizonte
Horizontes
Imparcial(0) - 1950
Igreja Batista da Estância
Imprensa Trabalhista

Independência
Infantil(0)
Informações
Informador Fiscal
Informador Social
Inúbia(A)
IPSEP
Irapuã
Itatiaia - 1946
Itatiaia - 1947
Jabaculê
João Barbalho Jornal
Jornal Acadêmico
Jornal Acadêmico de Veterinária
Jornal da Fila
Jornal da Semana
Jornal de Pernambuco
Jornal do Fan
Jornal do Nordeste
Jornal do Norte
Jornal do Povo
Jornal do Rádio
Jornal do Trabalhador
Jornal do Trânsito
Jornal dos Esportes
Jornal Escolar
Jornal Magazine
Jornal Remington
Jornal Universitário
Juventude
Lábaro(0)
Labor - 1941

Labor - 1942
Labor(0)
Lanterna(A)
Lar(0)
Lavoura e Criação
Leão do Norte
Lenha(A)
Letras e Artes
Letras Pernambucanas
Liberdade
Libertas
Líder(0)
Língua de Sogra
Literato(0)
Luman
Luz da Verdade
Luzeiro
Malhete(0)
Marreta(A)
Martelo(0)
Maskarado
Massangana
Mata Tempo(0)
Maternidade e Infância
Mauricéia
Medicina no Trabalho
Melodia do Leitor(A)
Memorandum
Mensagem
Mensário Brasileiro do Trabalho
Mensário Pernambucano de Contabilidade e Finanças
Mercado Imobiliário

Microfone
Missionário(0)
Moderno
Molho(0)
Momento(0) - 1947
Momento(0) - 1952
Morena
Município do Recife
Música, Maestro
Nabuco
Netuno
Noites de Junho
Nordeste
Nordeste Médico
Norte Charadista
Norte Evangélico
Nosso Jornal(0)
Noticiário da C. I. C. T.
Noticiário da Sociedade Cultural Brasil-Estados Unidos
Noticiário do Cordeiro
Notícias de Pernambuco
O. A. S. I.
Obreiro(0) - 1946
Obreiro(0) - 1947
Octana Nº 1
Odontopediatra
Ofensiva(A)
Operários de D. Bosco
Oratório de D. Bosco
Ordem(A)
Orientação
Pagão(0)



Apoio Cultural:

**Governo do Estado de Pernambuco
Secretaria do Governo**



Academia Pernambucana de Letras-APL

ISBN 85-7315-078-5



EU035 SÉRIE DOCUMENTOS